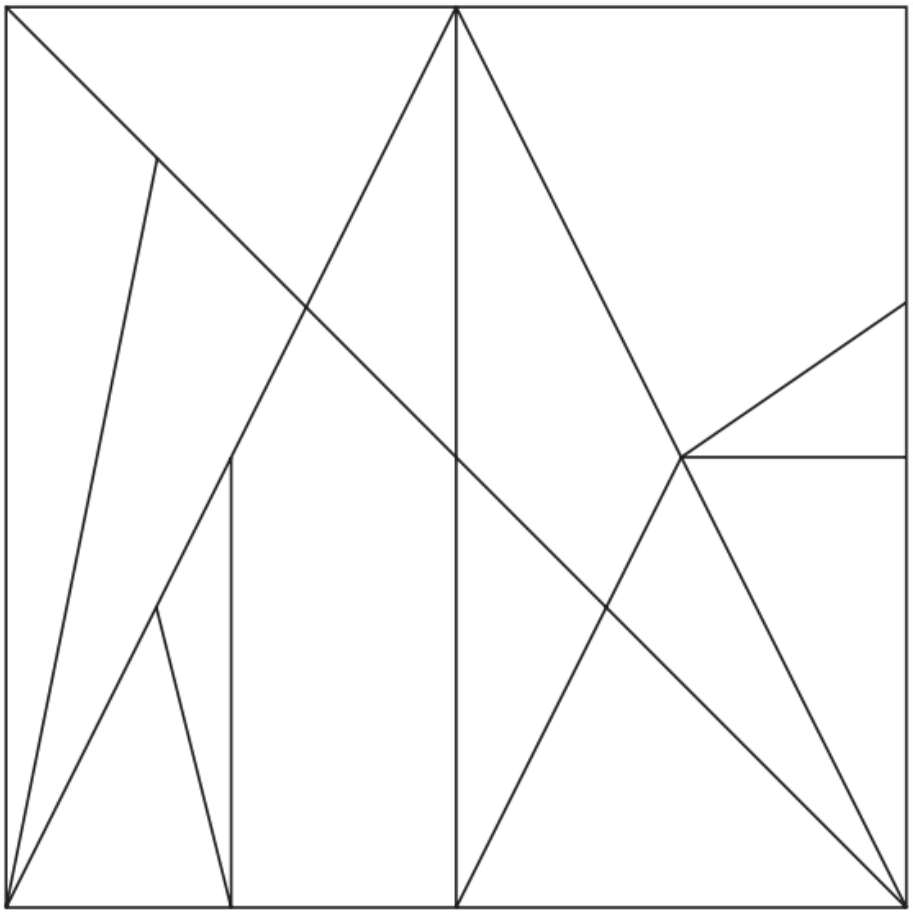
Unesp **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

VIVIAN GREGORES CARNEIRO LEÃO SIMÕES

LITERATURA TÉCNICA DE INSTRUÇÃO: ANÁLISE DE CASO DAS *ARTES METRICAE*



ARARAQUARA
2019

VIVIAN GREGORES CARNEIRO LEÃO SIMÕES

LITERATURA TÉCNICA DE INSTRUÇÃO: ANÁLISE DE CASO DAS *ARTES METRICAE*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, para obtenção do Título de Doutora em Estudos Literários.

LINHA DE PESQUISA: História literária e crítica
ORIENTADOR: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
BOLSA: Capes/CNPq

ARARAQUARA
2019

S593l

Simões, Vivian Gregores Carneiro Leão
Literatura técnica de instrução : análise de caso das Artes Metricae / Vivian Gregores Carneiro Leão Simões. -- Araraquara, 2019
378 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: João Batista Toledo Prado

1. Literatura técnica. 2. Artes grammaticae. 3. Mário Vitorino e Élio Aftônio. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

VIVIAN GREGORES CARNEIRO LEÃO SIMÕES

LITERATURA TÉCNICA DE INSTRUÇÃO: ANÁLISE DE CASO DAS *ARTES METRICAE*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, para obtenção do Título de Doutora em Estudos Literários.

LINHA DE PESQUISA: História literária e crítica
ORIENTADOR: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
BOLSA: Capes/CNPq

Data da Defesa: 30/09/2019

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:

PRESIDENTE E ORIENTADOR: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara.

MEMBRO TITULAR: Prof. Dr. Brunno Vinícius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus Araraquara.

MEMBRO TITULAR: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos
Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.

MEMBRO TITULAR: Prof. Dr. Matheus Trevizam
Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

MEMBRO TITULAR: Prof.ª Dr.ª Charlene Martins Miotti
Universidade Federal de Juiz de Fora – Faculdade de Letras, Juiz de Fora.

Local: Universidade Estadual Paulista **"Júlio de Mesquita Filho"**
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

À Vitória, minha luz!

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. João Batista Toledo Prado, orientador e amigo desde os tempos da Iniciação Científica, pela confiança e paciência, pela leitura atenta e devolução de todos os meus textos sempre profusamente anotados, especial gratidão;

À Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus Araraquara (FCL/UNESP - Araraquara), pela eficiente estrutura e competente corpo docente, a que devo toda a minha formação acadêmica;

À Universidade Federal de Roraima pela oportunidade de crescimento na carreira acadêmica;

Aos professores Dr. Brunno Vinícius Gonçalves Vieira, da FCL/UNESP-Araraquara, Dr. Marcos Martinho, da FFLCH/USP, Dr. Matheus Trevizam, da FALE/UFMG, e Dr.ª Charlene Martins Miotti, da FALE/UFJF, por prontamente aceitarem o convite à leitura deste trabalho, pela disposição ao diálogo e pelas valiosas contribuições para a versão final da Tese.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

A Deus, por minha família!
"Sem amor, eu nada seria!"

Aos meus amados pais, Almir e Maria José, por serem o meu porto-seguro, exemplo inspirador de amor, generosidade e fé. Tudo devo a vocês.

À minha muito doce irmã, Bruna, por tudo, sempre. Por você, o meu maior esforço para ser o melhor dos exemplos.

Ao meu marido, Daniel, por toda nossa linda história e por todas as nossas conquistas recentes e futuras.

À Vitória, minha filha!

Com ternura e saudades, àqueles que comemoraram comigo o meu ingresso na Pós-graduação, mas não puderam presenciar a conclusão deste trabalho: Vô Valdo, Vó Rosa e Vó Teresa.

Aos amigos, poucos, mas bons!, daqui, de lá e por aí!, cujo carinho e apreço só fortalece a distância: Nikita e Mônica; Daniela; Daniel; Raquel; Larissa; Henrique e Tatiana; Fábio, Charlene e Carlos Renato; Eliabe, Fabrício, Sheila e Ancelma; Auzenda Paula.

Às boas pessoas que encontrei pelo caminho: funcionárias da Biblioteca e da Seção Técnica de Pós-Graduação da UNESP-FCLAr; James; Isabela; funcionários do Departamento de Recursos Humanos, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e da Coordenação de Curso de Letras da UFRR; Eduardo.

Habet enim metrorum inter se ratio summam in cognoscendo voluptatem, qua et veterum sub quacumque lege tradita celeriter comprehendere et multa ipsi aemulante studio nova concipere animo atque informare possimus. Ita enim metrorum, quae ex origine noscenda e prototypis novem profluunt, inter se varietas multiformis et de praefinito veluti quorundam seminum numero innumerabilis copia est, ut ille loculus Archimedius e quattuordecim crustis eburneis, nunc quadratis, nunc triangulis, nunc ex utraque specie varie figuratis, [et] velut quibusdam membris artis struendae causa compositus proditur.

A disposição dos metros entre si traz, de fato, um imenso prazer ao ser compreendida e, por meio dela, podemos tanto entender rapidamente aquela que foi ensinada sob todos os tipos de regras dos antigos, quanto conceber e dar forma a muitas novas, através de um trabalho capaz de rivalizar com o deles. Há, pois, uma variedade formal dos metros entre si que deriva desde uma origem que deve ser estudada a partir dos nove protótipos e uma quantidade inumerável deles, oriunda de um número predefinido como o daqueles embriões de metro, assim como aquela caixinha de Arquimedes feita de quatorze lâminas de marfim que se mostra ora com quadrados, ora com triângulos, ora com ambas as figuras, montadas de várias formas e como que confeccionadas para ensinar aquela arte por meio de certas peças.

Élio Aftônio, *GL* VI, p. 100

RESUMO

Os escritos técnicos antigos contemplam uma enorme variedade de textos bastante heterogêneos quanto a conteúdo e estilo. Esse conjunto de textos que veiculam conhecimentos com alto grau de especificidade e têm objetivo didático, vem, recentemente, despertando interesse não apenas pelos conteúdos difundidos por essas obras, mas para a forma de que se revestem, no intuito de entendê-los como "literatura". Não há dúvida de que nos textos técnicos a atenção está voltada, principalmente, para a transmissão de instruções, ou, nos termos de Jakobson, para o seu valor referencial, entretanto, é equivocado dizer que todos eles dispensem qualquer pretensão estilística. Ao contrário, em tais obras ditas "interessadas" é possível encontrar mecanismos de linguagem mobilizados deliberadamente para o enriquecimento da trama textual e é possível dizer que muitos dos recursos linguísticos empregados nos textos técnicos antigos têm origem, essencialmente, nos conceitos mais importantes da retórica e oratória antigas. Aquelas *Artes grammaticae* cujo escopo principal é a matéria métrica e a formação dos versos latinos, isto é, as *Artes metricae*, são um caso ainda mais particular dentro do conjunto de textos técnicos antigos, seja por originalmente servirem à melhor compreensão dos poetas, seja por tratarem da própria matéria poética, métrica e versificação, ou ainda pela singularidade de seu público, versado nas artes gramaticais e interessado pelas "belas letras". Ao delimitar o gênero "literatura técnica" na Antiguidade Clássica latina e investigar as origens das artes gramaticais, especialmente das que se dedicam ao estudo da métrica clássica, o presente trabalho pretende, a partir da análise do córpus, debater a pertinência desses tratados técnicos antigos no rol das obras literárias produzidas na Roma Antiga na medida em que: 1) apresentam literariedade, isto é, a preocupação com o aspecto formal do texto, não apenas com o conteúdo a ser transmitido; 2) aplicam os referidos princípios da Retórica Clássica, postulados por Cícero, no diálogo *De oratore*, nos manuais de retórica *De inventione*, obra anterior do próprio Cícero, e na *Rhetorica ad Herennium*, de autor desconhecido, e pelos tratados de retórica de Aristóteles e Quintiliano. O córpus de análise selecionado para a presente investigação é o tratado técnico métrico acerca das modalidades técnicas métricas para a composição artística de poemas, *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, Os Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical, cuja autoria fora atribuída ao renomado rétor romano do séc. III Caio Mário Vitorino, e ao gramático romano Élio Aftônio sobre quem pouco se sabe.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura técnica; literariedade; Retórica Clássica, *Artes grammaticae;* Mário Vitorino;

.

ABSTRACT

The ancient technical writings offer a great variety of different texts both in terms of content and style. This miscellany that provides a high specialized knowledge and aims clearly at a didactic goal has recently been calling attention not only by its content but also by the form they display in order to be understood as "Literature". Without question the attention devoted to passing on instructions in the technical texts is their main purpose or, according to Jakobson, the attention devoted to their referential function. However, it is misconceived to say they forgo any stylistic aspiration. On the contrary, in such specific works it is possible to find a series of language mechanisms deliberately used for the enrichment of the texts. It is possible to say that many of the language resources applied in the technical texts have their origin essentially in some of the most important concepts from ancient rhetoric and oratory. Those *Artes grammaticae* whose main theme is metrics and the formation of Latin verses, i.e., the *Artes metricae,* are an even more particular case within the miscellany of ancient technical texts, be it for originally discussing poetry or leading to a better understanding of poets, be it for the singularity of its audience, experienced in the grammar arts and interested in *belles-lettres*. The present work aims at stablishing the genre "technical literature" in the Classic Latin Antiquity and at investigating the origins of the grammar arts, especially those concerning the study of classical metrics and yet, starting from the analysis of the *corpus,* to discuss the relevance of ancient technical treatises among literary works produced in Ancient Rome since they 1) possess literary value, it means, the concern with the formal aspect of texts and not only the content to be transmitted; 2) apply principles from Classical Rhetoric postulated by Cicero, in *De oratore* and in *Da inventione,* by the rhetoric treatises of Aristotle and Quintilian and by the work *Rhetorica ad Herennium,* from unknown author. The selected analysis corpus is the metric technical treatise about the metric technical modes to the artistic composition of poems, the work *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, whose authorship had been attributed to the renowned Roman rhetorician of the third century, Gaius Marius Victorinus, and to the Roman grammarian Aelius Aphthonius about whom little is known.

KEYWORDS: Technical Literature; literary value; Classical Rhetoric; *Artes grammaticae;* Marius Victorinus and Aelius Aphthonius.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEÇÕES DOS *MARII VICTORINI ARTIS GRAMMATICAE LIBRI IIII*

LI	**Liber primus de Orthographia et de Metrica ratione**
[LI D. Voc.]	De Voce
[LI D. Litt.]	De Litteris
[LI D. Orthog.]	De Orthographia
[LI D. Syll.]	De Syllabis
[LI D. Enunt. Littm.]	De enuntiatione Litterarum
[LI D. Syllm. Nat. et Conex.]	De Syllabarum natura et conexione
[LI D. Ped.]	De pedibus
LII	**Liber secundus de prototypis speciebus nouem**
[LII D. Dac. M.]	De dactylico metro
[LII D. Chor. M.]	De choriambico metro
[LII D. M. Proc.]	De metro proceleumatico
LIII	**Liber tertius de coniunctis inter se et mixtis metris pragmaticus**
[LIII Des. Num. quae Metm. Mult. Red.]	[Desumma numeri quae metrorum multiplicatione redigitur]

AUTORES E OBRAS

AEL.	***Ser.***	Anonymi Epici et Lyrici	Serioris aetatis uersus.
	Ver. R.		Versus reciproci
	Ver. C.		Versus aeui Catullian
	Ver. A.		Versus aevi Augustei
Bass.	***Carm.***	C. Caesius Bassus	Carmen
	Metr.		De metris, fragmenta
Hom.	***Il.***	Homerus.	Ilíada
	Od.		Odisseia
Hor.	***Ars***	Q. Horatius Flaccus.	Ars Poetica
	Carm.		Carmina
	Ep.		Epistulae
	Epod		Epodi
	S.		Sermones
	Saec.		Carmen Saeculare
	Ser.		Sermones
Ter. Maur.		Terentianus Maurus	De litteris, De Syllabis, De Metris.

Verg.	***A.***	P. Vergilius Maro.	Aeneis
	Ecl.		Eclogae
	G.		Georgica

SUMÁRIO

ESCLARECIMENTOS 12

APRESENTAÇÃO 14

PARTE A - OS TEXTOS TÉCNICOS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA 28

I. Sobre a definição de literatura técnica 29

I.1. O conhecimento gramatical na Antiguidade Clássica 39

II. Antecedentes gregos e desenvolvimentos romanos 42

II.1. A influência da língua grega no desenvolvimento da linguagem técnica em Roma 48

II.2. Lições de tradução: sobre a transformação do conhecimento do grego ao latim 53

II.3. A Prosa técnica gramatical na Roma antiga: as Artes grammaticae 56

II.3.1. Da origem da gramática e do ensino gramatical 56

II.3.2. Dos *grammatici* 66

II.3.3. Do início da gramática em Roma 71

II.3.4. Da reflexão sobre a escrita além da gramática: a métrica 80

II.3.5. Da literatura técnica gramatical e a transmissão textual 83

II.4. As *Artes Metricae*: o volume VI da obra de Heinrich Keil 86

II. 4. 1. Apresentação: fortuna crítica 86

II. 4. 3. Apresentação: córpus 90

PARTE B - ANÁLISE DE CASO. *A* Ars Metrica *de Élio Aftônio e Mário Vitorino* 92

III. Principais características dos textos técnicos antigos 93

III. 1. Características lexicais 95

III.1.1. Uma proposta de definição para “linguagem técnica” 101

III.1.2. Constituição do vocabulário técnico 112

III.1.2.1. Fatores linguísticos e extralinguísticos 114

III.1.2.2. Autor, leitor e obra: implicações no vocabulário técnico 118

III.1.2.2.1. Relação entre termos técnicos e as palavras do discurso cotidiano: coocorrência e mudança semântica 128

III.1.2.2.2. Problemas com variáveis terminológicas 134

III.1.2.3. Processos de constituição e atualização do vocabulário técnico 138

III.1.2.3.1. Empréstimos lexicais 139

III.1.2.3.2. Formação de novas palavras 160

III.1.3. Padronização e estabilidade da terminologia técnica 166

III.2. Características morfossintáticas 177

III.2.1. Os *exempla* no tratado técnico *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* 178

III.2.1.1. III.2.1. Mecanismos morfossintáticos das listagens de *exempla* e os *exempla ficta* no tratado técnico *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* 178

III.3. Características semânticas e estilísticas 200
III.3.1. Proêmios e preâmbulos 201
III.3.1.1. Proêmios dos textos técnicos antigos 201
III.3.1.2. Teoria antiga sobre os proêmios 204
III.3.1.3. Análise 206
III.3.2. Clareza e brevidade 209
III.3.2.1. Sistematicidade, clareza e brevidade nos textos técnicos antigos 209
III.3.2.2. Teoria antiga sobre clareza e brevidade 213

CONSIDERAÇÕES FINAIS 215
BIBLIOGRAFIA 219
VICTORINI ET APHTHONII EXCERPTA 234
VICTORINI ET APHTHONII CONCORDANTIAM 327

ESCLARECIMENTOS

O presente trabalho adota o ponto de vista defendido por Keil (1961, xx), Hadot (1971, pp. 61-70) e Marioti (1967, pp. 50-62) a respeito da dupla autoria da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII.* Segundo análise dos autores e investigação anterior empreendida por esta mesma pesquisadora (SIMÕES, 2014), obra gramatical que leva o nome do gramático e rétor do final do século III d.C. e início do século IV d.C., Mário Vitorino, e é a ele tradicionalmente atribuída, é, na verdade, produto da fortuita junção entre a *Ars Grammatica* de Mário Vitorino e o tratado *De metris* do gramático Élio Aftônio, contemporâneo a Vitorino, sobre quem há ainda hoje poucas informações. De acordo com Hadot (1961, p. 68) e Mariotti (1971, p. 50) essa é a hipótese mais verossímil para a evidente quebra sintática e semântica que existe dentro do capítulo *De syllabis*, no primeiro livro da *Ars* – que corresponde à página 31, linha 17, da edição de Keil –, e explicação mais aceita também para outros traços presentes na obra indicadores dessa dupla autoria, tais como a descontinuação no desenvolvimento do capítulo *De syllabis*, a substancial alteração na progressão da exposição dos conceitos gramaticais e métricos e o emprego da palavra *igitur*, dentre outras examinadas pelos pesquisadores. Para Hadot (1961, p. 68) e Mariotti (1971, p. 50), a confusão entre as duas obras seria proveniente do acaso, consequência provável de um erro de copista. De acordo com as análises dedicadas à composição do tratado técnico e exames dos manuscritos remanescentes, o trecho inicial e o trecho final do grande volume, nos quais estão expostos os princípios da arte métrica e a doutrina métrica do poeta Horácio, respectivamente, são atribuídos a Vitorino e correspondem aos intervalos das páginas p.1 a p. 31 e p. 173 a p. 185 dos *Grammatici Latini* (*GL*) de Keil, já o intervalo das páginas p. 31 a p. 173 é, pelos pesquisadores acima mencionados, atribuído a Aftônio. Essa lacuna certamente remonta ao século IV, já que Rufino de Antioquia menciona como sendo de Vitorino trechos da obra de Aftônio (HADOT, 1971, 68). Assim, ainda que esta pesquisadora, consoante Keil (1961, xx), Hadot (1971, pp. 61-70) e Marioti (1967, pp. 50-62), reconheça a dupla autoria do tratado técnico sobre métrica clássica *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, para efeito de delimitação de córpus[1], neste trabalho considerar-se-á a obra em sua totalidade, isto é, a edição presente no volume *VI*

[1] Por padrão neste trabalho, estabeleceu-se a grafia aportuguesada para a palavra latina *corpus* sugerida pelo orientador da pesquisa, João Batista Toledo Prado, que trata sobre a questão no artigo PRADO, J. B. T. Por uma normalização ortográfica de palavras latinas incorporadas ao português. Cadernos de Letras da UFF , v. 35, p. 37-48, 2008.

Scriptores Artis Metricae do *GL* de Keil (1961), como texto-fonte; buscar-se-á também distinguir, se de Vitorino, se de Aftônio, a autoria de cada uma das passagens analisadas.

A respeito da gravura que ilustra, não por acaso, a capa do trabalho, trata-se de uma representação linear do quebra-cabeças geométrico de Arquimedes de Siracusa (287-212 a.C.) descrito em fragmentos de um tratado que leva o nome *Stomachion* e é o mais antigo quebra-cabeças matemático conhecido. Este jogo também é chamado de *loculus Arquimedes* (caixinha de Arquimedes), consiste em 14 peças planas poligonais que reunidas formam um quadrado, e podem combinar-se de formas infinitas reconstituindo o quadrado original ou muitas outras figuras como um elefante, um barco, uma espada, uma torre, como hoje se faz com os tangrans. As inúmeras possibilidades de combinação entre as peças levaram os antigos a associarem o problema de Arquimedes às regras de composição métrica de textos, tanto da poesia como da prosa antigas descritas e normatizadas pelos tratados técnicos sobre métrica antiga, como os *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*. O primoroso arranjo das longas e breves e do número finito de pés e metros do latim fazem nascer múltiplas combinações para a elaboração textual, por isso foram associadas ao *Stomachion* de Arquimedes por Ausônio, Césio Basso, Atílio Fortunaciano e por Aftônio, em trecho do córpus de análise que serve a epígrafe do presente trabalho.

APRESENTAÇÃO

Em se tratando do legado de textos antigos, encontramos produções de natureza distinta, alguns tidos, pelas concepções modernas, como indiscutivelmente literários, e outros como possuidores de caráter mais pragmático, técnico-científico. Contudo, tal diferenciação não era imediata para a Antiguidade Clássica, isto é, para a camada culta da sociedade greco-latina a que esses textos eram destinados. É no rol dos escritos técnicos romanos que podemos encontrar uma ampla variedade de conteúdos e formas, sendo essa sua característica mais proeminente, como aponta Albrecht (1997, p. 530), e, mesmo estreitamente vinculados à produção escrita grega, "constituem um setor importante da literatura latina"[2]:

> A pesquisa científica no sentido estrito é em grande parte um campo reservado aos gregos. As especialidades puramente teóricas permanecem em segundo plano em Roma em relação às ciências aplicadas. Formas e conteúdos da literatura técnica latina possuem a marca fundamental da ciência helenística, embora com mudanças notáveis em sua ênfase. Os escritores técnicos latinos mostram-se, é verdade, privados de autonomia em muitos setores, mas não faltam exceções [...]. A experiência dos romanos também converge em particular para as disciplinas tecnológicas: agricultura (Catão, Varrão, Columela, etc.), topografia (os *gromatici*), arquitetura (Vitrúvio), mineralogia e metalurgia (Plínio), técnica de aqueduto (Frontino) (ALBRECHT, 1997, p. 530)[3].

Albrecht (1997, p. 536) lembra que "muitos escritores técnicos decerto propunham-se a servir de proveito ao mundo romano com suas obras"[4], assim, muitas das disciplinas tecnológicas, bem como atividades como o direito, a retórica ou a gramática, segundo Guerreira (1997, p. 756), eram parte integrante da vida do romano e produziam conhecimentos que eram difundidos pela educação:

> Todas essas atividades constituíram em Roma ofícios mais ou menos habituais e o conjunto de conhecimentos desenvolvidos em torno deles era susceptível de ser transmitido através da educação. Este tipo de conhecimento tinha na

[2] *Cf.* Albrecht (1997, p. 530): *"constituyen un sector importante de la literatura latina".*
[3] *Cf.* Albrecht (1997, p. 530): "*La investigación científica en sentido estricto es en gran medida un campo reservado a los griegos. Las especialidades puramente teóricas quedan en segundo plano en Roma respecto a las ciencias aplicadas. Formas y contenidos de la literatura técnica latina llevan el sello fundamental de la ciencia helenística, aunque sea con notables cambios en su acento. Los escritores técnicos latinos se muestran, es verdad, privados de autonomía en muchos sectores, pero no faltan excepciones [...]. La experiencia de los romanos confluye además en particular en las disciplinas tecnológicas: agraria (Catón, Varrón, Columela, etc.), agrimensura (los* gromatici*), arquitectura (Vitrubio), mineralogía y metalurgia (Plinio), técnica de los acueductos (Frontino)".*
[4] *Cf.* Albrecht (1997, p. 536): *"Muchos escritores técnicos se proponen seguramente servir de provecho al mundo romano con sus obras".*

> Grécia helenística o nome de *τέχνη* e sua correspondência latina era *ars* (GUERREIRA, 1997, p. 757)[5].

Grande parte dos escritos antigos que chegaram à posteridade pertencem a essa classe de textos que se convencionou chamar de literatura técnica (GUERREIRA, 1997, p. 755) esse conjunto de textos corresponde à literatura voltada para a difusão de conhecimentos, isto é, "de instrução", segundo Trevizam, são, então, obras comprometidas essencialmente com a sistematização e veiculação de conhecimentos técnicos (TREVIZAM, 2010, p. 104).

Trevizam ressalta que a vocação educativa dos textos fora preconizada, por exemplo, por Horácio, ao preceituar as regras da boa poesia em sua *Epístola aos Pisões*, um texto sobre o qual há dois mil anos faz-se observações, comentários, críticas, interpretações, correções, traduções, porque, ao lado da Poética de Aristóteles, "historicamente exerceu importante papel na constituição daquilo que se costuma entender pela expressão teoria clássica da literatura" (BRANDÃO, 1988, p. 6). Nos versos 333-334, de sua *Arte poética,* Horácio observa que os poetas querem ou ser proveitosos ou deleitar, ou almejam ambas as coisas: "Os poetas desejam ou ser úteis, ou deleitar, ou dizer coisas ao mesmo tempo agradáveis e proveitosas para a vida"[6]. Para Horácio, a arte é imitação da natureza, de modelos, e sua função é agradar e ser útil, *delectare* e *prodesse* (v. 333), Trevizam, no entanto, considera que esse princípio horaciano talvez não seja exclusivo da poesia antiga, mas que eventualmente pode se expandir para grande parte da vasta produção literária de Roma:

> Em sentido amplo, talvez toda a Literatura antiga, em prosa ou verso, pudesse dizer-se habilitada a educar ou instruir, mesmo que, a exemplo de Homero, o modo discursivo consista no narrar e não, sistematicamente, no oferecimento de saberes ou na construção de conceitos, como ocorre de modo típico no gênero didático e nos diálogos (TREVIZAM, 2010, p. 104).

Dessa forma, para o pesquisador moderno, a Literatura antiga, em sua grande varidade de formas e gêneros, não prescinde da sua função educadora.

A função instrutiva da literatura revela-se ainda nos versos v. 343-344 da *Epístola aos Pisões* horaciana, no binômio *dulce* e *utile,* e diz respeito à natureza e função da literatura como obra de arte, que é um dos temas mais importantes da *Ars* horaciana: "obteve todos os votos

---

[5] *Cf.* Guerreira (1997, p. 757): "*Todas estas actividades constituían en Roma oficios más o menos habituales y el conjunto de saberes que se desarrollaba en tomo a ellos era susceptible de ser transmitido mediante la enseñanza. Ese tipo de saberes tenía en la Grecia helenística el nombre de* τέχνη *y su correspondencia latina era* ars*".*

[6] Horácio, *Epístola aos Pisões*, v.333-4: "*Aut prodesse uolunt aut delectare poetae/ aut simul et iucunda et idonea dicere uitae".*

quem uniu o útil ao agradável, / ao mesmo tempo deleitando e instruindo o leitor"[7]. De acordo com Wellek, "a história da Estética (e da Poética) quase se pode resumidamente descrever como sendo uma dialética cuja tese e antítese são o *dulce* e o *utile* de Horácio" (Wellek, 1962, p. 36). Uma descrição feita sobre a função da arte, da literatura, deve fazer justiça, simultaneamente, ao *dulce* e ao *utile*, desta forma, para que uma obra literária obtenha sucesso "[...] as duas 'notas' de prazer e utilidade não devem meramente coexistir, mas fundir-se" (WELLEK; WARREN, 2003, p. 26. Os autores utilizam essa formulação horaciana para desenvolver a tese de que a poesia é considerada um prazer, análoga, então, a qualquer outro prazer, ao mesmo tempo em que instrui, com aspectos semelhantes a qualquer obra didática (WELLEK; WARREN, 2003, pp. 24-40). Tais princípios norteadores da construção poética regeriam também, segundo Trevizam, a elaboração da literatura técnica de instrução.

Trevizam reconhece a estranheza que causa hoje chamar a essas obras, voltadas para finalidades didáticas e descrição de conhecimentos técnicos, "literatura". No entanto, o fato é que na Antiguidade Clássica, a Literatura latina de instrução "raramente se desvinculou de propósitos valorizadores do texto *em si*" (TREVIZAM, 2010, p. 104, grifo do autor), ou seja, embora quanto ao conteúdo e propósito tais obras tivessem suas especificidades (terminologia técnica, conteúdo preciso, público restrito, etc.), seus autores, em maior ou menor grau, jamais se abstiveram das preocupações com proporcionar também prazer estético ao produzi-las. Em certos escritos romanos antigos, mesmo nos técnicos, é possível reconhecer, segundo Trevizam (2010, p. 105), determinados mecanismos de linguagem distintos daqueles usualmente encontrados nos textos destinados à pura transmissão de informações:

> [...] pois que se trata do deliberado enriquecimento de sua trama com vistas a dotá-los de traços antes afins ao aprazível, tal componente, na verdade, encontra-se amiúde disperso pelas páginas de muitas obras latinas que temos por 'interessadas', no sentido prático do termo (TREVIZAM, 2010, p. 105).

Aos "propósitos valorizadores do texto *em si*" (TREVIZAM, 2010, p. 104, grifo do autor), Trevizam chamará de "literariedade", isto é:

> a fluida característica de alguns textos concebidos não só para votar-se ao informativo, ou, nos termos de Jakobson num muito conhecido e lido ensaio, "referencial", mas, ainda, à construção de mecanismos de linguagem distintos deste propósito (TREVIZAM, 2010, p. 105).

[7] Horácio, *Epístola aos Pisões*, vv.343-4: "*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci, / lectorem delectando pariterque monendo*".

No artigo intitulado “Prazeres da literatura latina de instrução” (2010), M. Trevizam analisa o aspecto literário no *De re rustica* de Varrão e no *Cato Maior* de Cícero,

> Em outras palavras, diversos foram os propósitos “instrutivos” de Varrão e de Cícero ao compor as obras de que aqui nos ocupamos, diversas as ênfases no modo de elaborar literariamente seus textos, distinto, decerto, o peso da temática agrária em cada um deles, mas sempre permanece o cuidado simultâneo em, dentro de cada grande domínio teórico privilegiado (agropecuária ou filosofia), tratar com critério os assuntos e atribuir-lhes formas, em princípio, não indispensáveis para aquele fim. Tal “literariedade” das duas obras de que nos ocupamos, porém, mais do que como adorno inócuo aos sentidos textuais, opera para construir significações e cativar positivamente o público para uma mais receptiva acolhida dos referentes (TREVIZAM, 2010 p. 134).

Embora direcionados à análise das obras de Varrão e Cícero, os apontamentos de Trevizam são, como este trabalho pretende demonstrar, aplicáveis, em alguma medida, a outros textos da literatura técnica antiga.

Trevizam busca amparo no famoso ensaio “A dominante”, de Jakobson, que examina o processo linguístico e as funções de linguagem dele resultantes, para afirmar que nos textos técnicos antigos a função referencial prevalece, visto que são voltados para a transmissão de conhecimentos e divulgação de saberes, em geral, objetivos e muito específicos; no entanto, a função referencial coexiste com as demais funções da linguagem, e mesmo que em menor destaque, não se pode excluir do texto a possibilidade de haver nele a função poética, aquela função centrada na “mensagem em si mesma”. De fato, Jakobson (1977, p. 79) declara que “uma obra poética não pode ser reduzida à função estética”, pois contém “diversas outras funções”; e “se uma obra poética não se deixa inteiramente definir por sua função estética, a função estética não se limita à obra poética” (1977, p. 80). Assim:

> [o]pondo-se simultaneamente ao monismo e ao pluralismo integrais, há um ponto de vista que, atento às múltiplas funções da obra poética, leva em conta sua coesão, ou seja, aquilo que confere à obra poética sua unidade e sua própria existência. Desse ponto de vista, uma obra poética não poderia ser defnida como uma obra que desempenha exclusivamente uma função estética, nem que desempenha uma função estética paralelamente a outras funções; devese defnir, na verdade, a obra poética, como uma mensagem verbal na qual a função estética é a dominante (JAKOBSON, 1977, p. 80)

Dessa forma, segundo pondera Trevizam, mesmo que limitado, há espaço para a “literariedade”, isto é, para a função poética, nos textos técnicos antigos:

> Seja como for, em uma ou outra ocorrência – ou na prosa e na poesia – forma e sentidos conjugam-se em mútua solidariedade a fim de favorecer existir uma mais concreta expressão. Tantos recursos deliberadamente pensados, num trecho tão breve, para refinar o estilo só fazem por confirmar-nos a presença do literário (TREVIZAM, 2010 p. 133).

Para Guerreira (1997, 755), por sua vez, a Literatura técnica compreende não apenas um conjunto heterogêneo de obras, mas configura um apartado singular de textos referto de especificidade que

> recebe o nome de "literatura", mas deve recorrer a certos adjetivos para poder obter certidão desta natureza frente a outra série de obras que parecem desfrutar de tal qualidade por méritos próprios. Este grupo é o da chamada literatura técnica, científica ou especializada (GUERREIRA, 1997, p. 755)[8].

Embora o autor reconheça o caráter literário da literatura técnica produzida na Antiguidade Clássica, Guerreira distingue diferentes "graus" ou "níveis" literários entre os textos técnicos, científicos, e a literatura do cânone antigo. A presença, por exemplo, de um tratado de medicina ao lado de uma obra épica num compêndio moderno sobre Literatura requereria uma série de justificativas, no entanto, tal consideração não é válida para obras da Antiguidade, de acordo com o pesquisador:

> Não é preciso dizer que os romanos não viam no mesmo nível literário uma obra épica e um tratado de medicina, mas talvez aporte explicações ao assunto que comentamos o fato de que um tratado com tais características não cabe hoje em um manual de literatura: uma epígrafe como "agricultura", "arquitetura", "medicina", etc. habituais nas seções desses capítulos em nossos manuais de uso corrente, não serviria hoje, por si só, para justificar sua presença. Este detalhe torna necessário algum esclarecimento. (GUERREIRA, 1997, 755)[9].

Ainda que não haja consenso sobre a questão, porque o tema suscita discussões não apenas sobre a classificação desse complexo grupo de textos, mas também acerca do próprio conceito de literatura por parte dos antigos e mesmo a respeito de fatores relacionados às concepções literárias da atualidade, não são poucos os pesquisadores modernos que dedicam

---

[8] *Cf.* Guerreira (1997, p. 755) "*Hay un número de obras heterogéneas en la literatura romana que configuran un apartado singular: dicho grupo recibe el nombre de «literatura», pero debe recurrir a ciertos adjetivos para poder obtener carta de naturaleza frente a otra serie de obras que parecen disfrutar la calidad de tal por méritos propios. Ese grupo es el de la llamada literatura técnica, científica o especializada".*

[9] Cf. Guerreira (1997, p. 755) "*No es preciso decir que los romanos no veían en el mismo nivel literario una obra épica que un tratado de medicina, pero quizá aporte explicaciones al asunto que comentamos el hecho de que un tratado de tales características no tiene cabida hoy en un manual de literatura: un epígrafe como «agricultura», «arquitectura», «medicina», etc., habituales en las secciones de estos capítulos en nuestros manuales al uso, no serviría hoy por sí solo para justificar su presencia. Este detalle hace precisa alguna aclaración".*

atenção a essa classe de escritos e classificam a literatura técnica latina como um autêntico gênero literário.

Cartelle determina a condição dos textos técnico-científicos ante os demais escritos antigos – relegados a um segundo plano até mesmo pelos manuais de História da Literatura – e a razão que o leva a considerá-los como um autêntico gênero literário – sua composição segundo os fundamentos da Retórica Clássica – mesmo que, assim como Guerreira, reconheça haver diferentes níveis de elaboração textual:

> A literatura latina também se interessa pelos textos técnicos transmitidos por escrito, ainda que sua perspectiva se limite aos aspectos formais. A razão é que, ao contrário de nossa época, o trabalho técnico-científico era um gênero literário no sentido de que ele foi elaborado de acordo com as normas retóricas gerais. Naturalmente, o produto linguístico assim preparado e destinado à publicação poderia ter níveis muito diferentes. [...] Contudo, a literatura técnica latina em prosa, apesar de sua utilidade, sempre foi a prima pobre da literatura (CARTELLE, 1997, 795)[10].

De acordo com o autor, é evidente que as obras com caráter instrutivo terão menor grau de ornamentação textual que as obras literárias propriamente ditas, dada a aspereza da matéria, "em princípio nada *poética*" (CARTELLE, 1997, p. 795, grifo do autor), de que tratam e ainda pelas imposições da linguagem técnica, para a qual a brevidade e a clareza são primordiais. O pesquisador ressalta que, ainda assim, há um trabalho dos autores técnicos antigos na direção de dotar suas obras de algum valor estético:

> [...] é uma constante entre os autores latinos, apesar de suas diferenças, o esforço de elaboração literária manifestado claramente por alguns autores, como é o caso de Columela, e visível em todos os que, como Vitrúvio ou Pompônio Mela, assinalam as dificuldades da sua empresa. Além disso, é detectado mesmo em autores como Paládio, apesar de renunciar expressamente a todas as pretensões literárias (CARTELLE, 1997, p. 795)[11].

R. Martin e J. Gaillard sustentam a mesma hipótese de Guerreira e Cartelle. Ao tratar das formas do gênero demonstrativo, no livro *Les genres littéraires à Rome*, os autores iniciam

---

[10] *Cf.* Cartelle (1997, p. 795): *"La Literatura Latina también se interesa por los escritores técnicos transmitidos por escrito, aunque su perspectiva se limite a los aspectos formales. La razón es que, a diferencia de nuestra época, la obra técnico-científica era un género literario en el sentido de que se elaboraba de acuerdo con unas normas generales retóricas. Naturalmente el producto lingüístico así elaborado y destinado a la publicación podía tener niveles muy diferentes [...]. Con todo, la literatura técnica latina en prosa, a pesar de su utilidad, fue siempre la pariente pobre de la literatura".*

[11] *Cf.* Cartelle (1997, p. 795): *"[...] es también una constante en estos autores latinos, a pesar de sus diferencias, el esfuerzo de elaboración literaria manifestado claramente por algunos autores, como es el caso de Columela, y visible en todos los que como Vitrubio o Pomponio Mela señalan las dificultades de su empresa. Es más, se detecta incluso en autores como Paladio, a pesar de renunciar expresamente a toda pretensión literaria".*

o capítulo sobre os tratados em prosa latinos afirmando que "uma obra consagrada aos gêneros literários hoje, certamente não abriria qualquer espaço para tratados de física, de biologia, de matemática ou de economia" (1990, p. 174)[12]. A "vala profunda e quase intransponível", como qualificam Martin e Gaillard, que separa o universo das "ciências" do das "letras" hoje, possuía limites muito mais tênues na Antiguidade Clássica e, segundo T. Fögen:

> Na antiguidade greco-romana, os limites que separam um texto prático de caráter instrutivo (definido principalmente com base no assunto tratado) de um texto estético e literário (classificado principalmente com base na forma) eram muito mais fluídos do que hoje (FÖGEN, 2016, p. 267)[13].

ou ainda:

> Os limites que separam um texto instrutivo-prático (definido principalmente com base na matéria) de um texto estético-literário (classificado principalmente com base na forma) não foram tão estritamente desenhados como o são hoje, como demonstra a própria poesia didática antiga. Os cruzamentos foram muito mais fluidos e permitiram um amplo leque de tipos de textos no engajamento técnico com o assunto, inclusive em formatos mistos (FÖGEN, 2011, p. 447)[14].

Desta forma, mesmo que Guerreira busque justificar a presença da literatura técnica nos manuais sobre História da Literatura Clássica também pelo fato de existir uma velha tradição que incorpora esse conjunto de textos desde o princípio da história literária em Roma, o próprio pesquisador afirma que "[...] essa poderia ser uma razão suficiente, ainda que meramente consuetudinária"[15], uma vez que o critério que parece de maior relevância, de acordo com os autores antes mencionados, será o caráter literário presente nos escritos técnicos antigos, medido pela elaboração textual de que se revestem. É esse aspecto da elaboração textual que o presente trabalho se propõe a examinar, além de averiguar ainda a aproximação dessas obras de veio técnico com a Retórica Antiga lançando luz sobre alguns dos principais princípios retóricos tais como a busca pela clareza, brevidade e verossimilhança presentes em tais obras.

---

[12] *Cf.* Martin & Gaillard (1990, p. 174): "*Un ouvrage consacré aux genres littéraires d'aujourd'hui ne ferait certainement aucune place aux traités de physique, de biologie, de mathématiques ou d'economie".*

[13] *Cf.* Fögen (2016, p. 267): *"In Graeco-Roman antiquity, the boundaries separating a practical–instructive text (defined primarily on the basis of subject matter) from a literary-aesthetic text (classified primarily on the basis of form) were much more fluid than they are today".*

[14] *Cf.* Fögen (2011, p. 447): *"The boundaries separating a practical-instructive text (defined primarily on the basis of subject matter) from a literary- aesthetic text (classified primarily on the basis of form) were not so strictly drawn as they are today, as the very existence of ancient didactic poetry demonstrates. The crossovers were much more fluid, and allowed for a broad spectrum of text types in the technical engagement with a subject, including even mixed text formats".*

[15] *Cf.* Guerreira (1997, p. 755) "*[...] ésta podría ser una razón suficiente, aunque meramente consuetudinaria".*

Além dos já citados, outros pesquisadores modernos da Literatura Clássica, como Cantó (1997, pp. 741-753), Perutelli (1989, pp. 277-310)[16], também legitimam o aspecto literário da Literatura técnica amparados no comportamento dos autores antigos em relação a seus textos. Guerreira sintetiza esse entendimento sobre a questão da seguinte forma:

> [...] talvez seja oportuno dizer que as atitudes de um romano em relação à escrita estão marcadas em todas suas manifestações, sejam as que correspondem a um texto considerado propriamente literário ou sejam as que um texto técnico apresenta, pelas diretrizes que de maneira geral são aprendidas na educação retórica (GUERREIRA, A. R., 1997, 755)[17].

Ou seja, como aponta Guerreira (e demais autores), é possível encontrar nos alicerces dessas produções escritas marcas ou traços oriundos das lições da retórica antiga, fundamento da educação de todo cidadão romano, que estariam presentes na composição de qualquer expressão escrita, com maior ou menor "grau" ou "nível" de elaboração textual.

Martin e Gaillard (1990, p. 174), por sua vez, investigam a questão com maior dedicação e recorrem, para tanto, não às lições da educação antiga, mas aos estudos modernos como os *Ensaios críticos* de Roland Barthes para demonstrar que a diferença essencial entre texto técnico e literatura reside no plano textual. Nesse sentido, é possível retomar aqui a distinção feita por Barthes, no ensaio de 1960 intitulado "Escritores e Escreventes", entre os dois modos radicalmente diferentes de "contar ao mundo": enquanto para os escreventes "a fala não é senão um meio; para eles, a fala suporta um fazer, não o constitui" (1977, p. 211), isto é, a linguagem é, para eles, transitiva e constitui uma palavra "prática", nos termos de Barthes; para os escritores, a linguagem é intransitiva e funciona dentro dos limites da instituição literária, com regras próprias, ou seja, "a palavra não é nem um instrumento, nem um veículo: é uma estrutura" (1977, p. 200) – estes concentram suas energias na ação sobre o objeto literário, no "como escrever" da obra, seu interesse não está somente na mensagem, mas no sistema de signos que a constitui (q. v. MARTIN & GAILLARD, 1990, p. 174; BARTHES, 1977, p. 200 sqq.). Desse modo, enquanto nos escritos técnicos, hoje, a atenção está voltada primordialmente

---

[16] CANTÓ, J. "Los *grammatici*: críticos literarios, eruditos y comentaristas". In: CODOÑER, C. *Historia de la Literatura Latina.* Catedra, 1997, pp. 741-753; PERUTELLI, A. Il texto come maestro. In: Cavallo, G.et alii. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Roma: Salerno Editrice, 1989. Vol. I, p. 277-310. E ainda: CURTIUS, R. E. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Tradução de P. Rónai e T. Cabral. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1996; BAYET, J. *Littérature latine*. Nouvelle édition revue et mise à jour avec la collaboration de Louis Nougaret. Collection « U »: Paris, 1965.

[17] *Cf.* Guerreira (1997, p. 755) "*[...] quizá sea oportuno decir que las actitudes de un romano ante el hecho de la escritura están marcadas en todas sus manifestaciones, sean estas las correspondientes a un texto considerado propiamente literario o sean las que presenta uno técnico, por las pautas que de una manera general se recogen en la educación retórica".*

para a transmissão objetiva de um conteúdo, na literatura, por sua vez, o cuidado maior consiste no sistema de signos que constitui a mensagem:

> a noção de "literatura" implica – mais ou menos fortes, mas sempre presentes – preocupações de ordem estética, o cuidado com alguma beleza formal, enquanto tais preocupações são estranhas à produção propriamente científica (MARTIN & GAILLARD, 1990, p. 174)[18].

O "cuidado com alguma beleza formal", como definem Martin e Gaillard, parece ser próprio do ato de escrever na Antiguidade Clássica, de forma tal que culminará no elevado grau de expressividade da poesia antiga e, no primor estilístico da Retórica e da Oratória greco-latina. Entretanto, também pertence, mesmo que de modo diminuto e mais diluído, ao campo da escrita técnica. Dessa maneira, para Martin e Gaillard, assim como para Guerreira e Cartelle, o tratado técnico antigo deve ser reconhecido como um gênero literário, e alcançará o apogeu da forma poética na poesia didática:

> Assim, o tratado técnico deve ser considerado em Roma como um gênero literário genuíno, capaz, além disso, de conhecer uma "metamorfose", a rigor comparável ao da lagarta em borboleta, quando se transforma nesse gênero hoje morto, mas muito vivo no mundo greco-romano, chamado "poesia didática" (MARTIN & GAILLARD, 1990, p. 174)[19].

Embora os chamados "textos técnicos" constituam uma parcela considerável dos textos gregos e latinos remanescentes e haja razões suficientes para considerá-los um autêntico gênero literário, as histórias modernas da literatura antiga relegam-nos a um segundo plano, colocando em evidência o cânone literário, como salienta Fögen (2016, p. 268), representado por gêneros como o épico, o lírico, o drama, a historiografia e o romance.

A natureza literária de textos técnicos raramente foi analisada mais profundamente, como declara Fögen (2016, p. 268), e grande parte das investigações que os tomam como objeto de análise centram-se nos seus conteúdos, doutrinas e ideias:

> A imensa maioria dos estudos concentrou-se mais no conteúdo (ou seja, nas doutrinas e ideias) que na forma dos textos antigos. Na maioria dos casos, esses textos foram analisados para a investigação de conhecimentos científicos e tecnologias, ou para a reconstrução das condições sociais e

[18] *Cf.* Martin & Gaillard (1990, p. 174): "*la notion de 'litterature' implique – plus ou moins fortes, mais toujours présentes – des préoccupations d'ordre esthétique, le souci d'une certaine beauté formelle, alors que de telles préoccupations sont étrangères à la production proprement scientifique".*

[19] *Cf.* Martin & Gaillard (1990, p. 174): *"Aussi le traité technique doit-il être considéré à Rome comme un authentique genre littéraire, susceptible en outre de connaître une 'métamorphose' à la rigueur comparable à celle de la chenille en papillon, lorsqu'il se transforme en ce genre aujourd'hui défunt, mais fort vivace dans le monde gréco-romain, qu'on appelle la 'poésie didactique'".*

> econômicas no mundo greco-romano. Além disso, a literatura técnica tem sido estudada para fins linguísticos, com ênfase especial na terminologia técnica. Desde a década de 1990, tem havido um aumento constante no número de edições, comentários, traduções e interpretações de textos técnicos antigos. No entanto, abordagens comparativas que ultrapassem o exame de um autor ou uma disciplina em particular ainda são relativamente raras (FÖGEN, 2016, p. 268)[20].

É recente o movimento que volta o olhar crítico para a forma do texto técnico-científico e explora o caráter literário específico que a literatura técnica apresenta, em particular, como aponta Fögen (2016, p. 268), para as suas estratégias narrativas e didáticas, bem como para o seu contexto social e suas implicações políticas, a despeito da pluralidade de escritos técnicos produzidos pela Antiguidade:

> O caráter diverso dos tratados em prosa remanescentes torna impossível sustentar que os textos técnicos antigos não perseguem qualquer intenção estética ou mesmo artística ou que eles estão sempre mais preocupados com o conteúdo do que com a forma. Além disso, raramente são neutros. Na verdade, às vezes eles podem até ser bastante polêmicos e incluir ataques a adversários. Em muitos casos, os autores de escritos técnicos procuram inserir em seus textos sua presença; adotando papel do "eu-científico", eles se mostram ansiosos para afetar o estilo de autoridades tanto acadêmicas como morais – um recurso que é muito difundido em outros gêneros, em particular na historiografia. (FÖGEN, 2016, p. 268)[21].

Assim como Fögen, há um bom número de autores que defendem o caráter literário dos tratados técnicos e, por esse motivo, parece tratar-se de mera questão de justiça inseri-los junto às obras literárias antigas. Para Albrecht (1997), por exemplo, a literatura técnica tem nos manuais de História da Literatura o seu lugar de direito seja por sua elaboração textual, especialmente dos proêmios, como o autor destaca, seja por constituir rica fonte de informações acerca da cultura e costumes da sociedade que as viu nascer:

---

[20] *Cf*. Fögen (2016, p. 268): *"The vast majority of studies have concentrated on the contents (i.e. the doctrines and ideas) rather than the form of ancient technical texts. In most cases, they have been analyzed for the investigation of scientific knowledge and technologies or for the reconstruction of social and economic conditions in the Graeco-Roman world. In addition, technical literature has been studied for linguistic purposes, with special emphasis on technical terminology. Since the 1990s there has been a constant rise in the number of editions, commentaries, translations and interpretations of ancient technical texts. However, comparative approaches that move beyond the examination of one particular author or discipline are still relatively rare".*

[21] *Cf*. Fögen (2016, p. 268) *"The diverse character of the extant prose treatises makes it impossible to maintain that ancient technical texts do not pursue any aesthetic or even artistic intentions or that they are always more concerned with content than form. Moreover, they are rarely neutral; indeed, sometimes they can be quite polemical and include attacks on opponents. In many cases, the authors of technical writings seek to insert their presence into their texts; adopting the role of the je scientifique ("scientific I"), they are eager to stylize themselves as scholarly as well as moral authorities – a feature that is widespread in other genres, in particular in historiography".*

> Os escritos técnicos certamente podem definir-se como um gênero literário, especialmente quando se leva em consideração a técnica dos proêmios e as declarações gerais sobre a cultura do especialista, sua atitude moral, etc., isto é, elementos que, em termos estritos, estão fora da especialização técnica (ALBRECHT, 1997, p. 41)[22].

De fato, muitas vezes é possível depreender, nos textos técnicos antigos, além de preocupações de ordem estética, como certa estilização do eu-científico, do eu-especialista, elementos que se referem a aspectos histórico-culturais da sociedade em que brotam e que transcendem a objetividade da especialização técnica.

Fögen (2016, p. 277) vem pesquisando exaustivamente esses aspectos literários da antiga literatura técnica, os traços recorrentes que a caracterizam e sua "notável diversidade"; dos estudos realizados, ele destaca, entretanto, "a questão de como a apresentação utilitária de informações factuais é combinada com outros fins"[23] nos textos técnicos antigos e reconhece, além da sua utilidade prática e instrumental, não apenas a literariedade presente nesses escritos, mas também, como Albrecht, o seu valor sócio-cultural:

> Os textos técnicos não foram escritos no vácuo ou num ambiente neutro; eles frequentemente expõem uma agenda social, política ou ética explícita ou implícita que pode ser relacionada às circunstâncias históricas em que eles se originam. Por essa razão, a análise de como os autores técnicos se percebem e se apresentam a seus leitores, bem como sua área de conhecimento, de como eles constroem autoridade e sistemas de valores, e como conhecimento e poder estão ligados devem ser vistos como uma fecunda abordagem para uma complexa gama de documentos (FÖGEN, 2016, p. 277)[24].

Desta forma, é preciso voltar o olhar para a literatura técnica antiga resguardando sua singularidade; ela é, antes de tudo, muito distinta da literatura técnica produzida nos dias de hoje e, ademais, compreende um conjunto muito vasto e diversificado de textos, o que torna qualquer investigação a seu respeito sujeita a generalizações. Apesar de não estar totalmente desvinculada dos modelos gregos que lhe antecederam, a literatura técnica produzida em Roma

---

[22] *Cf*. Albrecht (1997, p. 41): *"Los escritos técnicos pueden seguramente definirse como un género literario, sobre todo teniendo en la cuenta la técnica de los proemios y las afirmaciones generales sobre la cultura del especialista, su actitud moral, etc., es decir, de elementos que, en sentido estricto, están fuera de la especialización técnica".*

[23] Cf. Fögen (2016, p. 277): *"Of particular importance is the question of how the utilitarian presentation of factual information is combined with other purposes".*

[24] *Cf*. Fögen (2016, p. 277): *"Technical texts were not written in a vacuum or neutral climate; they frequently expose an explicit or implicit social, political or ethical agenda that can be related to the historical circumstances in which they originate. For that reason, the analysis of how technical authors perceive and present themselves as well as their discipline to their readers, how they construct authority and value systems, and how knowledge and power are linked must be viewed as a fruitful approach to a complex range of documents".*

sustenta características intrínsecas e reage imediatamente à sociedade que a produziu. Para Roby:

> As discussões sobre a literatura técnica e científica no mundo romano devem começar por dissipar imediatamente dois equívocos persistentes. Em primeiro lugar, a "escrita técnica" de Roma e da Grécia antiga não pode de modo algum ser claramente distinguida de alguma categoria idealizada de literatura "genuína" ou não-técnica. Em segundo lugar, a literatura técnico-científica no mundo antigo representa um compromisso complexo e criativo com seus antecedentes gregos, muito mais que imitação servil. Na verdade, a literatura supérstite romana de matiz técnico e científico põe em relevo o valor cultural de seu conteúdo de várias formas diferentes, seja enfatizando sua novidade ou sua longa tradição; seja sua utilidade imediata para o homem ou seu poder para iluminar os confins do cosmos; seja sua tendência para a honestidade ou o aprimoramento das habilidades humanas para enganar (ROBY, 2015, p. 2)[25].

Além do aspecto literário e do valor estético presentes na literatura técnica, que serão apreciados neste trabalho, a literatura técnica da antiga Roma deve ser contemplada também por ser um grande repositório de informações a respeito da Antiguidade Clássica, seus valores e costumes:

> O estudo da literatura técnica antiga, se feito corretamente, é muito mais do que uma história de ideias ou de conhecimentos acadêmicos focalizada de modo estrito; em lugar disso, pode servir como uma investigação frutífera sobre as práticas culturais e sociais do mundo greco-romano (FÖGEN, 2016, p. 277)[26].

Assim, se por um lado essa complexa gama de documentos traz a lume uma série de conhecimentos técnico-científicos acerca de disciplinas altamente desenvolvidas durante a Antiguidade Clássica, por outro, é somente por meio do estudo das camadas mais profundas do discurso técnico que, de acordo com Fögen (2016, p. 277), é possível atingir a sua dimensão social, mesmo que a ampla diversidade de textos da literatura técnica antiga imponha uma série de questionamentos àqueles que pretendam levar a cabo uma investigação profícua a respeito do texto técnico antigo, como os aventados pelo mesmo autor:

---

[25] *Cf*. Roby (2015, p. 2): "*Discussions of technical and scientific literature in the Roman world must even now begin by dispelling two persistent misconceptions. First of all, the "technical writing" of ancient Greece and Rome cannot be distinguished, neatly or at all, from some notional category of "genuine" or otherwise nontechnical literature. Second, scientific and technical literature in the Roman world represents a complex and creative engagement with, rather than slavish imitation of, its Greek antecedents. Indeed, the surviving Roman technical and scientific literature highlights the cultural value of its subject matter in a number of different ways, whether emphasizing its novelty or its long-standing tradition; its immediate utility to man or its power to illuminate the far reaches of the cosmos; its enticements to honesty or its enhancement of man's deceptive abilities".*

[26] *Cf*. Fögen (2016, p. 277): *"Hence, the study of ancient technical literature, if done properly, is much more than a narrowly focused history of ideas or scholarship; instead, it can serve as a fruitful enquiry into the cultural and social practices of the Graeco-Roman world".*

> A pesquisa sobre textos técnicos antigos precisa considerar as seguintes questões que podem, em certa medida, também ser aplicadas à literatura moderna: como o conhecimento é apresentado e transmitido? Qual o propósito da escrita técnica e quais são os destinatários pretendidos (novatos, leigos, leitores avançados, especialistas)? Quão difundidos são os meios para a transmissão do conhecimento e quais são suas micro e macrosestruturas? Qual é a função de elementos não-textuais, como ilustrações, fórmulas, tabelas etc.? Algumas disciplinas têm tradições específicas de aprendizagem e ensino? Isso implica um tipo particular de retórica, como a reivindicação que faz um autor de inovação, clareza e inteligibilidade (*σαφήνεια*), concisão (*συντομία*), utilidade (*ὠφέλεια, τα χρήσιμα*) ou concentração tanto no essencial quanto na prática? Em que medida os autores utilizam essas afirmações para construir uma imagem particularmente favorável de si mesmos e para depreciar escritores que trabalham no mesmo campo? Qual é o papel da polêmica na escrita técnica antiga? Qual é o status dos escritores técnicos? São especialistas reais cujas observações são derivadas da observação pessoal (*ἐμπειρία* e *αὐτοςία*), ou são estudiosos "de poltrona" que obtêm seu conhecimento de livros existentes sem ter adquirido experiência prática em determinada disciplina? É justificado aplicar o termo "profissionalismo" ao mundo antigo? O que constitui uma disciplina e como ela é percebida por seus adeptos e por não-iniciados? Como os escritores técnicos se apresentam aos seus leitores? Quais são as autoridades do passado e do presente a quem se referem? (FÖGEN, 2016, p. 268)[27].

Da imensa variedade de escritos que correspondem à literatura técnica produzida na antiga Roma, a presente pesquisa investiga as *Artes grammaticae* – mais especificamente as *Artes metricae*, isto é, os tratados técnicos gramaticais acerca das modalidades técnicas a respeito da métrica clássica para a composição artística de poemas – com o primeiro propósito de circunscrever o gênero "literatura técnica" na Antiguidade Clássica, determinando-lhe suas características e desenvolvimentos, investigando suas origens, as implicações do seu modelo de descrição, filiações, e estrutura organizacional. Selecionou-se, para tanto, a obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, cuja autoria é atribuída a Mário Vitorino e Élio Aftônio, contida no volume VI, "*Scriptores Artis Metricae*" dos *Grammatici Latini* de Keil. Em um

[27] *Cf.* Fögen (2016, p. 268): *"Research on ancient technical texts needs to consider the following questions which may, to some extent, also be applied to modern technical literature: How is knowledge presented and conveyed? What purpose does technical writing have and who are its intended addressees (novices, laymen, advanced readers, experts)? How extensive are the media for the transmission of knowledge and what are their micro- and macrostructures? What is the function of non-textual elements such as illustrations, formulae, tables etc.? Do certain disciplines have specific traditions of learning and teaching? Do these entail a particular type of rhetoric such as an author's claim of innovation, clarity and intelligibility (σαφήνεια), conciseness (συντομία), usefulness (ὠφέλεια, τὰ χρήσιμα), or concentration on the essential as well as the practical? To what extent do authors use such claims to construct a particularly favorable image of themselves and to disparage writers who work in the same field? What is the role of polemics in ancient technical writing? What is the status of technical writers? Are they real experts whose observations are derived from personal observation (ἐμπειρία and αὐτοψία), or are they armchair scholars who obtain their knowledge from existing books without having acquired practical experience in a certain discipline? Is it justified to apply the term 'professionalism' to the ancient world? What constitutes a discipline and how is it perceived by its adherents as well as outsiders? How do technical writers present themselves to their readers? What are the authorities, past and present, to whom they refer?"*

segundo estágio, a pesquisa busca por traços de "literariedade" no córpus selecionado, as estratégias narrativas e didáticas bem como vestígios das lições da Retórica Clássica no tecido textual de Élio Aftônio e Mário Vitorino que dotem o texto, além do seu valor didático-instrutivo, de valor estético-literário, colocando em relevo a legitimidade da pertinência das *Artes metricae* nas Histórias da literatura antiga e no rol das obras literárias produzidas na Roma Antiga.

Ao lançar luz sobre a literatura técnica que descreve o sistema gramatical e métrico da língua latina, este trabalho elege como objeto de estudo textos que são em geral preteridos pelas investigações modernas acerca da Antiguidade Clássica, ao menos do ponto de vista da sua forma de expressão. Esses textos, no entanto, representam uma chave que possibilita a leitura e a aproximação aos clássicos. Os tratados técnicos de gramática e métrica antigos, relegados a breves menções, muitas vezes de caráter generalizante, nos finais dos manuais de História da Literatura, são, apesar disso, de suma importância para os Estudos Clássicos, porque é muito por seu intermédio que se obtêm alguns crivos de análise ou mesmo chaves de leitura do legado clássico por eles mesmos, por assim dizer. As *Artes Grammaticae*, em especial as *Artes metricae*, proporcionam uma perspectiva crítica do tempo, são o testemunho de como um romano versado na arte respondia à literatura, à poesia e à poética, de como se portava diante de um verso de Virgílio, de um efeito métrico e mesmo das múltiplas leituras de determinados metros.

PARTE A

OS TEXTOS TÉCNICOS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

I. Sobre a definição de literatura técnica

O primeiro problema que se apresenta a quem se interessa por investigar a literatura técnica antiga é, como anuncia Fögen (2016, p. 266) [28], a "tentativa de definir o termo 'literatura técnica' e chamar a atenção para a diversidade de textos desse imenso córpus".

Thorsten Fögen é um dos autores que atualmente mais tem se dedicado a investigações de escritos técnicos antigos, de seu aspecto literário, suas características e definições, o que se pode facilmente depreender do fato de que tal assunto rendeu ao pesquisador certo número de publicações, das quais se destacam o livro *Antike Fachtexte/ Ancient Technical Texts*, de 2005, e o capítulo *"Technical Literature"*, mais recente, do prestigiado *A Companion to Greek Literature. Blackwell Companions to the Ancient World*, editado por Martin Hose e David Schenker, em 2016. Nesse capítulo, uma das propostas do autor é definir "literatura técnica" a partir da etimologia do vocábulo "técnico" que compõe a expressão:

> O termo genérico "técnico" é bastante inespecífico. É derivado do adjetivo grego *τεχνικός*, que pertence ao mesmo étimo que o substantivo *τέχνη*, e significa "habilidade", "trabalho manual", "arte", ou mesmo "astúcia"; tem-se admitido que a *τέχνη* pode estar relacionada à palavra *τέκτων*, que normalmente se refere a um artesão, em particular a um carpinteiro ou a um marceneiro, e que provavelmente está etimologicamente conectado com o verbo sânscrito *tákṣati* ("fabricar", "elaborar"; cf. o verbo latino texĕre "costurar", "tecer") (FÖGEN, 2016, p. 266)[29].

De tal modo que o substantivo *τέχνη* e o adjetivo dele derivado, *τεχνικός*, estão relacionados às habilidades do homem, desenvolvimento de conhecimentos, procedimento ou conjunto de procedimentos que têm como objetivo obter um determinado resultado, seja no campo da ciência, da tecnologia, das artes ou em outra atividade qualquer, culminando na descrição e/ou manipulação da natureza e transformação do ambiente. Mesmo que não seja suficientemente produtivo recorrer à etimologia para definir o que seja a literatura técnica para os antigos, para Fögen, essa abordagem permite constatar que esses textos têm origem na estreita relação entre as atividades do homem e a mobilização de saberes a elas relativos.

---

[28] *Cf.* Fögen (2016, p. 266): *"First of all, an attempt is made to define the term 'technical literature' and draw attention to the diversity of the large corpus of texts".*

[29] *Cf.* Fögen (2016, p. 266): *"The generic term 'technical' is rather unspecific. It is derived from the Greek adjective τεχνικός, which belongs together with the substantive τέχνη, meaning 'skill', 'craft', 'art', or even 'cunning'; it has been assumed that τέχνη may be related to the word τέκτων, which normally refers to a craftsman, in particular a carpenter or joiner, and which is probably etymologically connected with the Sanskrit verb tákṣati ('fabricate', 'elaborate'; cf. the Latin verb* texĕre*: 'sew', 'weave').*

Para Fögen – e também para Albrecht, Guerreira e Roby – os escritos técnicos antigos extrapolam a mera descrição e transmissão de conhecimentos técnicos específicos. O autor reivindica para os textos técnicos da Antiguidade Clássica o princípio da *utilitas*, que aparece contemplado desde a iniciativa de escrita de um pioneiro em Roma, Catão, o velho, que, com sua poligrafia técnica, se ocupou sobretudo de compor um córpus textual sobre matérias importantes para a vida prática romana, como a agricultura, a guerra, o direito, a moral, etc., além de ter sido o primeiro a preparar os seus livros com vistas à circulação, para o seu uso por um "público-leitor" (ASTIN, 1978, pp. 182-210). O princípio da *utilitas*, de acordo com Fögen (2016, p. 266) e Guerreira (1997, p. 756), justifica o desenvolvimento de pesquisas e, por conseguinte, a profusão de obras sobre determinada disciplina em detrimento de outras, privilegiando as áreas de interesse do povo romano, tais como o direito, a medicina, a agricultura, a arquitetura, a filosofia e a gramática, desdenhando, por sua vez, de qualquer elo com outros temas de seus antecessores gregos:

> Também não seria demasiado dizer que a relação com a *utilitas* de quase todos os fatos da civilização romana, incluída aí a literatura, afeta de uma maneira única aqueles escritos que têm nesse conceito uma de suas fundamentais razões de ser (GUERREIRA, 1997, p. 756)[30].

No capítulo "*Literatura técnica de la época republicana*", da *Historia de la literatura latina* organizada por Carmen Codoñer, Guerreira tece comentários acerca da prosa técnica latina em relação com seus antecedentes gregos. Tal como Fögen, Guerreira também associa a *τέχνη* da Grécia helenística e a sua correspondente latina, a *ars*, à organização e metodização de procedimentos e práticas do cotidiano do homem antigo em textos escritos que pudessem regular ofícios e ser transmitidos por meio do ensino: "[...] a *τέχνη*, o conhecimento estruturado que é extraído da experiência, cuja organização faz de seu conteúdo algo que pode ser ensinado e aprendido (doutrina e disciplina são alternativas lexicais para *ars* na tradição romana" (GUERREIRA, 1997, p. 757)[31]. O vínculo entre a produção de textos técnicos latinos e seus antecedentes gregos será discutido mais pormenorizadamente mais adiante no presente trabalho; por ora, interessa ressaltar que a compreensão de Guerreira para os escritos técnicos

[30] *Cf*. Guerreira (1997, p. 756): *"Tampoco estaría de más decir que la relación con la utilitas de casi todos los hechos de la civilización romana, incluida la literatura, afecta de modo singular a unos escritos que tienen en este concepto una de sus fundamentales razones de ser*".

[31] *Cf*. Guerreira (1997, p. 757): *"[...] la τέχνη, el saber estructurado que se abstrae de la experiencia, cuya organización hace de su contenido algo que puede ser enseñado y aprendido (doctrina y disciplina son alternativas léxicas a ars en la tradición romana)".*

considera a estruturação, isto é, a sistematização ou organização dos conhecimentos derivados de práticas e da vivência do homem, que podem ser difundidos por meio do ensino.

Phillippe Fleury, no artigo *Les textes techniques de l'Antiquité: Sources, études et perspectives* (1990), corrobora a teoria de que a origem da *τέχνη* está associada às atividades do homem cuja principal motivação, para o pesquisador, é melhorar a qualidade de vida:

> [...] limitamo-nos à exposição de técnicas, isto é, de "atividades do homem que têm por objetivo reunir, adaptar e transformar os materiais naturais a fim de melhorar suas condições de existência", atividades às quais adicionamos a condução de operações militares, uma vez que essas são parte integrante da vida cotidiana na Antiguidade Clássica e pertencem à mesma "família" de preocupações que a arquitetura e a mecânica (FLEURY, 1990, p. 361)[32].

A literatura técnica estará, desta forma, segundo Fögen, Guerreira e Fleury, sempre associada ao conhecimento e erudição do homem e, principalmente, à difusão do saber técnico-científico resultante, na maioria das vezes, das atividades do seu dia-dia. Uma vez sistematizados, tais conhecimentos podem ser transmitidos "boca-a-boca", como um mestre ensina a um aprendiz, ou por intermédio da escrita:

> Se os indivíduos que praticam um tal ofício ou habilidade seguem um certo conjunto de regras ou um método específico, o conhecimento torna-se sistemático e pode constituir uma disciplina cujos princípios podem ser ensinados e transmitidos sob a forma de tratados. Portanto, a palavra *τέχνη* também pode designar um manual que é usado para a transmissão da aprendizagem, os adjetivos geralmente especificam o tipo de disciplina, ex. *τέχνη γραμματική* ("arte da gramática") ou *τέχνη ῥητορική* ("arte da retórica") (FÖGEN, 2016, p. 267)[33].

O próprio autor reconhece ser desnecessário especificar o imenso número de disciplinas (*τέχναι*) sobre as quais os "profissionais desenvolveram conhecimento especializado e que foram preservados na forma de textos escritos" (FÖGEN, 2016, p. 267)[34]. Para exemplificar tal pluralidade, Fögen lista as disciplinas que produziram tratados e manuais técnicos, sejam elas

---

[32] *Cf.* Fleury (1990, p. 361): *"nous nous limitons à l'exposé de techniques, c'est-à-dire d'activités de l'homme qui ont pour objet de recueillir, d'adapter et de transformer les matériaux naturels afin d'améliorer les 'conditions de son existence', activités auxquelles nous ajoutons la conduite des opérations militaires tellement celles-ci sont partie intégrante de la vie quotidienne dans l'Antiquité et appartiennent à la même 'famille' de préoccupations que l'architecture ou la mécanique".*

[33] *Cf.* Fögen (2016, p. 267): *"If individuals who practice such a craft or skill follow a certain set of rules or a specific method, knowledge becomes systematic and may constitute a discipline whose principles can be taught and handed down in the form of treatises. Therefore, the word τέχνη can also designate a manual that is used for the transmission of learning; adjectives usually specify the type of discipline, e.g. τέχνη γραμματική ('art of grammar') or τέχνη ῥητορική ('art of rhetoric')".*

[34] *Cf.* Fögen (2016, p. 267): *"whose practitioners develop specialist knowledge that has been preserved in the form of written texts".*

da área da saúde, como a medicina e farmacologia; das ciências exatas e da natureza, como a matemática, a arquitetura, a mecânica, a geografia, a agricultura; e ainda das ciências humanas, como a filosofia, a retórica e a gramática. Infelizmente muitos desses tratados não chegaram até a posteridade (FÖGEN, 2016, p. 267).

Dada a grande a diversidade de disciplinas que tiveram, ao longo de toda a Antiguidade greco-latina, seus rudimentos organizados em textos escritos, uma definição com mais chance de êxito, para Fleury, que alcance toda a variedade de textos, deveria, de saída, compreender a literatura técnica como pertencente ao "gênero demonstrativo"[35]. Para tanto, o autor recorre àquela solução proposta por René Martin e Jacques Gaillard:

> Para retomar uma classificação interessante proposta por J. Gaillard e R. Martin em sua introdução aos *Genres littéraires à Rome*, nós nos situamos no "gênero demonstrativo" e os textos aos quais faremos referência podem tomar a forma da poesia didática, do tratado ou do diálogo, mas sempre no interior desse gênero (FLEURY, 1990, p. 361)[36].

Para o autor, o adjetivo "técnico", quando adicionado à palavra "texto", assume diferentes significados conforme os falantes, ou mesmo de acordo com o contexto em que é inserido. Dessa forma, é possível alcunhar de "texto técnico" desde um manual de instruções para o uso de uma máquina ou o relato de uma descoberta tecnológica e os estudos de procedimentos técnicos, até a análise de um fato médico ou a história de um fenômeno gramatical: "Na verdade, entende-se por 'texto técnico' tanto 'texto especializado' quanto 'texto sobre uma técnica'" (FLEURY, 1990, p. 359)[37].

---

[35] Martin e Gaillard definem gênero literário como um tipo de discurso historicamente construído, de caráter universal e com uma função comunicativa específica. O que tradicionalmente são chamados gêneros eles denominam formas literárias, ou seja, as maneiras pelas quais os gêneros se realizam e das quais as obras literárias constituem a manifestação concreta. Os autores propõem uma classificação em que figuram quatro gêneros fundamentais: a) o gênero dramático, cuja função é representar uma ação e que se manifesta nas formas da tragédia, da comédia e do mimo; b) o gênero narrativo, que tem a função de narrar uma história, realizando-se nas formas da epopeia, do romance, da autobiografia, da historiografia e da fábula; c) o gênero demonstrativo, que se usa para descrever uma realidade ou para explicar um sistema ou uma doutrina e cujas formas são a poesia didática, o tratado, e todos os textos técnicos de modo geral, e o diálogo; d) o gênero afetivo, que visa a exprimir um estado emocional e se manifesta por meio da poesia lírica, da bucólica, da elegia, da sátira e do epigrama. A esses quatro gêneros os autores acrescentam o gênero circunstancial, cuja função é exercer uma ação (convencer, exortar, convidar, solicitar etc.) que visa a um resultado prático e que se manifesta através dos discursos oratórios e da carta.

[36] *Cf*. Fleury (1990, p. 361): *"Pour reprendre une classification intéressante proposée par J. Gaillard et R. Martin dans leur introduction aux Genres littéraires à Rome, nous nous situons dans le 'genre démonstratif' et les textes auxquels nous faisons référence peuvent revêtir la forme de la poésie didactique, du traité ou du dialogue, mais, à l'intérieur de ce genre".*

[37] *Cf.* Fleury (1990, p. 359): *"En réalité 'texte technique' s'entend aussi bien pour ' texte spécialisé' que pour 'texte sur une technique'".*

Em se tratando da "literatura técnica", o primeiro a utilizar esse binômio, segundo Fleury, foi Jean Beaujeu, em 1949, no ensaio *'La littérature technique des Grecs et des Latins'*[38]. O autor emprega o termo de modo expandido, ou seja, aplicando-o a toda sorte de textos escritos acerca de procedimentos científicos e tecnológicos:

> O termo recebe pela primeira vez esse significado em um estudo que permanece fundamental para nossas disciplinas: "La littérature technique des Grecs et des Latins", em que J. Beaujeu aplica a expressão "literatura técnica" a toda a literatura científica e técnica e trata ao mesmo tempo das ciências exatas, das ciências da natureza, das ciências ocultas, da medicina e das técnicas propriamente ditas (mecânica, arquitetura, arte militar e naval, agricultura) e das disciplinas literárias (comentários, gramáticas, textos eruditos e jurídicos) (FLEURY, 1990, p. 359)[39].

A "literatura técnica" está, assim, assentada no gênero demonstrativo, segundo Fögen, Guerreira e Martin e Gaillard e, de acordo com Beaujeu, seu domínio se estende por toda produção escrita que se ocupe em descrever saberes técnico-científicos, mesmo que, sob esse critério, o córpus correspondente à literatura técnica antiga resulte ampliado sobremaneira e considere, então, "literatura técnica" um amplo espectro de tipos textuais, desde tabelas numéricas, compilações de materiais, notas, apresentações de matérias e ofícios, até manuais e/ou tratados densamente elaborados acerca de uma determinada disciplina ou ofício.

Fleury, em síntese, propõe assim a sua definição para "literatura técnica", apesar das dificuldades naturalmente impostas pela tarefa: "Se uma definição tal como 'conjunto de processos de uma arte ou de um ofício' parece clara à primeira vista, ela não é assim tão fácil de utilizar como critério de classificação para textos antigos" (1990, p. 359)[40]. Como constata o autor, uma definição que não respeite a multiplicidade da matéria tratada nem o que lhe atribui de especificidade a distância temporal que há entre nós, que buscamos investigá-la, e o contexto que produziu tais obras, obviamente não é funcional, tampouco útil. Acerca da matéria, isto é, da variedade de disciplinas que produziram, no seio da sociedade antiga, textos que

---

[38] *Cf.* Beaujeu (1949, *Apud* FLEURY, 1990, p. 359).

[39] *Cf.* Fleury (1990, p. 359): *"Le mot reçoit le premier sens dans une étude qui reste fondamentale pour nos disciplines: 'La littérature technique des Grecs et des Latins', puisque J. Beaujeu applique l'expression 'littérature technique' à toute la littérature scientifique et technique et qu'il traite en même temps des sciences exactes, des sciences de la nature, des sciences occultes, de la médecine, des techniques proprement dites (mécanique, architecture, art militaire et naval, agriculture) et des disciplines littéraires (commentateurs, grammairiens, érudits, texts juridiques)"*

[40] *Cf.* Fleury (1990, p. 359): *"Si une définition telle que 'ensemble des procédés d'un art ou d'un métier' paraît claire à première vue, elle n'est pas si facile à utiliser comme critère de classement pour les textes antiques".*

descreveram processos e práticas, precisar uma só definição abrangente a todas é um problema, como já anunciado por Beaujeu, cuja solução estará sempre no âmbito da "tentativa".

Da mesma forma que, para Fleury, uma definição de "literatura técnica" como um "conjunto de processos de uma arte ou de um ofício" (1990, p. 362) parece ser insuficiente, também Fögen reconhece que "embora pareça justificado argumentar que a literatura técnica transmite conhecimento e tem um objetivo didático, não se pode negar que existem diferentes manifestações desse gênero" (2016, p. 268)[41], como, por exemplo, manuais, tratados, compêndios, listas e/ou tabelas de dados. Uma definição, portanto, que considere apenas esses dois aspectos, a forma, ou organização, e a função, sem contemplar a variedade de textos envolvidos no processo, será, de todo, insatisfatória:

> Isso também é sugerido pela existência de vários termos, tais como *εἰσαγωγή* [tratado elementar], *συναγωγή* [coleção de textos], *ἐγχειρίδιον* [manual], *ὑπόμνημα* [memorando], *τέχνη* [arte], *λόγος* [discurso], *πραγματεία* [tratado], *ἐπιτομή* [epítome], *διήγησις* [diegese] ou *σύνοψις* [sinopse] e seus equivalentes latinos, mas o problema é que muitos deles podem ser empregados para uma grande diversidade de tipos de textos e nem sempre indicam suas qualidades pragmáticas específicas (FÖGEN, 2016, 268)[42].

Se todas essas manifestações escritas forem incluídas no âmbito da "literatura técnica", como sugere Beaujeu, isso leva a um espectro muito mais amplo de tipos textuais, desde tabelas numéricas, coleções de materiais, notas, apresentações de disciplinas até manuais e/ou tratados mais extensos que buscam percorrer todos os fundamentos, procedimentos, práticas e técnicas, descrevendo-os detalhadamente, de determinada disciplina ou ofício que, muitas vezes, solicita do leitor alto grau de especialização (FÖGEN, 2016, p. 268). O grande conjunto da "literatura técnica" corresponderia, assim, a um enorme aglomerado de assuntos, com as mais variadas formas de tratamento e certamente despertaria o interesse de estudiosos modernos de diversas áreas.

Desse modo, apesar de a literatura técnica ser multifacetada, é possível reconhecer um grupo de textos que apresentam organização mais complexa e um tratamento mais profundo do tema que propõem abordar: são manuais abrangentes que estão comprometidos com a descrição

---

[41] *Cf.* Fögen (2016, p. 266): *"Although it seems justified to argue that technical literature transmits knowledge and has a didactic goal, it cannot be denied that different manifestations of this genre exist"*.

[42] *Cf.* Fögen (2016, p. 268): *"This is also suggested by the existence of various terms such as εἰσαγωγή, συναγωγή, ἐγχειρίδιον, ὑπόμνημα, τέχνη, λόγος, πραγματεία, ἐπιτομή, διήγησις or σύνοψις and their Latin equivalents, but the problem is that many of them may be employed for rather diverse types of texts and do not always indicate their specific pragmatic qualities".*

dos princípios e doutrinas de uma determinada disciplina e sua principal característica é a forma sistemática, descritiva e representativa, isto é, tratados altamente especializados sobre questões particulares que pressupõem uma grande dose de *expertise*. Podem ser assim classificados os tratados de ciências da natureza, exatas e humanas, tais como de medicina e farmacologia, agricultura, agrimensura, arquitetura e navegação, ou mesmo de direito, filosofia, retórica e gramática, segundo Fögen (2016, p. 268).

Além dos autores citados, outra pesquisadora moderna que investiga a antiga literatura técnica, mais especificamente o aspecto literário dos textos científicos e técnicos do mundo antigo e a interação entre elementos verbais e visuais nesses textos, bem como a sua definição e disseminação pela Antiguidade clássica, é Courtney Roby. De sua produção acerca dos escritos técnicos antigos, destaca-se seu primeiro livro, *Technical Ekphrasis in Greek and Roman Science and Literature: The Written Machine between Alexandria and Rome*, em que Roby investiga as técnicas literárias utilizadas na representação textual de artefatos técnicos da Grécia helênica até a Roma imperial. Porém, de grande relevância para o presente trabalho é o ensaio *Latin Didactic, Scientific, and Technical Literature*, de 2015, no qual a autora discute "a literatura em latim que procurou iluminar o mundo natural para seus leitores ou instruí-los a manipulá-lo" (ROBY, 2015, p. 1)[43].

A literatura didática, científica e técnica desenvolvida ao longo dos séculos pelos romanos, destinada a grande variedade de leitores, contempla ampla gama de assuntos e, como afirma Roby, abrange tipos textuais muito diferentes. A autora, no ensaio, oferece uma perspectiva geral sobre os textos técnicos, discutindo questões como os gêneros textuais aos quais eles podem pertencer, a linguagem que seus autores utilizam e a recepção da literatura anterior sobre o assunto, principalmente o que há de influência da tradição grega na literatura técnica latina:

> Os textos "técnicos" são muitas vezes interpretados como uma categoria muito ampla, incluindo textos jurídicos, gramaticais e retóricos, ao lado de trabalhos sobre temas que envolvem construção, engenharia e outras formas de atividade manual, como táticas militares, agricultura, prospecção de terrenos, arquitetura e navegação (ROBY, 2015, p. 3)[44].

[43] *Cf.* Roby (2015, p. 1): *"This essay discusses literature in Latin that sought to illuminate the natural world for its readers or instruct them in manipulating it".*
[44] *Cf.* Roby (2015, p. 3): *"'Technical' texts are often construed as a very broad category, including legal, grammatical, and rhetorical texts alongside works on topics involving building, engineering, and other forms of manual activity such as military tactics, agriculture, surveying, architecture, and navigation".*

As atividades práticas do cotidiano, bem como as disciplinas “científicas” e “técnicas”, eram bastante frequentes em Roma e produziram um sem número de obras de grande valor para os estudos modernos acerca daquela civilização. Entretanto, já na Antiguidade determinadas áreas do conhecimento se destacavam das demais, dada sua relevância para o desenvolvimento da sociedade:

> O escopo das investigações “técnicas” na cultura romana assumiu uma ampla gama de assuntos possíveis: a lei, a gramática e a retórica eram de óbvia importância cultural e possuíam ricas literaturas próprias (ROBY, 2015, p. 2)[45].

Segundo Roby (2015, p. 3), é possível distinguir, no grande conjunto da “literatura técnica antiga”, três categorias: a “didática”, a “científica” e a “técnica”. Enquanto as duas últimas buscam *iluminar*, isto é, descrever as partes do mundo natural, a primeira procura instruir o homem a *manipulá-lo*. Mesmo que seja possível identificar tal distinção, para a pesquisadora a definição de cada categoria ainda está sujeita a muitas controvérsias, principalmente no que tange ao equívoco frequente de tentar compreender essas categorias segundo suas acepções modernas:

> Os mesmos cuidados devem ser observados para todos os tipos de literatura "didática", "técnica" ou "científica" da antiguidade: embora possa ser conveniente para nós designá-los com esses termos, não devemos impor-lhes expectativas derivadas de trabalhos modernos (ROBY, 2015, p. 3)[46].

A respeito da “literatura didática”, sua pretensão era a de orientar o homem para o controle do meio e, nesse sentido, contemplava, em especial, tópicos práticos como a agricultura. Para Roby, a literatura didática antiga “poderia ser apresentada tanto na forma de poesia como na de prosa” (2015, p. 3)[47]. A distinção que se estabelece coloca no cerne do debate não apenas a forma versificada, nem tão somente a matéria abordada pelas obras, e, sim, a sistematização do conteúdo nelas abordado:

> Dalzell propôs que apesar de muitos tipos de poetas serem de modo geral vistos na Antiguidade como detentores do poder de instruir, distingue-se a poesia “didática”, no sentido em que falamos dela hoje em dia, como um poema que trata de um dado tema sistematicamente. O mesmo critério de

[45] *Cf*. Roby (2015, p. 2): *“The scope of ‘technical’ pursuits in Roman culture took in quite a broad swathe of possible subject matter: law, grammar, and rhetoric were of obvious cultural importance and possess rich literatures of their own”.*
[46] *Cf*. Roby (2015, p. 2): *“The same cautions must be observed for all kinds of ‘didactic’, ‘technical’, or ‘scientific’ literature from antiquity: though it may be convenient for us to designate them with these terms, we should not impose on them expectations derived from modern works”.*
[47] *Cf*. Roby (2015, p. 3): *“it could be delivered in the form of poetry as well as prose”.*

> sistematização também pode ser aplicado para textos em prosa (ROBY, 2015, p. 3)[48].

Assim, a sistematização do conteúdo é o caráter distintivo dos textos técnicos, muito mais do que a forma, prosa ou poesia, de que se revestem.

Em relação às distinções que possam existir entre as categorias de "literatura científica" e "técnica", Fleury (1990) já havia anunciado que, antes, é preciso cuidar de estabelecer claramente a diferença entre "ciência" e "técnica" para o homem antigo:

> Em primeiro lugar, o surgimento da distinção terminológica entre ciência e técnica foi progressivo; além disso, a relação entre os dois domínios na Antiguidade não era da mesma natureza que aquela de hoje: ao contrário do esquema atual, a ciência não era a iniciadora do processo técnico; e, por fim, as técnicas elementares eram transmitidas geralmente de "boca-a-ouvido", sem o suporte escrito (FLEURY, 1990, p. 359)[49].

Assim, Roby (2015, p. 7) explica que as disciplinas correntemente designadas sob o signo de "técnicas" podem ser subdivididas em três grandes grupos: as disciplinas didáticas, as científicas e as "técnicas" propriamente ditas. As disciplinas didáticas interessam-se pelas práticas e procedimentos de atividades manuais e ofícios, pela manipulação do meio, das quais são exemplo a agricultura e a agrimensura, entre outras. As disciplinas tomadas por "científicas" e "técnicas", por sua vez, levavam o homem antigo à compreensão de seu ambiente, às descobertas e, sobretudo, à descrição do mundo que o cerca, e são assim classificadas a medicina e as ciências naturais, por exemplo. Em suma:

> A categoria de literatura que hoje em dia é com mais frequência rotulada como "científica" é tipicamente definida de forma mais estrita do que os textos "técnicos", que geralmente englobam textos matemáticos e os que descrevem o mundo natural, desde a escala atômica (por ex. *De rerum natura*, de Lucrécio) ao global (por ex. o *Naturalis historia*, de Plínio), ao cosmos (por ex. as *Naturales Quaestiones* de Sêneca ou os *Astronomica* de Manílio) (ROBY, 2015, p. 3)[50].

---

[48] *Cf*. Roby (2015, p. 3): *"Dalzell makes the distinction that although poets of many kinds were widely regarded in antiquity as possessing the power to instruct, 'didactic' poetry in the sense we speak of it today is distinguished as a poem that treats a given subject systematically. The same criterion of systematization may apply to prose texts as well".*

[49] *Cf*. Fleury (1990, p. 359): *"D'abord l'émergence de la distinction entre science et technique dans la terminologie a été progressive ; ensuit les rapports entre les deux domaines dans l'Antiquité n'étaient pas de même nature que ceux d'aujourd'hui : la science n'était pas l'initiatrice du progrès technique, à l'inverse du schéma actuel; enfin les techniques élémentaires se transmettaient généralement de bouch à oreille, sans support écrit".*

[50] *Cf*. Roby (2015, p. 3): *"The category of literature now most often labeled 'scientific' is typically defined more narrowly than the 'technical' texts, often encompassing mathematical texts and those that describe the natural world, from the atomic scale (e.g. Lucretius's De rerum natura), to the global (e.g. Pliny's Natural History), to the cosmic (e.g. Seneca's Natural Questions or Manilius's Astronomica)".*

O presente trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto e propor taxativamente uma definição para todo o extenso e variado volume da antiga literatura técnica; pelo contrário, o intuito é o de expor, mesmo que de modo sucinto, a discussão a ele concernente e as conclusões às quais chegaram os especialistas na matéria. Entretanto, não seria possível prosseguir sem ao menos esboçar a tentativa de uma solução que atenda às necessidades desta investigação, seja para a delimitação do córpus a ser examinado, seja para tornar operacionais as relações intertextuais que se pretende realizar adiante.

Assim, a "literatura técnica" dos gregos e romanos é, como estabelece Beaujeu, em 1949 (*apud* FLEURY, 1990, 359), um córpus bastante amplo, que abrange vários tipos textuais produzidos pela Antiguidade Clássica; a expressão "literatura técnica" neste trabalho será aplicada para designar todos os livros que abordam áreas do conhecimento teórico ou prático, como o direito, a *ars grammatica*, a retórica, arte militar, isto é, todos os livros que se apresentam como fontes de informações, documentação sobre esse ou aquele aspecto do que produz conhecimento em Roma, um conhecimento adquirido por estudo ou por experiência e, pode ser segmentada, segundo Roby, em três grandes categorias, a literatura didática, científica e técnica, e pertence, de modo geral, ao gênero demonstrativo, como asseveram Martin e Gaillard (1990), Fleury (1990) e Fögen (2011; 2016).

No Brasil, a literatura técnica latina tem sido alvo de investigações de fôlego sobretudo pela pena de Matheus Trevizam, professor da Faculdade de Letras da UFMG, tradutor de Ovídio, Varrão e Catão e líder do Grupo de Pesquisa "Tradução e Estudo da Literatura Técnica e Didática Romana" (FALE-UFMG). Sua consistente produção bibliográfica sobre o tema serviu de esteio para os estudos empreendidos neste trabalho. Para o pesquisador, o conjunto de textos técnicos antigos corresponde à literatura voltada para a difusão de conhecimentos, isto é, de "instrução", e, pelo emprego desse termo, ele pretende indicar "o *sistemático* comprometimento das obras com oferecer ao público saberes orientadores de sua prática em algum ramo da atividade humana" (TREVIZAM, 2010, p. 104, grifo do autor). A definição proposta por Trevizam será, como se pretende demonstrar, das mais profícuas e, por isso, conduzirá, em grande medida, o restante desta pesquisa.

I.1. O conhecimento gramatical na Antiguidade Clássica

A Antiguidade Clássica produziu um sem número de textos que falam sobre a linguagem, o que demonstra o profundo interesse dos antigos por essa área do conhecimento. Mesmo que se tenham conservado um grande número de obras sobre o assunto, a verdade é que muitos desses textos foram perdidos ou se encontram em estado fragmentário, restando deles, muitas vezes, apenas o título. De início, os antigos admitiram a linguagem como objeto não de uma única ciência, mas de muitas, dando origem a disciplinas distintas que permitiriam que fosse ela investigada a partir de diferentes pontos de vista (DESBORDES, 1989, p. 149; COLOMBAT, 2017, p. 87).

A dialética, a retórica e a gramática são as três disciplinas derivadas dos estudos da linguagem empreendidos pelos antigos. Como desenvolvimento das pesquisas científicas sobre a história dos saberes, ou como produto das condições sócio-históricas, a gramática divorcia-se das outras disciplinas num processo de "autonomização" que permite distingui-la, de acordo com Colombat, como "ciência dos enunciados em si mesmos: tanto conhecimento dos conteúdos quanto análise dos conhecimentos de expressão" (2017, p. 88).

Mesmo nos diálogos de Platão, a literatura já dá testemunho do fascínio do homem antigo pela linguagem. No texto *O sofista*, é possível encontrar relatos sobre os especialistas em gramática bem como a determinação do estatuto de *tekhnē* que lhe era atribuída, isto é, a "técnica" necessária para se estudar a linguagem, um "conhecimento especial, a *grammatikē"* (COLOMBAT, 2017, p. 83), mas é no *Crátilo*, esse diálogo tão fundamental para a história do pensamento linguístico ocidental, que Platão apresenta a sua concepção da linguagem, particularmente do nome que, nessa fase do pensamento lingüístico de Platão, é a essência do dizer, da linguagem. A obra de Platão é um dos mais importantes textos antigos para o conhecimento da etimologia.

Ainda como simples descrição de mecanismos linguísticos, antes do desenvolvimento da teoria gramatical, surgiram os primeiros tratados técnicos gramaticais que buscavam atender às necessidades de se observar a eficiência dos discursos do regime democrático grego e ainda ao crescente interesse pelas investigações de caráter filológico:

> os primeiros *tekhnai* ("tratados") são somente tipos de inventários racionalizados de meios, de provas, de recursos de sedução do discurso. A disciplina que se constitui assim, a partir de uma prática, tem seus

> especialistas, que a ensinam passando de cidade em cidade, esforçando-se para ensinar a arte de falar sobre qualquer tema a quem pudesse pagar (COLOMBAT, 2017, p. 89).

Estamos no terreno da literatura técnica, dos saberes de uma prática humana organizados em forma de texto, dos "manuais abrangentes que se esforçam por cobrir os princípios e doutrinas de uma certa disciplina de forma *sistemática* e representativa, e tratados altamente especializados sobre questões específicas que pressupõem alto grau de conhecimento específico"[51], conforme apontou Fögen (2016, p. 267; grifo nosso).

A gramática, enquanto disciplina, forma-se a partir do século III a.C., como assevera Colombat (2017, p, 90) e é um desses "instrumentos técnicos" para divulgação de conhecimentos oriundos das atividades do homem, sistematizados e direcionados para um público especializado. O autor evidencia o caráter empírico da gramática ao afirmar que "as *teckhnai* não são, de fato, obras teóricas, mas manuais que seguem uma finalidade prática: instrumentar o leitor, possibilitar que ele leia textos dos 'poetas e dos prosadores'" (COLOMBAT, 2017, p. 91).

Alguns textos foram fundamentais para a constituição da gramática ocidental: a *Tekhnē,* datada do final do séc. II. a.C., primeira obra conservada de caráter exclusivamente gramatical, de Dionísio, o Trácio, para quem a gramática era o conhecimento prático de uso da língua pelos poetas e escritores de prosa; o tratado sobre sintaxe, de Apolônio Díscolo, primeira obra em que se compreendem os fenômenos linguísticos em seu conjunto; a *Ars Grammatica* de Donato, que permaneceu como manual de referência durante toda a Idade Média e exerce influência sobre inúmeras obras posteriores; e as *Institutiones Grammaticae*, de Prisciano, cujos 18 livros perfazem a primeira obra gramatical mais completa do mundo ocidental; sem olvidar outros nomes mais tardios como Sacerdote, Carísio e Diomedes. É preciso ter em consideração que, quando se fala da gramática nesse contexto antigo, o conceito não é o mesmo recorberto por esse termo hoje em Língua Portuguesa ou em qualquer outra língua moderna, isto é, evidencia-se como, ao lidar com a "gramática" antiga, estamos nos ocupando de uma disciplina, na verdade, muito diferente daquelas que assim se denominam hoje em dia e que abrangem também o que poderíamos considerar, hoje, uma teoria da literatura.

---

[51] *Cf.* Fögen (2016, p. 267): *"comprehensive handbooks that endeavor to cover the principles and doctrines of a certain discipline in a systematic and representative way, and highly specialized treatises on particular questions that presuppose a great deal of expertise".*

Foi tardiamente que a gramática passou a constituir um modelo de descrição da língua, de caráter primordialmente didático, ao deter-se sobre o terreno gramatical, que compreendia desde a estrutura fonética das palavras e a sua formação etimológica, até as partes do discurso, suas virtudes e vícios. A origem da gramática, no entanto, estava atrelada à filosofia e à filologia: enquanto os filósofos gregos consideravam-na apenas um caminho para desvendar a atividade linguística subjacente à atividade de filosofar, para os filólogos, o objetivo principal era o de explicar e preservar os textos, em especial, os poéticos (NEVES, 2002, p. 20). Os antigos buscaram, ao longo de séculos, responder questões sobre a linguagem, e sua disposição foi fator condicionante para que a gramática constituísse uma historiografia própria dos estudos linguísticos e da disciplina gramatical.

Uma síntese da história da gramática e da disciplina gramatical em Roma terá lugar, neste estudo, nos próximos capítulos; por ora, interessa mencionar que, mesmo com uma tradição específica de aprendizagem e ensino e uma história particular, com desenvolvimento próprio, como o que veremos a seguir, a gramática pertence ao grande conjunto da literatura técnica antiga e, portanto, partilha, com os demais textos do gênero, características comuns. Tais pontos de contato entre obras tão diferentes, mesmo dentro do extenso e diversificado conjunto que compreende a literatura técnica antiga, sobre o qual já falamos, levantam, no entanto, questões afins – como aquelas formuladas por Fögen sobre a apresentação e transmissão do conhecimento técnico, sobre os destinatários pretendidos dos textos técnicos, sobre a organização e sistematização do conhecimento em micro e macroestruturas discursivas, etc. – sobre as quais propomos, em alguma medida, lançar luz ao longo do presente trabalho.

II. Antecedentes gregos e desenvolvimentos romanos

Albrecht (1997, p. 34) afirma que "a literatura latina é a primeira literatura 'derivada'", e acrescenta ainda que é "uma literatura aprendiz" (1997, p. 35)[52]. Essa literatura que nasce nos primeiros séculos da Roma republicana não renuncia às suas origens gregas, ao contrário, lhes faz reverência ao repetir formas e transpor temas ao novo contexto itálico:

> A literatura propriamente dita nasce em Roma sob influência grega; no entanto, há uma importante conjuntura nacional para o seu desenvolvimento, assim como a preferência por certos gêneros literários; e fortes tradições pré-literárias contribuíram para dar um caráter decisivo também ao desenvolvimento literário que se segue (ALBRECHT, 1997, p. 67)[53].

É possível entender a história literária latina como um processo cuja fonte é grega. Feeney (2016, p. 78) destaca justamente que nenhuma outra cultura do Mediterrâneo antigo foi tão tributária de outra quanto os latinos diante dos gregos. O pesquisador evidencia o caráter inusitado do modo de contato entre as culturas literárias romana e grega, pois nenhuma outra nação no mundo Mediterrâneo manteve enraizamento tão profundo diante de qualquer legado estrangeiro como vemos aqui (FEENEY, 2016, pp. 68-92). No panorama da expansão político-territorial latina, cujo poderio armado conquista o Oriente grego, mas se deixa impregnar por sua cultura, "os romanos seguem fiéis à sua língua materna e contrapõem sua literatura própria à grega", de acordo com Albrecht (1997, p. 78)[54]. Esse particular enfrentamento com a literatura grega é, ao mesmo tempo, um embate consciente contra a tradição de outro povo reconhecidamente superior no terreno das letras; a literatura romana, "no momento em que se separa da que a precede, ela se encontra e desenvolve uma consciência diferenciada de si mesma" (ALBRECHT, 1997, p. 34)[55].

Como acontece em outros gêneros, existe uma influência primordial também da produção literária técnica grega nos escritos técnicos romanos, entretanto, a literatura técnica latina adquire precocemente certa independência da tradição que a precede, especialmente no

---

[52] *Cf.* Albrecht (1997, p. 34): *"La literatura latina es la primera literatura 'derivada'";* (1997, p. 35): *"una literatura 'aprendiz'".*

[53] *Cf.* Albrecht (1997, p. 67): *"La literatura propiamente dicha nasce por tanto en Roma bajo la influencia griega; existen sin embargo importantes presupuestos nacionales para su desarrollo, así como la preferencia por determinados géneros literarios; fuertes tradiciones preliterarias contribuyeron a dar un sello decisivo también al desarrollo literario siguiente".*

[54] *Cf.* Albrecht (1997, p. 78): *"Los romanos siguen fieles a su lengua madre y contraponen a la griega una literatura propia"*

[55] *Cf.* Albrecht (1997, p. 67): *"En el momento en que se separa de la que la precede, encuentra en sí misma, y desarrolla una conciencia de sí diferenciada".*

que diz respeito à temática, e desenvolve peculiaridades mais propriamente romanas que muitos outros gêneros, como a épica e a lírica, por exemplo, segundo Guerreira (1997, p. 756). A literatura técnica latina não sustenta com os seus precedentes genéricos helênicos o mesmo paralelo que outras obras da literatura latina mas, ao contrário, a importância que os escritos técnicos romanos têm no âmbito da literatura latina é bastante diferente daquela de seus correspondentes na literatura grega, de acordo com Roby (2015, p. 13):

> Os autores de tratados técnicos e científicos em prosa exibem padrões um pouco diferentes na relação que eles mantêm com o trabalho anterior e com outros gêneros, mas suas respostas aos seus predecessores, no entanto, desempenham um papel crucial na modelagem da forma do texto, bem como do seu conteúdo (ROBY, 2015, p. 13)[56].

Quase todas as disciplinas representadas pela literatura técnica latina remanescente foram desenvolvidas anteriormente em território helênico, mesmo que, em alguns casos, as obras resultantes de tais investigações não tenham chegado até nós, como aquelas sobre arquitetura e agricultura das quais restaram apenas relatos indiretos. Roby também afirma que:

> As reações dos autores latinos à literatura técnica grega preexistente, tanto em prosa como em poesia, cobrem uma distância que vai desde traduções quase literais até desenvolvimentos e extensões do trabalho anterior em obras que procuram explicitamente competir ou corrigir os seus predecessores (ROBY, 2015, p. 12)[57].

Na prosa da Grécia Antiga, em sua origem, prevalece essencialmente a historiografia, entretanto, os primeiros dentre os poucos escritos técnicos remanescentes são de temática filosófica e, de acordo com Guerreira (1997, p. 757), o desenvolvimento pleno da literatura técnica em território grego dar-se-á somente à época helenística[58]:

> A história nasce na Grécia quase de maneira paralela à investigação filosófica e é frequente ver seu nascimento retratado nos manuais de literatura grega como um gênero de caráter técnico ao lado de outros como a filosofia, fato

---

[56] *Cf*. Roby (2015, p. 13): *"Authors of technical and scientific treatises in prose exhibit somewhat different patterns in the way they engage with prior work and other genres, but their responses to their predecessors nevertheless play a crucial role in shaping the text's form as well as its contents".*

[57] *Cf*. Roby (2015, p. 12): *"Responses by Latin authors to preexisting Greek technical literature in both prose and poetry range from close translations to developments and extensions of the prior work to works that seek explicitly to compete with or correct their predecessors".*

[58] Guerreira vincula o período helenístico ao desenvolvimento da literatura técnica. Legrand, na mesma direção, aponta também para a efervescência científica cultural do período, com implicações na prosperidade das formas literárias capazes de "acolhê-la" (LEGRAND, 1924, p. 52) *"Si les hommes éclairés, au IIIe. Siècle at aux siècles suivants, n'avaient plus qu'une foi très mediocre dans les anciens dieux de l'Olympe, ils étaient communément férus de philosophie. Plusieurs des principaux poètes alexandrins [...]avaient reçu une instruction phlosophique solide. Quelques philosophes distingués [...] ont été eux-mêmes des poètes, ou du moins des versificateurs."*

> talvez não casual se atentarmos ao interesse grego da época por racionalizar o mundo frente à interpretação mítica (GUERREIRA, 1997, p. 757)[59].

A historiografia também inaugura precocemente a prosa literária em Roma e, segundo Guerreira (1997, p. 757), surge praticamente ao mesmo tempo que a literatura técnica na Itália, no II séc. a.C., contudo, em vez de serem escritos em latim, os primeiros tratados técnicos foram compostos em grego e versavam sobre a jurisprudência. Data do I séc. a.C. a primeira obra historiográfica em latim, *Origenes*, nela o precursor Catão, o Velho, apresenta um panorama da história antiga das cidades italianas, desde a fundação até os seus dias e, apesar de ter se perdido, diversos fragmentos sobreviveram graças às citações indiretas em antigos autores. Catão, o Velho, é também o autor da obra fundadora da prosa literária da Roma Antiga, o *De agri cultura.*

No que toca ao aspecto formal, enquanto o latim consolida-se como língua, o grego, por vezes, ocupa o espaço do idioma local; quanto à temática, o desenvolvimento da literatura técnica latina, de acordo com Guerreira, é completamente diferente da produzida pelos seus predecessores:

> As razões dessa discrepância são explicáveis a princípio: de um lado, quando Roma adere à literatura, existem no âmbito grego muitas obras de caráter técnico cuja conformação e acomodação a padrões expositivos já está bastante definida; de outro, a atitude mental dos romanos do séc. II a.C., quer dizer, dos representantes da chamada "literatura arcaica romana", não tem nada a ver a com os escritores técnicos (filósofos, e se se quiser, também historiadores) da literatura arcaica grega. (GUERREIRA, 1997, p. 757)[60].

O desenvolvimento da literatura latina, especialmente da literatura técnica, está diretamente relacionado, desde o período republicano, às condições sociais e culturais de Roma e surge em resposta a um estímulo determinado por uma situação histórica; assim, a produção da literatura latina, aí incluída a literatura técnica, é uma reação direta e criativa à preponderante influência grega na Itália durante o período:

---

[59] *Cf.* Guerreira (1997, p. 757): *"la historia nace en Grecia casi de manera paralela a la investigación filosófica y es frecuente ver tratado su nacimiento en los manuales de Literatura Griega como un género de carácter técnico al lado de otros como la filosofía, hecho quizá no casual si atendemos al interés griego de la época por racionalizar el mundo frente a la interpretación mítica".*

[60] *Cf.* Guerreira (1997, p. 757): *"Las razones de esta discrepancia son en principio explicables: de un lado, cuando Roma accede a la literatura existen en el ámbito griego muchas obras de carácter técnico cuya conformación y acomodación a patrones expositivos está ya bastante definida; del otro, la actitud mental de los romanos del siglo II a.C., es decir, de los representantes de la llamada literatura «arcaica» romana no tiene nada que ver con la de los escritores técnicos (filósofos y, si se quiere, historiadores) de la literatura arcaica griega".*

> Hoje se considera ciência o que muitas vezes entre os latinos era técnica (*artes*). E os latinos lhe dedicaram (por razões econômicas, sociais ou culturais, etc.) seus maiores esforços. Daí a acusação habitual de mediocridade que se faz à ciência latina em oposição à grega. Parece impossível, no entanto, qualquer desenvolvimento técnico sem uma consideração teórica prévia, seja alheia (grega) seja própria, como atestam, por exemplo, Vitrúvio, Columela e Celso. A literatura técnica latina em prosa adota, do ponto de vista formal, duas formas muito definidas: o manual e a enciclopédia (CARTELLE, 1997, p. 795)[61].

Dessa forma, segundo Guerreira (1997, p. 756) e Cartelle (1997, p. 795), é possível afirmar que a literatura técnica da Roma Antiga recebeu forte influência daquela produzida na Grécia no que tange aos aspectos formais, uma vez que ela é anterior e possui, portanto, limites, organização e características já bem definidas quando do início da literatura latina; o mesmo, no entanto, não se pode dizer em relação aos aspectos temáticos que obedecem, por sua vez, a outros critérios, dentre eles, o da *utilitas*[62].

Além do contexto histórico-sócio-cultural em que foram produzidos os escritos técnicos na Roma Antiga, o princípio da *utilitas*, segundo Albrecht (1997, p. 536), Guerreira (1997, p. 757) e Roby (2015, p. 12), é outro agente responsável para que autores técnicos romanos se orientassem segundo a forma e a estrutura organizacional modelar das obras gregas, mas, ao mesmo tempo, para que estivessem integralmente comprometidos com a utilidade, propriamente dita, de suas obras para o mundo romano. A relação com a *utilitas*, portanto, de acordo com Albrecht (1997, p. 536), afeta de modo singular os escritos técnicos e têm nesse conceito uma de suas fundamentais razões de ser. Assim, disciplinas tecnológicas, como a agronomia, agrimensura, arquitetura e mesmo a medicina, bem como atividades ligadas a certas "ciências humanas", como a retórica e a gramática tinham particular importância e primazia sobre outras:

> O sentido da *utilitas* [...] é o causador desta clara diferença entre os fatos literários: em Roma não encontramos apenas obras especulativas [...], ainda

---

[61] *Cf*. Cartelle (1997, p. 795): *"Hoy se considera ciencia lo que a menudo entre los latinos era técnica (artes). A ésta (por razones de tipo económico, social, cultural, etc.) dedicaron los latinos sus mayores esfuerzos. De ahí la acusación habitual de mediocridad que se hace a la ciencia latina en oposición a la griega. Parece imposible, sin embargo, cualquier desarrollo técnico sin una consideración teórica previa, sea ajena (griega) o propia, como atestiguan, por ejemplo, Vitrubio, Columela o Celso. La literatura técnica latina en prosa adopta desde el punto de vista formal dos formas muy definidas: el manual y la enciclopedia".*

[62] A *utilitas*, em linhas gerais, é utilidade. O termo deriva de *utor*, verbo que significa usar, servir-se, empregar, relacionar-se, ter à disposição (FARIA, 1962, p. 1040), "exclui o inútil e o nocivo e capta o que é vantajoso e conveniente para a sociedade", quer dizer, precisamente, "o justo, porque só por meio dele se alcança a paz social ou a conveniência harmônica dos indivíduos" (SALGADO, 2006, p. 251), ainda que seja mais interessante citar como fonte o verso I.3,98, das Sátiras de Horácio "*utilitas, iusti prope mater et aequi*", "a *utilitas*, praticamente mãe da justiça e equidade".

> que, como veremos, algumas excepcionalmente o sejam. Se isso é mesmo assim, parece desnecessário comentar que a filosofia tem pouco espaço nesse tipo de mentalidade, mas o tem, e muito, tudo aquilo que, como o direito, a arquitetura, a agricultura, a retórica ou a gramática, faz parte fundamental da vida de um romano (GUERREIRA, 1997, p. 757).[63]

Guerreira e Albrecht lembram que a experiência dos romanos converge, em particular, para as disciplinas tecnológicas, como a agricultura com as obras de Catão, Varrão e Columela, a agrimensura, com os *gromatici*, a arquitetura desenvolvida por Vitrúvio e, entre outras, também a técnica dos aquedutos, com Frontino. Os pesquisadores modernos ressaltam que tais obras são as mais importantes fontes para o nosso conhecimento sobre a Roma Antiga e muitos aspectos culturais e socioeconômicos dessa sociedade que os viu nascer. A mais antiga disciplina em Roma, de acordo com Albrecht, é a jurisprudência (1997, p. 531), e é também a que se desenvolve com maior autonomia dos estudos empreendidos pelos gregos; além do direito, outros assuntos foram alvo de investigação e tiveram desenvolvimento independente em solo italiano: "A retórica e a gramática, apesar de sua estreita relação com as formas gregas de pensamento, deram vida (principalmente a partir de Varrão) a tradições que lhes são próprias com a decidida aplicação de suas categorias à língua latina" (ALBRECHT, 1997, p. 531)[64]. Desta forma, a literatura técnica desenvolveu em Roma conteúdos e disciplinas que atendiam ao interesse daquela civilização e seu tempo e, muito vagarosamente, foi ganhando também autonomia em relação ao legado grego no que se refere à língua.

Ainda que nos autores da literatura científica e técnica da Roma Antiga seja possível notar traços de toda sorte da influência grega, desde a conservação da terminologia em algumas disciplinas até a imitação do modelo de organização dos tratados técnicos, não é possível deixar de sublinhar que os romanos produziram uma literatura rica e criativa, sobretudo pelo privilégio da *utilitas*, em que Roma apropria-se do conhecimento e técnica gregos para desenvolver outros temas, demonstrando, como define Roby (2015, p. 12), uma "autoconsciência considerável" sobre a sua produção que abrangeu uma ampla gama de assuntos científicos e técnicos, destinada a uma grande variedade de leitores.

---

[63] *Cf.* Guerreira (1997, p. 757): *"El sentido de la utilitas [...]es el causante de esta clara diferencia entre los dos hechos literarios: en Roma no encontramos apenas obras especulativas […], aunque, como veremos, algunas excepcionalmente lo sean. Si esto es así, parece innecesario comentar que la filosofía tiene poca cabida en esa mentalidad, pero sí la tiene, y mucha, todo aquello que como el derecho, la arquitectura, la agricultura, la retórica o la gramática, forman parte fundamental de la vida del romano".*

[64] *Cf.* Albrecht (1997, p. 531): *"La retórica y la gramática, a pesar de su estrecha relación con formas griegas de pensamiento, han dado vida (especialmente a partir de Varrón) a tradiciones que les son propias con la decidida aplicación de sus categorías a la lengua latina".*

Os autores didáticos, científicos e técnicos da Roma Antiga representam uma espécie de recepção literária das obras gregas no mundo romano. Esse processo ocorre na literatura técnica de modo semelhante à forma como se dá a recepção de outros gêneros do legado helênico. Segundo Roby (2015, p. 12), os autores técnicos romanos tinham plena consciência da tradição literária científica e técnica que os precedeu, mas isso não os impediu de criar uma literatura técnica genuinamente latina não tanto no que se refere à forma que, de modo geral, refletiu estrutura e organização gregas, mas, principalmente, no que diz respeito ao conteúdo:

> Eles certamente se viram operando em uma paisagem literária já povoada por obras anteriores, mas recriaram-se criativamente com essas obras para construir novos sistemas de conhecimento científico e técnico e novas formas de levar esse conhecimento em forma textual (ROBY, 2015, p. 12)[65].

Roby (2015, p. 12) evidencia que a literatura técnica que se produziu em Roma era, muitas vezes, destinada a um público especializado que dominava o assunto e a terminologia que lhes eram próprios, entretanto, ao utilizar refinadas técnicas linguísticas na composição de suas obras a fim de atingir um público leitor mais amplo, os autores garantiram a sobrevivência de seus textos, de acordo com Roby, uma vez que tais obras não ficavam limitadas a uma circulação restrita. A pesquisadora ressalta ainda que a literatura técnica latina recupera e reformula tópicos desenvolvidos pelos seus precedentes, os gregos e, em muitos casos, na ausência da conservação das obras gregas, que é costume considerar as obras latinas como fontes únicas dos saberes técnicos acerca de determinadas disciplinas, e cita como exemplo o caso de Lucrécio, cuja obra *De rerum Natura* garantiu à posteridade a preservação da filosofia epicurista[66].

---

[65] *Cf.* Roby (2015, p. 12): *"They certainly perceived themselves as operating in a literary landscape already populated by earlier works, but they creatively reengaged with those works to build up new systems of scientific and technical knowledge and new ways of carrying that knowledge in textual form".*

[66] A partir do século I, em Roma, Lucrécio foi o maior divulgador do pensamento de Epicuro de Samos, filósofo grego do período helenístico, já que da monumental obra do filósofo, segundo Moraes (2010, p. 68), possuímos hoje somente suas cartas e aforismos que trazem apenas traços dos princípios filosóficos do epicurismo e representam uma pequena parcela da produção intelectual de Epicuro.

II.1. A influência da língua grega no desenvolvimento da linguagem técnica em Roma

Como já se viu, a literatura técnica de Roma, de acordo com Fögen (2011, p. 455) sempre esteve em débito com seus modelos gregos, tanto no que diz respeito a conceitos e ideias – mesmo que a escolha da temática das obras seja orientada prevalentemente por fatores intrínsecos ao cotidiano romano – quanto no que se refere aos recursos linguísticos empregados para a composição escrita. Para o autor, a civilização romana, de modo geral, sofreu profundo impacto com o contato com a cultura grega, fato evidenciado pela literatura do período não apenas em gêneros literários como o épico, o lírico e o drama, mas também no domínio da escrita técnica.

Com relação à língua, os romanos eram notavelmente modestos no uso de sua língua quando se a compara com a grega, segundo Fögen (2000, p. 179). Na verdade, abundam reconhecimentos da superioridade do grego em relação ao latim na literatura latina. É preciso desconsiderar, nesse momento, o princípio da Linguística moderna de que nenhuma língua é, de fato, "melhor" que outra; entretanto, embora os juízos linguísticos de valor sejam modernamente inaceitáveis, já que a impressão de uma língua ser considerada como mais rica do que outra deve-se a aspectos sociais e não às reais características das duas línguas, muitos classicistas modernos não hesitam em reconhecer a superioridade inerente ao grego frente ao latim.

Fögen, em sua obra *Patrii sermonis egestas: Einstellungen lateinischer Autoren zu ihrer Muttersprache; ein Beitrag zum Sprachbewusstsein in der römischen Antike*, explora as evidências literárias da humildade linguística romana em, principalmente, quatro autores, Lucrécio, Cícero, Quintiliano e Aulo Gélio. Após o exame, o pesquisador conclui que, embora haja evidências anteriores sobre esse senso de inferioridade do romano em relação à sua língua, Lucrécio foi quem estabeleceu o precedente com o conceito de *patrii sermonis egetas*[67]. A formulação do autor de *De rerum natura* sintetiza a escassez de recursos lexicais e semânticos da língua latina, e alude à concepção dominante no período tardio da República Romana de que o latim teria limitadas possibilidades expressivas se comparado ao grego, considerado mais apropriado para a expressão de problemas de natureza filosófica. No que tange à literatura

[67] *De Rerum Natura* 1. 832. Cf. v 831-2: [...] *nec nostra dicere lingua / concedit nobis patrii sermonis egestas* ("e exprimir em nossa língua / não nos permite a indigência do idioma pátrio").

técnica, a "pobreza" do latim (*paupertas,* FÖGEN, p. 179) em relação ao grego é evidenciada, sobretudo, no nível mais propriamente lexical, ainda que a suposta dureza lexical do latim, em oposição a uma certa flexibilidade da língua grega, possa estar relacionada muito mais a um aspecto cultural do que propriamente ao sistema linguístico[68]. Cícero é quem elabora o *topos* do *patrii sermonis egestas* e, em oposição a Lucrécio, estabelece para si, como proeminente prosador, o compromisso de validar o latim como língua literária e filosófica, investindo seus maiores esforços na defesa da língua e em estratégias de tradução[69], alegando o preconceito dos próprios falantes e ressaltando o ineditismo de determinados temas e gêneros no Lácio, para provar que o latim possui a mesma possibilidade de expressar conceitos e ideias que o grego[70], o que, para Fögen (2000, p. 179), também se aplica à literatura técnica.

De fato, a língua latina, como meio para a composição e divulgação de obras de viés científico, didático e/ou técnico conheceu certas limitações. Se por um lado o latim, principalmente durante o seu estabelecimento como língua, abriu espaço para que obras fossem escritas em grego, admitiu termos técnicos já estabelecidos naquela língua, reconhecendo um conhecimento teórico e prático que advém de uma cultura que lhe é anterior e, como afirma Albrecht (1997, p. 34), também superior, mesmo que seja razoável pensar que a ideia de superioridade cultural possa implicar em preconceitos e juízos apressados. Por outro lado, como defende Cícero, ao latim seria dada a possibilidade de encontrar soluções que atendessem às necessidades expressivas, inclusive da linguagem técnica, de acordo com Fögen (2000, p. 180).

---

[68] Como bem observa Trevizam (2018, p. 52), tal discussão não tem relação com uma possível deficiência da língua latina, mas deve-se a um condicionamento das preocupações de cada cultura e, em se tratando de textos técnicos, as dificuldades que se colocam na "passagem", de um idioma a outro, de obras dessa natureza, estão muitas vezes na falta de um referente, "de palavras inseridas em domínios lexicais (como a botânica), ao mesmo tempo, ricos, especializados e idiossincraticamente vinculados a certas línguas, culturas e paisagens" (TREVIZAM, 2018, p. 52)

[69] Acerca das estratégias de tradução, Cícero, em 46 a.C., lança a luz, no *De optimo genere oratorum,* sobre a arte e a tarefa da tradução, ao ponderar sobre sua própria atividade como tradutor de Ésquino e Demóstenes, desvelando questões que constituem ainda hoje grande problema teórico: a tradução é um compromisso com as palavras do texto ou com o pensamento nele contido? *"[23] Quorum ego orationes si, ut spero, ita expressero uirtutibus utens illorum omnibus, id est sententiis et earum figuris et rerum ordine, uerba persequens eatenus, ut ea non abhorreant a more nostro (quae si e Graecis omnia conversa non erunt, tamen ut generis eiusdem sint, elaborauimus), erit regula, ad quam eorum dirigantur orationes qui Attice uolent dicere".*"[23] Se eu tiver expressado o discurso deles, segundo desejo, utilizando-me de suas qualidades todas, –aquelas presentes nos argumentos, seja no tocante às figuras de linguagem, seja na sua concatenação–, e perseguindo até mesmo suas palavras, desde que elas não se distanciassem do nosso uso (se não traduzimos todos os termos do grego, estivemos, contudo, trabalhando intensamente para que fosse mantido o mesmo gênero), haverá aqui um modelo, para se cotejarem os discursos daqueles que quiserem se exprimir ao modo ático" (VIEIRA, 2011, p. 15)

[70] Cícero retrata essa questão de maneira extensiva em seu diálogo-tratado *Acadêmicos.* Nessa obra o orador não somente realiza uma defesa abstrata da expressividade da língua latina, como também são coloca em prática diversas traduções de termos oriundos da filosofia grega.

Aos autores das obras técnicas convém, ainda, considerar o público ao qual são destinados tais textos e respeitar suas necessidades e anseios. De acordo com Albrecht, "o mais original dos latinos deve ter em mente, por outro lado, o princípio da conexão da literatura antiga com a tradição e levar em consideração os leitores próprios e suas expectativas" (1997, p. 37) [71], por isso muitas vezes os autores são impelidos a compor suas obras em latim. Uma vez que a literatura técnica corresponde às obras comprometidas com a transmissão de conhecimentos especializados no âmbito das atividades humanas de forma sistemática, descritiva/normativa e representativa, uma das principais preocupações deverá ser com a clareza e compreensão, como veremos adiante, do público a que são destinadas. Assim, apesar de o grego ter convivido por séculos com o latim e de, no séc. I a.C., grande parte da população letrada ser bilíngue (FÖGEN, 2011, p. 455), os autores técnicos, a fim de garantir o pleno entendimento da matéria apresentada, por vezes privilegiam a composição de suas obras em latim preterindo a língua de maior prestígio.

É necessário, no entanto, fazer uma série de ressalvas. Quando o assunto é literatura técnica, não é possível deixar de lembrar daquela que é a sua principal característica: a diversidade de conteúdos abordados e de formas que assumem os textos didáticos, científicos e técnicos. Esse caráter plural relativiza declarações mais generalizantes. Cada manual ou tratado técnico tem a sua especificidade considerando a natureza do assunto abordado, a disposição do autor e ainda o público a que se dirige. Todos esses aspectos influenciam diretamente nas escolhas de língua e linguagem utilizadas para a composição das obras, de acordo com Fögen (2011, p. 455).

Feitas as devidas considerações, Fögen (2011, p. 455) reconhece que os romanos, povo inundado por uma cultura estrangeira que já havia alcançado o estágio de maturidade, contaram com vários autores que contribuíram para a formação do latim como língua padrão e, em particular, para o seu vocabulário técnico. O maior de todos os exemplos é o próprio Cícero, que desenvolveu uma complexa terminologia latina para as áreas de filosofia e retórica, promovendo a extensão ou expansão da língua seja para maior precisão ou para o alargamento e enriquecimento do seu vocabulário, a fim de elevar o latim ao mesmo patamar do grego, ou mesmo ultrapassá-lo.

---

[71] *Cf.* Albrecht (1997, p. 37): *"También el más original de los latinos debe tener presente, por otra parte, la vinculación por principio de la literatura antigua con la tradición y tomar en consideración a los propios lectores y sus expectativas".*

II.2. Lições de tradução: sobre a transformação do conhecimento do grego ao latim

Fögen (2011, p. 455) chamará de "transformação" toda espécie de latinização de textos de língua estrangeira na Antiguidade, uma vez que, segundo o autor, o termo alcança uma definição mais ampla do que "tradução" que, no sentido moderno, não pode ser aplicado extensivamente aos textos antigos. Para Fögen, relativamente poucas "traduções" de textos gregos podem ser classificadas incondicionalmente como traduções segundo o entendimento moderno do termo, e isso porque, "os limites entre a tradução literal, uma versão mais livre, paráfrase (relato), adaptação, emulação criativa, epítome e compilação eram turvos na Antiguidade (2011, p. 455)[72]. Visto que a tradução – ou "transformação" – das obras técnicas gregas em Roma não é o enfoque do presente trabalho, o assunto será apresentado apenas de modo sucinto a fim de auxiliar o desenvolvimento da análise empreendida adiante.

Enquanto Fögen se ocupa em definir o movimento que existe da produção literária grega para a latina (de *transformação*, como indica o pesquisador), Albrecht, por sua vez, cuida de historiar as condições para o desenvolvimento da literatura em Roma e o processo de *recepção* e *transposição*, como ele designa, do legado grego em território italiano. O autor avalia que, "no período mais antigo predomina a reelaboração livre, que transporta material estrangeiro para o horizonte linguístico próprio; ainda não se pode falar em verdadeira 'tradução'". Em vários gêneros, uma reprodução mais rigorosa, um domínio mais cuidadoso da forma, uma penetração mais profunda do pensamento é lentamente alcançada" (ALBRECHT, 1997, p.35)[73], mas somente a partir do final do período augustano em diante a produção literária romana é colocada em primeiro plano, com os autores vigorosamente comprometidos com a tradição e idioma nacionais. O contato com o universo cultural grego continua exercendo fundamental importância e a cultura segue sendo bilíngue, entretanto, precisamente no momento em que o conhecimento da língua grega começa a diminuir, intensifica-se a literatura de tradução, com um nível de exigência cada vez maior pela exatidão: "com o retroceder do bilinguismo, faz-se necessário não somente imitar, mas substituir o original" (ibid., p. 36)[74].

---

[72] *Cf.* Fögen (2011, p. 455): *"The boundaries between literal translation, freer rendering, paraphrase (report), adaptation, creative emulation, epitome and compilation were blurred in antiquity".*

[73] *Cf.* Albrecht (1997, p. 35): *"[...] en el periodo más antiguo domina la reelaboración libre, que transporta material extranjero al horizonte lingüístico propio, no se puede hablar todavía de verdadera "traducción" En diversos géneros se llega lentamente a una reproducción más rigurosa, a un dominio más cuidado de la forma, a una penetración más profunda del pensamiento".*

[74] *Cf.* Albrecht (1997, p. 36): *"con el retroceder del bilingüismo se hace necesario no sólo imitar, sino sustituir el original".*

No que concerne aos textos técnicos, o processo de latinização voltava-se para a adequação dos termos técnicos e das especificidades morfossintáticas da língua de origem, como analisa Fögen:

> A luta pela precisão terminológica na transformação dos textos técnicos gregos para o latim é vividamente documentada pelo fato de que, nos textos técnicos latinos, os termos gregos frequentemente ocorrem em conjunto com equivalente latino, que deveria servir como sua tradução – especialmente quando o equivalente latino pensado pelo tradutor ainda não fora suficientemente estabelecido como termo fixo (FÖGEN, 2011, p. 460)[75].

Ou seja, em muitos casos, o autor de texto técnico na Roma Antiga teria considerado insuficiente empregar apenas o termo equivalente latino e, a fim de assegurar a íntegra compreensão por parte do leitor, incluiu também em seu texto o termo correspondente grego. Fögen observa ainda que "tais considerações não implicavam o mesmo significado para a latinização da poesia e da prosa literária artística" (2011, p. 461)[76], uma vez que, para o pesquisador, sua transformação não exigia o mesmo grau de precisão semântica.

Os autores envolvidos com as transformações do legado técnico grego para a língua latina não apenas estavam conscientes da complexidade de sua tarefa, como também suas obras, muitas vezes, traziam ponderações acerca do processo de latinização e da dificuldade existente em transpor ambos os níveis, lexical e morfossintático, da língua de origem para a língua-alvo, não obstante a ausência de correspondentes latinos diretos para determinados elementos do grego, a especificidade dos textos didáticos, científicos e técnicos e da terminologia de cada disciplina e suas idiossincrasias (DALZELL, 1996, p. 75). Para Fögen, tais questões reclamam soluções que apontam para dois caminhos:

> Ou os problemas que surgiram a partir disso foram resolvidos através da implementação de técnicas alternativas, que geraram um equivalente adequado em termos práticos à entidade de língua estrangeira em questão, ou as dificuldades da transformação foram lamentadas com referência à

[75] *Cf*. Fögen (2011, p. 460): *"The struggle for terminological accuracy in the transformation of Greek technical texts into Latin is vividly documented by the fact that in Latin technical texts Greek terms frequently occur together with their Latin equivalent, which is supposed to serve as their translation – especially when the Latin equivalent was thought by the translator to have not yet been sufficiently established as a fixed term".*

[76] *Cf*. Fögen (2011, p. 461): *"Such considerations did not carry the same significance for the Latinisation of artistic literary prose and poetry".*

> "pobreza" quase insuperável da língua latina: o estereótipo de *patrii sermonis egestas*. (FÖGEN, 2011, p. 461)[77].

O *De rerum natura* de Lucrécio expressa, ao menos em três momentos distintos, a insatisfação do poeta com a "pobreza" da sua língua materna. O poeta não explicita, no entanto, a natureza dessa *egestas* ("pobreza, carência, indigência"), se corresponde à ausência de vocábulos e de precisão semântica, ou questões relativas à morfologia e/ou sintaxe da língua. Além de Lucrécio, também para Sêneca, nas *Epistulae Morales ad Lucilium* [78], o latim não somente é incapaz de reproduzir certas particularidades do grego como também lhe faltam numerosos equivalentes para termos e conceitos expressos na língua de Homero. Essa falta, no entanto, estaria destinada a ser atenuada por Cícero.

Cícero emprega métodos diferentes para a transposição de termos gregos para o latim, em especial devido ao fato de praticamente não existir a possibilidade de encontrar um equivalente latino para cada termo grego especializado, ou seja, sem estabelecer uma relação do tipo *mot-à-mot* (a chamada "tradução literal"). O arpinate muitas vezes emprega o termo grego acompanhado de várias palavras latinas que contribuem para compreensão de seu significado; outras vezes usa o termo grego original, tomando como pressuposto que ele já estaria estabelecido no latim, de forma a garantir a compreensão do leitor; em outros casos, ao traduzir, enumera uma série de alternativas latinas para um mesmo termo em grego ou ainda oferece à palavra grega uma explicação de seu significado em latim. No *De optimo genere oratorum*, Cícero pondera acerca da estilística retórica, e também demonstra suas ideias acerca da arte tradutória, no excerto a seguir, comenta suas traduções para o latim dos textos de Ésquino e Demóstenes, pró e contra Ctesifão respectivamente:

> Traduzi, então, dos áticos dois discursos notáveis e contrários entre si, um de Ésquino, outro de Demóstenes, autores dos mais eloquentes. E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las (VIEIRA; ZOPPI, 2011, p. 11)[79].

---

[77] *Cf.* Fögen (2011, p. 461): *"Either the problems which thereby arose were solved by implementing alternative techniques that generated a pragmatically suitable equivalent to the foreign-language entity concerned, or the difficulties of the transformation were bemoaned with reference to the almost insurmountable "poverty" of the Latin language, the stereotype of patrii sermonis egestas".*

[78] Sen. *Ep.* 58

[79] *Cf.* Vieira e Zoppi (2011a, p. 11): *"Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilíssimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec conuerti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum*

Os tradutores de Cícero, Vieira e Zoppi, destacam que as traduções ciceronianas dos textos pró e contra Ctesifão de Ésquino e Demóstenes "lamentabilissimamente, se perderam no tempo. Em absoluto" (2011a, p. 4), entretanto, felizmente seu "rico prefácio chegou a nós" (2011a, p. 4), nele ficou eternizada sua concepção sobre a arte da tradução e, como registram Vieira e Zoppi "suas sentenças acerca do seu procedimento tradutório tornaram-se emblemáticas" (2011a, p. 4).

Quando se fala sobre tradução na Antiguidade, Cícero é um dos escritores romanos mais lembrados ao longo dos séculos por sua defesa à tradução livre, embora ele não tenha sido um preceptista, propriamente dito, da tradução. Os poucos registros de reflexões sobre a prática da tradução, segundo Furlan "não foram escritos com o propósito de investigar o tema em si ou de oferecer preceitos sobre a melhor maneira de traduzir, mas que se encontram de forma quase casual em textos que tratam de outras questões" (2003, p. 25), na Antiguidade Clássica. Os parcos testemunhos dos antigos permitem identificar uma teoria da tradução em estágio embrionário no mundo antigo. A coexistência das línguas grega e latina que caracterizavam o bilinguismo da sociedade romana e a concepção da tradução como produção literária conferiram características únicas ao gênenro:

> o leitor romano podia considerar a tradução um metatexto em relação com o original, e o tradutor romano, que era julgado por sua habilidade em usar criativamente seu modelo, podia conceber a tarefa da tradução como exercício de estilística comparada (FURLAN, 2003, p. 25)

Nesse sentido, a produção literária grega não apenas serve como modelo aos romanos, como também a língua grega permanece, assim sustenta Fögen, como um importante meio de comunicação. Entretanto, no que diz respeito à literatura técnica, certas disciplinas especializadas demandam inovações linguísticas que completem as lacunas lexicais.

> Em um nível mais geral, pode-se argumentar que a criação de uma "literatura nacional" (um termo que reconhecidamente não se poderia aplicar aos romanos sem hesitação) toma como certa a habilidade dos autores de contar com um repertório linguístico adequado. Onde faltam esses recursos, lá há lacunas que devem ser preenchidas por inovações linguísticas; tais são os casos decisivos que obrigam os criadores de literatura a demonstrar sua arte,

---

formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui. Non enim ea me annumerare lectori putaui oportere, sed tamquam appendere" (CÍCERO, *De opt. gen. or.* [14]).

> maximizando a complexidade e a variação dentro da sua língua nativa (FÖGEN, 2011, p. 455)[80].

Do mesmo modo como é possível reconhecer o grande impacto da terminologia grega na literatura técnica em latim, o que se produziu em Roma e a terminologia técnica pelos romanos desenvolvida atuaram fortemente sobre os modos de comunicação especializada posterior, como afirma Fögen:

> Os elementos do latim (e também do grego antigo) foram explorados na formação de linguagens técnicas muito depois da Antiguidade Clássica e, não é exagero sustentar que eles ainda desempenham um papel importante nas línguas técnicas modernas e, sem dúvida, o farão ainda por um longo tempo (FÖGEN, 2011, p. 461)[81].

A preservação do vocabulário é um dos aspectos da literatura técnica que será analisado cuidadosamente nos próximos capítulos, no entanto, é possível adiantar que a manutenção de determinados aspectos como a terminologia técnica, por exemplo, é de fundamental importância para assegurar a transmissão dos conhecimentos veiculados nos textos que os abrigam. Muitas disciplinas mantêm vivos, ainda hoje, traços do vocabulário técnico que foi instituído pela Antiguidade Clássica.

Por fim, acerca da transformação, ou transposição, dos escritos técnicos gregos, é preciso refletir ainda sobre as questões relativas ao processo de transmissão da própria literatura técnica antiga que, segundo Cartelli, era um processo "não protegido, que permitia a qualquer um sentir-se no direito de mudar, acrescentar, suprimir, alterar ou adaptar o texto" (1997, p. 796)[82]. Desta forma, qualquer estudo que lance luz sobre a literatura técnica da Antiguidade Clássica, não poderá, simplesmente, desconsiderar que todo o grande volume de textos técnicos de que dispomos hoje sofreu inúmeros processos de transformação ao longo da história. Esses processos influenciaram diretamente a forma com que foram recebidos pela modernidade.

---

[80] *Cf*. Fögen (2011, p. 455): *"On a more general level, it may be argued that the creation of a "national literature" (a term which, admittedly, one might hesitate to apply to the Romans) takes for granted the ability of authors to rely upon a suitable linguistic repertoire. Where these resources are lacking, there exist lacunae that must be filled by linguistic innovations; these are the decisive cases that compel creators of literature to demonstrate their artistry by maximising the complexity and variation within their native language".*

[81] *Cf*. Fögen (2011, p. 461): *"Elements of Latin (and also of Ancient Greek) have been exploited for the formation of technical languages long after Classical Antiquity, and it is no exaggeration to maintain that they still play a major role in modern technical languages and will undoubtedly do so for a long time to come".*

[82] *Cf*. Cartelle (1997, p. 796): *"[...] no protegido que permitía a cualquiera sentirse con derecho a cambiar, añadir, suprimir, alterar o adaptar el texto".*

II.3. A prosa técnica gramatical da Roma Antiga: as Artes Grammaticae

II.3.1. Da origem da gramática e do ensino gramatical

A linguagem é responsável por mediar as nossas relações com os outros, permeia os nossos pensamentos e decerto está presente em toda parte. A Linguística, ciência que se dedica a estudá-la, estruturou-se como área do conhecimento independente e autônoma em meados do séc. XIX, entretanto, as investigações a seu respeito vêm de muito antes.

É fato que as sociedades primitivas não desenvolveram estudos acerca da linguagem, foi preciso que elas se tornassem mais complexas para que surgissem condições favoráveis para esse tipo de pesquisa. A invenção da escrita foi o primeiro grande passo que propiciou à humanidade a percepção dos diferentes fenômenos linguísticos (AUROUX, 1992, p. 18), e a racionalidade do homem o levou a pensar não apenas o mundo que o cerca, mas também a própria linguagem, como observa Neves:

> O homem, porém, não falou sempre só das outras coisas, ele também falou de sua própria fala; a linguagem, como coisa entre as coisas, também é objeto natural da linguagem. E o que move essa linguagem da linguagem? Diríamos que, em primeiro lugar, é exatamente a racionalidade do homem. Nessa ponta inicial, o homem fala da linguagem porque reflete, e reflete sobre suas próprias faculdades e atividades, sobre seus dons e seu desempenho. E, refletindo, ele fala, porque sua racionalidade inclui a capacidade de organização linguística de *toda* a massa do significado (NEVES, 2002, p. 18).

Todos os sujeitos falantes são dotados de conhecimentos semi-implícitos, não-refletidos, isto é, um conhecimento espontâneo de certas características de sua língua que torna possível a comunicação dentro de uma mesma comunidade linguística. Tais noções são denominadas saberes epilinguísticos e adquiridas simultaneamente com a própria língua materna (AUROUX, 1992, p. 16; COLOMBAT, 2017, p. 18). É devido à racionalidade do homem, pondera Neves (2002, p. 18), que ele é capaz de transformar esse saber 'prático', que advém do uso imediato da língua para a comunicação, em "conhecimentos objetivados, elaborados, organizados" (COLOMBAT, 2017, p. 18), ou seja, de transformar o saber *epi-* em *meta-linguístico.* Neves qualifica esse processo como uma "linguagem de segunda instância", "a linguagem sobre a linguagem" (2002, p. 18), que assiste à"gramatização das línguas" (AUROUX, 1992, p. 36): "o fato de equipar as línguas de instrumentos que são as gramáticas, os dicionários" (COLOMBAT, 2017, p. 18), compreendendo, pois, a "gramática como um construto que coloca a linguagem como objeto teórico" (NEVES, 2002, p. 18), considerando

ainda que os conceitos de “gramática” e do “saber gramatical”, “produzido no âmbito do discurso metalinguístico antigo, abarcava noções hoje pertinentes aos estudos sobre as línguas e sobre as literaturas, além de também possuir uma forte relação com o ensino” (FORTES, 2012, p. 52).

Auroux ressalta que os antigos não elaboraram intencionalmente a “gramática – um corpo de regras explicando como construir palavras, mesmo que de forma implícita de paradigmas – para aprender a falar” (AUROUX, 1992, p. 25), especialmente porque, “espontaneamente, aprendemos a falar nossa língua quotidiana, falando” (ibid.). Colombat também chama a atenção para esse assunto dando um passo adiante: “por que elaborar laboriosamente as regras que o espírito utiliza espontaneamente de maneira quase perfeita desde a idade de 3 ou 4 anos?” (COLOMBAT, 2017, p. 106). No bojo dessas questões encontra-se ainda outra levantada por Colombat: “as regras da gramática, por mais sofisticadas que sejam, não chegarão nunca a dar conta totalmente do funcionamento de uma língua” (2017, p. 106), questão a que Auroux chamou de “subdeterminação da disciplina gramatical” (1992, p. 25).

Embora cada sujeito falante tenha internalizado, desde cedo, conhecimentos linguísticos necessários para a expressão e compreensão em sua língua, tornando o áspero conhecimento da gramática “desnecessário”, ainda mais se se considerar que a gramática de uma língua, como sistematização normativa, não cobre todas as suas articulações possíveis, Auroux defende que, no que diz respeito à escrita, é necessária uma aprendizagem “especial” e, por isso, ela desempenha papel fundamental no desenvolvimento dos saberes linguísticos:

> Espontaneamente, aprendemos a falar nossa língua cotidiana, falando. Mas há uma coisa que parece segura: desde que exista um sistema de escrita, para utilizá-lo é preciso aprendê-lo de modo especial. Contrariamente à competência linguística [natural], é um sistema já completamente formado que é transmitido (AUROUX, 1992, p. 25).

Hoje a gramática é, primordialmente, uma técnica escolar reservada ao processo de ensino-aprendizagem da língua materna, ou de uma língua estrangeira, entretanto, não se podem perder de vista as primeiras considerações acerca da linguagem produzidas pela Antiguidade Clássica. Se, inicialmente, a gramática buscava investigar o mecanismo interno da língua, estabelecendo o sistema de regras que conduz à produção de sentido, não tardou para que se sobrepusesse a essa gramática um caráter descritivo-normativo de determinados usos da língua. A esse respeito, Neves avalia que, “em ambos os casos, a gramática se ligou à filologia” (NEVES, 2002, p. 19).

As primeiras conquistas das investigações da linguagem, desde aquelas realizadas por Platão até os estoicos de Pérgamo, das empreendidas por Aristóteles até os pesquisadores de Alexandria, são de conhecimento comum. Essas concepções iniciais acerca da linguagem, que foram postuladas pelos filósofos da Antiguidade Clássica, antes do nascimento da Linguística no séc. XIX – quando "linguística" significava apenas "estudos sobre a linguagem" (por isso o uso das aspas) e ainda não a Linguística que designa a "ciência da linguagem" – pertenciam ao campo da filologia desde a Biblioteca de Alexandria, onde, aliás, nasceu essa disciplina, e tinham o objetivo de explicar e preservar os textos, em especial, os poéticos.

A origem da gramática e do ensino gramatical, adverte Auroux, não pode estar, evidentemente, associada a um marco inicial determinado por um acontecimento único, mas é, na verdade, "um processo que podemos delimitar num intervalo temporal aberto, às vezes consideravelmente longo" (1992, p. 25), sendo, pois, o resultado de uma série de eventos confluentes.

A gênese da gramática está atrelada à aprendizagem da leitura. Ao professor de gramática compete o ensino da leitura e da escrita desde o reconhecimento dos caracteres (*grámmata*), sua combinação em unidades maiores para a formação de sílabas, palavras (*onómata*) e enunciados. Platão, quando fala sobre a gramática, no *Sofista* (253a), evoca justamente essa especialidade: a "técnica" capaz de analisar a constituição do enunciado, que, por exemplo, permite e regula a correta combinação das vogais com as demais letras, as quais devem estar em harmonia umas com as outras.

O processo de aprendizagem da leitura e da escrita iniciava-se pelos elementos mais simples e rumava em direção aos mais complexos até alcançar a compreensão textual. Os textos sobre os quais se assentava o ensino antigo, desde o seu início, eram os textos dos prosadores e dos poetas, em especial, os textos homéricos. Marrou analisa que o estudo do programa completo certamente exigia vários anos; o ensino tinha início com as lições mais elementares, o conhecimento do alfabeto, das sílabas e caminhava em direção à leitura e compreensão de uma antologia de textos poéticos de considerável grau de dificuldade (MARROU, 1969, p. 243). O pesquisador acrescenta que talvez ficássemos admirados "com esta pedagogia singular, que expunha tão depressa a criança diante de dificuldades que deviam ser demorosas de superar" (1969, p. 241).

O estudo dos textos “clássicos” era a base do ensino antigo de grego, desde a instrução primária, e acentuava-se nos programas escolares do grau secundário. Na verdade, o ensino elementar era amplo, e tinha como principal objetivo promover o acesso a esses textos basilares para a cultura da época (MARROU, 1969, pp. 240-253; BARATIN, 1989, pp. 148-150; 1994, pp. 100-145; AUROUX, 1992, pp. 10-30; DESBORDES, 1995, pp. 10-50; CANTÓ, 1997, p. 742-743; FORTES, 2012, pp. 51-62; COLOMBAT, 2017, pp. 85-103). A civilização helenística manteve-se fiel à tradição clássica, assim, nesse período, a educação buscou a valorização e a transmissão do patrimônio literário representado pelas obras primas, e o sistema educacional de então exerceu papel fundamental para cumprir esse desafio:

> Quando uma civilização passa por um desenvolvimento homogêneo e prolongado, a contribuição das sucessivas gerações não cessa de enriquecer o tesouro de sua cultura: esta, cada vez mais complexa, mais difícil de assimilar, exige um desenvolvimento paralelo dos programas de ensino (MARROU, 1969, p. 251).

Desta forma, Marrou propõe haver uma relação direta entre o desenvolvimento de uma civilização e os programas de ensino. Essa associação passa pela formação, lenta e gradual, do patrimônio cultural de um povo no decorrer de sua história e pela tradição escolar capaz de consagrar os seus “clássicos”, o “cânone”, elaborando longas listas de autores e obras a serem estudados e reproduzidos pelos gramáticos nas *Artes*.

Assim como o ensino, as bibliotecas desempenharam papel fundamental para a construção e preservação do patrimônio cultural da Antiguidade Clássica. Ptolomeu I foi quem construiu, no início do séc. III a.C., um dos maiores monumentos às artes e às ciências do mundo antigo: certamente uma das mais célebres bibliotecas da história e um dos maiores centros do saber da Antiguidade, a Biblioteca de Alexandria estava situada na região portuária da cidade homônima, no Egito, e refletia em si mesma o ideal de preservação e propagação da cultura no período helenístico. Com a estabilização do mundo grego após as grandes conquistas de Alexandre e as guerras que decorrem da sua morte, seu sucessor – como ele, também discípulo de Aristóteles – dá continuidade à missão de expansão e difusão do saber grego clássico para o Oriente por meio da criação da Biblioteca de Alexandria e de diversas escolas sediadas em seu entorno, além de museus e coleções permanentes de obras (MARROU, 1969, p. 153).

A criação da Biblioteca de Alexandria surge no bojo de um movimento de expansão da cultura grega, cujos principais divulgadores foram os macedônios. A educação helenística, que

se afirma e se desenvolve enquanto instituição no período pós-alexandrino, expande-se em dupla direção: permanecerá em voga em todo o território mediterrâneo e não apenas durante toda a era propriamente helenística, mas também por todo o período posterior, já romano ou romanizado (MARROU, 1969, p. 154). Esse novo centro que fomenta a cultura e propicia as atividades intelectuais atrai diversas figuras eminentes de todo o mundo antigo, dentre sábios e filósofos, e também reúne um número espantoso de manuscritos produzidos em todas as línguas. E ainda, de acordo com Kristeva:

> Alexandria, centro de livros e de decifração de textos antigos, assistiu ao desenvolvimento de uma verdadeira *gramática* como estudo especializado, diretamente orientado para a linguagem enquanto objeto organizado em si, rompendo todas as pontes que a ligavam à filosofia e à lógica (KRISTEVA, 1969, p. 138).

Sobre a compilação de documentos, Baratin (1994, p. 145) faz atentar para o cuidado que tiveram os bibliotecários na composição do acervo da Biblioteca, procurando atestar sempre as diferentes tradições dos mesmos textos lá reunidos. O volume considerável de obras, entre 700 mil e um milhão de papiros (não há consenso entre os pesquisadores), torna-se ainda mais notável se forem examinadas as técnicas de reprodução dos exemplares e, ainda, seu peso e dimensão: estimando o tamanho dos rolos de papiro, significativamente maior em relação ao dos livros de hoje, pode-se imaginar a magnitude do edifício da Biblioteca que abrigava todo esse patrimônio (MARROU, 1969, p. 255).

Esse imenso conjunto de obras fez nascer uma série de atividades ao seu redor que povoou Alexandria de estudiosos e entusiastas dos "estudos da linguagem", e proporcionou prodigioso desenvolvimento da ciência filológica (MARROU, 1969, p. 257; CANFORA, 1996, p. 23).Tais práticas tinham como principal objetivo tornar acessíveis a esse público o maior número de documentos possível, assim, dentre as principais atividades, estavam a classificação e tradução dos manuscritos, – essencial, visto que grande parte dos textos foi necessariamente composta em diferentes lugares e épocas – o estabelecimento das obras, a composição de listas para o conhecimento das palavras antigas e dos dialetos, a elaboração de comentários sobre os autores e sobre as próprias obras, comentários estilísticos e o desenvolvimento de métodos de edição; esse foi o trabalho específico dos filólogos alexandrinos (BARATIN, 1994, p. 142). Muitas vezes sob a forma de monografias, os documentos que reúnem todas essas informações, como destaca Colombat, "constituem verdadeiros instrumentos próprios para tornar possível, ou mais fácil, a leitura" (2017, p. 90):

> O fato de reunir e conservar uma grande massa de textos, necessariamente composta em tempos e lugares diferentes, implica, para que seja mantida a possibilidade de lê-os, o desenvolvimento de uma *filologia*, a disciplina que tem por objeto o conhecimento das suas particularidades gráficas e linguísticas. Isso produziu, por seu turno, instrumentos técnicos com os quais o leitor pode se equipar (COLOMBAT, 2017, p. 90).

As primeiras gramáticas datam desse período que foi marcado por grandes transformações sociais e pela crescente influência de outros povos e culturas, um resultado da expansão territorial promovida por Alexandre que deflagrou uma grande crise política no império. Essa crise contaminou a cultura do período helenístico (COLOMBAT, 2017, p. 90), que se diferencia substancialmente da época imediatamente anterior, o Período Clássico, entre aproximadamente 500 a.C a 338 d C, em âmbitos distintos da sociedade: na organização política e social, na cultura e mesmo no modo de vida."

Nesse contexto de mudanças substanciais, a gramática surge como um desses instrumentos técnicos (*téchnai*), conforme propõe Colombat (2017, p. 90). Juntamente com a disciplina gramatical a partir do séc. III a.C., a gramática tem como suas principais funções preservar o patrimônio literário grego e possibilitar a leitura de textos, para servir à interpretação e à crítica, principalmente dos poetas (NEVES, 2002, p. 49).

A gramática surgiu durante o helenismo, e já logo a partir do seu surgimento consegue fixar uma forma para essas artes, como "sucintos manuais que reuniam, de forma concisa, conhecimentos linguísticos mais ou menos elementares" (COLOMBAT, 2017, p. 91) e, além da formulação desses conhecimentos gerais, passou a estabelecer regras, isto é, a organizar a diversidade e normatizar os usos da língua. Desta forma, Colombat ressalta que, à época, a elaboração dessas obras técnicas gramaticais passou por decisivas mudanças: "passou de uma concepção da gramática como simples conhecimento em matéria de texto, para uma concepção da gramática como ciência da linguagem"[83] (2017, p. 91), note-se ainda que tais mudanças ocorreram no espaço de algumas das décadas iniciais do Helenismo, quando se deu a elaboração das *tecknai*.

[83] Mesmo que sem grande ênfase, é necessário acrescentar a essa discussão o esclarecimento de que a expressão empregada por Colombat, "ciência da linguagem", parece "antecipar" a ideia da Linguística enquanto ciência autônoma, de base saussureana do séc. XX, entretanto, o que os gramáticos antigos faziam, isto é, o trabalho gramatical que teve início em Alexandria, não era de forma alguma correspondente às preocupações, objetivos e metodologias da linguística moderna. O estudo da linguagem, dessa forma, constituía domínio da Filosofia, que se propunha distinguir elementos da linguagem segundo critérios lógicos.

É privilegiando o exame das grandes obras do passado que se pretendia salvaguardar o patrimônio cultural helênico das influências externas cada vez mais presentes na civilização grega durante o período helenístico (MARROU, 1969, pp. 150-159 ; NEVES, 2002, pp. 20-52; FORTES, 2015, pp. 7-8), a partir dos "padrões que contrastam com os da linguagem corrente, contaminada de barbarismos" , como demonstra Neves (2002, p. 49), a "norma" vinha, pois, dos padrões da linguagem de obras consideradas excelentes, não corrompidas. À gramática cabia, dessa forma, descrever e prescrever a língua modelar a ser preservada, aquela dos textos literários.

Todo o esforço para a preservação dos textos literários está diretamente relacionado ao fato de a educação estar no centro da civilização helenística, com o conceito de *Paideia*:

> παιδεία vem a significar cultura, entendida não no sentido ativo, preparatório, de educação, mas no sentido perfectivo que a palavra tem hoje entre nós: o estado de um espírito plenamente desenvolvido, tendo desabrochado todas as suas virtualidades, o do homem tornado verdadeiramente homem (MARROU, 1969, p. 158-9).

para o homem helenístico, a existência humana somente se justifica se atingir a sua forma mais rica e mais perfeita. Esse ideal humano só pode ser alcançado por meio da educação, não apenas como a técnica que prepara a criança para o universo adulto, mas também como resultado do esforço para uma formação que perdura por anos e extrapola a idade escolar, a *paideia* é, pois, construída ao longo de toda uma vida (MARROU, 1969, p. 158). Daí que, para traduzir o termo Paideia, é possível empregar termos como "civilização", "tradição", "literatura" ou "educação", entretanto, nenhum deles corresponde exatamente ao que os Gregos entendiam por *paideia*, pois cada um deles expressa um aspecto somente de um conceito que engloba a todos de uma só vez (MARROU, 1969, p. 159).

A *Paideia* correspondia, então, a toda a formação educacional e cultural helenística e estava baseada no cânone literário. Assim, quando o helenismo incorpora elementos de origem estrangeira – quando o domínio da língua grega começa a tornar-se limitado e o acesso aos textos essenciais formadores restringe-se a uma pequena parcela da população, seja porque são estrangeiros que, a princípio, sem muito domínio, apropriam-se da língua grega, o que caracterizaria um distanciamento étnico-cultural, como define Marrou (1969, p. 160), ou seja em se tratando do contato dos próprios gregos dessa época tardia com o córpus de autores que eles ainda liam, configurando assim um distanciamento temporal,– nesse momento se faz necessário reafirmar os ideais que ajudaram a edificar aquele império e que estavam presentes,

sobretudo, na literatura. A gramática e a disciplina gramatical desempenharam papel crucial durante esse processo, e o gramático era, de certa maneira, antes de tudo um "guardião da língua e da cultura" (KASTER, 1986; FORTES, 2012).

Baratin (1989; 1994) e Desbordes (1995) destacam algumas alterações substanciais no desenvolvimento da gramática e da disciplina gramatical na virada do séc. II a. C. até o princípio do séc. I a. C. Os autores consideram esse intervalo um período de transição, quando a gramática deixa de ser compreendida como competência em matéria de textos para, gradativamente, corresponder ao sistema da língua, de forma tal que o seu assunto deixa de ser os textos, isto é, o discurso, para tratar da própria língua como matéria:

> Diante das observações acumuladas pelos filólogos alexandrinos, surgiu de fato nessa época a ideia de desenvolver regras gerais, independentes dos empregos particulares desse ou daquele autor, mas que podiam, eventualmente, explicar ou justificar esses empregos particulares (BARATIN, 1994, p. 147)[84].

No cerne dessa mudança de concepção está, segundo Desbordes, o estudo das qualidades do discurso; uma delas em particular, a correção, ganha especial relevo por se tratar de uma preocupação do ponto de vista normativo de extrema importância para esses estudiosos antigos; aspecto que, em contrapartida, tem pouca relevância para a "ciência da linguagem" moderna. Baratin constata que a correção independe de fatores como conteúdo, intenção ou mesmo as circunstâncias de emissão do discurso, mas apoia-se mais no estabelecimento de regras e essa é "uma questão de língua, não de discurso" (BARATIN, 1994, p. 148). A gramática assume, então, o objetivo de sistematizar os problemas de correção, como define Baratin:

> Essa disciplina específica teve como objetivo revelar as propriedades comuns e invariáveis da língua, em uma palavra, seus aspectos sistemáticos. Este é todo o sentido da concepção da gramática como *tekhnè*, como *système*, tal como ela aparece na virada dos séculos I e II antes da nossa era (BARATIN, 1994, p. 149)[85].

---

[84] *Cf*. Baratin (1994, p. 147): *"Face aux observations accumulées par les philologues alexandrins, l'idée s'est en effet dégagée à cette époque de mettre au point des régles générales, indépendantes des emplois particuliers à tel ou tel auteur, mais qui pouvaient, éventuellement, expliquer ou justifier ces emplois particuliers".*

[85] *Cf*. Baratin (1994, p. 147): *"Cette discipline spécifique a eu pour objet de mettre au jour les propriétés communes et invariables de la langue, en un mot ses aspects systématiques. C'est tout le sens de la conception de la grammaire comme tekhnè , comme système, telle qu'elle apparaît au tournant des 2^e^. - 1^er^. siècles avant notre ére".*

Para tanto, a gramática analisa a língua a partir dos seus elementos constituintes, desde os mais simples – letras, sílabas, palavras – até a formação de enunciados e suas variações formais

Já na outra ponta do nascimento dos estudos gramaticais na Antiguidade Clássica, estão as discussões sobre a *analogia* e a *anomalia*[86], que caracterizam os dois centros da cultura helenística: de um lado, os analogistas de Alexandria, que eram filólogos e críticos; de outro lado, os filósofos estoicos, anomalistas de Pérgamo. À época helenística, o estoicismo ocupou-se da continuidade dos estudos empreendidos por Aristóteles, mas foi também original em alguns aspectos da filosofia e da retórica, o que acabou por conferir à "linguística" um lugar de destaque dentro da ciência da filosofia. Contemporâneos aos estoicos são os alexandrinos que fizeram da linguagem objeto de estudos literários.

[86] A discussão sobre a relação analogia e anomalia é levantada por Aristóteles, que defende a linguagem como resultado de convenção ou acordo, favorecendo a perspectiva da anomalia, em detrimento da analogia. Aristóteles levanta, ainda, uma primeira discussão que já remete à distinção entre fala e escrita, ao distinguir a forma escrita (letra) do som, reconhecendo que existe o som, que diz respeito à fala, existe a letra e existe o nome da letra. Com relação aos nomes, os estoicos, depois de Platão, dão uma contribuição muito grande aos estudos etimológicos. Interessados no estudo dos sons, separam a gramática, a fonética e a etimologia. Definem conceitos na literatura e distinguem classes de palavras e categorias gramaticais. Os alexandrinos, por sua vez, desenvolveram suas discussões sobre a linguagem concentrando seu interesse nos estudos da escrita, particularmente da retórica. As diferentes formas de estruturar uma frase, a preferência pela redondilha e a atenção com o acento caindo sempre na última sílaba vieram a constituir uma técnica no ensino da gramática nas escolas. O conhecimento sistematizado sobre a língua da gramática de Dionário da Trácia, baseado naquele desenvolvido por Aristóteles e pelos estoicos, levam-no à descrição de uma gramática em função de uma concepção normativa da linguagem. Identifica a gramática como conhecimento, relativamente independente da lógica, até então base de estudo da língua. Separa a sintaxe da morfologia, estuda as categorias gramaticais de nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção, inicialmente identificadas por Aristóteles na identificação do logos, de *onoma* e *rhema* e, depois, as partes que compõem cada um deles. A gramática de Dionísio da Trácia foi adaptada ao latim, sendo, posteriormente, a gramática que constituiu o modelo de descrição gramatical das línguas originadas do latim, assumindo suas formas e categorias já inspiradas na gramática do grego. A primeira gramática latina escrita por um falante nativo, no entanto, foi a de Varrão que desenvolve sua gramática abordando questões de morfologia, etimologia e sintaxe (ROBINS, 1976). A principal contribuição de Varrão para a História da Lingüística é a discussão acerca da analogia e da anomalia. O autor dedica três livros da sua obra *De Língua Latina* a combater os argumentos dos analogistas e dos anomalistas e a procurar uma solução conciliatória para a querela. Os estudos da antiguidade clássica comprovam a necessidade de um aprofundamento no conhecimento de conceitos e descrição da linguagem desde sua origem. Ali, vão estar presentes os elementos que, mais tarde, deram origem ao que conhecemos hoje como ciência linguística. Podemos dizer que, naquele momento, surgia uma protociência linguística, que, mais tarde, vai fornecer as bases para os estudos do final do séc. XIX, quando as ciências humanas foram desligando-se da filosofia, tornando-se ciências autônomas. É possível, assim, que esses dois modos de enxergar a linguagem tenham, de alguma forma, impactado na elaboração d'*Os quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical*, principalmente no que diz respeito ao trabalho com e descrição dos metros latinos. Há na obra elementos desses paradigmas linguísticos ou pré-linguísticos e da sistematização da apresentação do conteúdo que parecem refletir os modos da analogia. O assunto, no entanto, requer investigações que estão em sentido diferente daquele que se propõe neste trabalho, mas não está descartado para estudos posteriores, que considerem também a interface entre descrição da métrica com a da música, e ter em conta autores como *Aristóxeno de Tarento*, que foi tanto instruído na escola pitagórica quanto aluno de Aristóteles, para quem a música era, ao mesmo tempo, ciência e arte, e Boécio, autor de uma obra literária sobre música, intitulada *De institutione musica*, "A instituição da música", em que defende as proporções matemáticas e universais contidas e expressas pela música, conforme postuladas 12 séculos atrás, por Pitágoras.

As ideias sobre a linguagem, amplamente discutidas outrora no domínio da filosofia, passaram a fazer parte da esfera gramatical graças aos esforços dos gramáticos alexandrinos que, ao buscar por analogias que permitissem estabelecer paradigmas de linguagem, instauraram e difundiram o que viria a ser o modelo da gramática ocidental tradicional. Como constata Neves (2002, p. 49), é representativa da gramática alexandrina e considerada a obra fundadora da gramática do ocidente, a *téchne grammatiké*, de Dionísio, o Trácio, que data, provavelmente, da segunda metade do século II a.C., entretanto, ressalva Cantó: o nascimento da gramática no ocidente é um complexo processo para o qual não existe marco fundador e a gramática de Dionísio, o Trácio, cujas autoria, autenticidade e datação são contestadas, é, tão somente, a "primeira amostra escrita que conservamos de algo que havia sido já anteriormente uma atividade normal e de perfil mais complexo" (1997, p. 763)[87].

Fruto do multiculturalismo que caracteriza o período helenístico, a *téchne grammatiké* volta-se para a prescrição do modelo ideal de língua, aquele legitimado pelas obras literárias da Grécia helênica, instruindo o cidadão no belo falar (NEVES, 2002, p. 21). Conforme essa mesma pesquisadora, "o manual de Dionísio, o Trácio, na sua definição de gramática como 'conhecimento do uso dos poetas e prosadores'[88], espelha exatamente o princípio que inspirava os alexandrinos na sua atividade filológica" (NEVES, 2002, p. 31).

Desta forma, destaca-se como propriedade de particular importância a sistematização dos elementos da língua que o pequeno manual apresenta, com classificações e subclassificações "bem compartimentadas", como define Neves (2002, p. 21). Dentre as obras que apresentam tal sistematização, ressalta Neves, a de Dionísio, o Trácio, importa, por um lado, como já se apontou anteriormente, por ser representativa do procedimento gramatical que surgiu na época alexandrina, mas também alcança alto valor para os estudos antigos e modernos por ser o modelo sobre o qual se apoia a tradição da gramática ocidental. Para Colombat, a sistematização proposta por Dionísio, o Trácio, é capaz de "fornecer uma nomenclatura técnica que dá todos os elementos necessários para analisar um texto literário" (2017, p. 110); e seu

[87] *Cf*. Cantó (1997, p. 763): *"primera muestra escrita que conservamos de algo que había sido ya con anterioridad una actividad normal y de corte más complejo".*

[88] Curiosamente, no livro X, da *Institutio Oratoria*, com suas listagens de autores greco-romanos recomendáveis ou não, Quintiliano parece entender que a aquisição desse tipo de saber também pode se dar pelo contato direto com suas obras. Historicamente, os comentários sobre autores greco-latinos feitos por Quintiliano adquiriram certa autonomia frente à obra como um todo. Paul Harvey chega a afirmar que a *Institutio oratoria* "é talvez apreciada na atualidade pela lista de autores a ser estudados, com a apreciação de Quintiliano sobre os mesmos, contidas no livro X (…)" (1998, p. 426.). Nas escolas de gramática, o aluno deveria aprender a falar corretamente e conhecer os autores clássicos, afinal, a gramática é a *recte loquendi scientia et poetarum enarratio* de Quintiliano, *Institutio Oratoria* I.4.2.

objetivo é disponibilizar aos leitores da *téchne* o léxico técnico indispensável para o exercício da leitura e da crítica literária. A nomenclatura técnica gramatical, portanto, foi primeiramente estabelecida pela *téchne* de Dionísio e, como aponta Colombat, certamente serviu de base para os demais estudos gramaticais.

Assim, a *Téchne grammatiké*, de acordo com Neves,

> Na verdade, trata-se de uma gramática descritiva, embora, pelos padrões selecionados para descrição, fique revelada uma finalidade normativa. É exatamente esse espírito que vem presidindo a organização gramatical ocidental através dos tempos, o que merece reflexão, se se pensar nas grandes diferenças nas condições de produção recentes, confrontadas com as da época helenística (NEVES, 2002, p. 60).

Ainda a respeito da *Tekhné* de Dionísio, o Trácio, Colombat aborda o problema da transmissão textual que afetou essa obra, bem como outras tantas da Antiguidade Clássica, assunto a ser retomado mais adiante. O texto da *Tekhné* "com o qual trabalhamos hoje não era aquele (ou melhor: um daqueles) que utilizaram os gramáticos da Antiguidade" (2017, p. 110), uma vez que não existem cópias de um "original absoluto" desses textos gramaticais da Antiguidade; ao contrário, é possível encontrar em todos eles alterações, acréscimos ou supressões realizadas durante o processo de replicação por que passaram, ao qual devemos, por mais questionável que seja, o acesso a esse legado.

II.3.2. Dos *grammatici*

O subitem anterior sumarizou o surgimento da gramática e da disciplina gramatical na Antiguidade, desde as primeiras reflexões sobre a linguagem, ainda no âmbito da filosofia, até os seus desenvolvimentos posteriores, ocorridos durante o período helenístico. Agora torna-se necessário examinar sucintamente a figura do gramático, ou seja, o mestre-escola encarregado do ensino dessas competências.

Inicialmente, na Grécia, à época de Platão, quando a *téchne grammatiké* correspondia à aprendizagem da leitura e da escrita, cabia ao professor de gramática o ensino das primeiras letras. Ao mestre-escola que desempenhava essa função, chamavam-no, entre outros termos, *grammatistés*, e aquele que sabia ler e escrever era qualificado pelo adjetivo *grammatikós* (DESBORDES, 1995, p. 32).

O ensino gramatical e a atividade filológica estavam, em sua origem, dissociados um do outro, e a disciplina gramatical, que consistia, inicialmente, apenas em práticas pedagógicas, beneficiou-se largamente com o florescimento das investigações de natureza filológica. Contribuiu de modo especial para esse aflorar da filologia o surgimento das bibliotecas que, além dos valiosos acervos e todas as práticas de preservação e replicação de obras, atuavam como centros de produção de conhecimento e constituíram, junto com museus e academias, uma espécie de embrião das atuais universidades (BARATIN, 1989, p. 190-191; 1994, p. 110-111; DESBORDES, 1995, p. 35). A respeito das afinidades entre a gramática e a filologia, Baratin afirma tratar-se de "uma primeira etapa e de um ganho a que a gramática nunca renunciou: durante toda a Antiguidade, a prática propriamente filológica de crítica textual permaneceu como um aspecto da atividade gramatical" (1994, p. 147)[89]. Segundo o pesquisador moderno, não tardou para que essas duas atividades fossem consideradas como "duas faces de uma mesma especialidade, a gramática" (BARATIN, 1994, p. 147)[90].

Graças às conquistas e expansão territorial, o período helenístico, caracterizado principalmente pela difusão da civilização grega, favoreceu o desenvolvimento da 'ciência dos textos', principalmente, por ter possibilitado o contato da civilização grega com culturas diferentes. Nesse momento da antiga Grécia, importava a valorização e universalização do seu patrimônio cultural edificado durante o período anterior, o Clássico, o que faz Neves afirmar que "cultura não se cria, só se recria, e isso se faz pela leitura" (2002, p. 21).

Desbordes (1995, p. 38) elenca as diversas denominações que a Antiguidade Clássica aplicara para as diferentes práticas relativas ao discurso voltadas para a preservação e difusão da cultura e dos valores da Grécia helênica: *philologia*, *kritiké* e *grammatiké*. Estando, pois, inicialmente, apoiada no processo de ensino e aprendizagem, à *philologia*, que significa o "amor ao discurso", na figura do *philólogus*, que é, então, o estudioso, o bom leitor, cabia debruçar-se sobre o passado – as obras exemplares da literatura –, cultuando "a bela linguagem das criações geniais do espírito grego, linguagem erigida, então, em modelo de pureza e correção" (NEVES, 2002, p. 21).

---

[89] *Cf*. Baratin (1994, p. 147): *"C'est une primière étape, et un acquis auquel la grammaire n'a jamais renoncé: tout au long de l'Antiquité, la pratique proprement philologique de critique textuelle est demeurée un aspect de l'activité grammaticale"*.

[90] *Cf*. Baratin (1994, p. 147): *"Ce deux activités ont donc été très tôt considérées comme les deux faces d'une même spécialité, la grammaire"*.

Outra denominação para a ciência dos textos é *kritiké*, "julgamento", em que seu agente, o *kritikós*, deve julgar as obras do passado procurando suas virtudes e seus vícios, de modo a avaliar as obras expondo as suas características e oferecendo modelos, determinando paradigmas (NEVES, 2002, p. 22). Por último, a *grammatiké.* Desbordes define da seguinte forma o especialista que dela se ocupa: "um sábio de alto nível, é um *philólogos*, um *kritikós* ou um *grammatikós*, entendido dessa vez no sentido de letrado, erudito" (1995, p. 32). *Grammatikós* é o termo que vai, enfim, prevalecer, segundo o autor. Os professores, responsáveis pelo ensino, que contempla também os métodos de interpretação de textos, recebem o título de *grammatikós*, entretanto, permanecem denominados *grammatistés* aqueles das primeiras letras (DESBORDES, 1995, p. 32).

Desta forma, sintetiza Auroux:

> Embora, no início, os trabalhos do filólogo e do gramático fossem distintos, com o tempo as tarefas, antes de exclusividade do filólogo, tais como a preservação e explicação dos textos, se tornaram parte da tarefa do gramático. Dessa maneira, o gramático se tornou aquele responsável pela conservação da tradição (e, portanto, da cultura) escrita. (1989, p. 200).

Entre os latinos parece ter havido uma especialização de sentido semelhante. De acordo com Marrou (1969, p. 375), Roma havia desenvolvido uma tradição pedagógica, todavia, devido ao contato com a civilização grega, os romanos se viram levados a adotar as formas e métodos da educação helenística, que assim evoluiu em uma direção muito diferente da original.

Se, na origem, *grammatiké* e *grammatikós* se formaram a partir do termo grego para "letras" (*grámmata*), o mesmo princípio dá-se em latim, ou seja, a partir de *littera*, derivaram-se também os termos próprios do universo semântico da "escolaridade" romana: assim, o *litterator* era o mestre-escola a quem competia a instrução da *litteratura*, i.e., a grafia ou escritura, como disciplina a ser ensinada aos *discipuli* (DESBORDES, 1995, pp. 33-4). Os latinos, entretanto, não apenas importaram aos gregos a ciência dos textos, mas acabaram também por adotar os termos relacionados a essa matéria, latinizando-os, de modo que os termos iniciais acabaram por ser substituídos por *grammaticus*, para o grego *grammatikós*, e *grammatica*, como equivalente de *grammatiké*. Mesmo diante de algumas tentativas de voltar à raiz latina, *grammaticus* e *grammatica* estabeleceram-se, "a despeito do nacionalismo romano, a gramática era coisa grega", avalia Desbordes (1995, pp. 33-4), enquanto o termo

latino *litteratus* (derivado de *littera*) acaba sendo empregado com o sentido de "erudito", porém mais tardiamente, com Cícero.

Fortes, no artigo "SERMONIS CVSTOS SIVE POETARVM INTERPRES: acerca do ofício do gramático em Roma" (2012), pondera sobre as funções da escola em que atuava o gramático, no período da Roma Imperial: reunindo os célebres testemunhos de Suetônio, Sêneca, Agostinho, Dionísio, o Trácio, Diomedes, entre outros, demonstra as atividades desempenhadas pelo gramático romano e o modo como a Antiguidade concebia esse profissional das letras. A escola do gramático, no período em questão, de acordo com as declarações dos antigos, acumulava pelo menos três funções principais: "o ensino das primeiras letras, a iniciação à leitura e interpretação de textos poéticos e a análise de fenômenos variados da língua latina" (FORTES, 2012, p. 51). As passagens recolhidas por Fortes apresentam o *grammaticus* tanto como um "intérprete dos poetas" (*poetarum interpres*), quanto como um "guardião da língua" (*sermonis custos*) (FORTES, 2012, p. 51).

Desta forma,

> o gramático é sobretudo, um *poetarum interpres;* deve dominar, portanto, todos os conhecimentos que possam contribuir à explicação dos textos, uma vez que o seu dever é resolvê-lo por inteiro, desde a mais humilde dificuldade ortográfica até o problema crítico mais complexo (CANTÓ, 1997, p. 742)[91].

À disciplina gramatical antiga, analisa Fortes, compete o ensino das primeiras letras e as atividades de leitura e escrita em função da interpretação de textos poéticos, entretanto, como confirmam as definições de gramática de Dionísio, o Trácio, e, posteriormente, de Diomedes, concerne também a essa disciplina um conhecimento que é derivado das suas duas atribuições anteriores: a análise de fenômenos da língua latina, que se dá, como propõe Fortes, "através de um estudo que hoje chamaríamos "lexical" (a explicação de termos obscuros), "morfológico" (a consideração da analogia) e "semântico" (o estudo da etimologia)" (2012, p. 61), desta forma:

> além de "intérprete dos poetas", o gramático era também uma espécie de "analista da língua", ou "guardião da linguagem", ao definir os limites da *Latinitas* através de sua apreciação da língua e permitir aos cidadãos o acesso à leitura dos textos clássicos. (FORTES, 2012, p. 61)

[91] *Cf*. Cantó (1997, p 742): *"El grammaticus es sobre todo poetarum interpres; tiene, por tanto, que dominar todos los conocimientos que puedan contribuir a la explicación de los textos, puesto que su deber es resolverlo todo, desde la más humilde dificultad ortográfica al problema crítico más complejo ».*

A formação escolar condiciona, portanto, na Antiguidade Clássica, em especial durante o período aqui considerado, não somente a escrita, mas sobretudo a leitura e a recepção do texto literário que, importa reafirmar, não é apreciado por si próprio, apenas como criação estética e/ou forma de entretenimento, mas, sobretudo por tratar-se de um modelo de identidade linguística e cultural, especialmente dos textos fundadores da poesia e da prosa romanas, sobre os quais se constrói a *Latinitas* (FORTES, 2015, p. 6). A gramática, portanto, como saber técnico, funcionava "como uma espécie de propedêutica para a leitura de textos da tradição cultural antiga, que era, ao mesmo tempo, a condição para a inserção social do romano letrado" (FORTES, 2012, p. 61).

Apesar de desempenhar várias funções, não se pode negligenciar a tarefa docente do *grammaticus,* uma vez que dela se originam os primeiros materiais escritos, comentários de caráter escolar, transcrições de notas das aulas, exercícios de escrita e outras observações que, como aventa Cantó, "vão formando um gênero novo" (2011, p. 747) e que perfazem um conjunto inestimável de dados tornados disponíveis aos estudos da linguagem, as primeiras obras que organizaram a matéria linguística de modo razoavelmente sistemático, e que funcionavam como instrumentos técnicos, as *téchnai,* criados na Antiguidade.

Por fim, antes de passar às considerações acerca do nascimento da gramática em Roma, cabe ainda considerar os pareceres de Desbordes e de Marrou, elaborados a partir de um viés histórico acerca da profissão do *grammaticus* romano:

> Enquanto instituição escolar, a gramática, principal lugar de reflexão sobre a escrita, está em plena expansão; e o está igualmente como saber da moda. O *grammaticus* sai da sombra na qual o haviam conservado frequentemente suas origens modestas ou miseráveis, escravo, liberto, estrangeiro; chega a enriquecer, a ser ouvido pelos mais altos personagens do Estado, a ser dono da situação com uma arrogância que choca o honesto velho romano. (DESBORDES, 1995, p. 24)

Muitas vezes escravo ou liberto de origem estrangeira, e falante nativo de língua grega, antes de atingir o *status* de figura pública, o *grammaticus* foi, como anuncia Desbordes, um professor subordinado às instituições da família e da escola. O *grammatistés* ou *litterator*, ou seja, o mestre-escola que ensina as letras e que ensinou a *literatura* (a grafia), desde os elementos mais rudimentares da língua até a complexidade de enunciados completos, não gozava de prestígio e podia mesmo ser muito mal remunerado (COLOMBAT, 2017, p. 106; MARROU, 1969, p. 229). Ainda que o ofício dos mestres das primeiras letras não fosse

devidamente apreciado, e que ele fosse muito frequentemente substituído pelo *paedagogus* – que contribui para a educação, especialmente para a formação moral – nos estudos secundários – que é o nível dos estudos da língua dos clássicos, do vocabulário especial dos poetas, da crítica literária que buscava "os segredos da perfeição do estilo" e também os valores morais de uma sociedade, "exemplos heroicos de 'perfeição humana'" (MARROU, 1969, p. 265) – o *grammaticus* tinha, sem dúvida, uma condição superior. É apenas no ensino superior, ou seja, no ensino da arte oratória, que os mestres especialistas, ou segundo Marrou, o *rhétor*, às vezes *orator*, "ocupa um posto visivelmente mais elevado que seus colegas dos dois primeiros graus" na hierarquia dos valores profissionais (1969, p. 436) e, nesse sentido, vale dizer que esse nível de instrução era muito restrito principalmente porque, muitas vezes, se dava no estrangeiro, em Rodes, ou Atenas, o que encarecia muito frequentar a escola de um *rhétor*.

II.3.3. Do início da gramática em Roma

Auroux (1992, p. 21) e Cantó (1997, p. 763) já alertaram para o equívoco corrente de se tentar atribuir a um acontecimento pontual a responsabilidade de ser o "marco inicial" de um ramo de atividade, quando, na verdade, é preciso tempo suficiente que dê conta dos processos e transformações necessários para sua origem. Assim é para a origem da gramática na antiga Grécia, assim é para a origem da gramática na Roma Antiga. Entretanto, uma e outra possuem, seja por tradição, seja por consolação, um marco inicial atribuído a si: esse marco, para os gregos, é a *Téchne grammatiké*, de Dionísio, o Trácio, e, para os romanos, são as conferências sobre gramática de Crates de Malos em Roma.

Como afirma Cantó (1997, p. 746), qualquer esforço que se faça para estabelecer um esquema a respeito do sistema educativo em Roma vai esbarrar no risco de se simplificar excessivamente uma conjunção de acontecimentos complexa e inconstante. Mesmo assim, convém mencionar a historieta que é frequentemente associada ao início da gramática em Roma e que envolve um dos líderes da escola de Pérgamo, Crates de Malos, que teria sofrido um acidente quando andava pelas ruas do Palatino e que, durante sua recuperação, ocupara o tempo falando ao público questões de gramática. O relato de Suetônio, no *De grammaticis*, mostra Crates de Malos como um diplomata que caíra num bueiro dos esgotos de Roma e, por causa da perna quebrada, teve de permanecer, então, na cidade por um tempo maior do que o planejado, e o aproveitou dando lições sobre aquela disciplina aos romanos (SUETÔNIO, *De gram.*, 2, 1-3).

A anedota pitoresca do sábio grego estoico que proporcionou aos romanos o primeiro contato com os estudos gramaticais, entretanto, não nos dá a exata medida dos feitos de Crates em Roma e suas influências sobre os estudos da linguagem que já vinham sendo empreendidos em Roma, ou seja, primeiramente, não é possível ter ideia das concretas contribuições de Crates de Malos para o surgimento da gramática em solo latino e, em segundo lugar, não se podem negligenciar os relatos antigos, toda a produção literária – livros e leitores – e a existência de escolas onde os alunos se ocupavam de leitura e de escrita, anteriores à presença do diplomata grego em Roma. Assim, a curiosa história a respeito de Crates de Malos, com grande probabilidade, como aponta Desbordes (1995, p. 32), serve para datar simbolicamente a introdução em Roma da disciplina gramatical, tal como era concebida pelos gregos do final do séc. II a.C., ou seja, uma ciência dos textos, no sentido da exegese e do estabelecimento de textos característicos das escolas de Alexandria e Pérgamo.

Fato é que, por volta do ano de 169 a.C. – ano em que, segundo conta Suetônio, Crates teria chegado a Roma – o grego era considerado a língua de cultura por excelência, assim, durante muito tempo, a educação bilíngue era bastante comum até mesmo para crianças. O conceito de *utraque lingua*, expressão consagrada posteriormente por Horácio (*Odes,* III, 8,5) é essencial para se compreender esse momento em Roma. Para Fortes, "essa noção exemplifica exatamente o conceito com que os gramáticos posteriores trabalhariam do *utraque lingua*, isto é, 'uma e outra língua': conceito que matiza as diferenças entre os dois sistemas, em prol de uma identidade greco-romana conjunta" (2015, p. 6). Um romano culto, no final do séc. II a.C. será versado nas duas línguas, o grego e o latim, e, ao adotar a *grammatiké* grega, de acordo com Colombat (2017, p. 106), promove uma naturalização da *grammatica* e do *grammaticus* em Roma.

A respeito do bilinguismo, Marrou evidencia o *status* da língua grega que coexiste com o latim em Roma:

> Traço notável pelo qual o classicismo romano abre caminho às formas modernas do humanismo que repousam no estudo de uma língua auxiliar, de uma língua de cultura, veículo de uma tradição a que se reconhece uma superioridade essencial e um valor exemplar. (MARROU, 1969, p. 395)

É patente a influência que a língua e a cultura grega exercem na formação da identidade cultural latina, com destaque para a noção de "empréstimo linguístico" entre o latim e o grego, e também

nas reflexões sobre o ensino de gramática procedentes dos helênicos, como sugerem Fortes (2015, p. 3) e Colombat (2017, p. 106).

A gramática latina encontra o seu modelo na gramática grega e, como define Auroux (1992, p. 21), a tradição latina é o resultado de uma "transferência tecnológica", isto é, "os romanos adotam a *grammatiké* grega que é incorporada ao contexto da leitura e da escrita existente em Roma, já no final do séc. II a.C.", como explica Colombat (2017, p. 106), que ressalta ainda o fato de as gramáticas dos vernáculos modernos terem sido elaboradas da mesma maneira, isto é, pela mesma operação de *transferência*, agora a partir do modelo da gramática latina e de suas categorias. Dentre as primeiras preocupações dos romanos estava a elaboração de uma retórica nos limites da língua, assim, eles "limitaram os seus esforços à transposição das teorias e das classificações gregas para as necessidades da língua latina, sem procurarem elaborar proposições originais sobre a linguagem" (KRISTEVA, 1969, p. 140). O modo mecânico por que se fez essa transposição considerou como modelo universal a língua grega, desta forma, os romanos buscaram no latim as categorias correspondentes preestabelecidas em grego.

A sistematização e a categorização propostas pelas gramáticas gregas eram "técnicas gramaticais" que funcionavam bem também para o latim, de modo que os romanos, cientes disso, as retomaram durante muito tempo, por sua própria conta: "em quase todos os lugares, por trás de um texto latino sobre a escrita, projeta-se uma doutrina grega" (DESBORDES, 1995, p. 11), desta forma, a transferência de tecnologia a que alude Auroux (1992) acontecia a olhos vistos com a passagem das doutrinas gregas sobre a escrita para os estudos da língua latina. Desbordes afirma também que, para os estudos gramaticais, a comparação entre as duas línguas, isto é, esse método contrastivo, é bastante profícuo. (DESBORDES, 1995, p. 11-12)

Dada a sua origem e seu desenvolvimento, a gramática latina é, assim, ancorada na gramática grega e essencialmente baseada no sistema da língua empregado em sua expressão escrita:

> a gramática dos latinos não é concebida fora da escrita, e eles têm consciência disso, como o demonstra a repetição, século após século, da etimologia *gramatikē-gramma* (gramática-letra). Esta é a situação, até na *ars grammatica*, que permanece, fundamentalmente, um estudo da *língua escrita* (DESBORDES, 1995, p. 13; grifo do autor).

Embora essencial, não restaram muitos sinais de alguma reflexão dos romanos sobre a escrita durante o período republicano e, mesmo durante os primeiros anos do Império, em que houve um aumento significativo da população letrada e em que as diversas formas da escrita foram produzidas copiosamente pelos romanos, ainda são poucos os textos que dão mostras de um pensamento voltado às investigações sobre essa matéria.

Os romanos parecem admitir a escrita como um suporte duradouro, sagrado e "confiável" para uma palavra inconstante (DESBORDES, 1995, p. 23), entretanto, durante os primeiros séculos, não produziram grandes reflexões direcionadas à escrita em si e ao ato de escrever. Segundo Desbordes (1995, p. 23), a escrita em Roma é um fenômeno leigo e "banal" em alguma medida, uma vez que o acesso a esse conhecimento entre os romanos, se comparado com outras civilizações em que é restrito a uma casta superior de escribas e sacerdotes, é muito mais tangível, entretanto, aquela sociedade demorou a conquistar a maturidade necessária para fazer da escrita um objeto de reflexão teórica: nesse período, o pensamento *meta* acerca da linguagem era de apenas alguns poucos "espíritos curiosos" (DESBORDES, 1995, p. 23).

Do contato com o povo grego, nos últimos séculos da República, os latinos assimilaram conhecimentos da cultura grega, que já era extremamente refinada e, muitas vezes, se esforçaram por adaptá-los ao contexto do Lácio. O período posterior a esse momento do primeiro contato com o "novo", que representava a sofisticada cultura grega, corresponde ao apogeu do Império Romano, e é quando se manifesta um maior desenvolvimento das atividades relativas à filologia e à gramática, quando a própria escrita é colocada sob escrutínio:

> Uma cultura que alcançou o apogeu de suas possibilidades criadoras começa a dar a volta sobre si mesma. As pessoas se fecham no círculo dos livros: saber torna-se saber o que há nos livros, escrever consiste em repetir o que há em outros livros (DESBORDES, 1995, p. 24).

As ideias sobre a escrita em Roma, em suma, segundo Desbordes, chegaram no bojo das concepções acerca da linguagem, importadas ao grego, mas que rapidamente tomaram formas latinas.

Assim como a civilização grega reconhece o patrimônio cultural produzido durante seu período clássico e, durante o período posterior, busca valorizá-lo por meio de vários expedientes, sendo a exegese das obras produzidas naquela época o principal deles (NEVES, 2002, p. 21), também entre os romanos, após o período clássico, o apogeu do grande Império, nascerá para as letras latinas da metade do séc. I e do séc. II da nossa era a "Idade de prata",

período em que os romanos voltaram o olhar para o passado que passou a ser considerado o padrão de excelência, dessa forma, muitos temas foram recuperados na literatura e a língua literária foi tomada como modelo de correção por gramáticos e filólogos. Esse movimento define-se simultaneamente, portanto, por uma retrospecção, na medida em que se volta para um modelo estabelecido anteriormente, e por uma introspecção, que dá origem a uma vasta produção textual preocupada em analisar e comentar a própria língua e literatura latinas.

Em suma, do ponto de vista cultural, observa Robins (1983, p. 43), ocorre durante a "Idade de Prata" um declínio nas atitudes liberais, assim como o esgotamento de velhos temas e a falta de vigor no desenvolvimento de novos. A maior parte do que se produziu, então, tinha caráter retrospectivo e reconhecia nas obras do passado os moldes e padrões para novos trabalhos que, segundo Robins, foram os comentários, as epítomes e os dicionários:

> Os gramáticos latinos, cujos pontos de vista eram semelhantes aos dos estudiosos gregos de Alexandria, voltaram, como estes, a atenção para a linguagem da literatura clássica, pois a gramática servia como introdução e fundamentação dos estudos literários (ROBINS, 1983, p. 43).

A atividade gramatical em torno dos textos "clássicos" era a base dos estudos literários secundários (MARROU, 1969, p. 251; DESBORDES, 1995, p. 34) e deveria seguir quatro passos bem estabelecidos pelos alexandrinos: a leitura, a exegese, a correção e o julgamento. Desbordes chama a atenção para a importância da correção em face das cópias manuscritas e da grande quantidade de erros encontrados nas muitas edições que circulavam pelo Império. A correção decompunha-se em três outras operações, a atribuição da pontuação, o acento e as quantidades das palavras (*distinctio*), das anotações e pausas devidas (*adnodatio*) e da correção das letras (*emmendatio*). Em seguida, o estudo tem continuidade com a leitura (*praelectio*), por mestre e alunos, com o intuito de explicar e promover a melhor compreensão do texto para, então, passar à sua aprendizagem para a recitação. São passos intermediários nesse processo os comentários sobre a forma dos textos (*uerborum interpretatio*), sobre conteúdo das obras (*historiarum cognitio*), sobre o ritmo dos versos (*explanatio*) e ainda a elucidação das palavras difíceis ou raras (*glossemata*) (MARROU, 1969, p. 260; COLOMBAT, 2017, p. 107; DESBORDES, 1995, p. 34). É possível encontrar traços desse método de explicação dos textos, recorda Colombat, até meados do séc. XVII na Europa.

À gramática como "domínio subordinado aos estudos dos textos", como define Desbordes (1995, p. 42), soma-se um outro domínio, o histórico, que investiga a parte

sistemática da língua, isto é, "enuncia as regras gerais da língua, independentes das ocorrências nos textos" (1995, p. 42). Esse interesse teórico pelos textos não ofusca aquele anterior voltado à crítica, ao contrário: constantemente dedicados a tecer comparações com o grego, os gramáticos latinos utilizam os mesmos instrumentos de análise e empregam os elementos mobilizados na explicação dos textos que, como explica Desbordes, permanece sendo a finalidade da gramática e a principal atividade do gramático. Reconhecer e explorar a língua, diferentemente dos discursos produzidos, é o que fundamenta a gramática, como constructo sistemático e teórico, sintetiza Colombat (2017, p. 108), ou, nas palavras de Desbordes, "os gramáticos gregos 'faziam' grego, enquanto os gramáticos latinos, ao procurarem estudar as características da linguagem 'em geral', pelo exemplo do latim, pode-se dizer que eles 'fazem' linguística" (DESBORDES, 1995, p. 43), nisso se entrevê, ainda, como as preocupações dos gramáticos antigos eram diferentes das de um "linguista" atual.

Um exemplo de estudo teórico da linguagem, que também constitui o único testemunho do pensamento gramatical do período clássico que chegou à posteridade, é o *De língua latina* de Varrão, que foi o primeiro dentre os gramáticos latinos a elaborar uma teoria mais completa sobre a linguagem. Dessa sua obra dedicada a Cícero, uma das muitas mutiladas pelo tempo, restaram seis de um total de vinte e cinco capítulos, nos quais está exposta a antiga querela entre os anomalistas e os analogistas. O *De lingua latina*, como afirma Colombat (2017, p. 109), "ocupa um lugar à parte na produção gramatical" pois está no início do processo de "latinização" da gramática, ao investigar as declinações e as conjugações do latim e, embora Varrão não fosse um *grammaticus,* é considerado pelo mundo antigo suma autoridade em relação às questões da esfera gramatical (Desbordes, 1995, p. 43).

O *De lingua latina* varroniano reporta-se à definição de gramática de Dionísio, o Trácio, para quem a gramática é uma *empeiría,* isto é, o conhecimento empírico do que se diz nas obras da literatura, em especial, nas obras dos poetas. Entretanto, Dionísio foi duramente criticado por aqueles que, por almejarem o reconhecimento da disciplina gramatical como "verdadeira ciência", admitiam como único caminho possível a análise sistemática da língua, a faceta mais "científica" da gramática, como sintetiza Desbordes (1995, p. 42). Mesmo assim, a definição de Dionísio retrata a importância do conhecimento das obras literárias relevantes para a época. Varrão, do mesmo modo, compreende a ciência gramatical como sendo o estudo do que dizem os poetas, historiadores e oradores e, em vista disso, seu conteúdo e linguagem, deveriam ser

exaustivamente estudados – preocupações essas muito distantes daquelas das quais se ocupa a "ciência da linguagem" moderna –, como explica Baratin:

> Em seu processo de integração da técnica gramatical grega, todos os tipos de textos mostram que os latinos foram particularmente sensíveis a esses métodos que permitiam facilitar o acesso aos textos literários: Varrão retomou assim um cânone alexandrino, que indicava que o estudo dos textos compreendia quatro operações, cuja última etapa é o *iudicium*, isto é, 'a avaliação a que submetemos os poemas e todos os outros textos' (BARATIN, 2000, p. 460)[92].

É como ciência dos textos, como nas definições de Dionísio, o Trácio, e Varrão, que os latinos do primeiro século compreendem a gramática. Assim, à *téchne* dos gregos corresponde a *ars* dos romanos, como a *ars grammatica* latina será o equivalente da *téchne grammatiké* grega. Desbordes observa, entretanto que, durante esse período, a *ars grammatica* latina não apresenta ainda as características e organização dos tratados e manuais de gramática tardios, "os quais imortalizaram uma certa forma da *ars grammatica"* (1995, p. 43) que ocupam uma posição dominante no final da Antiguidade Clássica.

O primeiro texto intitulado *Ars grammatica* de que se tem notícia é a obra do gramático Palêmon que data da metade do séc. I d. C; do texto hoje ainda perdido é possível encontrar traços na obra de Quintiliano, que foi seu aluno. A obra de Palêmon, entretanto, é o único testemunho desse modelo de descrição gramatical durante o período, enquanto a primeira *Ars* a chegar integralmente à posteridade é de Sacerdos e data somente do séc. III da nossa era (BARATIN, 2000, p. 460).

Baratin, no artigo intitulado *"Sur la structure des grammaires antiques"* (1994), estudo fundamental para a investigação da organização e dos modelos descritivos das *Artes grammaticae*, analisa a estrutura e a constituição dos múltiplos tipos de descrições linguísticas da Antiguidade. As *Artes*, conforme analisa Baratin (1994, p. 148) impuseram-se como um modelo de descrição, sobretudo a partir do séc. III d.C., entretanto, não segue uma estrutura interna previamente definida, ao contrário, Baratin afirma que se forem examinadas as "grandes *Artes* dos séculos III e IV que chegaram até nós, as de Sacerdos, Carísio e Diomedes[93], ficamos

---

[92] *Cf.* Baratin (2000, p. 460): *Toutes sortes de textes montrent que dans leur intégration de la technique grammaticale grecque, les Latins ont été particulièrement sensibles à ces méthodes qui permettaient de faciliter l'accès aux textes littéraires: Varron a ainsi repris un canon alexandrin indiquant que l'étude des textes comportait quatre opérations, dont la dernière est le iudicium, c'est-à-dire 'l'évaluation à laquelle nous soumettons les poèmes et tous les autres textes'».*

[93] É necessário lembrar, entretanto, que em sua *Ars Grammatica*, Diomedes concentra preocupações com aspectos que estariam para nós mais vinculados aos estudos literários, tendo em vista os seus comentários e definições sobre

diante de projetos totalmente diferentes" (1994, p. 148)[94], isto é, há uma grande diversidade de planos adotados pelos gramáticos que resulta das diferenças de abordagem, da escolha do enfoque adotado, da matéria específica selecionada como objeto de estudo e da organização da exposição dos conhecimentos gramaticais.

A conclusão a que o pesquisador chega é a de que os gramáticos latinos dispõem de certo material a ser descrito, mas que o próprio conteúdo da *Ars* na Antiguidade não era claramente delimitado, dessa forma, cada gramático pôde reconstruir uma estrutura interna para o seu estudo, propondo, inclusive, os mais variados recortes para a matéria gramatical.

Assim, ao seguir o modelo das *Artes,* o estudo da língua ocupa um lugar cada vez mais significativo na cultura latina. Entretanto, tal modelo desencadeia certa resistência do público, como avalia Desbordes (1995, p. 53), uma vez que o aspecto técnico da gramática e suas pretensões normativas despertam antipatia, assunto que será retomado adiante.

Prisciano, célebre gramático da Antiguidade tardia, foi quem decretou o fim do modelo descritivo, renunciando até mesmo ao título de *Ars grammatica,* ao escrever, no séc. VI d.C., uma das gramáticas latinas de maior alcance da Idade Média: as *Institutiones grammaticae* (ROBINS, 1993, p. 87). Em sua obra monumental, que repercutiu largamente no Império Romano do Oriente e foi redescoberta pela renascença carolíngia, Prisciano abandona os velhos modelos e a "completa desorganização do esquema artigráfico original", como classifica Baratin (1994, p. 154), para adotar um novo plano de organização, embrião da gramática moderna, fundamentado na tripartição muito conhecida hoje como fonética, morfologia e sintaxe. Dessa forma, Baratin sentencia: "é a certidão de óbito da *Ars*" (1994, p. 156)[95].

Em síntese, a gramática é inicialmente, para os latinos e para os gregos, a ciência das letras, isto é, está vinculada em sua origem ao aprendizado elementar da leitura e da escrita, ao que se segue aquela outra concepção de gramática, entendida posteriormente como "ciência dos conjuntos das letras", ou "ciência dos textos", um método que reúne as quatro competências da gramática e da disciplina gramatical para a Antiguidade Clássica: leitura, exegese, correção e

os gêneros literários, o autor se pronuncia, por exemplo, sobre a sátira, a poesia didática, etc., além de tecer comentários sobre o estilo dos poetas, desse modo, o autor parece ser muito mais um crítico literário do que o que seria um gramático na nossa compreensão moderna.

[94] Cf. Baratin (1994, p. 148): *"Si l'on examine en effet les autres grandes Artes du 3e. et du 4e. siècles qui nous sont parvenues, celles de SACERDOS, de CHARISIUS, et de DIOMÈDE, on se trouve em présence de plans tout à fait différents".*

[95] *Cf.* Baratin (1994, p. 156): *"C'est l'acte de décès de l'Ars".*

julgamento, e que permite, portanto, estabelecer, explicar, ler e julgar os textos do cânone. A gramática, segundo Desbordes (1995, p. 13):

> É ainda, uma atividade de ensino, sempre fundada em textos, a partir dos quais damos às crianças elementos de cultura geral, e também, eis o ponto, finalmente, uma exposição sumária das categorias da língua, que chamaríamos gramaticais. (DESBORDES, 1995, p. 13)

Cabe, pois, à *Ars grammatica* a organização e exposição desse conhecimento.

Por fim, "por consideração à escrita, os latinos terão (e nós depois deles) doutrinas, mas também pontos de vista e tipos de raciocínio de origem grega" (DESBORDES, 1995, p. 23). A importância da escrita no desenvolvimento dos estudos gramaticais para os romanos é inegável: a gramática consiste no "estudo da *língua escrita*" (DESBORDES., p. 13; grifo do autor), assim, resta reafirmar que essa fonte grega inicial dos estudos da linguagem permanecerá até o fim dos tempos, conforme afirma Desbordes (ibid., p. 144), exercendo forte influência em todo esse vasto campo de pesquisa. Ou, nas palavras de Neves:

> É indiscutível a existência de um legado grego ao modo de organização da gramática portuguesa, como representante que é da gramática ocidental, oriunda da latina, que é calcada na grega. O histórico de constituição de uma terminologia gramatical é de significação notável na evolução do pensamento sobre a linguagem, tendo merecido atenção dos estudiosos pelo que representa de apreciação dos pressupostos e dos princípios que dirigiram e até hoje sustentam a instituição da disciplina "gramática" entre nós (NEVES, 2011, p. 641).

Procurou-se deixar clara até aqui a noção de que um manual de gramática, entre gregos e romanos, é um "objeto técnico". Além disso, em sua natureza de objeto técnico, a gramática e a disciplina gramatical voltavam-se, a princípio, para os processos escolares de ensino-aprendizagem. Em momento posterior, a gramática, constituída de quatro partes – a correção, a leitura, a exegese e o julgamento – correspondia ao estudo dos textos, com vistas, principalmente, à preservação do patrimônio e à formação moral e cultural do cidadão. De acordo com Colombat, "a composição progressivamente estabilizada desse objeto vai influenciar de forma durável o desenvolvimento da análise das línguas no Ocidente, fornecendo-lhe o modelo pelo qual se vão conformar as gramáticas compostas nos séculos seguintes" (2017, p. 115).

Não se pode deixar de mencionar que, infelizmente, muitos dos estudos sobre a gramática empreendidos durante a Antiguidade Clássica, e que são verdadeiros documentos

históricos que têm extrema importância para a compreensão do pensamento antigo a respeito da língua, não chegaram à posteridade ou não chegaram até nós na sua totalidade, o que sobreleva a necessidade de se traduzir e trazer à luz as ideias contidas no material supérstite acerca dessa questão, sobretudo por responderem eles pelos próprios fundamentos do pensamento linguístico ocidental.

II.3.4. Da reflexão sobre a escrita além da gramática: a métrica

Não é privilégio exclusivo da gramática as reflexões acerca da escrita, ao contrário, outras áreas do conhecimento produziram e difundiram saberes a ela relacionados, ora pontualmente – como as proposições que se encontram entre historiadores[96] ou ainda nas célebres *Epistulae morales ad Lucilium* de Sêneca[97] – ora de modo sistematizado, como é o caso de disciplinas como a métrica, a poética, a retórica e a filosofia, a um só tempo alheias e também afins à gramática (DESBORDES, 1995, p. 15). Assim, mesmo que a reflexão sobre a escrita ocupe um lugar secundário nas discussões produzidas por essas disciplinas antigas, o estudo central a respeito da gramática e das ideias sobre a escrita pode enriquecer-se sobremaneira se voltarmos o olhar também para essas disciplinas periféricas.

No que tange à métrica, a disciplina antiga que interessa mais diretamente ao presente trabalho, os pontos de intersecção com a gramática estão, principalmente, no estudo das unidades elementares: *uox*[98]*, littera, syllaba*; a progressão com que iniciam os estudos métricos é a mesma por que principiam os estudos gramaticais. Vale dizer: a mesma progressão que figura nas *Artes grammaticae* e que é inerente ao ensino gramatical, isto é, que tem por referência a prática de ensino da língua latina, desde os elementos mais simples até os mais complexos, é também perseguida nos domínios dos textos expositivos das técnicas da métrica.

Quintiliano (séc. III d.C.) define o programa dessa disciplina da seguinte maneira: “a métrica começa fazendo a teoria dos elementos [*stoicheia*], depois das sílabas, depois a dos pés, em seguida a dos metros e, enfim, a do poema...” (1, 20; *in* DESBORDES, 1995, p. 59),

[96] Por exemplo, no *De analogia*, de César, cuja substância é “inteiramente gramatical e comparável àquilo que encontramos nos restos das obras gramaticais sobre correção” (DESBORDES, 1995, p. 44)
[97] Nesta obra de Sêneca estão esboçadas reflexões teóricas sobre a adequação da linguagem à filosofia, sobre a escolha das palavras e sobre problemas que dizem respeito ao estilo
[98] De acordo com Vitorino, *uox est aer ictus auditu percipibilis, quantum in ipso est* (*GL* VI, p. 4). A emissão verbal é ar impulsionado e perceptível pela audição na medida de sua própria força.

demonstrando ser da competência também das *Artes metricae* o estudo dessas unidades elementares da língua. Aristóteles revela explicitamente que o estudo da matéria fônica da língua, desde a classificação das letras (vogais, semivogais e mudas), até os pontos de articulação em que são produzidos os sons, se insere na disciplina métrica:

> [...] Depois, diferem as letras de cada um destes grupos pela conformação da boca na pronúncia, pelo lugar da boca em que se produz o som, e ainda conforme são ásperas ou brandas, longas ou breves, agudas, graves ou intermediárias; mas estas particularidades são da competência da métrica (*Poet.* 118, XX)

A crítica moderna investiga também a coincidência entre os primeiros elementos da progressão, *uox*, *littera* e *syllaba*, de ambas as disciplinas. Baratin (1994, p. 149) e Moreno (2001, pp. 22-23.), por exemplo, constatam que essa progressão muda de orientação nos passos seguintes quando, à sílaba se segue a palavra no âmbito dos estudos gramaticais, enquanto seu equivalente para a métrica é o pé. Assim, os autores atestam que os metricistas assimilaram a estrutura proposta pela gramática, tomando por base principalmente a sequência natural dos estudos, da prática do ensino-aprendizagem das disciplinas, isto é, seguindo um modelo de descrição organizado hierarquicamente, do menor para o maior grau de dificuldade (BARATIN, 1994, p. 145; MORENO, 2001, pp. 22-25; SIMÕES, 2014, pp. 39-42).

Desbordes, contrariamente aos anteriores, afirma que o conhecimento dos elementos rudimentares da língua é atinente somente à métrica, e analisa com atenção a sílaba como "a única realidade concreta" (1995, p. 58), uma vez que as demais unidades elementares da língua não têm existência autônoma:

> A sílaba, por sua vez, é o elemento básico das construções métricas – independentes do sentido e da sintaxe. É, assim, à métrica que pertencem, de direito, os estudos sobre a pronúncia das letras (*enuntiatio litterarum*), que descrevem a posição dos órgãos fonadores na emissão do som correspondente de cada letra, [...], a distribuição das vogais e das consoantes em função de sua vizinhança; sobre a sílaba, enfim, com todas suas propriedades, acento, aspiração, quantidade e número de letras (DESBORDES, 1995, p. 58).

Sendo a escrita um meio de representar e designar o som, Desbordes defende, como o fez também Aristóteles antes dela, que quem se interessa pelas propriedades físicas dessa matéria, suas articulações e combinações, que estuda a linguagem menos como portadora de sentido e mais como matéria de uma forma poética, é a métrica, não a gramática (DESBORDES, 1995, p. 58). Independe, entretanto, de uma definição sobre esse debate,

afirmar que a métrica, como disciplina marginal, desempenha um papel de extrema relevância para a gramática na Antiguidade.

Uma vez que a métrica é uma disciplina periférica em relação à disciplina gramatical, as *Artes metricae*, evidente, perfazem um subconjunto da *Ars grammatica,* ao qual alguns gramáticos antigos se dedicaram. A recolha dos conhecimentos a respeito do fazer poético para o homem antigo resultou numa quantidade significativa de obras eruditas e muito especializadas, como o são, em geral, os tratados e os manuais técnicos que, por vezes, estão inseridos em trabalhos maiores, cujo assunto central é a gramática, embora o estudo da métrica na Antiguidade tenha-se concretizado em números mais expressivos sob a forma de estudos independentes; ao menos essa é a conclusão a que chega Dangel (2001, p. 8), analisando obras remanescentes. Assim, as *Artes metricae* constituem textos de viés técnico, como o córpus da presente pesquisa, que se preocupam com a organização fonológica do plano do discurso produzido no âmbito da poesia:

> A métrica, portanto, não é apenas um instrumento valioso para certas técnicas filológicas, nem limita seu papel ao de complemento mais ou menos ornamental e supérfluo dos estudos gramaticais ou literários. A métrica é uma disciplina linguística por si só e apresentada-se em pé de igualdade, no mesmo plano, com os mesmos pressupostos e condições, com as mesmas diretrizes metodológicas que qualquer outra disciplina linguística (MORENO, 1997, p. 261)[99].

Justamente por isso, é intenção da presente pesquisa lançar luz sobre a complexa gama de documentos que representam os escritos técnico-científicos que abordam a métrica clássica latina. Essa disciplina extraordinariamente desenvolvida durante a Antiguidade Clássica deu origem a um volume considerável de obras que receberam o título *Artes Metricae* e se interessa não apenas pela mecânica e sistemática descrição do sistema métrico da língua latina, os pés e metros, bem como suas origens e derivações, mas principalmente seu papel na produção do sentido poético, especialmente nos poemas da tradição literária da Roma antiga.

Como afirma Moreno, não se pode perder de vista que "o que as disciplinas linguísticas estudam é um sistema, (isto é, uma estrutura na qual nada faz sentido por si mesmo, mas em função dos outros elementos do sistema e do conjunto desse sistema)" (MORENO, 1997, p.

[99] *Cf*. Moreno (1997, p. 261): "*La métrica, por tanto, no es sólo un valioso instrumento para determinadas técnicas filológicas, como tampoco limita su cometido al de complemento más o menos ornamental y superfluo de los estudios gramaticales o literarios. La métrica es una disciplina lingüística por derecho propio y se plantea, de igual a igual, en el mismo plano, con los mismos presupuestos y condicionamientos, con las mismas directrices metodológicas que cualquier otra disciplina lingüística".*

264)[100]. Essas disciplinas estão, assim, sistemática e invariavelmente associadas uma à outra. É justamente por compreender a métrica como "disciplina linguística", que se soma às demais em favor da produção do sentido e que extrapola a condição de complemento ou simples ornamento do discurso, principalmente, do poético, que a presente pesquisa busca investigar essa literatura técnica-métrica a fim de contribuir para uma justa apreciação dessas obras, que têm atraído, nos últimos anos, cada vez maior atenção de pesquisadores modernos do legado Clássico.

II. 3. 5. Da literatura técnica gramatical e a transmissão textual

A transmissão das obras técnicas gramaticais produzidas pela Antiguidade Clássica é uma questão que demanda certo cuidado de saída, porque é uma dupla questão: em primeiro lugar, sem que a ordem proposta represente alguma hierarquia, existe a ação da gramática e, especialmente, da disciplina gramatical, na seleção e preservação de autores e obras sobre o que se discorreu há pouco; em segundo lugar, não se pode deixar de abordar a transmissão, ao longo dos tempos, das próprias obras de teor gramatical e métrico, questão que demanda algumas considerações.

Há pouco foi demonstrado o importante papel desempenhado pelo *grammaticus* na organização das listas de leituras que devem servir de base para a formação escolar, bem como na determinação, já no séc. III, do cânone de autores latinos, escolhas decisórias para a sobrevivência de uns e o esquecimento de outros. Segundo Cantó (2011, p. 749), os autores populares para o uso escolar foram privilegiados e são devedores de uma longa tradição que produziu um sem número de textos a seu respeito, comentários muitas vezes de caráter escolar, transcrições das anotações das aulas, sem mencionar o número de cópias que se realizavam desses autores para a aplicação durante as aulas, fatores que asseguraram a permanência desses textos:

> [...] A obra de Virgílio como um todo, e a *Eneida*, em particular, deu origem a uma quantidade surpreendente de comentários, repertórios de passagens, de figuras, de fontes; a maioria deles era de gramáticos cheios de admiração por sua obra, mas também houve críticos que lhe eram contrários e que devotavam suas energias para tentar demonstrar a falta de originalidade de Virgílio e sua manifesta inferioridade em relação a Homero, estabelecendo paralelos entre

[100] *Cf*. Moreno (1997, p. 264): *"lo que estudian las disciplinas lingüísticas es un sistema (es decir, una estructura en la que nada tiene sentido por sí solo sino en función de los demás elementos del sistema y del conjunto de dicho sistema)"*

> passagens, metáforas, símiles, etc., de um e de outro (CANTÓ, 2011, p. 248)[101].

O aumento no número de estudos sobre os textos, sobretudo, dos poetas, é consequência direta da *enarratio auctorum*, a segunda parte dos ensinamentos dos *grammatici.* A atividade do gramático de comentar a obra dos autores selecionados, de acordo com Cantó (2011, p. 750), fez crescer a demanda por cópias dessas obras, o que resultou não apenas na proliferação de exemplares, muitas vezes abarrotados de erros, mas também no crescimento vertiginoso do mercado editorial à época:

> a *enarratio auctorum* fez com que se produzissem comentários, edições anotadas e manuais geralmente chamados de *Artes*, onde, seguindo o modelo helenístico, questões gramaticais de todos os tipos são tratadas; outros instrumentos auxiliares seriam manuais de fonética, de métrica, repertórios lexicográficos, glossários, *differentiae*, etc. (CANTÓ, 2011, p. 750)[102].

Desta forma, além da função de crítico, é razoável pensar o *grammaticus* também exercendo um trabalho filológico prévio com esses textos de aplicação escolar a fim de, primeiramente, estabelecê-los e, em segundo plano, corrigi-los e, por fim, anotá-los, trabalho que Desbordes (1995, p. 34) define como a correção (*emendatio*), a pontuação (*distinctio*) e a anotação do texto (*anotatio*).

O estabelecimento das obras se dá no contexto específico, como lembra Colombat (2017, p. 90), da *scriptio continua,* isto é, uma vez que o texto escrito na Antiguidade se apresenta sem espaço entre as palavras ou sequências, prescindindo também de sinais de pontuação e mesmo de identificação de início ou término de sentenças pela distinção de maiúsculas e minúsculas, cabe ao gramático esse tratamento inicial dos textos, em especial para a prática escolar, cuidando também de corrigi-los, de modo a disponibilizar aos alunos "cópias livres de erros e alterações, e corretamente anotadas com os sinais críticos dos gramáticos alexandrinos" (CANTÓ, 2011, p. 748)[103]. A anotação soma-se aos processos anteriores na

---

[101] *Cf.* Cantó (2011, p. 748). *"[...] la obra de Virgilio en su conjunto, y la Eneida en particular, dio lugar a una cantidad asombrosa de comentarios, repertorios de pasajes, de figuras, de fuentes; la mayor parte eran de gramáticos llenos de admiración por su obra, pero también los hubo de críticos adversos que dedican sus energías a tratar de demostrar la falta de originalidad de Virgilio y su inferioridad manifiesta con respecto a Homero, estableciendo paralelos entre pasajes, metáforas, símiles, etc., de uno y otro*".

[102] *Cf.* Cantó (2011, p. 750): *"la enarratio auctorum hace que se produzcan comentarios, ediciones anotadas, y manuales llamados generalmente Artes, donde, siguiendo el modelo helenístico, se tratan cuestiones gramaticales de todo tipo; otros instrumentos auxiliares serían manuales de fonética, de métrica, repertorios lexicográficos, glosarios, differentiae, etc".*

[103] *Cf.* Cantó (2011, p. 750): *"copias libres de errores y alteraciones, y correctamente anotadas con los signos críticos de los gramáticos alejandrinos".*

preparação do texto, em geral executados por um especialista, a fim de propiciar a leitura que era, antigamente, bastante complexa se comparada com a de hoje. É de se supor, desta maneira, que tais atividades dos gramáticos influenciariam diretamente a transmissão dos textos (DESBORDES, 1995, p. 203).

Marrou (1969, pp. 100-112), Desbordes (1995, pp. 28-35) e Cantó (2011, pp. 741-751), entretanto, ressalvam que o estabelecimento desses textos não é uma ciência exata e que muitas edições de obras gramaticais sofreram perdas irreparáveis ocasionadas pelas cópias manuscritas e pela transmissão descuidadas:

> os romanos se consideravam autorizados a alterar o texto, não mais com base em evidências manuscritas, mas por razões históricas e religiosas; esse método drástico poderia ser útil no caso de autores arcaicos que precisavam ser reconstruídos, mas aplicados a autores quase contemporâneos era algo, obviamente, desnecessário; está claro que os antigos filólogos não tinham o respeito reverente pelo texto que caracteriza os modernos (CANTÓ, 2011, p.750)[104].

Para os pesquisadores modernos, é de se lamentar a negligência dos antigos para com as fontes e com a reprodução do texto integral ou mesmo com a precisão dos trechos-alvo dos comentários (CANTÓ, 2011, p. 750). Desbordes (1995, p. 28), por sua vez, enxerga aí uma razão a mais para laurear as várias gerações de filólogos modernos que trabalharam obstinadamente para editar esses textos antigos, buscar suas fontes, localizar fragmentos perdidos e suas filiações.

[104] *Cf.* Cantó (2011, p. 750): *"los romanos se consideraron autorizados a alterar el texto, no ya sobre la base de evidencia manuscrita, sino por razones históricas y religiosas; este método drástico podía servir para autores arcaicos que era necesario reconstruir, pero aplicado a autores casi contemporáneos era a todas luces innecesario; está claro que los filólogos antiguos carecían del respeto reverente por el texto que caracteriza a los modernos".*

II.4. As Artes Metricae: *o volume VI da obra de Heinrich Keil*

II. 4. 1. Apresentação: fortuna crítica

Na primeira etapa da presente pesquisa, foram mobilizados esforços na tentativa de se definir a literatura técnica da Antiguidade Clássica, bem como de compreender seus limites dentro do imenso e diversificado conjunto de obras que o gênero acolhe e, ainda, no intuito de inquirir sobre outras questões atinentes à literatura técnica como, por exemplo, a questão da transmissão do conhecimento técnico e das tradições específicas da disciplina gramatical.

Desde os primeiros estudos da linguagem até a elaboração das por vezes muito sofisticadas *Artes Grammaticae*, foi produzido pelos gregos e, posteriormente, pelos romanos, um número incalculável de textos técnicos acerca dessa matéria. Esse grande volume de obras técnicas que buscaram investigar questões atinentes aos estudos da linguagem e da escrita empreendidos pelos antigos, seja no âmbito da "ciência da língua", seja no âmbito da "ciência dos textos", para empregar os termos aplicados por Desbordes (1995, p. 13-20), permite depreender o grande interesse dos antigos pelo assunto e constitui um conjunto de autênticos documentos históricos de suma importância não apenas para a compreensão do pensamento antigo sobre a língua, mas, como fundamento para o pensamento linguístico moderno.

Boa parte desses textos fundamentais lamentavelmente foi perdido, e grande parte do conjunto que chegou à posteridade permanece não editada, além não contar com traduções para línguas vernáculas, daí a importância dos estudos modernos que buscam primeiramente estabelecer os textos que chegaram à modernidade, por meio do crivo da crítica textual, tornando-os disponíveis, inclusive, em meio digital, o que amplia o acesso a eles; em seguida, empreendendo pesquisas que lançam sobre eles um novo olhar reflexivo.

O estudo das fontes antigas dos gramáticos latinos nem sempre despertou tanto interesse como durante o século XIX (NEVES, 2005, p. 112; FORTES, 2014, p. 100), entretanto, o advento das pesquisas no campo da linguística e as novas tecnologias fizeram ressurgir muitas investigações que tomam tais textos como objetos de estudo, assim, é possível reconhecer o crescimento do trabalho com esse córpus gramatical antigo nas últimas décadas em território europeu, embora no Brasil seja ele ainda incipiente. Apesar de haver pesquisadores atuando com importantes investigações e alguns grupos de pesquisa esparsos pelas universidades no

país, há ainda pouco material acerca das reflexões linguísticas da Antiguidade Clássica em língua portuguesa.

Evidenciam-se no cenário internacional os trabalhos realizados pelo professor Bernard Colombat, no seio do CTLF (*Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux*), disponível através do link http://ctlf.ens-lyon.fr/i_accueil.asp; trata-se de um portal que dá acesso: a) a um banco de dados de registros que descrevem as principais obras dos gramáticos e linguistas das grandes tradições linguísticas, da Antiguidade ao séc. XX; b) a uma bibliografia complementar de mais de 3000 referências; c) a uma base textual (imagens) de quase uma centena de obras e d) a um banco de artigos e documentos produzidos por sua equipe.

Destaca-se também a recente reimpressão, em 2010, pela Editora Cambridge, como parte da coleção *Cambridge Library Collection – Linguistics*, o vultoso trabalho de Heinrich Keil. O córpus resultante da somatória de textos elencados sob a rubrica ***Grammatici Latini***, compendiados por Keil, em Leipzig entre 1855 e 1880, é constituído pelo conjunto de textos técnicos supérstites da tradição manuscrita, escritos em latim, em sua maioria entre os sécs. III e VIII d. C, aproximadamente, e soma 8 opulentos volumes. A editora traz como apresentação a essa edição o seguinte comentário feito pelo filósofo Raymond Geuss, da Universidade de Cambridge:

> O latim não somente estava em uso contínuo na Europa como língua falada e escrita até a metade do século XIX, como também o estudo sistemático da língua latina e a apresentação dos resultados daquele estudo nas gramáticas formais têm uma história contínua, que remonta a dois mil anos atrás. Durante grande parte desse período, a 'Gramática Latina' era a mais importante de todas as disciplinas humanísticas; 'mais importante' tanto no sentido de que, por séculos, o estudo do latim baseado na gramática era o primeiro passo para qualquer forma de ensino superior, como no sentido de que a impressão de perfeição auto-referente da 'Gramática Latina' era um modelo ao qual outras disciplinas também aspiravam[105].

A nota de Geuss à reimpressão do compêndio de Keil reflete a importância das gramáticas latinas dentro dos estudos humanísticos. O córpus da presente pesquisa é parte

[105] *Cf.* "*Not only was Latin in continuous use as a spoken and written language in Europe until the middle of the nineteenth century, but the systematic study of the Latin language, and the presentation of the results of that study in formal 'grammars' has an unbroken history reaching back two thousand years. For much of that period 'Latin grammar' was the most important of all the humanistic disciplines; 'most important' both in that for centuries grammar-based study of Latin was the first step to any form of higher education, and also in the sense that the seemingly self-enclosed perfection of 'Latin grammar' was the model to which other subjects aspired*". Disponível no endereço: https://cambridgelibrarycollection.wordpress.com/2010/09/16/keils-grammatici-latini/. Acesso em 25 de set. de 2016.

integrante desse conjunto de textos, mais especificamente aquele contido no volume VI dos ***Grammatici Latini***, intitulado *Scriptores Artis Metricae.*

Outro projeto de grande relevância para os estudos do que se conservou dos *grammatici* é o projeto *Hyper-GL* financiado pela ANR (*Agence Nationale de la Recherche*) que apresenta, como produto final de uma pesquisa iniciada em 1977, hoje sob a coordenação de Alessandro Garcea, o portal *CGL: CORPVS GRAMMATICORVM LATINORVM*, que se intitula *"Accès aux sources grammaticales de la Latinité tardive: recherche, parcours textuels et bibliographie"*, e pode ser acessado em http://kaali.linguist.jussieu.fr/CGL/index.jsp. O CGL disponibiliza toda a obra dos ***Grammatici Latini*** reunida por Heinrich Keil: mais de uma centena de *Artes Grammaticae* escritas entre os séculos III e VIII d. C., recolhidas pelo filólogo entre 1855 e 1880. Importante destacar que o próprio portal traz a descrição das transcrições dos volumes impressos para a plataforma digital; esse ambiente virtual ainda permite visualizar em cor realçada os excertos, em geral literários, utilizados pelos gramáticos como exemplos da teoria que descrevem.

Se, por um lado, o portal CGL permite averiguar quais dos autores dos ***Grammatici Latini*** tiveram seus tratados e manuais reeditados, traduzidos ou foram tomados como objeto de estudo crítico de pesquisas recentes, por outro lado infelizmente não traz uma recolha atualizada de *notices* de todas as pesquisas que estão sendo produzidas nesse campo. Para dados mais atualizados, o CLTF parece ser mais atraente, embora em nenhum deles constem os trabalhos tradutórios que têm sido levados a cabo no Brasil.

Em solo nacional, são notáveis os trabalhos de Neves (2002 e 2005), de Pereira (2000) e aqueles desenvolvidos em conjunto, nos vários níveis do ensino superior, por grupos reunidos ao redor de pesquisadores como Maria Cristina Altman, na USP, José Borges Neto, na UFPR, Marco Aurélio Pereira, na Unicamp e João Batista Toledo Prado, na UNESP.

A presente investigação, por exemplo, faz parte do projeto intitulado "*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias" – projeto desenvolvido no âmbito do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Câmpus Araraquara. Partes dele têm sido levadas a cabo tanto por alunos da graduação do curso de Letras, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, como também por alunos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da mesma I.E.S., com financiamento da Coordenação

de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e também do CNPq, sob a orientação de João Batista Toledo Prado.

Interessa ressaltar aqui três estudos produzidos dentro do projeto "*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias". Esta pesquisadora participou do desenvolvimento da primeira fase do projeto que se ocupou da tradução, ainda incompleta, da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*. Em outras etapas, o projeto buscou traduzir e investigar a obra de Césio Basso, estudo que resultou na Dissertação de Mestrado "Os *Fragmenta* de Césio Basso: leitura crítica e tradução anotada" de Francisco Diniz Teixeira (TEIXEIRA, F. D., 2005); em etapa posterior, o projeto dedicou-se à tradução e investigação da obra *Terentianus de littera, de syllaba, de pedibus*, pesquisa desenvolvida por Mariana Peixoto Pizano, (PIZANO, M., 2012 e início de 2014) e por Isabella Maia Pereira de Jesus, primeiro como pesquisa PIBIC, depois como Monografia de Conclusão de Curso (MCC), intitulada *De Metris*: os metros de Terenciano Mauro, apresentada em 2016, e que, no presente, vem dando continuidade a esse estudo, agora como projeto de mestrado (desde o início de 2018).

A pesquisa com o texto *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* resultou na Dissertação de mestrado desta pesquisadora, intitulada "*Quod erat demonstrandum* – Os Exempla no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Aftônio", e teve como tema a investigação da construção dos exemplos constantes nas referidas gramáticas, bem como de seu tratamento e seus efeitos sobre a descrição da língua latina, perfazendo o córpus ilustrativo naquelas *Artes Grammaticae*, nas seções destinadas ao estudo e descrição da métrica dos poemas, mais especificamente, no texto de Vitorino e Aftônio.

Para além das questões acerca da autoria do texto, do emprego, função e funcionamento dos *exempla* dentro do discurso e também dos fatores que conduziram à escolha dos autores utilizados como exemplos de matrizes métricas no discurso gramatical de Vitorino e Aftônio, o estudo da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Metricae Libri IIII* suscitou novas questões que colocam as artes gramaticais e métricas e, de modo especial, o texto de Vitorino e Aftônio no centro da investigação que se propõe agora e que representa uma pequeníssima fração dos muitos estudos produzidos hoje, aqui e no exterior, que tomam como córpus os textos técnicos produzidos pelos gramáticos antigos. Entretanto, muitas dessas fontes antigas permanecem intocadas e há ainda um vasto campo a ser explorado.

II. 4. 3. Apresentação: córpus

Os textos atribuídos aos *Grammatici Latini* consistem em um conjunto de textos técnicos de gramática latina escritos entre o séc. III e o séc. VIII d. C. aproximadamente. Esse córpus apresenta muitos aspectos interessantes, pois: a) permite a reconstituição da história das ideias linguísticas no Ocidente, reunindo as suas principais fontes – toda a tradição posterior, a partir da Idade Média, está apoiada sobre esses textos; b) contém, sob a forma de exemplos, mais de 14.000 citações: seja de fragmentos precisos de obras (literárias, filosóficas, técnicas) perdidos, seja de passagens que se podem comparar com a tradição direta dos textos conservados; c) coloca em evidência certas tendências do latim tardio, notadamente as formas expressivas estranhas ao uso clássico e, d) evoca as discussões filosóficas acerca do funcionamento da linguagem, mostrando a adaptação das categorias lógicas ao ensino escolar (COLOMBAT, 2017, p. 20; BARATIN, 1994, p. 145).

É evidente que esse córpus se destaca por sua característica polivalente, suscetível de interessar a um só tempo muitas áreas do conhecimento, desde os historiadores da linguagem, que investigam ali as teorias linguísticas subjacentes, até os filólogos, os literatos, os romanistas e todos os que estudam a passagem do latim às línguas românicas, e também os filósofos, como aponta Baratin (1989, p. 190). Todas essas disciplinas podem beneficiar-se muito com a oportunidade de investigar as fontes estudadas.

Antes mesmo da obra ***Grammatici Latini*** de Keil ter-se tornado acessível virtualmente, o projeto "*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias" já a tomava como objeto de investigações, especialmente aqueles textos reunidos no volume VI, *"Scriptores Artis Metricae"* dos ***Grammatici Latini*** de Keil, com o propósito de analisar a importância da métrica em textos de autores latinos, segundo os tratados contidos na obra. Malgrado o empenho para trazer à luz os textos e as teorias linguísticas neles contidas, grande parte dessas obras até o momento foram estudadas somente de maneira parcial ou mesmo incompleta, uma das grandes dificuldades é justamente o grande volume da obra de Keil que, ademais, é monolíngue.

Dos oito volumes que compõem o *GL* de Keil, interessa à presente pesquisa o volume 6º, intitulado *Scriptores artis metricae* e que corresponde ao compêndio de textos de gramáticos latinos que contemplam exposições sobre a métrica, constantes em manuais e tratados técnicos. Esse volume apresenta os textos dos seguintes gramáticos, nessa ordem:

1. *Marius Victorinus* (Mário Vitorino);

2. *Maximus Victorinus* (Máximo Vitorino);

3. *Caesius Bassus* (Césio Basso);

4. *Atilius Fortunatianus* (Atílio Fortunaciano);

5. *Terentianus Maurus* (Terenciano Mauro);

6. *Marius Plotius Sacerdos* (Mário Plócio Sacerdote);

7. *Rufinus* (Rufino);

8. *Mallius Theodorus* (Málio Teodoro);

9. *Fragmenta et Excerpta Metrica* (Fragmentos e Excertos Métricos).

PARTE B - ANÁLISE DE CASO

A Ars Metrica *de Élio Aftônio e Mário Vitorino*

III. Principais características dos textos técnicos antigos

O conjunto de textos técnicos produzidos na Grécia e Roma antigas, majoritariamente elaborados em prosa, congrega saberes concernentes a certas profissões e disciplinas, o que implica alguma expertise do seu público leitor, antigo e moderno. Esse conjunto corresponde, como definido há pouco, à Literatura técnica da Antiguidade Clássica e volta-se para a difusão dos conhecimentos práticos e técnicos. Malgrado a diversidade de assuntos e disciplinas que possa abranger – uma das características fundamentais desse conjunto de textos – é possível reconhecer no plano textual de tais obras algumas características comuns que refletem não apenas a temática técnica e científica de que tratam, mas ainda sua finalidade didática voltada também para a transmissão de conhecimentos.

Tais textos, em geral preteridos às obras clássicas da literatura antiga pelos estudos modernos, quando são tomados como objetos de pesquisa, o foco das investigações recai sobre seus conteúdos, isto é, sobre os saberes que reúnem e todas as informações que possam trazer para aprofundar o nosso conhecimento e compreensão acerca da própria civilização antiga, sobre as práticas de determinadas disciplinas, sobre o uso das tecnologias pelos antigos, o modo e o impacto desses saberes técnicos para aquelas civilizações. São notícias muito preciosas para os estudos modernos a respeito da Antiguidade Clássica, entretanto, investigações como essas, que buscam “o que” os textos técnicos têm a dizer e não o “modo como” eles o fazem, deixam entrever o que há sobre esse período e sociedade nas suas entrelinhas.

Apenas recentemente as atenções de pesquisadores modernos têm-se voltado para a análise do plano de expressão das obras técnicas e científicas produzidas pelo mundo greco-romano, que constituem parte importante do patrimônio cultural da Antiguidade. Esses novos estudos fazem atentar para a cuidadosa sistematização do conteúdo e para a utilização de ferramentas linguísticas específicas para a comunicação especializada, fato que, também em função do seu público leitor, apresenta características próprias às linguagens técnicas.

O desenvolvimento do latim como língua totalmente elaborada, que pudesse satisfazer todas as necessidades sociais, inclusive a da comunicação altamente especializada, ocorreu somente nos séculos I a. C e I d. C, de acordo com Fögen (2011, p. 445). Durante esse período, tratados técnicos de variadas disciplinas como a agronomia, geografia, arquitetura, mecânica, medicina, farmacologia, assuntos militares e ainda os textos técnicos oriundos de outras áreas

de conhecimento, como a filosofia, a retórica, a gramática e a crítica literária, fazem emergir elementos técnicos e científicos no latim, com uma linguagem técnica e especializada.

Para cada uma das ciências e técnicas foram constituídas terminologias específicas, graças a diversos processos que culminaram no enriquecimento do vocabulário das línguas em questão e, embora o nosso estudo tenha início na análise do léxico técnico-científico, há outras instâncias do plano da expressão que devem ser analisadas, tais como os aspectos morfossintáticos, pragmáticos e estilísticos, para um exame mais completo da linguagem das obras da literatura técnica antiga.

Dessa forma, reunindo o que há de mais recente em apontamentos teóricos sobre literatura técnica elaborados por pesquisadores modernos, como Thorsten Fögen, Cesidio De Meo, Danielle Conso, Agustín Guerreira, Louis Callebat, Mark J. Schiefsky, Phillippe Fleury, Courtney Roby e Matheus Trevizam, aplicados a disciplinas diversas, em nossa pesquisa, tais conhecimentos teóricos serão mobilizados em função da análise do córpus selecionado, qual seja, aquele das *Artes Grammaticae*, mais especificamente, o texto *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, atribuído a Vitorino e Aftônio, que se encontra no subconjunto "*Scriptores Artis Metricae*" dos *Grammatici Latini* de Keil, cujo propósito central é a descrição do sistema métrico da língua latina e o estudo da formação dos versos latinos.

III. 1. Características lexicais

Ao propor estudar os léxicos científicos e técnicos do latim, o presente trabalho pretende discuti-los à luz de teorias mobilizadas por autores modernos, como aqueles mencionados anteriormente. As pesquisas a respeito do léxico do texto técnico antigo abrangem tratados de variadas disciplinas, algumas das quais, como a agronomia, geografia, arquitetura, mecânica, medicina e farmacologia, pertencem a áreas do conhecimento muito distantes daquela a que pertence o córpus a ser examinado pela presente pesquisa, e outras de áreas afins, como a filosofia, a retórica e a crítica literária. Em vista disso, a metodologia da análise que virá a seguir, parte do aparato teórico mobilizado pelos pesquisadores antes mencionados para a investigação do léxico dos textos latinos dos mais diversos temas.

Para fins de metodologia e análise comparativa, faz-se necessária a utilização de estudos acerca de disciplinas que fogem à área do conhecimento em que se enquadra o córpus do presente trabalho, uma vez que a produção de estudos acerca do léxico técnico dessas disciplinas e conhecimentos específicos é mais abundante que aquela dirigida à observação dos *grammatici latini*, o que justifica a presença de estudos acerca da agricultura, arquitetura, mecânica e medicina antigas, por esse motivos não deve causar estranhamento que frequentem a bibliografia desta tese.

Assim, a metodologia aqui perseguida fundamenta-se na observação: (a) dos fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam ou guiam a escolha dos vocabulários utilizados, (b) da realidade linguística que constrói a noção de "científico" e de "técnico" que, por sua vez, impacta o vocabulário "científico" ou "técnico" das disciplinas e as várias influências, pessoal, cultural ou de civilização, que esse vocabulário tende a sofrer, (c) dos processos de atualizações por que os vocabulários das disciplinas, habilidades ou conhecimentos específicos podem passar, (d) do padrão relativamente estável de uma "terminologia técnica" ou de uma "linguagem particular" das disciplinas em avaliação e, por fim, (e) da influência dos vocabulários técnicos antigos na escrita técnica moderna.

Os termos técnicos estão entre as características mais notáveis da comunicação especializada, assim, a investigação do léxico técnico dos textos antigos, além de requerer cautela e rigor metodológico, implica também uma reflexão acerca dos problemas a ela relacionados, por exemplo: (1) a relação entre termos técnicos e as palavras que ocorrem no discurso cotidiano; (2) problemas com variáveis terminológicas; (3) mudanças semânticas de

termos técnicos e (4) a formação de palavras. Sem que a intenção seja a de esgotar o assunto, pretende-se, a seguir, colocar em relevo as principais questões relativas à terminologia técnica e os aspectos lexicais dos textos técnicos antigos.

O estudo terá início na proposição de uma definição para a "linguagem técnica" e, em seguida, tomará dois caminhos distintos, porém complementares, e talvez mesmo paralelos: um consistirá em investigar sobre o modo como o vocabulário técnico constituiu-se; outro, em observar suas características intrínsecas.

Antes, porém, de iniciar a exposição dos tópicos de análise das características lexicais do texto técnico antigo, é necessário ressalvar que o tratamento de questões científicas e técnicas empreendido pela Antiguidade Clássica é decorrente de um contexto histórico, que aqui será chamado de "realidade linguística", segundo propõe Callebat (1998, p. 143), "cujos modos de pensar e procedimentos de pesquisa não poderiam ser avaliados com precisão, sem o risco de anacronismo e de interpretação distorcida"[106], como ajuíza o autor, uma vez que a ciência antiga segue postulados radicalmente diferentes daqueles atuais.

Outra ressalva ainda mais particular a ser feita deve-se à natureza do córpus da pesquisa, cuja falta de evidências diretas não permitem reconstruir a realidade viva dessas disciplinas nem sua prática nos tempos dos romanos. A esse respeito, Callebat avalia o modo como tais conhecimentos técnicos chegaram à posteridade, isto é, como a modernidade teve acesso aos dados sobre a teoria e, sobretudo, a prática de determinadas disciplinas romanas:

> confrontada, sem dúvida, na medida do possível, com os dados da arqueologia, situados também na história das técnicas e de sua nomenclatura, a documentação transmitida permanece, no entanto, fundamentalmente escrita e literária (CALLEBAT, 1998, p. 143)[107].

Essa questão é especialmente relevante para a natureza do córpus aqui analisado, por isso, é preciso ter em conta a noção essencial da língua como expressão cultural de um povo, afinal, quem estuda latim estuda necessariamente a cultura latina. Não se pode perder de vista também o entendimento do latim como língua materna[108], o que sobreleva o emprego do latim

---

[106] *Cf.* Callebat (1998, p. 143): *"[...] dont les modes de pensée et les procédures de recherche ne sauraient être précisément évalués, sans ris que d'anachronisme et d'interprétation faussée".*
[107] *Cf.* Callebat (1998, p. 143): *"[...] confrontée, sans doute, dans la mesure du possible, avec les données de l'archéologie, située aussi dans l'histoire des techniques et de leur nomenclature, la documentation transmise n'en reste pas moins, fondamentalement, écrite et littéraire".*
[108] Sobre a entendimento do latim como língua materna do povo romano, *cf. Uma estranha língua?* (LIMA, 1995).

como língua de comunicação de um povo, em detrimento da vasta gama de registros elaborados em língua latina, para os mais diversos usos e fins, ao longo dos séculos ulteriores ao grande Império Romano. A compreensão do latim como "língua viva do passado" (LIMA, 1995, p. 19), que rege este estudo, tem, no tocante à métrica, restrições e ressalvas importantes e necessárias, para as quais as discussões empreendidas por Lima e Thamos (2005) e Prado (1997) fundamentam esta tese. Assim, a primeira ressalva nasce da distância existente entre a realidade linguística da língua latina e nós que buscamos hoje estudá-la, ou melhor, entre a composição métrica de textos, tanto da poesia como da prosa antigas, e, posteriormente dos tratados técnicos que procuraram descrever e normatizar as regras dessa disciplina, e as investigações a seu respeito que são empreendidas modernamente.

Sobre a língua latina, Prado, citando estudo de Haroldo Bruno, fala em "língua em suspensão" (1997, p. 20), ou seja, "uma língua cujos atos de fala já se desenrolaram sobre o eixo da história, até atingirem o esgotamento natural com um último falante a expressar-se por meio dela" (BRUNO apud PRADO, 1997, p. 20), já Lima e Thamos concebem o latim como uma língua de "sincronia fechada" (2005, p. 126), isto é, "cujas realizações concretas da fala [...] já se esgotaram historicamente". Callebat e Fögen abordam o mesmo tema afirmando que a "realidade linguística" (CALLEBAT, 1997, p. 145) do latim encerrou-se junto com o declínio daquela civilização. Tais declarações, fundamentalmente embasadas na perspectiva linguística de Saussure (19--), são importantes para a compreensão de que a língua latina que se estuda hoje é o latim daquela documentação transmitida essencialmente pelo suporte escrito a que alude Callebat, de modo que, no tocante à métrica clássica, o que resta acerca da realização fônica, isto é, da matéria sonora que com que opera essa disciplina, restringe-se a descrições teóricas, como observam Lima e Thamos:

> Embora as gramáticas latinas possam dar a impressão de que tratam de matéria cujo conhecimento dominamos com tranquilidade, a verdade é que todo o latim que nós modernos podemos saber é inteiramente baseado em dados teóricos, isto é, escolares, e não empíricos. Isso significa que nosso conhecimento sobre essa língua antiga comporta mais lacunas do que gostaríamos talvez de admitir. É esse o caso fundamental da oposição entre vogais longas e breves (LIMA; THAMOS, 2005, p. 125).

Uma vez que tudo o que sobreviveu às intempéries dos séculos acerca da disciplina métrica são testemunhos teóricos escritos, Lima e Thamos advertem para a impossibilidade de uma leitura da métrica clássica fiel ao modo romano, sobretudo daquelas vogais longas e breves que, para nós, não representam mais que sinais gráficos, *tracinhos* retos ou curvos colocados

sobre as letras, a respeito dos quais sabemos tão somente que, em relação à duração, aquele tem o dobro do tempo de prolação deste, ou seja "uma indicação muito apagada e muito teórica de que se trata de vogal longa ou breve", como afirmam Lima e Thamos (2005, p. 127).

A incapacidade de recuperar modernamente a articulação oral da métrica clássica, dada a divergência de sistemas métricos – aquele quantitativo, o nosso, qualitativo – mas, mais importante, devido à ausência de qualquer testemunho físico da realização sonora desse sistema, torna-se um agravo para toda e qualquer investigação moderna que se debruce sobre essa disciplina ou, nas palavras de Prado "constatar a quase completa ignorância que se tem da fonética latina, seria o mesmo que confessar a esterilidade daquela disciplina e condenar à inviabilidade qualquer trabalho que dela se ocupasse ou que se propusesse a discuti-la" (1997, p. 19).

Em suma, como descreve Prado (1997, p. 18), à disciplina métrica clássica incumbe ponderar sobre os sons da fala e sobre suas qualidades fônicas, desta forma, os tratados técnicos, como aqueles reunidos por Keil no volume VI dos *Grammatici Latini: Scriptores Artis Metricae*, compêndio de que fazem parte *Os quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical*, "procuraram catalogar as regularidades percebidas na poesia clássica e formular as normas de sua ocorrência nos versos" (PRADO, 1997, p. 18). O caráter preponderantemente descritivo e normalizador dos tratados técnicos, entretanto, contribuiu, não apenas para a posterior consagração da métrica como uma disciplina de erudição, mas também para a percepção dessa matéria, por suas numerosas taxionomias (LIMA, 2003, p. 102), como uma "mera e estéril descrição", define Prado (1997, p. 19), como um "conjunto de normas" (1997, p. 19), em face da impossibilidade de se recuperar a constituição fônica do enunciado latino, especialmente o modo como se realizava linguística e concretamente a oposição entre as vogais longas e greves, fundamental da métrica clássica. A despeito, entretanto, da ausência de qualquer testemunho físico da prolação do latim, isto é, da forma como um romano articulava as quantidades silábicas de sua língua materna, é incontestável a importância da disciplina métrica para os antigos.

A relevância da métrica para a Antiguidade Clássica fica comprovada, por exemplo, pelo imensurável volume de autores e obras que se dedicam à investigação dessa matéria, um sem número de estudos e trabalhos realizados por aqueles que ainda falavam latim e também grego. Das fontes antigas que congregam as informações supérstites acerca da métrica, contamos com o testemunho de textos de autores que, mesmo não propriamente dedicados à

matéria, contemplam-na com profundas reflexões. Esse é o caso, por exemplo, das obras de Cícero e Quintiliano (cf. PRADO, 2009, p. 105); mas, principalmente, dispomos dos textos dos *grammatici antici* que, ou discorreram sobre o assunto incluindo-o nas investigações linguísticas do latim e do grego ou trataram da matéria de modo exaustivo, compondo, por fim, tratados técnicos inteiros dedicados à métrica, como aquele que tomado como córpus da presente pesquisa, bem como aqueles outros da mesma compilação de Keil (v. VI, 1961). Embora muito de todo esse material produzido sobre a métrica clássica tenha sido perdido ao longo do tempo, os textos que chegaram até nós servem como um testemunho fidedigno do interesse dos antigos por essa disciplina.

Todo o esforço de trazer à luz as teorias métricas expostas por esse grande conjunto de textos técnicos que versa sobre a métrica clássica, propósito daqueles grupos de pesquisa e pesquisadores independentes que foram lembrados no início deste trabalho, restará esvaziado de sentido, entretanto, se os conhecimentos técnicos que veiculam não forem aplicados em função da observação do texto antigo, isto é, se não servirem, enfim, para que se atualize a percepção da métrica como um conjunto de normas para a compreensão dessa disciplina segundo o papel que verdadeiramente lhe cabe: como ferramenta para a construção/análise do plano de expressão. De acordo com Prado:

> A verdade é que muito pouco se fez com o quase incomensurável aparato crítico que a tradição dos estudos clássicos foi capaz de produzir ao longo dos séculos, a não ser contabilizar possibilidades de variação métrica exploradas por poetas romanos, sem que se tenha feito a correlação entre tais expedientes, e ainda outros que não mereceram a atenção devida, e o potencial expressivo que deles decorre. (1997, p. 22)

Para concluir, embora o volume de pesquisas sobre as fontes antigas da gramática latina tenha crescido satisfatoriamente nas últimas décadas, há muito ainda o que investigar. Sobre as *Artes Metricae*, é mister trilhar, então, triplo caminho: 1) desvendar teorias a respeito dos mais diversos metros da lírica latina, e revelar detalhes acerca do funcionamento desse sistema linguístico, a fim de normatizar e regularizar nomenclatura e conceitos concernentes à métrica clássica, sem perder de vista também os manuais modernos de métrica clássica grega e latina (e. g.: o de Crusius, de Gubernatis, de Hardie, de Lavarenne, etc.), que se ocupam de descrever o enorme número de possibilidades de realização dos diversos pés métricos nos muitos tipos de versos empregados pelos poetas clássicos; 2) empregar todos os conhecimentos técnicos da disciplina métrica que chegaram até a posteridade transmitidos por essas fontes antigas em função da leitura do dado poético das obras produzidas pela Antiguidade Clássica, de modo que

a erudição vazia desses saberes teóricos, presa à moderna inconcretude da substância fônica da língua latina, dê lugar à métrica atuante e catalizadora dos efeitos estéticos do discurso e, 3) transitar por tais textos explorando não somente os conceitos e definições que portam, mas também a forma de que se revestem, a sua "literariedade", como define Trevizam (2010, p. 104), perscrutando os mecanismos de linguagem mobilizados deliberadamente para o enriquecimento de sua trama textual que permitem elevar o texto técnico antigo ao patamar de texto literário no seio da sociedade que o compôs. O presente trabalho pretende ser uma contribuição para a construção dessa nova perspectiva acerca dos estudos sobre a métrica antiga.

III.1.1. Uma proposta de definição para “linguagem técnica”

É importante tentar estabelecer a distinção entre terminologia e vocabulário, para tanto, recorremos pontualmente às definições propostas pela Linguística moderna. As autoras Krieger e Finatto (2004) diferenciam “palavra” e “termo”: enquanto a palavra é uma unidade do léxico que admite vários significados a depender de um contexto, os “termos” são unidades do discurso, ou seja, uma palavra usada numa área de especialidade ou atividade que, por esse motivo, admite, em geral, apenas um significado. Desta forma, a gramática, e aqui em particular a métrica, estabelecendo-se como área de especialidade, utiliza-se de termos para organizar o seu conhecimento, e realizar a comunicação, dentro da abrangência de sua área, entre os especialistas nela envolvidos. Os termos, para Krieger e Finatto (2004), possuem dupla função: a de representar o conhecimento especializado e de transmiti-lo. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 17).

No que diz respeito às áreas técnico-científicas, conforme Krieger “a própria unidade lexical terminológica é, simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber, quanto recurso de expressão linguística que favorece a univocidade comunicacional” (KRIEGER, 2000, p. 211). Os termos são, portanto, como dados instituídos e autônomos, contudo, não se pode esquecer de que são também, antes de tudo, unidades lexicais, e funcionam dentro das linguagens técnicas de modo semelhante ao funcionamento das unidades lexicais consideradas próprias da linguagem comum.

Desta forma, a Terminologia é, como definem Krieger e Finatto (2004), a ciência que se ocupa do estudo dos termos técnicos e científicos e que, portanto, regula a comunicação especializada e ajuda, por conseguinte, a zelar pela clareza da comunicação especializada e pela precisão semântica necessária para o intercâmbio eficiente do conhecimento tecnológico, científico e cultural (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 18). Uma vez que a própria palavra “terminologia” carrega em si mesma a noção de comunicação especializada e, embora o binômio “terminologia técnica” tenha sido consagrado e seja amplamente empregado pelos estudos sobre os textos técnicos antigos e modernos, como se poderá verificar no decorrer deste trabalho, empregar o referido binômio é algo tautológico.

Como propõem as autoras Krieger e Finatto (2004, p. 54), pertencem ao campo da Terminologia os termos “vocabulário técnico”, “léxico técnico”, “léxico temático”, tais termos, são empregados neste trabalho como sinlônimos para Terminologia. Esses termos são de

natureza cognitiva-normalizadora, segundo as autoras, e suas fontes são os textos de especialidade e os usuários específicos e, nisso, diferem da Lexicografia que apresenta natureza linguístico-descritiva, a partir de textos em geral, e o perfil de seu usuário pode ser definido como difuso .

Nesse momento em que se busca definir os conceitos que conduzem o presente trabalho, vale a pena adiantar a discriminação proposta por Callebat entre léxico científico e técnico, que que será abordada no tópico "III.1.2.2: Autor, leitor e obra: implicações no vocabulário técnico", que virá logo a seguir: enquanto o léxico científico identifica um conjunto de conhecimentos relativos a um domínio específico que diz respeito ao universo físico e humano, como determina Callebat (1997, p. 141), os léxicos técnicos participam dos processos práticos, de realização material, por exemplo de uma arte, como a retórica, a gramática (CALLEBAT, 1997, p. 141) ou a métrica, para citar a área do conhecimento à qual pertence o córpus desta pesquisa.

Fögen alerta para uma ressalva necessária ao tema: "não se deve esquecer de que os termos técnicos não ocorrem somente em contextos estritamente científicos ou acadêmicos, mas também em muitas áreas da comunicação cotidiana"[109]. Seria possível citar incontáveis exemplos, desde o linguajar peculiar às áreas do direito ou economia com que se depara ao ler um jornal, o particular jargão da informática, ou mesmo, como lembra o autor, todos os termos técnicos de uma partida de futebol. Para Fögen (2011) "todas essas são situações em que a comunicação só pode funcionar se os participantes tiverem um conhecimento factual aproximadamente similar que possam articular e entender através de meios linguísticos similares"[110] e, também para Roby (2015, p. 7), conhecer e dominar a terminologia técnica de um texto, ou contexto comunicativo, é fator determinante para a experiência de leitura e comunicação.

Desta forma, Fögen (2011, p. 447) chama a atenção para a necessidade de se analisarem as linguagens técnicas por uma perspectiva sociolinguística. Mesmo no interior de uma comunidade de fala, a linguagem não será uniforme, mas apresentará "formas de fala

---

109 *Cf.* Fögen (2011, p. 448): *"It must not be forgotten that technical terms do not only occur in strictly scientific or scholarly contexts, but also in many areas of everyday communication".*

110 *Cf.* Fögen (2011, p. 448): *"[...] are all situations in which communication can only work if the participants have an approximately similar factual knowledge which they are able to articulate and understand through similar linguistic means".*

específicas de grupo e classe, bem como divergências estilísticas motivadas pela situação"[111]. Assim, a heterogeneidade da linguagem espelha a pluralidade das comunidades linguísticas.

A comunicação especializada requer ferramentas linguísticas específicas: línguas técnicas (*Fachsprachen*) e/ou línguas especiais (*Sondersprachen*), de acordo com Fögen (2016, p. 269). Para esse autor, elas são "definidas como variedades de uma língua que são limitadas quanto ao uso a certas ocupações ou profissões (formas de fala específicas do grupo), mas ainda exibem uma certa sobreposição com variedades não técnicas, em particular com o idioma padrão"[112].

Fögen (2011) também menciona uma definição de "linguagem técnica", da forma como foi proposta pela linguística moderna, ou seja, elas seriam "variedades específicas de uma linguagem histórica"[113], citando Langslow (1989):

> As línguas técnicas são *variedades* de um idioma com sua própria história, com áreas de sobreposição com variedades não técnicas que podem tê-las influenciado e ter sido influenciadas por elas (LANGSLOW, 1989, p. 34-5, *apud* FÖGEN, 2011, p. 447-8 – grifo do autor)[114].

Além da variação dialetal baseada na geografia, também é possível constatar, segundo os autores, a variação sociolinguística, que considera parâmetros variáveis como idade, sexo, classe, raça, nível de escolaridade, entre outros. As diversas áreas do conhecimento perfazem um outro parâmetro, uma vez que cada ocupação ou profissão traz consigo sua própria linguagem técnica. Tal como uma variedade relacionada à idade, sexo ou classe social, a linguagem técnica terá o seu uso limitado não apenas a certos interlocutores, mas também, muitas vezes, a determinados assuntos de uso específico que nem todos dominam, embora, como lembra Fögen, seja construída sempre a partir da linguagem padrão, modificando-a e, reciprocamente, sendo modificada por ela.

A terminologia técnica ou o emprego de vocabulário técnico, como já se disse anteriormente, é uma das características mais significativas e perceptíveis das linguagens

---

[111] *Cf.* Fögen (2011, p. 447): *"group- and class- specific speech forms as well as situationally motivated stylistic divergences".*
[112] *Cf.* Fögen (2016, p. 269): *"defined as varieties of a language that are limited in use to certain occupations or professions (group-specific speech forms), but still exhibit a certain overlap with non-technical varieties, in particular with the standard language".*
[113] *Cf.* Fögen (2011, p. 447): *"specific varieties of a historical language".*
[114] *Cf.* Fögen (2011, p. 447): *"Technical languages are* varieties *of a language with their own history, with areas of overlap with non-technical varieties which may have influenced them and been influenced by them".*

técnicas, segundo Fögen, (2011, p. 447), sendo, muitas vezes, sugerida como uma forma de distinguir textos e autores técnicos, de acordo com Roby (2015, p. 7). Esse critério, segundo Roby, tem o seguinte propósito:

> Por um lado, ao que parece a 'terminologia técnica' deveria ser fácil de detectar: esse vocabulário pode ser distinguido por sua aparência pouco frequente no córpus sobrevivente da literatura ou por mudanças marcadas no sentido de uma palavra em um contexto 'técnico' (ROBY, 2015, p. 7)[115].

Frente à linguagem de uso comum, a especificidade da linguagem técnica não é difícil de identificar, de acordo com a autora. Como aponta De Meo, a terminologia técnica corresponde, prevalentemente, aos momentos em que se constata uma alteração da linguagem comum, que se dá por meio de processos complexos – os quais serão examinados adiante –, sem, contudo, "perturbar as leis normais da formação linguística, de modo a preservar substancialmente intacta a estrutura da linguagem comum" (DE MEO, 1986, p. 11)[116]. Assim, embora reservada a uma certa categoria de competências, a linguagem técnica coexiste com a linguagem comum e desenvolve, por meio do vocabulário técnico, uma espécie de bilinguismo ao qual expõe seus usuários-especialistas que, por sua vez, conseguem identificar e decodificar a linguagem técnica, enquanto os não-especialistas, não familiarizados, portanto, com a especificidade dos termos técnicos, alcançam apenas o nível da identificação.

Em seu artigo *"Technical terminology in Greco-Roman treatises on artillery construction"*, sobre a terminologia técnica nos tratados de artilharia do mundo antigo, Mark J. Schiefsky (2005) propõe: "por terminologia técnica, entendem-se os termos ou frases específicas utilizadas pelos praticantes de uma arte ou *τέχνη* em relação à sua atividade profissional" (2005, p. 253)[117]. Essa definição é particularmente útil, primeiro por não excluir a possibilidade de que uma palavra que já tem algum significado na linguagem comum assuma significado especializado como termo técnico e, segundo, por considerar a linguagem técnica, isto é, a terminologia específica, dentro de seu contexto: como ferramenta de um conjunto de autores que se debruçam sobre uma determinada *τέχνη*.

---

115 *Cf*. Roby (2015, p. 7): *"For one thing, 'technical terminology' seems like it ought to be straightforward to spot: such vocabulary might be distinguished by its infrequent appearance in the surviving corpus of literature, or by marked changes in a word's meaning in a 'technical' context".*

116 *Cf*. De Meo (1986, p. 11): *"senza turbare le normali leggi della formazione linguistica, così da conservare sostanzialmente intatte le strutture della lingua comune"*

117 *Cf*. Schiefsky (2005, p. 253): *"By technical terminology I mean the specific terms or phrases used by practitioners of an art or τέχνη in connection with their professional activity".*

Fögen e Langslow já evidenciaram a associação existente entre as linguagens técnicas e o campo profissional do homem e que elas são decorrentes das particularidades das disciplinas, habilidades ou conhecimentos específicos, isto é, as linguagens técnicas decorrem das atividades às quais o ser humano se dedica. De Meo, nessa linha, condiciona a linguagem técnica ao ambiente em que ela se realiza, ou seja, ao ambiente em que os seus usuários vivem e trabalham, desse modo, o indivíduo "é obrigado a aderir a subcódigos muito precisos, sob pena de experimentar um embaraço na comunicação, quando não mesmo uma impossibilidade de compreender e ser compreendido" (1986, p. 9)[118], o que pode acontecer em inúmeras situações, desde grupos de agregações como família e amigos, até ambiente de trabalho. É por esse motivo que De Meo utiliza para essas línguas, às quais Fögen e Langslow chamaram "especiais" (FÖGEN, 2011, p. 447), o termo "*di settore*" (1986, p. 10), isto é, são linguagens setorizadas, adaptadas, portanto, às funções e necessidades do grupo que as utiliza e por vezes, se fazem incompreensíveis para pessoas estrangeiras.

Esse fenômeno denominado "comunidades linguísticas" ou, como prefere De Meo "ilhas linguísticas" (1986, p. 9), alcança importante proporção quando envolve categorias sociais inteiras, comunidades linguísticas complexas, para as quais a estruturação de uma linguagem particular é praticamente uma questão de existência e sobrevivência:

> [...] enquanto entre colegas de ofício e de profissão, faz-se uso de frases e termos precisos que tenham os méritos da concisão e clareza. Todas, por diversas razões, são linguagens setoriais, reservadas a determinados grupos e incompreensíveis para os não iniciados. [...] a linguagem daqueles que, trabalhando no mesmo setor artesanal ou profissional, tendem, por essa mesma razão, a uma especialização e precisão de linguagem cada vez maiores. Pertencem a essa área as artes, as profissões, os ofícios, mas também diferentes ramos da ciência, com os quais pretendemos lidar, e é para as línguas dos grupos dessa área de atividade que acreditamos que o título de "técnicos" deve ser reservado (DE MEO, 1986, p. 10)[119].

Acerca da clareza e da concisão, propriedades características da linguagem técnica, trataremos adiante. De Meo privilegia, então, a importância da linguagem técnica para as

---

[118] *Cf*. De Meo (1986, p. 10): "*[...] è costretto ad aderire a sottocodici ben precisi, pena l'impaccio nella comunicazione quando non addirittura la impossibilità di intendere ed essere inteso".*

[119] *Cf*. De Meo (1986, p. 10): *"[...] nentre tra colleghi in mestieri e professioni si fa uso di frasi e termini precisi che abbiano i pregi della sinteticità e della chiarezza. Tutte, a vario titolo, lingue di settore, riservate cioè a determinati gruppi e incomprensibili ai non addetti. [...] la lingua di coloro che, operando in uno stesso settore artigianale o professionale, tendono per ciò stesso a una sempre maggiore specializzazione ed esatezza di linguaggio. È di questa area delle arti, delle professioni, dei mestieri, ma anche dei diversi rami della scienza, che intendiamo occuparci, ed è ai linguaggi dei gruppi di questa area che riteniamo vada riservato l'appellativo di 'tecnici'.*

atividades do ser humano, em especial aquelas atividades que mobilizam saberes aprofundados e restritos a alguma área do conhecimento, que abrange as atividades profissionais, as artísticas, aquelas práticas ligadas à tecnologia, à ciência e também inclui aquelas outras áreas do conhecimento como a filosofia, a retórica, a gramática e a crítica literária, que também solicitam saber especializado. Na Antiguidade Clássica, essas áreas produziram tratados técnicos inúmeros que demandam, por sua vez, a expertise de seus usuários/leitores para a identificação e decodificação de seus subcódigos, como aponta De Meo, termos que caracterizam a linguagem técnica. Esses tratados, hoje, representam um grande legado para os Estudos Clássicos.

A métrica é uma disciplina técnica e, por tal razão, também faz uso de terminologia especializada. O conjunto de termos técnicos ali mobilizados é, dessa forma, capaz de representar os conhecimentos específicos da disciplina, seus mecanismos de funcionamento e conceitos próprios, bem como de estabelecer uma clara transmissão dos saberes entre aqueles que se especializaram nessa área. Desse modo, se um especialista diz a uma pessoa douta, versada na doutrina métrica, que determinado poema é composto em "estrofe alcaica", para citar um exemplo despretensioso, ele poderá entender como origem desse padrão métrico o verso criado pelo poeta grego Alceu (629-580 a. C.) e que fora introduzido na tradição latina por Horácio (65-8 a. C.). O especialista também pode reconhecer sua constituição a partir de quatro versos de três metros diferentes, cujo esquema métrico pode ser descrito da seguinte maneira:

[¯|¯˘|¯¯‖¯˘˘|¯˘˘

¯|¯˘|¯¯‖¯˘˘|¯˘˘

¯|¯˘|¯¯|¯˘|¯˘

¯˘˘|¯˘˘|¯˘|¯˘]

e não terá dificuldade, ainda, para identificar que nem o terceiro nem o quarto versos apresentam cesura ou diérese. Noções, enfim, específicas dessa disciplina, incompreensíveis a um não-iniciado em métrica latina e que demandariam explicações e referências para um entendimento integral da matéria, isto é, para decodificá-la. Tais noções como os nomes, a formação e composição dos pés e metros clássicos, ferramentas, procedimentos, processos e efeitos constituem o vocabulário técnico da métrica clássica, portanto, sua terminologia.

Vale sublinhar que os termos da métrica clássica imiscuem-se com aqueles da linguagem comum, constituindo uma espécie de "bilinguismo", como definido há pouco (pp. 45-50), na composição dos tratados técnicos, mas que respeita a estrutura dessa linguagem, como defende Lima:

> Como, porém, os dois sistemas, o da língua e o da métrica, devem contribuir, sem prejuízo daquilo que é específico de cada um, para a expressão de um mesmo texto, foi preciso que ambas se ajustassem, segundo as conveniências de unidade imprescindíveis ao texto por sua própria definição. (LIMA, 2003, p. 103)

Desse modo, um indivíduo comum é capaz de ler um tratado métrico e detectar nele a terminologia dessa área, contudo, privado do vocabulário técnico da métrica clássica, seu nível de compreensão permanece, portanto, no patamar da identificação, isto é, quando consegue reconhecer, mesmo sem compreender, um termo técnico dentro do texto. O domínio do vocabulário técnico métrico, ou seja, da terminologia dessa área específica, distingue o indivíduo não-iniciado do especialista, bem como o nível da identificação daquele da decodificação plena.

Em relação aos praticantes dessa *τέχνη,* isto é, os especialistas da disciplina métrica, é possível dividi-los em três grupos: em primeiro lugar, vêm aqueles que utilizam os conhecimentos técnicos dessa disciplina na prática, ou seja, para a composição de textos; são eles os poetas e prosadores; um segundo grupo, por sua vez, formado por aqueles que tomam esses textos como objeto de análise para estudos, comentários, e para o ensino da própria disciplina métrica; esses são os gramáticos, rétores, comentadores, metricistas, sobre os quais falamos no início deste trabalho; há ainda um possível terceiro grupo de especialistas em métrica antiga, formado por aqueles pesquisadores que, modernamente, dedicam suas atenções a examinar essa disciplina, seja no cerne de uma investigação da poesia ou prosa antigas, seja mesmo em um estudo dos tratados técnicos que buscam descrever o sistema métrico do grego e do latim.

A métrica da poesia, bem como aquela presente em passagens da prosa da literatura em língua latina, não se restringe aos bancos da escola dos *grammatici*. Ou, antes, talvez seu processo de ensino e aprendizagem sim, mas o conhecimento sobre a métrica, sobre a constituição fônica do enunciado, os procedimentos para, por exemplo, tornar os discursos retóricos mais eficazes e agradáveis, especialmente aos ouvidos (PRADO, 1997, p. 17), participam da formação do cidadão romano, em grande medida, dada a importância da oratória

para aquela civilização, uma vez que a educação intelectual dos jovens romanos tinha um único objetivo muito específico: ser eloquente no campo oratório, o que está, em suma, diretamente relacionado com ser considerado como um bom cidadão romano, como lembra Prado ao citar Marouzeau:

> O romano é orador por educação, por tradição, por necessidade; a confusão entre a retórica e as humanidades, a natureza oratória do ensino, a prática da disputa, da declamação e da recitação pública conduziu os teóricos a levarem o máximo em conta os elementos fônicos da fala e o julgamento feito pelo ouvido. (MAROUZEAU, J.,1946, p.l. *apud* PRADO, 1997, p. 16)[120].

Se, por um lado, a métrica é uma disciplina técnica que se caracteriza pelo "grande número de classificações e subclassificações subsidiadas pela abundante nomenclatura de sabor helênico e aparência técnico-cientificista" (LIMA, 1997, p. 1, *apud* PRADO, 1997, p. 32) ou, como define Prado (1997, p. 32) "um enfileiramento de termos catalográficos de teor helenizante, também excessivo" e modernamente restringe-se a um círculo bastante limitado de especialistas, por outro lado, mesmo com toda sua especificidade, tais saberes técnicos, se não em teoria, pelo menos na prática de sua realização, pertenciam ao cotidiano do romano comum que tivesse tido o latim como língua materna, assim como alguma educação, mesmo que restrita a circunstâncias da vida em sociedade, como a frequência aos teatros e declamações públicas. A importância da eloquência, da oratória e das diversas modalidades da prática da leitura em voz alta, entende Prado, "devia conduzir o escritor a um comportamento específico, em que era preciso procurar o esmero da forma, computados aí todos os recursos expressivos oferecidos pelas qualidades fônicas da língua latina" (1997, p. 17), os tratados técnicos sobre a métrica vêm, pois, suprir a necessidade de sistematização e catalogação desse conhecimento tão importante para o fazer literário e para a eloquência do orador.

O texto do "Segundo Livro" dos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* trata especialmente das nove espécies prototípicas de pés métricos. O principal dos metros, para o gramático, é o datílico, composto de quatro pés dátilos ou espondeus, um quinto pé datílico e, na última posição, um espondeu ou um troqueu. Aftônio destaca a idêntica medida de tempos e força dos pés dátilo e espondeu que compõem o hexâmetro datílico, o que permite a permuta entre eles nas quatro primeiras posições do metro. Entretanto, não apenas o espondeu

---

[120] *Cf.* Marouzeau (1946, p. 1): *"Le Romain est orateur par éducation, par tradition, par nécessité; la confusion de la rhétorique et des humanités, le caractère oratoire de 1'enseignement, la pratique de la harangue, de la déclamation et de la récitation publique ont conduit les théoriciens à tenir le plus grand compte des éléments phoniques de la parole et du jugement de l'oreille"*.

poderia substituir o dátilo na elaboração do hexâmetro datílico, ou heroico, segundo o critério da igualdade de tempo e força, também o anapesto seria uma opção uma vez que, da mesma forma que da segunda parte de um espondeu, ou seja, de uma sílaba longa, podem-se desdobrar duas breves, pode-se produzir um anapesto por meio da mesma separação, só que agora, do desdobramento da primeira sílaba longa daquele pé, como descreve Aftônio na passagem a seguir:

> Pela mesma afinidade, também o anapesto, que se produz da primeira [parte] de um espondeu separada em duas breves, poderia juntar-se ao metro heroico, exceto porque quatro breves mediais deformariam o verso heroico, se começasse com um dátilo ligado a um anapesto: seja porque anapestos desenvolvem-se através de *syzygias* [i.e., *combinações*], seja porque a natureza de quase todos os metros é tal que evite que cada parte da palavra termine no fim de cada pé, porém, mais do que isso é quando verbos ou nomes se conectam aos pés seguintes a partir de uma parte residual de si mesmos, de modo que o que surge [parece] ser um pé inteiro quanto a seus sons; mas é claro que algum [elemento] conflui de um verso seguinte para uma parte já concluída da frase, e uma parte da frase nunca se completa facilmente com o final de um pé. Nos anapestos, por outro lado, acontece isto: na verdade, esse pé costuma encerrar parte da oração em cada uma de suas combinações, assim como a maior parte dos exemplos das comédias ilustra. Sempre se deixa passar essa observação: mas os versos que forem desse tipo nem soarão bem, nem terão graça e serão ouvidos como o discurso da prosa.
>
> [...]
>
> Não é bom, porém, como já se disse, que palavras concluam pés inteiros, mas, ao contrário, que as sílabas [nele] se mesclem. Aquele [verso], pois, que separar as palavras em pés únicos, será considerado inadequado, assim como:
>
> *[Pȳthĭĕ,| Dēlĭĕ,| tē cŏlŏ,| prōspĭcĕ | vōtăquĕ | fīrmă.]* [121]
>
> mas, se as sílabas se misturarem, será o mais harmonioso possível, como em:
>
> *[āt rē|gīnă gră|vī iām|dūdūm| sāucĭă| cūrā]* [122]
>
> (*GL* VI, p.70-1) [123]

[121] AEL, frag. 50, 1. (Trad. Ó Pítio, ó Délio, eu te cultuo: vê meus votos e assegura-os).
[122] Verg., *A.*, IV, 1. (Trad. Mas já a rainha fatigada por uma grave preocupação).
[123] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 70): *"Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] spondei prima in duas breves divisa efficitur, heroo posset adnecti metro, nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent: seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur, sive quia metrorum fere omnium natura talis est, ut caveant ne singulas partes orationis singulorum pedum fine concludant, sed potius ut verba vel nomina ex residua sui parte sequentibus pedibus adnectant, quo pacto evenit vocum integer pes esse, sed sane ut perfectae parti orationis de sequenti sermone aliquid accedat, nec umquam facile cum fine pedis pars orationis impleatur. In anapaestis autem contra evenit istud: etenim pes hic singulis coniugationibus partem orationis includere solet, sicut in comoediis pleraque exempla declarant. Non numquam haec observatio praetermittitur. Sed qui fuerint eius modi versus, neque sonum neque gratiam habebunt et prosae orationi similes*

Segundo Aftônio, o que exclui a possibilidade de um anapesto pertencer ao esquema métrico de um hexâmetro diz respeito às consequências rítmicas da união de um dátilo seguido de um anapesto que, segundo ele, deformariam o caráter heroico do verso. Principiando pelo esquema métrico tradicional do hexâmetro datílico, evidenciamos as combinações entre dátilos e espondeus nos primeiros quatro pés do verso e no último, um troqueu, no lugar de um dátilo:

[¯ ˘ ˘ | ¯ ˘ ˘ | ¯ ˘ ˘ | ¯ ˘ ˘ | ¯ ˘ ˘ | ¯ ˘]

a seguir, admitindo um anapesto na terceira posição:

[¯ ˘ ˘ | ¯ ˘ ˘ | ˘ ˘ ¯ | ¯ ˘ ˘ | ¯ ˘ ˘ | ¯ ˘]

de modo que, conforme Aftônio, o acúmulo das sílabas breves mediais causaria estranhamento aos ouvidos atentos. Em seguida, o autor expressa um outro princípio segundo o qual os limites dos pés não devem coincidir com os limites das palavras, princípio esse que, se não observado, corrompe a harmonia do verso. O primeiro *exemplum*, *[Pȳthĭĕ,| Dēlĭĕ,| tē cŏlŏ,| prōspĭcĕ | vōtăquĕ | fīrmă],* que foi tomado dos *Anonymi Epici et Lyrici*, é todo composto de dátilos até o pé final trocaico, com esse *exemplum* o gramático demonstra coincidirem o término das palavras do verso com as fronteiras entre os pés e, ainda, com as pausas semânticas. Já no segundo *exemplum*, que é o primeiro verso do quarto livro da *Eneida* de Virgílio, além de haver uma combinação "saudável", de acordo com Aftônio (*GL* VI, p.72) entre dátilos e espondeus, também as fronteiras do metro não correspondem àquelas das palavras que o compõem, assim:

[Pythĭĕ,| Dēlĭĕ,| tē cŏlŏ,| prōspĭcĕ | vōtăquĕ | fīrmă]

[āt rē|gīnă gră|vī iām|dūdūm| sāucĭă| cūrā]

Para o gramático, a coincidência entre as fronteiras dos pés do metro com o término das palavras que o compõem resultaria semelhante a um discurso prosaico. O modo como o autor expõe a questão, ressaltando a pronta percepção do ouvinte comum a uma distorção da cadência fônica do metro, assunto evidente também em outros momentos do texto[124], permite a acreditar

audientur [...] Non amat autem, ut dictum est, per singulos pedes verba finire, sed immiscere syllabas. Nam qui per singulos pedes verba terminarit, erit indecens, sicut,

Pythie, Delie, te colo, prospice votaque firma.

at si misceantur syllabae, erit decentissimus, ut

at regina gravi iamdudum saucia cura"

[124] Ao tratar do proceleusmático, pé composto de quatro sílabas breves [˘ ˘ ˘ ˘], Aftônio também comenta o efeito, facilmente perceptível, dessa sequência particular.

que, embora a métrica seja considerada uma disciplina técnica de grande erudição ou, como é prevalentemente considerada hoje, um “conjunto de normas” (PRADO, 1997, p. 19), a cadência rítmica e fônica, bem como os efeitos dos arranjos métricos dos discursos retóricos e poéticos poderiam ser percebidos pelos falantes nativos do latim, mesmo por aquele não-especialista.

Como conclusão, é certo que, para o latim, existem as quantidades silábicas, isto é, as sílabas longas e breves particulares da articulação das vogais da língua latina em sede silábica, entretanto, são suas organização e regulação tão complexas e, sobretudo, suas incontáveis mas muito bem normalizadas formas de combinação em pés, metros e arranjos métricos tão preciosos e brilhantemente executados por Virgílio e Cícero, por exemplo, que fazem toda a diferença entre o latim da comunicação diária e o latim da poesia e da prosa literárias; vale dizer, entre o latim da expressão oral e o da prática letrada.

III.1.2. Constituição do vocabulário técnico

A especialização das atividades no seio de uma sociedade corresponde a uma especialização de vocabulários e terminologias. Esse parece ser um ponto pacífico, diz Conso (2005, p. 12), embora argumente que a especialização do vocabulário técnico tem limites: "linguagens técnicas não são códigos secretos, reservados apenas aos detentores de conhecimento especializado; a comunicação deve ser possível, em uma certa medida"[125].

No item anterior, já se abordou como a antiga disciplina técnica da métrica, dada a sua natureza, desenvolveu-se de forma bastante peculiar, de modo que um romano não precisaria ser um profundo conhecedor de toda a vasta e complexa terminologia referente à métrica para que distinguisse, de ouvido, o esforço e a "preocupação com a ótima organização fonológica do discurso" (PRADO, 1997, p. 18), manifesto pelos escritores, tanto no discurso da poesia quanto no da prosa, bem como as suas qualidades e defeitos.

Entretanto, por mais que um falante nativo do latim tivesse esse conhecimento, que está acima do nível elementar, a respeito da métrica latina – mesmo que esse conhecimento não esteja relacionado ao domínio da terminologia e demais dados técnicos da matéria – os tratados técnicos de métrica lançam mão de uma série de expedientes discursivos que contribuem para o acesso a esse conhecimento técnico, sobretudo para o acesso ao vocabulário técnico dessa disciplina. Esse é o caso das explicações e digressões que muitas vezes acompanham os conceitos abordados.

Um claro exemplo desse fenômeno bastante recorrente no córpus analisado é o excerto em que Aftônio descreve a unidade constitutiva dos metros da métrica clássica, os pés. A fim de desfazer qualquer ambiguidade que possa surgir do fato de a palavra em questão pertencer também ao âmbito da linguagem comum, de onde, inclusive, advém o seu emprego, o autor desenvolve uma explicação bastante sinestética para esse termo técnico, ao associar o efeito sonoro e o movimento levantar e abaixar o pé, de modo que, sem apresentar nada além do necessário sobre a relação da métrica com a música, expõe ao leitor os conceitos elementares da formação dessa unidade de medida da métrica antiga, bem como a origem de sua nomenclatura:

---

[125] *Cf.* Conso (2005, p. 12): *"las langues techniques ne sont pas des codes secrets, réservés aus seuls détenteurs d'un savoir spécialisé; la communication doit être possible, dans une certaine mesure".*

SOBRE OS PÉS

> Um pé é um arranjo fixo de sílabas, através do qual reconhecemos o aspecto de todos os metros; ele é composto a partir de elevações e abaixamentos [da voz]. [...] Foi chamado pé, seja porque a unidade de medida e um certo compasso [musical] é igualmente denominada pé, seja porque, na marcação do ritmo métrico, ora alça-se ora pousa-se o pé com uma batida, seja ainda porque, como com nossos pés caminhamos e avançamos, da mesma forma também um verso, por meio desses pés, avança e evolui. Acerca do pé e do ritmo importa [dizer também] isto: que não pode haver pé sem ritmo, porém o ritmo flui sem o pé (*GL* VI, p. 43)[126].

Conso (2005, p. 12) afirma que nem todas as unidades lexicais utilizadas pertencem ao vocabulário técnico da área, mas apenas algumas poucas delas, de modo que é possível reconhecer no texto técnico tanto o uso da linguagem comum quanto o da especializada – quando não de palavras da linguagem comum tornadas termos técnicos, como é o caso do termo "pé" – em perfeito equilíbrio, em função da comunicação, isto é, da transmissão do conhecimento que o texto técnico mobiliza. No exemplo acima, Aftônio oferece ao leitor não apenas uma explicação de que se trata de um "pé" no contexto da métrica greco-latina, mas o faz descrevendo a origem desse nome, o que justifica o seu emprego, e ainda aplicando a linguagem comum para que seja acessível a qualquer público interessado, e para que não haja equívocos ou ambiguidades. É necessário, então, investigar a constituição do vocabulário técnico e os fatores que interferem e determinam sua formação sem, no entanto, perder de vista que a utilização desse vocabulário, apesar de ser a característica mais importante do texto técnico, não pode inviabilizar a comunicação e que, por vezes, os autores lançam mão de recursos discursivos, como o que foi empregado por Aftônio, para amenizar a distância que existe entre a linguagem técnica e a linguagem comum, que, conforme já se disse, coexistem formando uma espécie de bilinguismo, numa forma de trânsito existente entre elementos da linguagem comum que são aplicados como termos especializados pela linguagem técnica.

É indiscutível a importância do vocabulário especializado para a constituição da linguagem técnica, pois a distingue e caracteriza, entretanto, essa variante linguística, vale ressaltar, não é reduzida ao léxico. Além de Conso, também Callebat (1997, p. 152) defende que não se pode resumir absolutamente a linguagem técnica ao léxico, isto é, a palavras

[126] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 43): *"DE PEDIBUS. Pes est certus modus syllabarum, quo cognoscimus totius metri speciem, compositus ex sublatione et positione [...].Pes autem dictus est, siue quia pars mensurae et modus quidam similiter pes uocatur, siue quia in percussione metrica pedis pulsus ponitur tolliturque, seu quia, ut nos pedibus nostri ingredimur atque progredimur, ita et uersus per hos pedes procedit et scandit. Inter pedem autem et rhythmum hoc interest, quod pes sine rhythmo esse non potest, rhythmus autem sine pede decurrit".*

isoladas, mas que essa linguagem é igualmente baseada em um sistema de enunciados, de unidades complexas em si, integradas em conjuntos desenvolvidos da qual o vocabulário técnico é apenas uma das partes constituintes. Os elementos da linguagem comum formam mais ma parte e, nos próximos capítulos, este trabalho pretende discutir ainda outras partes constitutivas do vocabulário técnico.

III.1.2.1: Fatores linguísticos e extralinguísticos

Ao examinar o vocabulário técnico a fim de desvendar os mecanismos determinantes para a sua constituição, depara-se de saída com aqueles fatores linguísticos e extralinguísticos que, independentemente da área do conhecimento a que pertença o texto técnico em análise, interferem diretamente no aspecto lexical. O fator preponderante e determinador para a constituição do vocabulário técnico, que é ao mesmo tempo linguístico e extralinguístico, é a matéria, isto é, o assunto de que o texto técnico trata.

Segundo Callebat (1997, p. 153), embora de início pareça bastante óbvio a escolha da matéria implicar na constituição do vocabulário técnico no texto que a descreve, a seleção do assunto a ser estudado tem consequência, contudo, em pelo menos três grandes aspectos, classificados como extralinguísticos, os dois primeiros, e o último como linguístico: a) a constituição de listas de objetos e instrumentos técnicos relacionados às atividades, disciplinas, habilidades e conhecimentos específicos; b) as listas de procedimentos e processos a eles concernentes; e, por fim, c) a relação de conceitos que apresentam e desenvolvem. Como afirma Callebat (1997, p. 153) o vocabulário técnico restringe-se, em grande parte, às classes dos substantivos concretos e verbos, como é o caso das duas primeiras instâncias mencionadas e, a depender do assunto técnico abordado, há uma tendência maior ou menor para a abstração do vocabulário técnico mobilizado, de forma que maior será o grau de subjetividade de um discurso técnico tanto mais conceitos apresentar.

A disciplina técnica métrica corresponde a um conhecimento cuja prática mobiliza uma série de conceitos. Tais conceitos correspondem preponderantemente às listas de nomes de pés e metros, bem como ao número não pequeno de processos que resultam na (e da) formação dos pés, metros e versos em língua latina. Depreende-se que a terminologia métrica, então, conforme a definição proposta por Callebat (1997, p, 153), é altamente subjetiva, uma vez que é composta majoritariamente de conceitos abstratos a despeito da realização fônica e escrita do discurso e, poder-se-ia dizer, seus únicos aspectos concretos.

No exemplo a seguir extraído do capítulo “Sobre os pés”, Aftônio descreve a composição dos pés métricos, a partir da adjunção de sílabas e tempos:

> Existem cinco incrementos de sílabas, começando com o dissílabo [e indo] até o hexassílabo. Já o incremento dos tempos [começa] com dois e prossegue até doze, isto é, do dissemo até o dodecassemo[127]. Na verdade, para o aumento de um [pé] semelhante e de cada desdobramento [seu], pelo qual se reconhecem os pés que foram multiplicados como tendo-se originado a partir de quatro dissílabos, a regra é assim: a sílaba que se acrescenta para o incremento dos pés ou é longa ou é breve, e o ritmo prolongar-se-á de acordo com essa adição. Seja o pirríquio [˘ ˘], com duas breves: [mais] uma breve faz dele um tríbraco [˘ ˘ ˘]; [mais] uma longa o torna um dátilo [¯ ˘ ˘] ou um anapesto [˘ ˘ ¯]. Seja o espondeu [¯ ¯], com duas longas: uma breve [faz dele] um palimbáquio [¯ ¯ ˘] ou, se colocada na primeira posição, um báquio [˘ ¯ ¯]; [mais] uma longa faz um molosso [¯ ¯ ¯]. Desse modo, trissílabos e tetrassílabos estendem-se até hexassílabos (*GL* VI, p. 43)[128].

Um pé é um arranjo fixo de sílabas, segundo Aftônio (*GL* VI, 1961, p. 41), através do qual é possível reconhecer a expressão de todos os metros. O autor explica no exemplo selecionado a multiplicação dos pés por meio da adição de sílabas nas mais variadas combinações: a partir do pirríquio [˘ ˘], pé composto de duas sílabas breves que, se lhes for adicionada uma terceira sílaba breve, tornar-se-á um tríbraco [˘ ˘ ˘]; se, no lugar de uma terceira breve, for adicionada uma sílaba longa, ter-se-á um anapesto [˘ ˘ ¯], ou ainda, se essa longa for acrescentada à primeira posição do pé, nascerá desse procedimento um dátilo [¯ ˘ ˘] e, da mesma forma, das duas longas de que se compõe o espondeu, surgem o palimbáquio [¯ ¯ ˘], o báquio [˘ ¯ ¯] e o molosso [¯ ¯ ¯].

Para além da teoria exposta por Aftônio, a passagem selecionada ilustra o modo como o autor acumula, em um trecho tão breve, uma série de nomes e procedimentos específicos da métrica clássica, conceitos que, se não estivessem acompanhados dos esclarecimentos, mesmo que breves, dificultariam a compreensão do leitor que, ainda assim, precisa possuir informações elementares. Por exemplo, se se tratar de um leitor moderno, ele terá de saber previamente que, diferentemente da grande maioria das línguas modernas, o latim é uma língua cujo sistema

---

[127] Trata-se do número de *morae* ou, na prática, de breves: *δίσημος*, pé de duas breves e *δυόδεχα + σημέιον*, pé de doze breves, a que Mário Victorino chama *duodecachronus* (M.V. 2.11.2).

[128] *Cf*. Vitorino (*GL* VI, p. 43): *“Syllabarum autem incrementa fiunt quinque, incipientia a disyllabo usque ad hexasyllabum. Temporum uero incrementa a duobus ad duodecim procedunt, id est a disemo ad duodecasemum. Etenim cognationis et cuiusdam ad augmentum propagationis, qua pedes multiplicati noscuntur orti a disyllabis quattuor, ratio talis est. Syllaba quae ad incrementum pedum adicitur aut longa est aut breuis: huius adiectione ita numerus propagabitur. Sit pyrrichius e duabus breuibus: hunc breuis tribrachyn, longa dactylum aut anapaestum facit. Sit spondeus e duabus longis: hunc breuis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita, longa molossum reddit. Quo genere trisyllabi et tetrasyllabi usque ad hexasyllabos adcrescunt”.*

silábico fundamenta-se na quantidade, isto é, no valor durativo das sílabas, em oposição aos sistemas qualitativos ancorados na distinção de timbres, aberto ou fechado, e no acento. Trata-se de conceitos abstratos que, em meio a tantos outros, permeiam todos os quatro livros da *Ars Grammatica.*

Uma vez que a matéria de que trata o texto é o fator que mais impacta a constituição do vocabulário técnico de uma disciplina, a partir do exemplo há pouco fornecido é possível concluir que a disciplina técnica métrica é prevalentemente construída por meio de conceitos e processos que conduzem à subjetividade discursiva. Semelhantes à métrica, sustentam-se sob uma terminologia abstrata também áreas como o direito, a filosofia, a retórica e a gramática, ao passo que outras disciplinas técnicas, entretanto, projetam-se em torno de vocabulários técnicos majoritariamente concretos, como é o caso das artes militares, arquitetura, metalurgia e mineralogia, técnica dos aquedutos e agricultura, como demonstra o exemplo a seguir extraído do capítulo X da obra *De agri cultura*, de Catão, que versa sobre os utensílios e ferramentas necessários para o cultivo de um olival, para a fabricação de azeite e para a assistência à mão de obra escrava dessa produção, como se pode ler a seguir, na tradução de Trevizam:

> As ferramentas: oito forcados, oito sachos, quatro pás, cinco enxadas, dois ancinhos de quatro pontas, oito foices para feno, cinco foices para ceifar, cinco podões, três machados, três cunhas, um moinho manual para o trigo, duas tenazes, um esborralhador, dois fogareiros pequenos; cem *dolia* para azeite, doze cubas, dez *dolia* para conservar bagaços de uvas, dez para a *amurca*, dez para o vinho, vinte para o trigo, uma cuba para o tremoço, dez jarros, uma cuba de lavagem, uma banheira, duas cubas para água, tampas apropriadas para os *dolia* e jarros; um moinho movido por burro, um manual, um espanhol, três barras para mover o moinho, uma mesinha, dois discos de bronze, duas mesas, três bancos grandes, um banco no quarto, três banquinhos, quatro cadeiras, duas poltronas, uma cama no quarto, quarto camas de tiras e três camas; um almofariz de madeira, um lagar de pisoeiro, um tear, dois almofarizes, um pilão para favas, um para trigo, um para sementes, um que separe os caroços; um medidor com capacidade para um módio, outro com capacidade para meio módio, oito colchões, oito colchas, dezesseis travesseiros, dez cobertas. Três guardanapos, seis mantas de retalhos para os escravos (CATÃO, 2016, p 63).

Essa passagem traz uma lista em compreensão[129] dos itens indispensáveis para tal atividade agrícola. Exaustivamente minucioso, Catão precisa, inclusive, a quantia exigida de cada um dos itens listados, como quem compõe uma listagem, deveras extensa, de compras e

[129] De acordo com Chevillard, a representação em compreensão dá-se quando *"L'exemple n'est pas un énoncé lui-même, mais se présente comme une matrice à partir de laquelle les énoncés de la classe peuvent être générés"* (2007, 19).

atividades. O caráter material da atividade agrícola, isto é, a sua prática concreta e palpável do manuseio da terra, e todas as demais tarefas, tem implicação direta na constituição de um vocabulário técnico da área que, nesse caso, tende a ser predominantemente concreto.

No excerto da obra de Catão, a terminologia da atividade agrícola, relativa aos instrumentos e ferramentas empregadas na atividade, é combinada com uma série de itens do vocabulário da linguagem comum. No que diz respeito às ferramentas mencionadas por Catão, é possível, reconhecer uma gradação no nível de vocábulos técnicos empregados, daqueles termos inatingíveis à compreensão do leitor comum para aqueles outros vocábulos absolutamente comuns na linguagem do dia-a-dia, tem-se: 1) os termos que um leitor comum conseguiria apenas identificar, isto é, requerem um conhecimento especializado na área, uma experiência prévia com tais elementos ou, pelo menos, uma breve consulta a um glossário ou dicionário, como, por exemplo os termos ancinho de quatro pontas, sacho, *dolia*, *amurca*[130], esborralhador e tenaz; e 2) mais próximos à compreensão do leitor estão aqueles nomes que já foram absorvidos pela linguagem comum, isto é, aqueles que o leitor é capaz de identificar e decodificar, como é o caso das ferramentas ordinárias da disciplina agrícola que grande parte da população utiliza ou conhece, como a pá, a enxada, a foice e o machado.

A esse respeito, são necessárias ainda duas observações. A primeira está relacionada aos possíveis anacronismos que podem acontecer com a classificação dos termos técnicos, visto que nem sempre será possível afirmar com exatidão quando um termo era considerado técnico pelos romanos, isto é, quando era próprio ao domínio restrito dos especialistas, ou quando era empregado pela linguagem habitual daquele povo antigo. Seria necessário examinar uma copiosa amostragem de ocorrências desses termos para determinar sua aplicação como termo técnico ou vocábulo comum.

Em relação à natureza da disciplina como principal fator constituinte do vocabulário técnico, em segundo lugar, é preciso mencionar que, quanto mais próxima for a *τέχνη* do cotidiano do falante, mais próximo e familiarizado ele estará com a terminologia referente a essa disciplina. Desse modo, de acordo com Conso (2005, p. 20), é possível supor que um

[130] Sobre *dolia* e *amurca*, Trevizam justifica a escolha por não traduzir os termos latinos: "porque julgamos a especificidade dos conceitos correspondentes quase 'intransponíveis' para o nosso idioma moderno [...] Evidentemente, em casos assim, as notas de acompanhamento às palavras latinas prestam-se a guia do leitor não latinista, ou não habituado com os textos técnicos escritos naquele idioma" (2016, p. 45). O pesquisador, então, opta por destacar na tradução os vocábulos técnicos por meio da fonte itálica e, em nota, inserir a explicação das palavras citadas.

romano comum tinha um domínio maior da terminologia de disciplinas como a agricultura, a arquitetura e a arte militar, como define Fleury, "o conjunto das técnicas de base necessárias à vida humana: a alimentação, a construção e a guerra" (1990, p. 360)[131], e de disciplinas do cotidiano escolar, como a gramática e a retórica, às quais se poderia acrescentar a métrica. Ao passo que, em relação a outras disciplinas cujo grau de especificidade é maior, menor será a familiaridade do indivíduo com sua terminologia específica, como é o caso da agrimensura, a mineralogia, metalurgia, mecânica, ou a técnica dos aquedutos e outras mais[132]. Ainda afirma Conso (2005, p. 17) que não existe limite definitivo entre os diferentes léxicos, o comum e o especializado, que juntos contribuem para a elaboração do discurso técnico. Para Conso, o limite é muito mais tênue do que se admite, já que, muitas vezes, essa classificação está sujeita a um contato ou experiência prévia do indivíduo com o termo, o que não o torna um especialista no assunto, mas, permite a identificação e decodificação do texto técnico.

III.1.2.2: Autor, leitor e obra: implicações no vocabulário técnico

Este ponto do trabalho contempla algumas breves observações acerca da autoria dos textos técnicos da Antiguidade Clássica, também apura as hipóteses sobre o público leitor desses tratados e ainda analisa a organização e excertos da obra que perfaz o córpus da presente pesquisa. Este subitem também poderia ser intitulado "A realidade linguística e as noções de 'científico' e de 'técnico' da Antiguidade Clássica" uma vez que busca compreender o contexto linguístico dos textos técnicos antigos que constrói as concepções de "científico" e "técnico" que influenciam verticalmente o vocabulário científico ou técnico das disciplinas.

Esse exame terá início com a proposição de Callebat de que os conceitos de científico e técnico impactam claramente o estabelecimento da terminologia, bem como o *status* dos escritores. Eles também são fatores de relevante ambiguidade que, ademais, são produtos do contexto linguístico de uma sociedade. Tais observações motivaram o questionamento formulado pelo autor da seguinte maneira: "As noções de 'científico' e 'técnico' recobrem que

[131] *Cf.* Fleury (1990, p. 360): *"l'ensemble des techniques de base nécessaires à la vie humaine: la nourriture, la construction et la guerre".*

[132] É necessário considerar ainda que, não apenas a natureza da disciplina técnica é fator determinante para a constituição do vocabulário técnico, mas também o tratamento dado ao tema define o grau de tecnicidade de determinado ramo do saber. As críticas de Plínio, o Velho, em sua *Naturalis Historiae*, 14.7, à seletiva e superficial abordagem de Virgílio aos aspectos da agricultura em suas Geórgicas são um exemplo de como uma mesma matéria pode ter tratamentos diferentes.

realidade linguística, em se tratando dos vocabulários submetidos, em diferentes línguas ou falares, a várias influências: pessoais, culturais ou civilizacionais?" (CALLEBAT, 1997, p. 145)[133].

O caminho em direção à resposta deve iniciar com considerações acerca do contexto sócio-cultural em que se deu o nascimento dos textos técnicos antigos, como aponta o mesmo Callebat (1997, p. 145), isso porque não somente a realidade linguística daqueles textos produzidos pela Antiguidade Clássica era diferente da nossa, como também o que entendemos por "científico" e "técnico" hoje não corresponde exatamente ao que os antigos compreendiam por esses conceitos, uma vez que a ciência antiga está fundamentada em postulados muitas vezes muito distantes dos nossos.

No início deste trabalho levantou-se a questão do modo ímpar como os antigos lidavam com os textos técnicos, um modo muito diferente do tratamento que tais textos recebem modernamente. Os textos técnicos antigos são revestidos de um cuidado estético que é próprio do ato de escrever daquele tempo e que os coloca em um patamar muito mais próximo daquilo que corresponde à literatura antiga do que aquele em que estão os textos técnicos modernos em relação à literatura hoje. Por essa razão, reivindica-se aqui uma reconsideração sobre o modo como se cuida hoje desse legado antigo, com um olhar contaminado pelos muitos anos de um tratamento vicioso dos textos técnicos antigos, realizado à base de leituras superficiais e interpretações anacrônicas. À luz dos fundamentos aqui reunidos, os estudos ora propostos voltam-se para as diversas camadas do discurso técnico, que se iniciam com o léxico, com o fito de, ao examinar os textos técnicos antigos de modo mais complexo, enxergando não apenas o seu conteúdo, mas também as várias camadas textuais que o compõem (*sc*. seu plano de expressão), investigar os graus de seu aspecto literário e determinar seu lugar junto às obras clássicas da literatura antiga. A "realidade linguística", como denomina Callebat (1997, p. 142), dos textos técnicos da Antiguidade Clássica os considerava, então, não como um mero veículo de informações sobre disciplinas e atividades práticas do ser humano, mas, como texto escrito que, malgrado o assunto, era concebido como literatura pelos gregos e romanos.

Essa "realidade linguística" que desloca o texto técnico para um patamar diferente daquele em que ele se encontra para nós, modernos, também exerce influência direta no papel

[133] *Cf*. Callebat (1997, p 142): *"quelle réalité linguistique recouvrent les notions de «scientifique» et de «technique», s'agissant de vocabulaires soumis, dans différents langages ou parlers, à des influences diverses: personnelles, culturelles ou de civilisation?"*

que desempenham os escritores técnicos naquela sociedade. Callebat indica, por exemplo, que "escritores como Catão, Plínio, o velho, ou Sêneca são 'homens da ciência', mas não são propriamente *cientistas* especializados em um ramo particular de pesquisa e conhecimento profundos, como a matemática, a geometria, a física, etc." (1997, p 142)[134], também Vitrúvio, segundo o pesquisador moderno, seguramente pertencia a uma estrutura sócio-profissional muito mais burocrática e técnica do que geralmente se o considera.

A literatura técnica antiga, de acordo com Callebat (1997, p 142), não é propriamente um projeto de homens de ofício, tampouco está voltada para os homens de ofício, profissionais ou especialistas, mas, para esse pesquisador, ela é elaborada por escritores que detêm um conhecimento técnico e está voltada para o conhecimento em si, ou melhor, para a sua transmissão. Callebat contesta a função didático-instrutiva dos textos técnicos da Antiguidade Clássica, ao menos de parte deles, e defende que não apenas não serviam à aplicação prática das *τέχνη* dais quais tratavam, como eram destinados majoritariamente a um público culto e não iniciado nas ciências e nas técnicas, visto que elas poderiam ser de acesso muitas vezes difícil, sobretudo para os antigos, em grande medida em função do vocabulário empregado. Também Fleury pondera a respeito dos destinatários e finalidades das obras técnicas produzidas pela Antiguidade Clássica e julga, consoante Callebat, que

> É verdade que, salvo por algumas inscrições, não possuímos quase nenhum texto destinado diretamente a um técnico propriamente dito, isto é, a um homem de ofício, a não ser, talvez, por algumas coleções de receitas (siderúrgicas ou outras) e tratados de agrimensores. Já tratamos em outra parte da questão dos destinatários das obras que listamos mais adiante: além de seus destinatários explícitos que são, na maioria das vezes, um grande personagem ou um chefe do Estado, quase todas elas se dirigem um público culto, e não necessariamente técnico (FLEURY, 1990, pp. 359-60)[135].

No artigo *"Les textes techniques de l'Antiquité"* (CALLEBAT, 1990, pp. 359-394), esse autor apresenta uma recolha cronológica dos autores e textos técnicos da literatura grega e latina, bem como de estudos recentes sobre as obras técnicas da Antiguidade Clássica, e ainda fornece uma revisão bibliográfica do assunto. Ele também avalia que o público leitor dessa

---

[134] *Cf*. Callebat (1997, p 142): "*Des écrivains, tels que Caton, Pline l'Ancien ou Sénèque sont des «hommes de science», mais non pas proprement des savants spécialisés dans une branche déterminée de recherches et de connaissances approfondies: mathématiques, géométrie, physique etc".*

[135] *Cf*. Fleury (1990, p. 359-60): *"Il est vrai qu'en dehors de quelques inscriptions nous ne possédons presque aucun texte destiné directement à un technicien proprement dit, c'est-à-dire à un homme de métier, si ce n'est peut-ètre les recueils de recettes (sidérurgiques ou autres) et les traités des arpenteurs. Nous avons traité ailleurs la question des destinataires des ouvrages que nous énumérons plus loin: ils s'adressent presque tous, outre leurs destinataires explicites qui sont le plus souvent un grand personnage ou le chef de l'État, à un public cultivé, pas nécessairement technicien".*

literatura técnica era, na verdade, não aquele aprendiz que colocaria em prática os conhecimentos técnicos veiculados pelos textos, mas acredita que tais obras eram destinadas não somente àquelas figuras notórias explicitamente neles mencionadas, mas também a um leitor erudito e, ao prever esse público-leitor mais erudito, mais alargado que o de meros executantes das técnicas, é possível vislumbrar aí a valorização do texto em si, isto é, é possível compreender o texto técnico não apenas como um meio de "transmitir conhecimento".

Fleury, no capítulo intitulado *"Traités de mécanique et textes sur les machines"* do livro *"Les littératures techniques dans l'Antiquité romaine: statut, public et destination, tradition"* investiga a mecânica, mais especificamente a *τέχνη* que vem "ao nosso socorro quando nós estamos diante das dificuldades da natureza" (1996, p. 45)[136]. O córpus de observação de Fleury é o tratado *De architectura* de Vitrúvio, sobre o qual o pesquisador tece uma sequência de observações a respeito do público a que fora destinado, em especial, o livro 10 daquela obra antiga:

> Os destinatários do tratado de Vitrúvio, e mais particularmente aqueles do Livro 10, são identificáveis, por sua vez, por aquilo que diz o próprio autor e pela natureza de seu texto. [...] No prefácio do Livro 10, ele acrescenta outra categoria de destinatários que não fora incluída a priori nos *aedificantes*, qual seja, os pretores e os edis encarregados da organização dos jogos: eles devem saber como proceder para a instalação das tribunas provisórias. A orientação explícita nos encaminha, então, para os organizadores, não para os executantes. Quando Vitrúvio diz *aedificans*, ele não pensa, naturalmente, no artesão, nem mesmo no arquiteto ou no mestre de obras que dirige os trabalhos, mas naquele que decide e comanda as tarefas, isto é, o chefe de Estado e os responsáveis políticos pelos edifícios públicos ou pela organização dos jogos, no chefe de família para os edifícios privados, no general para as operações militares. A *utilitas* é bem afirmada (e mesmo repetida), mas não em primeiro nível. As descrições técnicas não são para uso do artesão que tem de montar as máquinas, mas elas permitem aos desenvolvedores, aos responsáveis pelo projeto, compreender como é necessário proceder, e elas fornecem as bases para aperfeiçoamentos eventuais[137].

---

[136] *Cf.* Fleury (1996, p. 45): *"[...] qui vient à notre secours quando nous sommes face aux difficultés de la nature"*

[137] *Cf.* Fleury (1996, p. 59) *"Les destinataires du traité de Vitruve, et plus particulièrement ceux du livre 10, sont identifiables à la fois par ce que dit l'auteur lui-même et par la nature de son texte. [...] Dans le préface du livre 10, il ajoute une autre catégorie de destinataires qui n'était pas a priori incluse dans les aedificantes, les préteurs et les édiles chargés de l'organisation des jeux: ceux-ci doivent savoir comment procéder pour l'installation des tribunes provisoires. L'orientation explicite nous dirige donc vers des commanditaires, non vers des exécutants. Lorsque Vitruve dit aedificans, il ne pense naturellement pas à l'artisan, ni même à l'architecte ou au maître d'oeuvre qui dirige les travaux, mais à celui qui décide et commendite les travaux, c'est-à-dire le chef d'État et les responsables politiques pour les édifices publics ou l'organisation des jeux, le chef de famille pour les édifices privés, le général pour les opérations militaires. L'utilitas est bien affirmée (et même répétée) mais pas au premier degré. Les descriptions techniques ne sont pas à l'usage de l'artisan devant monter les machines, mais elles permettent aux concepteurs, aux reponsables de projet, de comprendre comment il faut procéder, et elles donnent ausi des bases pour des améliorations éventuelles».*

Fleury (1996, p.59) propõe-se discutir questões tais como a de quem leu os textos técnicos da Antiguidade Clássica, que uso foi feito deles e, no tocante à mecânica, qual o papel que essa técnica representava na sociedade e na economia romanas. A fim de respondê-las, o autor volta sua atenção para a análise do Livro 10 da obra de Vitrúvio (*De Architectura Libri Decem*), que deixa explícitos os altos cargos aos quais pertencem aqueles a quem destina o seu texto e a responsabilidade pelos conhecimentos técnicos que ele comporta. Fica patente também, segundo a avaliação de Fleury, a preocupação com o cumprimento do princípio da *utilitas*, isto é, da utilidade e da aplicabilidade desses saberes técnicos para a vida do homem, desta forma, diferentemente de Callebat que confere um *status* de absoluta erudição ao conhecimento veiculado pelos textos técnicos antigos, Fleury, embora concorde sobre os destinatários serem um público culto e douto, como havia sido estabelecido por Callebat, não prescinde do aspecto didático-instrutivo, tão caro a essas obras. Um outro exemplo, no *De agri cultura* de Catão é possível observar algo de semelhante ao que Fleury descreve sobre o tratado vitruviano. Em geral se crê que os leitores de Catão não seriam os escravos ocupados de colher ou plantar, mas sim os *uillici* e/ou os donos da terra que não necessariamente iriam executar todo o trabalho no campo.

Roby, como Callebat e Fleury, discute a autoria dos textos técnicos antigos e o envolvimento profissional dos escritores desse tipo de texto. Enquanto uns se dedicavam essencialmente à escrita, sendo capazes de compor tratados, algumas vezes muitíssimo elaborados, sobre diversas disciplinas – como Catão, que foi a um só tempo historiador, orador e político, além de escritor, e também Varrão, "polígrafo fértil" (CARDOSO, 2011, p. 190), cuja dedicação fez nascer tratados técnicos sobre náutica, geografia, matemática, filosofia e direito, dos quais restaram apenas fragmentos e as obras *De lingua latina* e *De re rustica*, sobre a gramática do latim e economia rural, respectivamente – outros autores técnicos, por sua vez, talvez dada a necessidade de determinadas disciplinas que, de certa forma, solicitavam comprometimento integral, avalia Roby, vivenciavam as atividades práticas delas e conceberam tratados, documentos de inestimável importância para os estudos modernos sobre a Antiguidade Clássica:

> Os profissionais que realmente realizaram esses trabalhos não foram, necessariamente, os autores dos textos em que suas atividades foram descritas. Em certas disciplinas, como arquitetura ou agrimensura, muitos ou todos os autores sobreviventes reivindicam a prática profissional; em outras, como

> medicina e agricultura, o campo da literatura sobrevivente é dominado por não-praticantes (ROBY, 2015, p. 4)[138].

A obra de Vitrúvio, *De architectura*, que descreve as técnicas de construção, bem como os materiais, utilizados naquela época, por exemplo, é um desses valiosos tratados, segundo Roby. Preocupado com a construção civil, o texto mescla com essa área princípios da construção de fortificações e mecanismos de cerco, revelando uma interface com as artes militares; ele também permaneceu como referência de princípios de proporção e estilo arquitetônico para projetos posteriores, principalmente de arquitetos renascentistas, e é ainda a principal referência a respeito dessa *τέχνη* na Roma antiga:

> Em resumo, a utilidade a longo prazo do *De architectura* como "texto técnico", no sentido de um trabalho usado por profissionais na prática de seu ofício, não pode ser negada. No entanto, o leitor de Vitrúvio não se vê defrontado com um compêndio de informação técnica sem adornos. Vitrúvio toma o cuidado de animar o texto com prólogos filosóficos, ilustrações históricas e outros elementos que colocam a arquitetura em um contexto cultural mais amplo, onde talvez seja mais provável atrair um público leitor de elite (ROBY, 2015, p. 5)[139].

Em suma, são muitas as variáveis a serem examinadas: a) autor: empenhado exclusivamente em uma disciplina e sua prática ou dedicado a descrever os conhecimentos concernentes a várias distintas áreas do conhecimento; b) finalidade/ *utilitas*: como obra didático-instrutiva ou destinada a veicular um saber erudito a ser adquirido pela leitura; c) destinatário: público aprendiz de determinada *τέχνη*, que busca na obra técnica instruções objetivas e precisas para a sua prática, ou destinatário culto e douto, cuja disposição se volta para o prazer da erudição e não, necessariamente, para a prática; d) literariedade: o cuidado estético, isto é, a preocupação com o plano de expressão do discurso ou a sua ausência nos textos técnicos antigos. Compute-se, aí, o fato de que os pesquisadores modernos não são unânimes em suas avaliações dessas questões, e isso porque, acreditamos, por mais que se queira congregar sob um mesmo rótulo o conjunto amplo e diversificado de textos técnicos produzidos na Antiguidade Clássica, sistematizando objetivamente todas as características e as

---

[138] *Cf.* Roby (2015, p. 4): *"The practitioners who actually carried out these engagements were, of course, not necessarily the authors of the texts in which their activities were described. In certain disciplines, such as architecture or surveying, many or all of the surviving authors make a claim to professional practice; in others, such as medicine and agriculture, the field of surviving literature is dominated by nonpractitioners".*

[139] *Cf.* Roby (2015, p. 5): *"In short, the long-term utility of the De architectura as a "technical text," in the sense of a work used by practitioners in the practice of their craft, cannot be denied. However, Vitruvius's reader does not find himself presented with a compendium of unadorned technical information. Vitruvius takes care to enliven the text with philosophical prologues, historical vignettes, and other elements that place architecture in a broader cultural context, where it is perhaps most likely to appeal to an elite readership".*

possibilidades que as muitas variáveis textuais admitem, é justamente essa amplitude e diversidade o que impossibilita uma avaliação sempre concorde.

Os diferentes julgamentos dos pesquisadores modernos, aqui brevemente compendiados, dão mostras do quão complexos são os textos técnicos antigos e do quanto ainda há por ser discutido acerca deles. Sem que o intuito seja o de resolver as questões levantadas, servirão elas como modelo de metodologia de análise para o exame que intentamos realizar do córpus dessa pesquisa – *Os Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* – buscando observar as quatro principais instâncias acima mencionadas, ou seja, autor, finalidade/ *utilitas*, destinatário e literaridade, segundo os critérios sugeridos por Callebat, Fleury, Roby, e outros[140].

Iniciaremos com a observação da relação entre vocabulário técnico e público leitor. A terminologia técnica é um dos obstáculos que, se não impossibilitam, ao menos tolhem o alcance aos conhecimentos veiculados pelos textos técnicos e científicos, e esse é um parecer unânime daqueles pesquisadores que se dedicam à investigação deles. Entretanto, a relação entre essas duas instâncias, vocabulário técnico e público leitor, é muito mais indireta do que parece à primeira vista, de acordo com Conso (2005, p. 14). São muitas e recorrentes as formas como um vocabulário técnico sofre alterações e atualizações, como trataremos adiante, entretanto, o público leitor não interfere diretamente nesses processos. Segundo a autora, o vocabulário não é moldado em função da compreensão do seu leitor, mas, ao contrário, se o autor não fornece textualmente os elementos necessários para que o seu leitor o compreenda, será o próprio leitor aquele que deverá buscar informações alhures para compreender o vocabulário técnico de uma determinada disciplina, arte ou profissão.

O excerto abaixo, extraído do Livro Segundo da obra de Aftônio e Vitorino, reproduz integralmente o capítulo em que Aftônio examina um metro da poesia latina, propondo inseri-lo como a décima espécie para as nove espécies prototípicas de metros. Foram destacados da passagem os termos técnicos que nela ocorrem:

SOBRE O METRO PROCELEUSMÁTICO

> Há controvérsias sobre o modelo do **proceleusmático** que consta de dois **pirríquios**, isto é, quatro breves, e se acaso entre os metros prototípicos ele deveria ser também acolhido e considerado, uma vez que nem **molosso**, que consta de três longas, muito similar se comparado a ele, pôde ser ali

[140] Também Fögen (1994) e Schiefsky (2005) engendram análises semelhantes.

> introduzido ou considerado como um metro. A partir disso, julgaram alguns, entre os quais também Filoxeno, que lhe deveria ser atribuída a décima espécie depois dos nove protótipos, pois observaram que o **lacônico**, formado por quinze longas, pode estar à altura dele como um tipo de metro contrário – o lacônico não está inteiramente unido por **molossos**, mas, ao contrário, será uma mescla de **espondeus**) – como em:
>
> *[īte͡, ō Spārtā̆ prīmōrēs, fāūstē nūnc † pārcās dūcēntēs]*,[141]
>
> Mas é melhor que o **proceleusmático** esteja associado e unido a um **anapesto** cômico; cujo reconhecimento entre eles demonstra-se quando suas duas sílabas breves são reunidas. De fato, o **tetrâmetro proceleusmático** será formado a partir do **dímetro anapéstico**, tendo sido a longa desse verso resolvida em duas breves, e a combinação, dividida em pés simples, como em:
>
> *[tŭbă tē|rrĭbĭlēm | sŏnĭtūm | crĕpŭīt;]* [142]
>
> por causa disso, nunca seria descoberta entre os metros alguma espécie formada a partir do **pirríquio**, que se considera vir duplicado em um **proceleusmático** (*GL* VI, p. 98)[143].

Ao descrever as espécies primitivas dos metros, Vitorino dá a notícia do debate em torno da inserção ou não do proceleusmático dentre as nove espécies prototípicas, "de cuja fonte e origem derivou-se uma quantidade inumerável de metros"[144], como afirma o próprio autor, mesmo figurando como um décimo componente. Ao apresentar o metro proceleusmático, o gramático o compara ao molosso: aquele é formado por quatro breves, este, por três longas, entretanto, afirma que, em lugar do molosso, o proceleusmático deva ser associado e combinado ao anapesto, uma vez que a divisão das sílabas longas desse pé, resultaria no tetrâmetro

---

[141]Idem. (Trad.: "Ide venturosamente, ó guerreiros de Esparta, agora, até as Parcas condutoras."). Aqui está uma contenda que o próprio autor nos apresenta, esse tipo de verso seria dividido de que forma, através de espondeus, [– –] ou de molossos, [– – –], optou-se então por não dividir os pés na escansão, mas indicar, somente, as sílabas breves ou longas.

[142]Dentro do córpus de textos antigos que nos chegou, não foi possível encontrar a origem deste verso. (Trad.: "a trombeta deblaterou um terrível estrondo.")

[143] *Cf.* Vitorino (GL VI, p. 98): "*DE METRO PROCELEVMATICO. Ambigitur super auctoritate proceleumatici, quod constat ex duobus pyrrichiis, id est quattuor brevibus, an inter prototypa metra hoc quoque recipiendum habendumque sit, quia nec molossicum, quod constat e tribus longis, propter nimiam similitudinem induci aut videri metrum potuit. Quidam tamen decimam huic speciem post novem prototypa impertiendam esse, e quibus est et Philoxenus, ex eo putaverunt, quod laconicum longis constantem quindecim huic propter contrarium respondere posse conspicerent (qui tamen non ex omnibus molossis conectitur; nam spondeos invicem miscet), ut est*

ite, o Spartae primores, fauste nunc † parcas ducentes.

satius tamen est adnecti eum copularique comico anapaestico, cuius cognationem inter se coniunctis suis duabus ultimis brevibus demonstrat. Nam ex dimetro anapaestico tetrameter proceleumaticus figurabitur versus longa eius in duas breves soluta et syzygia in simplices pedes divisa, ut est

tuba terribilem sonitum crepuit;

praeterea quod numquam e pyrrichio, qui duplex in proceleumatico habetur, formata aliqua in metris species proferatur".

[144] *Cf.* Vitorino (GL VI, p. 3): *"quorum fonte atque origine derivata innumerabilis metrorum profluit copia".*

proceleusmático dividido em pés simples. Seria possível representar o que Aftônio propõe pelo esquema:

[tŭbă tē|rrĭbĭlēm | sŏnĭtūm | crĕpŭīt;]

[˘˘˘˘|˘˘˘˘|˘˘˘˘|˘˘˘˘]

Interessa nesse momento observar que Aftônio, em determinados momentos, aponta breves descrições para os termos técnicos empregados; veja-se, por exemplo, no início da seleção, as definições dos pés citados: "proceleusmático que consta de dois pirríquios, isto é, quatro breves" e também "molosso, que consta de três longas". Tal procedimento, entretanto, não ocorre com frequência. O gramático, por vezes, insere os termos técnicos no discurso sem interromper a exposição acerca do metro proceleusmático para fornecer ao leitor esclarecimentos sobre os vocábulos empregados.

Conso determina duas prováveis causas pelas quais, em muitos momentos do texto, os vocábulos ou expressões técnicas não recebam qualquer elucidação em relação ao seu significado: 1) seja porque tal explicação já fora dada anteriormente no texto da obra, possibilidade mais aceita, porque demonstrável; 2) seja porque o seu autor julgou desnecessário explicar esse conhecimento técnico específico aos estudos da métrica clássica, pressupondo-o já sabido pelo seu leitor – hipótese provável, embora seja laboriosa e irresoluta a comprovação. Já em relação ao cuidado com a reiteração de informações acerca dos termos técnicos, pelo contrário, permite inferir uma série de julgamentos outros, como: 1) tratar-se de conceitos fundamentais e necessários; 2) pressupor uma leitura fragmentária da obra, à qual o leitor recorre como tratado de consulta e, por isso, é importante que os conceitos fundamentais sejam repetidos em pontos fulcrais; 3) conjecturar ser esse um tratado voltado para o ensino e aprendizagem, o qe confere à repetição uma função mnemônica. Todos esses julgamentos são possíveis e, como afirma Conso, "acumuláveis" (2005, p. 10). Tal conduta diz muito a respeito da relação entre autor, obra e público leitor e, por isso, essa é também uma questão do domínio da estilística.

Cumpre notar que no excerto acima Aftônio emprega *exempla,* isto é, fragmentos da língua literária, que correspondem a amostras representativas (SIMÕES, 2014, p. 52). Esses *exempla* exercem, no discurso técnico de Aftônio, uma função ilustrativa e estão, portanto, a serviço da teoria discutida. Dessa forma, se, por um lado, se observa a ausência de

esclarecimentos e especificações acerca da terminologia métrica, o que permite entender que Aftônio supõe que seu leitor domine esses conceitos, por outro lado, por auxiliarem na demonstração da matéria apresentada, os *exempla* podem ser considerados um recurso elucidativo destinado a facilitar a compreensão do leitor das teorias métricas apresentadas. O capítulo "Características semânticas e estilísticas" pretende desenvolver um pouco mais essa ideia bem como demonstrar a importância dos exemplos na construção do discurso técnico das Artes métricas.

A grande quantidade de termos técnicos, presentes em um trecho mesmo tão breve do tratado, muitas vezes destaca ainda mais, sem qualquer esclarecimento ou definição, a necessidade do domínio da terminologia técnica da métrica para uma integral compreensão das lições dessa disciplina. Desse modo, é possível inferir também que, ainda que repita regularmente alguns conceitos fundamentais e haja um esforço por tornar inteligíveis os conteúdos analisados, seja por meio de digressões e explicações, seja pelo emprego dos *exempla* em função ilustrativa e demonstrativa, o texto técnico, por abordar a matéria métrica em sua por assim dizer *totalidade*, atingindo os níveis mais altos de complexidade do emprego dos metros antigos, não toma como público-alvo os aprendizes, nem os iniciantes nos estudos métricos, nem tampouco um leitor leigo.

A terminologia métrica é, sem dúvida, um aspecto valioso das *Artes metricae*, fonte inesgotável para estudos de toda sorte, voltados seja para um exame de suas características intrínsecas, seja para uma investigação com viés literário, e vem a fortalecer a posição defendida por esta pesquisadora sobre a importância da disciplina métrica para os Estudos Clássicos. Desse modo, este trabalho pretende deixar sua contribuição para o estudo dos textos técnicos métricos latinos e para a historiografia dos estudos de Poética e Métrica Clássica Latina, sob a forma de uma tradução, ainda incompleta, da obra *Os quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical*, inédita em língua moderna e uma *concordantia* elaborada a partir dos termos técnicos extraídos da obra de Vitorino e Aftônio.

III.1.2.2.1: Relação entre termos técnicos e as palavras do discurso cotidiano: coocorrência e mudança semântica

Aprofundando a análise do léxico técnico – ou vocabulário técnico, como prefere Conso (2005, p. 12) – a pesquisadora nomeia aquela que é uma das principais dificuldades que cerca esse assunto: a relação entre termos técnicos e as palavras que ocorrem no discurso cotidiano. Para tratar desse tema, Conso propõe a seguinte questão: "o vocabulário técnico difere do léxico da língua comum na medida em que é usado apenas por uma parte dos falantes, enquanto o vocabulário comum é, a princípio, conhecido e usado por todos?"[145]

A própria pesquisadora responde, porém, que a questão proposta não tem solução imediata. Primeiramente é preciso lembrar que não só de vocábulos técnicos se compõe um texto técnico. Como estabelecido acima, há limites para a especialização do vocabulário de um texto técnico e, não obstante, esse léxico especializado imiscui-se a muitos outros vocábulos da linguagem comum para formar a unidade textual, de tal forma que o critério do número reduzido de usuários do vocabulário especializado, embora óbvio, não abarca toda a complexidade da questão.

No que diz respeito ao léxico técnico da métrica, grande parte é constituída por nomes de pés e de metros, bem como de processos que indicam suas formações, acomodações e combinações com outros metros entre si, em dísticos e estrofes. Tais conceitos, entretanto, são sobremaneira específicos dessa disciplina, de modo que sua coocorrência na linguagem comum e na terminologia métrica resulta, necessariamente, de uma apropriação de vocábulos que, por sua vez, podem ou não ter passado por um processo de ressignificação – ou pela mudança semântica, como a denomina Lehmann (1992).

A alteração que ocorre no significado de uma palavra da linguagem comum, quando é apropriada pela linguagem técnica, é apenas um aspecto de um conjunto maior de fatores que serão observados no presente subitem, que também se ocupará de outros aspectos como o perfil dos falantes e a finalidade do discurso que, por serem tão imbricados, serão examindos juntos neste momento do trabalho, o que implica deixar outros fatores de atualização do vocabulário técnico, como os empréstimos e a formação de novas palavras, para discussões posteriores.

---

[145] *Cf.* Conso (2005, p. 12): *"Le vocabulaire technique se distingue-t-il du lexique de la langue commune en ce qu'il n'est employé que par une partie des locuteurs, tandis que le vocabulaire commun est, en principe, connu et employé de tous ?"*

Em estudo fundamental acerca das mudanças semânticas, Lehmann (1992) indica a tendência histórica para o estudo descritivo dos processos que identificam e categorizam as particularidades da língua. Observamos as mudanças semânticas de termos técnicos da terminologia métrica trilhando dois caminhos: um primeiro que vai na direção da constituição daquela terminologia, bem como um segundo, mesmo que pouco produtivo, que vai na direção oposta, a da perpetuação da disciplina métrica, isto é, voltado para os princípios da doutrina métrica em Roma, sem perder de vista o horizonte dessa disciplina ao longo dos séculos.

De acordo com Lehmann, as mudanças semânticas são facilmente observáveis em qualquer língua da qual possuímos uma série de textos, e são suscetíveis de ocorrer em vocábulos individuais, grupos de palavras ou mesmo em campos semânticos. É precisamente essa a condição dos vocábulos técnicos, uma vez que, junto aos empréstimos e à formação de novas palavras, considerados processos de atualização do vocabulário técnico, as mudanças são classificadas como fatores constituintes da terminologia de uma disciplina, área do conhecimento ou profissão.

No que diz respeito às artes métricas, existe um bom volume de tratados que chegou à posteridade, com ênfase para o já mencionado trabalho de recolha e edição de Keil, que contempla oito importantes gramáticos e ainda um levantamento de fragmentos e excertos sobre métrica. Esse conjunto de inestimável valor para os estudos de poética e métrica clássica, também por permitir uma verificação em ampla amostragem, deve suscitar do mesmo modo o interesse de linguistas e gramáticos que se voltem para a investigação da terminologia técnica métrica, dos fenômenos de constituição do vocabulário técnico e dos processos de atualização, empréstimos, mudanças linguísticas e formação de novas palavras, e outras mais ferramentas linguísticas para a construção do discurso técnico métrico, por isso, consiste em um campo fértil para um sem número de novos estudos.

Denomina-se mudança semântica ao processo que se caracteriza pela mudança de significado de uma palavra através dos tempos, e a principal causa desse fenômeno é a polissemia, que consiste no fato de uma determinada palavra ou expressão adquirir um novo sentido além do primário ou original (LEHMANN, 1992). No âmbito do presente trabalho, aquele dos textos técnicos antigos e em particular no dos textos sobre métrica, a mudança semântica ocorre menos em decorrência da polissemia que em razão da transição entre as palavras do cotidiano para o domínio dos termos técnicos, isto é, quando há a passagem

horizontal de uma palavra de um nível linguístico a outro acompanhada de uma transformação de sentido.

Para Lehmann (1992, p. 25), a estrutura da própria língua, concebida como um sistema composto de vários sistemas, pode conduzir a si mesma à mudança. Mesmo o contato de uma língua com outra, entre sociedades e suas respectivas culturas e produção técnico-científica, fator que introduz os empréstimos vocabulares, é capaz de provocar mudanças semânticas em termos técnicos, o que também pode ser desencadeado pelos falantes, a partir de uma alteração no uso cotidiano dos vocábulos.

Sem perder de vista que não existe uma linguagem puramente técnica, isto é, que o discurso técnico é composto pela terminologia técnica enleada com linguagem comum, é natural ser tão intricada a questão acerca do intercâmbio de vocábulos entre as linguagens técnica e comum, entretanto, é possível citar breves exemplos extraídos dos excertos acima, transcritos dos textos técnicos até aqui examinados. De acordo com Conso, o critério do número reduzido de falantes parece ser pouco produtivo para a análise e tampouco o uso ajuda a explorar com exatidão o problema, visto que, em não raros casos, termos técnicos, por serem empregados frequentemente no dia a dia, podem vir a ser incorporados à linguagem comum, como ocorre com aqueles vocábulos referentes à agricultura, já indicados na tradução de Trevizam (2016) ou, percorrendo caminho inverso, vocábulos da linguagem comum podem tornar-se termos técnicos, como, por exemplo, a aplicação do vocábulo *"pēs, pĕdis"*, para designar a unidade de medida da métrica antiga, e mesmo outros descritos por Aftônio, como os que destacamos na passagem a seguir:

> O oposto desse pé [o iambo] é o troqueu, [assim] chamado por sua marcha e velocidade (pois o vocábulo ***tróchos* – *τρόχος* – "roda"** – veio do verbo ***tréchein* – *ἀπὸ τοῦ τρέχειν* – "correr"**); assim também o coriambo adotou seu nome a partir das choreias (*apó tís choreías – ἀπὸ τῆς χορείας;"*); [é feito] e tem a mesma quantidade de tempos, com uma longa e uma breve, como em *Rōmă* (*GL* VI, p. 44)[146].

Aftônio descreve que o troqueu é simetricamente oposto ao iambo, ambos pés formados, cada qual, pela combinação de uma sílaba longa com uma breve e de uma breve somada a uma longa, respectivamente. A denominação "troqueu" surgiu, segundo descreve o autor, do

[146]*Cf*. Vitorino (*GL* VI, p. 44): *"Huic contrarius trochaeus, dictus a cursu et celeritate (nam **τρόχος ἀπὸ τοῦ τρέχειν** uocabulum sumpsit), idem et chorius **ἀπὸ τῆς χορείας** [sumpsit], e longa et breui temporum totidem, ut Roma".*

empréstimo de termos técnicos gregos que, por sua vez, eram, em sua origem, vocábulos da linguagem comum. O mesmo desenvolvimento ocorre com o coriambo, nome de origem grega que designa as danças corais, chamadas coreias, geralmente circulares e acompanhadas de música (Cf. LIDDELL & SCOTT, 1996: s.v. *χορεία*). Findo o processo de apropriação, quando o termo passa a ser empregado pelo discurso técnico como parte integrante da terminologia de uma área e, principalmente, quando se estabelece como termo técnico de uma disciplina, sendo utilizado por mais de um autor/ obra com valor de léxico técnico, é possível percebê-lo exercendo a função de termo técnico dentro do discurso, isto é, aplicado de forma inequívoca e monorreferencial, sem, contudo, perder o vínculo semântico com as formas das quais se originaram (ROBY, 2015, p.10).

Segue-se, pois, um outro exemplo de processo semelhante:

> Mas aquele que é composto com a primeira [sílaba] longa seguida de duas breves adjacentes é chamado dátilo, de quatro tempos, como em *Vīrbĭŭs*; o dátilo tirou seu nome da disposição e semelhança dos dedos contidos nas mão; já que, em ambos os casos, partes mais breves unem-se às mais longas (*GL* VI, p. 45)[147].

Acima, Aftônio descreve o pé chamado dátilo, que consta de uma sílaba longa e duas breves. À semelhança dos exemplos anteriores, o termo tem origem na palavra grega *dáktylos* – *δάκτυλος* pertencente à linguagem comum, que significa "dedo", já que a constituição desse pé métrico se assemelharia aos pequenos ossos que compõem a estrutura articulada da mão humana, as falanges. O nome deriva, assim, desse útil recurso mnemônico, a comparação do padrão longa-breve-breve [¯ ˘ ˘] com os comprimentos relativos aos três ossos de um dedo humano: começando a partir da junta, um osso longo seguido por dois mais curtos. Interessa lembrar também que as palavras grega e latina *δάκτυλος* e *dactylus* são elas próprias pés datílicos e, portanto, autológicas. No caso do termo grego, a palavra *δάκτυλος* pertence originariamente à linguagem comum e assume um novo significado, quando é admitida como termo técnico métrico, passando a designar, então, também a medida de um pé métrico; esse é, pois, um caso de coocorrência de uma palavra da linguagem comum aplicada como termo técnico vinculado ao processo de mudança semântica. Com relação ao termo latino *dactylus*, além de designar o nome do pé métrico, sua acepção mais comum, é verdade (FARIA, 1994: *dactylus, -i*), a palavra, em latim, admite ainda outros significados: "Sent. próprio: I) Tâmara

[147] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 45): "*At qui prima longa duabus breuibus subiectis ordinatur, dactylus dicitur temporum quattuor, ut Virbius: qui [et] a situ et similitudine digitorum, qui in manibus habentur, uocabulum traxit. Nam ex utraque parte breuiores longiori iunguntur".*

(fruto) (Plin. H. Nat. 13, 46). [...] III - Sents. diversos: 3) Espécie de marisco (Plin. H. Nat.9, 184).4) Nome de uma pedra preciosa (Plin. H. Nat. 37, 170)" (FARIA, 1994, *dactylus, -i*)[148]. Desse modo, registra-se a coocorrência da palavra, entretanto, não são guardados os traços semânticos entre o dátilo, pé métrico, e as outras acepções que pode adotar. De fato, o termo técnico *dactylus* não mantém vinculação com essas palavras da linguagem comum, mas sim com a terminologia técnica grega, dessa forma, é considerado um empréstimo puro, não acompanhado de mudança semântica, sofrendo apenas as adaptações necessárias ao alfabeto das línguas[149].

Mudança semântica é, então, a alteração no significado da palavra que, no caso dos termos técnicos, ocorre em uma situação muito singular, a da apropriação de palavras do léxico comum pela linguagem técnica, quando a palavra passa a assumir, além do seu significado ordinário, outro específico, de uso restrito à *τέχνη* à qual pertence, o que chamamos há pouco de coocorrência, mas que guarda com a palavra inicial equivalência de certos traços semânticos.

A mudança semântica desencadeia um fenômeno particular dentro da terminologia técnica, pois, uma vez que adotamos nesta pesquisa a definição proposta por Fögen (2011, p. 448), a de que os termos técnicos são inequívocos e monorreferenciais, o próprio evento da coocorrência rompe com o conceito estabelecido. O que, de alguma forma, anula essa aparente contradição é o entendimento de que dentro da terminologia técnica, circunscrito à *τέχνη,* o

---

[148] *Cf.* **Lews & Short: *dactylus*:** *i, m., = δάκτυλος;* ***I*** *a finger, hence meton.);* ***I*** *A sort of muscle: "ab humanorum unguium similitudine appellati," Plin. 9, 61, 87, § 184;* ***II*** *A kind of grape, Col. 3, 2, 1; called also dacty-lis, Plin. 14, 3, 4, § 40;* ***III*** *A sort of grass, Plin. 24, 19, 119, § 182; A precious stone, Plin. 37, 10, 61, § 170; The date, Pall. Oct. 12, 1; Apic. 1, 1 al. In metre, a dactyl, ¯ ˘ ˘ (in allusion to the three joints of the finger), Cic. Or. 64, 217; id. de Or. 3, 47, 182; Quint. 9, 4, 81 et saep.— Dactyli Idaei, Δάκτυλοι Ἰδαῖοι, a mythic body of men originally placed on Mt. Ida, in Phrygia, afterwards in the island of Crete; priests of Cybele, and as such regarded as identical with the Corybantes, and with the Samothracian Cabiri, Diom. p. 474 P.; Plin. 7, 56, 57, § 197 (in pure Lat., Idaei Digiti, Cic. N. D. 3, 16, 42).* **Gaffiot: *dactўlŭs****, ī, m. (δάκτυλος); **1** datte [fruit] : Plin. 13, 46; **2** couteau de mer [sorte de coquillage] : Plin. 9, 184; **3** sorte de grappe de raisin : Col. Rust. 3, 2, 1; **4** sorte de graminée : Plin. 24, 182; **5** sorte de pierre précieuse : Plin. 37, 170; **6** [métrique] dactyle [composé d'une longue et deux brèves] : Cic. Or. 217 ; Quint. 9, 4, 81. dactulus Diocl. 6, 81.* **Georges: *dactylus****, ī, m. (δάκτυλος, eig. der »Finger«, dah. meton.),* ***I)*** *die Dattel, Plin. 13, 46. Pallad. 11, 12, 1: Form dactilus, Apic. 6, 230 (wo synkop. Genet. Plur. dactilûm): dactilorum ossa (Kerne), Apic. 1, 1: Form dactulus, wie dactuli Nicolai, Edict. Diocl. 6, 81 u. 82: u. dactulus = der Dattelbaum, Gromat. vet. 352, 2. –* ***II)*** *eine Art Weintrauben, s. dactylis. –* ***III)*** *eine Muschelart, Plin. 9, 184. –* ***IV)*** *eine Grasart (Panicum dactylon, L.), Plin. 24, 182. –* ***V)*** *einEdelstein, Plin. 37, 170. –* ***VI)*** *in der Metrik der Versfuß – ñ ñ (so gen. nach den drei Fingergliedern), Cic. u.a. –* ***VII)*** *Dactylī Idaei (Δάκτυλοι Ἰδαιοι), uralte phrygische Dämonen, Priester der Cybele, mit deren Dienst nach Kreta versetzt u. mit den Corybantes identifiziert, Plin. 7, 197. Diom. 478, 16; rein lat. Idaei Digiti gen. Cic. de nat. deor. 3, 42.*

[149] Apesar dos registros elencados acima, o orientador da pesquisa fez notar que em Columela e em Plínio, aparece com sentido de "tâmara". Ou seja, *dactylus* é quase sempre o pé métrico em latim (sentido mais abundante) e algumas vezes "tâmara", a depender do contexto. "Dedo" em latim é *digitus*. Nem mesmo é verdade que *dactylus* tenha recebido esse nome por analogia com as falanges dos dedos da mão (sempre uma maior = longa, seguida de duas menores = 2 breves), embora essa invenção seja didaticamente útil, pois aparenta ser verdade.

termo tende a manter-se inequívoco e monorreferencial, dirimindo equívocos e ambiguidades. É preciso destacar ainda que, de fato, existe um esforço por parte dos autores pela clareza em oposição à obscuridade do discurso técnico, em que todos os termos trabalham em favor da univocidade, uma das premissas do vocabulário técnico, como veremos adiante. Por isso, se de uma perspectiva a mudança semântica é fundamental para a formação do vocabulário técnico da métrica, de outra, a partir do ponto de vista da permanência e conservação da terminologia e da própria disciplina métrica, a mudança é pouco profícua, já que o interesse pela inalteração desses dados técnicos é maior.

Tendo já observado a incidência da mudança semântica dentro do texto de Vitorino e Aftônio e examinado os casos de coocorrência entre a linguagem comum e a linguagem técnica, resta tecer algumas breves palavras a respeito da mudança semântica, mas, agora, quando a própria palavra sofre uma alteração em seu significado. Essa outra "categoria" (LEHMANN, 1992) de mudança semântica é ainda mais incoerente que a anterior, quando se trata de terminologia técnica em vista do projeto de univocidade do texto de teor técnico-científico, embora, obviamente, não raro possa acontecer, principalmente no caso da disciplina métrica, tendo em vista a longa tradição desta *τέχνη.*

Dessa forma, embora a terminologia métrica se tenha fixado ao longo dos séculos e ainda hoje sejam empregados, para o estudo da métrica clássica, os termos técnicos estabelecidos desde a época em que gregos iniciara suas incursões nessa matéria, o vocabulário técnico que lhe diz respeito não está imune à mudança semântica – ou melhor, às mudanças linguísticas de um modo geral, uma vez que estão relacionadas ao comportamento de uma língua através dos séculos, mesmo que, no caso do latim, essa evolução tenha início e fim determinados, admitindo-se aqui a posição defendida por Lima e Thamos de que o latim é uma língua de "sincronia fechada" (2005, p. 126). Assim, apenas com um exame minudenciado e com uma amostragem textual maior e mais diversificada seria possível determinar a imperiosidade da mudança semântica quando da apropriação de termos da linguagem comum pela terminologia técnica métrica, bem como a ocorrência de eventos de mudança semântica de um mesmo termo técnico através dos muitos séculos do latim, enquanto "língua viva do passado" (LIMA, 1995, p. 19), e da disciplina métrica, como fértil e perene campo de estudos.

Por fim, existe uma evidente e muito estreita relação entre as instâncias *autor*, *leitor e obra* de um texto técnico com a construção do vocabulário específico desse texto, entretanto,

as implicações que recaem sobre o léxico técnico transpõem os limites da terminologia técnica e incidem também, como se pretende demonstrar, sobre os aspectos morfológicos e sintático-semânticos dos textos. Não nos furtamos de observar que, mesmo acerca de um único aspecto – a mudança semântica ou, ampliando o espectro, as variações linguísticas nos textos técnicos antigos, sejam elas a variação histórica, diafásicas (em função de um contexto comunicativo), diatópicas (em razão das diferenças geográficas, isto é, regionais), diastráticas (em virtude da convivência de grupos sociais) (CALVET, 2002, p.99) – há uma infinidade de material, isto é, de tratados técnicos antigos (não apenas sobre a métrica clássica), que permanece inexplorado e que renderia trabalhos fascinantes como aqueles que vêm sendo desenvolvidos pelos pesquisadores extensamente citados neste trabalho voltados para a investigação de diversas *τέχνη* antigas.

III.1.2.2.2: Problemas com variáveis terminológicas

Ao tratar da constituição do vocabulário técnico, outra problemática apresentada por Conso (2005, p. 14) diz respeito às variáveis terminológicas dos textos técnicos. A variação a que se refere Conso pode acometer as listas de objetos e instrumentos técnicos, os procedimentos, processos e conceitos técnicos apresentados, e pode acontecer principalmente devido a diferentes tradições de nomenclaturas – voltaremos a esse ponto logo mais. A grande dificuldade, nesse caso, é a coexistência de duas formas distintas que designam o mesmo, pois as variações terminológicas podem provocar equívocos muito graves, principalmente para a comunicação especializada. Uma vez que o texto técnico objetiva a clareza, a fim de transmitir corretamente um conhecimento específico, a ambiguidade ou a incerteza terminológica são os seus maiores inimigos.

Observemos, pois, duas ocorrências de três e dois termos, respectivamente, que designam um só conceito, num trecho do córpus analisado atribuído a Aftônio. Esse fenômeno acontece sobremaneira com a nomenclatura dos pés e metros a serem explorados tanto por Vitorino quanto por Aftônio e, em geral, aparecem na obra quando da primeira menção a eles. O capítulo “Sobre os pés”, do Primeiro Livro, acomoda várias dessas situações, como demonstram os exemplos a seguir:

> Há, então, doze pés simples, que se desenvolvem e se expandem de duas para três sílabas, bem como de dois até seis tempos. Dentre esses, existem quatro

> dissílabos, de dois, três ou quatro tempos, dos quais o primeiro e fundador é o *pirríquio*, que também é chamado *pariambo* e *díbraco*. Mas, precisamente porque o *pariambo* tem um tempo a menos que o iambo (com *παρά*, de fato, os gregos querem dizer *menos*), ele existe a partir de duas breves, como em *dĕă*, de dois tempos. Assim como a lógica decerto solicita que a origem dos tempos tenha começado por uma breve, é [também] claro que, com o redobro das mesmas [duas], se tenha feito um tempo longo, de modo não dessemelhante [do que se passou] com os ritmos, pois, a partir da multiplicação de um único, como se [fosse] este a [forma] primordial e seminal, originam-se os demais. E não injustamente, esse pé, como um fundador e pai dos demais, é chamado "chefe" [*ἡγεμών*], pelos gregos. O *pirríquio*, tomou seu nome do movimento rápido e recorrente que se vê nas *Pírricas*[150] (*GL* VI, p. 44)[151].

Nesse exemplo, Aftônio inicia a teoria dos pés métricos por sua formação a partir de uma única unidade de sílaba e de tempo e, daí, segue em sentido crescente, somando outras sílabas e acrescentando ao pé outros elementos. O início de todos os pés é, então, aquele que se forma da união de duas unidades elementares da métrica, de duas sílabas breves de um só tempo cada. Esse pé fundamental, o menor de todos em duração, é chamado pelos gregos *ἡγεμών* [*hegemón*] e significa soberano, primeiro ou chefe[152], e em latim recebe o nome díbraco, por ser constituído de duas bráquias, ou tempos breves. Segundo Aftônio, o pé é nomeado também pariambo, uma vez que contém um tempo a menos se comparado a um dos pés mais profícuos da métrica clássica, o iambo; ele também destaca o emprego do prefixo grego *παρά-* para sinalizar a diferença na duração dos pés (vale advertir que a análise dos termos gregos será realizada noutro momento deste trabalho). Um terceiro nome para esse pé é pirríquio, nome adicionado à terminologia métrica por meio de uma metonímia que remonta à tradicional dança dos lacedemônios que, como Aftônio diz, tem "movimento rápido e recorrente" que, por sua vez, teria recebido o nome do rei Pirro do Epiro, 318 a.C. - 272 a.C., segundo hipóteses.

Uma pesquisa breve da ocorrência desses três termos em alguns autores presentes na obra de Heinrich Keil aponta a menção ao nome *pirríquio* 26 vezes por Vitorino/Aftônio, somadas a outras 25 vezes em que os autores empregaram o termo sinônimo, ou seja, *pariambo*,

---

[150] Dança guerreira dos lacedemônios (*cf*. FARIA, 1994: s.v. *pyrrhĭcha, ae*)

[151] *Cf*. Vitorino (*GL* VI, p. 44): "*Pedes igitur simplices sunt duodecim, qui procedunt adcrescuntque a duabus syllabis ad tres, item a duobus temporibus ad sex. Ex quibus disyllabi quidem quattuor duum uel trium uel quattuor temporum existunt. Quorum princeps et auctor pyrrichius, qui et pariambus et dibrachys appellatur: sed pariambus ideo, quod minus habeat unum tempus ab iambo (παρά enim Graeci minus dicunt), subsistens e duabus*| *breuibus, ut dea, temporum duum. Ita enim ratio exposcit, ut a breui origo temporum coeperit, quippe cum eiusdem geminatio longum fecerit tempus, haud aliter quam in numeris: etenim ex uno multiplicato, ueluti primordio ac semine, reliqui gignuntur. Nec immerito a Graecis hic pes, ut auctor et parens reliquorum, ἡγεμών dicitur. Pyrrichius autem a celeri motu ac recursu, qui in pyrricha habetur, nuncupatus est".*

[152] O verbo é *ἡγεμονέω; ἡγεμών é substantivo e significa "chefe*"] significa "autoridade, governador, general" (Cf. LIDDELL & SCOTT, 1996: s.v. *ἡγεμών*).

em oposição a apenas 6 menções ao termo equivalente, *díbraco*. Terenciano Mauro, por sua vez, não utiliza uma vez sequer o termo *pirríquio* em sua obra, pois prefere o vocábulo *pariambo*, que é citado pelo autor 14 vezes em seus versos, junto ao termo *díbraco*, empregado 2 vezes. Já Máximo Vitorino utiliza 4 vezes o termo *pirríquio* e uma vez apenas os nomes *pariambo* e *díbraco*. Apesar dos dados obtidos, somente com uma tradução completa e um exame minucioso do contexto em que os autores pesquisados empregam os termos em análise, em contraste com o levantamento dessas ocorrências em outros gramáticos metricistas, poder-se-ia compreender melhor as circunstâncias e diferenças que os autores consideraram para a escolha de um termo em detrimento de outro. Nesse caso, é possível reparar que tanto Terenciano Mauro quanto Máximo Vitorino optaram por um termo e empregaram os outros dois em momentos pontuais, justamente para apresentar os outros nomes pelos quais o pé em questão é conhecido[153]. Vitorino e Aftônio, em contrapartida, parecem, à primeira vista, ter empregado indistintamente as formas *pirríquio* e *pariambo*, tendo em vista o número elevado de vezes em que ambos os termos são utilizados.

Outro exemplo de variável terminológica na métrica antiga:

> São oito os pés trisílabos, nos quais a medida dos tempos estende-se desde o *trissemo* ou *trícrono* até o *hexassemo* ou *hexácrono*; em primeiro lugar [eles] terão] o pé *tríbraco*, assim como os dissílabos [tinham] o *díbraco*, assim chamado devido à natureza de seus tempos. E que não vos passe despercebido que ele também é chamado *pignomo* por alguns; consiste em três breves, como em *ănĭmă* ["alma"], e em três tempos. O contrário dele é o *molosso* – assim chamado a partir dos *Molossos*, que vivem na Tessália – com três longas, como em *Ēumēdēs*. (*GL* VI, p. 45)[154]

O autor discute no exemplo acima as possibilidades combinatórias dos pés de três sílabas. São oito as diferentes possibilidades de se combinarem sílabas longas e breves em um trissílabo o que resultará em um pé de, no mínimo, três tempos, no caso de uma combinação de três breves, até a máxima duração, com a união de três sílabas longas, formando seis tempos. O tríbraco, nome que vai conservar-se no restante da obra, é formado por meio da adição de

---

[153] *Cf.* p. ex. Máx. Vitorino (*GL* VI, p. 207): *"Pes quid est? Compositio duarum vel trium aut etiam quattuor syllabarum secundum rationem sui cuiusque metri. Pedum genera quot sunt? Duo. Quae? Aut enim simplices sunt aut duplices. Simplicium species quot sunt? Duae. Quae? Disyllabi aut trisyllabi. Disyllabi quot sunt? Quattuor. Qui sunt? Spondeus pyrrichius trochaeus iambus. Ex his qui inter se contrarii? Pyrrichius spondeo, trochaeus iambo. Qui deinde est pariambus? Idem qui pyrrichius sive etiam dibrachus".*

[154] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 45): *"Trisyllabi autem pedes octo, in quibus mensura temporum a trisemo siue trichrono ad hexasemon siue hexachronon usque porrigitur, primum habebunt pedem tribrachyn, sicut disyllabi dibrachyn, dictum a temporum substantia. Idem et pygnomus a quibusdam, ne uos praetereat, uocatur. Subsistit autem e tribus breuibus, ut anima, temporum trium. Contrarius huic molossus, dictus a Molossis, qui in Thessalia|| degunt, e tribus longis, ut Eumedes".*

uma terceira sílaba breve a um pé constituído já por duas delas, que pode ser chamado *díbraco*, *pirríquio* ou *pariambo*. O tríbraco, como afirma Aftônio, é conhecido também como pignomo ou *pygnomus*, entretanto, nesse caso, o autor não apresenta justificativa para o nome e, ao contrário da alternância constatada com os três nomes para o pé de dois tempos formado por duas breves, essa é a sua única ocorrência da palavra na obra de Vitorino e Aftônio. Outros dois autores também fazem referência a esse segundo nome que admite o tríbraco: Máximo Vitorino[155] e Césio Basso[156].

A duplicidade dos nomes dos pés na obra de Vitorino e Aftônio, até onde essa pesquisa pôde averiguar com a tradução do original latino, não se restringe ao capítulo *De pedibus* do Primeiro Livro, embora esse capítulo congregue boa parcela das ocorrências (10 das 26), as 16 demais estão repartidas entre os três livros restantes. Em relação aos nomes dos metros, uma vez que toda a obra de Vitorino e Aftônio trata de sua formação e possibilidades de combinação, durante todo o tratado se percebe a apresentação de dois nomes para um mesmo metro. Algumas dessas ocorrências serão analisadas neste trabalho, no capítulo *"Victorini et Aphithonii excerpta"*.

A respeito da variação terminológica, em suma, interessa não apenas analisar quantitativamente a sua ocorrência, mas examinar as motivações que levam os autores a sustentar dois nomes para designar um mesmo conceito, e ainda quais as consequências para a comunicação técnica. A simples menção a um nome alternativo, quando da apresentação do pé, geralmente em conjunto com sua formação, é na verdade um dado terminológico que se assemelha a uma curiosidade, ou um preciosismo do autor; já a alternância aparentemente arbitrária entre pirríquio e pariambo, merece futuras investigações. A questão das consequências da instabilidade lexical será tratada em momento oportuno.

Como uma última observação a respeito das implicações no vocabulário técnico, Conso defende que, além dos aspectos abordados, há outros ainda que reclamam atenção, mesmo sendo de avaliação altamente subjetiva, como a existência de vários níveis de vocabulário técnico (2005, p. 13). Para a pesquisadora, existe para cada disciplina tanto um léxico básico

---

[155] Máx. Vitorino (*GL* VI, p. 207): *"Pedes trisyllabi quot sunt? Octo. Qui sunt? Dactylus, anapaestus, molossus, tribrachus idem qui brachysyllabus sive pygnomus, amphimacrus qui et creticus, amphibrachus sive mesites, bacchius, palimbacchius sive antibacchius sive pompicus.*

[156] Basso (*GL* VI, p. 307)*: "Pedes trisyllabi numero sunt octo. tribrachys ex tribus brevibus temporum trium, ut Helena; sed hunc alii trochicum appellaverunt, alii pygnoma, alii brachysyllabon: Cicero eundem in Oratore etiam trochaeum appellavit".*

que é indispensável, que deve ser amplamente conhecido até mesmo por não iniciados, quanto palavras raras ou curiosas que podem escapar ao conhecimento e à memória até mesmo de um especialista. Tal aspecto, embora, sem dúvida, muito interessante, suscitaria por si só longas e específicas fundamentações e análises e, por isso, não terão espaço neste trabalho.

III.1.2.3: Processos de constituição e atualização do vocabulário técnico

A última das questões que Conso (2005, p. 15) observa sobre a constituição do vocabulário técnico e científico diz respeito aos processos de constituição e atualização que esses léxicos experimentam. Nesse sentido, cabe ressaltar que a pesquisadora distingue os processos de atualizações dos processos de permanência. Enquanto os processos de atualização dos vocabulários das disciplinas técnicas são analisados neste trabalho junto aos fatores que trabalham em favor de sua constituição, os processos de permanência e estabilidade são medidos e examinados junto às características intrínsecas, mesmo que estejam relacionados à raiz da mesma questão e sejam interdependentes.

Conso julga que, em alguma medida, todo vocabulário sofre atualizações ao longo do tempo e, no caso específico das disciplinas técnicas e científicas, tais atualizações estão relacionadas ao "avanço" de novas descobertas, invenções e tecnologias (2005, p. 16), como se observará a seguir. Tais atualizações, entretanto, equilibram-se num dos pratos da balança, na qual, do lado oposto, se encontram a aspiração e a necessidade de estabilidade vocabular das disciplinas técnicas e científicas, que garantem a transmissão e perpetuação do conhecimento. A pesquisadora elenca, então, os três processos de atualizações dos vocabulários técnicos e científicos: os empréstimos, as mudanças semânticas e lexicais de termos técnicos, sobre as quais tratamos anteriormente, e a formação de novas palavras.

Não sendo o foco do presente trabalho uma investigação exaustiva em torno de importantes e complexos conceitos linguísticos, a discussão percorre superficialmente esses caminhos por ser necessária para o exame das atualizações e da constituição do vocabulário técnico, que é, por sua vez, quase uma exigência para a leitura que se tenciona realizar do córpus de observação e análise desta tese.

III.1.2.3.1: Empréstimos lexicais

As atualizações do léxico podem surgir de diversas origens. Uma das fontes mais comuns de novas palavras advém da influência de uma língua sobre outra ao que, tradicionalmente, os linguistas denominam *empréstimos lexicais*, de acordo com Crowley (1997, p. 145). Câmara Jr. (1977, p. 76), baseado em Bloomfield, conceitua esse fenômeno linguístico como "intromissão de um elemento de sistema estanho no sistema considerado", devendo a noção de sistema estranho ser entendida da forma mais ampla possível, isto é, levando-se em conta a existência de transferências internas, verificadas entre diferentes regiões, camadas sociais ou níveis de linguagem, além daquelas originárias da língua comum para as terminologias especiais ou vice-versa. Sobre o empréstimo linguístico, Câmara Jr. (1989, pp. 76), lembra, com humor, que:

> Este termo [empréstimo] tem sido uma ou outra vez criticado. Há quem não admita o termo, porque a forma que é tomada de outra língua não é devolvida para que se possa dizer que foi emprestada; seria o caso de sugerir-lhes que empreguem então a locução – "empréstimo com calote linguístico" (CÂMARA JR., 1989, p. 76).

E, sobre esse assunto, complementa posteriormente

> [...] em qualquer circunstância nunca há a rigor um empréstimo no sentido literal do termo. Há, sim, a adaptação de um elemento a um novo sistema, em que ele ganha um novo valor e imprime uma nova configuração mais ou menos acentuada. (CÂMARA JR., 2004, p. 285)

Com esse mesmo entendimento, Calvet alerta também para a incoerência da expressão "empréstimo", uma vez que não apenas não existe, por parte dos falantes da língua receptora, nenhuma intenção de devolver o material tomado a "empréstimo", como também se trata de uma transação unidirecional, porque interessa somente ao idioma de chegada.

Crowley (1997, p. 145) ainda manifesta a sua insatisfação com o termo consagrado pelo mesmo motivo, ou seja, porque a noção de empréstimo pressupõe a consequente "devolução", o que não ocorre com os itens lexicais, nem tampouco a língua de origem perde o direito de uso da expressão que tenha lhe sido tomada emprestada a outra língua. Desta forma, o autor propõe que seria mais exato falar de uma língua "copiar" as palavras de outra língua, uma vez que se descreve, dessa maneira, mais corretamente a natureza desses processos de transações lexicais. Assumpção Jr., por sua vez, não fala em empréstimo, mas em apropriação, isto é, a "aquisição de signo ou de significado léxico próprio de outra língua" (1986, p. 105), enquanto Robins

define o termo como “aquelas palavras que não estavam no vocabulário em um período e que nele estão em um período subsequente, sem terem sido construídas pelo estoque léxico existente de uma língua ou inventadas como criações inteiramente novas” (1977, p. 324). Não obstante as ponderações acima elencadas, seguiremos neste trabalho aplicando aquela nomenclatura já assentada pelo uso para a definição daquele fenômeno que, como formula Calvet, é coletivo, uma vez que “todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma maciça...” (CALVET, 2002, p. 39), como o que acontece entre a língua grega e a língua latina que aqui nos diz respeito.

De fato, para Krieger (2006, p. 162), “o léxico de uma língua, longe de ser um bloco monolítico, constitui-se como um conjunto heterogêneo em vários ângulos de sua composição”. A variada formação do léxico para a autora é determinada principalmente por fatores como o tempo, o espaço e o registo, assim, em função da variação diacrônica, palavras antigas do léxico geral de um idioma podem cair em desuso ou conviver com a formação de novas palavras. As diferenças geográficas estão, por sua vez, no âmbito da variação diatópica. Os estratos ou faixas horizontais, isso é, que representam os diferentes tipos de registros, quais sejam o culto, o literário, o vulgar, mas, principalmente, para este trabalho, o registro dos sentidos de domínio do saber especializado, ou seja, técnico-científico, estão todos relacionados à variação diastrática, segundo Krieger (2006, p. 163). A autora ilustra, dessa forma, de uma só vez, a constituição heterogênea do léxico e o dinamismo desse componente que cumpre a função de nomear os seres, os objetos, as ações e processos que identificam o mundo fenomenológico e aquele percebido pelos homens. Em suma:

> A multiplicidade de facetas do léxico é indicativa de que esse componente não é um bloco monolítico, mas compõe-se do velho e do novo, do geral e do específico, do uso abrangente em termos territoriais ou do regional entre outros aspectos. Com essa abrangência, nomeia, designa, faz significar, expressa subjetividades e ideologias. Por tudo isso, o léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo, o que a ciência descobre e os artefatos que a tecnologia produz. (KRIEGER, 2014, p. 325)

Desta forma, os empréstimos fazem parte dos registros da uma língua e atuam diretamente sobre outra língua, e, através deles, podemos contemplar, além dos aspectos linguísticos, também dados sobre aquelas culturas e sociedades. Associados, por sua vez, à formação de novas palavras e, em outro nível (pois decorrem dos empréstimos), também às mudanças linguísticas – em especial às mudanças semânticas e lexicais – os empréstimos

atualizam, enriquecem, modificam e ampliam um vocabulário técnico, não apenas pela simples importação de termos utilizados em outros idiomas, mas também pelo movimento de transmissão de conhecimentos técnicos de outras civilizações (DE MEO, 1986, p. 10). Nesse sentido, Lehmann (1992) afirma que os empréstimos podem ser considerados uma espécie de difusor cultural, por isso, ao explicá-los, é preciso buscar identificar as condições sob as quais ocorrem.

O empréstimo lexical é a incorporação ao léxico de uma língua de uma palavra que pertence a uma outra, desta forma, atua como um importante fator constituinte e atualizador do vocabulário. Seja mediante a reprodução do vocábulo sem alteração da pronúncia e da grafia, seja mediante a adaptação fonológica e ortográfica, a palavra quase sempre mantém o sentido da língua de origem. Assim, existem vários tipos de empréstimos, desde o estrangeirismo, uma espécie muito particular de empréstimo lexical, isto é, "palavra ou expressão estrangeira, ainda não integrada ao sistema linguístico receptor (gráfica, fonológica, morfologicamente), empregada com a sua significação e/ou forma estrangeira, em um texto vernáculo"[157], até aqueles outros que traduzem ou transcrevem as palavras de uma língua estrangeira utilizando material nativo. Um outro fenômeno linguístico, de natureza distinta, mas que também apresenta um caráter lexicogênico capaz de atualizar, enriquecer, modificar e ampliar o léxico de uma língua é o neologismo, isto é, a utilização ou a criação de nova palavra gerada com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes na mesma ou em outra língua[158]. Os primeiros serão analisados neste momento, já o neologismo será assunto para o próximo item deste trabalho, que observa a formação de novas palavras como termos técnicos da métrica latina.

Empréstimo na Roma Antiga

Em estudo essencial sobre o contato linguístico entre latim e grego e a sua importância para a constituição da disciplina gramatical em Roma, Fortes (2015) reúne o depoimento de autores antigos do Império, com destaque para Quintiliano, Tácito e Suetônio, de onde se podem depreender as condições fundamentais que proporcionaram a origem e o desenvolvimento da *ars grammatica* em território romano. Como já foi apresentado no início deste trabalho, vários fatores socioculturais participaram ativamente desse momento da gênese da gramática antiga, moldando não apenas as novas características do gênero gramatical, mas

[157] AULETE, *vs*. online, acessado em 20 de junho de 2019; *s.v*. estrangeirismo.
[158] AULETE, *vs* online, acessado em 20 de junho de 2019, *s.v*. neologismo.

também da disciplina gramatical antiga (FORTES, 2015, p. 15). Tratamos anteriormente (pp. 45-50), dos conceitos de bilinguismo e de *utraque lingua* relacionados a essa matéria, assim, resta investigar aqueles outros aspectos, o empréstimo linguístico, o estrangeirismo e o neologismo, derivados do intenso contato linguístico estabelecido que se caracteriza, sobretudo, pela "possibilidade de trânsito" entre as duas línguas mais prestigiadas, a grega e a latina, conforme definição de Fortes (2015, p. 6) e pela "alternância de código", como indica Calvet (2002, p. 154, *apud* FORTES, 2015, p. 6). Fortes destaca que por força do contato linguístico entre as línguas grega e latina, Quintiliano, na sua *Institutio oratoria* fez a seguinte afirmação:

> Mas essa minha distinção diz respeito principalmente à língua grega; com efeito, tanto a língua romana em sua maior parte deriva dela, como também nos servimos de palavras confessadamente gregas quando faltam à nossa língua, do mesmo modo que os gregos por vezes no-las tomam de empréstimo. (QUINTILIANO, *Inst. or.*, I, 5, 58)[159]

O conceito de "empréstimo linguístico" que se depreende da passagem em questão resvala, analisa Fortes, no conceito de *utraque lingua* que, por sua vez, coloca novamente em cena o contato linguístico-sócio-cultural entre Grécia e Roma e a supremacia daquela sobre esta, deixando entrever ainda as relações assimétricas de empréstimos entre essas línguas (FORTES, 2015, p. 7). O pesquisador é atilado ao analisar a passagem de Quintiliano constatando ainda que as discussões acerca do contato linguístico já interessavam à Antiguidade Clássica:

> O verbo depoente *mutuantur* é o termo "técnico" utilizado por Quintiliano para designar o conceito de "empréstimo" linguístico-cultural entre o grego e o latim. Sendo, assim, podemos aproximar o conceito *mutuantur* do conceito de *borrowing*/empréstimo. O termo utilizado por Butler (1989, p. 105), em sua edição da *Institutio oratoria*, na tradução do latim para o inglês é "*borrow*". Nesse sentido, podemos perceber que uma análise mais cuidadosa entre uma língua e outra já se apresentava como uma questão para os gramáticos latinos. (FORTES, 2015, p. 6)

No que tange à constituição da terminologia técnica e científica, de maneira especial a antiga, é preciso dizer que foi bastante beneficiada pelas múltiplas formas que o empréstimo pode assumir. Classificado por Callebat (1997, p. 154) como um fator linguístico constituinte do vocabulário técnico, o empréstimo incrementou sobremaneira as linguagens gramatical, retórica, filosófica, jurídica, médica, da arquitetura, da navegação, agrícola e muitas outras da

[159] *Cf.* (Tradução de Pereira, 2006, p. 129) *"Sed haec diuisio mea ad Graecum sermonem praecipue pertinet; nam et maxima ex parte Romanus inde conuersus est, et confessis quoque Graecis utimur uerbis, ubi nostra desunt, sicut illi a nobis nonnumquam mutuantur".*

Antiguidade Clássica. De Meo analisa o papel do empréstimo de vocábulos gregos pelos latinos:

> As lacunas existentes nos léxicos latinos das ciências e das técnicas, a preocupação de enriquecer e renovar esses léxicos, a influência ao mesmo tempo revigorante e paralisante do grego constituíram fatores ao mesmo tempo construtivos e perturbadores na atualização esses léxicos (CALLEBAT, 1997, p. 144)[160].

A esse respeito, De Meo (1986, p. 15) denota que a incidência do grego na constituição da terminologia técnica latina é decisiva, assim, não é difícil identificar que o latim, ao longo dos tempos de sua história, absorveu uma massa considerável de vocábulos gregos:

> Trata-se de um material enorme, que representa um contributo para a constituição do léxico latino e que é muito superior à de qualquer outra das línguas faladas na Itália desde a era pré-literária: palavras eruditas e populares, ora facilmente reconhecíveis ora disfarçadas sob a máscara do decalque, mas sobretudo relacionadas com os diversos setores da prática e da técnica (DE MEO, 1986, p. 15)[161].

Os gregos alcançam um nível altíssimo na investigação científica, de modo que é possível reconhecer em sua literatura técnica o prestigio de que gozavam os autores que se dedicavam à ciência pura (*ἐπιστήμη* = episteme); os romanos, por sua vez, como lembra De Meo, limitaram seus interesses quase exclusivamente à ciência aplicada (*τέχνη* = *ars*). Desta forma, não admira que, embora esse fluxo seja uma via de mão dupla, e não apenas os romanos tomaram empréstimos aos gregos, mas também o oposto aconteceu devido aos longos e intensos contatos entre o ambiente grego e o latino, haja uma influência muito mais palpável da Grécia sobre Roma, em tudo o que se refere à cultura e à sociedade (DE MEO, 1986, p. 15; CALLEBAT, 1997, p. 144; FORTES, 2015, p. 7). Isso teve repercussões também no estabelecimento e desenvolvimento dos vocabulários técnicos, o que justifica o emprego dos termos "paralisante" e "perturbador" aplicados por De Meo. Nesse caso, "A nomenclatura utilizada funciona, então, de maneira mais geral e, sem que o autor tenha necessariamente

---

[160] *Cf.* Callebat, L. (1997, p. 144): *"Les lacunes existant dans les lexiques latins des sciences et des techniques, le souci d'enrichir et de renouveler ces lexiques, l'influence à la fois vivifiante et paralysante du grec ont constitué des facteurs en même temps constructifs et perturbants dans l'actualisation de ces lexiques".*

[161] *Cf.* De Meo, C. (1986, p. 15): *"Si tratta di un materiale ingente, che rappresenta un contributo alla costituzione del lessico latino di molto superiore a quello di qualsiasi altra delle lingua parlate in Italia in fin dall'epoca preletteraria: vocaboli dotti e popolari, ora facilmente riconoscibili ora dissimulati sotto la vesti del calco, ma comunque concernenti soprattutto i vari settori della pratica e della tecnica".*

consciência disso, como um sinal de civilização, um ‘marcador’ estético, social e cultural” (CALLEBAT, 1997, p, 144)[162].

Callebat adverte para a soberania cultural grega sobre Roma, principalmente no período helenístico, fator que causa impacto direto no desenvolvimento das disciplinas técnicas romanas e, consequentemente, no vocabulário técnico de cada uma delas. Depreende-se da análise desenvolvida pelo autor que quanto mais vinculada ao berço helênico estiver a *τέχνη*, tanto maior será a participação da língua grega no vocabulário técnico dessa disciplina em Roma. Assim, sobre o estabelecimento da terminologia técnica na obra *De architectura* de Vitrúvio, córpus de observação de Callebat, o pesquisador afirma ser a arquitetura “impregnada pelos modelos helênicos” (1997, p. 147)[163] e aponta exaustivamente os empréstimos gregos que enriquecem o vocabulário técnico daquela disciplina, e que também preenchem as lacunas existentes e o atualizam, acabando por concretizar-se como um registro eterno da relação – para não dizer subalternidade – da arquitetura romana com aquela empreendida pelos gregos. Processo não diferente acontece com a disciplina métrica. Tendo sido originariamente desenvolvida pelos gregos, os estudos sobre a métrica prosperam em Roma de modo extraordinário, e os empréstimos da língua grega participam ativamente desse processo já que são a principal fonte dos vocábulos para a terminologia técnica dessa disciplina.

Várias situações na história das línguas fornecem excelentes exemplos dos múltiplos resultados que podem ser atribuídos a tipos diferentes de contato linguístico, os quais produzem efeitos variados na linguagem, segundo Lehmann (1997, p. 152). A influência da língua grega no desenvolvimento da linguagem técnica em Roma já foi assunto abordado por este trabalho, assim, em vista das considerações feitas no capítulo **Antecedentes gregos e desenvolvimentos romanos**, bem como daquelas feitas neste, a respeito dos empréstimos lexicais e do “empréstimo linguístico” há pouco apresentadas, resta ainda observar a realização dos empréstimos linguísticos no córpus de análise, o tratado técnico métrico de Vitorino e Aftônio.

Estrangeirismo

[162] *Cf.* Callebat (1997, p. 147) *“La nomenclature utilisée fonctionne donc, plus généralement, et, sans que l'auteur en ait nécessairement conscience, comme un signe de civilisation, «marqueur» esthétique, social, culturel”.*
[163] *Cf.* Callebat (1997, p. 147) *“L’imprégnée par les modèles helléniques”.*

A linguagem não é um tema de relevância apenas para o pensamento linguístico moderno, ao contrário, conforme vimos lembrando desde o início deste trabalho, os antigos não apenas se interessavam pelos assuntos relativos à linguagem, como também desenvolveram reflexões muito elaboradas desde o início do viria a ser a *tradição* gramatical. O uso, a variação e a norma na tradição gramatical latina, como sumariza Fortes (2012), em artigo que leva esse mesmo nome, foram temas ampla e profundamente investigados por autores latinos no domínio dos discursos retórico e gramatical. Os estrangeirismos, essa espécie particular de empréstimo linguístico, dizem respeito ao uso, à variação e à norma linguística, entretanto, são uma faceta singular no âmbito das atualizações de vocabulário, sobretudo do vocabulário técnico-científico.

O estrangeirismo é a tomada de expressões de uma língua por outra, pode sinalizar a valorização de um idioma em relação ao outro, e, acima de tudo, está atrelado à importação de uma cultura estrangeira. Desse modo, entre os antigos, o fenômeno alcança domínios que se situam muito além da matéria meramente linguística, pois traz no bojo questões acerca do conceito de linguagem que é tradicionalmente atribuído a Quintiliano, como define Fortes, "formado a partir da articulação de princípios lógicos/racionais (*ratio*), antiguidade (*uetustas*), autoridade (*auctoritas*) e uso (*consuetudo*)" (FORTES, 2012, p. 201). Tais conceitos demandam desenvolvimento à parte, dada sua especificidade, portanto, ficarão reservados para estudos futuros.

Para o presente estudo interessa, entretanto, examinar a ocorrência dos estrangeirismos como fator lexicogênico do texto técnico latino em face do que parece constituir uma ideia que lhe é oposta, o conceito de *Latinitas*. Esse termo, que fora tomado do grego *Ἑλληνισμός* como decalque, "não somente designava a 'correção/ adequação à norma linguística', mas também se configurava como a propriedade essencial do mundo latino" (DÍAS Y DÍAS, 1951, p. 33 *apud* FORTES, 2012, p. 203). De modo que se pudesse deduzir, como propõe Desbordes (2007, p. 91), pelo viés da língua um "modelo identitário romano", em contraste com o qual estavam as línguas bárbaras e, com elas, os estrangeirismos linguísticos.

De acordo com Fortes (2012, p. 208), a complexa noção de *Latinitas* como norma linguística e referência cultural, mas também de caráter ético e social, contrapunha o latim às línguas bárbaras, isto é, estrangeiras, ao mesmo tempo em que preconizava, por meio dos estudos das variedades de linguagem, os *uitia* e *uirtutes* da língua latina. Fortes ainda ressalta

que, “esses dois aspectos, associados, permitiram aos gramáticos não somente reconhecer sua língua como diferente dos falares bárbaros, mas também encontrar no interior de sua própria tradição literária elementos que, posteriormente, lhes permitiriam uma análise da variação linguística” (FORTES, 2012, p. 208). Desta forma, o pesquisador conclui:

> Com isso, não se deixa de associar, novamente, o barbarismo a uma identidade estrangeira, mas se vai além: através de uma observação que resulta de uma análise dos sons da língua, identificam-se, por assim dizer, aquelas categorias próprias do sistema fonológico latino clássico, em contraste com a fala dos não romanos: os sons, as sílabas, as aspirações e os tempos. Em suma, pelo viés da *Latinitas*, assistimos, portanto, no âmbito da *ars grammatica* romana, a uma preocupação mais específica que levaria à análise da língua latina, a princípio para reconhecer-lhe os traços próprios da fala dos bárbaros, mas que, progressivamente, vai se tornando um estudo válido por si mesmo. (FORTES, 2012, p. 212)

Mesmo exercendo enorme impacto na constituição do léxico técnico da disciplina métrica, propomos analisar algumas poucas ocorrências de estrangeirismos na terminologia técnica métrica dos *Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* que demonstrem e amparem a discussão ora empreendida, outros casos que mereçam destaque serão evidenciados nas notas à seção *VICTORINI ET APHTONII EXCERPTA*, ao final deste trabalho.

Os estrangeirismos gregos são empregados no tratado técnico de métrica latina de Vitorino e Aftônio de duas maneiras: com os termos escritos em grego e com os termos gregos transliterados. É preciso mencionar de antemão que, até onde foi possível verificar com a tradução e o estudo da obra, a preferência por uma notação à outra não mantem relação com a autoria do texto, isto é, é possível encontrar as duas formas dos termos gregos sendo empregadas indistintamente por ambos os gramáticos. Porém, esta pesquisadora sustenta a hipótese de que a distinção entre as formas de apresentação do grego na obra dos gramáticos talvez tenha outra motivação relacionada, possivelmente, com o caráter técnico da matéria abordada, suas características específicas.

A obra de Vitorino e Aftônio apresenta uma grande quantidade de palavras de origem grega, mas interessa, nesse momento, observar os vocábulos gregos escritos em alfabeto grego. Os vocábulos são inseridos no texto latino por meio de três mecanismos discursivos diferentes, o primeiro, por ser mais profícuo, com uma referência explícita aos gregos, indicando como eles chamam e/ou empregam determinados pés, metros ou processos da métrica. É possível sintetizar grosseiramente esse tipo de ocorrência com a formulação “elemento comparativo [*ut, apud*] + pessoa [*graeci* (pp. 14, 16, 19, 26, 32, etc.); *ueteres* (pp. 43, 91, etc.); *antiquos* (p. 26,

etc.)] + verbo de dizer [*apellant* (pp. 26, 35, etc.); *dixerunt* (pp. 5, 65, etc.); *dicunt* (pp. 4, 44, 56, etc.); *uocant* (p. 22, etc.)]" seguida ou precedida do termo técnico em alfabeto grego.

O excerto reproduzido abaixo foi extraído do capítulo *De pedibus*, atribuído a Aftônio:

> A partir disso, não foi tolo os antigos terem chamado ao *χρόνον* [crônon], isto é, o tempo, *Σημεῖον* [semêion; marca, sinal], porque determinados sinais de acentuação [ou "entonação"], que os gregos chamam *προσῳδίας* [prosódias], são colocados acima das sílabas para assinalar a duração dos tempos, daí os gregos terem chamado aos tempos *marcas* [ou "sinais"]. Mas, assim como [fizeram] os próprios [gregos] ao marcar com letras as formas dos pés, conforme as durações dos tempos [de cada um], eu não poderia deixar de sugerir nesta seção que, no lugar de uma sílaba breve, que é de um só tempo, se coloque um B, ao passo que, no lugar de uma longa, que é de dois tempos, um M: e isto para que, através dessas letras, a regra dos pés seja percebida mais facilmente (*GL* VI, p. 42)[164].

No exemplo dado, Aftônio permite entrever os princípios da notação da duração das sílabas longas e breves entre os antigos, que resultariam nos diacríticos mácron [¯], o M, e bráquia [˘], o *B*, ou seja, os "tracinhos" reto e curvo que são colocados sobre as vogais para indicar a duração da prolação das sílabas. Não se pode esquecer que o uso das longas e breves na poesia segue regras específicas, de acordo com a necessidade do poeta ou com a colocação das palavras na frase. O primoroso arranjo, as múltiplas combinações para a elaboração textual, tanto no discurso da poesia como no da prosa antigas, são objetos de investigação de tratados técnicos métricos como o de Vitorino e Aftônio. Desta forma, ao descrever a origem e composição dos pés a partir das muitas combinações possíveis entre as sílabas longas e breves, Aftônio revela o emprego de sinais para indicar a duração das sílabas de modo a torná-las mais evidentes para a leitura: *M*, de mácron (*μακρός*), para as sílabas longas; *B*, que representa a bráquia (*βραχύς*), para as breves. Destaca-se, ainda, na passagem transcrita que, embora sob suporte escrito, no qual se possa fazer tais registros, o *grammaticus* pressupõe a oralidade, isto é, a realização fônica, que seria facilitada com as indicações explícitas das longas e breves e, por conseguinte, da formação dos pés métricos de que o texto em questão se compõe.

Esse é apenas um exemplo das inúmeras vezes em que, para explorar a matéria abordada, Aftônio cita explicitamente vocábulos gregos, escritos em alfabeto grego, dentro da

---

[164] *Cf*. Vitorino (*GL* VI, p. 42): *"Σημεῖον autem ueteres χρόνον, id est tempus, non absurde dixerunt ex eo, quod signa quaedam accentuum, quae Graeci προσῳδίας uocant, syllabis ad declaranda temporum spatia superponuntur, unde tempora signa Graeci dixerunt. Sed et hoc || loco suggerente non praetermiserim, eosdem figuras pedum secundum spatia temporum per litteras ita designasse, ut breuis syllabae loco, quae sit unius temporis, ponatur B, longae autem loco, quae sit temporum duum, M: hoc ideo, ut per litteras regula pedum facile intellegatur".*

formulação transcrita anteriormente: "(termo técnico) + elemento comparativo + pessoa + verbo de dizer + (termo técnico)": *"Σημεῖον autem ueteres χρόνον, id est tempus, non absurde dixerunt ex eo, quod signa quaedam accentuum, quae Graeci προσῳδίας uocant"*. Tal fórmula é bastante recorrente no córpus em análise. Com frequentes e explícitas menções aos conhecimentos e procedimentos métricos gregos, Aftônio parece reforçar o vínculo que subjuga a métrica latina àquela que a antecede, a grega.

É necessário ainda dizer que esse tipo de enunciação em que a origem grega da métrica latina é referenciada diretamente, além de não ser exclusiva ao trecho dos *Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte gramatical* atribuído a Aftônio, é também recorrente nos excertos da obra que a crítica confere a Vitorino, como no excerto em que o autor examina o elemento *vox*:

> A emissão verbal é ar impulsionado e perceptível pela audição na medida de sua própria força. De que modo [o explicam] os gregos? *ἀὴρ πεπληγμένος αἰσθητὸς ἀκοῇ, ὅσον ἐφ' ἑαυτῷ ἐστιν*. As formas dessa emissão verbal são duas: articulada e difusa. Articulada é aquela que, quando escutada, se entende e se escreve e, por isso, pode ser explicada pela maioria, e é chamada por todos de *inteligível*. Como os gregos nomeiam? *ἔναρθρον φωνήν*" (*GL* VI, p. 3)[165].

E ainda pode ser encontrada com frequência, em outros *scriptores artis metricae*, como, por exemplo, em Terenciano Mauro: *"Claudum trimetrum fecit aliter Hipponax,/ ad hunc modum, quo claudicant et hi versus:/ idcirco graece nuncupatus est σκάζων"*[166]. A reincidência da menção expressa aos modos, nomenclatura e definições gregos, seja por meio da formulação estabelecida há pouco, seja por variações desse paradigma, tanto no córpus em observação neste trabalho, quanto em tratados a ele semelhantes, ratificam a importância da métrica grega na constituição da disciplina métrica latina.

Na obra de Vitorino e Aftônio, os estrangeirismos gregos, reproduzidos em alfabeto grego, em menor ocorrência, por vezes aparecem sem qualquer proposição ou indicação às fontes gregas. Ao contrário, sua presença no texto latino se dá sem o rompimento sintático ou

---

[165] *Cf*. Vitorino (*GL* VI, p. 3): "*Vox est aer ictus auditu percipibilis, quantum in ipso est. Graeci qualiter? ἀὴρ πεπληγμένος αἰσθητὸς ἀκοῇ, ὅσον ἐφ' ἑαυτῷ ἐστιν. Vocis formae sunt duae, articulata et confusa. Articulata est quae audita intellegitur et scribitur et ideo a plerisque explanata, a non nullis intellegibilis dicitur. Hanc Graeci quid appellant? ἔναρθρον φωνήν"*

[166] *Cf*. Terenciano, *De Metris*, "Hipônax compôs um trímetro escazonte de maneira diferente,/ de modo que também esses versos claudicam: por isso, em grego, foi chamado σκάζων ('escazonte')". (Trad. JESUS, 2016, p. 25).

semântico que anuncie o termo diferente no enunciado, isto é, as palavras gregas figuram como uma continuidade natural, sem que se evidencie a diferença, em uma só frase, dos dois idiomas ali presentes. A passagem abaixo ilustra duas ocorrências desse fenômeno:

> Coincidindo com o espondeu apenas em número de sílabas, o troqueu é como se [fosse] o contrário delas, e está sempre localizado na parte extrema do verso [heroico]. Sobre esse pé, ainda agora pende uma contenda entre os gramáticos. De fato, aqueles que o utilizaram dizem que se faz [com ele] um verso épico mais belo, desde que tenha *κατάληξιν* ["catálexin": "última sílaba ou parte da palavra ou verso"; trata-se da "cadência" da sílaba final], isto é, se ele for encerrado com um troqueu que o feche, [e o fazem] para convencer que sejam perfeitamente combinados troqueus com pés datílicos no abaixamento da voz. Contrários a esses, outros se apóiam na regra do pé final, única posição na qual [o troqueu] será colocado; e não sem razão, de modo que [o verso] se complete com sua última sílaba que é sempre breve, e com uma pausa de tempos ali intercalada, que todo verso atinge naturalmente no fim, único momento em que ela é então considerada uma longa, da mesma forma que a maioria das sílabas finais dos metros: ou então porque em todo verso a última breve é considerada *ἀδιάφορος* ["adiáphoros": "que não importa"], isto é, indiferente (*GL* VI, p. 72)[167].

Nessa passagem, extraída do Livro Segundo, Aftônio expõe a contenda entre os gramáticos metricistas acerca do valor da sílaba final do hexâmetro datílico. Para tanto, aplica dois termos gregos que, apesar de escritos em alfabeto grego, estão inseridos na trama textual elaborada em latim como se não houvesse ali a fundamental diferença de dois idiomas distintos. Em casos como esse, compreendemos que o autor não julgou necessário transliterar ou traduzir, porque os termos técnicos gregos presentes no discurso de Vitorino e Aftônio são acompanhados apenas de uma breve explicação geralmente introduzida pela locução de caráter explicativo *id est* ("isto é").

É possível analisar tal conduta de duas maneiras, a presença de palavras gregas em um discurso elaborado em latim no contexto da *utraque lingua*, em que se compreende não apenas a influência da língua grega no desenvolvimento da linguagem e dos estudos gramaticais em Roma, mas também uma situação de bilinguismo que não coloca o grego como um elemento estrangeiro, e, sim, como um indicativo do estreito contato linguístico e cultural entre as línguas

---

[167] *Cf.* Vitorino (GL VI, p. 72): *"Trochaeus numero tantum syllabarum spondeo congruens, velut alienus ab his, semper in extima parte versus locabitur. Super quo etiam nunc inter grammaticos lis pendet. Nam qui eum adserunt, ferunt pulchriorem versum epicum effici, si κατάληξιν habeat, id est si trochaeo claudente terminetur, ut persuadeant dactylicis pedibus familiariter trochaeos in depositionibus coniugari. Adversus quos alii loci extimi, in quo tantum locabitur, praescriptione nituntur; nec immerito, ut novissima eius syllaba, quae semper brevis est, mora temporis intercedente, quae in fine versus naturaliter contingit, suppleatur, quo tunc demum pro longa sumatur, sicut pleraeque in metris finales syllabae: vel quod in omni versu ultima brevis ἀδιάφορος, id est indefferens, habeatur".*

grega e latina, como já se indicou aqui anteriormente, o que equivale dizer também que as duas línguas funcionariam, segundo essa leitura, como córpus de análise na obra de Vitorino e Aftônio. Em outra chave de leitura, que esta pesquisadora tende a julgar mais interessante, leva-se em consideração que a língua grega é empregada na obra de Vitorino e Aftônio também para exprimir termos técnicos, além de *exempla* e mesmo citações diretas a autores gregos, como Aristóteles, ainda assim, grande parte dos estrangeirismos da obra dizem respeito à terminologia técnica métrica cuja sólida base, conforme vimos reafirmando até aqui, havia sido construída anteriormente pelos gregos. Os autores que se propuserem realizar um estudo sério e completo da métrica latina, como é o caso da obra de Vitorino e Aftônio, e da de outros metricistas como Terenciano Mauro, Césio Basso e Sacerdote, não podem furtar-se a buscar as origens helênicas da métrica latina, sobretudo a sua influência na construção da terminologia dessa disciplina. Está respaldada também por essa leitura o manifesto vínculo entre as literaturas em língua grega e latina o que conduz à compreensão de que o escopo de análise desses tratados técnicos métricos envolviam também a poesia grega.

Sob o critério de tratar-se aqui da demonstração do *modus operandi* textual em relação à presença da língua grega no tratado de métrica latina de Vitorino e Aftônio, mesmo que, dessa forma, sejam misturados assuntos de naturezas distintas, é possível observar os *exempla* gregos citados na obra, justamente também por ser essa a terceira das três maneiras como são encontrados vocábulos gregos no tratado técnico métrico.

Os excertos selecionados do capítulo "Sobre a natureza e a conexão entre as sílabas" trazem versos de Homero citados como *exempla* por Aftônio no Livro Primeiro dos *Quatro Livros de Mário Vitorino Sobre a Arte Gramatical*.

> Assim, realizam-se três espécies [de vogais], como se disse acima. Portanto, a primeira será aquela que, ou por uma vogal alongada, ou por uma combinação de duas [vogais], isto é: por um ditongo, ao transformar a terceira breve de um pé datílico em uma longa, [o que é] contrário à lei do hexâmetro heroico, introduz um anfímacro que será reconhecido como um dátilo pela lei das sílabas comuns, mas de tal forma que o pé seguinte tem de começar com uma vogal. Um exemplo disso está em Homero, *ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα]*[168], e também no nosso *insulae Ionio in magno*[169]. Ora pois, nessa junção [de vogais], as longas que são desse tipo ficam sujeitas à classificação de cada uma das vogais [subsequentes], e, nesse encontro [de vogais], a duração do tempo se consome na própria velocidade da pronúncia: embora não poucos ensinem que elas [são] como uma sílaba final, por causa da [lei da] indiferença

[168] 1º verso da Odisséia de Homero: *[Ἄ˘νδρα˘ μοι˘ | ἔ˘ννε˘πε˘, |Μοῦ˘σα˘, πο˘|λύ˘τρο˘πο˘ν,| ὃ˘ς μά˘λα˘ | πο˘λλὰ˘]*
[169] Eneida, III, 211: *insulae Ionio in magno, quas dira Celaeno*. "As ilhas Strophadas [assim] chamadas pelo nome grego estão no grande Jônio", *[īnsŭl**ae͡Ĭ**|ōnĭŏ | īn māg|nō, quās | dīră Cĕ|lænŏ]*

> que é admíssivel em todos os versos, a maioria se indaga [perguntando] se isso [não ocorre] apenas como um privilégio das sílabas comuns (*GL* VI, p. 36)[170].

Nessa passagem, Aftônio discute sobre o abreviamento silábico que ocorre na terceira sílaba do pé datílico diante de uma combinação de letras que, por outro lado, resultariam naturalmente em sílabas longas. O autor utiliza como exemplo do fenômeno métrico examinado duas frações de versos de Homero e Virgílio, da Odisseia e da Eneida, respectivamente. Segue-se um outro momento do mesmo capítulo em que Aftônio menciona dois outros versos do poeta grego:

> Essa disposição das sílabas comuns, tanto nos dátilos como nos demais tipos de metros, deve ser tratada, contudo, com o mesmo cuidado de que se valeram os autores gregos mais frequentemente do que os nossos. Naturalmente não é, de fato, uma imperfeição, uma vez que os maiores autores já tenham experimentado esse tipo de construção de bom grado. Há, por exemplo, aquele notável verso em Homero, em que quatro sílabas longas são sentidas executadas como breves pela lei das [sílabas] comuns, cujo exemplo [segue]:
>
> *οὔ τί μοι αἰτίη ἐσσί, θεοί νύ μοι αἴτιοί εἰσιν*[171]
>
> *[οὔ˘ τί˘ μοῐ̆ | αἰ˘τί˘η˘ | ἐ˘σσί˘, θε˘|οί˘ νύ˘ μοῐ̆ | αἴ˘τι˘οί˘ | εἰ˘σῑν]*
>
> Outro [verso], por outro lado, no mesmo [Homero, é] de uma espécie contrária à do [exemplo] anterior; nele breves são sentidas como longas pela lei das [sílabas] comuns:
>
> *ἀμφὶ δ᾽ ἄρ᾽ ἀμβρόσιον ἐανὸν ἕσαθ᾽ ὅν οἱ Ἀθήνη*[172]
>
> *[ἀ˘μφὶ˘ δ᾽ ἄ˘ρ᾽| ἀ˘μβρό˘σι|**ο˘**ν ἑ˘ᾰ̆|ν**ὸ˘**ν ἕ˘σᾰθ᾽,| **ὅ˘**ν οἱ˘ Ἀ˘|θή˘νη˘]*
>
> Na verdade, três dátilos seguidos resistem a partir de cada uma das três sílabas breves e vários versos assim, do mesmo tipo, podem ser encontrados no mesmo [Homero] (*GL* VI, p. 38)[173].

---

[170] *Cf*. Vitorino (GL VI, p. 36): *"Ita efficiuntur modi, ut supra dictum est, tres. Igitur prima species erit quae dactyli pedis tertiam breuem seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo, longam efficiens contra legem hexametri heroi amphimacrum inducit, qui pro dactylo lege communium syllabarum accipietur, ita tamen ut sequens a uocali pes inchoet. Cuius exemplum apud Homerum "ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα", apud nostrum "insulae Ionio in magno". Nam sub illa coniunctione longae quae sunt huius modi, utriusque uocalis nomen incurrunt, et in collisione spatium temporis ipsa pronuntiandi celeritate consumitur: quamquam non nulli quasi finalem syllabam propter indifferentiam, quae in metris omnibus competit, tradant, super quo plerique ambigunt in isto dumtaxat syllabarum communium priuilegio".*

[171] Homero, *Ilíada*, III, 164.

[172] Homero, *Ilíada*, XIV, 178.

[173] *Cf*. Vitorino (GL VI, p. 38): *"Haec ratio communium syllabarum cum in dactylicis tum in ceteris metrorum generibus sub eadem obseruatione tractanda est, qua tamen frequentius auctores graeci quam nostri usi sunt. Non enim uitium est, quippe cum maximi auctores hoc genus compositionis ultro adfectauerint. Nam apud Homerum notabilis ille uersus habetur, in quo quattuor longae sylabae lege communium pro breuibus inductae accipiuntur, cuius exemplum* |

οὔ τί μοι αἰτίη ἐσσί, θεοί νύ μοι αἴτιοί εἰσιν.

Os versos da Ilíada homérica são empregados por Aftônio para demonstração de dois fenômenos que, embora raros dentre os latinos, são recorrentes na poesia grega: o primeiro, o abreviamento de uma vogal longa e, o segundo, o seu inverso, o alongamento de uma sílaba breve (GENTILI, 1951, p. 123). Embora sejam frequentes na métrica grega, é interessante observar que, em cada um dos *exempla* escolhidos pelo gramático latino, os fenômenos estudados aparecem mais de uma vez, dessa forma, parece estar justificada não somente a inserção desses versos gregos no tratado de métrica latina de Aftônio, como também o que teria motivado sua escolha.

É preciso lembrar, por fim, que os versos em língua grega citados como exemplos dentro do córpus em análise já foram examinados em trabalho anterior[174] empreendido por esta pesquisadora, do qual interessa recapitular nesse momento que

> em Aftônio, os exemplos em língua estrangeira, no caso, em grego, são introduzidos como os exemplos latinos, por meio da marcação tipográfica, recuo, mudança de linha e aspas simples e da marcação robusta, principalmente com partículas demarcadoras como pronomes (dêiticos, anafóricos, relativos, enfáticos, etc.) e conjunções. Os exemplos gregos sempre estão acompanhados da indicação de seu autor, Homero, em todas as ocorrências, e inseridos num contexto positivo [...] (SIMÕES, 2014, p. 54).

Conforme vimos ressaltando, os estrangeirismos são abundantemente empregados no tratado em análise para designar os termos técnicos da disciplina métrica, assim, tendo examinado os estrangeirismos escritos em alfabeto grego que integram o texto de Vitorino e Aftônio, resta examinar ao menos um exemplo, dentre tantos, daqueles termos estrangeiros, de origem grega, que sofreram transliteração para o alfabeto latino. Para tanto, observaremos, a seguir, o termo técnico *ametabola,* "ametábola", que tem origem no grego *ἀμετάβολος, -ον*, que, de acordo com o *Diccionario Griego-Español* (DGE), significa, *grosso modo*, "imutável"[175]. Foram selecionados do córpus desta pesquisa duas ocorrências de *ametábola* para serem transcritos a seguir, e que pertencem ao capítulo "Sobre a natureza e a conexão entre as sílabas":

> Há [ainda] outra dessas [vogais], sempre breve por natureza, estando na segunda sílaba do mesmo pé, visto que (está) na posição que se segue ao pé

---

alia rursus apud eundem species superiori contraria, in qua breuis pro longis lege communium recipiuntur, ut est
ἀμφὶ δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἑανὸν ἕσαθ' ὅν οἱ Ἀθήνη
nam tres continui dactyli e ternis syllabis breuibus subsistunt, cuius generis apud eundem complures uersus reperiuntur".

[174] *Cf.* SIMÕES, 2014.

[175] DGE in línea, acessado em 28 de junho de 2019; s.v. *ἀμετάβολος, -ον*.

> dátilo e havendo duas consoantes juntas, das quais a primeira é muda, sendo a seguinte líquida; aí, ela se torna longa por posição, como em "*uidit turicremis*" *[uīdīt, | tūr**ĭcr**ĕ|mīs]*, em *r*, e de
>
> *[nī pāl|mās pōn|tō tēn|dēns ū|trāsqu**ĕ Cl**ŏ|ānthŭs],*
>
> em *l*, do mesmo modo que
>
> *[Brōntēs|quē Stĕrŏ|pēsqu(e) ēt | nūdūs| m**ēm|b**ră Pў|rāgmōn.]*
>
> em *m*, e do mesmo modo que
>
> *[nēscĭŏ | quīs tĕnĕ|rōs ŏcŭ|lūs mĭhĭ | fāscĭnăt | **āgn**ōs.]*
>
> em *n*. Tens aí quatro exemplos de líquidas, a que chamamos ametábolas[176]
>
> (*GL* VI, p. 37).

Nessa passagem, Aftônio trata do grupo consonântico de *muta cum liquida* cuja regra em termos mais recentes, segundo Crusius, pode ser expresso assim: "se uma sílaba termina em vogal breve e a sílaba seguinte na mesma palavra começa por muda com líquida, a primeira sílaba pode ser longa ou breve e se chama *anceps* (variável)" (1987, p. 15) São mudas as consoantes *b, p. ph, d, t, th, g, c, qu, ch* e as líquidas são *l, m, n,* e, *r*.

O gramático latino busca nos versos de Virgílio as ocorrências da teoria que pretende demonstrar, os casos em que a dupla consoante não alonga a vogal da sílaba antecedente, "ou porque uma sílaba breve foi colocada no lugar de uma longa, ou uma longa por posição não obtém a força de seu alongamento na condição em que se encontra" (*GL* VI, p. 37)[177], como atesta a explicação de Aftônio. O autor ainda aponta um terceiro exemplo virgiliano para o que seria uma exceção, o encontro das consoantes *gn*, pois, segundo Crusius, "em latim será sempre longa a vogal que antecede [o grupo consonantal] *gn* da mesma palavra*"* (1987, p. 15).

Aftônio prossegue discutindo a questão:

---

[176] *Cf*. Vitorino (*GL* VI, p. 37); "*Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda syllaba natura semper breuis, utpote sequenti loco in dactylo pede, coniunctis duabus consonantibus, quarum prior muta, sequens liquida sit, longam efficit positione, ut est "uidit turicremis" in r, et* ||

ni palmas ponto tendens utrasque Cloanthus, [Verg. *A*. V, 233]

in l, item

Brontesque Steropesque et nudus membra Pyracmon, [Verg. *A*. VIII, 425]

in m, item

nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos, [Verg. *Buc*. III, 103]

in n. Habes exempla quattuor liquidarum, quas ***ametabolas*** *diximus".*

[177] *Cf*. Vitorino (GL VI, p. 37): "*Nam aut breuis syllaba est loco longae posita, aut positione longa uim | suae proceritatis loci condicione non obtinet".*

> Talvez seja apropriado questionar por que razão uma [consoante] muda unida a uma líquida produza uma sílaba comum, ao passo que duas semivogais ou mudas, igualmente unidas entre si, não o façam de maneira alguma. Não é sem razão. Pois, ainda que haja um vigor maior na líquida do que na muda, como [acontece com a] ametábola, que não sofrerá alteração em seu tom, entretanto, mesmo os pares mais débeis, quando associados, sobressaem-se sobre aqueles que provém de uma [associação] ímpar [...] (*GL* VI, p. 39)[178].

Assim, as quatro líquidas, *r, l, m* e *n* determinam as vogais ametábolas, isto é, que não sofrerão alteração em sua duração, ou seja, com elas não ocorerá o obrigatório alongamento diante da sequência especial de dupla consoante.

Para além das questões métricas, interessa observar que a forma *ametabola*, ametábola, ou mesmo outras como *ametabolo* ou *metabolo*, não constam em nenhum dicionário moderno de língua latina, até onde essa pesquisa pôde apurar. A única forma encontrada em dicionários modernos de latim foi *metabole*[179], em referência às mudanças de modo musical e, em português, como uma figura retórica[180]. Por outro lado, o termo grego *ἀμετάβολα* pode ser encontrado em diversos dicionários modernos de língua grega em dois lemas, isto é, em duas entradas: *ἀμετάβολος*[181] e *μετάβολα*[182], o primeiro relacionado às áreas da gramática, música e

---

[178] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 39): "*Dignum forsitan inquisitione sit, cur muta liquidae sociata communem syllabam reddat, duae autem semiuocales aut mutae copulatae similiter inter se nequaquam id faciant. Non immerito. Nam quamuis maior in liquida quam in muta uirtus sit, utpote ametabola, quae|| a tenore suo non immutetur, attamen infirmiora paria sociata praestant his quae ex impari ueniunt,".*

[179] *Cf.* ***Lewis & Short: mĕtăbŏlē, ēs:*** *f., = μεταβολή;* ***I*** *the transition to another key or set of tones, Fulg. Myth. 3, 9, p. 128 Muncker: cf. written as Greek, Quint. 9, 4, 50.* ***Gaffiot: mĕtăbŏlē, ēs,*** *f. (μεταβολή), changement de mode [musique]: Fulg. Myth. 3, 9; [en grec d. Quint. 9, 4, 50].* ***Georges: metabolē, es:*** *f. (μεταβολή), der Übergang in eine andere Tonart, Fulg. myth. 3, 9. p. 128 M.; vgl. (griech.) Quint. 9, 4, 50.* A título de esclarecimento, de acordo com Kalimtzis (2000, p. 106), "a palavra metabole, que geralmente é traduzida como "revolução" ou "transformação", é usada por Aristóteles em todos os seus escritos para designar "processo" ou, mais genericamente, "mudança". Entretanto, estritamente falando, o termo metabole é usado por Aristóteles para designar um tipo especial de mudança, geração e destruição de uma substância".

[180] AULETE, *vs* online, acessado em 28 de junho de 2019; metábole: s.v. s. f. || (ret.) figura que consiste em repetir uma ideia em termos diferentes. || O mesmo que antimetábole. F. gr. *Metabole* (mudança).

[181] *DGE in línea*, acessado em 28 de junho de 2019; s.v. *ἀμετάβολος, -ον: "****2*** *gram. inmutable de las líquidas, porque no cambian en el futuro* ***ἀμετάβολα*** *τέσσαρα· λ̄, μ̄, ν̄, ρ̄* ***ἀμετάβολα*** *δὲ λέγεται, ὅτι οὐ* ***μεταβάλλει*** *ἐν τοῖς μέλλουσι τῶν ῥημάτων οὐδὲ ἐν ταῖς κλίσεσι τῶν ὀνομάτων D.T.632.7, cf. Sch.D.T.204.1, Theodos.Can.350.15 •de las vocales largas porque no se modifican en los tiempos con aumento ἑπτὰ γὰρ ὄντων τῶν φωνηέντων τέσσαρα μέν εἰσιν* ***ἀμετάβολα*** *(op.* ***μεταβολικά****) Theodos.Can.45.14, καὶ* ***ἀμετάβολα*** *μέν ἐστι τέσσαρα η̄, ω̄, ῑ, ῡ, διότι ἐν ταῖς κλίσεσι τῶν ῥημάτων* ***ἀμετάβολα*** *μένει Sch.D.T.40.7 •de diptongos y falsos diptongos (ὁ τοῦ αι καὶ ει φθόγγος) ἀπ' ἀρχῆς μέχρι τέλους* ***ἀμετάβολός*** *ἐστιν S.E.M.1.117, cf. 118 •subst. τὰ ἀ. las líquidas Hdn.Gr.2.393, passim, ex quibus liquidae quas* ***ἀμεταβόλας*** *(sic) siue ὑγράς Graeci uocant Mar.Vict.p.32. (...)* ***4*** *ret. de versos homogéneos, cuyos versos no cambian, poematum autem seu carminum species sunt tres: alia enim a Graecis κατὰ στίχον, alia συστηματικά, alia μικτά dicuntur, quae etiam* ***ἀμετάβολα*** *et* ***μεταβολικά*** *Mar.Vict.p.56, nam* ***ἀμετάβολα*** *dicta sunt quae sui generis qualitatem mensuramque semper obtinent, ut sunt Homeri carmina et ea quae κατὰ στίχον appellari diximus Mar.Vict. p.57"* Destaca-se, sobretudo, no verbete transcrito do DGE, a referência direta a excertos do texto dos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical*, em que Aftônio emprega o termo para se referir às vogais ametábolas, à ausência de modulação musical e a sistemas de versificação.

[182] Cf. Greek Monolingual. *Τα. εντομολ. όρος που αναφέρεται στα έντομα τα οποία υφίστανται μεταμόρφωση, σε αντιδιαστολή με τα* ***αμετάβολα*** *έντομα"*. Esse estrangeirismo também é encontrado transliterado em português, dicionarizado e, tal qual a sua origem grega, é um termo ligado à área da entomologia, aplicado para designar

retórica, o que interessa a este trabalho, e o segundo, aos estudos de zoologia, acepção que também se manteve em português.

O termo foi selecionado para análise por ser empregado por Aftônio várias vezes nos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical*, como nos exemplos há pouco transcritos, ora transliterados ora escritos em alfabeto grego, como em *"poematum autem seu carminum species sunt tres: alia enim a Graecis κατὰ στίχον, alia συστηματικά, alia μικτά dicuntur, quae etiam* ***ἀμετάβολα*** *et* ***μεταβολικά"*** (*GL* VI, p. 56) e *"nam* ***ἀμετάβολα*** *dicta sunt quae sui generis qualitatem mensuramque semper obtinent, ut sunt Homeri carmina et ea quae κατὰ στίχον appellari diximus"* (*GL* VI, p. 57). Quando o termo é utilizado em contexto latino, o que fica evidenciado pelo uso de *exempla* em língua latina (de Virgílio, na passagem há pouco transcrita) e pelo verbo enunciativo em primeira pessoa do plural, *diximus,* o autor emprega o termo transliterado *ametabola.* Ao passo que, conforme já se argumentou aqui, o emprego do alfabeto grego para os termos técnicos métricos no tratado está, muitas vezes, relacionado à menção explícita ou implícita aos modos e estudos métricos gregos, como nos dois exemplos logo acima, em que há a referência manifesta à terminologia grega e aos versos das epopeias homéricas. Dessa forma, esta pesquisadora acredita que as línguas grega e latina perfazem o córpus de análise dos gramáticos já que o escopo da análise do tratado envolve fundamentalmente aspectos não somente da poesia latina, como também da poesia grega. Nesse sentido, a presença dos estrangeirismos nas definições dos conceitos técnicos da área e dos versos em grego, abalizam e fortalecem essa chave de leitura.

Tradução de estrangeirismo

A Linguística moderna e, mais precisamente, as áreas da lexicologia, etimologia e linguística comparada, chamam calque, calco ou decalque a um procedimento de formação de palavras que consiste em cunhar novos termos mediante a tradução de vocábulos estrangeiros e conforme as estruturas da língua de origem (KRIEGER, 2014, p. 333). É um tipo de

insetos que não sofrem metamorfose em nenhuma etapa de seu desenvolvimento até a idade adulta, esse tipo de crescimento ou ciclo de vida é chamado ametabolia. Dizem-se metábolos aqueles que experimentam metamorfoses.

empréstimo léxico particular, no qual o termo emprestado foi traduzido literalmente de uma língua para a outra.

A passagem transcrita a seguir corresponde ao princípio da obra *Os quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* e representa a pequena porção da obra atribuída efetivamente a Vitorino. Cumpre lembrar que, para esta pesquisa, considerou-se como córpus de observação a obra em sua totalidade, isto é, na forma como chegou à posteridade e como foi organizada e recolhida por Heinrich Keil.

LIVRO PRIMEIRO: SOBRE A ORTOGRAFIA E A LEI MÉTRICA

> Alguns escritores das artes gramaticais começaram pela arte, outros pela gramática, alguns ainda pela definição, outros pelo som ou pela letra. A arte, como acredita Aristão, é um conjunto que parte de percepções e experiências e leva a alguma finalidade na vida, isto é, tudo aquilo que, em geral, modela o intelecto mediante determinados preceitos para o nosso proveito (*GL VI*, p. 3)[183].

A passagem inicial da obra em questão será alvo de posteriores análises neste trabalho, mas por ora interessa observar ali o emprego de *ars* em oposição ao grego *τέχνη*.

As discussões em torno do termo *ars* são complexas e, a um só tempo, condensam e extrapolam os questionamentos entre palavra de uso cotidiano *vs*. termo técnico, bem como a noção de "empréstimo linguístico" e tradução, e também tudo o que se sabe acerca das origens da gramática em Roma. Compreendendo *ars* como a tradução do estrangeirismo *τέχνη*, Desbordes aponta a origem grega da gramática latina:

> *Ars* é a tradução tradicional e canônica do grego *technē,* e *ars grammatica* é, pois, o equivalente de *technē grammatikē*. Mas no século I a.C., não se encontra em Roma nada que se assemelhe aos tratados de gramática tardios, como o de Donato (séc. IV d.C.), os quais imortalizaram uma certa forma da *ars grammatica* – esse é o título que trazem ou o nome que lhes dão. O que os latinos do primeiro século têm em mente quando falam de *ars grammatica* é ainda a ciência dos textos (DESBORDES, 1995, p. 43).

Quem primeiro teria proposto, segundo testemunha Suetônio (*De gram*., 4, 2-5), *ars* como tradução para o termo *τέχνη* grego, teria sido Palêmon, gramático do séc. I d. C., mestre de Quintiliano, figura representativa da gramática da época imperial júlio-claudiana. De acordo

[183] *Cf*. Vitorino (*GL* VI, p. 3): *"LIBER PRIMVS DE ORTHOGRAPHIA ET DE METRICA RATIONE. Artium grammaticarum scriptores quidam ab arte coeperunt, quidam a grammatica, quidam a definitione, quidam a voce, quidam a littera. Ars, et Aristoni placet, collectio est ex perceptionibus et exercitationibus ad aliquem finem vitae pertinens, id est generaliter omne quidquid certis praeceptis ad utilitatem nostram format animos".*

com Guerreira, Palêmon "chegou a ser o gramático mais famoso de sua época" (1997, p. 778), e um dos seus grandes feitos foi assentar o caráter definitivo da *ars* latina apoiada no modelo descritivo da *technē grammatikē* de Dionísio, o Trácio.

> Foi ele, provavelmente, quem colocou a doutrina das partes da oração no centro da tradição artigráfica e quiçá se deva também a Palêmon a tendência a adicionar à gramática um anexo sobre os elementos da língua (*littera, syllaba*, etc.) e outro sobre os *vitia virtutesque orationis* (GUERRERA, 1997, p. 778)[184].

A tal processo interlinguístico, ao qual Desbordes chama "tradução" e que, como preferiu chamar Fögen (2011, p. 455), pode ser classificado como "transformação", Fortes se refere como "adequação terminológica" (2015, p. 8).

Não é possível encerrar esta sucinta abordagem a respeito do termo *ars*, sem lembrar o importante testemunho de Cícero em seu *Sobre o orador* (1, 187), acerca da origem das *artes*[185], sobrelevando aqui o sentido de ciências, relativamente ao conhecimento técnico científico, isto é, como tradução da *τέχνη* grega, e ainda também um aspecto característico das *Artes*, muito caro para a presente pesquisa, que é a sistematização do conhecimento:

> De fato, não há nada que possa ser reduzido a uma arte se o especialista na matéria que pretende sistematizar não detiver o conhecimento necessário para construir uma arte a partir daquela matéria ainda não sistematizada. Percebo que, enquanto queria falar com brevidade, falei de maneira um tanto obscura, mas tentarei de novo e falarei, se possível, com mais clareza. Quase tudo o que está agora encerrado em artes esteve, outrora, disperso e dissipado: como, na música, o ritmo, os sons e as cadências; na geometria, as linhas, as formas, as distâncias, os volumes; na astronomia, a rotação do céu, o nascimento, o ocaso e o movimento dos astros; na gramática, o estudo assíduo dos poetas, o conhecimento das obras históricas, a interpretação das palavras, a pronúncia de determinados sons; nesta própria doutrina do discurso, enfim, inventar, ornar, dispor, lembrar, atuar pareciam a todos, outrora, elementos desconhecidos e bastante difusos. (SCATOLIN, 2009, p. 175)

É possível mencionar brevemente uma outra ocorrência de tradução de estrangeirismo também atribuída ao gramático Palêmon: o emprego de *litteratus* no lugar do termo grego *grammaticus*, tradução malfadada nesse caso, já que "o próprio termo *grammaticus* foi

---

[184] *Cf.* Guerreira (1997, p. 778): *"él fue probablemente quien colocó la doctrina de las partes de la oración en el centro de la tradición artigráfica y quizá se deba también a Palemón la tendencia a añadir a la gramática un apartado sobre los elementos de la lengua (littera, syllaba, etc.) y otro sobre los vitia virtutesque orationis".*

[185] Na verdade, quem retoma Cícero ao tratar da origem grega das Artes latinas é Desbordes (1995, p. 43). A própria pesquisadora elege 'ciências', optando por deixar o termo 'Artes', entre colchetes. Q. v. também a tradução da obra francesa para o português, de 1995: "Todos os elementos que estão hoje organizados em ciências [artes] estavam, outrora, disseminados e espalhados, por exemplo [...] na gramática, no tratamento dos poetas, no conhecimento da história, na interpretação das palavras, no som particular à pronúncia".

consagrado como alternativa ao termo latino *litteratus*" (FORTES, 2015, p. 8), de forma que o uso legitimou a transliteração do estrangeirismo *γραμματικός, grammaticus,* no lugar da sua tradução *litteratus*, que passou a admitir novo significado. Fortes (2015, p, 8) aponta para o relato de Suetônio que reproduzimos integralmente a seguir

> A denominação de 'gramáticos' desenvolveu-se a partir do costume grego; mas no início eram chamados de 'literatos'. Também Cornélio Nepos, no livrinho em que distingue literato de erudito, afirma que, de fato, são chamados pelo povo literatos aqueles que são capazes de escrever ou dizer algo de forma diligente ou aprofundada; de resto, devendo ser chamados, assim, propriamente, de 'intérpretes dos poetas' aqueles que são chamados pelos gregos de gramáticos. [...] Porém, há aqueles que distinguem 'literatos' (*litterati*) dos 'mestres de letras' (*litteratores*), assim como aos gregos soem distinguir gramáticos (*grammatici*) de mestres de gramática (*grammatistae*); aquele, de fato, estimam ser absolutamente culto, e este medianamente (SUETÔNIO. *De gram*., 4, 2-5 *apud* FORTES, 2015, p. 8)[186].

No que diz respeito ao emprego dos termos *litteratus* e *grammaticus*, para além das questões levantadas por Fortes (2015) acerca da figura do gramático na sociedade romana, do seu ofício e influência na constituição da disciplina gramatical em Roma, questões essas já abordadas anteriormente neste trabalho, interessa destacar neste momento a origem dos nomes *litteratus* e *grammaticus*, a partir dos termos de cada idioma relativos às "letras" (*grámmata* e *littera*), de modo que os romanos, tendo importado a ciência dos textos, importaram também a nomenclatura dessa área ao incluir o termo *grammaticus*, preterindo a sua latinização, *litteratus*, que passa a designar o posto de erudito, conforme atesta Cícero e descreve Desbordes (1995, pp. 33-4).

Os empréstimos lexicais são importante fator lexicogênico e atualizador do vocabulário de uma língua e, conforme pretendemos demonstrar com este capítulo, não apenas ganham destaque quando o assunto é a linguagem técnica, mas, desempenham papel crucial no caso dos textos técnicos antigos. A presença maciça de toda sorte de empréstimos lexicais nos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* denota a relevância de tal fenômeno linguístico para a constituição da terminologia técnica da métrica latina e é também forte

[186] *Cf.* (SUETÔNIO. *De gram*., 4, 2-5 *apud* FORTES, 2015, p. 8) *"Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine inualuit; sed initio literati uocabantur. Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, litteratos quidem uulgo appellari ait eos qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere autscribere, ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur. [...] Sunt qui litteratum a litteratore distinguant, ut Graeci grammaticum a grammatista, et illum quidem absolute, hunc mediocriter doctum existiment".*

indicador da influência determinante dos estudos gregos predecessores para a constituição da própria disciplina métrica em Roma.

Particularmente no que diz respeito aos estrangeirismos, se, em face da noção de *Latinitas*, eles representam um vício de linguagem, um barbarismo, aqueles estrangeirismos empregados pelos textos técnicos antigos não representam uma contravenção às normas da linguagem, nem caracterizam uma afronta à "romanidade" da língua latina. Em primeiro lugar, como adverte Fortes, mesmo configurando um estrangeirismo, o grego na língua latina "não é pelos gramáticos considerado um barbarismo, sendo talvez a única língua cuja presença em latim não poderia ser qualificada como bárbara" (FORTES, 2012, p. 212), e isso se deve, sem dúvida, ao intenso e prolongado contato estabelecido entre o grego e o latim e ao próprio nascimento da cultura letrada que, em Roma, deu-se a partir das letras gregas. Em segundo, os estrangeirismos da literatura técnica dizem respeito à terminologia que lhes é específica, isto é, à constituição do vocabulário técnico de uma determinada disciplina que, no caso da doutrina métrica, é quase completamente fundamentada em conceitos, estudos e desenvolvimentos gregos, de modo que os termos técnicos gregos fartamente presentes nos tratados métricos latinos não podem ser taxados como barbarismos. Ao contrário, são antes elementos constituintes do vocabulário técnico específico, logo, mesmo uma eventual classificação como "estrangeirismo" requereria levantar inúmeras ressalvas, que seriam necessárias para justificar semelhante rotulação, sobretudo à luz dos conceitos de *utraque lingua* e de *Latinitas.*

Em suma, é tênue a linha que distingue os empréstimos linguísticos do emprego de estrangeirismos, sejam os transliterados, sejam aqueles estrangeirismos traduzidos, sejam ainda os neologismos, que serão apreciados adiante. Pelas passagens examinadas, fica evidente que a influência helênica no texto de Vitorino e Aftônio atua, conforme definiu Callebat, como um "sinal de civilização, marcador estético, social e cultural" (1997, p. 144). Tanto no início como no final da obra, ou seja, nas frações atribuídas a Vitorino, quanto na porção central, que corresponde ao tratado de Aftônio, os autores procedem a comparações entre a métrica grega e a latina e elaboram suas lições métricas fundamentando-as nos conhecimentos gregos, de modo que a terminologia métrica grega se torna imprescindível para o esteio dessa disciplina em Roma.

A especificidade do contexto linguístico em que se deu o florescer da disciplina métrica em Roma, a intensa e fecunda aproximação entre gregos e romanos, de suas línguas e culturas,

as características idiossincráticas dos textos técnicos antigos, em especial daqueles que tratam de métrica clássica, todos esses são fatores que acrescentam valor, dir-se-ia até um *colorido* especial, que, justamente por isso, merecerá desdobramento e aprofundamento em investigações futuras.

III.1.2.3.2: Formação de novas palavras

Tal como os empréstimos lexicais e as mudanças semânticas e lexicais, também a formação de novas palavras é um processo lexicogênico importante e, por isso, demanda atenção de qualquer investigação acerca da linguagem e da terminologia de disciplinas técnico-científicas. Quando o córpus de observação e análise é constituído por textos técnico-científicos produzidos pela Antiguidade clássica, a atenção dedicada a esses aspectos, que promovem a constituição e atualização do vocabulário técnico, deve ser redobrada, seja por causa das características particulares desses textos, seja por causa do contexto linguístico em que foram elaborados, questões que serão abordadas agora sob nova perspectiva, a da presença dos neologismos nos textos técnicos. Deste ponto em diante, portanto, interessará observar dentre aqueles fenômenos linguísticos que atualizam, enriquecem, modificam e ampliam o vocabulário técnico de uma disciplina, o neologismo que, conforme definido anteriormente, se caracteriza pela utilização ou a criação de uma nova palavra gerada com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes na mesma ou em outra língua.

A expansão do léxico por meio da constante criação de neologismos, assim como o fato de algumas palavras ou termos caírem em desuso, de acordo com Krieger, são exemplos de uma "incompletude natural" (2014, p. 333), traço do dinamismo lexical. A autora associa a ampliação e atualização do léxico ao surgimento de inovações tecnológicas, ao mesmo tempo em que mede sua capacidade de permanência:

> O surgimento de um grande número de novos itens lexicais relacionados, sobretudo, ao universo das ciências, das técnicas e dos produtos tecnológicos atesta o dinamismo do léxico e de seu funcionamento como o pulmão das línguas. Isso sem deixar de guardar a memória dos dizeres, mas abrindo-se a novas denominações de modo a permitir a comunicação entre os membros de uma mesma comunidade linguística (KRIEGER, 2014, p. 333).

Sendo, pois, o "pulmão das línguas", como define a autora, esse processo "é por onde se pode respirar para nomear o novo que se identifica, se percebe e se sente" (2000, p. 220),

sem negligenciar a permanência, uma vez que a renovação lexical jamais ocorre na totalidade, o que impediria a comunicação. O dinamismo do léxico, para Krieger, então, "é o reflexo de que as culturas humanas recusam a estagnação do conhecimento sob todos os ângulos possíveis" (2000, p. 220).

No que diz respeito à linguagem técnica, também os desenvolvimentos terminológicos tendem a estar correlacionados a inovações tecnológicas de uma sociedade, desde a admissão de vocábulos estrangeiros até a criação de novos termos, como demonstra Schiefsky (2005, p. 265) com a análise do vocabulário técnico-científico referente à artilharia e armamentos, em estudo já mencionado (SCHIEFSKY, 2005). De acordo com o autor:

> Em primeiro lugar , as fontes de que nos temos ocupado fornecem ampla evidência do papel do desenvolvimento tecnológico no estímulo à criação de terminologia técnica. A invenção da artilharia e da artilharia de torção[187], em particular, levou à criação de uma terminologia extensa e detalhada que foi transmitida por profissionais ao longo de vários séculos, tanto oralmente quanto por escrito. [...]. Em segundo lugar, é notável que, apesar de uma certa variação, a terminologia da construção de artilharia permaneceu relativamente estável e uniforme desde o século III a.C. até a época de Vitrúvio (SCHIEFSKY, 2005, p. 269)[188].

Não apenas no que diz respeito à restrita área de seu estudo, esse autor entende que a elaboração de novos termos ou mesmo alterações significativas de termos já existentes está diretamente relacionada ao surgimento de inovações tecnológicas reais e às tentativas de apresentá-las e representá-las. Ao menos no caso espeçifico de seu estudo, é possível verificar uma consolidação da terminologia técnica daquela área, que conduziu a sua perpetuação ao longo dos séculos.

Fögen (2011, p. 453) afirma que os termos podem ser cunhados por metonímia, em particular por meio do uso de nomes próprios. Esse método, que é muito comum em linguagens técnicas modernas, é particularmente difundido em disciplinas como a medicina, por exemplo.

---

[187] De acordo com Monteiro, a artilharia de torção surgiu da necessidade de gregos e romanos de um confronto estratégico a longa distância. No século IV d.C, tanto Amiano Marcelino como Vegécio descrevem o arsenal das poderosas legiões romanas e explicam que para conseguir manter os seus inimigos distantes e tentar destruir as respectivas defesas antes de chegarem ao contato com eles, as legiões utilizavam uma série de peças de artilharia, dentre as quais as mais mortíferas eram as que funcionavam pelo sistema de torção de cordas, para atirar com grande precisão a longas distâncias, através de catapultas, balistas, flechas e pedras (VEGÉCIO, 2009, p. 476).

[188] *Cf*. Schiefsky (2005, p. 269): *"First, the sources we have considered provide ample evidence of the role of technological development in stimulating the creation of technical terminology. The invention of artillery, and of torsion artillery in particular, prompted the creation of an extensive and detailed terminology that was transmitted by practitioners over several centuries both orally and in written form. [...] Second, it is remarkable that, despite a certain amount of variation, the terminology of artillery construction remained relatively stable and consistent from the third century BC through the time of Vitruvius".*

Fögen cita a doença de Parkinson para ilustrar esse processo linguístico e, em disciplinas como a química e a física, são inúmeras as confirmações desse mesmo fenômeno, como o instrumento bico de Bunsen ou os procedimentos pasteurizar e galvanizar[189]. Na botânica Fögen lembra os nomes dália[190], forsythia[191]. Esse é um princípio que também é muito frequentemente aplicado pelas linguagens técnicas antigas, o que pode ser visto em numerosos exemplos, como elenca o autor:

> No Livro 25 de sua *Naturalis Historia*, Plínio elenca diferenças entre plantas que derivam seu nome de certos indivíduos (por exemplo, 25.29: *Paeonia… nomenque auctoris retinet*; 25.32: *Heracleon uocant et ab Hercule inuentum tradunt*; 25.62: *ipsi Mithridati Crateuas adscripts unam, Mithridatiam uocatam*), de povos (*Nat*. 25.82: *Scythice*; 25.84: *Vettonica*; 25.85: *Cantabrica*) e de animais (*Nat*. 25.89-90: *quelidonia*; 25.92: *elaphoboscon*) (FÖGEN, 2011, p. 453)[192].

A criação de novos termos por meio da metonímia a partir de nomes próprios não apenas é muito frequente, mas também esses novos termos, como sugere Fögen (2011, p. 453), "desempenham um papel importante na terminologia técnica da medicina antiga e da farmacologia. Os nomes dos remédios, por exemplo, referem-se frequentemente a seu inventor, a sua origem geográfica ou a uma divindade com poder de cura"[193]. Como poderemos verificar com os exemplos a seguir, este é um método profícuo também para a elaboração de neologismos na métrica clássica.

No que tange à disciplina métrica, não é possível atrelar os neologismos da terminologia métrica latina às inovações tecnológicas, ao menos não no sentido aplicado por Schiefsky, relativo às descobertas e criação de ferramentas e máquinas, destinadas às áreas de engenharia e artilharia[194]. As inovações que os neologismos conferem à terminologia métrica dizem

---

[189] A galvanização em que metais são revestidos por outros mais nobres, geralmente para proteger da corrosão ou para fins estéticos/decorativos. O processo leva o nome do cientista Italiano Luigi Galvani.

[190] Planta originária do México. Foi o botânico sueco Anders Dahl, responsável pela expansão das dálias pela região nórdica da Europa, que inspirou o nome da flor.

[191] A denominação deste gênero de planta é uma homenagem ao botânico escocês William Forsyth, no Brasil comumente chamada de "sino dourado".

[192] *Cf*. Fögen (2011, p. 453): "*In Book 25 of his Naturalis historia, Pliny differentiates between plants that derive their name from certain individuals (e.g. 25.29: Paeonia … nomenque auctoris retinet; 25.32: Heracleon uocant et ab Hercule inuentum tradunt; 25.62: ipsi Mithridati Crateuas adscripsit unam, Mithridatiam uocatam), from peoples (Nat. 25.82: Scythice; 25.84: Vettonica; 25.85: Cantabrica), and from animals (Nat. 25.89–90: chelidonia; 25.92: elaphoboscon)".*

[193] *Cf*. Fögen (2011, p. 453): *"[As in modern times, proper names] play an important role in the technical terminology of ancient medicine and pharmacology. Names of remedies, for examples, often refer to their inventor, their geographical origin or a deity with healing power".*

[194] Quanto ao termo utilizado por Shiefsky, veja-se a definição do Dicionário Houaiss para "tecnologia": "teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos e meios e instrumentos de um ou mais ofícios de domínios da atividade humana (p.ex. indústria da ciência, etc...)". Assim, técnicas, processos, métodos e meios

respeito à elaboração de pés métricos, versos e sistemas de versificação e representam não apenas a ampliação da terminologia métrica com a inserção de novos termos, como também a ampliação e o enriquecimento da própria arte métrica a partir da criação de novos elementos.

Grande parte dos neologismos da terminologia métrica, como se viu há pouco, são produzidos por metonímia. Por meio dessa figura de retórica são criados nomes de pés e versos na métrica grega e latina ao estabelecer uma relação objetiva, de contiguidade, entre o conteúdo e o referente, de tal forma que, por exemplo, nomes próprios, de cidades e de pessoas, tenham dado origem a termos técnicos da métrica clássica. Conforme Fögen avalia, esse procedimento é bastante prolífico nas linguagens técnicas, tanto nas antigas quanto nas modernas.

O exemplo abaixo, extraído do Livro Segundo de Aftônio, do capítulo *De dactylico metro,* ilustra como são aplicados esses termos criados por neologismos:

> O metro datílico começa e cresce progressivamente pelo acréscimo de sílabas, indo do dímetro até o hexâmetro. O verso dímetro catalético será, então, aquele que se detém em apenas dois pés, assim como:
>
> *[Tērrŭĭt | ūrbēm]*[195]
>
> que se assemelha ao coriâmbico monométrico hipercatalético, que é chamado verso **adônico** (*GL* VI, p. 73)[196].

No capítulo a que pertence o trecho acima, Aftônio examina o metro datílico, suas origens, formação, composição e diferentes combinações dos pés que o constituem. O excerto selecionado corresponde ao princípio da discussão a respeito da formação do metro datílico que, segundo o autor, inicia pelo dímetro e "cresce" até completar o hexâmetro por meio da adição de sílabas e pés métricos.

O início se dá pelo dímetro, formado por um pé datílico, trissílabo, e um espondeu, pé formado por duas sílabas, ambos de quatro tempos: *[Tērrŭĭt | ūrbēm]*. O verso pentassílabo em questão é denominado **adônio** ou **adônico** e pode ser representado pelo seguinte esquema métrico: [¯ ˘ ˘ ¯ ˘̲]. Esse verso jamais é empregado de modo independente, mas sempre na

---

contemplam, já se vê, não só a transformação da matéria física, mas também da matéria cultural dos povos. Daí poder-se, sim, falar em tecnologia quando se trata de métrica ou de qualquer outro "bem cultural".

[195] Hor., *Carm.*, I, 2, 4. (Trad.: "aterrorizou a Cidade ").

[196] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 73): *"Incipit autem et adcrescit per augmenta syllabarum dactylicum metrum a dimetro usque ad hexametrum. Erit ergo versus dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam* |

terruit urbem, ‖

qui concurrit etiam in choriambicum monometrum hypercatalectum, quod adonidium appellatur".

companhia do endecassílabo sáfico (CRUSIUS, 1987, p. 91), com o qual forma a base das estrofes sáficas. De fato, o *exemplum* corresponde ao quarto verso da ode I, 2, de Horácio que é elaborada com a estrofe sáfica menor, isto é, aquela formada por três endecassílabos sáficos seguidos por um verso adônico. Na passagem, Aftônio deixa entrever a natureza datílica do pentassílabo ao mesmo tempo em que aponta para uma outra possibilidade de escansão desse verso, entendendo-o como um verso coriâmbico monométrico hipercatalético, isto é, constituído de um único pé coriâmbico e ainda uma sílaba excedente que não chega a configurar um pé métrico, da seguinte maneira: *[Tērrŭĭt ūr|bēm]*.

O nome do verso constitui um termo do léxico técnico da métrica clássica: trata-se de um neologismo formado por meio de metonímia, uma vez que teria recebido seu nome da expressão grega *ὦ̃ τὸν Ἄδωνιν* (Safo, *fr*. 168), lamento ritual pela morte de Adônis que segue mesmo esquema métrico (STAMPINI, 1921, p. 48). Vale mencionar também que, assim como o nome do belo jovem da mitologia grega gerou o termo técnico que denomina o verso em questão, também a "estrofe sáfica" é um neologismo da terminologia técnica métrica construído por meio de metonímia, uma vez que tal estrofe foi primeiramente usada por Alceu e Safo de Lesbos, no séc. VI a.C. (CRUSIUS, 1987, p. 91).

Em todas as áreas do conhecimento, a literatura técnica trabalha principalmente em função de uma divulgação dos conhecimentos adquiridos, e também em prol da perpetuação dos estudos, para isso a estabilidade do vocabulário especializado de que ela se vale, por meio da permanência de significantes e significados, é de fundamental importância. Entretanto, no que diz respeito a dois dos tópicos levantados, quais sejam, as mudanças semânticas em termos técnicos e a formação de palavras que enriquecem o léxico, no que se refere, em suma, aos processos de atualização dos vocabulários, é necessário dizer que as particularidades dos assuntos tratados pelos textos técnicos são o que determina em que medida esses fatores influenciam a constituição dos vocabulários técnicos. No caso de disciplinas associadas às áreas de ciência e tecnologia, por ser flexível o léxico admite mudanças e acréscimos que incorporam os vocábulos oriundos do avanço das pesquisas nessas áreas. Tais disciplinas, como infere Callebat, (1997, p. 144) são mais suscetíveis às atualizações, ao passo que outras como a gramática, a retórica, a filosofia, que são muito mais dependentes de uma tradição de estudos do que do desenvolvimento de inovações, são, por isso, menos permeáveis a mudanças, de modo que tanto a incorporação quanto a criação de novos termos técnicos para a disciplina métrica, assim como para a gramatical, caminham no sentido oposto ao da estabilidade

conquistada pelo léxico técnico dessa área no decorrer da longa tradição dos estudos da linguagem. Essa face dupla, voltada para o passado, na permanência, ao mesmo tempo em que se volta para o futuro, na renovação, é o que traduz, de alguma forma, o que Krieger nomeia dinamismo lexical.

III.1.3. Padronização e estabilidade da terminologia técnica

Uma vez que o ponto de partida da investigação acerca do léxico dos textos técnicos produzidos pela Antiguidade Clássica consistiu em propor-lhes uma definição, o que levou a percorrer aqui uma longa trajetória sobre os modos como é constituído o vocabulário técnico e as alterações que ele pode sofrer com o passar do tempo, tal matéria atinge, agora, o seu ponto de chegada, por meio do elenco e estudo daquelas características que, mais que as anteriores, são capazes de distinguir um texto técnico em meio aos demais e garantir-lhe a permanência para a posteridade: a padronização e a estabilidade da terminologia técnica. É possível identificar, desse modo, no que diz respeito a tais aspectos, dois caminhos que se complementam, um primeiro que busca observar a terminologia dos textos técnicos antigos, e, num momento posterior, aquele que busca mensurar a influência que a terminologia técnica antiga exerce na constituição do vocabulário técnico moderno.

A univocidade da terminologia técnica já foi assunto ligeiramente abordado em vários tópicos do presente trabalho, especialmente quando se tratou sobre a constituição do vocabulário técnico, e foram examinados casos de coocorrência entre termos técnicos e palavras de uso cotidiano e de mudanças linguísticas, os problemas com as variáveis terminológicas, e sobretudo quando foram explorados os processos de atualização do léxico dos textos técnicos. O que se pretende agora é investigar essa questão de modo mais sistematizado, mediante a definição dos principais conceitos a ela aplicáveis e da observação dos recursos mobilizados pelos autores que garantem e/ou favorecem a utilização da terminologia técnica de modo convencionalizado e padronizado por determinada *τέχνη*.

Assim, a respeito do emprego da terminologia técnica pelos textos especializados, de acordo com Schiefsky:

> um termo ou frase qualifica-se como termo técnico se houver uma boa razão para pensar que foi usado de forma razoavelmente padronizada por praticantes de uma dada *τέχνη* para referirem-se a objetos, conceitos ou procedimentos conectados com essa *τέχνη*. Meu principal objetivo é considerar a terminologia técnica em relação ao conhecimento que os profissionais tinham e utilizavam em sua atividade profissional. (SCHIEFSKY, 2005, p. 253)[197].

[197] *Cf*. Schiefsky (2005, p. 253): *"a term or phrase qualifies as a technical term if there is good reason to think that it was used in a reasonably standardized way by practitioners of a given τέχνη to refer to objects, concepts, or procedures connected with that τέχνη. My primary aim is to consider technical terminology in relation to the knowledge that practitioners possessed and utilized in their professional activity".*

A asserção de Shiefsky põe em relevo a aplicação do vocabulário técnico pelas diversas atividades, principalmente as do campo profissional a que um homem se dedica e também evidencia que o vocabulário especializado caracteriza-se por sua alta precisão semântica. Desta forma, a utilização de forma convencionalizada e padronizada de um termo técnico bem poderia ser outra maneira de defini-lo uma vez que essa é a característica mais significativa da terminologia técnica para Schiefsky (2005, p. 250).

Como parte da comunicação técnica em disciplinas altamente desenvolvidas, os termos, além de ser empregados no discurso técnico de maneira unívoca, conforme avaliou Schiefsky (2005), também, "idealmente, eles são inequívocos e monorreferenciais"[198] e, de acordo com Fögen (2011, p. 448):

> Embora o vocabulário técnico não seja necessariamente invariável, e possa mudar ao longo do tempo, muitas vezes se supõe que sua alta precisão semântica (sua tendência para a monossemia em vez da polissemia) garante que, em geral, se evitem todos os duplos sentidos terminológicos, sempre que possível (FÖGEN, 2011, p. 448)[199].

Dentro desse campo dos trabalhos técnicos e especializados, os termos do vocabulário especializado têm um significado realizável sem a necessidade de um contexto, fato que implica que seu significado dentro de um determinado campo seja independente de qualquer contexto linguístico. Assim, quando neste trabalho se examinou a realidade linguística dos textos técnicos da Antiguidade Clássica, ficou determinado que o vocabulário técnico é instituído e não sofre alterações em função do seu público leitor, entretanto, de acordo com Fögen (2009, p. 40), não se pode afirmar que o contexto linguístico não interfira na terminologia técnica, visto que, ainda que se pretenda estável, um vocabulário técnico pode sofrer uma série de atualizações, ampliação, enriquecimento, etc. Os termos desse léxico técnico tendem a ser, então, monorreferenciais e, embora a monossemia lexical seja considerada um ideal para comunicação técnica (FÖGEN, 2011, p. 448), com o essencial propósito de dirimir ambiguidades e conferir clareza e objetividade ao discurso técnico, o que justifica o cuidado com as variáveis terminológicas – um dos problemas relacionados à constituição do vocabulário

---

[198] *Cf.* Fögen (2011, p. 448): *"they are unambiguous and monoreferential".*

[199] *Cf.* Fögen (2011, p. 448): *"Although technical vocabulary is not necessarily invariable and may change over time, it is often assumed that its high semantic precision (its tendency towards monosemy instead of polysemy) guarantees the general avoidance of any terminological doublets, wherever possible".*

técnico apresentado anteriormente – é difícil de garantir que todos os termos relativos a uma determinada *τέχνη* admitam um único significado.

No que diz respeito aos estudos das línguas e linguagens, áreas do conhecimento que interessam ao presente trabalho, em especial no que se refere à disciplina gramatical e métrica, é possível tecer uma análise que abranja grande parte dos aspectos que demandam atenção a partir de dois tópicos fundamentais, dos quais derivam as demais questões a serem examinadas, isto é, daqueles dois traços distintivos que, para os autores nessa pesquisa compilados, caracterizam e definem a linguagem técnica: a univocidade e o emprego de vocabulário inequívoco e monorreferencial.

Assim, nesse momento é importante retomar alguns conceitos que já foram aqui mencionados: a princípio, recuperamos a fala de Krieger a respeito da terminologia das áreas técnico-científicas: "a própria unidade lexical terminológica é, simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber, e recurso de expressão linguística que favorece a univocidade comunicacional" (KRIEGER, 2000, p. 211). Com esse mesmo sentido de "unidade lexical terminológica", Schiefsky, determina que a univocidade diz respeito à aplicação relativamente padronizada ou convencionalizada da terminologia de uma determinada *τέχνη* entre os seus praticantes, isto é, a uniformização dos termos técnicos em diferentes textos e contextos técnico-científicos.

Também de acordo com Krieger, "uma comunicação sem ambiguidades requer que cada denominação designe apenas um conceito, e que, por sua vez, cada conceito seja denominado por um só termo" (2000, p. 180), isto é, que os vocábulos técnicos sejam, a um só tempo, "inequívocos e monorreferenciais", como sintetiza Fögen (2011, p. 440). Tais formulações reúnem as características distintivas da linguagem técnica, quais sejam, a alta precisão semântica do termo técnico e o cuidado com eliminar as possíveis ambiguidades, proporcionando ao texto clareza e, principalmente uma estabilidade que permita criar um padrão unívoco dos termos técnicos para estudos futuros. Os casos de coocorrência, mudanças linguísticas e variações terminológicas analisados neste trabalho, apesar de processos naturais e necessários à renovação lexical, são, sem dúvida, fatores que, muitas vezes, perturbam, prejudicam ou mesmo impossibilitam a instauração da ordem, da univocidade e, principalmente, da estabilidade da terminologia técnica.

Tendo em vista que advém da univocidade da terminologia técnica a sua estabilidade, ao longo dos séculos, a estabilização do vocabulário foi decisiva para o desenvolvimento, preservação e transmissão dos conhecimentos técnicos de várias áreas:

> Mas um outro fato também foi importante: uma terminologia consistente e estável facilita a comunicação entre os profissionais e a transmissão do conhecimento, permitindo referir-se aos objetos de um *τέχνη* de maneira precisa, com apenas uma palavra ou combinação de palavras (SCHIEFSKY, 2005, p. 259)[200].

Uma terminologia padronizada e convencionalizada é uma terminologia consistente e estável, isto é, dentro de uma mesma disciplina ou profissão, por meio de um acordo objetivo firmado ou do estabelecimento de uma tradição, o vocabulário técnico torna-se monorreferencial, admitindo, portanto, pouca ou, preferencialmente, nenhuma variação, o que faz com que os equívocos e as ambiguidades sejam, tanto quanto máximo possível, reduzidos a zero. Com a ressalva de que, como observa Fögen (2009, p. 44), naturalmente, nenhum sistema terminológico é imutável; estabelecida uma terminologia, é preciso ter em conta que ela estará sujeita a mudanças, tais como os processos sobre os quais se discorreu há pouco: mudanças semânticas e, especialmente, processos de atualizações.

Em suma, para Schiefsky (2005, p. 269), "a terminologia técnica é, acima de tudo, um meio de comunicação"[201], embora por "comunicação", nesse caso, se deva entender a comunicação especializada, cuja matéria é altamente especializada, e em que os interessados, autor e público leitor, são especialistas. Trata-se, portanto, de uma comunicação restrita e circunscrita aos domínios de uma *τέχνη*. Ou, como define Finatto (2015, p. 21), "o desenvolvimento das linguagens especializadas é uma decorrência natural da especialização da atividade humana e da consequente formação de grupos de trabalho, fenômeno social comum desde os primórdios da história humana".

Nos tratados técnicos a precisão semântica e a univocidade são detectáveis, principalmente em um córpus que compreenda um conjunto representativo, ou seja, uma amostra significativa em volume de texto e autores distintos. No caso da terminologia métrica, portanto, é interessante examinar os *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical*,

---

[200] *Cf.* Schiefsky (2005, p. 269): *"But another factor was also important: a consistent, stable terminology facilitates communication between practitioners and the transmission of knowledge, by making it possible to refer to the objects of a τέχνη in a precise way with just a single word or combination of words".*
[201] *Cf.* Schiefsky (2005, p. 269): *"Technical terminology is, above all, a means of communication".*

compreendendo a obra como parte integrante do volume VI, *Scriptores Artis Metricae,* dos *Grammatici Latini* de Heinrich Keil, em todo o seu conjunto. Em contrapartida, tal empreitada se torna bastante exaustiva dada a dimensão do córpus que se forma e, por isso, inexequível neste trabalho que se propõe também a examinar outras questões.

Para que não ficasse negligenciado tão importante aspecto, efetuou-se um pequeníssimo recorte desse córpus no qual serão examinados alguns aspectos da inserção da terminologia métrica no discurso técnico, com o olhar objetivamente voltado para o emprego dos termos técnicos de forma invariável e absoluta, isto é, para a padronização a terminologia métrica em autores distintos. Selecionou-se, para tanto, o excerto transcrito abaixo, retirado do *Livro Segundo* sobre as nove espécies prototípicas de metros, em que Aftônio discorre sobre o metro coriâmbico e no qual foram destacados alguns dos termos técnicos apresentados:

> SOBRE O **METRO CORIÂMBICO**
>
> O **metro coriâmbico** foi composto a partir de dois metros [o iambo e o troqueu], aos quais ele deve sua origem. A respeito da atribuição desse nome, diz-se também que os antigos chamam o **troqueu** de **coreu**. Mas hoje em dia ele subsiste em combinações do **coriambo** puro, assim:
>
> *[ūrŏr ămō|rīs stĭmŭlō, |cōr quătĭt ār|tūs păvĭdōs]* [202]
>
> Esse [verso] é um **tetrâmetro acatalético**, agora em uma **base iâmbica**, [que poder ser] combinada e alocada em qualquer posição. Ele procura sobretudo ser encerrado por uma clausula desse tipo, assim como esse [verso] que contém duas combinações **iâmbicas** iniciais, um terceiro [pé] **coriambo**, e uma conclusão **iâmbica** no final, assim como este **tetrâmetro catalético**:
>
> *[ăpēs lĕgūnt | mēl ēx rŏsā, | tū lăbĭō | mĭnīstrās]*[203]
>
> que admite também um **tríbraco**, porque surge a partir de um **iambo** ou de um **troqueu** independentes; raramente, porém, um **molosso**, pelo fato de ser formado por duas **sílabas breves mediais condensadas em uma longa**; pela mesma razão, dissemos acima que o **tríbraco** é criado por uma **divisão da sílaba longa** [em duas breves]. Esse tipo de **catalético** ocorre ou com um **báquio**, que começa por uma **breve**, ou com aquele [pé] chamado **anfíbraco**: pois, como já dissemos muitas vezes, a sílaba final é indiferente. Se esse tipo [de verso] fosse um **hexâmetro**, seria denominado **filício** a partir do nome do ator-tragediógrafo [homônimo], [um verso] afeito ao canto de louvores a Ceres e Líbera [i.e., Prosérpina], assim como em

[202] (S.n.). Constantemente Vitorino e Aftônio utilizam versos cujas referências não foi possível localizar pelos mecanismos de busca empregados por essa pesquisa, para destacar esse aspecto, tais exempla receberão a indicação, em nota de rodapé, (S.n.), que significa Sem Nota.
Trad.: ("Sou queimado pelo aguilhão do amor, o coração se agita, batidas temerosas")
[203] (S.n.). (Trad.: "As abelhas colhem o mel da rosa e serve ao teu lábio").

[frūgĭfĕrǣ | sācră dĕǣ, | quæ cŏlĭtīs, | mȳstĭcă sūnt | nōtă Iŏvī | pŏtēntī] [204]

[Esse verso] também se **escande** por **dipodias**, cujo exemplo ocorre no [seguinte] **tetrâmetro cataléctico**:

[ō cătĕ rē|rūm sătŏr, ō | prīncĭpĭūm | dĕōrŭm][205]

Um **monômetro coriâmbico hypercataléctico**, que se ajusta bem com o **dímetro datílico catalético**, [pode ser] tal como em:

[ō quĭs ăd ōm|nēs][206]

[Spēm Cўthĕrē|æ][207]

(*GL* VI, p. 86-87)[208]

No excerto acima extraído do capítulo *De choriambico metro,* Aftônio apresenta esse metro, sua origem e formação. Interessa ressaltar sobre esse excerto como procede o autor em relação aos termos técnicos assinalados. Os vocábulos acima pertencem, indiscutivelmente, à terminologia métrica, primeiramente por não pertencerem à linguagem comum, em seguida, porque são inequívocos e monorreferenciais, obedecendo à definição proposta por Fögen (2011, p. 448), isto é, admitem apenas um significado lexical e estão relacionados à disciplina métrica, designando nomes de pés e metros – "metro coriâmbico", "troqueu", "coreu", "coriambo", "tretrâmetro acatalético", etc. – bem como procedimentos e processos dessa matéria – "união

---

[204] Cae. Bass., *De Metris, fragmenta.* (Trad.: "Sacras e férteis deusas que colheis os mistérios e [foram] unidas pelo nefasto Júpiter", (TEIXEIRA, 2005, p. 95).
[205] Ter. Mau., *De Metris*, 1894. (Trad.: "Ó sábio semeador das palavras, o princípio dos deuses.")
[206] Ius., IX, IV, pt.V, seg. VIII, 2. (Trad.: "Oh, alguém junto de todos").
[207] (S.n.). (Trad.: "A esperança de Citeréia").
[208] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 86-87). "*De* ***choriambico metro. Choriambicum metrum*** *compositum ex duobus, e quis originem trahit. etiam nominis appellatione declaratur: nam* ***trochaeum*** *veteres* ***chorium*** *appellant. subsistit autem nunc e puris* ***choriambi*** *coniugationibus, ita*

uror amoris stimulo, cor quatit artus pavidos,

quod est ***tetrametrum acatalectum****; nunc admixta et posita in quacumque sede* ***iambica basi****, cuius etiam conclusione finiri praecipue studet, ut est hoc quod habet duas* ***iambicas*** *priores coniugationes, tertium* ***choriambum****, ultimam* ***iambicam*** *clausulam, velut hoc* ***tetrametrum catalecticum****,*

apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras.

recipit etiam ***tribrachyn****, eo quod ex* ***iambo*** *vel* ***trochaeo*** *solutis nascitur; raro autem* ***molossum****, qui ex ipso formatur* ***duabus mediis brevibus in unam longam*** *coniunctis, haud alias quam supra* ***tribrachyn*** *per* ***divisionem longae*** *fieri diximus. Hoc genus* ***catalecticum*** *fit vel* ***bacchio*** *a* ***brevi*** *incipiente vel eo qui* ***amphibrachys*** *vocatur: nam sicut saepe diximus, novissima indifferens est. Quod genus si* ***hexametrum*** *sit,* ***philicium*** *de actoris tragoediographi nomine nuncupabitur, aptum canendis laudibus Cereris et Liberae, ut est*

frugiferae sacra deae, quae colitis, mystica sunt nota Iovi potenti.

scanditur *autem per* ***dipodias****, cuius exemplum in* ***tetrametro catalectico***

o cate rerum sator, o principium deorum

monometrum *autem* ***choriambicum hypercatalectum****, quod etiam* ***dactylico dimetro catalectico*** *concurrit, est tale,*

o quis ad omnes
spem Cythereae".

de duas sílabas breves medianas em uma longa", "divisão da sílaba longa", "escandido", "dipodias" – em oposição, por exemplo, àqueles vocábulos que podem pertencer tanto à linguagem comum quanto à linguagem técnica métrica, tal como nos casos de coocorrência.

Com o intuito de observar a univocidade da terminologia métrica, foram selecionados diversos excertos de autores variados, que aqui são reproduzidos em nota, em que o metro coriâmbico é examinado. Verifica-se, de início, que Terenciano Mauro[209] se ocupa do metro

---

[209] *Cf.* Terenciano (*GL* VI, 381-82; 1861-1907): *De metris.*
"Nec non ***dactylico*** *qui commate constat utroque.*
Pentameter*, metrum quod erit* ***choriambicon*** *edet.*
Exemplum ponam, tunc fiat quatenus addam:
'Nulla meo sedeat turba profana loco'.
Dactylicum *colis esse uides geminis:*
Primum et ***semipedem*** *post detur* ***syllaba longa****,*
Siue est natura seu fit ab adpositis;
Et quae nunc ***breuis*** *est, fiat paenultima* ***longa***
Tempore producto; cetera permaneant.
Insere 'nulla meo iam', *produc paene supremam,*
Qui 'locus' *ante fuit,* 'lucus' *ut esse queat:*
Efficies metrum, nomen cui dant ***choriambo****:*
'Nulla meo iam sedeat turba profana luco'.
Praemonui ***chorion*** *dici quem saepe* ***trochaeum***
Dicimus: hic prior est, alter ***iambon*** *habet.*
'Nulla meo' *pes efficitur geminatus utroque:*
'Iam sedeat' ***choriambos*** *item: mox* 'turba profa' *pes*
Tertius accedit similis. pars illa, 'na luco',
Bacchio *aduersus fiet pes: nam* ***breuis*** *ante est*
Et geminae ***longae****. fiet* ***catalexis*** *in istum,*
Quia non eiusdem generis deprensus in imo est,
Vt docui: nec enim cludit ***choriambus*** *honeste.*
Hoc Cereri metro cantasse Phalaecius hymnos
Dicitur: hinc metron dixere ***phalaecion*** *istud.*
Nec non et memini ***pedibus*** *quater his repetitis*
Hymnum Battiaden Phoebo cantasse Iouique,
Pastorem Branchum cum, captus amore pudico,
Fatidicas sortes docuit depromere Paean.
Qui multos legere negant hoc corpore ***metri***
Romanos aliquid ueteres scripsisse poetas.
Dulcia Septimius qui scripsit 'opuscula' *nuper,*
Ancipitem tali cantauit carmine Ianum:
'Iane pater, Iane tuens, diue biceps biformis,
O cate rerum sator, o principium deorum,
Stridula cui limina, cui cardinei tumultus,
Cui reserata mugiunt aurea claustra mundi'.
Ecce uides 'ta mugiunt' *esse duos* ***iambos****.*
Temporibus namque pares, saepe sibi uicissim
Cedere uel ***tribrachyn*** *admittere saepe possunt:*
'Tibi uetus ara caluit aborigineo sacello'.
Hic quoque succedere sic ***tribrachyn*** *annotabis,*
Longa quod est in geminas prima breues soluta*,*
'Tibi', *similis nec minus altera pede consequenti*
'Ra ca': *monui iam satis has saepe solere solui:*
Pro ***chorio tribrachys*** *hic bis datus inuenitur.*
Nec minus hoc, 'ra caluit aborigineo sacello',

coriâmbico no generoso intervalo que compreende os versos 1861 a 1907 do capítulo *De metris* em seu *De litteris, de syllabis, de metris*. Já Fortunaciano,[210] em sua *Ars metrica*, apresenta o mesmo conteúdo de modo mais conciso. Teodoro[211], por sua vez, dedica ao mesmo metro uma

---

*Et **chorius** soluitur, et **tribrachys** est **iambus”.***
E aquele que é constituído por duas partes datílicas,/ o pentâmetro, formará um metro que será coriâmbico./ Darei um exemplo, depois vou mostrar como se faz:/ *nulla meo sedeat turba profana loco*./ Observe que é datílico nos dois hemistíquios: / coloca-se depois do primeiro pé e meio uma sílaba longa/ – que se forma seja por natureza ou pela união de consoantes –/ e a penúltima, que agora é breve, se torna longa/ com aumento de duração; o resto permanece igual./ Insira *nulla meo iam* e alongue a penúltima, / de modo que aquele que antes era *locus* possa ser *lucus*;/ será formado um metro cujo nome é coriambo:/ *nulla meo iam sedeat turba profana luco*./ Expliquei que se chama coreu aquele que sempre nomeamos/ troqueu: este é o primeiro pé, o segundo será um iambo. / *Nūllă mĕō* é um pé duplo formado por ambos;/ *iām sĕdĕāt* também é um coriambo; depois vem um/ terceiro pé semelhante *tūrbă prŏfā*. Essa parte, *nă lūcō*,/ forma o pé contrário ao báquio, pois há uma breve antes/ e duas longas. A cataléxis será nesse pé, / porque no final se encontra um pé de tipo diferente,/ como expliquei e, de fato, não termina um coriambo adequadamente./ Diz-se que Falécio cantara nesse metro hinos a Ceres,/ por isso chamaram esse metro de falécio./ Calímaco cantou um hino a Febo e Jove,/ E lembro-me que, com esses pés repetidos quatro vezes, / quando Apolo Peã, tomado de casto amor,/ ensina ao pastor Branco a tirar sortes fatídicas./ Aqueles que leram muito negam que os antigos poetas/ romanos escreveram alguma obra nessa forma métrica. / Sereno, que escreveu os doces *Opuscula* recentemente,/ cantou as cabeças de Jano nesse poema:/ *Iane pater, Iane tuens, dive biceps biformis*,/ *o cate rerum sator, o principium deorum,/ stridula cui limina, cui cardinei tumultus, / cui reserata mugiunt aurea claustra mundi*./ Observe que em *tă mūgĭūnt* há dois iambos,/ de fato, sendo equivalente em tempo, podem alternar entre si/ ou admitem frequentemente o tríbaco:/ *tibi vetus ara caluit aborigineo sacello*./ Observará que também esse, do mesmo modo, sucede o tríbaco,/ porque a primeira longa foi resolvida em duas breves,/ *tĭbĭ*, e também a outra semelhante no pé seguinte,/ *-ră că-;* já ensinei suficientemente que essas costumam ser dissolvidas:/ essa forma duas vezes o tríbaco posto no lugar do coreu. / E agora nesse, *-ră călŭĭt ă|bŏrĭgĭ|nĕŏ să|cēllo,/* o coreu é dissolvido e o iambo também se torna um tríbaco./ Trad. inédita elaborada pela pesquisadora Isabela Maia Pereira de Jesus à qual tivemos acesso privilegiado, por gentileza da autora.

[210] *Cf.* Fortunaciano (*GL* VI, p. 288): “*Ars metrica. De **choriambico**: **choriambicum metrum** constat initialibus locis ipso **choreo**, id est **trochaeo**, et **tribracho**, in sequentibus **iambo**. **dimetrum hypercatalectum***
o quis Adonem,
dimetrum acatalectum
sanguine quis purpureo,
trimetrum catalecticum
heu miserandae uolucres Martiae,
tetrametrum catalecticum
*quoque uocarit uolucer te **choriambus** ito, **tetrametrum acatalectum***
uror amoris stimulo, cor quatit artus pauidos”.

[211] *Cf.* Teodoro (*GL* VI, p. 597): “*De **metris**. De **metro choriambico**: atque haec quidem quattuor **metra**, quae supra exposuimus, id est **dactylicum**, **iambicum**, **trochaicum** et **anapaesticum**, ex **disyllabis** et **trisyllabis pedibus** efficiuntur, prout uniuscuiusque **metri** ea quae a nobis explanata est ratio declarat. reliqua uero quattuor **metra**, id est **choriambicum**, **antispasticum**, **ionicum a maiore, ionicum a minore**, quamuis **quadrisyllabis pedibus** ex parte plurima contexantur, ut tamen eorum finis non iniucundus sit, prope ‹a› paucarum **syllabarum pedum** opem expetunt. nam ut eum quem ab exordio proposuimus ordinem docendi persequamur, **metrum choriambicum** apte efficitur ex **tribus choriambis** ‹et› **dactylo** et **spondio** siue **trochaeo**, ut est illud:*
celsus equo Phoenicia ueste nitens ibat Arion.
*tribus enim **choriambis** nisi **dactylicus** finis adiceretur, nihil in his esset dulce et canorum. fit hoc metrum etiam ex duobus **choriambis** et **dactylo spondio** siue **trochaeo** sequente. huius exemplum:*
Phoenicia ueste nitens ibat Arion.
*ex uno etiam **choriambo** et **dactylo** et **spondio** siue **trochaeo** fit hoc **metrum** ita*:
ueste nitens ibat Arion.
*non solum autem **dactylico** fine, sed etiam {duplice} **iambico** colobo **metrum choriambicum** concludi recte potest in hunc modum: celsus equo*
Phoenicia ueste nitens repente fulsit.
*quae conclusio **iambica** non modo post tres **choriambos**, sed post duos etiam et post unum non indecenter adiungi potest”.*

eficiente descrição na sua obra *De metris.* Os trechos em nota foram extraídos do mesmo compêndio de Keil ao qual pertence a obra de Vitorino e Aftônio, e procurou-se destacar nesses textos, da mesma forma como foi feito anteriormente, os termos técnicos aplicados pelos autores para a descrição do metro coriâmbico.

Em todos os quatro excertos em que se discorre sobre a formação do metro coriâmbico, observa-se prontamente a manutenção do vocabulário técnico. O emprego de uma mesma seleção de termos técnicos por autores diferentes na exposição de conteúdo equivalente, à primeira vista soa "inevitável", uma vez que cada *grammaticus* lançará mão dos mesmos elementos para descrever processos semelhantes, ainda que cada um à sua maneira. Uma análise comparativa, como a que se apresenta, pode revelar, por exemplo, casos de variação terminológica, ao passo que, não havendo ocorrências dessa espécie, pode-se propor a estabilidade da terminologia técnica. Na verdade, segundo analisa Conso (2005, p. 14), a ausência de variação abaliza a estabilidade da terminologia de uma determinada *τέχνη,* como a da métrica, como é aqui o caso.

Nas passagens selecionadas foi possível constatar um exemplo de variação terminológica e diz respeito ao emprego dos termos *chorium* e *trochaeum*. Os seis tempos do metro coriâmbico são formados, como descreve Aftônio, pela união do troqueu [¯ ˘], antigo *chorium,* coreu, com o iambo [˘ ¯], dessa reunião deriva a nomenclatura do pé examinado. Quando Aftônio diz "*ueteres chorium appellant",* subentende-se que o termo caiu em desuso dando lugar ao *trochaeum*; de fato, ao pesquisar o termo *chorium* nas obras técnicas sobre métrica reunidas no volume VI da obra de Keil, foi possível constatar um número pouco significativo de ocorrências das formas desse termo técnico que, em geral, é mencionado somente para indicar a origem do troqueu, isso é, não é correntemente empregado como um nome substituto daquele pé.

São, ao todo, três ocorrências de *chorium* em Mário Plócio Sacerdote; outras três em Atílio Fortunaciano; em Vitorino, o termo aparece uma vez, e em Aftônio, outra, totalizando duas ocorrências na obra *Os Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte gramatical;* por fim, outras duas vezes o termo é citado na *Ars* de Palêmon. Em todas essas ocorrências *chorium* é mencionado como um outro nome para *trochaeum* ou, principalmente, como o nome pelo qual os antigos – devem-se subentender primeiramente os gregos e, em seguida, os primeiros latinos a referirem-se a ele – chamavam aquele pé de três tempos. Terenciano Mauro, entretanto, representa uma exceção a essa regra, seja porque o número de vezes em que o termo *chorium*

é mencionado em sua *Ars* é consideravelmente maior do que nos outros autores – 15 vezes, em oposição às 75 ocorrências de *trochaeum* – seja porque as ocorrências configuram uma espécie de "flutuação terminológica", já que as menções ao termo *chorium* não estão limitadas a referenciar a nomenclatura anterior daquele pé; pelo contrário, Terenciano emprega, aparentemente de modo aleatório, um termo pelo outro.

Os versos 1874-75 de Terenciano descrevem a formação do coriambo, em que se menciona o antigo nome do troqueu, i.e., *coreu*, que, somado ao iambo, resulta no coriambo: "Expliquei que se chama **coreu** aquele que sempre nomeamos/**troqueu**: este é o primeiro pé, o segundo será um iambo"[212]. Tal explicação também é dada por Fortunaciano e por Aftônio, entretanto, à diferença deles, Terenciano alterna entre os dois termos técnicos que designam o pé formado por uma sílaba longa e outra breve, de modo que, tendo empregado o termo *trochaeum* em grande parte do texto, aparentemente de modo arbitrário, Terenciano àsvezes opta por empregar o termo *chorium*, como no intervalo dos versos 1901-07:

> Observará que também esse, do mesmo modo, sucede o tríbraco,
> porque a primeira longa foi dissolvida em duas breves,
> *tibi*, e também a outra semelhante no pé seguinte,
> *ra ca*; já ensinei suficientemente que essas costumam ser dissolvidas:
> essa forma duas vezes o tríbraco posto no lugar do **coreu**.
> E agora nesse, *tibi uetus ara caluit aborigineo sacello*, [213]
> o **coreu** é dissolvido e o iambo também se torna um tríbraco[214].
> (GL VI, 1901-07, p. 383)

É interessante observar nesta passagem a flutuação entre o uso dos termos *chorium* e *trochaeum* por Terenciano Mauro, é, pois, um exemplo do emprego de duas formas distintas que designam um mesmo conceito, o que, de acordo com Conso (2005, p. 13), caracteriza a variação terminológica. A variação na terminologia pode provocar equívocos e conferir

---

[212] *Cf.* Terenciano (*GL* VI, 381-82; 1874-75): *"praemonui chorion dici, quem saepe trochaeum/ dicimus: hic prior est, alter iambon habet. "*.Trad. inédita elaborada pela pesquisadora Isabela Maia Pereira de Jesus à qual tivemos acesso privilegiado, por gentileza da autora."

[213] *[**tĭbĭ** vĕtŭs ā|**ră** **că**lŭĭt **ăbŏ**|rīgĭnĕō | săcĕllō]*[213]. SERENUS, *Frag.23*, v.5. ("Para ti iluminou-se aquele velho altar no santuário aborígene [ou "italiota"]. Há variações para esse verso: *arca* em lugar de *ara*, pois parece que o *tibi* é "para Janus"; aí seria "Para ti acendeu-se/iluminou-se a velha arca.... etc.", pq Janus tb era creditado como o inventor do primeiro barco e no reverso das moedas com sua efígie reprentava-se uma arca no seu santuário etc.]"). Nesse verso, Terenciano busca demostrar os casos em que o metro coriâmbico admite o tríbraco, por equivalência de tempos com a dissolução da sílaba longa em duas breves, seja na porção trocaica seja na iâmbica, seja mesmo em ambas as metades que compõem o pé coriâmbico, resultando, nesse último exemplo, em uma sequência de seis sílabas breves.

[214] *Cf.* Terenciano (*GL* VI, 381-82; 1901 - 1907): *"hic quoque succedere sic tribrachyn annotabis,/ longa quod est in geminas prima breves soluta/* tibi, *similis nec minus altera pede consequenti/* ra ca*: monui iam satis has saepe solere solvi:/ pro chorio tribrachys hic bis datus invenitur. /nec minus hoc,* tibi uetus ara caluit aborigineo sacello*,/ et chorius solvitur, et tribrachys est iambus"*.Trad. inédita elaborada pela pesquisadora Isabela Maia Pereira de Jesus à qual tivemos acesso privilegiado, por gentileza da autora.

ambiguidade ao texto técnico, entretanto, é necessário sublinhar que esse pode ser considerado um caso isolado já que, em todo o córpus examinado – o volume VI do *GL* de Keil, essa variação ocorre apenas em Terenciano Mauro. Também já foram apontadas neste trabalho as variações entre os termos *pariambus* (pariambo), *dibrachys* (díbraco) e *pyrrichius* (pirríquio), que designam o pé métrico composto por duas sílabas breves, e entre aqueles termos que designam o pé de três tempos formado por três sílabas breves, *tribrachyn* (tríbraco) e *pygnomus* (pignomo), variações que, conforme já foi aqui apontado, ocorrem mais frequentemente entre os autores.

No que diz respeito à terminologia dos escritos técnicos latinos, sua importância se estenderá até a posteridade, influenciando diretamente a escrita técnica moderna, como destaca Fögen: "a terminologia técnica latina que foi desenvolvida pelos romanos teve um enorme impacto sobre os modos de comunicação especializada em períodos posteriores" (2011, p. 461)[215]. Uma vez que muitas disciplinas, práticas humanas e profissões de hoje tiveram sua origem e se desenvolveram durante a Antiguidade Clássica, é natural imaginar que muito da terminologia técnica outrora estabelecida – devido, especialmente, aos processos de padronização e estabilidade – chegou à posteridade praticamente inalterada, e que elementos do latim e do grego foram explorados para a formação de linguagens técnicas que não ficaram confinadas ao passado; esse é o caso de disciplinas como a arquitetura, as artes militares, a agricultura e, como Fögen ressalta, o caso muito particular do desenvolvimento da ciência do direito e das leis, aos quais acrescentamos também os conhecimentos do domínio da gramática e da métrica antigas. Desta forma, não é exagero sustentar que as terminologias concebidas e aperfeiçoadas pela Antiguidade desempenham papel importante nas línguas técnicas modernas e que sua influência se estenderá também no porvir.

[215] *Cf.* Fögen (2011, p. 461): *"Latin technical terminology, as developed by the Romans, has had an enormous impact upon modes of specialised communication in later periods".*

III.2. Características morfossintáticas

Assim como a morfologia e a sintaxe das línguas técnicas modernas são ainda uma lacuna nos estudos linguísticos (FÖGEN, 2009, p. 12), pode-se afirmar o mesmo no que diz respeito às línguas técnicas antigas, embora tenha surgido recentemente certo volume de trabalhos destinados a comprovar a importância do nível morfossintático nos textos técnicos antigos, como revela Fögen:

> Que linguagens especializadas são caracterizadas exclusivamente por termos específicos é um equívoco. Como tem sido demonstrado em numerosos estudos, há também no nível morfológico-sintático, bem como no nível pragmático, peculiaridades que diferenciam as variedades técnicas da "linguagem comum" (FÖGEN, 2009, p. 16)[216].

Os textos técnicos antigos buscaram imprimir traços de clareza e brevidade, algo que se vê em muitos escritos técnicos antigos, como Catão, Varrão, Columela, Vitrúvio, etc. e que estão presentes também no tratado técnico sobre métrica de Vitorino e Aftônio. Tais atributos, segundo Fögen (2009, p. 50), implicam diretamente a escolha por uma sintaxe simples de modo a evitar, sempre que possível, frases com estruturas sintáticas complexas e prolongadas, que interfiram na compreensão do leitor. Somadas ao vocabulário técnico, essas propriedades distintivas da linguagem técnica demandam conhecimento especializado, por isso, segundo Roby (2015, p. 7), se pode afirmar que a construção breve e enxuta dos enunciados apinhados de termos técnicos pode provocar a alienação do leitor não especializado.

Fögen, citando o artigo "*Literature and Science*" de 1963 de Huxley, reitera que os objetivos do escritor técnico são a comunicação especializada e a transferência de conhecimento técnico-científico sem ambiguidade e com a maior clareza possível, para isso, ele usa o vocabulário e a sintaxe do discurso comum de tal forma que cada frase seja suscetível a apenas uma interpretação, segundo o autor, "na sua acepção mais pura, a linguagem científica deixa de ser uma questão de palavras e passa a ser matemática" (HUXLEY, 1963, p. 13 *apud* FÖGEN, 2009, p. 15) [217]. Já foi levantado anteriormente (pp. 140-145) o caráter formular da inserção dos termos gregos nos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical*, uma estrutura

---

[216] *Cf*. Fögen (2009, p. 16): *"Daß Fachsprachen ausschließlich durch spezifische Termini charakterisiert seien, ist eine verfehlte Behauptung. Wie in zahlreichen Arbeiten nachgewiesen wurde, gibt es ebenso auf morphologisch-syntaktischer wie auch auf pragmatischer Ebene Eigenheiten, die fachliche Varietäten von der „Gemeinsprache" unterscheide".*

[217] *Cf*. Fögen 1963, p. 13 apud FÖGEN, 2009, p. 15) *"As a medium of literary expression, common language is inadequate. It is no less inadequate as a medium of scientific expression".*

que admite pouca variação e que se repete incessantemente não apenas na obra em questão, como também nas demais *Artes metricae* que compõem volume VI da obra de Keil. Outra estrutura que apresenta formulação semelhante e que merece destaque por congregar as características representativas da morfologia e sintaxe dos textos técnicos e expediente emblemático dos tratados antigos sobre gramática e métrica, é a construção dos exempla, sua inserção no discurso gramatical e as categorias diferentes de *exempla*.

III.2.1. Os *exempla* no tratado técnico *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*

Em trabalho anteriormente desenvolvido por esta pesquisadora, cujo cerne foi o estudo dos *exempla* na tradição gramatical métrica antiga (SIMÕES, 2014), buscou-se estabelecer uma definição do que seja um *exemplum* e investigar as diversas formas como os gramáticos antigos empregavam essa ferramenta presente no discurso gramatical:

> A definição de exemplo com a qual se trabalha neste estudo não pode ser fundamentada na natureza dos dados linguísticos e literários, nem na forma que os exemplos podem assumir, já que ambos os aspectos são bastante variáveis e, por isso, se escolheu defini-los de acordo com o seu funcionamento semiótico, admitindo como exemplo todo objeto linguístico, fragmento da língua objeto inserido no discurso metalinguístico e portador de certa autonomia dentro do discurso (SIMÕES, 2014, p. 61).

Nas Artes Métricas, os *exempla* são o suporte para que se discorra sobre a flexibilidade da métrica na poesia latina e, segundo Chevillard (2007, p. 19) e Colombat (2007, p. 73), isto é, são a construção ou criação de uma representação da língua-objeto, a partir de alguns de seus próprios elementos. Os exemplos, compõem o córpus ilustrativo das gramáticas: eles são imprescindíveis para que a gramática exerça a sua função de descrição do conhecimento linguístico e constituem, pois, a aplicação da teoria do sistema linguístico na prática da língua, por meio da criação de um momento de representatividade da mesma língua (CHEVILLARD, 2007, 9).

III.2.1.1. Mecanismos morfossintáticos das listagens de *exempla* e os *exempla ficta* no tratado técnico *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*

Um exemplo pode desempenhar a sua função de representação da língua de duas maneiras: mostrando dados em extensão ou em compreensão. Enquanto as listas em extensão realizam a descrição da língua por amostragem e, por isso, correspondem a longas listas que

procuram retratar a totalidade das formas resultantes de uma dada discussão ou assunto estudado, as listas em compreensão, por sua vez, constroem a representação com o objetivo de criar uma matriz a partir da qual se pode replicar tais instruções, de acordo com Chevillard (2007, p. 19).

Os *exempla* isolados e, principalmente, as listas de *exempla* são inseridos no discurso gramatical por meio de estruturas sintático-semânticas que evidenciam a concisão e brevidade da organização do texto técnico. A listagem de *exempla* e tais mecanismos discursivos são facilmente identificáveis na obra de Vitorino e Aftônio, como se poderá verificar na passagem a seguir selecionada do capítulo *De dactylico metro*. Na listagem de exemplos em extensão abaixo traduzida e transcrita, Aftônio busca descrever os *cola* ou cesuras dos versos heroicos:

> Os versos heroicos têm *cola* ou outras cesuras, como dizem os gregos *αρχικά* [*archiká;* inicial], ou *τελικά* [*teliká,* final], ou *κοινά* [*koiná;* comum], uns inícios e outras conclusões dos versos que correspondem à lógica; seria necessário, por assim dizer, que as pequenas porções, início e fim, ou último, porém comum, associações que concordassem no início e no fim. Assim, o verso tetrâmetro heroico inicial será, tal como:
>
> *[Ōdrўsĭ|(ūm) Mār|tēm cănĕ | bārbĭtĕ]* [218]
>
> o final ou último [será]
>
> *[Ōdrўsĭ|ō lўră | cārmĭnĕ | cāntăt]* [219]
>
> ou ainda comum
>
> *[mēnsō|rēm cŏhĭ|bēnt Ār|chўtā]* [220]
>
> o trímetro inicial
>
> *[sīc tē | dīvă pŏ|tēns Cўprī,]* ‖ [221]
>
> o qual é chamado verso glicônio octassílabo, o final, porém
>
> *[grātō | Pўrrhă sŭb | āntrō],* [222]
>
> é chamado de ferecrácio heptassilábico; O dímetro inicial será heroico

[218] (S.n) (Trad.: "Cante, oh alaúde, Marte Odrísio")
[219] (S.n) (Trad.: "a lira exalta Odrísio com um canto").
[220] Hor., *Carm.*, I, 28.2. Verso quaternário datílico (*Tē, mărĭs ēt tērraē nŭmĕrōquĕ cărēntĭs ărēnaē/ mēnsōrēm, cŏhĭbēnt, Ārchītā,* Trad.: "Ó Arquitas, a ti, mensurador do mar e da terra e do deserto sem medida").
[221] Hor., *Carm.*, I,3.1. Verso glicônio (Trad. "Assim, de Cipro a deusa poderosa)
[222] Hor., *Carm.* I, 5.3. Verso ferecrácio (Trad.: "(te enlaça), ó Phyrra, na agradável gruta".

[ārmă sŏ|nāntĭă], [223]

o último é chamado pentassílabo

[tērrŭĭt | ūrbēm][224]

pois, por terem acrescentado *colas* tanto na primeira quanto na última parte, produzem o hexâmetro heroico com os quatro últimos pés (*GL* VI, p. 74)[225].

A listagem de exemplos em extensão acima transcrita é elaborada por Aftônio para explorar as possibilidades dos *cola* ou cesuras do metro heroico. Os dois primeiros versos são compostos por quatro pés datílicos e ilustram o tetrâmetro heroico inicial e final, respectivamente. Cumpre destacar que em todas as tentativas de buscas não foi possível encontrar a fonte desses dois exemplos, o que nos faz considerar a hipótese de que sejam *exempla ficta.*

Baratin (2011, 4), ao examinar os exemplos nas obras dos gramáticos latinos, reconhece haver sequências anônimas e, em geral, curtas que podem ter sido forjadas pelo próprio gramático com a finalidade de tornar clara a demonstração do aspecto teórico abordado, isto é, exemplos elaborados pelo próprio autor exclusivamente para a demonstração do aspecto gramatical ou métrico em discussão. O pesquisador chama aos exemplos forjados das gramáticas antigas *exempla ficta*.

Por definição, Baratin (2011, p. 4) classifica os *exempla ficta* em duas categorias, aqueles que são forjados pelo *grammaticus*, aos quais, em geral, não é possível localizar a fonte

---

[223] (S.n) (Trad.: "as armas ressonantes.")
[224] Hor., *Carm.*, I, 2, 4. (Trad.: "aterrorizou a Cidade ").
[225] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 74): "*Heroici versus hexametri cola seu commata alia sunt, ut Graeci dicunt,ἀρχτιχά, alia τελιχά, alia χοινά, e quis alia initiis, alia clausulis versuum conexa respondent, quas portiunculas, si necesse sit, ausim dicere initiales et finales seu novissimales, communes autem, quae et initio et fini sociatae congruunt. Igitur tetrametrus versus herous initialis erit talis,*

Odrysium Martem cane barbite,

finalis seu novissimalis

Odrysio lyra carmine cantat,

communis autem

mensorem cohibent Archyta;

trimetrus initialis

sic te diva potens Cypri, ‖

quod metrum glyconium octasyllabum dicitur; finalis autem

grato Pyrrha sub antro,

quod pherecration heptayllabon appellatur: dimetrus herous initialis erit

arma sonantia,

novissimalis, qui pentasyllabos dicitur,

terruit urbem.

nam tam in prima quam postrema parte haec cola adsumptis reliques quattuor pedibus faciunt heroum hexametrum".

ou constatar sua ocorrência em nenhuma outra obra, ou ainda figuram como *exempla* em outras gramáticas associados a uma mesma discussão teórica; e aqueles outros exemplos que têm sua origem nos textos literários que, porém, foram manipulados pelo *grammaticus* ao serem inseridos no tratado técnico de modo a adaptar-se ao assunto em evidência. Os dois versos iniciais da sequência empregada por Aftônio para a demonstração das ocorrências da cesura nos versos heroicos são considerados, de acordo com a proposta de classificação de Baratin (2011, p. 4) *exempla ficta*, exemplos forjados.

No terceiro exemplo, por sua vez, diferentemente dos anteriores, Aftônio recorre a um exemplo literário, o segundo verso da ode I, 28 de Horácio, composta em dístico alcmânico, isto é, de um hexâmetro seguido de um quaternário datílico, a que Aftônio chamou tetrâmetro datílico. A composição dos metros datílicos admite o espondeu em substituição ao dátilo, em determinadas posições do verso, devido à regra da equivalência das quantidades, assim, de acordo com Crusius (1987, p. 88), o tetrâmetro datílico catalético consta de três dátilos e um espondeu ou troqueu na posição final do verso, considerando que apenas os dois primeiros dátilos admitem substituição por espondeus. A escolha de Aftônio por esse verso horaciano, entretanto, não é fortuita: o verso é uma exceção dentre os demais já que insere um espondeu na terceira posição, de modo que os dois últimos pés espondaicos perfaçam, assim, uma sequência de quatro longas *[mēnsō|rēm cŏhĭ|**bēnt Ār|chȳtā]***. Com relação a esse procedimento, aventa-se a possibilidade de o poeta ter mobilizado a métrica do verso em favor do seu significado, construindo com as quatro longas sucessivas, somadas às outras três iniciais do verso, uma representação do imensurável horizonte de areia a que o verso alude, isto é, do deserto que carece medida (*carentis*, particípio passado em genitivo singular feminino que realiza a concordância com *harenae*, do verso anterior, a areia, ou o deserto, por metonímia).

A ode é de difícil interpretação e, mesmo que não se possa confirmar peremptoriamente, é muito possível que o poeta esteja se referindo nesses versos a Árquitas de Tarento, filósofo grego e matemático pitagórico, e aos seus cálculos de geometria e astronomia. O relato de sua morte por naufrágio é inteiramente baseado nessa ode horaciana que, de acordo com Kahn (2007, p. 19), muitos comentadores frequentemente associam à intenção do poeta de ridicularizar as opiniões dos pitagóricos[226]. O poeta, assim, eterniza nesses versos hiperbólicos

[226] Kahn afirma que durante os séculos III e II a.C., o pitagorismo sempre esteve em voga em Roma e se estende até o século I a. C. quando até mesmo Varrão e Cícero demonstram interesse. “Um aspecto diferente do mesmo interesse é expressado na famosa Ode de Horácio (I, 28), dirigida a Árquitas, ‘a medida de terra e mar e areias inúmeras’” (2007, p. 118).

a ironia daquele que, tendo medido tantos palmos de terra em vida, após a morte, permanecera com seu corpo insepulto até que fosse lançado sobre ele um punhado desprezível de areia *munera pulveris*, de modo a livrar o seu corpo de vaguear sem descanso definitivo. Sobre esse mesmo verso de Horácio é necessário destacar ainda que além de exemplificar as cesuras do quaternário datílico, é citado novamente como *exempla* em momento posterior do córpus[227], na porção da obra atribuída a Vitorino, em que o gramático descreve e analisa os metros horacianos, no Livro Quarto. O verso, nesse contexto, é acompanhado do primeiro verso da ode à qual pertence, o hexâmetro I, 28, 1 *[Tē, mărĭs | ēt tē|rraē nŭmĕ|rōquĕ că|rēntĭs ă|rēnaē].*

Retornando à sequência de exemplos da passagem anterior, o quarto verso da listagem elaborada por Aftônio representa o trímetro inicial datílico, um octossílabo, também chamado de glicônio. Para a apresentação desse recorte do metro heroico, o gramático recorre mais uma vez à obra de Horácio, nesse caso, ao primeiro verso da ode I, 3, *[Sīc tē dīvă pŏtēns Cўprī]*, que é citado como *exemplum* onze vezes nos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical.* Ao contrário do verso anterior da listagem que, dentro do grande córpus das *Artes metricae* reunidas por Keil, fora mencionado apenas pelos autores Vitorino e Aftônio, o primeiro verso da terceira ode do Livro I, inspirada na poesia de Safo de Lesbos, duas vezes serve de *exemplum* às discussões propostas por Césio Basso[228] e Mário Plócio Sacerdote[229], além de ser citado também, apenas uma vez, por Atílio Fortunaciano[230]. Nas Artes métricas desses autores, bem como na obra de Vitorino e Aftônio, o verso de Horácio está associado a uma querela que é anterior ao século V e que figura ainda dentre os especialistas modernos nos metros de Horácio: as múltiplas possibilidades de escansão de certos metros empregados pelo

---

[227] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 170).

[228] Basso emprega o primeiro verso da ode I, 3 de Horácio para evidenciar a semelhança entre glicônico e o asclepiadeu menor e propõe-lhe a escansão de forma coerente a uma das suas interpretações do asclepiadeu, respeitando, sobretudo, a cesura deste, o que resulta em: espondeu, coriambo, pirríquio ou iambo [– – | – ˘ ˘ – | ˘ ˘]. *Cf.* Basso (*GL* VI, p. 306): *"glyconion octosyllabon et genere asclepiadeon est. huic enim si addideris dipodian choriambicam, facies asclepiadeon sic,* ***[sīc tē | dīvă pŏtēns | Cўprī],*** *diuiditur autem spondeo, choriambo, pyrrichio uel iambo propter syllabae indifferentiam"*

[229] Sacerdote apresenta as duas possibilidades de leitura do metro glicônico: considerando a base datílica, é formado por um espondeu inicial seguido de dois dátilos ou, no caso de a última sílaba do metro ser longa, o último pé será um anfímacro, também chamado de crético [– – | – ˘ ˘ | – ˘ ˘]; segundo a outra leitura, o glicônio tem a mesma base coriâmbica do asclepiadeu, de modo que o verso possa ser dividido em espondeu, coriambo e iambo ou pirríquio ao final [– – | – ˘ ˘ – | ˘ ˘]. *Cf.* Sacerdote (*GL* VI, p. 537-538): *"Antispasticum acatalectum dimetrum glyconium fit spondeo et duobus trisyllabis [dactylo et amphimacro], ut κπρος ἠνίχ' ὁ μαινόλης* [¯ ˘ | ¯ ˘ ˘ | ¯ ˘ ¯], ***[sīc tē | dīvă pŏ|tēns Cўprī]****. hoc differt a glyconio dactylico, quod illud, sicut ante tractavi, spondeo constat et duobus dactylis, hoc vero spondeo et duobus trisyllabis quibuslibet. potest tamen et spondeo et choriambo percussum facere metrum asclepiadeum, sicut ante docui,* ***[sīc tē | dīvă pŏtēns | Cўprī]****".*

[230] Fortunaciano utiliza o mesmo *exemplum* e, como Basso, relata que o glicônico, à semelhança do asclepiadeu, origina-se a partir do hexâmetro datílico. *Cf.* Fortunaciano (*GL* VI, p. 297):***" [sīc tē | dīvă pŏ|tēns Cўprī/ sīc frātrēs Hĕlĕnaē, ‖ lūcĭdă sīdĕră":*** *tertia ode dicolos est, habet primum octosyllabum anacreontium, quem et glyconium uocant habet originem ab heroo, constate ex spondeo et duobus dactylis".*

poeta, dentre eles, aquele conjunto de metros que formam o sistema baseado em asclepiadeus, ao qual o verso glicônico é vinculado.

Embora essa discussão não esteja no cerne da questão abordada por Aftônio na passagem em análise, é possível encontrar ali o esboço de uma das leituras que o gramático admite para a natureza do metro glicônico. Ao associar o octossílabo glicônio ao metro heroico, antecipamos a interpretação iambo-datílica que será exposta pelo gramático capítulos a frente, em excerto dedicado também à apresentação da escansão do mesmo verso por coriambos[231]. Dessa forma, ao menos até onde foi possível verificar, não há na obra um veredicto de Vitorino ou Aftônio sobre esse debate, de modo que a delimitação dos pés métricos do verso horaciano possa ser diagramada, de acordo com os autores, das seguintes maneiras: pode ser o glicônio constituído de espondeu e duplo dátilo, igual, portanto, ao trímetro datílico, como em *[sīc tē | dīvă pŏ|tēns Cўprī]*, [– – | – ˘ ˘ | – ˘ ˘]*[232]*, ou admite a unidade coriâmbica, precedida de um espondeu e um último pé dissílabo, pírrico[233], trocaico ou espondaico, desta forma: *[sīc tē | dīvă pŏtēns | Cўprī]*, [– – | – ˘ ˘ – | ˘ ˘]*[234]*.

[231] *Cf.*Vitorino (*GL* VI, p. 147): "*legimus apud Horatium*

sic te diva potens Cypri:

hoc glyconium metrum dicitur, quod constat ex spondeo choriambo et ultimo trochaeo vel eodem spondeo. commune hoc esse cum heroo trimetro, quod constat ex spondeo et duobus dactylis, cunctis in promptu est."

[232] Importante lembrar que o glicônio é um verso octossílabo isossilábico, isto é, sempre terá oito sílabas. O que quer dizer que as sílabas, em alguns lugares do verso, são intercambiáveis, de modo que uma longa assuma a posição de uma breve ou o inverso, mas, jamais, nesse verso, uma longa se separa em duas breves, ou duas breves unidas formam uma longa, uma exceção a essa regra é o poema 61,v. 25 de Catulo: [*nūtrĭūnt ŭmōrē*], que apresenta a contração das duas breves em uma longa, como apontam Nougaret (1948, p. 100) e Crusius (1987, p. 81). Quando é admitida a interpretação datílica para a escansão do glicônio, o verso será composto de um pé inicial espondaico, seguido por um dátilo e um pé final de três sílabas que pode ser um dátilo [– ˘ ˘] ou um crético [– ˘ –]. De acordo com Crusius (1987, p.82), o pé final jamais será um espondeu, o que violaria o número de sílabas, tampouco um molosso [– – –]. Crusius pondera, ainda, a respeito do emprego desse verso na literatura antiga, Catulo, por exemplo, admite o último pé datílico do verso enquanto Horácio, de sua parte, tem predileção pelo crético final (1987, p.82).

[233] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 119): *"trimetrum igitur epicum nihil a glyconio metro differre non nulli contendunt, quod constat ex spondeo et choriambo et pyrrichio vel trochaeo ultimo, ex quo plura apud Horatium asmata sunt, ut*

sic te diva potens Cypri"

[234]Em trabalho anteriormente desenvolvido, ainda inédito, esta pesquisadora se dedicou a investigar odes selecionadas do poeta Horácio que foram elaboradas segundo os esquemas métricos do Sistema Asclepiadeu, cujos versos serviram como *exempla* nas *Artes metricae* antigas. Foram examinadas as possibilidades de escansão dos metros desse Sistema com o respaldo de teorias antigas e modernas acerca da métrica clássica com o intuito de observar a ocorrência do o pé coriambo [– ˘ ˘ –] como unidade compositiva da estrutura métrica horaciana, para tanto, buscou-se evidenciar as formas de organização do plano da expressão poética em 3 composições do poeta. Mesmo que de maneira isolada e em textos seletos que não representam a imensidão da obra poética horaciana, foi possível notar pontualmente que, por vezes, o poeta lançou mão do coriambo como unidade métrica, isolando ou realçando sintagmas, expressões ou formulações, nos limites desse pé. Mesmo discutíveis, os resultados desse estudo conduzem esta pesquisadora a eleger, dentre as possibilidades de escansão para os metros do Sistema asclepiadeu, aquela de base coriâmbica.

Dos testemunhos antigos, a possibilidade de escansão do verso que parece gozar de maior prestígio é a que compreende o glicônio como um verso cuja base se constrói sob a unidade datílica, avalia Dangel (2001, p. 220). Embora as leituras segundo a base heroica ou a unidade coriâmbica aproximem o esquema métrico do glicônio daqueles esquemas dos outros metros do Sistema Asclepiadeu, apenas a segunda alternativa, que contempla o coriambo como unidade principal do verso, segundo Dangel (2001, p. 224), fortalece a leitura dos metros por "pés batidos", ressaltando ainda as unidades sintático-semânticas que eventualmente são isoladas nos limites dos pés coriâmbicos desses metros, sobretudo na obra de Horácio (DANGEL, 2001, p. 230). Assim concebido, o verso é composto de espondeu, coriambo e iambo ou espondeu final, e origina, por meio da adição *colas* coriâmbicos na porção interior do verso, os outros metros do Sistema asclepiadeu, os asclepiadeus maior e menor e o ferecrácio, ao qual o glicônico é frequentemente associado na obra de Vitorino e Aftônio, como se pode verificar no excerto de Aftônio ora analisado.

De fato, o gramático elabora a sua listagem de exemplos em extensão em ordem decrescente, a partir da maior até às menores unidades constitutivas do metro heroico. Para ilustrar o trímetro heroico final, de sete sílabas, uma sílaba a menos, portanto, que o *exemplum* precedente, Aftônio utiliza o terceiro verso da ode I, 5 *[Quīs mūltā grăcĭlīs]*, elaborada no Sistema Asclepiadeu terceiro, também chamada de Estrofe Asclepiadeia B. O verso em questão é um ferecrácio, também considerado um glicônio catalético e compõe a estrofe de quatro versos onde ele aparece na terceira posição, depois de dois asclepiadeus menores e antes de um glicônico.

O verso *[grātō Pyrrhă sŭb āntrō]*, de Horácio, é empregado por Vitorino e Aftônio 15 vezes no tratado métrico como *exemplum* e, na maioria das vezes, é possível entrever a discussão sobre as possibilidades de escansão desse metro que, como o glicônio, pode admitir uma base datílica ou ter natureza coriâmbica[235]. Embora esta pesquisadora tenha maior simpatia pela leitura dos versos do Sistema Asclepiadeu a partir do pé coriambo [– ˘ ˘ –] como unidade compositiva da estrutura métrica de Horácio, é necessário admitir que, no verso em questão, mesmo analisado isoladamente, há um interessante efeito expressivo criado pela base heroica

[235] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 177): *"nunc de pherecratio tractabimus, quod est 'grato Pyrra sub antro'. Hoc metrum conficitur ex spondeo dactylo et spondeo vel, ut quidam, e spondeo choriambo et syllaba, quod idem dici potest glyconium catalecticum"*

[– ˘ ˘], que compreende todo o sintagma *[Pȳrrhă sŭb],* e o acolhe no interior da agradável gruta espondaica *[grātō ...āntrō]*.

Interessa notar também que, em pelo menos quatro das ocorrências desse verso na obra em análise, os gramáticos realizam modificações no heptassílabo horaciano. Baratin incluirá esses exemplos que têm sua origem nos textos literários, porém foram modificados pelas mãos do gramático ao serem inseridos no discurso gramatical, no conjunto de *exempla ficta*.

> No livro 17 da *Ars* de Prisciano, conseguimos, portanto, identificar os *exempla ficta* apresentados por si sós, isto é, sem o nome do autor nem da obra, e que não pertencem a obras que os tornaria identificáveis, mas que são, de fato, reescrituras de cirações literárias, como em *media arma ruamus et moriamur,* reescrito a partr do célebre verso de Virgílio (*A*. 2,357) *moriamur et in media arma ruamus* (...)(BARATIN, 2011, 5)[236]

Essas reescrituras são bastante comuns nos textos gramaticais latinos e estão sempre a serviço da teoria. O gramático, nesse ponto, assemelha-se a um cientista dos versos, submetendo-os a análises e experimentos, a fim de verificar os efeitos, alterações no aspecto semântico, no esquema métrico, na criação ou não de figuras de linguagem, etc. Em E. Aftônio é possível encontrar inúmeros exemplos forjados a partir de versos originais consagrados da literatura latina. O gramático, com a finalidade de ilustrar e demonstrar o aspecto teórico abordado, realiza operações nos versos que, não raro, resultam sequências agramaticais, porém reconhecíveis, seja por haver citado em conjunto o verso em seu aspecto original, seja por haver citado um verso famoso da lírica latina.

Em verdade, esses aspectos são colocados em segundo plano, conforme lembra Baratin (2011, p. 4) em favor das funções demonstrativas e argumentativas que o *exemplum* assume dentro do discurso gramatical. É o que ocorre, por exemplo, com as composições arranjadas por Aftônio a partir dos versos horacianos I, 3, 1 e I, 5, 3: *"Sic te diva potens Cypri, grato Pyrrha sub antro"* e *"Nereus ut caneret feros, grato Pyrra sub antro"*, cujo princípio pode ter sido inspirado no I, 15, 4[237] e somado ao I, 5, 3.

Isolados de seu contexto, o livro das *Odes*, os versos de Horácio unidos por Aftônio servem à demonstração da formação do verso priapeu, que, como lembra Oliva Neto (2006, p.

---

[236] Cf. Baratin (2011, p. 5) *: « Dans le livre 17 de l'Ars de Priscien, on a ainsi pu identifier des exempla ficta, présentés comme tels, c'est-à-dire sans nom d'auteur ni d'œuvre, et qui n'appartiennent pas à des œuvres qui les rendraient identifiables, mais qui sont en fait des réécritures de citations littéraires, comme in media arma ruamus et moriamur (114.7), réécrit à partir du célèbre vers de Virgile (Én. 2,357) ».*

[237] Hor. *Carm*. I, 15, 3-5: *"ingrato celeres obruit otio/ ventos, ut caneret fera/ Nereus".*

107), leva esse nome por ter sido usado em poemas dedicados a Priapo. O metro priapeu é uma combinação entre o glicônio e o ferecrácio e totaliza 15 sílabas, no seguinte esquema métrico [– ˘ – ˘ ˘ – ˘ – || – ˘ – ˘ ˘ – ˘], assim, são *exempla* do verso priapeu em Aftônio as composições *[sīc tē* | *dīvă pŏ*|*tēns Cўprī* |*, grātō* | *Pўrrhă sŭb* | *āntrō],* pelo gramático descrito como uma sequência composta por espondeu, dois pés datílicos, um quarto pé espondaico, seguido por um dátilo novamente e, por último, um espondeu, tal um hexâmetro heroico[238], e ainda a composição *[Nēreūs* | *ūt cănĕ*|*rēt fĕrōs*,|| *grātō* | *Pўrrhă sŭb* | *āntrō]*, verso priapeu que Aftônio descreve, sem mais detalhes, como a união de um glicônio com um ferecrácio[239].

Após a demonstração dos tetrâmetros e trímetros heroicos, Aftônio encerra a lista com dois exemplos de dímetros de base datílica. Conforme a descrição do gramático, o exemplo *[ārmă sŏ*|*nāntĭă]* é uma sequência de dois dátilos. O verso, cuja fonte não foi localizada, é citado uma única vez em *Os quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical,* e não há nenhuma outra menção a esse exemplo em todas as demais obras do compêndio sobre a métrica latina de Keil.

O último exemplo da listagem examinada é o verso adônico*[tērrŭĭt ūrbēm]*, quarto verso da ode I, 2 de Horácio. Trata-se do mesmo *exemplum* que fora analisado no capítulo *Características Lexicais* como ilustração dos neologismos na terminologia técnica. Entretanto, ainda resta dizer que o verso em questão é citado como *exemplum* sete vezes por Vitorino e Aftônio no tratado métrico, além de figurar em outros tratados técnicos antigos sobre métrica latina[240]. Os gramáticos ora o associam ao metro heroico, como na passagem acima, ora o mencionam junto ao hendecassílabo sáfico em discussões sobre a estrofe sáfica, ou ainda se referem a ele em considerações a respeito dos metros empregados por Horácio e em comentários sobre composições selecionadas do poeta.

Nas passagens aqui reproduzidas, Aftônio e Vitorino exploram as possibilidades de escansão do verso horaciano, assim, no início do capítulo *De dactylico metro,* ao examinar a

---

[238] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 119): *"quod cum ita sit, nullus infitias ire poterit, quod ex spondeo et duobus dactylis trimetrum epicum formatum sit. cui si pherecratium adiunxeris heptasyllabum, hexametrum heroum, cui priapeum nomen est, figurabis, ut sic te diva potens Cypri, grato Pyrra sub antro, qui constat ex spondeo, duobus dactylis, quarto spondeo, quinto dactylo, sexto spondeo."*

[239] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 145): *"item ex glyconio et pherecratio iunctis, e quis priapeus versus fit, sic, Nereus ut caneret feros, grato Pyrra sub antro".*

[240] Além das sete vezes em que o verso adônico *tērrŭĭt ūrbēm* é empregado na obra de Vitorino e Aftônio, nos tratados métricos do *GL* de Keil, três vezes Césio Basso (*GL* VI, p. 267) menciona esse mesmo verso, outras quatro vezes é citado por Fortunaciano (*GL* VI, pp. 296, 297) duas por Teodoro (*GL* VI, p. 516) e há ainda o registro de uma ocorrência desse verso no tratado de Sacerdote (*GL* VI, p. 591).

construção do metro heroico, Aftônio apresenta o verso como um dímetro heroico catalético, *[tērrŭĭt | ūrbēm],* que se assemelha ao coriâmbico monométrico hipercatalético, *[tērrŭĭt ūr|bēm]* (*GL* VI, p. 73). Já na passagem acima transcrita que encerra o mesmo capítulo, ao colocar em discussão as pequenas porções em que o verso heroico pode ser dividido o pentassílabo horaciano é escandido de modo a ilustrar os dois pés finais do hexâmetro heroico, isto é, como a sequência de um dátilo e um espondeu: *[tērrŭĭt | ūrbēm].* De fato, ao contrário da base coriâmbica, uma leitura datílica do verso adônico evidencia a equivalência entre esse verso e os pés que encerram o hexâmetro heroico. As medidas coincidentes não passaram despercebidas aos gramáticos antigos. Nas passagens a seguir, é possível verificar que os gramáticos não apenas procuraram demonstrar essa semelhança, mas também legitimar essa interpretação:

> Esse verso é chamado dímetro épico, uma vez que recebe dois pés heroicos, um dátilo e um espondeu. Alguns disseram ser um epodo pentassilábico, por causa do número de sílabas; outros, um trímetro épico, pois é como a terceira parte do verso épico, como:
>
> *[Ārmă vĭ|rūmquĕ că|nō, Troī|aē quī | tērrŭĭt | ūrbēm]*[241]
>
> (*GL* VI, p. 161)[242].

Esse *exemplum* "criado" por Aftônio a partir da combinação de um verso de Virgílio com outro de Horácio pertence ao conjunto dos *exempla ficta* do córpus. O gramático substitui a porção final do hexâmetro virgiliano, *[prīmŭs ăb | ōrīs],* pelo adônico de Horácio, *[tērrŭĭt | ūrbēm],* e deixa evidente não apenas a natureza datílica do verso pentassilábico, como também a equivalência entre o adônico, uma dipodia catalética, e os dois últimos pés do hexâmetro. Na verdade, não é possível atribuir a Aftônio a elaboração desse verso híbrido, já que esse *exemplum* também é citado por Fortunaciano[243], (séc. IV) e, antes disso, por Basso (séc. I d.C.), em seção reservada ao estudo dos metros horacianos, que recorre à mesma combinação de versos para ilustrar a formação da estrofe sáfica:

> O final dessa estrofe é este:

---

[241] Verg., *Aen.*, I, 1; Hor. *Carm.* I, 2, 4.

[242] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 161)*: "quod metrum vocatur dimoeron epicon, ideo quod duos pedes heroos accipiat, dactylum et spondeum. Quidam pentasyllabon epodon dixerunt a numero syllabarum; alii trimoeron cpicon: est enim pars tertia epici versus, ut*

arma virumque cano Troiae qui terruit urbem".

[243] Cf. *Fortunaciano* (GL VI, p. 297) *"[...] quarto loco clausula est hexametri ex dactylo et spondeo, ut est 'primus ab oris' . denique si hanc tollas et Horatianam adicias, facies integrum hexametrum,*

arma virumque cano Troiae qui terruit urbem."

[tērrŭĭt | ūrbēm]

Que nasce de um hexâmetro heroico, assim,

[Ārmă vĭ|rūmquĕ că|nō, Troī|aē quī | tērrŭĭt | ūrbēm]

pois '*prīmŭs ăb | ōrīs*', pelo que coloquei este término, é igual a este não tanto no número mas ainda nos pés: consta, de fato, de um dátilo e um espondeu[244].

Não são reunidos nesse exemplo quaisquer versos, mas o primeiro hexâmetro da *Eneida* de Virgílio, verso que mais vezes serve como *exemplum* em todo o tratado técnico aqui em exame, e um verso de Horácio, poeta cuja importância para a lírica latina não foi observada apenas por Aftônio e Vitorino, mas também por Basso, Fortunaciano, Terenciano, entre outros gramáticos que se dedicaram a descrever os metros empregados pelo poeta.

Sobre esse *exemplum fictum* é possível observar em primeiro lugar que as várias vezes em que é mencionado nos tratados técnicos de métrica antiga fortalecem a proposição de Baratin (2011, p. 4) e Colombat (2007, p. 85) sobre a existência de uma tradição de exemplos entre as *artes grammaticae*, isto é, de exemplos que são transmitidos de uma gramática a outra que refletem não apenas a predileção por determinados autores e obras em detrimento de outros, mas também as funções ilustrativa e demonstrativa do exemplo. Esses exemplos que foram transmitidos de uma gramática a outra, construindo o que será chamado de tradição dos exemplos, Chevillard irá inserir na lista de exemplos herdados e é esse pesquisador quem confere aos exemplos herdados a sua devida importância, sobretudo do ponto de vista histórico: "alguns exemplos não desaparecem nunca das gramáticas"[245].

A respeito ainda do exemplo forjado a partir dos versos de Virgílio e Horácio da passagem acima, é possível avaliar ainda que embora muitos autores antigos reconheçam na porção central do verso adônico uma unidade coriâmbica, a recorrência desse *exemplum* elaborado a partir da sobreposição dos versos dos poetas e a presença do verso adônico como *exemplum* de dipodia datílica catalética em capítulos dedicados à descrição do metro datílico,

---

[244] *Cf.* Basso (*GL* VI, 267): *"clausula strophes huius haec est,*
terruit urbem,
quae nascitur ab heroo hexametro sic,
arma virumque cano Troiae qui terruit urbem.
nam 'primus ab oris', pro quo hanc clausulam posui; par est huic non tantum numero, sed etiam pedibus: constat enim ex dactylo et spondeo". Trad.: Teixeira, (2005, p. 103).

[245] *Cf.*Chevillard (2007, 27) : *« Certains exemples ne disparaissent jamais des grammaires ».*

como demonstrado no excerto anterior de Aftônio, representam, sobretudo, o respaldo da teoria antiga da métrica clássica em favor de uma filiação do verso adônico ao metro datílico.

Em resumo, por detrás da discussão sobre a formação do verso heroico, a partir do dímetro datílico ou do coriâmbico monométrico, está um debate ainda maior que representa uma das maiores contendas entre os estudiosos da métrica clássica e que resvala também nas investigações sobre a doutrina musical: a compreensão de como os autores antigos interpretavam os metros, ou seja, como seriam, segundo eles, suas classificações e escansões. Sem que se possa chegar rápida e definitivamente a um desfecho para essa e outras tantas questões que dizem respeito à métrica clássica, o caminho a percorrer deverá passar pelo estudo dos metros segundo os gramáticos, comentadores e metricistas antigos, longo e árduo percurso para o qual esta pesquisa pretende constituir uma modesta contribuição.

Os versos analisados da passagem acima compõem a listagem de exemplos em extensão por meio da qual Aftônio buscou ilustrar os *cola* ou outras cesuras do metro heroico (*GL* VI, p. 74) a partir do tetrâmetro, de modo decrescente, até o dímetro heroico. A listagem de exemplos é uma estrutura tradicional e recorrente nas *artes grammaticae* (CHEVILLARD et al., 2007, p. 19) com a qual os gramáticos constroem a demonstração e a argumentação das lições métricas. Essa estrutura que se repete sistematicamente no texto dos *Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* é a que melhor permite identificar os mecanismos discursivos característicos do texto técnico, já que, muitas vezes, é possível reconhecer nela traços da sintaxe simples e direta que, como afirmam Fögen (2009, p. 15) e Roby (2015, p. 7), são fundamentais para a comunicação técnica. Contudo, na análise a seguir, intenta-se demonstrar que Aftônio emprega esse expediente comum aos textos técnicos gramaticais de um modo muito particular, ainda que, como aponta Vasconcellos,

> Toda descrição de uma língua está sujeita a imperfeições, imprecisões e artificialismos, afinal se trata de expressar em categorias abstratas, por vezes definidas de maneira demasiado estanque, um fenômeno extremamente complexo, que pode ser descrito sob vários ângulos e por meio de modelos teóricos variados, sem que jamais se esgotem as possibilidades de enriquecer essa descrição (VASCONCELLLOS, 2013, p. 179).

A sequência tem início com *igitur*, uma conjunção conclusiva que funciona como um elemento coesivo intraparágrafo capaz de relacionar as proposições teóricas anteriores com a listagem de *exempla* que lhe segue e que tem função demonstrativa nesse contexto. O primeiro período compreende os três exemplos iniciais da listagem, a seguir destacados com aspas, *Igitur*

tetrametrus versus herous initialis erit talis, 'Odrysium Martem cane barbite', finalis seu novissimalis 'Odrysio lyra carmine cantat', communis autem 'mensorem cohibent Archyta'. Composto por coordenação, o período é formado por orações gramaticalmente independentes (ROCHA LIMA, 2001, p. 260), mas semanticamente vinculadas à oração principal que, nesse caso, é *igitur tetrametrus versus herous initialis erit talis, 'Odrysium Martem cane barbite'*, enquanto as orações *finalis seu novissimalis 'Odrysio lyra carmine cantat'* e *communis autem 'mensorem cohibent Archyta',* são classificadas como orações coordenadas aditiva e disjuntiva, respectivamente, nas quais ocorre a zeugma do verbo *erit.*

A respeito do verbo, é necessário destacar, de início, que a escolha por um verbo de ligação e por empregá-lo no futuro do indicativo como tempo e modo verbal na construção da oração contribuem, segundo Chevillard (2007, p. 9), para que os exemplos exerçam eficazmente a sua função demonstrativa. Os *exempla*, que funcionam como sequências autônomas no discurso gramatical[246] (CHEVILLARD et al., 2007, p. 5-6), desempenham no período função sintática de predicativo do sujeito da oração principal e das demais orações em toda a passagem.

Com os três primeiros exemplos Aftônio descreve as possibilidades de cesura do tetrâmetro heroico, tais possibilidades são gramaticalmente expressas pelas orações coordenadas que se sucedem: a primeira, uma oração coordenada aditiva assindética, por não apresentar conjunção coordenativa, e a segunda disjuntiva sindética, vinculada à oração principal pela conjunção *autem.*

Os termos *initialis, finalis* e *communis* são adjetivos adjuntos adnominais e concordam em caso, gênero e número com os substantivos *tetrametrus versus herous, trimetrus* e *dimetrus* que, em toda a passagem, são mencionados apenas nas orações principais dos períodos. Além disso, interessa observar que a conjunção *seu*, que comumente introduz orações coordenadas disjuntivas, ou alternativas, (MAROUZEAU, 1922, p. 215; FARIA, 1958, p. 396), é empregada por Aftônio no período de modo diverso. Essa conjunção introduz o aposto *novissimalis*, adjetivo de caráter nominal e restritivo que, à título de individualização (ROCHA LIMA, 2001, p. 255; CART, 1986, p. 103), qualifica *tetrametrus versus herous*. É ainda possível entender a dupla qualificação *finalis* e *novissimalis* como uma mera questão de vocabulário, mas, parece

[246] Chevillard afirma que a melhor maneira de se definir um *exemplum* é por meio de seu funcionamento semiótico, assim, será "todo objeto linguístico, qualquer que seja a sua estrutura, extraído da língua objeto: todo fragmento da língua objeto inserido no discurso gramatical". *Cf.* Chevillard et al. (2007, p. 5-6): *"tout objet linguistique, quelle que soit sa structure, issu de la langue objet: tout fragment de la langue objet inséré dans le discours grammatical"*.

ser mais interessante compreendê-la como um recurso de estilo do gramático, especialmente porque esse adjetivo é incluído como verbete pelo dicionário Santos Saraiva (2006, p. 788) com o sentido de "derradeiro, o último, final", reportando-se a essa passagem da obra de Vitorino.

A listagem de exemplos tem sequência com a demonstração dos versos trímetros heroicos, inicial e final: *trimetrus initialis 'sic te diva potens Cypri ‖', quod metrum glyconium octasyllabum dicitur; finalis autem 'grato Pyrrha sub antro', quod pherecration heptayllabon appellatur*. Em linhas gerais, esse período reproduz a estrutura daquele que lhe antecede: no sujeito *trimetrus initialis*, que compõe a oração principal desse segundo período, há a omissão de parte do sintagma implícito *[versus herous]* e por também estar implícito, há novamente a supressão do verbo *[erit]*, à semelhança das orações coordenadas anteriores; do mesmo modo, o *exemplum 'sic te diva potens Cypri',* empregado como predicativo do sujeito, continua o efeito do paralelismo entre as orações. O período é composto ainda pela oração subordinada, *quod metrum glyconium octasyllabum dicitur*. Trata-se de uma subordinada adjetiva, ou relativa, como mais comumente é chamada nas gramáticas de latim (VASCONCELLOS, 2013, p. 151; CART, 1986, p. 146; FARIA, 1958, p. 449), explicativa, que é introduzida pelo pronome relativo *quod* na função sintática de sujeito paciente do verbo *dicitur* na voz passiva impessoal empregado na terceira pessoa do singular do modo indicativo. Essa oração subordinada acompanhada do verbo na passiva impessoal, segundo Faria, "aparece na língua para exprimir a noção verbal sem referência a um sujeito" (1958, p. 390), o que confere impessoalidade ao discurso, atentendo, assim, a essa especificidade do texto técnico-científico.

> Os realizadores do ato técnico científico de fala põem cuidado especial em não aparecer pessoalmente refletidos em seus experimentos objetivos, assim, se ocultam atrás da terceira pessoa dos verbos, a passiva impessoal, os verbos impessoais (AGUILAR, 2006, p. 31)[247].

Pertencem também ao segundo período a oração *finalis autem* que, tal como *finalis seu novissimalis* e *communis autem,* é uma oração coordenada associada à oração principal, nesse caso, *trimetrus [versus herous] initialis [erit]*. A mesma conjunção *autem*, empregada no primeiro período com valor disjuntivo, assume agora valor adversativo criando uma oposição entre o trímetro inicial e o final, aquele verso é um glicônio octassilábico, este, um ferecrácio heptassilábico.

---

[247] *Cf.* Aguilar (2006, p. 31): *"Los realizadores del acto de habla científico-técnico ponen especial cuidado en no aparecer ellos personalmente reflejados en sus experimentos objetivos, y así se ocultan tras la tercera persona de los verbos, la pasiva impersonal, los verbos impersonales".*

Com os três últimos exemplos da passagem analisada, *finalis autem ‘grato Pyrrha sub antro’, quod pherecration heptasyllabon appellatur: dimetrus herous initialis erit ‘arma sonantia’, novissimalis, qui pentasyllabos dicitur, ‘terruit urbem’,* Aftônio demonstra os versos trímetro heroico final e os dísticos final e inicial. Elaborados de modo análogo aos anteriores, os períodos replicam as estruturas sintáticas das orações coordenadas e subordinadas do início da listagem e conservam as orações simetricamente construídas.

O terceiro período da passagem de Aftônio reproduz a estrutura dos dois primeiros. É constituído pela oração principal *dimetrus herous initialis erit* e o seu predicativo do sujeito, o exemplo *arma sonantia*, e ainda por uma oração coordenada assindética, *novissimalis [dimetrus versus herous erit],* que mantém a supressão dos elementos expressos pela oração principal, e seu predicativo do sujeito *terruit urbem,* que recebe a especificação que lhe confere a oração subordinada adjetiva explicativa, *qui pentassyllabos dicitur,* a terceira oração dessa espécie na passagem analisada, introduzida pelo pronome relativo *qui.*

Aftônio opta por suprimir termos das orações coordenadas *[tetrametrus versus herous] finalis seu novissimalis [erit]* e *[tetrametrus versus herous] communis autem [erit]* e da oração principal do segundo período *trimetrus [versus herous] initialis [erit]* de modo a evitar repetir aqueles que ocorrem na oração principal do primeiro período da listagem, mas os retoma na oração principal do último período *dimetrus herous initialis erit* a fim de garantir que o sentido de sua exposição não se perca ao final da longa sequência de *exempla*.

Uma outra evidência de que o termo *novissimalis* merece, de fato, a atenção especial a ele dedicada há pouco é o uso que Aftônio faz dele nessa segunda ocorrência, no último, e derradeiro, período da listagem de *exempla*. O termo *finalis* atenderia o propósito de anunciar o verso pentassílabo de Horácio, que não apenas serve de ilustração ao dímetro heroico final, mas é também o último dos sete exemplos da listagem em extensão elaborada, entretanto, ao optar por *novissimalis,* Aftônio aponta também para o verso que encerra a exposição acerca das cesuras do metro heroico, isto é, demarca o ponto de chegada de um movimento que teve início três períodos antes. Ressalta-se ainda que a inversão da oração subordinada adjetiva explicativa *qui pentasyllabos dicitur* com o exemplo horaciano *terruit urbem*, coloca ainda mais em evidência a carga semântica de encerramento desse período e da passagem que é também o desfecho do capítulo *De dactylico metro.*

A respeito das orações subordinadas adjetivas, as três orações da passagem examinada são classificadas ainda como explicativas, uma vez que funcionam como um "termo adicional que encerra um esclarecimento não indispensável para a compreensão do conjunto" (ROCHA LIMA, 2001, p. 271). De fato, essas orações são empregadas por Aftônio para acrescentar informações importantes, mas não essenciais (VASCONCELLOS, 2016, p. 152), sobre os conceitos definidos pelas orações principais às quais estão vinculadas. Ao empregar orações subordinadas para dizer que o verso octassílabo é chamado de glicônio, que o heptassílabo, é chamado ferecrácio e, também, que o último verso da listagem de exemplos é um pentassílabo, o gramático coloca em segundo plano essas informações, assim, os nomes que recebem usualmente esses versos – que conduzem às questões sobre as possibilidades de interpretação e escanção deles – têm importância secundária frente à discussão central proposta por Aftônio que é demonstrar, por meio dessa listagem de exemplos, os *cola* e demais cesuras dos versos heroicos. Poder-se-ia observar ainda que a última oração subordinada rompe parcialmente com o paralelismo assinalado, uma vez que o gramático opta por não acrescentar ali a informação de que o pentassílabo citado é chamado verso adônico. Uma provável justificativa para essa escolha pode estar no fato de que esse mesmo verso de Horácio, acompanhado de sua designação, já aparece empregado no tratado momentos antes (*GL* VI, p, 72), no mesmo capítulo *De Dactylico metro.* Assim procedendo, o gramático evita a repetição desnecessária de uma informação já que é secundária à discussão proposta na passagem.

López Eire, em seu estudo sobre os traços fundamentais da linguagem técnico-científica do grego antigo, afirma que se deve evitar a subordinação (1999, p. 20). De acordo com o autor, os textos especializados tendem a evitar construções com subordinação uma vez que aspiram à máxima objetividade e economia, assim os autores técnicos buscam simplificar as estruturas sintáticas "com a finalidade de dar a impressão de que suas descrições mediante palavras são a cópia fidedigna e estrita da realidade, sem verborreia nem verbosidade" (LÓPEZ EIRE, 1999, p. 20)[248].

Malgrado a existência da imensa diversidade de assuntos que abordam e formas que assumem os textos técnico-científicos antigos, também para Aguilar (2006, p. 31), linguagem e estilo parecem subordinados ao propósito informativo e didático da comunicação

[248] *Cf*. López Eire (1999, p. 20): *"La aspiración a la máxima objetividad y economía induce a los autores del acto de habla científico-técnico a la simplificación de las estructuras sintácticas, con el fin de dar la impresión de que sus descripciones mediante palabras son la copia fidedigna y estricta de la realidad, sin verborrea ni verbosidad"*

especializada que, a princípio, têm como traços distintivos a clareza e a concisão (AGUILAR, 2006, p.31), por isso esse autor afirma que a linguagem e o estilo desempenham um papel subserviente dentro da tradição de textos técnico-científicos. Tais qualidades tão desejáveis aos textos de finalidade didático-pedagógica, entretanto, no que diz respeito aos textos técnicos antigos, podem estar relacionadas muito mais a uma forte influência dos princípios da Retórica Clássica, contrariando a opinião dos autores acima relacionados, uma vez que clareza, brevidade foram elencadas como duas das três das virtudes da *narratio* por Cícero no diálogo *De oratore*, a terceira virtude é a verossimilhança.

> […] em seguida, que narremos o caso, e de tal forma, que a narração seja verossímil, clara, concisa; […]. Já quanto ao fato de recomendarem que a narração seja verossímil, clara e concisa, advertem-nos corretamente; quanto ao fato de julgarem que tais qualidades concernem mais particularmente à narração do que a todo o discurso, parecem-me estar bastante enganados […]. Cic. *De Orat*.2.80-3. [249]

Cícero, pela voz da personagem Antônio, considera corretas as virtudes da narração, essa deveria ser breve (*breuis*), clara (*dilucida*) e verossímil (*veri similis*), Antônio nega, entretanto, que essas qualidades sejam exclusivas dessa parte do discurso, segundo a personagem, o orador deve buscá-las ao longo de todo discurso.

É possível identificar traços dessas qualidades do discurso preceituadas por Cícero na obra de Vitorino e Aftônio, por exemplo, na elaboração da estrutura morfossintática das listagens de *exempla,* um que há mostras de como os gramáticos manipulam a língua latina e aplicam recursos pouco usuais em textos técnicos em favor da clareza textual da obra. Como grande parte das listagens do tratado métrico, a listagem de *exempla* da passagem selecionada é construída principalmente por períodos coordenados e subordinados que, por serem muito breves e apresentarem paralelismos, isto é, estruturas sintáticas que se repetem, em vez de tornarem o texto obscuro, podem ser considerados os principais responsáveis pela fluidez no encadeamento dos exemplos. Assim, ainda que López Eire (1999, p. 20) e Aguilar (2006, p. 31) afirmem que os textos técnicos devam evitar esse tipo complexo de construção, Aftônio se vale desse expediente de maneira calculada e manipula cautelosamente a organização dos períodos, o posicionamento das orações coordenadas, das subordinadas e dos *exempla* e ainda,

[249] *Cf.* Cic. *De Ora*t.2.80–3. Tradução de A. Scatolin, 2009: *[...] deinde rem narrare, et ita ut veri similis narratio sit, ut aperta, ut brevis; […]. Iam vero narrationem quod iubent veri similem esse et apertam et brevem, recte nos admonent: quod haec narrationis magis putant esse propria quam totius orationis, valde mihi videntur errare […].*

o emprego dos verbos na voz passiva impessoal e das figuras de linguagem elipse e zeugma a favor da concisão e clareza do seu enunciado.

Na passagem selecionada é possível verificar também outra característica muito frequente no córpus em análise, em especial nas listagens de *exempla*: a ausência da repetição de termos técnicos. Em busca da brevidade, os gramáticos, em sua exposição teórica, procuram evitar repetições desnecessárias por meio da supressão de termos, o que não ocorre em textos técnicos de outra natureza, como, por exemplo, no *De agri cultura*, de Catão, para quem a repetição, pelo contrário, corresponde a uma estratégia de clareza, como observa Trevizam (2014, 84-85). A justa medida das palavras na tessitura textual do tratado métrico investigado neste trabalho faz lembrar outro excerto do *De oratore* de Cícero, ainda no livro 2, em que a personagem Antônio discorre sobre o arranjo das partes do discurso e trata especificamente da *narratio:*

> Quanto ao fato de preceituarem que a narração seja breve, se devemos chamar brevidade quando nenhuma palavra está sobrando, é breve o discurso de L. Crasso; mas se a brevidade ocorre quando se empregam apenas as palavras necessárias, por vezes isso é útil; porém, não raro prejudica enormemente a narração, não apenas porque provoca a obscuridade, mas também porque lhe tolhe a virtude que é mais importante da narração, ser prazerosa e adequada à persuasão. Cic. *De Orat*.2. .326. [250]

É esperado e, até mesmo, necessário que grandezas como a clareza e a brevidade estejam dentre as primeiras preocupações na elaboração de textos técnicos, em razão da sua finalidade didático-pedagógico, isto é, devido ao seu compromisso com a instrução do leitor, à mobilização de saberes técnicos e à manipulação de vocabulário específico. Entretanto, há pelo menos dois fatores que motivam a leitura de que tais características estejam presentes nas obras de viés técnico, em especial na *Ars grammatica* de Vitorino e Aftônio, por influência da Retórica clássica e relegam a um segundo plano as características e finalidades pragmáticas dos textos técnicos.

O primeiro fator diz respeito ao contexto geral da produção escrita na Antiguidade: a crítica textual corresponde ao último estágio da etapa formal da educação romana e o

[250] *Cf.* Cic. *De Orat*.2. .326. Tradução de A. Scatolin, 2009: *"Narrare vero rem quod breviter iubent, si brevitas appellanda est, cum verbum nullum redundat, brevis est L. Crassi oratio; sin tum est brevitas, cum tantum verborum est quantum necesse est, aliquando id opus est; sed saepe obest vel maxime in narrando, non solum quod obscuritatem adfert, sed etiam quod eam virtutem, quae narrationis est maxima, ut iucunda et ad persuadendum accommodata sit, tollit".*

grammaticus, como dito anteriormente[251], era ao *poetarum interpres,* a quem caberia a edição e correção dos textos, a leitura dos tropos poéticos e dos metros, incluindo os elementos mais propriamente linguísticos e, assim como a escola do gramático representava uma etapa formal da educação romana, a retórica, que à época de Cícero gozava de prestígio e crescente importância, correspondia à parte da formação do cidadão romano na medida em que o exercício da cidadania pressupunha a capacidade de expor, de maneira eficaz, os pontos de vista e os argumentos. Desse modo, a Retórica pertencia ao campo da educação. Por esse motivo, a educação tinha por objetivo não apenas promover uma formação técnica, mas oferecer também uma formação moral.

O desenvolvimento integral do homem, isto é, moral, social, familiar e intelectual, é destacado por Quintiliano, orador e professor de retórica romano do primeiro século, cuja obra atravessa os tempos, mantendo-se relevante em vários campos das ciências humanas. Quintiliano, entretanto, não foi o único a defender o princípio do *uir bonus dicendi peritus*[252], também para Catão e, posteriormente, para Cícero, o perfeito orador é definido como "o homem bom, perito na arte de falar", isto é, à arte de bem falar, argumentar e persuadir é preconizado ainda que o ser humano perfeito deva também ser honesto, virtuoso e íntegro. Assim, é natural encontrar traços dos mais importantes princípios da Retórica Clássica na elaboração dos tratados técnicos antigos, uma vez que a Retórica era parte da formação elementar do cidadão romano, além de ser instrumento do exercício da cidadania.

Há ainda, entretanto, um outro dado que não pode passar desapercebido, o fato de Caio Mário Vitorino ter sido famoso rétor de Roma, mestre de muitos nobres senadores. Agostinho, em suas *Confesiones,* escritas entre 397 e 401 d. C., narra a história que ouvira anos antes de Simpliciano e o encontro deste com M. Vitorino, que teria ocorrido em 386 d. C., segundo Hadot (1971, 14). Eis o trecho em que Agostinho descreve a autoridade de Mário Vitorino.

> [...] ele, o tão célebre e doutíssimo ancião, o mais perito em todas as artes liberais, leitor e crítico de tantas obras filosóficas, preceptor de tantos senadores ilustres; ele, que, pelo seu insigne e notável magistério, merecera e aceitara uma estátua no Foro romano, coisa que os cidadãos deste mundo têm

[251] *Cf.* pp. 68-73.
[252] Foi este ideal do *uir bonus* que nutriu e caracteriza o pensamento educativo romano, e se acusa na obra de Catão-o-Velho, Varrão, Cícero, Séneca e Quintiliano, os quais, sem embargo de não terem escrito obras pedagógicas no sentido próprio do termo, são geralmente consideradas as figuras mais representativas das atitudes de significado histórico-pedagógico.

> por mais excelsa (AGOSTINHO, *Confissiones*, 8, 2, 3 sqq. *In*: MARIOTTI, 1967, 5).[253]

A respeito da vida e da obra de Élio Festo Aftônio, gramático contemporâneo a Mário Vitorino, por sua vez, pouco se sabe, pois restaram poucos registros de comentários às suas obras. Ainda que com poucas informações acerca da produção intelectual e da notoriedade de Aftônio, é possível reconhecer que os dados biográficos e bibliográficos apontam também no sentido de compreender a elaboração textual investida na obra *Marii Victorini Artes Grammaticae Libri IIII* à luz dos preceitos da Retórica Clássica norteadores do labor cotidiano e reconhecido dos dois autores em questão, especialmente de Mário Vitorino, que se dedicou também a comentar as obras de Cícero[254].

O orador, para ser bem sucedido, tem que adequar o pensamento e a linguagem aos temas e aos ouvintes, uma vez que cada tipo de público exige formas diferentes de discurso, de forma a que lhes sejam familiares e facilmente reconhecíveis, objetivo que se alcança, também, com descrições vivas e exemplificativas, de acordo com o princípio do *ante oculos ponere*. Há pelo menos duas[255] passagens na obra de Cícero em que o orador defende essa estratégia narrativa. Em uma dessas passagens, Antônio, a mesma personagem que defende a clareza e a brevidade da *narratio* no livro 2 do *De Oratore*, no livro 3 da mesma obra, associa a essas duas virtudes o sentido da visão:

> De fato, tanto o demorar-se num assunto, quanto uma exposição clara e a colocação dos fatos praticamente diante dos olhos, como se estivessem acontecendo, impressionam muitíssimo. Esses fatores têm enorme serventia na exposição do caso, tanto para tornar claro o que se expõe quanto para amplificá-lo, de modo que, aos ouvintes, aquilo que aumentamos pareça ser

---

[253] AGOSTINHO, *Confissiones*, 8, 2, 3 sqq. *In*: MARIOTTI, 1967, 5: *"habet enim magnam laudem gratiae tuae confitendam tibi, quemadmodum ille doctissimus senex et omnium liberalium doctrinarum peritissimus quique philosophorum tam multa legerat et diiudicaverat, doctor tot nobelium senatorum, qui etiam ob insigne praeclari magisterii, quod cives huius mundi eximium putant, statuam Romano foro meruerat et acceperat […]"*.

[254] Dois de seus comentários, *Ciceronis Topica comenta* e o *De syllogismis hipoteticis*, restam perdidos, entretanto, um tesouro para os estudiosos modernos de da obra ciceroniana, o único comentário integral sobre o *De Inventione*, sobreviveu ao tempo e ganhou recentemente nova edição crítica pela De Gruyter, em 2014, por Thomas Riesenweber (VICTORINUS, Caius Marius. *Commenta in Ciceronis Rhetorica :*Accedit incerti auctoris tractatus de attributis personae et negotio, Series: Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Edited by: Thomas Riesenweber, De Gruyter, 2014, 264p.)

[255] Um outro momento em que o princípio *ante oculos ponere* é indiretamente abordado no *De Oratore* de Cícero é excerto a seguir, m que é discutido o uso do humor e das brincadeiras no discurso oratório: "Considero ter abordado os tipos de gracejos baseados nas palavras; os baseados nos temas mais numerosos e, como disse anteriormente, são considerados mais engraçados. Entre eles encontra-se a narração, algo bastante difícil, pois é preciso apresentar e colocar diante dos olhos elementos que não apenas pareçam verossímeis, o que é próprio da narração, mas que também sejam um pouco torpes, o que é próprio do ridículo" (2. 264. Tradução de A. Scatolin, 2009, p. 249

> tão grande quanto o discurso for capaz de torná-lo (Cic. *De Orat.*3.202, Tradução de A. Scatolin, 2009, p. 302).

A retórica escolar também tratou do procedimento da descrição e exposição diante dos olhos (*descriptio* e *demonstratio*, *Rhet. Her*. 4.51 e 4.68–9). Entretanto, para ela, os procedimentos são classificados como ornamentos da elocução, e não se preceitua quando devem ser usados. No diálogo, a preceituação de figuras da elocução, que nos manuais aparecem em forma de listas e catálogos, está diluída por todo o discurso. A utilização dos *exempla* como ferramenta demonstrativa em favor da teoria do discurso gramatical legitimou-os como dados de representação da língua, consistem, portanto, em ornamentos da elocução cujo objetivo é o de demonstrar e ilustrar os preceitos discutidos pelos gramáticos em seus tratados técnicos. Para Bernard Colombat (2007, p. 71), qualquer gramática do latim comprometida com a qualidade do ensino da teoria e com a permanência dos modelos clássicos, utiliza exemplos atestados, cuidadosamente escolhidos, catalogados e manipulados. A manipulação e utilização do material linguístico do latim em favor da criação de um córpus representativo da língua por meio de exemplos no interior das gramáticas é a aplicação do princípio do *ante oculos ponere*, pelo discurso gramatical, isto é, uma forma de entregar ao leitor a máxima expressividade daquilo que diz a teoria métrica em discussão.

Aftônio parece desejar exprimir com a máxima clareza possível conceitos complexos da métrica latina, para tanto, é zeloso com a elaboração textual e com manipulação dos exemplos, chegando até mesmo a elaborar versos, por si próprio, para a demonstração dos preceitos métricos discutidos na passagem. A incessante busca pela clareza textual está, por um lado, diretamente relacionada à finalidade didática que está por detrás dos textos técnico-científicos. No que tange à métrica latina, Aftônio ambiciona, não apenas nessa passagem, mas também em todo o tratado, uma eficiente descrição e transmissão dos conhecimentos métricos, entretanto, esse propósito é dificultado pela rudeza da matéria e, principalmente, pelo emprego do vocabulário especializado que, como afirma Roby (2015, p. 7), pode ter um efeito alienante no leitor leigo, não familiarizado com a especificidade dos termos técnicos. Assim, a ausência de marcadores do vocabulário ou mesmo de estruturas sintáticas explicativas podem servir como indicadores do público para o qual o tratado está destinado. No caso do tratado de Vitorino e Aftônio é possível inferir, também por essa característica, que a obra é endereçada a um público especializado que dominava o assunto e a terminologia próprios dessa *τέχνη.* Por outro lado, a clareza e a brevidade não são características que se restringem aos textos técnicos, são, antes, “virtudes da linguagem” às quais a Retórica Clássica dedicou especial atenção. Os

exempla, enquanto mecanismo tradicional, pois recorrente e necessário às *Artes grammaticae*, são, então, o córpus representativo da língua utilizado pelos *grammatici* com o objetivo de ora ilustrar, ora argumentar, um aspecto da teoria abordado pelo discurso gramatical, esse expediente tem o poder de pôr diante dos olhos do público leitor os fatos métricos em discussão, e são utilizados pelos gramáticos em toda a sua plasticidade, podem ser replicados, rearranjados e remodelados de acordo com aquilo que se deseja demonstrar e/ou comprovar. Assim, iluminados pelas lições da Retórica, que foram transmitidas e retransmitidas por toda a cultura ocidental, os tratados técnicos antigos refletem traços dos principais princípios norteadores da "arte de bem dizer"[256], segundo Quintiliano (*Inst. Or.* II, 15, 38).

[256] QUINTILIANO, *Inst. Or.* II, 15, 38, *"... rhetoricen esse bene dicendi scientiam [...]".*

III.3. Características semânticas e estilísticas´

O rol, de inestimável valor, de informações a respeito do mundo antigo que se pode colher hoje dos textos técnico-científicos produzidos pela Antiguidade Clássica é, seguramente, um dos principais fatores que acabam por despertar o interesse dos estudos modernos por essas obras, assim, grande parte das investigações empreendidas buscam evidenciar nesses textos o seu valor referencial (FÖGEN, 2016, p. 270). Como exposto no início deste trabalho (*Apresentação,* pp. 13-21), é recente o empenho dos pesquisadores modernos por revelar as técnicas de composição, a elaboração textual e o cuidado estético que, em alguma medida, os autores técnicos antigos buscaram imprimir em suas obras (FÖGEN, 2016, p. 270; ROBY, 2015, p. 5). Pautados pelas lições da Retórica Clássica, que formavam a base da educação da civilização greco-romana (MARROU, 1969, p. 55), os autores técnicos antigos revestiram de artifícios elocutivos o plano textual daquelas obras voltadas para a transmissão do conhecimento especializado. Tais mecanismos podem ser interpretados, mesmo no contexto da literatura técnica, como um conjunto de formas destinadas à significação.

Assim, o presente capítulo se propõe a identificar e observar no córpus da pesquisa, a obra *Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical,* traços de algumas das principais lições da Retórica Clássica, com especial atenção para a elaboração do proêmio, ou *exordium,* uma das quatro partes em que o plano mais clássico da retórica divide o discurso, e para as virtudes da linguagem, a clareza e a brevidade.

III.3.1. Proêmios e preâmbulos

É recente o interesse dos pesquisadores modernos pelos proêmios dos textos técnico-científicos, de acordo com Fögen (2016, p. 270), e são ainda poucos os investigadores que demonstraram compreender que o mérito dessa estrutura que se repete sistematicamente nessas obras que desenvolvem conhecimento especializado não se resume aos graus da elaboração textual que os autores nela investiram, ou às informações que essa estrutura do discurso faz chegar até nós como as reflexões dos autores antigos sobre os aspectos formais de seus próprios tratados, sobre a feitura das obras, sobre os elementos e as qualidades das obras técnicas, ou ainda sobre o público-alvo a que estavam destinadas, pelo contrário, o seu principal valor reside no importante papel que desempenham na constituição do discurso, papel esse que os antigos não apenas reconheceram, mas também buscaram compreender e ainda normatizar as regras para sua composição.

III.3.1.1. Proêmios dos textos técnicos antigos

A Antiguidade Clássica produziu imensa variedade de escritos técnicos, no entanto, apesar das muitas e, muitas vezes, substanciais diferenças que apresentam, é possível reconhecer neles "alguns elementos pragmáticos e estilísticos que se repetem num número suficientemente grande de obras", segundo Fögen (2016, p. 270).[257]

Uma característica bastante significativa na introdução de muitas obras técnicas é a existência de prefácios ou proêmios, com diferentes níveis de elaboração, que atuam como um espaço livre em que o autor pode fornecer desde informações sobre o estilo adotado no tratado, até endereçar dedicatórias. Para Fögen (2016, p. 270), esses prefácios frequentemente são apoiados em uma grande quantidade de *topoi* retóricos, sobre os quais, questiona:

> Qual a relação entre a autopercepção dos escritores e a forma e conteúdo reais de seus tratados? Por exemplo, os princípios frequentemente descritos em seus prefácios correspondem ao corpo de suas obras, ou apenas representam elementos tópicos de retórica que são vistos como indispensáveis no contexto

[257] *Cf*. Fögen (2016, p. 270): *"some pragmatic and stylistic elements that recur in a sufficiently large number of works"*.

> de uma introdução que se debruça sobre questões metodológicas? (FÖGEN, 2016, p. 270)[258].

De acordo com Fögen (2016, p. 270), diversos escritores técnicos refletem sobre a forma específica de seus tratados em seus prefácios; neles os autores podem, inclusive, reportar-se diretamente ao público-alvo. Fögen avalia que muitas dessas passagens em que os autores fazem uma reflexão sobre o seu próprio trabalho frequentemente exibem um caráter tópico e podem nem sempre ser compatíveis com a própria natureza das obras, porém, são de particular importância, pois trazem indícios de quais elementos e qualidades os autores consideravam constitutivas de um texto técnico e de como satisfazer certas expectativas presumidas de seus leitores.

Dessa forma, os prefácios dos textos técnicos antigos, para Fögen (2011, p. 270), apesar dos muitos aspectos ainda obscuros à modernidade, representam documentos importantes para determinar as qualidades constitutivas de um texto técnico pela perspectiva de seu autor. Esse espaço introdutório da obra técnica traz, muitas vezes, considerações dos autores acerca da forma específica de seus tratados, relatos sobre os seus esforços de composição e até vários casos em que os autores se dirigem diretamente ao seu público-alvo ou ainda tecem dedicatórias elogiosas a imperadores e políticos.

Além daqueles que amparam a presente pesquisa, outros autores modernos que se dedicaram a investigações das obras técnicas também voltaram sua atenção para a presença e estruturação dos prefácios dessas obras destinadas à instrução. Por exemplo, Roby (2015, p. 3) reconhece o prefácio ou proêmio como um elemento característico das obras com veio didático e de trabalhos técnicos de diferentes tipos; para ela, esse componente atua "como um lugar para que um autor atribua (pelo menos teoricamente) um leitor ou destinatário e especifique a motivação e estrutura do texto que se seguirá" (ROBY, 2015, p. 3)[259].

Ao investigar a técnica literária dos escritores técnicos do período republicano de Roma, Albrecht (1997, pp. 523-540), por sua vez, dedica algumas páginas a um breve exame dos prefácios das obras de Varrão, Plínio, Vegécio, Catão, Frontino, Columela e outros.

---

[258] *Cf*. Fögen (2016, p. 268): *"What is the relationship between the writers' self-perception and the actual shape and content of their treatises? For example, do the principles frequently outlined in their prefaces correspond to the rest of the works, or do they just represent topical elements of rhetoric which are seen as indispensable in the context of an introduction that dwells upon methodological issues?".*

[259] *Cf*. Roby (2015, p. 3): *"place for an author to assign (at least notionally) a reader or addressee and to spell out the motivation and structure of the text that is to follow".*

Resguardadas as diferenças de estilo, assunto e interesses, Albrecht afirma haver entre elas características comuns, "a maioria dos autores exalta a importância de sua contribuição"[260]. O pesquisador ainda identifica uma associação direta entre a elaboração literária do texto técnico e o público-alvo ao qual ele se dirige, mesmo que, muitas vezes, o nível de elaboração alcançada pelo autor técnico no prefácio de sua obra não se sustente no restante dela:

> Nos *praefationes* a importância e a dificuldade do tema são assinaladas, os critérios de exposição são justificados e um esboço da estrutura é apresentado. Esses prefácios apresentam com frequência pretensões estilísticas maiores que a obra propriamente dita. [...] Considerações sobre a atividade literária pessoal são expressadas sobretudo nos proêmios das obras. As reflexões literárias dos autores dependem do público (ALBRECHT, 1997, 533)[261].

Também é frequente encontrar no terreno dos comentários e dos escritos gramaticais autores que se dedicaram à elaboração de prefácios ou proêmios para as suas obras. No caso dos comentários, essas introduções, de acordo com Cantó (2011, p. 750), podiam conter desde dados gerais sobre os poetas selecionados, sua vida e suas obras, além de considerações sobre a organização, gênero, estilo e metro empregados nas obras objeto das análises. Um dos poucos comentários completos de que se dispõe hoje é o de Donato a Terêncio, que é precedido por uma introdução na qual o gramático busca discutir questões de gênero e detalhes de gramática elementar, o que confere ao comentário um "caráter escolar"(CANTÓ, 2011, p. 751). O prólogo do comentário de Sérvio à *Eneida* de Virgílio, outro que se conserva completo, apresenta as mesmas características daquele de Donato a Terêncio, embora seu desenvolvimento seja mais sucinto:

> Tudo isso aparece recolhido de uma forma concisa no prólogo de Sérvio à Eneida; há exemplos de introduções mais extensas, como a que Donato inclui no princípio do comentário a Terêncio. Além dessa introdução formal, provavelmente o *grammaticus* fornecia certas explicações nos momentos em que se abordavam partes da obra com entidade própria" (CANTÓ, 2011, p. 750)[262].

---

[260] *Cf.* Albrecht (1997, p. 534): *"La mayoría de los autores exalta la importancia de su parcela".*

[261] *Cf.* Albrecht (1997, p. 3): *"En las praefationes se subrayan de buena gana la importancia y la dificultad del tema, se justifican los criterios expositivos y se presenta un esbozo de la estructura. Estos prefacios presentan con frecuencia pretensiones estilísticas más grandes que la obra propiamente dicha. […] Consideraciones sobre la actividad literaria personal son expresadas sobre todo en los proemios de las obras. Las reflexiones literarias de los autores dependen del público".*

[262] *Cf.* Cantó (2011, p. 750): *"Una vez escogido el texto objeto de estudio, y antes de abordarlo, el grammaticus hacía una breve introducción justificando la elección, y ofreciendo algunos datos generales sobre el poeta, su vida y sus obras, sobre el título y la disposición de la obra escogida, el género al que pertenece, el estilo y el metro empleado. Todo ello aparece recogido de forma concisa en el prólogo de Servio al comentario a la Eneida; hay ejemplos de introducciones más extensas, como la que Donato incluye al principio del comentario a Terencio.*

De acordo com Cantó, além do proêmio, há outros espaços nos escritos técnicos gramaticais, como intervalos entre capítulos e preâmbulos entre uma seção e outra da obra, em que os gramáticos desenvolvem reflexões sobre a natureza e a importância de seu próprio trabalho e o público alvo para o qual é dirigido, além de, muitas vezes, realizarem nesses espaços a exposição dos objetivos de sua empresa e de aspectos de organização e estilo.

III.3.1.2. Teoria antiga sobre os proêmios

O proêmio, ou *exordium*, é parte constituinte da poesia, da oratória, da prosa historiográfica e também da literatura técnica antiga ,e seus elementos, conceitos e estratégias discursivas foram amplamente discutidos pelo mundo antigo, principalmente pela Retórica Clássica. Os fundamentos dessas noções têm origem em Aristóteles e estão também, dentre os latinos, na *Retórica a Herênio,* o mais antigo tratado retórico latino de que dispomos, erroneamente atribuído a Cícero, sendo hoje, quase unanimemente atribuído a Cornifício (séc.I a.C.), de quem falará mais tarde, Quintiliano. Aristóteles e Hermágoras são suas principais fontes, entretanto, os gêneros aristotélicos (judiciário, demonstrativo e deliberativo) são retomados e, em seguida, a técnica retórica é subdividida segundo fizera Crisipo (invenção, elocução, disposição, recitação), com um acréscimo, a memória. Assim, a divisão da matéria retórica, já em sua terminologia latina, compreende cinco partes: *inventio,* a *dispositio,* a *elocutio,* a *memoria* e a *pronunciatio.* Já a subdivisão do discurso (na *dispositio*) se dá em seis partes: o *exordium,* a *narratio,* a *propositio,* a *argumentatio* e o *peroratio.*

Das sete artes liberais, a retórica é a segunda e é dividida em quatro partes, a invenção (*heurésis,* em grego), a disposição (*taxis*), a elocução (*lexis*) e a ação (*hypocrisis*), as quais representam as quatro fases pelas quais passa, ou deve passar, a composição de um discurso (CURTIUS, 1996, p. 108). Aristóteles enquadra o exórdio na disposição, "a segunda das quatro partes da retórica, que regula a ordenação dos argumentos, donde resultará a organização interna do discurso, seu plano". (REBOUL, 2004, p. 43).

Na *Retórica a Herênio,* a mais antiga das artes retóricas latinas, o proêmio é considerado a primeira das seis partes do discurso, as demais são a narração, a divisão, a confirmação, a

---

Además de esta introducción formal, probablemente el grammaticus daba ciertas explicaciones en los momentos en que se abordaban partes de la obra con entidad propia".

refutação e a conclusão ou, com os nomes latinos, *exordium, narratio, divisio, confirmatio, confutatio* e *conclusio* (LAUSBERG, 1982, p. 70). Essa obra do séc. I. a.C. cuja autoria é desconhecida define que a função do exórdio é conseguir, logo de início, a atenção, benevolência dos ouvintes e torna-los aptos para o discurso enquanto o orador deve "poder discorrer sobre aquelas coisas que o costume e as leis instituíram para o uso civil mantendo o assentimento dos ouvintes até onde for possível"[263]

Assim, o exórdio, ou prefácio é, o início, a preparação do ouvinte/leitor para receber o discurso, o seu escopo, define Reboul é elucidar a finalidade do discurso, de modo que a sua função é "essencialmente fática" (2004, p. 55), como define Aristóteles:

> A função mais necessária e específica do proêmio é, por conseguinte, pôr em evidência qual a finalidade daquilo sobre que se desenvolve o discurso. (ARISTOTELES, cap. 14, 1415a)

Três são as faculdades do proêmio na teoria da retórica antiga: a *benevolentia*, a *docilitas* e a *attentio*, por isso ao exórdio importava ganhar o ouvinte fazendo-o *benevolum*, *attentum* e *docilem*, assim, de acordo com Aristóteles:

> Os elementos que se relacionam com o auditório consistem em obter sua benevolência, suscitar a sua cólera e, por vezes, atrair a sua atenção ou o contrário. Na realidade, nem sempre é conveniente pôr o auditório atento, razão pela qual muitos oradores tentam levá-lo a rir. Todos estes recursos, se se quiser, levam a uma boa compreensão e a apresentar o orador como um homem respeitável, pois a este os auditores prestam mais atenção. São também mais atentos a temas mais importantes, a coisas que lhes digam respeito, às que os encham de espanto, às agradáveis. E por isso é que é necessário introduzir a ideia de que o discurso é acerca de coisas deste gênero (ARISTOTELES, cap. 14, 1415a).

A ênfase dada ao aspecto persuasivo dos proêmios está dentro dos domínios da elaboração textual dos discursos produzidos pela Antiguidade Clássica que tangenciam, do mesmo modo, o domínio dos textos técnicos, mesmo que a estetização da mensagem não seja, neles, o objetivo central. O texto técnico, assemelha-se, de alguma forma, ao gênero epidítico da retórica clássica, uma vez que a sua função é demonstrativa, o ouvinte/leitor é apenas espectador, isto é, não é chamado a julgar ou convidado como consultor, como nos gêneros judicial e deliberativo, sua atenção recai sobre o que lhe está sendo apresentado, devendo, portanto, apenas deleitar-se e instruir-se. Os proêmios dos textos técnicos são, assim,

[263] *Cf*. Her. I, II, 2: *"Oratoris officium est de iis rebus posse dicere quae res ad usum civilem moribus et legibus constitutae sunt, cum adsensione auditorum quoad eius fieri poterit.".*

principalmente, um convite, no caso da obra de Vitorino e Aftônio, um convite à doutrina métrica.

III.3.1.3. Análise

A presente pesquisa se debruça sobre os *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* a despeito da dupla autoria do volume, como expresso no princípio dessa tese (*Esclarecimentos*). Assim, este trabalho admite a proposição de Mariotti (1967, p. 50) e de Hadot (1971, p. 25), de que a obra é composta pelo excerto inicial de um tratado de gramática, cuja autoria é atribuída a Mário Vitorino e por um compêndio dedicado ao estudo dos metros horacianos, que corresponde às páginas finais do volume, também atribuído a esse gramático. A grande porção central da obra, propriamente voltada para os estudos da doutrina métrica, entretanto, é imputada a Élio Aftônio. Desse modo, à proposta de observar o proêmio do córpus selecionado para esta investigação faz-se, de início, uma ressalva, a de que este trabalho não pretende esquadrinhar a questão da autoria do texto ou direcionar a análise para o debate desse assunto, mas sim voltar o olhar para aqueles elementos mencionados acima, pertencentes à Retórica Clássica aplicados à construção do tratado técnico em exame, que sirvam à comprovação desta tese.

A obra, composta por quatro livros e subdividida em capítulos, apresenta, ao início do primeiro livro "Sobre a ortografia e a lei métrica", comentários à guisa de introdução à arte métrica. A reprodução do texto integral do proêmio, passagem generosa, tem o intuito de trazer para a observação a totalidade da expressão de Vitorino, bem como a apresentação integral dos conceitos que norteiam a doutrina métrica, desse modo, a obra tem início, como ordenam os princípios da retórica, pelo princípio: pela exposição da própria Arte.

> LIVRO PRIMEIRO SOBRE A ORTOGRAFIA E A LEI MÉTRICA
>
> Alguns escritores das artes gramaticais começaram pela arte, outros pela gramática, alguns ainda pela definição, outros pelo som ou pela letra. A arte, como acredita Aristão, é um conjunto que parte de percepções e experiências e leva a alguma finalidade na vida, isto é, tudo aquilo que, em geral, modela o intelecto mediante determinados preceitos para o nosso proveito. De que forma Aristóteles? * *τέχνη ἐστὶ σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρός ‹τι › τέλος εὔχρηστον τῷ βίῳ συνουσῶν*. Nós também? A arte é a totalidade das coisas tangíveis e praticáveis que tendem para outro objetivo da vida. Quantas são as contradições apresentadas para essa arte? Três. Quais? *κακοτεχνία, ψευδοτεχνία, ματαιοτεχνία* Por outro lado, o que é a arte gramatical? Teoria do discurso e poemas. Em quantos modos distingui-los? Três. Quais? Através do intelecto dos poetas, pelo raciocínio claro ao falar e

> escrever. Quantas destas muitas partes ensinam? Duas. Quais? εξηγητιχήν e οὐριστιχήν. Qual é εξηγητιχή? É a que explica. Qual é οὐριστιχή? É a que define. Como Varrão explicita: "a arte gramatical, que para nós corresponde à literatura, é a ciência *daqueles*, aquela que é nomeada pelos poetas, historiadores e oradores como a mais importante". As principais ocupações deles são quatro, como Varrão diz: "escrever, ler, interpretar e apreciar". Como afirma Aristão, "a gramática é a ciência que poetas e historiadores dominam, sobretudo o modo de falar conduzindo aos preceitos e uso.". "A definição é", como dizia Cícero, "um discurso oratório que mostra qual é a matéria de que tratamos mais concisamente" (*GL VI*, p.3)[264].

A introdução ao terceiro capítulo, passagem ainda mais farta, apresenta também as tradicionais características de um proêmio, conforme ficou estabelecido anteriormente (no item *Teoria antiga sobre os proêmios* desde trabalho). Nesse momento do tratado, introdução de novo capítulo, Aftônio busca não apenas apresentar a matéria nova que terá desenvolvimento naquela seção do tratado, mas, antes, recapitula os tópicos teóricos analisados na seção anterior. De modo que a passagem assuma, com isso, aspecto e tom de síntese, resenha que, porém, não tarda a dar lugar ao entusiasmado anúncio das matérias que competem a esse novo livro.

> LIVRO TERCEIRO SOBRE A REGRA DOS METROS UNIDOS ENTRE SI E MISTOS
>
> Tendo discorrido sobre os pontos principais e os elementos fundamentais dos metros em nove categorias, que os gregos nomearam "protótipos", ao as chamarem como suas primeiras figuras, ou seja, como já disse antes, os primeiros embriões dessa arte; daí, julgo que é conveniente aprender de acordo com a própria origem desse conhecimento, tais embriões, derivados como que a partir das mesmas fontes para inumeráveis categorias de metros, parecem ter se originado ora por adição, ora por supressão, ora por transposição ou por rearranjo. E, embora tudo isso não possa ser expresso por sua imensa variabilidade, visto que existem inumeráveis figuras de composição, seja as que a idade antiga nos legou, ou as que a seguinte produziu inventando com uma imitação rival. Entretanto, tudo o que tiver sido descoberto e que ou é utilizado frequentemente ou um melhor exemplo recomenda que seja adotado revelarei, tanto quanto eu puder, com uma investigação cuidadosa para que,

[264] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 3): "LIBER PRIMVS:DE ORTHOGRAPHIA ET DE METRICA RATIONE
*Artium grammaticarum scriptores quidam ab arte coeperunt, quidam a grammatice, quidam a definitione, quidam a uoce, quidam a littera. ars 'ut Aristoni placet' collectio est ex perceptionibus et exercitationibus ad aliquem finem uitae pertinens, id est generaliter omne quicquid certis praeceptis ad utilitatem nostram format animos. Aristoteles quomodo? * τέχνη ἐστὶ σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρός ‹τι › τέλος εὔχρηστον τῷ βίῳ συνουσῶν. nos qualiter? ars est summa rerum † dictio comprehensarum atque exercitatarum ad aliquem uitae finem tendentium. huic arti quot contraria opponuntur? tria. quae? κακοτεχνία, ψευδοτεχνία, ματαιοτεχνία. grammatica autem ars quae est? spectatiua orationis et poematos. haec quot modis discernitur? tribus. quibus? intellectu poetarum et recte loquendi scribendique ratione. huius plerique quot partes tradiderunt? duas. quas? ἐξηγητικήν atque ὁριστικήν. quae est ἐξηγητική ? quae enarrat. quae ὁριστική ? quae definit. ut Varroni placet, ars grammatica, quae a nobis litteratura dicitur, scientia est ‹rerum› quae a poetis, historicis oratoribusque dicuntur ex parte (0066) maiore. eius praecipua officia sunt quattuor, ut ipsi placet: scribere, legere, intellegere, probare. ut Aristoni placet: grammatice est scientia poetas et historicos intellegere, formam praecipue loquendi ad rationem et consuetudinem dirigens. definitio est ° 'ut ait Cicero' ‹oratio› quae quid sit de quo agitur ostendit quam brevissime".*

> imediatamente após isso, por meio do ensino dos preceitos que regem esse conhecimento, aqueles metros que nos enganam sejam compreendidos mais facilmente nos poetas, bem como de que metros originais surgiram, com que ornatos foram formados, quer pareçam ter sido repartidos em tal fração de tempos, quer reunidos em uma combinação. A disposição dos metros entre si traz, de fato, um imenso prazer ao ser compreendida e, por meio dela, podemos tanto entender rapidamente aquela que foi ensinada sob todos os tipos de regras dos antigos, quanto conceber e dar forma a muitas novas, através de um trabalho capaz de rivalizar com o deles. Há, pois, uma variedade formal dos metros entre si que deriva desde uma origem que deve ser estudada a partir dos nove protótipos e uma quantidade inumerável deles, oriunda de um número predefinido como o daqueles embriões de metro, assim como aquela caixinha de Arquimedes feita de quatorze lâminas de marfim que se mostra ora com quadrados, ora com triângulos, ora com ambas as figuras, montadas de várias formas e como que confeccionadas para ensinar aquela arte por meio de certas peças Pois, da mesma forma que com um número múltiplo, predefinido e determinado de peças e sob a forma das mesmas e variadas superfícies, são formados ora um navio, ou uma espada, ora um arbusto e ainda quaisquer outras formas que se queira, do mesmo modo, propaga-se a múltipla abundância de uma enorme variedade de metros, a partir de um número definido e compreendido, desde a origem, entre dez protótipos. Com efeito, assim como quando há seja o talento de quem exercita tais coisas, seja o julgamento da vontade, produzem-se também os aspectos multiformes dos metros. [...] (*GL* VI, p. 100)[265].b

Os proêmios são espaços do texto técnico em que o autor não somente consegue afastar-se da matéria técnica, como também posicionar-se sobre o assunto, deixando entrever, inclusive, traços de sua opinião particular. É interessante analisar esse expediente a partir dos princípios da retórica, que destaca o papel do *ethos*, na disposição das matérias, principalmente nesse dispositivo do discurso. Nas passagens é possível verificar que os gramáticos se preocupavam em compor um *ethos* que lhes assegurasse credibilidade, outro dos conceitos

[265] *Cf.* Vitorino (*GL* VI, p. 100): "LIBER TERTIVS: *CONIVUNCTIS INTER SE ET MIXTIS METRIS PRAGMATICUS. Decursis metrorum per novem species fastigiis elementisque principalibus, quae Graeci πρωτότυπα velut primas figuras appellando nominarunt, scilicet artis huiusce prima, ut ita dixerim, semina, discendum dehinc secundum ipsam disciplinae originem consentaneum reor, quae ex isdem veluti fontibus derivata ad innumerabiles metrorum species nunc per adiectionem, nunc detractionem aut transmutationem vel concinnationem processisse videantur. Et quamvis non queant omnia ob immensam sui copiam comprehendi, utpote cum sint innumerabiles figurae compositionum, seu quas prisca aetas dedit, seu quas sequens aemula imitatione excogitando produxit, tamen ex his quae aut frequens usus celebrat aut potior auctoritas recipiendo commendat, prout potero, sollicita investigatione comprehensa depromam: quo subinde ea quae fallunt apud poetas metra praeceptis disciplinae instruendis facilius intellegantur, qua metrorum origine exorta, qua specie figurata aut situ temporum digesta aut copulatione conexa videantur. Habet enim metrorum inter se ratio summam in cognoscendo voluptatem, qua et veterum sub quacumque lege tradita celeriter comprehendere et multa ipsi aemulante studio nova concipere animo atque informare possimus. Ita enim metrorum, quae ex origine noscenda e prototypis novem profluunt, inter se varietas multiformis et de praefinito veluti quorundam seminum numero innumerabilis copia est, ut ille loculus Archimedius e quattuordecim crustis eburneis, nunc quadratis, nunc triangulis, nunc ex utraque specie varie figuratis, [et] velut quibusdam membris artis struendae causa compositus proditur. Nam ut in illo praefinito ac determinato crustarum numero multiplici earundem variatarum specie nunc navis, nunc gladius, nunc arbuscula et siqua alia figurantur, ita metrorum certo ex origine numero intra decem prototypa comprehenso multiplex admodum varietatis copia propagatur. Nam ut [ea] exercentis aut ingenium aut voluntatis arbitrium est, ita varie ac multiformes metrorum species proferuntur [...]".*

previstos pelos postulados aristotélicos. Está associado às provas que alcançam a persuasão dos interlocutores que são levados a reagir ao texto com benevolência, docilidade e atenção.

Segundo as sistematizações da retórica, o *ethos* corresponde à imagem que o interlocutor terá daquele que produz o texto, manifestando-se no conteúdo e no modo com que algo é expressado. Por isso, o locutor compõe discursivamente uma imagem que seja convincente, que produza confança nos ouvintes, visando a influenciá-los afetivamente. Assim, embasados por este arcabouço teórico, acreditamos que o *éthos,* na obra de Vitorino e Aftônio, é construído de modo muito particular nos textos dos proêmios dos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Grammatical*

III.3.2. Clareza e brevidade

Para além da inserção de um prefácio ou proêmio mais ou menos elaborado, conforme o autor e o assunto tratado, os autores técnicos demonstram preocupações com aspectos outros como a disposição do material na obra, a clareza e a brevidade da linguagem. Tais questões, segundo pesquisadores modernos, foram observadas com cuidado e dedicação em muitas obras técnicas da Antiguidade e estão intimamente ligadas à finalidade didática a que esses textos estão destinados.

III.3.2.1. A sistematicidade, clareza e brevidade nos textos técnicos antigos

No nível pragmático-linguístico, de acordo com Fögen, a organização sistemática do conteúdo apresentado é uma característica comum das obras técnicas. Os autores, em geral no proêmio de suas obras, preocupam-se com tecer reflexões sobre seus próprios trabalhos,

> Uma característica que é repetidamente enfatizada é a disposição cuidadosa do material em que o autor do texto alega ter investido grande esforço[...]. Em alguns casos, o arranjo sistemático de fatos e figuras é apresentado como uma vantagem sobre outros trabalhos, e se diz que seus autores foram menos meticulosos em relação à estrutura (FÖGEN, 2016, 270)[266].

[266] *Cf.* Fögen (2016, p. 270): *"A characteristic feature that is repeatedly emphasized is the careful disposition of the material in which the author of the text claims to have invested a great deal of effort (see e.g. pedanius Dioscurides, De mat. med. praef. 3-5; further philon, Belop. 49 W. [p. 106 Marsden = p. 240 Köchly and rüstow vol. 1]). In some cases, the systematic arrangement of facts and figures is presented as an advantage over other works whose authors are said to have been less meticulous with regard to structure".*

Em relação à organização da matéria a ser apresentada, Fögen relata também que alguns autores criaram para suas obras uma espécie de sumário com o objetivo de fornecer uma visão geral útil para os seus leitores: "esta é uma ferramenta particularmente conveniente para os usuários ocupados como reis ou políticos que não têm tempo para assimilar todo o trabalho" (Fögen, 2016, p. 270)[267]. Albrecht (1997), de sua parte, afirma que, para a literatura técnica antiga, uma estrutura clara e precisa é determinante, e destaca ainda que a sistematicidade apresentada por essas obras técnicas pode ter origem no sistema da retórica antiga:

> A ordenação do material é sistemática. Como modelo para as outras disciplinas, pode ter servido o sistema da retórica: divide-se o âmbito da matéria em gêneros, estes em espécies e subespécies, etc. A disposição fixada no começo é respeitada rigorosamente. Desse modo se comportam particularmente Varrão, Vitrúvio e Celso. Em setores que não podem ser subdivididos sistematicamente, o material é agrupado em função do conteúdo (Apício e Frontino) (ALBRECHT, 1997, p. 532).[268]

Albrecht comenta brevemente que, para determinadas especialidades, a ordenação do conteúdo nas obras técnicas poderia ocorrer de maneira distinta, como, na medicina, *a capite ad calcem*, em Celso, Escribônio, Largo e mesmo em Plínio; nas obras sobre geografia e navegação, a exposição, em geral, tem início "por um tratamento físico-matemático sobre a forma da terra" (ALBRECHT, 1997, p. 533)[269]; e ainda, por exemplo, as obras sobre a língua latina de Varrão e Vérrio Flaco: enquanto o primeiro hierarquiza o conteúdo, o segundo prefere a disposição alfabética dos vocábulos.

As diferentes formas de sistematizar o conteúdo teórico-prático de uma obra técnica, portanto, não são alheias a um modelo organizador, mas consideram, em primeira instância, a matéria da qual tratam. Por fim, Guerreira (1997) analisa a relação entre as disciplinas e as artes liberais, bem como a forma pela qual essa relação pode ter influenciado a sobrevivência de tais obras técnicas:

> Por fim, no que diz respeito à relação entre a forma estabelecida dos escritos e seu conteúdo, é necessário notar o fato de que, talvez por razões não casuais, de Roma foram conservados vários manuais de assuntos que nunca apareceram na educação enciclopédica tradicional de origem helenística: por

[267] *Cf.* Fögen (2016, p. 532): *"This is a particularly convenient tool for busy users such as kings or politicians who do not have time to digest the entire work".*
[268] *Cf.* Albrecht (1997, p. 270): *"La ordenación del material es sistemático. Como modelo para otras disciplinas puede haber servido el sistema de la retórica: se divide el ámbito de la materia en géneros, éstos en especies, subespecies, etc. La disposición fijada al comienzo es respectada rígurosamente. De este modo se comportan particularmente Varrón, Vitrubio e Celso. En sectores que no pueden ser subdivididos sistemáticamente, el material es agrupado por razones de contenido (Apicio, Frontino)".*
[269] *Cf.* Albrecht (1997, p. 533).

> exemplo, nunca a agricultura nem a agrimensura fizeram parte das artes liberais desde Xenócrates ou Arcesilau, passando por Varrão, Cícero, Sêneca, Quintiliano ou o próprio Apuleio, até chegar a Orígenes, Gregório ou Agostinho. Algumas vezes eram introduzidas a medicina, a arquitetura ou o direito; outras vezes era eliminada a dialética, a aritmética ou a astronomia, mas certas matérias não apareceriam nunca em tal modelo educacional (GUERREIRA, 1997, 759)[270].

Uma vez que os textos técnicos voltam-se para a transmissão de conhecimentos, e que correspondem a procedimentos e práticas do cotidiano do homem antigo, organizados e sistematizados em textos escritos que regulam os ofícios e auxiliam na sua transmissão, o postulado da sistematicidade é frequentemente associado ao da clareza linguística, com o objetivo de evitar a ambiguidade. Roby (2015, p. 7) sintetiza a importância da clareza na linguagem técnica associando-a à presença da terminologia específica, que é característica desse tipo de texto:

> A clareza de todos os tipos de terminologia técnica é muitas vezes relacionada a um ideal de univocidade, portanto, um dos mecanismos habituais para a formação da terminologia técnica é restringir o significado de uma palavra existente para uma esfera semântica muito menor. [...] O resultado desse processo de estreitamento de significado pode naturalmente implicar que uma única palavra signifique coisas diferentes em diferentes domínios, ou que variantes próximas surjam para descrever fenômenos relacionados. A terminologia técnica também pode ser desenvolvida ou diferenciada através de transferência de significado, seja pelo processo de metáfora seja pelo de metonímia. Todos esses mecanismos podem ser mobilizados para criar terminologias que sinalizem claramente sua aplicabilidade a um domínio técnico específico (ROBY, 2015, p. 7)[271].

O capítulo *Características lexicais* deste trabalho buscou destacar a importância e complexidade da terminologia dos textos técnicos antigos ressaltando os principais fatores que implicam na sua constituição, atualização e nos processos que levam à sua padronização e

---

[270] *Cf*. Guerreira (1997, p. 270): *"Para terminar, con respecto a la relación entre la forma establecida de los escritos y su contenido, hay que hacer notar el hecho de que, quizá por razones no casuales, de Roma hemos conservado varios manuales de materias que nunca figuraron en la educación enciclopédica tradicional de origen helenístico: nunca la agricultura ni la agrimensura, por poner un ejemplo, formaron parte de las artes liberales desde Jenócrates o Arcesilao, pasando por Varrón, Cicerón, Séneca, Quintiliano o el propio Apuleyo (Fbr. 20), hasta llegar a Orígenes, Gregorio o Agustín. Unas veces se introducía la medicina, la arquitectura o el derecho, otras se eliminaba la dialéctica, la aritmética o la astronomía, pero ciertas materias no aparecerían nunca en dicho modelo educativo".*

[271] *Cf*. Roby (2015, p. 7): *"The clarity of technical terminology of all kinds is often related to an ideal of univocality; hence one of the usual mechanisms for forming technical terminology is to narrow down the meaning of an existing word to a much smaller semantic sphere. [...] The result of such a narrowing process may of course be that a single word signifies different things in different domains, or that close variants arise to describe related phenomena. Technical terminology may also be developed or differentiated through metaphorical or metonymic transfer of significance. All these mechanisms can be engaged to create terminologies that clearly signal their applicability to a particular technical domain".*

estabilidade. Em conjunto com os aspectos ora abordados, isto é, a sistematização do assunto tratado nas obras de viés técnico e os princípios da clareza linguística, aos quais é necessário associar também a brevidade, deixam ainda mais evidente as motivações didáticas dos textos técnicos antigos.

Fögen (2016, p. 271) destaca que a brevidade (*συντομία* ou *breuitas*) é, como a clareza da linguagem e a sistematização do conteúdo veiculado pelo texto técnico, outro elemento que os escritores técnicos antigos parecem considerar essencial:

> Além da sistematização e da clareza, os escritores técnicos antigos avaliam regularmente o escopo e o tamanho adequados de suas obras. Embora esses fatores dependam, sem dúvida, de vários critérios, em particular do público-alvo, os autores mostram-se normalmente ansiosos para limitar sua exposição ao essencial, abstendo-se de incluir elementos supérfluos (FÖGEN, 2016, p. 271)[272].

A clareza e a brevidade são, portanto, propriedades necessárias para a linguagem técnica em particular, e, dessa forma, perfazem condição de existência de uma uniformização entre os autores e textos de determinada *τέχνη*, e são também garantia da aplicação didática bem-sucedida dos conhecimentos e práticas técnicas ali descritos.

Embora seja verdade que a maioria dos autores técnicos se concentra em instruções e informações factuais e não lida com quaisquer temas elevados, é equivocado acreditar que todos eles dispensem qualquer pretensão estilística, pois, segundo Fögen:

> a teoria e a prática nem sempre se sobrepõem. Como se pode observar em muitos prefácios de tratados técnicos antigos, vários autores se esforçam por demonstrar suas habilidades retóricas e transcender os limites estritos de um estilo simples (FÖGEN, 2016, p. 450)[273].

Segundo López Eire (1999, p. 20), a linguagem técnico-científica está marcada por uma extraordinária precisão, por uma grande exatidão e rigor na expressão, o uso da função referencial, designativa ou denotativa da linguagem. Predomina, assim, a expressão do que é substancial, essencial e fundamental, uma grande sobriedade, economia e concisão. Decerto, a maioria dessas características pode ser verificada em grande parte dos textos técnicos antigos,

---

[272] *Cf.* Fögen (2011, p. 271): *"Apart from systematicity and clarity, ancient technical writers regularly ponder the adequate scope and size of their works. While such factors undoubtedly depend on several criteria, in particular the target audience, authors are typically eager to limit their exposition to the essential and refrain from including superfluous elements".*

[273] *Cf.* Fögen (2011, p. 450) *"theory and practice do not always overlap. As can be observed in many prefaces to ancient technical treatises, several authors strive to demonstrate their rhetorical skills and transcend the narrow boundaries of a simple style".*

incluindo aqueles que tratam da gramática e da métrica, ainda que, segundo o autor, tais características possam, em alguma medida, dar lugar a uma espécie de subjetivismo, personalismo e conotação, como o que ocorre, por exemplo, nos preâmbulos dos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical.*

III.3.1.1. Teoria antiga sobre clareza e brevidade

Independentemente do assunto de que tratem, ou da forma que assumam, quando são examinados os tratados técnicos antigos, é imprescindível a consideração das perspectivas retóricas. Postulados de filósofos e oradores como Aristóteles e Cícero regiam a composição letrada apontando normas e modelos de escrita que deveriam ser seguidos. Esses modelos eram transmitidos por meio do ensino, conforme já foi apontado no início deste trabalho (no capítulo *Antecedentes gregos e desenvolvimentos romanos dos textos técnicos)* e deviam ser acomodados para que um discurso fosse tido como adequado.

Desde a Antiguidade a clareza da linguagem já era considerada como um elemento fundamental para a construção do discurso. Quintiliano, escrevendo no séc. I d.C., no livro 8 da sua *Institutio oratoria*, recomenda: 1) que palavras devem ser usadas de uma maneira tal que não se desviem do seu significado original, 2) que é preciso rejeitar elementos que não fazem parte do uso comum, como arcaísmos, neologismos e regionalismos e, além disso, 3) uma estrutura sintática pouco clara, frases extremamente longas, hipérbatos ou parênteses longos devem ser evitados, uma vez que são susceptíveis de criar ambiguidades. São características da *narratio*, a *brevitas*, a *perspicuitas* e a *probatio.* Para o mestre de oratória, há uma clara oposição entre a entre a *perspicuitas* (clareza) como *uirtus* (virtude) e sua descaracterização, que é a *obscuritas* (obscuridade, ambiguidade) como *uitium* (vício, defeito).

> A clareza diz respeito principalmente às palavras, mas essa mesma propriedade não deve ser tomada de uma única forma. O primeiro sentido é a denominação própria de cada coisa, que nem sempre pode ser usada, porque devemos evitar os termos obscenos, sujos e baixos, pois estão abaixo da dignidade do assunto e da posição do orador. Na tentativa de fugir ao erro, frequentemente se equivocam alguns que receiam empregar qualquer palavra do uso corrente, ainda que a situação o faça necessário. É o caso do orador que, em discurso, mencionava umas “ervas ibéricas”, das quais apenas ele tinha conhecimento, o que teria sido em vão se Cássio Severo, zombando de

> sua inutilidade, não tivesse dito se tratar, na verdade, de esparto (QUINTILIANO, *Inst. Or*.2, 8, 2)[274].

Essas mesmas características dos textos técnicos, segundo Fögen, poderiam, até mesmo estar associadas às do "estilo simples" (*genus subtile*) da teoria retórica antiga, uma vez que essas obras de conhecimento especializado e seus autores estão imbuídos de suas lições. De acordo com Fögen (2016), o tema e mesmo o público-alvo, são determinantes para a escolha do nível estilístico na retórica antiga: "a maioria dos textos técnicos centra-se na instrução e na informação factual (*docere*) e não lida com temas grandiosos, portanto, não há necessidade de um estilo elevado, o que seria considerado inapropriado para o assunto" (FÖGEN, 2016, p. 450)[275].

[274] *Cf.* QUINTILIANO, Inst. Or.2, 8: *[2] I. "Perspicuitas in verbis praecipuam habet proprietatem, sed proprietas ipsa non simpliciter accipitur. Primus enim intellectus est sua cuiusque rei appellatio, qua non semper utemur. Nam et obscena vitabimus et sordida et humilia. II. sunt autem humilia infra dignitatem rerum aut ordinis. In quo vitio cavendo non mediocriter errare quidam solent, qui omnia quae sunt in usu, etiam si causae necessitas postulet, reformidant: ut ille qui in actione Hibericas herbas se solo nequiquam intellegente dicebat, nisi inridens hanc vanitatem Cassius Severus spartum dicere eum vere indicasset"*

[275] *Cf.* Fögen (2016, p. 450) *"The majority of technical texts focus on instruction and factual information (docere) and do not deal with any sublime themes, therefore, there is no need for an elevated style, which would be regarded as inappropriate for the subject matter".*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. (BENVENISTE, 1989, p. 252. *In* KRIEGER, 2000, p. 210)

Ao mesmo tempo em que a utilização de termos técnicos inequívocos, que trabalham em função da clareza e objetividade do texto, e dos monorreferenciais, que também contribuem para dirimir as ambiguidades do texto técnico, termos que caracterizam a linguagem especializada, o vocabulário técnico que se destaca pela alta precisão semântica é um dos principais fatores responsáveis por garantir a univocidade e a estabilidade da terminologia de uma dada *τέχνη.* Se, por um lado, a manutenção de uma terminologia técnica uniforme, por constituir um padrão para os estudos e descrições, é necessária para a construção e propagação do conhecimento técnico, não se pode negar que não é apenas o uso da linguagem comum que está sempre em movimento, como afirma Varrão[276], mas também a linguagem técnica passa por esse movimento. No discurso metalinguístico antigo, por exemplo nas obras de Varrão, Quintiliano, Donato e Diomedes, deu-se o alvorecer das discussões sobre o uso e variação da linguagem que tanto despertam o interesse do pensamento linguístico moderno.

No que diz respeito à literatura técnica antiga, tais discussões são matizadas principalmente em função da terminologia técnica em toda sua complexidade, o que tentamos, neste trabalho, esquadrinhar, com o olhar voltado, num primeiro momento, para a terminologia das *Artes metricae*, propondo-lhe uma definição e examinando os processos que favoreceram a sua constituição, bem como aqueles outros que a atualizaram, ampliaram, enriqueceram e modificaram ao longo dos tempos. Ainda assim, acerca dos aspectos lexicais dos textos técnicos produzidos pela Antiguidade Clássica que versam sobre métrica, há um imenso território inexplorado.

Apenas por meio de uma abordagem meticulosa que observe atentamente as particularidades de cada tratado antigo sobre a métrica clássica, mas que também os considere inseridos em seu conjunto, isso é, como integrantes do grande córpus das *artes metricae* que se

[276] *Consuetudo loquendi est in motu*, "o hábito de fala está em [perpétuo] movimento", escreveu Varrão no seu *De lingua latina,* Liber IX, XI. 17.

formou ao longo de séculos, é que será possível verificar questões mais intrincadas como a manutenção e o impacto das variações e dos processos de atualização da terminologia métrica nos tratados antigos que buscavam descrever essa *τέχνη*, bem como nos estudos modernos sobre a métrica clássica, dos quais derivam ainda questões outras que desviam a atenção do dinamismo lexical para, por exemplo, os problemas de tradução da linguagem técnica. Desse modo, além de trazer para o domínio da métrica clássica as discussões em torno da terminologia técnica antiga, levadas a cabo pelos pesquisadores aqui citados, a contribuição que o presente trabalho pretende deixar para os modernos estudos sobre a métrica antiga é uma *Concordantia*, com as principais noções e conceitos acerca da métrica clássica expressos pelos termos técnicos empregados por Vitorino e Aftônio, autores dos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical.*

Excertos da obra gramatical de Vitorino e Aftônio foram também submetidos à análise morfossintática que procurou evidenciar que aquela que é considerada a principal característica dos textos técnicos, a saber, a sua terminologia (FÖGEN, 2009, p. 16), não opera sozinha em favor da comunicação especializada, pelo contrário, a estrutura textual das obras voltadas para a difusão do conhecimento técnico são revestidas de complexos mecanismos mobilizados pelos autores para dotar as suas obras de clareza e objetividade. Se, à primeira vista, tais características pareçam ter como principal motivação a transferência de conhecimento técnico-científico e finalidade didática, apenas com uma verificação mais atenta dos expedientes textuais a que os autores técnicos recorrem para a elaboração de seus tratados é possível constatar que tais mecanismos linguísticos não servem apenas à função referencial de que os textos técnicos antigos estão impregnados, mas, pelo contrário, segundo Fögen (2011, p. 453)

> não se pode afirmar que uma prosa mais artística não seja de modo algum praticada na literatura técnica antiga. O bom estilo é ainda uma questão para muitos escritores técnicos; e não se poderia afirmar que eles não se preocupam com as formas com as quais eles apresentam o seu material (FÖGEN, 2011, p. 543)

Vale dizer que se há controvérsias a respeito do papel que desempenham os escritores frente a sua arte, no que diz respeito à gramática e a métrica, essas questões têm menor peso uma vez que os textos eram escritos por gramáticos, metricistas, retóricos, sobre os quais já se falou no início deste trabalho. Sobre as *artes grammaticae*, restam as questões relativas ao seu público leitor e finalidade: como compêndio de conhecimentos ou como manual para fins didáticos em sala de aula.

O único que pode construir uma ponte para o acesso do leitor não-especialista ao vocabulário especializado é o autor, que se vale de mecanismos discursivos para tornar palatável a linguagem técnica, e adoçar o amargo sabor da ciência (alusão à famosa formulação de Lucrécio), por meio, por exemplo, de adendos, digressões que esclareçam a matéria examinada e, principalmente, de explicações acerca do vocabulário técnico. Tais expedientes, entretanto, não pertencem ao campo instituído do vocabulário, mas ao plano de expressão, isto é, concerne às características pragmáticas e estilísticas do texto que examinam o modo como os autores se apropriam do conteúdo e entregam-no de volta ao seu público leitor.

Como este trabalho vem ressaltando, são poucos os estudos que voltam o olhar para o texto técnico como objeto linguístico e literário, suas características, nuanças, construções particulares; grande parte das investigações modernas examinam tais textos pela perspectiva de seu conteúdo e conhecimentos por eles transmitidos:

> Pesquisas sobre linguagens e textos técnicos ganharam um novo renascimento nos últimos anos. Apesar de algumas publicações inovadoras, é difícil ignorar o fato de que ainda há uma grande quantidade de trabalho pioneiro a ser feito. Isso inclui até algumas ferramentas básicas, como edições, traduções e comentários, uma vez que muitos tratados técnicos gregos e romanos ainda não estão acessíveis de forma a satisfazer os padrões modernos. Para os estudiosos que estudam esses textos, será indispensável uma abordagem interdisciplinar e o conhecimento de uma variedade de línguas [...] (FÖGEN, 2011, p. 461).[277]

O presente trabalho pretende constituir uma contribuição ao estudo dos textos técnicos, mais especificamente daqueles que se dedicam à descrição dos metros latinos, que perfazem o córpus desta investigação, pertencentes ao grande conjunto das *Artes grammaticae*, sua história, características e fontes.

[277] *Cf.* Fögen (2011, p. 461): *"Research on ancient technical languages and texts has seen a welcome revival in recent years. Despite some ground breaking publications it is hard to overlook the fact that there is still a great deal of pioneering work to be done. This includes even some basic tools such as editions, translations and commentaries, since many Greek and Roman technical treatises are not yet accessible in a way that satisfies modern standards. For scholars studying these texts, an interdisciplinary approach and the knowledge of a variety of languages (including non-Indo-European ones such as Arabic for areas like ancient medicine) will be indispensable".*

BIBLIOGRAFIA

I. Do córpus

DAHLMENN, H. **Zur *Ars grammatica* des Marius Victorinus**. Mainz/Wiesbaden: Verlag der Akademie der Wissenschaften und der Literatur in Kommission bei Franz Steiner Verleger GMBH, 1970.

HADOT, P. **Marius Victorinus: Recherches sur sa vie et ses oeuvres**. Paris: Études augustiniennes, 1971.

KEIL, H., (KEILII, H.) **Grammatici Latini:** Scriptores Artis Metricae. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlug, 1961

LUQUE MORENO, J. **Presentación**. *Scriptores latini de re metrica*. Concordantiae -Indices. Granada: Universidad de Granad/Departamento de Filologia Latina, 1987.

MARIOTTI, I. ***Marii Victorini Ars Grammatica***. Introduzione, texto critico e commento a cura di Italo Mariotti. Firenze: Felice Le Monier, 1967.

VITORINO, (VICTORINUS). Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII. In: KEIL, H. (KEILII, H). **Grammatici Latini, vol. VI:** Scriptores Artis Metricae. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961, 6 v.

Bases de dados

Corpus de textes linguistiques fondamentaux. Publication em lingne de 99 ouvrages importants (145 volumes, 807 textes) de la linguistique (sous la forme de base de données et outillée). Site: http//ctlf.ens-lyon.fr.

Corpus grammaticorum Latinorum. Accès aux sources grammaticales de la Latinité tardive: recherche, parcours textuels et bibliographie. Endereço eletrônico: http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp.

*Grand Corpus des grammaires françaises, des remarques et des traités sur la langue (XIV*e *- XVII*e *siècles),* sous la direction de B. Colombat, J.-M Fournier et W. AyresBennett. Classiques Garnier Numérique.

II. Bibliografia geral

AGUILAR, David Paniagua. **El Panorama Literario Técnico-Científico En Roma/ *Et Docere Et Delectare.*** Ediciones Universidad, Salamanca, 2006.

ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. Introdução. *In:* ARISTÓTELES [384-322 a.C.]. **Retórica**. 2 ed., revista. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ALLAN, Willian. History, genre, text. In: **Classical Literature**. A very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2014.

ARISTÓTELES [384-322 a.C.]. **Retórica**. 2 ed., revista. Trad. de Manuel Alexandre Jr., Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ARISTÓTELES. **Poética**: tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Trad. Eudoro de Sousa. 5 ed. [S.d.]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998a.

ARISTÓTELES. **Poétique**. Trad. Barbara Gernez. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica.** Trad. Jaime Bruna. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ASTIN, A. E. **Cato the Censor**. Oxford: Clarendon Press, 1978

AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa:** Dicionário Caldas Aulete, vs online.

AUROUX, Sylvain. (Org.) **Histoire des idées linguistiques**. Tome 1. La naissance des métalangages en Orient et en Occident. Liège: Pierre Mardaga, 1989.

AUROUX, Sylvain. (Org.) **Histoire des idées linguistiques.** Tome 2. Le développement de La grammaire occidentale. Liège: Pierre Mardaga, 1989.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

AUROUX, Sylvain. **La raison, le langage et les normes.** Paris, Presses Universitaires de France, 1998, p. 185 - 197.

BAKHTIN, Mikhail. "A tipologia do discurso na prosa". *In:* LIMA. Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes.** v.1. Seleção, introdução e revisão técnica, Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 487-510.

BARATIN, Marc. À l'origine de la tradition artigraphique latine, entre mythe et réalité. In. KOERNER, Ernst Frideryk Konrad; AUROUX, Sylvain; NIEDEREHE, Hans-Josef;. VERSTEEGH, Kess. (Eds.). **History of the Language Sciences/ Histories des sciences du langage/ Geschichte der Sprachwissenschaften : An International Handbook on the Evolution of the Study of Language from the Beginnings to the Present.** Berlin/ New York : Walter de Gruyter, 2000, pp. 459-466.

BARATIN, Marc. La constitution de la grammaire et de la dialectique. In: AUROUX, Sylvain. (dir) **Histoire des idées linguistiques (1)**. Liège-Bruxelles: Mardaga, 1989, p. 186-206.

BARATIN, Marc. **La naissance de la Syntaxe a Rome.** Paris: Minuit, 1989.

BARATIN, Marc. Le De grammaticis et rhetoribus de Suétone: un texte polémique? In: **Histoire Épistemologie Langage**, v. 20, 1998, pp. 81-90.

BARATIN, Marc. Sur la structure des grammaires antiques. In: DE CLERQ, Jan.; DESMET, Piet. [edit.] ***Florilegium historiographiae linguisticae*** – Études d'historiographie de la

linguistique et de grammaire comparée à la mémoire de Maurice Leroy. Peeters: Louvain-la-Neuve, 1994, pp. 143-157.

BARATIN, Marc; DESBORDES Françoise. **L'analyse linguistique dans l'Antiquité Classique.** Vol. 1: Les théories. Paris: Klincksieck. 1981

BARATIN, M. La littérarité comme performance de textes techniques: les *Artes grammaticae* antiques. In: **XVIII Congresso Nacional de Estudos Clássicos**, 2011. Rio de Janeiro, 2011 (Conferência de encerramento)

BARTHES, Roland. "Escritores e Escreventes". *In* **Ensaios Críticos**. Lisboa, Ed. 70, 1977.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. *In*: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**. Trad. de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232.

BEAUJEU, Jean. "La littérature technique des Grecs et des Latins", *Actes du Congrès de Grenoble de l'Association G. Budé* (1948)., Paris, Belles-Lettres, 1949, 21-79 *apud* FLEURY, Phillippe. "Les textes techniques de l'Antiquité. Sources, études et perspectives", **Euphrosyne**, 18, 1990, 359-394.

BICKEL, Ernst. **Historia de la literatura romana.** Madrid: Gredos, 1987.

BIGNONE, Ettore. **Historia de la literatura latina.** Buenos Aires*:* Losada, 1952.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência**. Trad. Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Antiga musa:** arqueologia da ficção. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BRANDÃO, R. O. **A tradição sempre nova**. São Paulo: Ática, 1976.

BRODSKY, J. **Menos que um.** Trad. S. Flaksman. São Paulo*:* Companhia das Letras, 1994.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo.** Campinas*:* Papirus, EdUNICamp, 1993.

CAIRNS, Francis. **Generic Composition in Greek and Roman Poetry**. Corrected and with new material. First edition published in 1972. Ann Arbor: Michigan Classical Press, 2007.

CAIRUS, Henrique Fortuna. O lugar dos clássicos hoje: o super-cânone e seus desdobramentos no Brasil. In: VIEIRA, Brunno & THAMOS, Márcio. **Permanência clássica**: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana. São Paulo: Escrituras, 2011.

CALLEBAT, Louis. "Languages techniques et langue commune." *In* G. Calboli, ed., **Latin vulgaire – latin tardif II: Actes du IIème Colloque international sur le latin vulgaire et tardif.** Tübingen, 1990, 45–56.

CALLEBAT, Louis. “Sciences, techniques et langages”. **Voces** 8-9, 1997-1998, pp. 141-153.

CALVINO, Italo. **Porque ler os clássicos.** Trad. Nilton Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral.** 7. ed. com atual. ortogr. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CAMPOS, Geir. **Pequeno dicionário de arte poética**. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANTÓ, Josefa Llorca. “Sistema educativo. *Los* grammatici: críticos literarios, eruditos y comentaristas” *In*. CODOÑER, Carmen. (ed.), **Historia de la literatura latina**, Madrid, Cátedra, 1997, pp. 741-753.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CART, Adrien. e outros. **Gramática latina**. Trad. Maria Evangelina V. N. Soeiro. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1986.

CARTELLE, Enrique Montero. “Prosa técnica no gramatical”. *In*. CODOÑER, Carmen. (ed.), **Historia de la literatura latina**, Madrid, Cátedra, 1997, pp. 975-817.

CASSIN, Barbara. **O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica e literatura**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro (Trad. Dos documentos). São Paulo: Editora 34, 2005.

CATÃO. **Da agricultura.** Tradução, apresentação e notas: Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

CELENTANO, Maria Silvana (ed.). ***Ars/Techne*: Il manuale tecnico nelle civiltà greca e romana.** Collana del Dipartimento di Scienze dell'Antichità Sez. filologica 2. Chieti: Edizioni dell'Orso, 2003.

CHEVILLARD, J.-L. Le rôle de l'exemple dans l'argumentation: le cas de la littérature tamoule savante. Langages, v. 2, n. 166, p. 32-46, 2007. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-32.htm>. Acesso em: 01 jul. 2012.

CHEVILLARD, J.-L. et al. L'exemple dans quelques traditions grammaticales (formes, fonctionnement, types). Langages, v. 2, n. 166, p. 5-31, 2007. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-5.htm>. Acesso em: 01 jul. 2012

CHIAPPETTA, Angélica. “Retórica e crítica literária na Antiguidade”. **Phaos**, Revista de Estudos Clássicos, vol. 1, p. 39-60, 2001.

CÍCERO. **Em defesa do poeta Árquias**. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves. 2. ed. Lisboa: Editorial Inquérito, 1986.

CÍCERO. "De optimo genere oratorum/Sobre el mejor género de oradores", en F. Lafarga (ed.), **El discurso sobre la traducción en la historia. Antología bilingüe**, Barcelona, EUB, pp. 32-44. Trad. de José Ignacio García Armendáriz, 1996.

CÍCERO. **Retórica a Herênio**. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo, Hedra, 2005.

CÍCERO. Do Orador. 1.122-159 (trad. de Adriano Scatolin). **Nuntius Antiquus**. Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 264-287, 2016.

CICÉRON. **L'Orateur; Du meilleur genre d'orateurs.** Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

CITRONI, Mário. "I destinatari contemporanei". *In*: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo & GIARDINA, Andrea (Orgs.)**. Lo spazio letterario di Roma antica**, v. I: Salerno Editrice, 1989. Vol. I, pp. 53-116.

CLACKSON, James (ed.) **A Companion to the Latin Language**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011, 445 – 463.

CODOÑER, Carmen. (ed.), **Historia de la literatura latina**, Madrid, Cátedra, 1997.

CODOÑER, Carmen., "La enciclopedia. Un género sin definición. Siglos I a.C.-VII d.C.", *In:* FOSSATI, Clara. (cur.), **L'enciclopedismo dall'Antichità al Rinascimento:** Giornate filologiche Genovesi. Genova: D.AR.FI.CL.ET, 2011, pp. 116-153.

COLOMBAT, Bernard. **Uma história das ideias linguísticas.** Trad. Jacqueline Léon, Marli Quadros Leite. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG,1999.

CONSO, Danièle. "Comment définir et délimiter le vocabulaire technique des arpenteurs latins?". *In:* CONSO, Danièle; GONZALES, Antonio;GUILLAUMIN, Jean-Yves (Eds.) **Les vocabulaires techniques des arpenteus romains.** Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2005.

CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: A History.** Baltimore, 1994.

CORREIA, Margarita. Terminologia, neologia e normalização: como tratar os empréstimos neológicos. In: **Terminómetro** [revista virtual], número especial: A terminologia em Portugal e países de língua portuguesa em África. Disponível em: <http://www.iltec.pt./pdf/wpapers/2005>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

CROWLEY, Terry. "Chapter Seven: Grammatical, Semantic and Lexical Change", Crowley, Terry. **An Introduction to historical linguistics.** (3rd edn). Oxford: Oxford University Press, 1997.

CRUSIUS, Federico. **Iniciación en la métrica latina**. Versión y adaptación de Ángeles Roda. Prólogo de Javier Echave-Sustaeta. Barcelona*:* Bosch, 1951.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation:** opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura europeia e Idade Média latina.** Tradução de P. Rónai e T. Cabral. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1996.

DALZELL, Alexander. The philosophical language of Lucretius. *In*. Dalzell, A. **The criticism of didatic poetry**, 1996, pp. 72-103.

DANGEL, Jacqueline. Cesures et pauses syntaxiques dans l'Énéide: structures verbales et incidences métriques. **Révue d'Études Latines,** v. 61, p. 284-311,1984.

DANGEL, Jacqueline. **Le poète architecte. Arts métriques et Art poétique latins**. Paris: Éditions Peeters, 2001.

DE MEO, Cesidio. **Lingue techniche del latino.** Bolonha, Pàtron, 1986.

DESBORDES, Françoise. "La Rhétorique", *In:* AUROUX, Sylvain. (Org.) **Histoire des idées linguistiques**. Liège: Pierre Mardaga, 1989.

DESBORDES, Françoise. **Concepções sobre a escrita na Roma antiga.** Trad. de Fúlvia Machado L. Moretto e Guacira Marcondes Machado Leite. São Paulo: Ática, 1995.

DEZOTTI, Lucas Consolin. **Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2011 (dissertação de mestrado – programa de Pós-graduação em Letras Clássicas).

DUBOIS, Jean. et al. (ed.). **Dicionário de linguística**. Tradução e organização de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1998.

ECO, Umberto. (Org.). **História da beleza.** Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FARIA, Ernest. **Gramática superior da língua latina.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FEENEY, Denis. **Beyond Greek**: the beginnings of latin literature. Cambridge, Mass. / Londres. Harvard University Press, 2016.

FERNANTES, Rosado. Introdução. In: HORÁCIO. **Arte poética.** Introdução, tradução e comentários de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito. 2ª ed., 1984.

FLEURY, Phillippe. "Traités de mécanique et textes sur les machines" GROS, Pierre. **Les littératures techniques dans l'Antiquité romaine: statut, public et destination, tradition** (Entretiens sur l'Antiquité classique, tome 42), Fondation Hardt, Vandoeuvres-Genève, 1996, pp. 45 – 75.

FLEURY, Phillippe. "Les textes techniques de l'Antiquité. Sources, études et perspectives", **Euphrosyne**, 18, 1990, 359-394.

FÖGEN, Thorsten. "*Patrii sermonis egestas":* **Einstellungen lateinischer Autoren zu ihrer Muttersprache. Ein Beitrag zum Sprachbewußtsein in der römischen Antike.** Munich and Leipzig. 2000

FÖGEN, Thorsten. "The transformation of Greek scientific knowledge by Roman technical writers: On the translating of technical texts in antiquity." **Antike Naturwissenschaft und ihre Rezeption** 15: 91–114, 2005.

FÖGEN, Thorsten. **Antike Fachtexte/ Ancient Technical Texts.** Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2005.

FÖGEN, Thorsten. Latin as a Technical and Scientific Language, *In*: CLACKSON, James. (ed.) **A Companion to the Latin Language**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011, 445 – 463.

FÖGEN, Thorsten. Technical Literature, in HOSE, Martin; SCHENKER, David. (ed.). **A Companion to Greek Literature. Blackwell Companions to the Ancient World.** Malden, MA; Oxford; Chichester: Wiley Blackwell, 2016, pp. 266-281.

FÖGEN, Thorsten. **Wissen, Kommunikation und Selbstdarstellung. Zur Struktur und Charakteristik römischer Fachtexte der frühen Kaiserzeit.** Munich, 2009.

FÓNAGY, Iván. Le langage poétique*:* forme et fonction. *In:* BENVENISTE, Émile et al. **Problèmes du langage**. Paris*:* Gallimard, 1966. p. 72-116.

FONDA, Enio Aloisio. O ecletismo filosófico de Horácio. Trans/Form/Ação, Marília, v. 20, n. 1, p. 57-69, 1997, Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31731997000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 1 Aug. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31731997000100004.

FONSECA, Carlos Alberto. O conceito de variação linguística nas teorias da linguagem na Índia antiga. **Clássica**, supl. 2, p. 101-7,1993.

FORTES, Fábio da Silva. "*SERMONIS CVSTOS SIVE POETARVM INTERPRES*: Acerca do ofício do gramático em Roma". **Calíope** 24, 2012, Rio de Janeiro: p. 51-66.

FORTES, Fábio da Silva. Gramática e identidade (greco-)romana: o caso do "prefácio" de Prisciano às Institutiones grammaticae (séc. VI d.C). **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 18, p. 313-333, 2015.

FORTES, Fábio da Silva. *Οὐκ τέχνη ἐστὶν ῥητορικὴ:* Sexto Empírico e a crise da retórica no Império Romano. Romanitas: **Revista de Estudos Grecolatinos**, v. 4, p. 90-104, 2014.

FORTES, Fábio da Silva; FREITAS, Fernando Adão Sá; ROCHA, Eduardo Lacerda Faria; MORAES, Henrique Silva; SILVA, Hudson Carlos Alves. Reabilitando os pensadores antigos para uma Linguística do século XXI. **CODEX**: Revista Discente de Estudos Clássicos, v. 4, p. 53-73, 2016.

FORTES, Fábio da Silva; FREITAS, Fernando Adão Sá. O contato linguístico e cultural entre o grego e o latim: reflexos na constituição da disciplina gramatical em Roma. **Veredas** (UFJF. Online), v. 19, p. 3-13, 2015.

FURLAN, Mauri. Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente - I. Os Romanos. **Cadernos de Tradução (UFSC)**, Florianópolis-SC, v. VIII, p. 11-28, 2003.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris: Hachette, 1934.

GIANOTTI, Gian Franco. "I testi nella scuola". In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo & GIARDINA, Andrea (Orgs.). **Lo spazio letterario di Roma antica**, v. II. Roma: Salerno Editrice, 1989. Vol. I, pp. 469 - 505.

GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. de Alceu Dias Lima et d. São Paulo*:* Cultrix, 1983.

GREIMAS, Algirdas. **De l'imperfection**. Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.

GREIMAS, Algirdas. **Semântica estrutural***:* pesquisa e método. Trad. de H. Osakabe e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1976.

GROS, Pierre. **Les littératures techniques dans l'Antiquité romaine**: **statut, public et destination, tradition** (Entretiens sur l'Antiquité classique, tome 42), Fondation Hardt, Vandoeuvres-Genève, 1996.

GUERREIRA, Agustín Ramos. "Literatura técnica de la época republicana: la prosa técnica". *In*. CODOÑER, Carmen. (ed.), **Historia de la literatura latina**, Madrid, Cátedra, 1997, pp. 755-772.

GUERREIRA, Agustín Ramos. "Literatura técnica post-augústea". *In*. CODOÑER, Carmen. (ed.), **Historia de la literatura latina**, Madrid, Cátedra, 1997, pp. 777-794.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro*:* Zahar, 1987.

HERRERO-LLORENTE, Victor Jose. **La lengua latina en su aspecto prosódico.** Madrid*:* Gredos, 1971.

HORÁCIO. **Arte poética**. Introdução, tradução e comentários de Raul Miguel Maria Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito. 2ª ed., 1984.

HOSE, Martin & SCHENKER, David (ed.). **A Companion to Greek Literature. Blackwell Companions to the Ancient World.** Malden, MA; Oxford; Chichester: Wiley Blackwell, 2016, pp. 266-281.

HUIZINGA, Johann. **Homo ludens.** São Paulo: EdUSP, Perspectiva, 1971.

JAKOBSON, Roman. "A Dominante" *In*: **Teoria da Literatura em suas Fontes** (org) Luis Costa Lima - Rio de Janeiro: 1983

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1987.

JESUS, Carlos Renato Rosário. A formulação do *ethos* na retórica antiga. **Rónai** - Revista de estudos clássicos e tradutórios, v. 1, p. 60-72, 2013.

JESUS, Carlos Renato Rosário. **Introdução à prosa rítmica na Antiguidade Clássica**: estudo e tradução do Orator de Cícero. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013. v. 1. 232p .

JESUS, Carlos Renato Rosário. Preâmbulo à noção de prosa artística na Antigüidade clássica: o Orator, de Cícero. **Anais do SETA** (UNICAMP), v. 1, p. 139-144, 2006.

KAHN, Charles H. **Pitágoras e os pitagóricos: uma breve história.** Trad. Luis Carlos Borges, Edições Loyola, São Paulo, 2007.

KASTER, Robert. A. "The grammarian's authority". *In*: **Classical Philology**, vol. 75, n. 3, 1980, pp. 216-241.

KASTER, Robert. A. **Guardians of Language: The Grammarian and Society in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1986.

KRIEGER, Maria da Graça. "Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia», **Confluência: revista do instituto de Língua Portuguesa.** N.o 46 – 1.º semestre de 2014, Rio de Janeiro, 2014, pp. 324-334. Disponível em http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i46.22, acesso em 01 de maio de 2019.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. DELTA, São Paulo , v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200001&lng=en&nrm=iso>. access on 20 May 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502000000200001.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. Trad., prefácio e aditamentos de Raúl Miguel Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa*:* Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

LAVARENNE, Maurice. **Initiation a la métrique et a la prosodie latines.** Paris*:* Magnard, 1948.

LAW, Vivien. La grammaire latine durant le haut moyen âge. *In*: AUROUX, Sylvain. (org.). **Histoire des idées linguistiques**. Mardaga, 1992

LEGRAND, Phillipe E. **La poésie aléxandrine.** Paris: Payot, 1924

LEHMANN, Aude. "*Vtilitas et delectatio*". Varron théoricien de l'esthétique classique. Latomus. **Revue d'Études Latines.** Varron critique littéraire. Régard sur les poètes latins archaïques. Bruxelles, v. CCLXII, p. 259-277, 2002

LEHMANN, Winfred P. **Historical Linguistics. An Introduction**. 3ª ed. Nova Iorque. Routledge, 1992.

LEITE, Leni Ribeiro. Difusão e recepção das obras literárias em Roma. *In*: SILVA, Gilvan Ventura da; LEITE, Leni Ribeiro. **As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens.** Vitória: Edufes, 2013.

LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. **A Latin dictionary**. Oxford*:* Clarendon Press, 1980.

LÈVY, Carlos. "Cicéron créateur du vocabulaire latin de la connaissance: essai de synthèse". In: la langue latine, langue de la philosophie. **Actes du colloque organisé par l'Ecole française de Rome avec le concours de l'Université de Rome "La Sapienza"** (Rome 17-19 mai 1990), 1992, p. 91-106.

LIDDELL, Henry George & SCOTT, Robert. **Greek-English Lexicon**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

LIMA, Alceu Dias & THAMOS, Márcio. "Verso é para cantar: e agora, Virgílio?" *In*: **Alfa**: revista de linguística (Unesp), São Paulo, v. 49 , n. 2, p. 125-131, 2005.

LIMA, Alceu Dias. A poética da expressão: estudo do hexâmetro datílico como fator da expressividade na poesia latina. Araraquara. artigo inédito, 1996.

LIMA, Alceu Dias. Forma, substância e métrica. Araraquara: artigo inédito, 1996.

LIMA, Alceu Dias. Poesia latina*:* anotações linguísticas e fonoestilísticas. *In*: _____ et al. **Latim: da fala à língua.** Araraquara*:* UNESP - FCL, 1992, p. 107-15.

LIMA, Luiz Costa. "A questão dos gêneros". *In:* LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes.** v.1. seleção, introdução e revisão técnica, Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 253-294.

LIMA, Luiz Costa. "Hermenêutica e abordagem literária". *In:* LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes.** v.1. seleção, introdução e revisão técnica, Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 63-96.

LONGIN. **Du sublime**. 3. ed. Trad. H. Lebègue. Paris: Les Belles Lettres, 1965.

LOPEZ EIRE, Antonio. Quince rasgos de los lenguajes científico-técnicos del Griego Antiguo. **Humanitas**, v.51, 1999, p.3-21.

LUCRÈCE. **De la nature.** Introduction et notes de Henri Clouard. Paris: Garnier, 1954.

LUQUE MORENO, Jesús. "La métrica en la linguística latina". Florentia iliberritana: **Revista de estudios de antigüedad clásica,** Nº 8, 1997; (Ejemplar dedicado a: Homenaje al profesor Manuel Sotomayor Muro en su 75 aniversario), págs. 259-274

LUQUE MORENO, Jesús. «La retórica antigua y la articulación del languaje», *In:* RIBEIRO, José. **A retórica greco-latina e a sua perenidade,** v. 1, Porto: Instituto de Estudos Clássicos (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) / Fundação Eng. António de Almeida, 2000, pp.305-321.

LUQUE MORENO, Jesús. ***Arsis, Thesis, Ictus*:** las marcas del ritmo en la música y en la métrica antiguas. Granada*:* Universidad de Granada, 1994.

MAROUZEAU, Jules. **Introduction au latin**. 3. ed. Paris: "Les Belles Lettres", 1970.

MAROUZEAU, Jules. **Traité de stylistique latine**. Paris: "Les Belles Lettres", 1946.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na Antiguidade.** Trad. De Mário Leônidas Casanova, São Paulo: Editora Herder, 1969.

MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. **Les genres littéraires à Rome.** Paris: Nathan, 1990.

MARTINS, Paulo. "Breve história da crítica da Literatura Latina". **Clássica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**. Vol. 21, Nº 2 (2008).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária. Poesia.** São Paulo: Cultrix, 1995.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários,** ed. 17. São Paulo: Cultrix, 2008.

MORAES, João Quartim de Moraes. **Epicuro**: Máximas Principais, Edições Loyola, São Paulo, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática. História, teoria e análise, ensino.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. O legado grego na terminologia gramatical brasileira. **Alfa,** São Paulo, v. 55, n. 2. P. 641-664, 2011.

NICOLET, Claude. « Les littératures techniques dans le monde romain », *In*: GROS, Pierre. **Les littératures techniques dans l'Antiquité romaine**: **statut, public et destination, tradition** (Entretiens sur l'Antiquité classique, tome 42), Fondation Hardt, Vandoeuvres-Genève, 1996, p. 1-17.

NORDEN, Eduard. **La prosa d'arte antica**. Traduzione italiana a cura di Benedetta Heinemann Campana. Roma: Salerno, 1986.

NOUGARET, Louis. **Traité de métrique latine classique.** Paris. Klincksieck, 1948.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PARRONI, Piergiorgio. “Scienza e produzione letteraria”. *In*: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo & GIARDINA, Andrea (Orgs.)**. Lo spazio letterario di Roma antica**, v. I. Roma: Salerno Editrice, 1989. Vol. I, pp. 469 - 505.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** Trad. de O. Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Marcos Aurélio. ***De officio grammatici*: os capítulos gramaticais da *Institutio oratoria* de Quintiliano e o papel do mestre de Gramática**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997b. 147 p.

PEREIRA, Marcos Aurélio. A. Quintiliano e a gramática antiga. *In*: **Clássica**, v. 13/14, 2000/2001, pp. 367-373.

PEREIRA, Marcos Aurélio. “Natureza e lugar dos discursos gramatical e retórico em Cícero e Quintiliano”. **Phaos**, Campinas, v. 1, p. 143-157, 2001.

PERINI, Giorgio Bernardi. Fondamenti di metrica. *In*: TRAINA, Afonso, PERINI, Giorgio Bernardi. **Propedêutica al latino universitario.** 3. ed. Bolonha*:* Pàtron, 1982. p. 201-41.

PERNOT, Laurent. **La rhétorique dans l'Antiquité**. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

PERUTELLI, Alessandro. Il texto come maestro. In: : CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo & GIARDINA, Andrea (Orgs.)**. Lo spazio letterario di Roma antica.** Roma: Salerno Editrice, 1989. Vol. I, p. 277-310.

PETERLINI, Ariovaldo Augusto. A Retórica na tradição latina. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador [org.]. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas-Publicações FFLCH/USP, 1997. p. 199-144.

POSSENTI, Sírio. A questão dos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2004, p. 163-76.

POUND, Ezra. **A arte da poesia:** ensaios escolhidos. Trad. de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

PRADO, João Batista Toledo. **Canto e encanto, o charme da poesia latina: contribuição para uma Poética da Expressividade em língua latina.** São Paulo, 1997. 210 p. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PRADO, João Batista Toledo. A configuração do espaço poético: concepções sobre Metricologia latina. In: VII Congresso da APEC (Associação Portuguesa de Estudos Clássicos)/ CECH-UC (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra), 2009, Évora. Espaços e paisagens. Antiguidade Clássica e heranças contemporâneas. **Anais do VII Congresso da APEC (Associação Portuguesa de Estudos Clássicos)/ CECH-UC (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra).** Vol. I Lgs e Lits. Grécia e Roma. Coimbra: APEC/CECH, 2009, v.1. p. 103-111.

QUINTILIAN. **The *Institutio Oratoria* of Quintilian**. With an English translation by H. E. Butler. London: William Heinemann, 1953, 4v.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROBINS, Robert Henry. **Pequena História da Lingüística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROBY, Courtney Ann. Latin Didactic, Scientific, and Technical Literature. **Oxford Handbooks Online**. Disponível em: http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935390.001.0001/oxfordhb-9780199935390-e-100. Acesso em 7 de jun. 2017.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 40 ed. Rio de Janeiro: J.Olimpio, 2001

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. **Estudos de história da cultura clássica**. Vol. II: Cultura romana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984

RODRÍGUEZ, Concepción López. «Retórica, música y crítica literaria en Dionisio de Halicarnaso » », *In :* RIBEIRO, José Ferreira. **A retórica greco-latina e a sua perenidade,** v.1, Porto: Instituto de Estudos Clássicos (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) / Fundação Eng. António de Almeida, 2000, pp.335-343.

RUSSELL, Donald ed. **Quintilian: The Orator's Education.** 5 vols. Loeb Classical Library. London: Cambridge University Press, 2001.

SAID ALI, Manuel. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Revisão e ampliação de M. E. Viaro. 8. ed. Brasília: Editora da UNB, 2001.

SALGADO, Joaquim Carlos. **A ideia de justiça no mundo contemporâneo**: fundamentação e aplicação do direito como maximum ético. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

SANTOS, Marcos Martinho. A teoria dos gêneros na leitura dos textos antigos. In: **Contemporaneidad de los clásicos en el umbral del tercer milenio:** actas del Congreso Internacional, 1999, Havana (Cuba). Contemporaneidad de los clásicos en el umbral del tercer milenio: actas del Congreso Internacional. Murcia, 1998. p. 599-604.

SANTOS, Marcos Martinho. La reconnaissance du poétique dans le *'De poematibus'* de Diomède. Interférences. **Ars scribendi**, v. 6, p. 1-37, 2012.

SARAIVA, Francisco. R. dos Santos. **Novíssimo Diccionario Latino-Portuguez**. 9. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** 9. ed. Trad. A. Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo*:* Cultrix, s/d.

SCATOLIN, Adriano. Cícero. "Do orador" 1.78-122. **Translatio**, Porto Alegre, n. 10, p. 79-89, 2015.

SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero**: um estudo à luz de *Ad Familiares* I, 9, 23. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHIEFSKY, Mark. "Technical Terminology in Greco-Roman Treatises on Artillery Construction." *In* **Antike Fachtexte = Ancient technical texts**, edited by Thorsten Fögen, 253–270. Berlin: De Gruyter, 2005.

SIMOES, Vivian Carneiro Leão. ***Quod erat demonstrandum*: *Exempla* e formação do cânone em Mário Vitorino e Élio Aftônio**. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Câmpus de Araraquara, 2013.

SOUSA, Francisco Edi de Oliveira. Reflexos da recepção no texto literário latino a partir da Ars Poetica de Horácio. **Revista de Letras**, n. 23, vol.1/2, p. 27-32, 2001.

STAMPINI, Ettore. **Metrica di Orazio**. Torino, Giovanni Chiantore. 1921.

SUETÔNIO. **De grammaticis et rhetoribus.** Edição de R. Kaster. Oxford: Clarendon, 1995.

TEIXEIRA, Francisco Diniz. D. **Os Fragmenta de Césio Basso:** leitura crítica e tradução anotada. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras- UNESP- FCLAr, 2005 (dissertação de mestrado - programa de Estudos Literários).

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TREVIZAM, Matheus. "Apresentação". *In:* CATÃO, Marco Pórcio. **Da agricultura**. Tradução, apresentação e notas: Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

TREVIZAM, Matheus. "Prazeres da Literatura latina de instrução". **PhaoS,** vol.10. Campinas, 2010, pp. 103-138.

TREVIZAM, Matheus. Linguagem e gênero na literatura agrária latina: Catão, Varrão e Virgílio. **Sínteses** - Revista dos Cursos de Pós-Graduação. Campinas, vol. 11, 2006 (b), p. 527-539.

TREVIZAM, Matheus. **Linguagem e interpretação na Literatura agrária latina**. Tese de doutoramento inédita. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.

TREVIZAM, Matheus. Os desafios da tradução de textos "agronômicos" latinos. **RÓNAI**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios. UFJF – Juiz de Fora, MG, 2018 V.6 N.1 – pp. 46-59.

TYNIANOV, Yuri & JAKOBSON, Roman. "Da evolução literária". *In:* EIKHENBAUM, Boris *et alii*. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973, p. 105-118.

TYNIANOV, Yuri & JAKOBSON, Roman. "Os problemas dos Estudos Literários e Linguísticos". *In:* EIKHENBAUM, Boris *et alii*. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973, p. 95-98.

VALERY, Paul. “Discurso sobre a estética”. *In.* LIMA. Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes.** v.1. seleção, introdução e revisão técnica, Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 15-34.

VARRÃO. **Das coisas do campo.** Tradução, introdução e notas: Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. Trad. João Gouveia Monteiro e José EduardoBraga. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VIEIRA, Brunno. V. G.; ZOPPI, Pedro. C. . O melhor gênero de oradores (introdução, tradução e notas da obra De optimo genere Oratorum de Cícero). **Scientia Traductionis,** v. 10, p. 4-15, 2011a.

VIEIRA, Brunno V. G.s; OLIVEIRA, JANE KELLY De . Alguns Apontamentos sobre Cícero Tradutor de Poesia. **Scientia Traductionis**, v. 1, p. 133-140, 2011b.

VINOGRADOV, Viktor. V. “As tarefas da estilística”. *In:* EIKHENBAUM, Boris. *et alii.* **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973, p. 89-94

Von ALBRECHT, Michael. **Historia de la literatura romana: desde Andrónico hasta Boecio**. Traducción castellana de D. Estefanía e A. Pociña Perez. Barcelona: Herder, 1997. 1v.

Von ALBRECHT, Michael. **Masters of Roman prose:** From Cato to Apuleius. Trad. Neil Adkin. Leeds, Francis Cairns Publications, 1989.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VICTORINI ET APHITHONII EXCERPTA

O texto fonte da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* utilizado para a presente investigação e, adiante reproduzido parcialmente para que o leitor possa cotejar o trabalho de tradução com o texto latino, é o texto integral da obra constante na edição de 1961, no volume VI, *Scriptores artis metricae*, da obra *Grammatici latini* de Heinrich Keil, pp. 3-184. Foi com essa mesma edição da obra que o projeto "*Scripta Latina de Re Metrica* - Tradução de fontes primárias", projeto desenvolvido no âmbito do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Câmpus Araraquara – em sua primeira fase, desenvolveu pesquisas no âmbito da Iniciação Científica entre os anos de 2008 a 2010 e da pós-Graduação entre 2011 a 2013 e 2015 a 2019.

Sob a coordenação do Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, esta pesquisadora, junto aos colegas de graduação Arthur Malaspina, Daiane Schiavinato, participou do desenvolvimento da primeira etapa das pesquisas com a *Ars Grammatica* de Vitorino e Aftônio que se ocupou dos primeiros passos à tradução da obra. A delimitação prévia e atribuição do córpus, constituído inicialmente pelos quatro livros da *Ars Grammatica,* ficaram a cargo do orientador do Projeto que designou a Arthur Malaspina o "Livro Primeiro: Sobre a ortografia e a lei métrica", do qual foram traduzidos pelo aluno ao longo dos dois anos de sua participação no Projeto os capítulos "Sobre a natureza e a conexão entre as sílabas" e "Sobre os pés", com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. O "Livro segundo: Sobre as nove espécies de protótipos [de pés métricos]" fora atribuído a essa pesquisadora que, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, entre 2008 a 2009, traduziu e analisou os seguintes capítulos: "Preâmbulo", "Sobre o metro datílico", "Sobre o metro coriâmbico" e o capítulo "Sobre o metro proceleusmático" e, com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, entre os anos 2009 a 2010, dedicou-se a traduzir e examinar os primeiros capítulos do Livro Primeiro: "Preâmbulo", "Sobre o som" e "Sobre as letras". A Daiane Schiavinato coube a tradução e investigação do "Livro terceiro sobre a regra dos metros unidos entre si e mistos" do qual foi traduzido o "Preâmbulo", com apoio da CAPES. Os resultados das investigações foram publicados de modo fragmentário e individual em relatórios enviados às agências de fomento e divulgados em eventos acadêmico-científicos da área de Estudos Clássicos, entretanto, o grupo nunca conseguiu reunir e normatizar todo o material produzido à época.

Motivada com as investigações empreendidas acerca da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* esta pesquisadora dedicou-se a examinar, no âmbito da Pós-Graduação, com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, aquelas que são as estruturas mais particulares presentes nas *Artes grammaticae*, e que na *Ars* em questão ganha especial destaque, os *exempla.* A pesquisa sobre o tratamento dado pelos autores ao córpus ilustrativo da *Ars grammatica* de Vitorino e Aftônio, bem como a definição e desenvolvimento desse expediente que é próprio das gramáticas resultaram, como dito anteriormente[278], na Dissertação de mestrado desta pesquisadora, intitulada "*Quod erat demonstrandum* – Os *exempla* no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Aftônio", publicada em 2013. Em 2015, também com o apoio da CAPES, teve início a pesquisa de doutorado, que apresenta agora o seu resultado final, "Literatura técnica de instrução: análise de caso das *Artes metricae*", que tomou a obra integral de Vitorino e Aftônio, agora, como córpus de análise de investigações acerca da natureza técnica das obras gramaticais cujo escopo é a matéria métrica.

Até onde se pôde constatar, a tradução dos *Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical* não foi ainda empreendida em nenhum outro idioma moderno. Por esse motivo, esta pesquisadora julgou por bem reunir em um só trabalho todos os esforços de tradução da obra gramatical de Vitorino e Aftônio levados a cabo entre os anos de 2008 a 2010, pelos alunos integrantes do projeto *Scripta Latina de Re Metrica – Tradução de fontes primárias.* Assim, com a aprovação dos colegas e professor-orientador, a tradução é apresentada a seguir, após passar por um processo de revisão, edição e elaboração de notas executados por esta pesquisadora para este trabalho, com a intenção de trazer à luz do mundo moderno a obra de Mário Vitorino e Élio Aftônio, mesmo que parcialmente; a saber, conjunto de capítulos a seguir reunidos representa cerca de metade de toda a *Ars grammatica*.

Desde os primeiros passos com a tradução da obra gramatical, em 2008, até a normatização proposta neste trabalho e a seguir apresentada para a tradução da *Ars*, o objetivo fundamental sempre foi o de tornar o texto dos autores latinos acessível em Língua Portuguesa. Para possibilitar a máxima compreensão do leitor moderno, este trabalho priorizou recursos como a clareza e a ordem direta do Português, o paralelismo linguístico latim-português, reafirmado pela apresentação bilíngue da tradução e a elaboração de copioso número de notas de rodapé em que estão evidenciadas questões de terminologia técnica métrica, esquemas alternativos de

[278] *Cf.* p, 91.

escansão, tradução de exemplos, comentários explicativos a respeito da teoria métrica apresentada e outras observações consideradas, por esta autora, necessárias à melhor compreensão dos conceitos tratados pelos gramáticos.

A título de esclarecimento, para a seção *Excerpta*, buscou-se uma apresentação tradicional bilíngue a fim de favorecer o confronto e equiparação entre o trabalho de tradução desenvolvido e o original latino da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri III.* Quanto às notações, é preciso observar que:

- os sinais † são empregados por Keil para apontar uma possível corruptela no texto latino, na tradução, tais sinais foram eliminados, acompanhados de arranjos suficientes de sintaxe que trouxessem fluidez à leitura;
- os *exempla* são apresentados pelos autores através de ferramentas dos recursos tipográficos que marcam a heterogeneidade discursiva e, em geral, os autores Vitorino e Aftônio não fazem referência à fonte de onde extraíram os exemplos citados. Os recursos tipográficos (da moderna edição do texto: aquela feita por Heinrich Keil) são dois apenas: o uso de aspas, quando os exemplos estão no corpo do texto, e o destaque, aparecendo centralizados em relação às margens da página, em oposição ao corpo do texto, justificado. Na tradução, os critérios de apresentação dos *exempla* foram mantidos e, para que desempenhassem o seu papel ilustrativo/demonstrativo da teoria métrica discutida, são reproduzidos em latim e escandidos. Todos os exemplos dos excertos traduzidos são acompanhados de notas de rodapé cuja finalidade é 1. indicar a sua origem, 2. sua tradução e, 3. tecer comentários pertinentes acerca das possibilidades de escansão e dos princípios métricos em discussão;
- a metodologia empregada para localizar as fontes textuais utilizadas pelos autores da *Ars* ancorou-se nos dados coletados nos programas *Musaios* e *Diogénes*, que leem bancos de dados eletrônicos de textos latinos, tal como o PHI-5.3, utilizado nessa parte da pesquisa, e nos resultados de investigações anteriores, como aqueles publicados em 2013, na dissertação *"Quod erat demonstrandum* – Os *Exempla* no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Aftônio";
- quando as citações sofreram modificações executadas pelos gramáticos (*exempla ficta*), optou-se por manter o verso tal como figura no texto original;

tais exemplos receberam, em nota de rodapé, a indicação (Mod.) e, quando foi possível localizar, estão acompanhados de sua versão original;

- aqueles exemplos cujas referências não foram localizadas, dentro dos limites impostos pela metodologia de busca já observada, receberam a indicação (S. n.), que significa Sem nota (Cf. o quadro de Abreviações e notações).

.

MARII VICTORINI ARS GRAMMATICA

LIBER PRIMVS DE ORTHOGRAPHIA ET DE METRICA RATIONE

*Artium grammaticarum scriptores quidam ab arte coeperunt, quidam a grammatice, quidam a definitione, quidam a uoce, quidam a littera. ars 'ut Aristoni placet' collectio est ex perceptionibus et exercitationibus ad aliquem finem uitae pertinens, id est generaliter omne quicquid certis praeceptis ad utilitatem nostram format animos. Aristoteles quomodo? * τέχνη ἐστὶ σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρός ‹τι › τέλος εὔχρηστον τῷ βίῳ συνουσῶν. nos qualiter? ars est summa rerum † dictio comprehensarum atque exercitatarum ad aliquem uitae finem tendentium. huic arti quot contraria opponuntur? tria. quae? κακοτεχνία, ψευδοτεχνία, ματαιοτεχνία. grammatica autem ars quae est? spectatiua orationis et poematos. haec quot modis discernitur? tribus. quibus? intellectu poetarum et recte loquendi scribendique ratione. huius plerique quot partes tradiderunt? duas. quas? ἐξηγητικήν atque ὁριστικήν. quae est ἐξηγητική ? quae enarrat. quae ὁριστική ? quae definit. ut Varroni placet, ars grammatica, quae a nobis litteratura dicitur, scientia est ‹rerum› quae a poetis, historicis oratoribusque dicuntur ex parte (0066) maiore. eius praecipua officia sunt quattuor, ut ipsi placet: scribere, legere, intellegere, probare. ut Aristoni placet: grammatice est scientia poetas et historicos intellegere, formam praecipue loquendi ad rationem et consuetudinem dirigens. definitio est º 'ut ait Cicero' ‹oratio› quae quid sit de quo agitur ostendit quam brevissime º.*

MARII VICTORINI ARTE GRAMÁTICA

LIVRO PRIMEIRO SOBRE A ORTOGRAFIA E A LEI MÉTRICA

Alguns escritores das artes gramaticais começaram pela arte, outros pela gramática, alguns ainda pela definição, outros pelo som ou pela letra. A arte, como acredita Aristão, é um conjunto que parte de percepções e experiências e leva a alguma finalidade na vida, isto é, tudo aquilo que, em geral, modela o intelecto mediante determinados preceitos para o nosso proveito. De que forma Aristóteles? * *τέχνη ἐστὶ σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρός ‹τι › τέλος εὔχρηστον τῷ βίῳ συνουσῶν*. Nós também? A arte é a totalidade das coisas tangíveis e praticáveis que tendem para outro objetivo da vida. Quantas são as contradições apresentadas para essa arte? Três. Quais? *κακοτεχνία, ψευδοτεχνία, ματαιοτεχνία* Por outro lado, o que é a arte gramatical? Teoria do discurso e poemas. Em quantos modos distingui-los? Três. Quais? Através do intelecto dos poetas, pelo raciocínio claro ao falar e escrever. Quantas destas muitas partes ensinam? Duas. Quais? εξηγητιχήν e οὑριστιχήν. Qual é εξηγητιχή? É a que explica. Qual é οὑριστιχή? É a que define. Como Varrão explicita: “a arte gramatical, que para nós corresponde à literatura, é a ciência *daqueles*, aquela que é nomeada pelos poetas, historiadores e oradores como a mais importante”. As principais ocupações deles são quatro, como Varrão diz: “escrever, ler, interpretar e apreciar”. Como afirma Aristão, “a gramática é a ciência que poetas e historiadores dominam, sobretudo o modo de falar conduzindo aos preceitos e uso.”. “A definição é”, como dizia Cícero, “um discurso oratório que mostra qual é a matéria de que tratamos mais concisamente”.

DE VOCE

Vox est aer ictus auditu percipibilis, quantum in ipso est. Graeci qualiter? ἀὴρ πεπληγμένος αἰσθητὸς ἀκοῇ, ὅσον ἐφ' ἑαυτῷ ἐστιν. Vocis formae sunt duae, articulata et confusa. Articulata est quae audita intellegitur et scribitur et ideo a plerisque explanata, a non nullis intellegibilis dicitur. Hanc Graeci quid appellant? ἔναρθρον φωνήν. Huius autem species quot sunt? Duae. Quae? Nam aut musica est, quae tibiis vel tuba redditur aut quolibet organo, aut communis, qua promiscue omnes utuntur. Confusa autem est quae nihil aliud quam simplicem vocis sonum emitti, ut est equi hinnitus, anguis sibilus, plausus, stridor et cetera his similia. Alii eam quae dicitur in usu articularis litteralem dixerunt, ut nomina verba adverbia et ceteras partes orationis. Omne autem explanativarum || vocum initium et individua vox est littera, ex qua articulata vox existit et in quam ultimam resolvitur, unde consequens est ut de littera dicamus. Sed prius est ut elementum et dictionem et orationem definiamus. elementum est unius cuiusque rei initium, a quo sumitur incrementum et in quod resolvitur: dictio est figura significantium vocum: oratio est dictio significans vel compositio dictionum significantium consummans unam sententiam.

SOBRE O SOM

A emissão verbal é ar impulsionado e perceptível pela audição na medida de sua própria força. De que modo [o explicam] os gregos? *ἀὴρ πεπληγμένος αἰσθητὸς ἀκοῇ, ὅσον ἐφ' ἑαυτῷ ἐστιν.* As formas dessa emissão verbal são duas: articulada e difusa. Articulada é aquela que, quando escutada, se entende e se escreve e, por isso, pode ser explicada pela maioria, e é chamada por todos de *inteligível*. Como os gregos nomeiam? *ἔναρθρον φωνήν.* Quantas também são as categorias dele? Duas. Quais? De fato, ou é a música, entoada pelas flautas ou trompete ou por um instrumento qualquer; é comum que todos normalmente o usem. Por outro lado, o obscuro é aquele que, como nenhum outro, emite um simples ruído de som, como é o relincho do cavalo, o silvo da serpente, o bater das asas, o zumbido e tudo mais semelhante a esses. Esse é pronunciado no uso de outros, os articulados aparecem nas letras como nomes, verbos, advérbios e outras partes da oração. No entanto, todo o começo da explicação dos sons, bem como todo som único é uma letra, a partir da qual um som articulado emerge e nesta última se estabelece; por isso que, em seguida, falaremos sobre as letras. Mas, primeiramente, definiremos elemento, expressão e discurso. O *elemento* é o início de uma só expressão, ao qual se atribui acréscimo e no qual é estabelecido. *Expressão* é a forma dos sons pronunciados; *discurso* é a palavra anunciada ou um conjunto de palavras proferidas que formam uma sentença.

DE LITTERIS

Littera est vox simplex una figura notabilis. Litteram quidam quid putant dictam? Quasi legiteram. Quare? Quia legenti iter praebeat. Quidam quid dixerunt? Leviteram. Quare? Quia levat ut iteretur, id est delectat, iterum ut scribatur. Vox simplex quare? Ideo quia eius vocis quae εναρθρος a Graecis dicta est sub significationem aliquam venit, [vel ut minima pars] ideoque a non nullis nota vocis articulatae dicta est. Una figura notabilis quare? Ideo quia una quaeque littera suam figuram habet. Nam syllabae pluribus figuris, id est litteris, notantur, nisi cum vocales vice syllabarum funguntur.

[Nam] accidunt uni cuique litterae nomen figura potestas, nomen est quo appellatur, figura que notatur, potestas qua valet. Litterarum aliae sunt vocales, aliae consonantes. Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam || faciunt. Sunt autem numero quinque, a e i o u. Harum duae, i et u, transeunt in consonantium potestatem, cum aut ipsae inter se geminantur aut cum aliis vocalibus iunguntur, ut Iuno vates. Consonantium vero est species duplex: sunt enim aliae semivocales, aliae mutae semivocales sunt quae per se quidem proferuntur, sed per se syllabam non faciunt. Sunt autem numero septem, f, l, m, n, r, s, x. Ex his una duplex littera, x; constat enim aut ex g et s, ut rex regis, aut ex e et s, ut pix picis; ideoque haec littera a quibusdam negatur. Mutae sunt autem quae neque per se proferri possunt nec per se syllabam faciunt sunt autem numero novem, b, c, d, g, h, k, p, q, t.

SOBRE AS LETRAS

A letra é o som simples, uma forma concreta. Como alguns pensam que *letra* deve ser chamada? É como se fosse *legiteram*. Por que? Porque revela o percurso da leitura. O que outros disseram? *Leviteram.* Por que? Porque encanta quando se repete, isto é, desfruta-se outra vez quando se escreve.[279] Por que o som é simples? Porque, desse som, aquele que é chamado pelos gregos *articulado*[280] vem de outro significado [ou como a menor parte] e, por isso, a letra do som articulado é pronunciada por muitos. Por que uma forma concreta? Porque cada letra tem a sua forma. De fato, as sílabas são grafadas de várias formas, ou seja, com letras, a não ser que as vogais sejam utilizadas na sequência das sílabas.

Na verdade, nome, forma e força são atribuídos a cada uma das letras; *nome* é aquele pelo qual se chama, *forma* é o modo como é escrita e *força* é o quanto vale. Algumas letras são vogais, outras consoantes. As vogais são aquelas que, sozinhas, são pronunciadas e constituem uma sílaba. Além disso, são cinco no total: *a e i o u*. Duas delas, *u* e *i*, se transformam em consoantes, combinando entre si mesmas ou juntando com outras letras, como em *Juno* e *vates*. A característica das consoantes é certamente dupla: na verdade, algumas são semivogais, outras são semivogais mudas que podem ser pronunciadas sozinhas, mas não constituem por si só uma sílaba. São sete no total: *f l m n r s* e *x*.

---

[279] Observa-se que Mário Vitorino compara *litteram* aos termos *legiteram* e *leviteram*. Ressalta-se que esses termos não foram localizados em dicionários de língua latina, a fim de que se pudesse estabelecer uma leitura mais consistente da passagem. Entretanto, foi possível encontrar recorrências da mesma comparação identificada em Mário Vitorino em alguns autores que apresentam descrições e escolhas lexicais muito próximas às do metricista. Em relação ao termo *legitera*, Sérvio Honorato, por exemplo, em *Commentarius in Artem Donati* (par. 4, p. 421), o relaciona a *littera* dessa forma: *ideo dictae sunt litterae, quod legentibus iter praebeant, vel quod in legendo iterentur, quasi legiterae.* ("por isso, as letras são conhecidas como se fossem *legiterae*, porque revelam o percurso da leitura ou porque se repetem na leitura. "). Do mesmo modo, o gramático Diomedes também estabelece essa comparação em sua *arte* (*Diom.*1, 421): *littera dicta quasi legitera, quia legitur uel quod legentibus iter ostendit, uel a litura quam patitur* ("*littera* é como *legitera*, porque se mostra o que se lê ou o percurso da leitura, ou pelas letras deixadas borradas. "). Assim, é possível deduzir que os gramáticos parecem estabelecer uma relação etimológica entre os termos. Além disso, a partir da passagem de Diomedes, é possível interpretar que *legitera* pode estar relacionada às correções na escrita cursiva, uma vez que *litura* pode significar borrões, isto é, letras que foram apagadas. Juntamente a esse trecho de Diomedes, Pierre Hadot (1971, p.136) cita Prisciano, complementando essa provável interpretação para o uso de *legitera*: *quod plerumque in ceratis tabulis antiqui scribere solebant.* ("porque, geralmente, os antigos costumavam escrever nas tabuinhas de cera"). No que se refere a *leviteram*, segundo Hadot (1971, p.136), a relação etimológica entre *litteram* e *leviteram* parece ter sido encontrada apenas em M. Vitorino dificultando maior compreensão de seu uso.

[280] *εναρθρος, ος, ον*, articulé, *em parl. Du son [εν.αρθρον].Abrégé du dictionnaire*.

Ex his supervacue quibusdam videntur k et q, quia c littera harum locum possit implere. H quoque adspirationis notam, non litteram existimamus. Y et z propter graeca nomina admittimus.

Littera est humanae vocis pars. Litterae romanae ad imitationem graecarum factae. Novas etiam habent, ut h, q, v. Item superfluas quasdam videntur retinere, x et k et q: nam y et z propter graeca nomina additae. Nec dubitatur his litteris omnibus | absque sola v remotis latinae linguae reliquas XVII posse satisfacere. Nam pro h adspirationis nota, ut Graeci faciunt, poni posset: f etiam p et eadem adspiratione compleretur nihilo minus. Pro k et q c littera facillime haberetur. X autem per c et s possemus scribere. Sic et z, si modo latino sermoni necessaria esset, per d et s litteras faceremus. Sed ut omnes quae usui traditae sunt recipiamus, sunt XXIII. Ex his aliae sunt vocales, ut supra diximus, aliae consonantes, alia mutae. Vocales sunt quae plenam vocem proferunt, || per quas etiam separatas syllabas fieri volunt. Sunt autem numero sex, a e i o u y. Harum nulla natura littera longa aut brevis est, sed omnes uno modo, si corripiuntur, breves, si producuntur, longae sunt, ac praecipue e et o, quae biformes dicuntur, quia pro binis graecis apud nos ponuntur. Residuae autem litterae omnes consonantes sunt XVII, b, c, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z. Hae dividuntur in partes duas: aliae enim sunt semivocales, aliae mutae. Semivocales sunt quae partem quandam vocis incipiunt, sed implere non possunt, et sunt VIII, f, l, m, n r, s, x, z. Ex his immutabiles IIII, l, m, n, r, dictae sunt quia in masculinis et femininis nominibus per niminativum casum positae in omnibus declinationibus manent nec mutantur. Eadem autem liquidae dicuntur, quando hae solae inter consonantem et vocalem immissae non asperum sonum faciunt, ut clamor Tmolus | consul Africa. Item ex isdem semivocalibus duplices sunt duae, x et z: singulae enim in metrica ratione pro duabus consonantibus valent. residuae semivocalium sunt f et s. Ex quibus f quidam errantes duplicem dicunt, quia ex p et h composita videatur. Sed quando in pedibus duarum consonantium virtutem non habet, duplex non est. S autem vocatur facillis, quando plurimus consonantium iuncta in syllabarum sono miscetur.

Dentre estas, uma letra é dupla, *x:* de fato, corresponde a *g* e *s*, como em *rex* e *regis,* ou *c* e *s,* como em *pix* e *picis,* e, por isso, essa letra não é reconhecida por alguns. Além disso, as mudas são aquelas que não podem ser pronunciadas nem formar sílabas sozinhas. São nove no total: *b c d g h k p q* e *t.* Destas, algumas são consideradas supérfluas, como *k* e *q,* porque a letra *c* pode ocupar o lugar dessas. Também o *h,* uma forma aspirada, não consideramos como uma letra. *Y* e *z* autorizamos aos substantivos gregos.

A letra é parte da voz humana. As letras romanas foram feitas imitando as gregas. E também há novas, como *h, q* e *v.* Do mesmo modo, parecem conter algumas a mais, como o x, o k e o q: de fato, *y* e *z* são adicionadas devido aos nomes gregos. E não há dúvidas: removidas todas essas letras, exceto *v* sozinha, as 17 restantes podem satisfazer à língua latina. No lugar do *h,* uma forma aspirada, como os gregos chamam, seria possível colocar: f, também p e essa mesma aspirada, elas seriam unidas a outra. No lugar de *k, q* e *c* teríamos uma letra mais fácil. Por outro lado, podemos escrever *x* com *c* e *s*. Assim, *z* seria necessária se estivesse na forma latina do discurso e, por meio de *d* e *s,* faríamos letras. Mas, considerando todas aquelas que retomamos para o uso mencionado, são 23. Destas, algumas são vogais, como já dissemos, outras consoantes, outras mudas.As vogais são as que proferem o som pleno e, por meio delas, também podem se formar as sílabas separadas. Mas, ao todo, são seis: *a e i o u* e *y.* Destas, nenhuma letra é longa ou breve por natureza, no entanto, de certo modo, se forem reduzidas serão breves, se alongadas, longas. E, principalmente, *e* e *o* que são chamadas bivalentes, porque são colocadas nas nossas em lugar de duas gregas. Contudo, todas as 17 letras restantes são consoantes: *b c d f g h k l m n p q r s t x z.* Estas são divididas em duas partes, pois algumas são semivogais, outras mudas. Semivogais são aquelas que iniciam certa parte do som, mas não podem finalizar e são 8: *f l m n r s x* e *z.* Destas, 3 são imutáveis: s *l m n* e *r* e são assim chamadas, porque em substantivos masculinos e femininos, no caso nominativo, colocadas em todas as declinações, permanecem e não são modificadas. Por outro lado, essas são chamadas líquidas, quando estão sozinhas são colocadas entre uma consoante e uma vogal e não emitem um som áspero, como proclamou Tmolo † consul da África. Também, dentre essas, há duas semivogais duplas, *x* e *z;* na verdade, no sistema métrico, sozinhas valem por duas consoantes. As semivogais restantes são *f* e *s.* Destas, alguns consideram erroneamente *f* como dupla, porque se observa que é composta a partir do *p* e *h*. Mas, quando não há o valor de duas consoante nos pés, não é dupla. Por outro lado, o *s* é encontrado facilmente quando unido a mais de uma consoante nas sílabas, mistura-se ao som.

Mutae sunt quae nullius vocis sonum separatim faciunt, et sunt VIIII , b, c, d, g, h, k, p.q t. Ex his h vocatur infirma, quia in metris plerumque despicitur nec consonantis tenet locum, ut 'saevus Achilles', quod idcirco sic est, quia c et h unius consonantis graecae loco habetur. K autem dicitur monophonos, || quia nulli vocali iungitur nisi soli a brevi, et hoc ita ut ab ea pars orationis incipiat; aliter autem non recte scribitur. Item vocantur spiritales tres, c, p, t, quia his h littera subiecta inserit spiritum, ut Chiron Philon Thoas; et ideo residuae b d g q nominantur rigidae, quia nullam earum eadem h ad recipiendam adspirationem flectat. Quod contingit omnibus semivocalibus absque sola r; sed ea plurimum in peregrinis nominibus adspiratur. Addita autem fuerat a veteribus non frustra velut F, quam musici digamma vocant. Sed pro hac iam v litteram scribimus; atque ita fit ut eadem nunc [u] vocalis sit, ut unus, nunc consonans, ut vivus. Sic et i nunc vocalis est, ut Iris, nunc consonans, ut ieiunus. finitivae litterae masculinorum nominum sunt septem, a, l, n, o, r, s, x, ut Sylla sal pecten Cato Hector deus felix; feminiorum vero latinorum sunt sex, a, n, o, r, s, x, ut Roma aspargen virgo mulier salus nix, et in atticis nominibus m, ut Glycerium. In neutris autem sunt septem, e,l, m, n, r, s, x, ut pingue tribunal scamnum lumen marmor nemus audax. B consonans muta rigida, c, consonans muta spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex, g consonans muta rigida, h consonans muta infirma, i vocalis interdum consonans, k consonans muta monophonos, l consonans semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis, o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis, || q consonans muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis, s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex. R et s litterae apud antiquos communem potestatem habebant, arbos labos honos, nunc arbos labos honor.|.*

Mudas são aquelas que formam o som junto de uma vogal e são 8: *b c d g h k p q t.* Dentre elas, o *h* é pronunciado sem vigor, porque geralmente é desprezado nos metros e não ocupa o lugar de consoante, como em *[Sāvŭs Ă|chīllēs]*[281], por isso que é assim, porque *c* e *h* estão no lugar de uma consoante grega. Contudo, *k* é chamado *monophonos*, porque não é unido a nenhuma vogal, a não ser que seja somente a uma breve, e, assim, com esta começa por aquela parte da oração; porém, não é escrita corretamente de outra forma. Também outras três são chamadas *aspiradas, c p t,* porque, com estas, o *h* introduz a aspiração na letra seguinte, como em *Chiron, Philon, Thoas;* e, assim, as restantes *b d g q* são chamadas *invariáveis*, porque o *h* não altera nenhuma delas a ponto de obterem aspiração. Aquela que se une a todas semivogais, somente com exceção de *r*; mas ela é aspirada em muitos nomes estrangeiros. Ela, porém, tinha sido adicionada pelos antigos não em vão tal como o F, que os músicos chamam dígama. Mas, agora, no lugar desta escrevemos a letra *v* e assim se faz para que agora a mesma seja a vogal [u], como em *unus,* agora como consoante, como em *vivus.* Assim, agora *i* também é vogal, como *Iris,* aqui como consoante, *ieiunus.* As letras determinantes dos nomes masculinos são sete: *a l n o r s x,* como *Sylla, sal, pecten, Cato, Hector, deus, felix;* já as dos nomes femininos latinos são seis: *a n o r s x,* como *Roma, aspargen, uirgo, mulier, salus, nix,* e nos nomes Áticos o *m*, como *Glycerium*. Nos neutros, porém, são sete: *e l m n r s x,* como *pingue, tribunal, scamnum, lumen, marmor, nemus* e *audax.* A consoante *b é* uma muda invariável; *c* uma consoante muda aspirada, *d* uma consoante muda invariável, *e* vogal bivalente, *f* consoante semivogal formada a partir de uma dupla, *g* consoante muda invariável, *h* consoante muda sem força, *i* ora vogal ora consoante, *k* consoante muda monofônica, *l* consoante semivogal imutável, *m* consoante semivogal imutável, *n* consoante semivogal imutável, *o* vogal bivalente, *p* consoante muda aspirada, *q* consoante muda invariável, *r* consoante semivogal imutável, *s* consoante semivogal recorrente, *t* consoante muda aspirada, *v* ora vogal ora consoante, *x* consoante semivogal dupla, *y* vogal grega, z consoante semivogal grega dupla. *R* e *s,* letras que existiam com força comum nos antigos, *arbos labos honos*, agora *arbos labos honor*.

[281] Serv., *A.* 2, 29, 3, *[Sāvŭs Ă|chīllēs |prōptĕr Hĕc|tōrēm |trāctŭm]*.

DE SYLLABARVM NATVRA ET CONEXIONE

Sed ut ad propositum nobis redeam, discussa litterarum tam enuntiatione quam potestate, quod cumulo plenissimae eruditionis aptum ac necessarium praeterire absurdum foret, consequens erit de syllabarum natura et conexione tractare (nam ideo dicta est syllaba, quod a uocalibus, sine quis eadem coire non potest, reliquae litterae, ut fides graeci sermonis indicat, comprehendantur, id est παρὰ τὸ συλλαμβάνειν τά γράμματα): quarum tripertita species est. Namque || aliae earum breves, aliae longae, aliae communes appellantur, scilicet quod nunc pro brevibus, nunc pro longis, ut necessitas metri aut producentis aut corripientis easdem postulauerit, accipiantur. Positio autem consonantium litterarum breves syllabas secundum disciplinam legemque metricae artis efficit longas.Nam parente natura omnis vox sub duorum accentuum sono ore mortalium promitur, producto scilicet aut correpto, ex quis alter extenditur, alter contrahitur. Igitur cum in metris longa syllaba opus esset, ut ea quae brevis lege naturae prolata uidebatur longa efficeretur, a principibus musicae artis auctoribus positio, id | est duarum consonantium copulatio, reperta atque inducta est. Haec deinceps obseruatio consensione poetarum legem dedit, quae auctoritatem de uetustate temporis trahens disciplinam ueluti sacrosanctae in metris obseruationis ceteris sanxit. Igitur syllaba brevis tempus unum, longa duo neque amplius recipit, ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente ut pro syllaba longa duae breves aut pro duabus brevibus una longa ponatur, id quod in [trimetris] anapaesticis iambicis et ceteris huius modi versibus datur cognoscere.

SOBRE A NATUREZA E CONEXÃO ENTRE AS SÍLABAS

Mas voltemos ao nosso assunto, tendo discutido tanto a pronúncia quanto as propriedades das letras, porque, com o acúmulo do mais completo conhecimento, seria impróprio ir além do que é necessário e adequado, consequentemente falaremos sobre a natureza e conexão das sílabas (por isso que ela foi chamada sílaba, posto que, as sílabas são formadas pelas vogais, sem estas a mesma não pode se unir à letra restante, como garante o discurso grego, isto é, *τὸ συλλαμβάνειν τά γράμματα*[282]): existem três espécies de sílabas. De fato, algumas são chamadas breves, umas longas e outras comuns, certamente aquelas que são percebidas ora como breves ora como longas, conforme a necessidade do metro, solicitará que elas sejam alongadas ou abreviadas. A posição das letras consonantais, por outro lado, de acordo com os princípios e as regras da arte métrica, tornam longas as sílabas breves. Pois, obedecendo a natureza, todo som vocálico é produzido sob um som de duas intensidades na boca dos humanos, isto é, com longas ou breves, destas uma se estende e a outra se contrai. Portanto, quando nos metros uma sílaba longa for necessária, de modo que aquela que, pela lei da natureza, parecia breve será executada e pronunciada como longa; a posição, isto é, a união de duas consoantes, foi inventada e introduzida pelos primeiros autores da técnica musical. Esse estudo dos poetas gerou, depois de um consenso, a regra que, levando conhecimento desde há muito tempo, também sancionou uma ordem de observação inviolável nos demais metros. Por isso, a sílaba breve recebe um único tempo e a longa não mais do que dois, disso geralmente resulta, unindo à necessidade do metro, que se coloque duas breves no lugar de uma sílaba longa ou uma única longa no lugar de duas breves, o que se pode identificar nos [trímetros] jâmbicos anapésticos e igualmente nos demais versos.

[282] "Junto do qual reunir as letras"

Neque enim haec commutatio numero metrorum officit congruentibus sub utraque lege temporum spatiis atque momentis. Positione uero octo modis, ut supra relatum est, fiunt. Ex quibus sex uidentur aperti; de septimo etiam nunc tractemus: si correpta per se uocalis littera sequentem i habeat inter duas uocales constitutam, ut "Troiaque nunc stares". Hic enim o litterae uocali correptae infertur i littera || pro duabus consonantibus accipienda, quamquam et geminata i scribere iubeamur, ut

"proiiecit fluuio penitusque in nubila fugit".

Alii oi diphthongon uolunt esse, ut sit pes dactylus prima syllaba natura longa, troi, sequentibus duabus brevibus, a et que. Hoc u littera facere nequibit, eodem [quot] si fuerit loco. Nam ita ponuntur hae duae litterae in syllabis, ut exigente ratione interdum sint uocales pro suapte natura, interdum consonantes, quia et praelatae et subiectae aliis uocalibus coeunt et syllabam reddunt, quod reliquae facere non possunt ut [eaedem et consonantes sint et uocales]. Nam cum et inter se geminantur et cum aliis iunguntur, prima earum quae in syllaba fuerit euidenti ratione consonans erit, quippe cum vocis sonus in subiecta tantum uocali audiatur, ut iaculum Iuno uota uultus et his similia. Octauo, si correpta uocalis desinit in consonantem, qua pars orationis finiatur, et sequens syllaba a uocali incipiat, ut "hoc erat" et "hic ait".

E, na verdade, essa mudança na quantidade dos metros não interfere, de acordo com qualquer uma das duas regras, nas durações dos tempos nem nas variações. De fato, eles são produzidos pela posição de oito maneiras diferentes, como se relatou anteriormente. Dentre essas, seis parecem evidentes; além disso, trataremos agora da sétima: se uma vogal breve por natureza tiver um *i* que lhe segue colocado entre duas vogais, como em: *[Trōiăquĕ | nūnc stā|rēt]*[283]. Aqui, na verdade, coloca-se com a vogal breve *o* uma letra *i* sendo admitida no lugar de duas consoantes, da mesma forma quando nos mandam escrever um *i* duplicado, como em:

[prōiē|cīt flŭuĭ|ō, || pĕnĭ|tūsque īn | nūbĭlă | fūgĭt.][284].

Alguns consentem que *oi* seja um ditongo, uma vez que o pé é datílico com a primeira sílaba de natureza longa, *troi*, sendo seguido por duas breves, *a* e *que*[285]. A letra *u* não poderá fazer isso mesmo se estiver na mesma posição. Na verdade, essas duas letras se colocam dessa forma nas sílabas, assim como exige a regra, sejam elas vogais por sua própria natureza, sejam consoantes, porque tanto as que vêm antes como as que vêm depois se unem a outras vogais e formam uma sílaba, já que as demais letras não podem fazer isso, como se fossem essas mesmas consoantes e vogais. Pois, tanto quando se juntam entre si, como quando se agregam a outras, a primeira delas que estiver na sílaba, por uma razão evidente, será uma consoante, naturalmente quando se ouvir o som da voz apenas na vogal adjacente, como nas palavras *iaculum* (“dardo”) *Iuno* (“Juno”) *uota* (“votos”) *uultus* (“semblante”), e outras semelhantes. A oitava regra (elisão): se uma vogal breve pára numa consoante, na qual uma parte da oração termina, e a sílaba seguinte começa por uma vogal, como em *hoc erat* (“isto era”) e *hic ait* (“ele diz”).

[283] Verg., *A.*, II, 56. (Trad.: “Se ainda estivesse em pé, Tróia”). Mário Victorino cita este verso com uma alteração em relação ao original, que é: *“Troiaque nunc staret, Priamique arx alta maneres”, [Trōiăquĕ | nūnc stā|rēt,|| Prĭă|mīque ārx | āltă mă|nērĕs.]*, ou seja, “Se Tróia estivesse ainda agora em pé, tu permanecerias sendo o elevado baluarte de Príamo” .

[284] “lançou ao rio e logo retirou-se para as nuvens”. Verg., *A.*, XII. Novamente Mário Vitorino cita o verso com uma pequena alteração, no original a palavra *proiiecit* é grafada como *proiecit.*

[285] O pé datílico seria*: [|troīăquĕ|]*

Nunc de communibus plenissime tractemus, unde sumus digressi. Quarum | in metris triplex ratio et causa reperitur, siquidem una eademque syllaba nunc longa nunc brevis utriusque temporis lege fungatur.Sciscitantibus autem, cur tres modi communium syllabarum sint, dicemus longam syllabam aut natura fieri aut positione. Haec sub utraque specie communem in metris syllabam dabit, id est aut natura, cum ultima pedis dactyli longa reperitur, ut "insulae Ionio in magno", || aut positione, cum inferuntur brevi syllabae duae consonantes, quarum prior semper muta, sequens liquida est. Superest natura brevis, cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in consonantem, ea dumtaxat lege ut sequens syllaba incipiat a uocali, tamquam "hic ait et nostris". Ita efficiuntur modi, ut supra dictum est, tres. Igitur prima species erit quae dactyli pedis tertiam brevem seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo, longam efficiens contra legem hexametri heroi amphimacrum inducit, qui pro dactylo lege communium syllabarum accipietur, ita tamen ut sequens a uocali pes inchoet. Cuius exemplum apud Homerum "ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα", apud nostrum "insulae Ionio in magno". Nam sub illa coniunctione longae quae sunt huius modi, utriusque uocalis nomen incurrunt, et in collisione spatium temporis ipsa pronuntiandi celeritate consumitur: quamquam non nulli quasi finalem syllabam propter indifferentiam, quae in metris omnibus competit, tradant, super quo plerique ambigunt in isto dumtaxat syllabarum communium priuilegio.

Agora tratemos mais profundamente das sílabas comuns, de onde nos afastamos. Suas três regras e sua causa descobrem-se nos metros, visto que uma única e mesma sílaba é executada ora longa ora breve, de acordo com a lei de cada um desses tempos. Aos que perguntam, porém, por que existem três regras de sílabas comuns, diremos que a sílaba se torna longa ou por natureza, ou por posição. Ela produzirá uma sílaba comum nos metros sob qualquer um dos dois tipos, isto é, ou por natureza, quando se encontra a última longa de um pé datílico, como em *[īnsŭlae͡Ĭ|ōnĭŏ | īn māg|nō]*[286], ou por posição, quando duas consoantes são colocadas em uma sílaba breve, das quais a primeira é sempre muda e a seguinte é liquida. Resta ainda a que é breve por natureza, cujo modo é único, isto é, quando uma vogal breve termina em consoante, pelo menos conforme a regra de que a sílaba seguinte começa com vogal, como *em [hīc,' ăĭt |'ēt nōs|trīs]*[287]. Assim, realizam-se três espécies [de vogais], como se disse acima. Portanto, a primeira será aquela que, ou por uma vogal alongada, ou por uma combinação de duas [vogais], isto é: por um ditongo, ao transformar a terceira breve de um pé datílico em uma longa, [o que é] contrário à lei do hexâmetro heroico, introduz um anfímacro que será reconhecido como um dátilo pela lei das sílabas comuns, mas de tal forma que o pé seguinte tem de começar com uma vogal. Um exemplo disso está em Homero, *ἄνδρα μοι ἔννεπε, Moῦσα]*[288] e também no nosso *[īnsŭlae͡Ĭ|ōnĭŏ | īn māg|nō]*[289]. Ora pois, nessa junção [de vogais], as longas que são desse tipo ficam sujeitas à classificação de cada uma das vogais [subsequentes], e, nesse encontro [de vogais], a duração do tempo se consome na própria velocidade da pronúncia: embora não poucos ensinem que elas [são] como uma sílaba final, por causa da [lei da] indiferença que é admissível em todos os versos, a maioria se indaga [perguntando] se isso [não ocorre] apenas como um privilégio das sílabas comuns[290].

---

[286] "As ilhas (Estrófades) no grande mar Jônio". Verg., *A.*, III, 211: "[...]*Strophades Graio stant dictae / insulae Ionio in magno, quas dira Celaeno / Harpyaeque colunt aliae, Phineia postquam / clausa domus mensasque metu liquere priores.*"

[287] "Este (estrangeiro), diz ela, e em nossos (domínios) ". Verg., *A.*, IV, 591: "*hic,' ait 'et nostris inluserit aduena regnis*?", ("Este estrangeiro, diz ela, haverá de zombar de mim em meus próprios domínios?").

[288] Hom. *Od*. I.1

[289] Verg., *A.*, III, 211: Trad.: ("*insulae Ionio in magno, quas dira Celaeno*")

[290] Este é um fenómeno que diz respeito apenas à poesia grega: na poesia latina o verdadeiro hiato é bastante raro, sendo normalmente evitado por elisão ou sinalefa e, em qualquer caso, não produz efeitos na quantidade métrica das sílabas envolvidas. Na poesia grega, no entanto, frequentemente ocorre que uma sílaba final de palavras, constituída em si por uma longa, contendo longa vogal ou ditongo, é tratada metricamente como curta, se imediatamente seguida por uma palavra que começa em vogal.

Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda syllaba natura semper brevis, utpote sequenti loco in dactylo pede, coniunctis duabus consonantibus, quarum prior muta, sequens liquida sit, longam efficit positione, ut est "uidit turicremis" in r, et ||

"ni palmas ponto tendens utrasque Cloanthus,"

in l, item

"Brontesque Steropesque et nudus membra Pyracmon,"

in m, item

"nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos,"

in n. Habes exempla quattuor liquidarum, quas ametabolas diximus.Nam aut brevis syllaba est loco longae posita, aut positione longa uim | suae proceritatis loci condicione non obtinet. Ergo hic pro brevi accipietur lege communium, qua prior muta c, sequens liquida sit r. Ita tamen ut utraque consonantes in una syllaba coniunctae habeantur. Nam si altera earum in secunda syllaba, sequens in tertia reperiatur, non iam communem sed longam syllabam iure efficient. Sed et duae liquidae m et n, quae solae ex his sibi subiunguntur, non praecedente muta in una syllaba longam syllabam facere possunt, ut "omnibus errantem terris" et "aut Agamemnonius scaenis".

Há [ainda] outra dessas [vogais], sempre breve por natureza, estando na segunda sílaba do mesmo pé, visto que (está) na posição que se segue ao pé dátilo e havendo duas consoantes juntas, das quais a primeira é muda, sendo a seguinte líquida; aí, ela se torna longa por posição, como em *[uīdīt, | tūr**ĭcr**ĕ|mīs]* [291], em *r*, e de

*[nī pāl|mās pōn|tō tēn|dēns ū|trāsqu**ĕ Cl**ŏ|ānthŭs]*[292], *ў*

em *l*, do mesmo modo que

*[Brōntēs|quē Stĕrŏ|pēsqu(e) ēt | nūdūs| m**ēm**|**b**ră Pў|rāgmōn.]*,[293]

em *m*, do mesmo modo que

*[nēscĭŏ | quīs tĕnĕ|rōs ŏcŭ|lūs mĭhĭ | fāscĭnăt | **āgn**ōs.]*[294]

em *n*. Tens aí quatro exemplos de líquidas, a que chamamos ametábolas[295]. Ou porque uma sílaba breve foi colocada no lugar de uma longa, ou uma longa por posição não obtém a força de seu alongamento na condição em que se encontra. Portanto, ali, será tomada por uma breve, pela regra das [sílabas] comuns, em que uma [consoante] muda *c* é seguida pela líquida *r*. Do mesmo modo, ambas as consoantes são consideradas unidas em uma mesma sílaba. Pois, se uma dessas, na segunda sílaba, vier depois na terceira [sílaba], certamente elas já não serão tomadas por uma sílaba comum, mas, com razão, por uma longa. Mas também duas líquidas, *m* e *n*, isoladas entre si, quando ficam unidas, podem tornar uma sílaba longa, [mesmo] sem [consoante] muda naquela sílaba, como em *[ōmnĭbŭs | ērrān|tēm tēr|rīs]*[296] e *[āut Ăgă|mēmnŏnĭ|ūs scǣ|nīs]*[297]

[291] Verg. *Ae* IV, 453: *uidit, turicremis cum dona imponeret aris,*
[292] Verg., *A.*, V, 233: *ni palmas ponto tendens utrasque Cloanthus*.
[293]Verg., *A.*, VIII, 425: *Brontesque Steropesque et nudus membra Pyragmon*.
[294] Verg., *Buc.* III, 103: *nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos*.
[295] Do Grego αμετάβολος, "imutável, inamovível".
[296] Verg., *A.*, I, 756: *omnibus errantem terris et fluctibus aestas*.
[297] Verg., *A.*, IV, 471: *aut Agamemnonius scaenis agitatus* Orestes.

Tertia uero, cum in eodem dactylo prima syllaba, quae semper natura est longa, brevis inuenitur hoc modo, si correpta in ea uocalis desinat in unam consonantem, ut "hoc erat alma parens". Erit ergo communis syllaba ea condicione, qua pars orationis finiatur et sequens a uocali incipiat, ne loco et sede dactyli tribrachus positus esse uideatur. Neque enim hic finalem syllabam causatus sis: nam nulla ibi proceritas sonat, ubi uere finalis non est, uelut "arma uirumque cano". Quamuis enim ma syllaba partem orationis compleat, tamen, || quia loco longae posita non est, uim proceritatis capere non potest. Cum autem locum obtinet longae syllabae et finit partem orationis, tunc est communis et efficitur longa, quod etiam naturali ratione dinoscas. Nam cum sermo terminatur et postrema clauditur syllaba, ad initium alterius transitum fieri manifestum est, quod interuallum aliquanti temporis intercapedinem sumit: sic naturalis brevitas additamento temporis crescit.

Haec ratio communium syllabarum cum in dactylicis tum in ceteris metrorum generibus sub eadem obseruatione tractanda est, qua tamen frequentius auctores graeci quam nostri usi sunt. Non enim uitium est, quippe cum maximi auctores hoc genus compositionis ultro adfectauerint.

Então, [há] o terceiro [tipo] quando, num mesmo dátilo, a primeira sílaba, que sempre é longa por natureza, dessa forma, é vista como breve. Se a vogal abreviada nessa [sílaba] termina em uma consoante, como em *[hōc ĕrăt, | ālmă pă|rēns]*[298], [fica longa]. A sílaba comum permanecerá, portanto, nessa mesma condição, em que se conclui parte da oração e a seguinte começa por uma vogal, para que não pareça que um tríbraco foi colocado no lugar e posição de um dátilo. E certamente não acusaste aqui a sílaba final: pois ali não soa nenhum alongamento, uma vez que não é verdadeiramente [uma sílaba] final, como em *[Ārmă uĭ|rūmquĕ că|nō]*[299]. Ainda que, de fato, a sílaba *ma* complete parte da sequência, ela não pode ganhar a força do alongamento, porque não foi colocada em lugar de uma longa. Quando, entretanto, ela ocupa o lugar de uma sílaba longa e termina uma parte da sequência, então, ela é uma [sílaba] comum e se torna longa, o que tu distinguirias de uma medida natural. Pois, quando se encerra o discurso e a sílaba seguinte se interrompe, é claro que se faz uma transição para o início da outra [sílaba], porque o intervalo de uma certa quantidade de tempo impõe uma interrupção: desse modo, a brevidade natural [da sílaba] aumenta com o fator adicional do tempo.

Essa disposição das sílabas comuns, tanto nos dátilos como nos demais tipos de metros, deve ser tratada, contudo, com o mesmo cuidado de que se valeram os autores gregos mais frequentemente do que os nossos. Naturalmente não é, de fato, uma imperfeição, uma vez que os maiores autores já tenham experimentado esse tipo de construção de bom grado

[298] Verg., *A.*, II, 664: "*hoc erat, alma parens, quod me per tela, per ignis*".
[299] Verg., *A.*, I, 1: "*Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris*".

Nam apud Homerum notabilis ille versus habetur, in quo quattuor longae sylabae lege communium pro brevibus inductae accipiuntur, cuius exemplum |

οϋ τί μοι αίτίη έσσί, ϑεοί νύ μοι αΙ'τιοί είσιν

alia rursus apud eundem species superiori contraria, in qua brevis pro longis lege communium recipiuntur, ut est

άμφί δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἐανόν ἕσαϑ' ὅν οί' Αϑήνη

nam tres continui dactyli e ternis syllabis brevibus subsistunt, cuius generis apud eundem complures versus reperiuntur.

Dignum forsitan inquisitione sit, cur muta liquidae sociata communem syllabam reddat, duae autem semiuocales aut mutae copulatae similiter inter se nequaquam id faciant. Non immerito. Nam quamuis maior in liquida quam in muta uirtus sit, utpote ametabola, quae|| a tenore suo non immutetur, attamen infirmiora paria sociata praestant his quae ex impari ueniunt, quod sub exemplo magis aperiam. Sicut enim minime par ad nitendum uirtus est asini mulo coniuncti, cum alter alterum propter inaequalitatem naturae non respondentis uiribus, dum iungitur, debilitat potius quam iuuat, ita hoc et in his litteris quae ex impari copulatione ueniunt intellegendum est, ut iugatae instabiles semper et lubricae sint, quia non pari aut aequali uirtute nituntur. Hae tamen, ut supra diximus, sub uno enuntiatu coniunctae communem syllabam, diuisae autem longam efficient. Mutae uero et semiuocales, ut libet, appositae correptae uocali semper longam syllabam reddunt.

Há, por exemplo, aquele notável verso em Homero, em que quatro sílabas longas são sentidas executadas como breves pela lei das [sílabas] comuns, cujo exemplo [segue]:

οϋ τί μοι αίτίη έσσί, ϑεοί νύ μοι αΙ'τιοί είσιν[300]

[οὔ ̄ τί ̆ μοῐ̆ αἰ ̄τί ̆η ̆ ἐ ̄σσί ̆, θε ̆οί ̄ νύ ̆ μοῐ̆ αἴ ̄τι ̆οί ̆ εἰ ̄σῑν]

Outro [verso], por outro lado, no mesmo [Homero, é] de uma espécie contrária à do [exemplo] anterior; nele breves são sentidas como longas pela lei das [sílabas] comuns:

άμφί δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἐανόν ἕσαϑ' ὅν οί' Αϑήνη [301]

[ἀ ̄μφὶ ̆ δ' ἄ ̆ρ' ἀ ̄μβρό ̆σῐ̆ ο ̄ν ἑ ̆ ̆ἄνὸ ̄ν ἕ ̆σ̆ἄθ', ὅ ̄ν οἱ ̆ Ἀ ̆θή ̄νη ̄]

na verdade, três dátilos seguidos resistem a partir de cada uma das três sílabas breves e vários versos assim, do mesmo tipo, podem ser encontrados no mesmo [Homero].

Talvez seja apropriado questionar por que razão uma [consoante] muda unida a uma líquida produza uma sílaba comum, ao passo que duas semivogais ou mudas, igualmente unidas entre si, não o façam de maneira alguma. Não é sem razão. Pois, ainda que haja um vigor maior na líquida do que na muda, como [acontece com a] ametábola[302], que não sofrerá alteração em seu tom, entretanto, mesmo os pares mais débeis, quando associados, sobressaem-se sobre aqueles que provém de uma [associação] ímpar, fato que explicarei melhor com o exemplo seguinte. Certamente o vigor não é igual à clareza, assim como burros não são colocados juntos de uma mula, uma vez que, por causa da desigualdade de suas naturezas que não corresponde às forças [de cada uma], quando são unidas uma enfraquece a outra mais do que reforça. Desse modo, também deve-se perceber isso naquelas letras que provêm de uma união desigual, assim como nas junções que são sempre instáveis e inconstantes, porque não dependem de um vigor igual ou semelhante. Essas, entretanto, como dissemos anteriormente, [quando] unidas sob uma única emissão, [produzem] uma sílaba comum, [quando] separadas, no entanto, produzirão uma longa. E, na verdade, também as semi-vogais mudas, quando colocadas de qualquer forma junto a uma vogal abreviada, sempre produzem uma sílaba longa.

[300] Hom. *Il.* III, 164.
[301] Hom. *Il.*, XIV, 178.
[302] sílaba imutável

Illud etiam admonente occasione intimandum est, litteras quasdam contra rationem naturae metri necessitate nunc produci, ut "Italiam fato profugus", nunc corripi, ut "feruere Leucaten". Quamuis quidam in hoc primam uerbi positionem non a ferueo, sed a feruo tractam contendant meritoque corripiant. Eadem metri lege etiam consonantes geminantur, ut "relliquias Danaum" et

"rettulit Argolico fulgentia poma tyranno"

et

"redduxere retro longe capita ardua ab ictu"; ||

siquidem artis poeticae in eo uim rationemque subsistere manifestum sit, ut uerba seu nomina metro repugnantia uel corripiat uel acuat, interdum minuat, ut "apparent rari nantes", aut forte diuidat, ut "septem subiecta trioni". Vnde species innumerabilium | figurarum repertae sunt. Et in Graeci maxime schematibus his utuntur, quibus maior ac speciosior licentia est corrumpendi sermonis.

E, uma vez que a oportunidade se apresenta, é preciso também salientar que certas letras ora são alongadas contra sua medida natural, de acordo com a necessidade do metro, como em *[Ītălĭ|ām fā|tō prŏfŭ|g**ūs**]*[303], ora são abreviadas, como em *[fēr**uĕ**rĕ | Lēucā|tēn]*[304]. Embora alguns declarem que, nesse verso, a palavra que ocupa a primeira posição não tenha sido derivada de *ferueo*, mas de *feruo*, e, com razão, a consideram [naturalmente] breve. Consoantes também são duplicadas pela mesma exigência do metro [e alongam as vogais], como em *[**rē**lĭquĭ|ās || Dănă|(um)]*[305] e em

*[**rē**ttŭlĭt | Ārgŏlĭ|cō || fūl|gēntĭă | pōmă tў|rānnŏ.]*[306]

e também em

[rĕ|trō || lōn|gē căpĭ|t(a)‿ārdŭ(a)‿ăb | īctŭ][307];

visto que é evidente que a regra e a premência da arte poética se detêm aí, de modo que os verbos ou nomes incompatíveis com o metro, [o poeta] os abrevie ou acentue, algumas vezes os diminua, como em *[āppā|rēnt rā|rī || nān|tēs]*[308], ou, talvez, as separe, como em *[Sēp|tēm sūb|iēctă trĭ|ōnĭ]*[309]. Disso obtêm-se [todas] as espécies das inumeráveis formas [de metros]. E dessas possibilidades fizeram o maior uso os gregos em suas construções poéticas, e nelas reside a maior e mais admirável liberdade para deturpar as palavras.

---

[303] *Eneida* I verso 2: "*Italiam fato profugus Lauiniaque uenit*".
[304] *Eneida* VIII verso 667: "*feruere Leucaten auroque effulgere fluctus.*".
[305] Este trecho ou sintagma ocorre três vezes, todas na *Eneida* de Virgílio: I verso 30: "*Troas, reliquias Danaum atque immitis Achilli*,"; I verso 558 "*quae nos, reliquias Danaum, terraeque marisque*"; III verso 87 "*Pergama, reliquias Danaum atque immitis Achilli.*".
[306] (Lucano) *Bellum Civile* IX verso 367.
[307] *Eneida* V verso 428, novamente Mário Vitorino cita o verso com uma pequena alteração: no original aparece a palavra *abduxere* em vez de *redduxere*, o hexâmetro inteiro seria então: "*abduxere retro longe capita ardua ab ictu", [ābdū|xērĕ rĕ|trō || lōn|gē căpĭ|t(a)‿ārdŭ(a)‿ăb | īctŭ]*.
[308] *Eneida* I verso 118: "*apparent rari nantes in gurgite uasto*,".
[309] *Geórgicas* III verso 381, mais uma vez Mário Vitorino cita o verso com uma pequena alteração: no original a palavra *subiectatrioni* aparece separada: *subiecta trioni*, o hexâmetro inteiro seria então: *"talis Hyperboreo Septem subiecta trioni", [tālĭs Hў|pērbŏrĕ|ō || Sēp|tēm sūb|iēctă trĭ|ōnĭ]*.

DE PEDIBVS[310]

Pes est certus modus syllabarum, quo cognoscimus totius metri speciem, compositus ex sublatione et positione. Fiunt enim ex syllabis pedes ordine incrementorum, quem Graeci syllabicen parauxesin uocant; item temporum, quem Graeci chronicen parauxesin nominant. Syllabarum autem incrementa fiunt quinque, incipientia a disyllabo usque ad hexasyllabum. Temporum uero incrementa a duobus ad duodecim procedunt, id est a disemo ad duodecasemum. Etenim cognationis et cuiusdam ad augmentum propaga|tionis, qua pedes multiplicati noscuntur orti a disyllabis quattuor, ratio talis est. Syllaba quae ad incrementum pedum adicitur aut longa est aut brevis: huius adiectione ita numerus propagabitur. Sit pyrrichius e duabus brevibus: hunc brevis tribrachyn, longa dactylum aut anapaestum facit. Sit spondeus e duabus longis: hunc brevis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita, longa molossum reddit. Quo genere trisyllabi et tetrasyllabi usque ad hexasyllabos adcrescunt. Additamento temporum processerunt, ut dictum est, a disemo ad duodecasemum seu a dichrono ad duodecachronum.

Σημεῖον autem ueteres χρόνον, id est tempus, non absurde dixerunt ex eo, quod signa quaedam accentuum, quae Graeci προσῳδίας uocant, syllabis ad declaranda temporum spatia superponuntur, unde tempora signa Graeci dixerunt.

[310] Tradução de PRADO, J.B.T. com a colaboração de MALASPINA, A.O., como parte do desenvolvimento do projeto *Scripta Latina De Re Metrica* – Tradução de Fontes Primárias - I).

SOBRE OS PÉS

Um pé é um arranjo fixo de sílabas, através do qual reconhecemos o aspecto de todos os metros; ele é composto a partir de elevações e abaixamentos [da voz]. Os pés, no entanto, são feitos com sílabas em ordem crescente, o que os gregos chamam incremento silábico progressivo [*syllabicen parauxesin*]; a mesma coisa [dá-se] com a [ordem] dos tempos, que os gregos denominam incremento temporal progressivo [*chronicen parauxesin*]. Existem cinco incrementos de sílabas, começando com o dissílabo [e indo] até o hexassílabo. Já o incremento dos tempos [começa] com dois e prossegue até doze, isto é, do dissemo até o dodecassemo. Na verdade, para o aumento de um [pé] semelhante e de cada desdobramento [seu], pelo qual se reconhecem os pés que foram multiplicados como tendo-se originado a partir de quatro dissílabos, a regra é assim: a sílaba que se acrescenta para o incremento dos pés ou é longa ou é breve, e o ritmo prolongar-se-á de acordo com essa adição. Seja o pirríquio [˘ ˘], com duas breves: [mais] uma breve faz dele um tríbraco [˘ ˘ ˘]; [mais] uma longa o torna um dátilo [¯ ˘ ˘] ou um anapesto [˘ ˘ ¯]. Seja o espondeu [¯ ¯], com duas longas: uma breve [faz dele] um palimbáquio [¯ ¯ ˘] ou, se colocada na primeira posição, um báquio [˘ ¯ ¯]; [mais] uma longa faz um molosso [¯ ¯ ¯]. Desse modo, trissílabos e tetrassílabos estendem-se até hexassílabos. [Assim,] prosseguiram com o acréscimo de tempos, como já se disse, desde o dissemo até o dodecassemo ou do dícrono até o dodecácrono.

A partir disso, não foi tolo os antigos terem chamado ao *χρόνον* [crônon], isto é, o tempo, *Σημεῖον* [semêion; marca, sinal], porque determinados sinais de acentuação [ou "entonação"], que os gregos chamam *προσῳδίας* [prosódias], são colocados acima das sílabas para assinalar a duração dos tempos, daí os gregos terem chamado aos tempos *marcas* [ou "sinais"].

Sed et hoc || loco suggerente non praetermiserim, eosdem figuras pedum secundum spatia temporum per litteras ita designasse, ut brevis syllabae loco, quae sit unius temporis, ponatur B, longae autem loco, quae sit temporum duum, M: hoc ideo, ut per litteras regula pedum facile intellegatur.

Pes autem dictus est, siue quia pars mensurae et modus quidam similiter pes uocatur, siue quia in percussione metrica pedis pulsus ponitur tolliturque, seu quia, ut nos pedibus nostri ingredimur atque progredimur, ita et versus per hos pedes procedit et scandit. Inter pedem autem et rhythmum hoc interest, quod pes sine rhythmo esse non potest, rhythmus autem sine pede decurrit. Non enim gradiuntur mele pedum mensionibus, sed rhythmis fiunt.

Pedes igitur simplices sunt duodecim, qui procedunt adcrescuntque a duabus syllabis ad tres, item a duobus temporibus ad sex. Ex quibus disyllabi quidem quattuor duum uel trium uel quattuor temporum existunt. Quorum princeps et auctor pyrrichius, qui et pariambus et dibrachys appellatur: sed pariambus ideo, quod minus habeat unum tempus ab iambo (παρά enim Graeci minus dicunt), subsistens e duabus| brevibus, ut dea, temporum duum. Ita enim ratio exposcit, ut a brevi origo temporum coeperit, quippe cum eiusdem geminatio longum fecerit tempus, haud aliter quam in numeris: etenim ex uno multiplicato, ueluti primordio ac semine, reliqui gignuntur. Nec immerito a || Graecis hic pes, ut auctor et parens reliquorum, ἡγεμών dicitur. Pyrrichius autem a celeri motu ac recursu, qui in pyrricha habetur, nuncupatus est.

Mas, assim como [fizeram] os próprios [gregos] ao marcar com letras as formas dos pés, conforme as durações dos tempos [de cada um], eu não poderia deixar de sugerir nesta seção que, no lugar de uma sílaba breve, que é de um só tempo, se coloque um B, ao passo que, no lugar de uma longa, que é de dois tempos, um M: e isto para que, através dessas letras, a regra dos pés seja percebida mais facilmente.

Foi chamado pé, seja porque a unidade de medida e um certo compasso [musical] é igualmente denominada pé, seja porque, na marcação do ritmo métrico, ora alça-se ora pousa-se o pé com uma batida, seja ainda porque, como com nossos pés caminhamos e avançamos, da mesma forma também um verso, por meio desses pés, avança e evolui. Acerca do pé e do ritmo importa [dizer também] isto: que não pode haver pé sem ritmo, porém o ritmo flui sem o pé. De fato, as melodias não se desenvolvem com as medidas dos pés, mas são criadas com os ritmos.

Há, então, doze pés simples, que se desenvolvem e se expandem de duas para três sílabas, bem como de dois até seis tempos. Dentre esses, existem quatro dissílabos, de dois, três ou quatro tempos, dos quais o primeiro e fundador é o *pirríquio*, que também é chamado *pariambo* e *díbraco*. Mas, precisamente porque o *pariambo* tem um tempo a menos que o iambo (com *παρά*, de fato, os gregos querem dizer *menos*), ele existe a partir de duas breves, como em *dĕă*, de dois tempos. Assim como a lógica decerto solicita que a origem dos tempos tenha começado por uma breve, é [também] claro que, com o redobro das mesmas [duas], se tenha feito um tempo longo, de modo não dessemelhante [do que se passou] com os ritmos, pois, a partir da multiplicação de um único, como se [fosse] este a [forma] primordial e seminal, originam-se os demais. E não injustamente, esse pé, como um fundador e pai dos demais, é chamado "chefe" [*ἡγεμών*], pelos gregos. O *pirríquio*, tomou seu nome do movimento rápido e recorrente que se vê nas *Pírricas*[311].

[311] Dança guerreira dos lacedemônios (cf. FARIA, 1994: s. v. pyrrhĭcha, ae)

Hic contrarius est spondeus e duabus longis, ut reges, temporum quattuor, dictus a tractu cantus eius qui per longas tibias in templis supplicantibus editur. Vnde et spondaulae appelantur qui huius modi tibias inflare adsuerunt.Quorum uterque quantum in arsi tantum retinet in thesi. At qui e brevi prima sequente syllaba longa digeritur, erit iambus temporum trium, ut parens ἀπὸ τοῦ ἰαμβίζειν, id est maledicere, quod in iambicis plerumque versibus reperimus, uel ἀπὸ τοῦ ἰέναι βάδην: a brevi enim profectus per longam porrigitur. Huic contrarius trochaeus, dictus a cursu et celeritate (nam τρόχος ἀπὸ τοῦ τρέχειν uocabulum sumpsit), idem et chorius ἀπὸ τῆς χορείας [sumpsit], e longa et brevi temporum totidem, ut Roma. Horum arsis et thesis alterna mutatione uariatur, siquidem in iambo arsis primam brevem, in trochaeo autem longam habeat incipientem, thesis uero contraria superioribus sumat.

Trisyllabi autem pedes octo, in quibus mensura temporum a trisemo siue trichrono ad hexasemon siue hexachronon usque porrigitur, primum habebunt pedem tribrachyn, sicut disyllabi dibrachyn, dictum a temporum substantia. Idem et pygnomus a quibusdam, ne uos praetereat, uocatur. Subsistit autem e tribus brevibus, ut anima, temporum trium. Contrarius huic molossus, dictus a Molossis, qui in Thessalia|| degunt, e tribus longis, ut Eumedes. Hi temporum inter se brevitate et extensione discrepant; nam prior trium, sequens sex temporum spatio prolatatur, quod in disyllabis in pyrrichio et spondeo docuimus.

O seu oposto é o espondeu com duas longas, como em *rēgēs,* de quatro tempos, assim chamado a partir de seu canto arrastado, que é emitido com [o som de] longas flautas pelos suplicantes nos templos. Daí também serem chamados *espondaulas*[312] aqueles que se habituaram a tocar as flautas desse modo.Cada um desses dois [pés] mantém a mesma quantidade, tanto na ársis quanto na tésis. Mas aquele que é arranjado com uma primeira sílaba breve seguida de uma longa será o iambo de três tempos, porque é originário do verbo *iambízein* (*ἀπὸ τοῦ* ἰ*αμβίζειν*), isto é, maldizer[313], que é o que, em geral, encontramos nos versos iâmbicos, ou [então] de "ir marchando" (*ἀπὸ τοῦ ἰέναι βάδην*): com efeito, [esse pé] partiu de uma breve e estende-se até uma longa. O oposto desse pé [o iambo] é o troqueu, [assim] chamado por sua marcha e velocidade (pois o vocábulo ***tróchos – τρόχος* – "roda"** – veio do verbo ***tréchein – *ἀπὸ τοῦ τρέχειν* – "correr"**); assim também o coriambo adotou seu nome a partir das choreias[314] (*apó tís choreías – ἀπὸ τῆς χορείας;"*); [é feito] e tem a mesma quantidade de tempos, com uma longa e uma breve, como em *Rōmă.* A ársis e a tésis desses pés sucedem-se em variação alternada, contanto que, no iambo, a ársis assuma a, primeira breve, mas, no troqueu, fique na longa que o inicia, ao passo que a tésis seja o contrário dos precedentes.

São oito os pés trisílabos, nos quais a medida dos tempos estende-se desde o *trissemo* ou *trícrono* até o *hexassemo* ou *hexácrono*; em primeiro lugar [eles] terão] o pé *tríbraco,* assim como os dissílabos [tinham] o *díbraco,* assim chamado devido à natureza de seus tempos. E que não vos passe despercebido que ele também é chamado *pignomo* por alguns; consiste em três breves, como em *ănĭmă* ["alma"], e em três tempos. O contrário dele é o *molosso* – assim chamado a partir dos *Molossos,* que vivem na Tessália – com três longas, como em *Ēumēdēs*[315]. Esses [pés] diferem entre si quanto à brevidade e à extensão dos tempos; pois o [pé] anterior é de três [tempos], e o seguinte estende-se numa duração de seis; isto já ensinamos, na seção dos dissílabos, [ao falar] a respeito do *pirríquio* e do espondeu.

---

[312] Um *espondáulio* é um juramento solene, pronunciado com acompanhamento de flautas (cf. FARIA, 1994: s v. *spondaulĭum, -ī)*

[313] O verbo ἰ*αμβίζειν* significa "atacar por meio de iambos, vituperar" (Cf. LIDDELL & SCOTT, 1996: s.v. ἰ*αμβίζω*).

[314] As *choréias* eram danças corais, geralmente circulares e acompanhadas de música (Cf. LIDDELL & SCOTT, 1996: s.v *χορεία*).

[315] Nome de um troiano, pai de Dólon, citado em Virg., *En*., XII.346 (Cf. FARIA, 1994: s.v. *Eumēdēs, -is*).

At qui| prima longa duabus brevibus subiectis ordinatur, dactylus dicitur temporum quattuor, ut Virbius: qui [et] a situ et similitudine digitorum, qui in manibus habentur, uocabulum traxit. Nam ex utraque parte breviores longiori iunguntur. Huic contrarius mutata temporum uice, pari autem magnitudine, erit anapaestus, qui et antidactylus uocatur, ut scopulos. Horum in arsi et thesi tempus congruit, etiamsi in percussione discrepent syllabae. Anapaestus autem a situ contrario et repercussione dactyli, quod est ἀντιπαίεσθαι, dictus: ideoque antidactylus nuncupatur. Cum uero longis duabus praeponitur brevis, fit bacchius temporum quinque, ut Catones, qui a Bacchi carminibus seu cantilenis, quae aptissime hoc metro componuntur, nomen accepit, uel quia familiariter hic rhythmus bacchantibus aptus sit. Cui mutato temporum ordine, mensura autem permanente, palimbacchius contrarius dabitur siue pompicus temporum totidem, ut Romanus.

Mas aquele que é composto com a primeira [sílaba] longa seguida de duas breves adjacentes é chamado dátilo, de quatro tempos, como em *Vīrbĭŭs*[316]; o dátilo tirou seu nome da disposição e semelhança dos dedos contidos na mão; já que, em ambos os casos, partes mais breves unem-se às mais longas. O seu oposto, depois de trocadas as posições dos tempos, mas com idêntica extensão, será o anapesto, que também é chamado antidátilo, como em *scŏpŭlōs* [“rochedos”]. O tempo desses [dois pés] coincide na ársis e na tésis, embora suas sílabas difiram quanto à percussão[317], pois o anapesto [compõe-se] em posição contrária e como o reflexo de um dátilo, por isso é chamado *antipáiestai* [*ἀντιπαίεσθαι*[318]], em razão do que tomou o nome de antidátilo. Mas quando se coloca uma breve antes de duas longas, faz-se um báquio, de cinco tempos, como em *Cătōnēs*[319]; ele recebeu [tal] nome a partir dos poemas ou cantilenas de Baco, que são mais habilmente compostos nesse metro, ou [também] porque esse ritmo é perfeitamente adequado aos mistérios de Baco. Quando se troca a ordem dos tempos desse pé, permanecendo, porém, a mesma medida, dar-se-á o seu contrário, o *palimbáquio*, ou ainda *pômpico* [“solene”], com equivalente [número] de tempos, como em *Rōmānŭs* [“romano”].

316 Vírbio: nome tomado por Hipólito, após ressuscitar e ser admitido entre os deuses do *Inferus*, citado em Ov., *Met*., XV.544 (Cf. FARIA, 1994: s.v. *Vīrbĭŭs, -i*).

317 Trata-se, naturalmente, da sílaba que recebe o *ictus* (“golpe” ou “pancada”) em cada pé.

318 *ἀντιπαί-εσθαι* é a forma do infinitivo presente médio do verbo *ἀντιπαί-ομαι*, “bater, lançar ataque contra, resistir” (Cf. LIDDELL&SCOTT, 1996, s.v. *ἀντιπαίω*). No presente contexto, poder-se-ia pensar em *contratempo* ou *contraponto*: "Contratempo: 5. Mús. Em um compasso musical, o tempo fraco, isto é, correspondente às notas executadas sem acentuação ou intensidade maior; *tb.*: padrão rítmico que consiste em fazer os sons produzidos corresponderem à parte fraca, não acentuada, do compasso, havendo pausas nos tempos fortes. [Cf., nesta acp., *síncope*.]" (CALDAS AULETE - versão digital: http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital, acesso em 15/02/10).

319 Catão era o sobrenome dos Pórcios, dentre os quais o mais famoso foi Marco Pórcio Catão, o Censor, célebre pelo rigor de sua moral e por sua austeridade. No plural, pode significar também “homens austeros” (Cf. FARIA, 1994: s.v. Catō, -ōnis).

Horum arsis ac thesis eadem est, quae anapaesto et dactylo. Superest amphibrachys cum contrario sibi amphimacro siue cretico. Prior pes e brevi longa et brevi temporum quattuor erit,|| ut Homerus; sequens duabus utrimque longis media brevi temporum quinque scribitur, quae Graeci χρητιχά uocant, ut Eumenes. Vterque autem a compositione temporum uocabulum traxit. Horum arsis ac thesis longe inter se discrepant. Nam amphibrachys in triplo, creticus, cui de gente inuentoris nomen est, in sescuplo pensatur: de qua re in superioribus plenissime dictum est. Hoc pede ὑπορχήματα componuntur.

Inter haec ne quispiam nos aut ignoratione aut incuria praeterisse forsitan putet, quod per diuisionem et coniunctionem inter se temporum et syllabarum disyllabi pedes in metris extendantur, trisyllabi uel terasyllabi contrahantur, quod supra cursim attigi, repetendum hoc uobis existimaui. Nam trochaei seu iambi longa in duas breves diuisa tribrachyn pedem efficiet. Adaeque in spondeo soluta in breves| prior longa anapaestum, sequens dactylum procreabit. Vtraque autem diuisa tetrasyllabum e quattuor brevibus, id est proceleumaticum pedem, dabit, qui rursus [contra] consociatis inter se brevibus ad originem reuertetur, id est spondeum reformabit: quod aeque dactylus et anapaestus brevibus suis in longam copulatis efficient. Molossum [eum] quoque trium tetrasyllaborum parentem pedum in promptu est cernere.||

A ársis e a tésis desses [dois] pés é a mesma que [há] no anapesto e no dátilo. Resta [ainda] o *anfíbraco* com seu oposto, o *anfímacro* ou *crético*. O pé anterior, com uma breve, uma longa e [outra] breve, terá quatro tempos, como em *Hŏmērŭs* ["Homero"]; o seguinte, com duas longas em cada extremidade e uma breve no meio, será composto por cinco tempos, o que os gregos chamam *chretichá* [*χρητιχά* = "relativo à ilha de Creta"], como em *Ēumĕnēs*[320]. Cada um tomou seu nome a partir da combinação de tempos [do pé]. Já a ársis e da tésis desses [pés] diferem muito entre si, pois o anfíbraco se acentua no terceiro [tempo], o crético, que tem o nome do povo que o inventou, depois de um e meio: já se discorreu mais que suficientemente sobre esse assunto nos [parágrafos] anteriores. Com esse pé constroem-se os *hyporchêmata* (*ὑπορχήματα*)[321]

Para que ninguém pense que [algo] dessa matéria me tenha escapado, talvez por negligência ou ignorância, julguei que deveríeis lembrar-vos disto: que nos metros os pés dissílabos multiplicam-se por divisão e associação de tempos e de sílabas, e que os trissílabos e tetrassílabos se contraem, fatos que já mencionei rapidamente mais acima. Afinal, uma vez dividida em duas breves, a [sílaba] longa do troqueu e do iambo produzirá um pé tríbaco. O mesmo [dá-se] no espondeu, quando a primeira longa se decompõe em [duas] breves, ela produzirá um anapesto, quando for a [sílaba] seguinte, um dátilo. Mas se ambas [as sílabas] forem divididas, isso fará um tetrassílabo de quatro breves, isto é, um pé proceleusmático, que, por outro lado, com suas breves mais uma vez reunidas, tornará de volta às origens, isto é, formará novamente um espondeu, coisa que igualmente um dátilo e um anapesto produzirão, se tiverem suas breves reunidas em uma única longa. [Daí] é também fácil perceber que o molosso [dá] origem a três [diferentes] pés tetrassílabos[322].

---

[320] Êumenes foi um dos generais de Alexandre, o Grande, cf. Quinto Cúrcio 10.4 (Cf. FARIA, 1994: s.v. *Eumĕnēs, -is*).

[321] Canções acompanhadas de dança e da execução de pantomimas (Cf. LIDDELL & SCOTT, 1996: s.v. *ὑπορχ-έομαι*).

[322] Com cada uma de suas longas por vez desdobrada em duas breves:[˘ ˘ ¯ ¯]ou [¯ ˘ ˘ ¯] ou [¯ ¯ ˘ ˘].

Nam diuisa prima eius longa ionicum ἀ**π**ὸ ἐ***λάσσονος***, *tertia ionicum* ἀ**π**ὸ ***μείζονος***, *media choriambum gignit. Hoc idem et pedes ceteri, quos superuacuum est persequi, facere poterunt. Vnde orta progenies pedum, ausim dicere, merito credatur. Nec te syllabarum adcrescentium in metris terreat numerus, cum uni cuique pedum praestituta legitime tempora custodiantur, quod frequenter in iambicis et trochaicis et ceteris metrorum generibus excepto heroico reperies. Memineris sane trisyllabos pedes temporum dumtaxat quinque uel sex, ut est bacchius et molossus, cum in quibusdam metris, sicut in galliambico, longae eorum solvuntur in breves, uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri. Nam paeones primus et quartus coeuntibus in unam longam duabus suis brevibus amphimacrum uel bacchium uel paliambacchium gignunt. Id Graeci* ***κατ***ὰ ***διαίρεσιν*** *et* ***συναίρεσιν*** *siue* ἕ***νωσιν***, *cum metri necessitas postularit, fieri memorant, quod necessario insinuandum esse credidi, ne syllabarum numero inducti aut simplices aut compositos pedes proprii status uim semper cum uocabulo obtinere catholice pronuntiaretis.*

Nunc de disyllabis coniunctis, qui et duplices et tetrasyllabi pedes appellantur, quos etiam quidam sotadios uocant, referemus, quorum coniunctio basis appellatur. Nam graeco sermone duorum pedum copulatio basis dicitur, ueluti quidam gressus pedum. Qui si eiusdem generis, id est pares, iugati fuerint, dipodian, aut, ut quidam, tauto|podian, sin dispares, ut trochaeus cum iambo, syzygian efficiunt: in qua arsis unum, alterum thesis pedem obtinebit.

Pois a primeira longa desse pé [desdobrada em 2 breves] gera um jônico menor (*ἀπὸ ἐλάσσονος***)**, a terceira, um jônico maior (*ἀπὸ μείζονος*), a do meio, um coriambo. Os demais pés, que é inútil enumerar aqui, poderão fazer a mesma coisa. Eu ousaria afirmar – [tal hipótese merece que] seja, com razão, acreditada – que daí se originaram todas as espécies de pés. E não te assuste o número de sílabas que se acrescentam nos metros: quando são apreendidos os tempos de cada um dos pés, predeterminados de acordo com as normas [métricas], descobrirás o que se passa mais frequentemente com os iâmbicos, os trocaicos, e todos os outros tipos de metros, colocando-se o heroico à parte. Certamente deverás lembrar que os pés trissílabos, de não mais do que cinco ou seis tempos, como os báquios e os molossos, quando em certos metros, como no galiambo[323], com suas longas desdobrando-se em breves, ficam com o tamanho dos tetrassílabos; a mesma coisa acontece nos tetrassílabos, pela conjunção dos tempos em dissílabos ou trissílabos. Também os peões primeiro e quarto, com a fusão de duas de suas breves em uma longa, geram ou um anfímacro, ou um báquio ou um palímbáquio. Os gregos lembram que isso deve ser feito através de diérese e sinérese ou por compressão em uma só [***κατ***ὰ ***διαίρεσιν*** *et* ***συναίρεσιν*** *siue* ***ἕνωσιν*****]**, conforme exigir a necessidade do metro, por isso julguei que seria indispensável recomendar que não fôsseis influenciados pelo número das sílabas e que pronunciásseis os pés simples ou compostos, conservando sempre no vocábulo as propriedades de seu próprio estatuto, de acordo com o princípio geral [de pronúncia].

Voltemos agora [ao assunto] da ligação dos dissílabos, que são chamados tanto pés duplos como tetrassílabos — alguns também os chamam sotadeus[324] – cuja conexão é chamada *base*, pois, na língua grega, o encadeamento de dois pés é denominado base, assim como certos andamentos dos pés. Se aqueles que se tiverem ligado forem do mesmo tipo, isto é, [se forem] pares, eles formam uma dipodia, ou como alguns [a chamam], uma *tautopodia*, mas se, ao contrário, forem díspares como um troqueu junto com um iambo, formam uma parelha (*syzygian*[325]), no qual a ársis ocupará um [primeiro] pé, e a tésis, o outro.

---

[323] Verso composto de 6 pés predominantemente iâmbicos, como os tetrâmetros jônicos menores [˘ ˘ ¯ ¯] cataléticos com que, por ex., Catulo compôs seu Poema 63 (contando o mito de *Átis*, o primeiro sacerdote de Cibele, chamados "galos", daí o nome do verso: *galiambo*); admite, porém, várias substituições de duas breves por uma longa ou o inverso (LAVARENNE, 1948:56).

[324] Verso formado por dois jônicos maiores [¯ ¯ ˘ ˘] seguidos por três troqueus [¯ ˘]. O sotadeu foi usado por Marcial e também em alguns trechos do *Satíricon*, de Petrônio (LAVARENNE, 1948:57).

[325] *Συζυγία* significa *consorte* (Cf. LIDDELL & SCOTT, 1996: s.v *Συζυγέω*, "colocar sob um jugo; ser companheiro de jugo").

Quamquam in his non numquam syllaba pro integro pede in ultima dumtaxat versus parte accepta propriam impleat thesin. Igitur tetrasyllabi pedes erunt omnes sedecim, ut geminato numero eadem taxatione trisyllabos, quam illi disyllabos, antecedant. In quibus spatia temporum a tetrachrono ad octachronum, id est a quattuor temporibus ad octo, producuntur. Quorum origo proceleumaticus e quattuor brevibus subsistens, ut Minucius, habebit contrarium dispondeum, e quattuor longis scilicet, ut compositum a spondeo nomen ostendit, qui solus in tetrasyllabis octrachronos siue octasemus inuenitur, cuius exemplum Calliclides, haud alias quam spondeus inter disyllabos tetrachronos est. Sequitur antispastus, cuiús prima et ultima brevis, mediae duae longae, id est ex iambo et trochaeo compositus, ut Aristippus. Huic contrarius est choriambus ex longa et duabus mediis brevibus et longa, scilicet ex trochaeo et iambo copulatus, ut Penelope. Quorum mensura mutato tantum inter se temporum ordine [apud eos] congruit. At cum prior brevis subiecta longa, rursus brevis longa terminante componitur, erit diiambus pes, id est e duobus iambis adnexus, ut Simonides. Rursus cum praecedentem longam sequitur brevis, geminatum|| hoc facit ditrochaeum, ut Zenodorus. Consimilis ferme his et illa ionicorum ordinatio est. Nam praeeuntibus duabus longis subiectae duae breves, ueluti spondeo pyrrichius adnexus, ionicum ἀ**πὸ *μείζονος*** *procreabunt, ut Demetrius. Rursus mutato temporum situ, cum breves in prima sede, in secunda autem longae constituuntur, id est pyrrichio spondeus iugatus, ionicum* ἀ**πὸ** ἐ***λάσσονος*** *gignit, ut Diomedes.*

Nesses [pés], no entanto, em lugar de um pé inteiro é sempre [apenas] uma sílaba que completa, a tésis devida, mas somente na última parte audível do verso. Os pés tetrassílabos serão, em resumo, dezesseis ao todo, de modo que ultrapassam, em número de pares de idêntico valor, os trissílabos, mais do que esses aos dissílabos. Em tais pares, a duração dos tempos estende-se desde o *tetrácrono* até o *octácrono*, isto é, de quatro tempos até oito. A origem deles é o proceleusmático que consiste em quatro breves, como em *Mĭnŭcĭŭs*, e seu contrário será o dispondeu, [um pé] de quatro longas, naturalmente (como mostra seu nome, composto pela [palavra] espondeu), que é o único octácrono (ou octossemo) encontrado em tetrassílabos, cujo o exemplo é *Cāllīclīdēs*, aliás, entre os dissílabos nenhum [outro pé] além do espondeu é *tetrácrono*. Depois vem o antíspasto, cuja primeira e última [sílabas] são breves, e as duas [sílabas] mediais são longas, isto é, ele é composto por um iambo e um troqueu, como em *Ărīstīppŭs*. O contrário dele é o coriambo, [feito] de uma [sílaba] longa, duas mediais breves e [outra] longa, em outras palavras, de um troqueu unido a um iambo, como em *Pēnĕlŏpē*. A medida de ambos equivale, uma vez alterada neles apenas a ordem dos tempos. Mas quando se colocou uma primeira breve junto da longa, e ainda outra vez uma breve combina-se com a longa final, o pé será o *diambo*, isto é, [formado] pela reunião de dois iambos, como em *Sĭmōnĭdēs*. Ao contrário, quando a breve vem depois de uma longa que a precede, esse [conjunto] geminado forma um ditroqueu, como em *Zēnŏdōrŭs*. Quase inteiramente similar a esses [pés] é também a ordem dos [metros] jônicos, já que duas breves colocadas após duas longas que as antecedem, como se um pirríquio fosse anexado a um espondeu, produzirão um jônico maior [ἀ**π**ὸ ἐ***λάσσονο*****ς**], como em *Dēmētrĭŭs*. Quando, ao contrário, muda-se a posição dos tempos, [ou seja], quando as breves são dispostas na primeira posição e as longas na segunda, isto é, um espondeu ligado a um pirríquio, [isso] produz um jônico menor (ἀ**π**ὸ ἐ***λάσσονο*****ς**), como em *Dĭŏmēdēs*.

*Sequuntur paeonici pedes numero quattuor, qui sunt pentasemi: sescupli enim ratione subsistunt, ideoque metris minime utiles aestimantur. Sed et epitriti dicti ob adiectionem tertiae partis| * quam sunt paeones, meritoque a Graecis ita dicti* ***ἐπίτριτοι****: nam sunt heptasemi. Vnde ex tetrasyllabis, qui sunt numero XVI quattuor tantum utiles adseruntur, id est choriambus et antispastus aequalitates ratione constantes, sed et ionici duo, ceteris decem non adeo necessariis: nam ditrochaeum et diiambum inter disyllabos magis aptos haberi uolunt. Igitur paeon primus erit prima longa cui tres continuae breves adhaerent, ex trochaeo et pyrrichio copulatus, ut Caecilius. Secundus paeon praecedente brevi, sequente longa, cui subiciuntur duae breves, ex iambo pyrrichio formabitur, ut canephorus. Tertius e duabus brevibus, longa tertia, quarta brevi syllaba, compositus ex pyrrichio et trochaeo, ut Epicurus. Quartum autem quarta longa, tribus brevibus syllabis in prima regione positis, ex pyrrichio|| et iambo conexum accipiemus, ut Diogenes.Supersunt epitriti, qui et hippii, adaeque numero quattuor, quod[que] est ueluti genus paeonicorum, praesertim cum sint spatio temporum dispares, forma consimiles: sunt enim heptasemi, id est temporum septem. Quorum primus priore syllaba brevi, sequentibus longis tribus, ex iambo et spondeo constabit, ut Aristocles. Secundus e longa et brevi, subiunctis ei duabus longis, erit ex trochaeo et spondeo copulatus, ut Archimedes. Tertius, in quo primae duae longae, tertia brevis, longa ultima, ex spondeo et iambo concretus uidebitur, ut Demosthenes. Restat complendo tetrasyllaborum pedum numero epitritus quartus, quem primae tres longae, quarta in ultimo brevis ex spondeo et trochaeo conexum esse demonstrant, ut Irenaeus.*

Depois vêm os quatro pés peônios, que são *pentassemos*: de fato, eles consistem numa razão de um [pé] e meio, e por isso são considerados os menos úteis dos metros. Mas também os epítritos são chamados do mesmo modo que os peônios, pelo acréscimo de uma terceira parte, e com justiça são assim denominados pelos gregos, *epítritos*, (***ἐπίτριτοι***), pois são heptassemos[326]. Daí afirmar-se que, dos tetrassílabos, que são 16, apenas quatro são úteis, isto é, o coriambo e antíspasto, [porque] têm medidas uniformes e constantes, mas também dois jônicos, não sendo os outros dez exatamente necessários; e isso porque querem [alguns] que é mais adequado que o diambo e o ditroqueu sejam classificados entre os dissílabos. Consequentemente, o peônio primeiro será [o que tem] a primeira [sílaba] longa, à qual se anexam três breves seguidas, [ou seja, será] uma ligação de um troqueu com um pirríquio, como em *Cæcĭlĭŭs*. O peônio segundo, de uma breve antecedendo uma longa que se lhe segue, à qual se ligam mais duas breves, será formado por um iambo e um pirríquio, como em *cănēphŏrŭs*. O [peônio] terceiro, com duas [sílabas] breves, a terceira longa e a quarta breve, é composto de um pirríquio e um troqueu, como em *Ĕpĭcūrŭs*. Veremos, então, que o quarto [peônio], com a quarta longa e com três sílabas breves colocadas na primeira posição, [é] uma conexão entre um pirríquio e um iambo, como em *Dĭŏgĕnēs*. Restam os epítritos, que também [são chamados] *hípios*[327], igualmente em número de quatro: cada qual é do mesmo tipo que os peônios, especialmente porque, conquanto difiram em relação à duração dos tempos, são de todo semelhantes quanto à forma: são, de fato, heptassemos, isto é, de sete tempos. O primeiro deles, com a primeira sílaba breve seguida de três longas, será composto de um iambo e um espondeu, como em *Ărĭstōclēs*. O segundo, a partir de uma longa e uma breve, com duas longas que se lhes juntam, será uma combinação de um troqueu e um espondeu, como em *Ārchĭmēdēs*. O terceiro, no qual as primeiras duas [são] longas, a terceira, breve, e a última, longa, parecerá um composto [feito] de um espondeu e um iambo, como em *Dēmōsthĕnēs*. Para completar o número dos pés tetrassílabos, resta o epítrito quarto, que as primeiras três longas e a quarta breve por último demonstram ser uma reunião de um espondeu e um troqueu, como em *Īrēnæŭs*.

[326] Aquilo que tem a proporção de 4:3, ou de um inteiro mais um terço (Cf. LIDDELL & SCOTT, 1996: s.v *ἐπίτρῖτος, ον*)
[327] "Equestres" ou "cavaleiros" (Cf. O.L.D., 1968: s.v. *hippius*).

*Hac inspectione conicere poteris, quem ad modum ex disyllabis et trisyllabis pentasyllabi, sed et geminatis trisyllabis hexasyllabi pedes formati uideantur, quórum syllabatim per tempora species comprehendi poterunt. Nam etiamsi propriis nominibus, ut alii pedes, minime exprimuntur, tamen situ syllabarum et substantia temporum ma|nifesti sunt. * Qui rursus soluti exigente usu ad proprium statum condicionemque reuocabuntur. Igitur cognatio et quaedam ad incrementum propagatio, qua pedes a primordio multiplicati noscuntur, talis est. Nam ex primigeniis duobus pyrrichio et spondeo adquisitis facta temporum permixtione iambo et trochaeo quattuor disyllabi pedes effecti sunt. Quorum status adiectione|| syllabarum simul ac temporum propagatus in trisyllabos pedes octo processit. Qui pari ratione adcrescentes tetrasyllabos ex se geminato trisyllaborum numero XVI ediderunt. Rursus XVI tetrasyllabi simili ut superiores geminatione triginta et duo ex se schemata, id est figurationes, pedum pentasyllaborum reddiderunt. Hi quoque dum per syllabas, ut priores, augentur ac tempora, hexasyllabos pedes pari ratione in schematibus sexaginta et quattuor simili duplicatione protulerunt. Ita [ut] summa omnium ad centum uiginti et quattuor pedes redacta est, ita ut simplices numero duodecim, compositi centum et duodecim habeantur. Hi aut eiusdem inter se mensurae sunt aut sescuplo anteeunt aut duplo. Ex quibus magis mele et rhythmi lyricorum modulorum quam metra formari poterunt. Incipiunt autem et porriguntur tempora in pentasyllabis a quinque usque ad decem, id est a pentasemo ad decasemum* ***χρονικῇ παραυξήσει****, ut sit pentassemus Philopolemus e quinque brevibus, a a a a a; decasemus autem e quinque longis, ut Atroxiclides, cuius canon per quinque b b b b b signabitur. Item hexasyllabi ab hexasemo ad duodecasemum* ***χρονικῇ | παραυξήσει****, ut Menelaophorus e sex brevibus: huius canon a a a a a a , qui est duplex tribrachys. Alter e sex longis, quibus tempora duodecim subsistunt, ut Callistochermedes, qui est duplex molossus, hoc canone signabitur, b b b b b b, ut sit duodecasemus.*

Através desse exame, poderás concluir que, da mesma forma que os pés pentassilábicos parecem ser formados pela junção de dissílabos com trissílabos, assim também os hexassilábicos, pela união de [dois] trissílabos, cujas espécies poderão ser identificadas pelos tempos de cada sílaba. Muito embora, assim como os outros pés, muito pouco possa ser extraído a partir de suas denominações, eles ficam evidentes pela posição das sílabas e pela substância dos tempos [que os compõem]. Ao contrário, aqueles que permanecem soltos serão reconduzidos, por exigência do uso, a seu estado e situação originais. Em resumo, a afinidade [entre os pés] e sua multiplicação por acréscimo [de tempos], pela qual se reconhecem os pés expandidos desde sua origem, é assim: a partir, pois, de dois [pés] primitivos, o pirríquio e o espondeu, reunidos por uma combinação de tempos, realizada com um iambo e um troqueu, produzem-se quatro pés dissílabos, cujo estado [inicial], aumentado pelo acréscimo simultâneo de sílabas e de tempos, produziu oito pés entre os trissílabos; [ainda] aqueles, ampliando-se na mesma proporção, criaram dezesseis tetrassílabos com o número de trissílabos compostos por eles mesmos; mais uma vez, os 16 tetrassílabos, por um redobro semelhante ao dos anteriores, geraram a partir de si mesmos trinta e duas formas, isto é, configurações de pés pentassilábicos. Ao mesmo tempo, também esses últimos, como os anteriores, ampliam-se com [o acréscimo de] sílabas, e seus tempos fizeram com que aumentassem, por idêntico [processo de] duplicação, para sessenta e quatro pés hexassilábicos, em formas de proporção semelhante. E, assim como a soma de todos os pés foi limitada a cento e vinte e quatro, da mesma forma reconhecem-se doze simples e cento e doze compostos. Eles têm entre si a mesma medida ou a ultrapassam por um pé e meio ou por dois. A partir deles, poderão ser formados mais melodias e ritmos de medidas líricas do que metros. Os tempos nos pentassílabos principiam em cinco e estendem-se até dez, isto é, desde um *pentassemo* até um *decassemo*, por *incremento temporal* (*χρονικῇ παραυξήσει*), de maneira que haja um *pentasemo* como *Phĭlŏpŏlĕmŭs*, com 5 breves, cuja medida será marcada com *a a a a a*; e, por outro lado, um *decassemo*, como *Ātrōxīclīdēs*, com cinco longas, marcado com *b b b b b*. Similarmente, também por *incremento temporal* (*χρονικῇ παραυξήσει*), os hexassílabos [vão] desde um *hexassemo* até um *dodecassemo*, como em *Mĕnĕlăŏphŏrŭs*, com seis breves: sua medida, que é a de um tríbraco duplo, [será] *a a a a a a*. Um outro [hexassílabo], com seis longas, às quais correspondem doze tempos, como em *Cāllīstōchērmēdēs*, que é um molosso duplo, será assinalado pelo medida *b b b b b b*, já que é um *dodecassemo*.

Non parua autem in pentasyllabis copulandis quaestio est, qua colliguntur differentiae figurarum. Namque interest mediam syllabam cui parti| uelis adnectere. Aliud est enim, si duabus praecedentibus sociata faciat coniunctionem ex trisyllabo et disyllabo;|| contrarium autem, si a duabus praecedentibus diuisa postremis duabus subsequentibus copuletur, ut sit coniugatio e disyllabo et trisyllabo. Qui fit ut multiplex harum figurarum numerus per differentias oriatur. Erit igitur in exemplo hic versus,

“armiger in Ida pede uago litora petens.”

nam si ut trochaicum scandas, erunt omnes coniugationes e trochaeo et anapaesto; si contra, ut a trisyllabo incipias, erunt omnes coniugationes ex dactylo et iambo et efficietur iambicus versus. Iuxta quae intellegi datur uaria diuisione coniugationum naturam versuum uel a trochaico in iambicum uel ab iambico in trochaicum posse transduci. Hoc igitur de cunctistriginta duobus pentasyllabis pedibus accipiendum est: quae quidem uariatio non in aliis quam in pentasyllabis coniugationibus euenire consueuit causa mediae syllabae, quae mouetur, cum aut praecedentibus aut subsequentibus syllabis copulatur.

Por outro lado, não é de somenos indagar como se devem ligar os pentassílabos, ou como se combinam distintas configurações. O que importa, pois, é em que lugar [dele] queres ajuntar uma sílaba medial. Uma coisa, afinal, é se uma ligada a duas precedentes fizer conjunção de um trissílabo com um dissílabo; já [será] o oposto, se uma separada por duas precedentes unir-se a duas subsequentes nas extremidades, tal como seria a ligação de um dissílabo com um trissílabo. Isso faz com que um número muito grande dessas configurações nasça dessas diferenças específicas. Será, portanto, um exemplo [disso] este verso:

[ārmĭ|gĕr ĭn Ī|dā pĕ|dĕ văgō | lītŏ|ră pĕtēns][328]

pois se o escandes como um trocaico, todas as ligações serão de um troqueu com um anapesto; se, ao contrário, o inicias a partir do trissílabo, todas as ligações serão de um dátilo com um iambo, o que produzirá um verso iâmbico. De acordo com isso, é dado entender que a natureza dos versos, segundo as variadas divisões [possíveis] de suas ligações, pode ser transferida ou de trocaica para iâmbica ou de iâmbica para trocaica. Consequentemente, de todos os trinta e dois pés pentassilábicos deve-se entender isto: decerto esse tipo de variação não costuma acontecer nos demais, senão nas ligações dos pentassílabos, por causa da sílaba medial que se move, quando se une ou com as sílabas precedentes ou com as subsequentes.

[328] "Buscando a praia a esmo vai o armígero, / com passos hesitantes, no monte Ida." [verso de poeta desconhecido. Cf.: BAEHRENS, A(emilius). *Fragmenta poetarum Romanorum*. Lipsia (Leipzig): B. G. Teubner, 1886, onde se lê: 392 *Incertorum* [...] *armiger in Ida pede uago litora petens*]. No corpo do texto foi adotada a escansão do verso a partir da primeira sugestão apresentada por Aftônio, isto é, reconhecendo a sequências de pés trocaicos seguidos de anapestos; a outra possibilidade de escansão produziria a ligação entre um dátilo seguido de um iambo, tal como: [ārmĭgĕr | ĭn Ī|dā || pĕdĕ | văgō | lītŏră | pētēns]

LIBER SECUNDUS DE PROTOTYPIS SPECIEBVS NOVEM

Credo nos omnia, quae ad instructionem metricae disciplinae, velut quaedam primae intitutionis incunabula, necessario his quibus huiusce artis voluptas ac studium est intimanda sunt, adfatim persecutos. Unde nunc ad novem prototypa, id est primiformia omnium metrorum genera, e quorum fonte atque origine derivata innumerabilis metrorum profluit copia, stilum nostri operis convertam, de quorum disciplina et praeceptis et ratione omni, qua inter se congruunt sive dissentiunt, textus huius secundi voluminis singula quaeque reserans explicabit. Auspicandum igitur ab eo nobis pede potissimum credidi, qui heroum metrum, principium omnium, continens etiam nominis sui appellatione signavit, siquidem non nulli ambigant, a quo e duobus metrorum ordinem inchoantes exordium capiant. Nam qui ab iambo initium trahunt eo studio id fieri volunt, quod idem a brevi, a quo his origo est, incipiens tempore et in longo desinens, velut a minori ad maius egressus, per temporum incrementa consurgat. Pyrrichius enim nullum ex se metrum edidit, trochaeus vero a longa incipit. Nos autem, ut dictum est, principium metrorum omnium heroo sive pythio deferentes non absurde a dactylico auspicandum esse censuimus.

* * *

LIVRO SECUNDO SOBRE
AS NOVE ESPÉCIES DE PROTÓTIPOS [DE PÉS MÉTRICOS]

Acredito que nós tenhamos perseguido suficientemente todas as coisas que pertencem à instrução da disciplina métrica, como uma espécie de princípio da formação inicial, e que devem ser introduzidas necessariamente por aqueles assuntos que constituem o prazer e o estudo dessa arte. Desse ponto, agora, voltarei o nosso trabalho para os nove protótipos, isto é, espécies primitivas de todos os metros, de cuja fonte e origem derivou-se uma quantidade inumerável de metros. Do ensino, os preceitos e a proporção completa dos metros, por meio da qual eles se reúnem ou se separam, o texto deste segundo volume, revelando uma coisa de cada vez, tratará. Eu acreditei ser muito melhor começarmos por aquele pé [que se chama] metro-heroico, o início de todos, e que se deu a conhecer pela nomenclatura do seu próprio nome. Ainda que alguns duvidem, é a partir dele, [que é feito] de duas medidas, que, quando se inicia o exórdio, se determina a sucessão dos metros. Pois aqueles que começam a partir de um iambo, querem, com essa intenção, que se produza algo que se desenvolva pelo aumento dos tempos, igualmente começando de um tempo breve, que é o começo dessa medida [o iambo] e acabando num tempo longo, ou seja, como que saído do menor para o maior. O pirríquio não deu origem a nenhum metro, pois o troqueu começa por uma longa. Nós, por outro lado, como foi dito, sustentamos não despropositadamente, que se deva começar pelo datílico, avaliando que o princípio de todos os metros está no heroico, ou no pítio [antigo nome do Hexâmetro].

Igitur prototypa, id est primiformia novem metra, quorum et in primo mentionem fecimus, sunt haec, e quis primum dactylicum, dehinc anapaesticum, post iambicum et trochaicum et choriambicum et antispasticum, ionicum ἀπό μείονος, ionicum ἀπό ἐλάσσονος et paeonicum. Nam proceleumaticam speciem novem prototypis decimam adsociandam esse quidam putant, de quo suo loco dicemus. Placuit itaque hoc situ ordinis ad illumimandas eorum inter se alternationes ac mutuas aemulationum vicissitudines, quas per contrariam naturae positionem habere noscuntur, eadem sic digerere, ut dactylicis anapaestica, iambicis trochaica et cetera, ut paulo ante induximus, e diverso posita, quo distent ac differant sive copulentur et congruant ipsa inter se comparatione proposita, non solum ingenii sed et oculorum veluti contemplatione percepta in promptu ac propatulo habeantur.

* * *

Dessa forma os protótipos, ou seja, os nove metros primitivos, aos quais fizemos menção no primeiro livro, são aqueles dentre os quais o primeiro é o datílico [– ˘ ˘], depois o anapéstico [˘ ˘ –], em seguida o iâmbico [˘ –], o trocaico [– ˘], o coriâmbico [– ˘ ˘ –], o antispástico [˘ – – ˘], o jônico maior [– – ˘ ˘], o jônico menor [˘ ˘ – –] e o peônico [– ˘ ˘ ˘ │˘ – ˘ ˘ │ ˘ ˘ – ˘ │˘ ˘ ˘ –]. Mas alguns julgam que, como uma décima espécie aos nove protótipos, o proceleusmático [˘ ˘ ˘ ˘] deve ser associado, do qual falaremos em hora propícia. Assim, aprouve-me, neste ponto da exposição, para esclarecer a alternância dos metros entre si, e as sucessivas trocas dos que se equivalem, os quais são conhecidos pela posição de natureza contrária, separá-los da mesma forma, assim, os anapésticos dos dáctilos, os trocaicos dos iâmbicos, etc., e, como já apresentamos um pouco antes, dispostos em direção oposta de onde se afastem e difiram, ou juntem-se e convirjam, os mesmos [metros] propostos pela comparação entre si, de modo que sejam considerados não só pela comparação de seu caráter, mas também dos olhos, de tal sorte que sejam percebidos pelo olhar de imediato e claramente.

DE DACTYLICO METRO

Igitur dactylicum hexametrum constat e spondeo, trochaeo et eodem dactylo. Habet autem sedes sex, quas Aristoxenus musicus χώρας vocat. Recipit etiam pedales figuras tres: has Graeci dicunt ποδικά σχήματα. Nam aut in sex partes dividitur per monopodian, aut in tres per dipodian et fit trimetrus, aut in duas per κώλα duo, quibus omnis versus constat, dirimitur. E cuius genere hae metrorum species gignuntur, diphilium seu choerilium, logaoedicum seu archebulium, aeolicum sive sapphicum et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.

Dactylici igitur metri id praecipuum est, quod heroum appellatur. Differt enim a dactylico heroum eo, quod et dactylicum et spondiacum est et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus, penthemimeren et hephthemimeren. Dactylicum enim, licet isdem subsistat pedibus, non tamen isdem divisionibus ut herous caeditur versus. Inter spondeum autem et dactylum mensura temporum congruente etiam in arsi et thesi eadem aequalitas stabit, quam Graeci dicunt ίσου λόγου. Quibus per coniunctionem et divisionem, ut supra docuimus, mutua procreatio est, meritoque indifferenter in quacumque versus sede, ut sors scandendi processerit, reperiuntur, dumtaxat usque ad pedem quartum: quintus enim frequenter, ut heroum decet, dactylus esse debet.

SOBRE O METRO DATÍLICO.

Assim, o hexâmetro datílico consta de espondeu (− −), de troqueu (− ˘) e do próprio dátilo (− ˘ ˘). Ele tem seis “lugares” [pés], os quais o músico Aristoxeu chama χώρας [*choras*, ou “espaço delimitado”]. Admite também três formas de pés, as quais os gregos chamam ποδιχά σχήματα [*podiká schêmata*, ou “formas de pés”]. De fato, o hexâmetro divide-se em seis partes de um só pé (monopodias); ou em três de dois pés (dipodias) e assim produz-se um trímetro; ou separa-se em duas através de dois χώλα [*kóla*, ou “metades”]; dos quais todo verso é composto, e de cujo tipo nascem estas espécies de metros: o difílio ou o querílio, o logaédico ou o arquebuleu, o eólico ou o sáfico, etc., sobre cujo estatuto e proporção falaremos em lugar próprio.

O principal dos metros é, então, o datílico, que é chamado heroico. Difere, na verdade, o heroico de um datílico em que este é tanto um pé dátilo como um espondeu e que se divide em duas partes, das quais falamos mais acima, uma pentemímera e outra heftemímera. De fato, pode acontecer que o datílico se conserve nos mesmos pés, ainda que não nas mesmas repartições, em que se divide o verso heroico. Entre um espondeu e um dátilo, subsistirá uma mesma identidade, numa idêntica medida de tempos, tanto na ársis como também na tésis, a qual os gregos chamam ίσον λόγον [*ison logon*, ou “palavra de mesmo número/mesma força”]. Por meio deles, por união e separação, como ensinamos acima, há uma mútua produção [de pés], e, de maneira natural, indiferentemente de qualquer que seja a posição, do modo como foi operado o processo de escansão, esses versos são obtidos ao menos até o quarto pé: o quinto frequentemente, como convém a um verso heroico, deve ser um dátilo.

Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] spondei prima in duas breves divisa efficitur, heroo posset adnecti metro, nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent: seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur, sive quia metrorum fere omnium natura talis est, ut caveant ne singulas partes orationis singulorum pedum fine concludant, sed potius ut verba vel nomina ex residua sui parte sequentibus pedibus adnectant, quo pacto evenit vocum integer pes esse, sed sane ut perfectae parti orationis de sequenti sermone aliquid accedat, nec umquam facile cum fine pedis pars orationis impleatur. In anapaestis autem contra evenit istud: etenim pes hic singulis coniugationibus partem orationis includere solet, sicut in comoediis pleraque exempla declarant. Non numquam haec observatio praetermittitur. Sed qui fuerint eius modi versus, neque sonum neque gratiam habebunt et prosae orationi similes audientur.

Pela mesma afinidade, também o anapesto, que se produz da primeira [parte] de um espondeu separada em duas breves, poderia juntar-se ao metro heroico, exceto porque quatro breves mediais deformariam o verso heroico, se começasse com um dátilo ligado a um anapesto: seja porque anapestos desenvolvem-se através de *syzygias* [i.e., *combinações*], seja porque a natureza de quase todos os metros é tal que evite que cada parte da palavra termine no fim de cada pé, porém, mais do que isso é quando verbos ou nomes se conectam aos pés seguintes a partir de uma parte residual de si mesmos, de modo que o que surge [parece] ser um pé inteiro quanto a seus sons; mas é claro que algum [elemento] conflui de um verso seguinte para uma parte já concluída da frase, e uma parte da frase nunca se completa facilmente com o final de um pé. Nos anapestos, por outro lado, acontece isto: na verdade, esse pé costuma encerrar parte da oração em cada uma de suas combinações, assim como a maior parte dos exemplos das comédias ilustra. Sempre se deixa passar essa observação: mas os versos que forem desse tipo nem soarão bem, nem terão graça e serão ouvidos como o discurso da prosa.

Trochaeus numero tantum syllabarum spondeo congruens, velut alienus ab his, semper in extima parte versus locabitur. Super quo etiam nunc inter grammaticos lis pendet. Nam qui eum adserunt, ferunt pulchriorem versum epicum effici, si κατάληξιν habeat, id est si trochaeo claudente terminetur, ut persuadeant dactylicis pedibus familiariter trochaeos in depositionibus coniugari. Adversus quos alii loci extimi, in quo tantum locabitur, praescriptione nituntur; nec immerito, ut novissima eius syllaba, quae semper brevis est, mora temporis intercedente, quae in fine versus naturaliter contingit, suppleatur, quo tunc demum pro longa sumatur, sicut pleraeque in metris finales syllabae: vel quod in omni versu ultima brevis ἀδιάφορος, id est indefferens, habeatur. Quae tamen persuasio in medio posita potest et trochaeo accidere. Non amat autem, ut dictum est, per singulos pedes verba finire, sed immiscere syllabas. Nam qui per singulos pedes verba terminarit, erit indecens, sicut

Pythie, Delie, te colo, prospice votaque firma.

at si misceantur syllabae, erit decentissimus, ut

at regina gravi iamdudum saucia cura.

adaeque observatur ne tertius pes verbum finiat versumque a se diducat, ut est

cui non dictus Hylas puer et Latonia Delos.

Coincidindo com o espondeu apenas em número de sílabas, o troqueu é como se [fosse] o contrário delas, e está sempre localizado na parte extrema do verso [heroico]. Sobre esse pé, ainda agora pende uma contenda entre os gramáticos. De fato, aqueles que o utilizaram dizem que se faz [com ele] um verso épico mais belo, desde que tenha *κατάληξιν* ["catálexin": "última sílaba ou parte da palavra ou verso"; trata-se da "cadência" da sílaba final], isto é, se ele for encerrado com um troqueu que o feche, [e o fazem] para convencer que sejam perfeitamente combinados troqueus com pés datílicos no abaixamento da voz. Contrários a esses, outros se apóiam na regra do pé final, única posição na qual [o troqueu] será colocado; e não sem razão, de modo que [o verso] se complete com sua última sílaba que é sempre breve, e com uma pausa de tempos ali intercalada, que todo verso atinge naturalmente no fim, único momento em que ela é então considerada uma longa, da mesma forma que a maioria das sílabas finais dos metros: ou então porque em todo verso a última breve é considerada *ἀδιάφορος* ["adiáphoros": "que não importa"], isto é, indiferente. Não é bom, porém, como já se disse, que palavras concluam pés inteiros, mas, ao contrário, que as sílabas [nele] se mesclem. Aquele [verso], pois, que separar as palavras em pés únicos, será considerado inadequado, assim como:

[Pȳthĭĕ,| Dēlĭĕ,| tē cŏlŏ,| prōspĭcĕ | vōtăquĕ | fīrmă.] [329]

mas, se as sílabas se misturarem, será o mais harmonioso possível, como em:

[āt rē|gīnă gră|vī iām|dūdūm| sāucĭă| cūrā] [330]

do mesmo modo, cuida-se para que o terceiro pé não delimite uma palavra, e que o verso se divida a partir dele, como em:

[cūi nōn | dīctŭs Hў|lās || pŭĕr | ēt Lā|tōnĭă| Dēlŏs.] [331]

[329] AEL, frag. 50, 1. (Trad. Ó Pítio, ó Délio, eu te cultuo: vê meus votos e assegura-os).
[330] Verg., *A.*, IV, 1. (Trad. Mas já a rainha fatigada por uma grave preocupação).
[331] Verg., *Georg.*, III, 6 (Trad. Quem não celebrouo jovem Hilas e Delos Latônia).

Heroi versus vitiosi habentur qui ex solis dactylis vel qui ex solis spondeis constant, quia in talibus aut gravis tarditas aut velocitas nimia vitiosa est. Insignes autem in metris sunt aut dactylici, id est cum quinque dactyli ultimo spondeo clauduntur, ut

panditur interea domus omnipotentis Olympi

aut spondiazontes, id est cum in quinta et sexta regione versus pedes spondei ponuntur, ut

cornua velatarum obvertimus antemnarum

aut in monosyllabum desinentes, ut 'procumbit humi bos', aut quattuor orationis partibus decurrentes, ut

cornua velatarum obvertimus antemnarum;

aut ἀσύνδετοι et διά πέντε, ut

formosum pastor Corydon ardebat Alexin.

Incipit autem versus herous hexameter a duodecim syllabis, in quo omnes spondei sunt, ut

non phocae turpes, non marcentes ballenae,

Aqueles versos heroicos que constam somente de dátilos ou somente de espondeus, são considerados defeituosos porque, em tais versos, ou há uma pesada lentidão, ou há uma rapidez por demais desagradável. Por outro lado, os [versos] datílicos são os mais importantes dentre os metros, isto é, quando cinco dátilos são encerrados com um espondeu final, como:

[pāndĭtŭr | ĭntĕrĕ|ā dŏmŭs | ōmnĭpŏ|tēntĭs Ŏ|lўmpī;] [332]

ou [quando são] espondiazontes, ou seja, quando se colocam pés espondaicos na 5ª e na 6ª região do verso, como

[cōrnŭă | vēlā|tārūm ob|vērtĭmŭs | āntēm|nārūm];[333]

ou [quando] terminam em monossílabos, como em *[‘prō|cūmbĭt hŭ|mī bōs’]* [334], ou ainda [quando] se desenvolvem ao longo de quatro partes da frase, como

[cōrnŭă | vēlā|tārūm ob|vērtĭmŭs | āntēm|nārūm] [335]*;*

ou [quando são] *ἀσύδετοι* e *διά πέντε* [“*asidetoi*” e “*dia pente*”; ou seja, “justaposição de 5 termos”], como em

[fōrmō|sūm pās|tōr Cŏrў|dōn ār|dēbăt Ă|lēxĭn.] [336]

Por outro lado, o verso hexâmetro heróico inicia-se a partir de doze sílabas, [cujos pés] são todos espondeus, como

[nōn phō|cāe tūr|pēs, nōn | mārcēn|tēs bāl|lēnæ] [337]

---

[332] Verg., *A.*, X, 1 (Trad. Durante este tempo, estende-se o domínio do omnipotente Olimpo).
[333] Verg., *A.*, III, 549 (Trad. viramos ao contrário as pontas dos mastros das velas).
[334] Verg., *A.*, V, 481: (Trad. o boi inclina-se no chão)
[335] Verg., *Aen.*, III, 549 (Trad. viramos ao contrário as pontas dos mastros das velas).
[336] Verg., *Eclo.* II, l (Trad. O pastor Coridão ardia pelo formoso Alexis).
[337] AEL, frag. 52, 1. (Trad. Nem as feias focas, nem as letárgicas baleias).

et crescit usque ad XVII syllabas. Quotiens autem dactylus accedit, totiens syllaba adcrescit. Quas species sub exemplis enumerare et apud nos longum et apud eruditos absurdum habeatur, quotiens et quibus in locis per alternas dactyli et spondei vices inter se obortae collocentur: quas tamen XXXII esse manifestum est. Est autem herous versus temporum XXIIII, spondeo dumtaxat ultimo. at si trochaeus versus clauserit, XXIII, quem volunt haberi hexametrum catalecticum.

Memineris autem saepe Graecos huic metro molossum et palimbacchium et creticum loco dactyli sub lege syllabarum communium admiscere. Nam et apud nos similis versus reperitur, in quo primus amphimacrus est, ut 'insulae Ionio in magno'. Qui tamen certa ratione creticus non est. Nam tertiam longam, id est ae diphthongon, quae creticum pro dactylo dedit, sequens syllaba a vocali incipiens, dum tempus prioris in se trahit, produci non patitur, atque ita productam vocalem superveniens alia vocalis elidit. Nec te idem pes in illo versu decipiat, velut huius similis, qui est talis, 'ponite spes sibi quisque'. Nec enim hic, ut in superiore, primus pes creticus erit propter duas consonantes, sed pes est dactylus, primo quod pars orationis compleatur cum pede, id est ponite, dehinc quod s p sequentis pedis inferri superiori non possunt, quae alium inchoant sensum; nec umquam consonantes duae longam syllabam faciunt, nisi in eadem parte verbi constitutae, quod et in ceteris observabimus.

e cresce até dezessete sílabas. Quanto mais o dátilo ocorrer, então, tanto mais [o número de] sílabas aumenta. Enumerar suas espécies por meio de exemplos tanto por nós como pelos especialistas seria considerado absurdo, quantas são as vezes e tantos são os lugares em que poderiam ser colocados tanto dátilos como espondeus em sílabas sucessivas e alternadas: é evidente, porém, haver 32 delas. Há, contudo, um verso heroico de 24 tempos, não mais com um último espondeu. Pois, se um troqueu encerrá-lo, o verso [terá] 23, que alguns querem que seja considerado um hexâmetro catalético.

Há que se lembrar que os Gregos muitas vezes misturam a esse metro o molosso (− − −), o palembáquio (− − ˘) e o crético (− ˘ −) no lugar do dátilo sob a regra das sílabas comuns. De fato, entre nós é encontrado um verso semelhante, no qual o primeiro [pé] é o anfímacro[338], como em: *"[īnsŭl(āe) Ī|ōnĭ(ŏ) | īn māg|nō]*" [339]. Todavia, por um pensamento correto, não se trata do crético, pois, a sílaba que segue a terceira sílaba longa, isto é o ditongo "āe", que produz um crético no lugar de um dátilo, começando por uma vogal, enquanto trazia em si o tempo da anterior, não pode ser alongada, e assim a outra vogal "āe" faz elisão com a próxima vogal "Ĭ". Nem deve produzir engano o mesmo pé naquele verso semelhante a esse, que é: "*[pōnĭtĕ| spēs sĭbĭ| quīsquĕ]*" [340]. Nem também este primeiro pé, como no caso mais acima, será crético por causa das duas consoantes, contudo, este pé é um dátilo antes de tudo porque parte da oração, isto é, 'pōnĭtĕ', é preenchida com um pé, depois porque "s" e "p" do pé seguinte não podem ser considerados em relação ao precedente, eles que começam outra frase. Nunca duas consoantes produzem uma sílaba longa, somente se as consoantes forem estabelecidas numa mesma parte da palavra, isso também adiante observaremos.

[338] O pé anfímacro é igual ao pé crético, [− ˘ −].
[339] Verg., *A.*, III, 211: *"Strophades graio stant nomine dictae/ insulae Ionio in magno, quas dira Celaeno"*; (Trad. As ilhas Strophadas [assim] chamadas pelo nome grego estão no grande Jônio).
[340] Verg., *A.*, XI, 308-9: *"Spem si quam ascitis aetolum habuistis in armis/ ponite spes sibi quisque; sed haec quam angusta uidetis"*; (Trad. Se alguma esperança tu tivestes nas armas aliadas dos etolos, deponde vós a esperança, cada um tenha esperanças em si mesmo).

Incipit autem et adcrescit per augmenta syllabarum dactylicum metrum a dimetro usque ad hexametrum. Erit rego versus dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam |

terruit urbem, ‖

qui concurrit etiam in choriambicum monometrum hypercatalectum, quod adonidium appellatur. Trimetrus autem acatalectus, qui e tribus, ut

cui non dictus Hylas puer:

hoc hemiepes dicitur, quo Simonides frequenter usus est. Tetrametrus, qui e quattuor, ut

nos patriae fines et dulcia

qui in dactylum desinens alcmanicum, in spondeum vero archilochicum metrum efficit. Pentametrus acatalectus, qui e quinque, ut

Phoebus me docuit iuga Pieridum sequi:

et hoc simonidium decitur. Hexametrum, cui sex incisiones sunt, ut

Oceanum interea surgens Aurora reliquit:

fit catalecticum in syllabam, cuius ea compositio est, ut habeat duos dactylos et spondeum, dehinc totidem dactylos et in fine syllabam, ut

alma parens, genetrix divum, decus Oceano.

O metro datílico começa e cresce progressivamente pelo acréscimo de sílabas, indo do dímetro até o hexâmetro. O verso dímetro catalético será, então, aquele que se detém em apenas dois pés, assim como:

[Tērrŭĭt ūr|bēm][341]

que se assemelha ao coriâmbico monométrico hipercatalético, que é chamado verso **adônico**. Por sua vez o trímetro acatalético [se mantém] com a partir de três [pés], como:

[cūi nōn | dīctŭs Hў̆|lās pŭĕr] [342]

este é chamado, então, pé do meio, o qual Simonides diz ser extremamente necessário. O tetrâmetro tem quatro pés, tal como:

[nōs pătrĭ̆|āe fĭ̄|nēs ēt| dūlcĭă][343]

este termina com um dátilo alcmânico, porém, o metro archilóquio acaba com um espondeu. O pentâmetro acatalético [tem] cinco [pés], como:

[Phœ̄būs | mē dŏcŭ|īt iŭgă | Pīĕrĭ̆|dūm sĕquī] [344]

este é chamado [metro] simonídeo. No hexâmetro existem seis partes, como:

[Ōcĕă|num͡ īntĕrĕ|ā sūr|gēns Āu|rōră rĕ|līquīt] [345]

O catalético é construído de uma sílaba, da qual é composto; como teria dois dátilos e um espondeu, a partir daqui, outros tantos dátilos e sílabas até o fim, como:

[ālmă pă|rēns, gĕnĕ|trīx dī|vūm, dĕcŭs | Ōcĕă|nō] [346]

---

[341] Hor. *Carm.*, I, 2, 4. (Trad.: "Aterrorizou a Cidade.")
[342] Verg., *G.*, III, 6. (Trad.: "Quem não celebrouo jovem Hilas e Delos Latônia").
[343] Verg., *Ecl.*, I, v.3, *("nos patriae finis et dulcia linquimus arua"*. Trad.:Nós deixamos as fronteiras da pátria e os agradáveis campos.)
[344] (S.n).. (Trad.: "Febo me ensinou a perseguir o cume (ou a altura) das Piérides"). Neste processo de escansão há uma última sílaba longa que "sobra" no verso. Um outro método, não menos duvidoso seria admitir um pentâmetro catalético como sugere Vitorino, tal seja: [*Phōebūs | mē dŏcŭ|īt || iūgă Pĭ|ērĭdŭm | sēquī*], porém, é pensar em "Pĭ|ērĭdŭm" escandido desta forma, seria contrariar o que diz o dicionário Latino – Português de Santos Saraiva.
[345] Verg., *A.*, IV, 129. (Trad.: "Enquanto isso a Aurora surgindo deixou o oceano")
[346] (S.n). (Trad.: "Mãe fértil, progenitora dos deuses, encanto do mar."). Note-se que o verso é formado de apenas 5 pés (DDSDD = 2 dát., 1 esp., 2 dát.) e uma sílaba longa excedente.

Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo hexametro heroo, dicetur diphilium metrum, ita tamen ut ista versificatio tertium pedem spondeum semper habeat. Hoc quoque dignum eruditis auribus non praetermiserim repertum in hexametro versu dactylico, cui tamen duo cola e duobus dactylis et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos, id est trochaeum iambum pyrrichium spondeum, per ordinem semper positos inveniri, si velis alias, quam hexametri heroi lex postulat, scandere, ut est apud Homerum

Ζεὺς δὲ θεῶν ἀγορὴν ποιήσατο τερπικέραυνος

et apud nostrum

conciliumque vocat divum pater atque hominum rex

et

incipe maenalios mecum, mea tibia, versus;

et appellatur quadrupes δυωδεχάσημος περίοδος, eo quod quattuor pedes temporum duodecim quasi per circiutum quendam recurrentes cotineat.

Sed de his hactenus. Nam quae ex heroo metro per adiectionem et detractionem, item per immutationem et concinnationem genera metrorum propagata quibusve vocabulis nuncupata sint, decursis speciebus prototypis, de quibus nunc sermo est, persequemur, quo facilius cetera enodatis atque illuminatis principalibus intellegantur. Nec tamen omnia, quorum infinitus atque ommensus est numerus, ausim promittere, sed quae potior auctoritas adprobat vel frequens usus celebrando commendat.

Assim, se uma sílaba breve for para um legítimo hexâmetro heroico, denominar-se-á [metro] verso difílico, assim também como esta composição sempre teria um terceiro pé espondeu. Não escapariam aos ouvidos dos eruditos uma legítima descoberta a respeito do verso hexâmetro datílico, toda via, corresponderão a dois *colas*, dois dátilos e um espondeu, quatro pés dissílabos, isto é, um troqueu, um iambo, um pirríquio e um espondeu, que se encontram sempre posicionados nesta ordem, quando em outras circunstâncias não, como requer a regra do hexâmetro heroico, escandir, como está em Homero

[Ζεῦς δὲ θε|ῶν ἀγο|ρὴν ποι|ήσατο | τερπικέ|ραυνος]

Ζεὺς δὲ θεῶν ἀγορὴν ποιήσατο τερπικέραυνος[347]

e, entre os nossos

[cōncĭlĭ|ūm quĕ vŏ|cāt dī|vūm pătĕr | ātque͡ hŏmĭ|nūm rēx] [348]

e

[īncĭpĕ | māēnălĭ|ōs mē|cūm, mĕă | tībĭă, | vērsūs][349]

e é chamado quadrupodia *δυωδεχάσημος περίοδος*, com ele, que tinha apenas quatro pés recorrentes de aproximadamente doze tempos por período.

Mas, disto basta. De fato, é a partir do verso heroico, por adição ou subtração, assim como por mudança e combinação dos metros em geral [aumentado], com os vocábulos que seriam pronunciados. Tendo sido percorridas as espécies prototípicas, ousado, todavia, seria prometer todos, pois que o número é infinito e imenso, mas aprova e confia na autoridade da qual me apoderei e que frequentemente uso para praticar.

---

[347] Hom., *Il.*, VIII, 2. (Trad.: "Zeus grande, que os raios dispara, os eternos convoca para assembléia.". HOMERO, 1962.)
[348] Verg., *A.*, X, 2. (Trad.: "O pai dos deuses e rei dos homens convoca o concílio")
[349] Verg., *Ecl.*, VIII, 21. (Trad.: "Começa comigo, ó minha flauta, versos menários")

Heroici versus hexametri cola seu commata alia sunt, ut Graeci dicunt,ἀρχτιχά, alia τελιχά, alia χοινά, e quis alia initiis, alia clausulis versuum conexa respondent, quas portiunculas, si necesse sit, ausim dicere initiales et finales seu novissimales, communes autem, quae et initio et fini sociatae congruunt. Igitur tetrametrus versus herous initialis erit talis,

Odrysium Martem cane barbite,

finalis seu novissimalis

Odrysio lyra carmine cantat,

communis autem

mensorem cohibent Archyta;

trimetrus initialis

sic te diva potens Cypri, ‖

quod metrum glyconium octasyllabum dicitur; finalis autem

grato Pyrrha sub antro,

quod pherecration heptayllabon appellatur: dimetrus herous initialis erit

arma sonantia,

novissimalis, qui pentasyllabos dicitur,

terruit urbem.

Os versos heroicos têm *cola* ou outras cesuras, como dizem os gregos *αρχικά* [*archiká;* inicial], ou *τελικά* [*teliká*, final], ou *κοινά* [*koiná;* comum], uns inícios e outras conclusões dos versos que correspondem à lógica; seria necessário, por assim dizer, que as pequenas porções, início e fim, ou último, porém comum, associações que concordassem no início e no fim. Assim, o verso tetrâmetro heroico inicial será, tal como:

[Ōdrўsĭ|(ūm) Mār|tēm cănĕ | bārbĭtĕ][350]

o final ou último [será]

[Ōdrўsĭ|ō lўră | cārmĭnĕ | cāntăt][351]

ou ainda comum

[mēnsō|rēm cŏhĭ|bēnt Ār|chўtā];[352]

o trímetro inicial

[sīc tē | dīvă pŏ|tēns Cўprī,] ‖ [353]

o qual é chamado verso glicônio octassílabo, o final, porém

[grātō | Pўrrhă sŭb | āntrō], [354]

é chamado de ferecrácio heptassilábico; O dímetro inicial será heroico

[ārmă sŏ|nāntĭă], [355]

o último é chamado pentassílabo

[tērrŭĭt | ūrbēm][356]

---

[350] (S.n). (Trad.: "Cante, oh alaúde, Marte Odrísio")
[351] (S.n). (Trad.: "a lira exalta Odrísio com um canto").
[352] Hor., *Carm.*, I, 28.2. Verso quaternário datílico (*Te maris et terrae numeroque carentis harenae / mensorem cohibent, Archyta*, Trad.: "Ó Arquitas, a ti, mensurador do mar e da terra e do deserto sem medida").
[353] Hor., *Carm.*, I,3.1. Verso glicônio (Trad. "Assim, de Cipro a deusa poderosa)
[354] Hor., *Carm.* I, 5.3. Verso ferecrácio (Trad.: "(te enlaça), ó Phyrra, na agradável gruta". [354] Chama atenção a grafia vacilante de *Pyrrha* em alguns momentos da obra, os gramáticos mencionam esse nome, que na poesia de Horácio sempre é escrito com *h*, sem a referida letra. Ao menos segundo a edição de Keil que é sempre passível de falhas.
[355] (S.n). (Trad.: "as armas ressonantes.")
[356] Hor., *Carm.*, I, 2, 4. (Trad.: "aterrorizou a Cidade ").

nam tam in prima quam postrema parte haec cola adsumptis reliques quattuor pedibus faciunt heroum hexametrum. Quae portiunculae etiam ex iambico versu per huius modi cola decisae pleraque ex se pari syllabarum ratione metrorum genera procreabunt. inter haec, ne ignorasse videar, non praetermiserim, quod ferunt apud auctores exempla reperiri, quibus ostendant hexametrum dactylicum usque ad octametrum disyllabo terminatum processisse, ultra quam proceritatem nihil in eodem scrutandum est.

pois, por terem acrescentado *colas* tanto na primeira quanto na última parte, produzem o hexâmetro heroico com os quatro últimos pés. Além disso, uma pequena parte do verso iâmbico, cindidas por aquela medida *cola* e com pedaços de sílabas produzirão a doutrina dos metros em geral. Dentre estes, não podemos deixar de verificar, nem deve ser omitido como os autores exemplares que fazem ressurgir a partir daqueles apresentando o hexâmetro datílico até o octâmetro dissílabo terminado o processo, e nada é tão longo quanto, ao mesmo tempo, minucioso.

DE CHORIAMBICO METRO

Choriambicum metrum compositum ex duobus, e quis originem trahit. etiam nominis appellatione declatatur: nam trochaeum veteres chorium appellant. subsistit autem nunc e puris choriambi coniugationibus, ita

uror amoris stimulo, cor quatit artus pavidos,

quod est tetrametrum acatalectum; nunc admixta et posita in quacumque sede iambica basi, cuius etiam conclusione finiri praecipue studet, ut est hoc quod habet duas iambicas priores coniugationes, tertium choriambum, ultimam iambicam clausulam, velut hoc tetrametrum catalecticum,

apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras.

recipit etiam tribrachyn, eo quod ex iambo vel trochaeo solutis nascitur; raro autem molossum, qui ex ipso formatur duabus mediis brevibus in unam longam coniunctis, haud alias quam supra tribrachyn per divisionem longae fieri diximus. Hoc genus catalecticum fit vel bacchio a brevi incipiente vel eo qui amphibrachys vocatur: nam sicut saepe diximus, novissima indifferens est. Quod genus si hexametrum sit, philicium de actoris tragoediographi nomine nuncupabitur, aptum canendis laudibus Cereris et Liberae, ut est

frugiferae sacra deae, quae colitis, mystica sunt nota Iovi potenti.

SOBRE O METRO CORIÂMBICO

O metro coriâmbico [– ˘ ˘ –] foi composto a partir de dois metros [o iambo e o troqueu], aos quais ele deve sua origem. A respeito da atribuição desse nome, diz-se também que os antigos chamam o troqueu de coreu. Mas hoje em dia ele subsiste em combinações do coriambo puro, assim:

[ūrŏr ămō|rīs stĭmŭlō, | cōr quătĭt ār|tūs păvĭdōs,] [357]

esse [verso] é um tetrâmetro acatalético, agora em uma base iâmbica, [que poder ser] combinada e alocada em qualquer posição. Ele procura sobretudo ser encerrado por uma clausula desse tipo, assim como esse [verso] que contém duas combinações iâmbicas iniciais, um terceiro [pé] coriambo, e uma conclusão iâmbica no final, assim como este tetrâmetro catalético:

[ăpēs | lĕgūnt | mĕl ēx | rŏsā, | tū lăbĭō| mĭnīstrăs.][358]

que admite também um tríbraco [˘ ˘ ˘], porque surge a partir de um iambo ou de um troqueu independentes; raramente, porém, um molosso [– – –], pelo fato de ser formado por duas sílabas breves mediais condensadas em uma longa; pela mesma razão, dissemos acima que o tríbraco é criado por uma divisão da sílaba longa [em duas breves]. Esse tipo de catalético ocorre ou com um báquio [˘ – – –], que começa por uma breve, ou com aquele [pé] chamado anfíbraco [˘ –˘]: pois, como já dissemos muitas vezes, a sílaba final é indiferente. Se esse tipo [de verso] fosse um hexâmetro, seria denominado filício a partir do nome do ator-tragediógrafo [homônimo], [um verso] afeito ao canto de louvores a Ceres e Líbera [i.e., Prosérpina], assim como em:

[frūgĭfĕrāe | sācră dĕāe, | quāe cŏlĭtīs, | mȳstĭcă sūnt | nōtă Iŏvī | pŏtēntī][359]

---

[357](S.n). (Trad.: “Sou queimado pelo aguilhão do amor, o coração se agita, batidas temerosas”).

[358] (S.n). (Trad.: “As abelhas colhem o mel da rosa e serve ao teu lábio”). *Mĭnīstrăs* corresponde a um dímetro iâmbico catalético, evidenciando a conclusão iâmbica proposta por Aftônio.

[359] Cae. Bass., *De Metris, fragmenta.* (Trad.: “Sacras e férteis deusas que colheis os mistérios e [foram] unidas pelo nefasto Júpiter”, TEIXEIRA, 2005, p. 95).

scanditur autem per dipodias, cuius exemplum in tetrametro catalectico

o cate rerum sator, o principium deorum

monometrum autem choriambicum hypercatalectum, quod etiam dactylico dimetro catalectico concurrit, est tale,

o quis ad omnes

spem Cythereae.

Igitur ut a fastigio metri ad minora decursum habeamus, erit in hoc hexametrum catalecticum, quod philicium nuncupari diximus, quodque constat ex quinque choriambis et bacchio ultimo ita,

Lydia, dic perdere cur hunc cupias. Quid retices? Quid dubitas? Quid haeres?

pentametrum autem, quo frequenter Cratinus usus est, catalecticum sic,

Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid retices maligne?

tetrametrum vero

Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid haeres?

trimetrum etiam, quod et aphrodisiacum dicitur,

Lydia, dic perdere cur hunc velis;

dimetrum quoque

Lydia dic canoro.

[Esse verso] também se escande por dipodias, cujo exemplo ocorre no [seguinte] tetrâmetro cataléctico:

[ō cătĕ rē|rūm sătŏr, ō | prīncĭpĭūm | dĕōrūm] .[360]

Um monômetro coriâmbico hypercataléctico, que se ajusta bem com o dímetro datílico catalético, [pode ser] tal como em:

[ō quĭs ăd ōm|nĕs] [361]

[spēm Cўthĕrē|ǣ] [362]

Então, para que tenhamos uma evolução junto dos metros menores a partir do metro principal, essa será na direção do hexâmetro cataléctico, que dizemos ser chamado Filício e que consta de cinco coriambos e um último báquio, assim:

[Lўdĭă, dīc | pērdĕrĕ cūr | hūnc cŭpĭās. | Quīd rĕtĭcēs? | Quīd dŭbĭtās? | Quĭd hǣrēs?] [363]

ou pentêmetro, que frequentemente Crátino usou, assim cataléctico

[Lўdĭă, dīc | pērdĕrĕ cūr | hūnc cŭpĭās. | Quīd rĕtĭcēs | mălīgnē?] [364]

na verdade um tetrâmetro

[Lўdĭă, dīc | pērdĕrĕ cūr | hūnc cŭpĭās. | Quĭd hǣrēs?] [365]

também trímetro, que é chamado de precioso

[Lўdĭă, dīc | pērdĕrĕ cūr | hūnc vĕlĭs]; [366]

do mesmo modo um dímetro

[Lўdĭă, dīc |cănōrō.] [367]

---

[360]Ter. Mau., *De Metris*, 1894. (Trad.: “Ó sábio semeador das palavras, o princípio dos deuses.”)
[361]Ius., IX, IV, pt.V, seg. VIII, 2. (Trad.: “Oh, alguém junto de todos”).
[362](S.n).. (Trad.: “A esperança de Citeréia”).
[363]Cae. Bass., *De Metris, fragmenta.* 6, 1. (Trad.: Lídia, digas por que desejas perder isto. O que ocultas? Do que duvidas? O que seguras?).
[364](S.n).. (Trad.: “Lídia, digas por que desejas perder isto. O que ocultas malignamente?”).
[365](S.n).. (“Trad.: Lídia, digas por que desejas perder isto. O que seguras?”).
[366](S.n).. (“Trad.: Lídia, digas por que queres perder isto.”).
[367](S.n).. (“Trad.: Lídia, pronuncie algo canoro.”).

huic si primam longam mutaveris, id est si trochaeo retracto iambum posueris, metrum antispasticum, quod est huic contrarium, figurabis, ut

libens Lydia dic cur.

invenimus plerumque et alios choriambicos [tetrametros catalecticos] versus, in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum syllabae in duas breves divisae ambiguum versum efficiunt. Erunt enim coniugationes de tribrachy et iambo formatae, tamquam

super agit aura mare ferens procul acatos biremis.

Hoc quoque, ne praeterisse ignoratione videar, attingam. legimus apud Horatium in ea ode, cuius initium est

Lydia, dic per omnes

hoc deos vere,

legem metri admisso spondeo minime custoditam, id est os ve. Nam iambum illic, qui trochaeum sequitur, esse convenerat. Quodsi legem metri in omni versu servare voluisset, 'hoc dea vere' posuisset, ut esset choriambus pes habens clausulam antibacchi ultimam huius modi, 'cur properas amando'. quod silentio dari haud passus sum; sicut et hoc heptametrum catalecticum choriambicum purum, quod Phrynichum comicum, auctorem eius artis, tradidisse et sui nominis appellatione signasse dicunt. Nam est tale

da mihi poclo Veneris mixta, Thyonigena, vel Gratia quod det roseo labello.

Ultra quam proceritatem choriambicum non facile possis reperire.

se a este metro tiveres mudado a primeira longa, isto é, se, tirado um troqueu, tenhas colocado um iambo, aparecerá um metro antipástico, que é o contrário deste, como:

[lĭbēns Lȳdĭ|ă, dīc cūr] [368]

encontramos quase sempre também outros versos tetrâmetros coriâmbicos catalécticos, nos quais todas as sílabas longas iniciais dos pés coriambos, divididas em duas breves, fazem um verso impreciso. Porque serão combinações que foram formadas por tríbraco e iambo, tal qual:

[sŭpĕr ă|gĭt āū|ră mărĕ | fĕrēns | prŏcŭl ă|cătōs | bĭrē|mĭs.] [369]

Isto também falarei, para que eu não pareça ter preterido por ignorância. Lemos em Horácio, nesta Ode, cujo início é:

[Lȳdĭă, dīc | pĕr ōmnēs] [370]

[hōc dĕōs | vērē,] [371]

[lemos que], admitido o espondeu, a regra do metro foi guardada, isto é, [nas sílabas] *de***os ve***re*. Pois tinha sido conveniente que existisse um iambo ali, que seguisse um troqueu. Se, quanto a esse fato, ele quisesse conservar a regra do metro em todo verso, tivesse colocado "dea uere" ["hoc dea uere" = (– ˘ ˘ – ˘)], para que, existindo uma cláusula última do antíbaco [˘ – –], ela fosse um pé coriambo, deste modo *"[cūr prŏpĕrās | ămāndō]"*. Pois eu não permiti que fosse dada uma pausa, assim como heptâmetro catalético coriâmbico puro, que o cômico Fínico, autor dessa arte, transmitiu e chamou com seu próprio nome. É, de fato, como este:

[dā mĭhĭ pōclō Vĕnĕrīs mīxtă, Thўōnīgĕnă, vēl Grātĭă quōd dēt rŏsĕō lābĕllŏ], [372]

tu não podes encontrar facilmente um coriambo além do alongamento.

---

[368](S.n).. (Trad.: "Ó Lídia bondosa, digas por que").
[369](S.n).. (Trad.: "O vento favorável conduz ao longe, além mar, os navios de dois remos").
[370]Hor., *Carm.,* 1, 8 , 1; A forma que nos chegou deste verso é: "Lydia, dic per omnis", diferente, portanto, da forma como Vitorino nos apresenta: *omnes*. (Trad.: "Dize, Lídia, eu te peço pelos deuses")
[371] Cae. Bass. *De Metris, fragmenta;* 6, 423. (Trad.: "isto aos deuses verdadeiramente")
[372](S.n).. (Trad.: "Dê-me num copo a bebida de Vênus Tionigena, Graça, dê ao róseo lábio.").

DE METRO PROCELEVMATICO

Ambigitur super auctoritate proceleumatici, quod constat ex duobus pyrrichiis, id est quattuor brevibus, an inter prototypa metra hoc quoque recipiendum habendumque sit, quia nec molossicum, quod constat e tribus longis, propter nimiam similitudinem induci aut videri metrum potuit. Quidam tamen decimam huic speciem post novem prototypa impertiendam esse, e quibus est et Philoxenus, ex eo putaverunt, quod laconicum longis constantem quindecim huic propter contrarium respondere posse conspicerent (qui tamen non ex omnibus molossis conectitur; nam spondeos invicem miscet), ut est

ite, o Spartae primores, fauste nunc † parcas ducentes.

satius tamen est adnecti eum copularique comico anapaestico, cuius cognationem inter se coniunctis suis duabus ultimis brevibus demonstrat. Nam ex dimetro anapaestico tetrameter proceleumaticus figurabitur versus longa eius in duas breves soluta et syzygia in simplices pedes divisa, ut est

tuba terribilem sonitum crepuit;

SOBRE O METRO PROCELEUSMÁTICO

Há controvérsias sobre o modelo do proceleusmático que consta de dois pirríquios, isto é, quatro breves, e se acaso entre os metros prototípicos ele deveria ser também acolhido e considerado, uma vez que nem molosso, que consta de três longas, muito similar se comparado a ele, pôde ser ali introduzido ou considerado como um metro. A partir disso, julgaram alguns, entre os quais também Filoxeno, que lhe deveria ser atribuída a décima espécie depois dos nove protótipos, pois observaram que o lacônico, formado por quinze longas, pode estar à altura dele como um tipo de metro contrário – o lacônico não está inteiramente unido por molossos, mas, ao contrário, será uma mescla de espondeus) – como em:

[īte͡, ō Spārtāē prīmōrēs, fāūistē nūnc † pārcās dūcēntēs],[373].

Mas é melhor que o proceleusmático esteja associado e unido a um anapesto cômico; com o qual ele demonstra afinidade àquele, já que as duas últimas sílabas breves aparecem unidas entre si. De fato, o tetrâmetro proceleusmático será formado a partir do dímetro anapéstico, tendo sido a longa desse verso resolvida em duas breves, e a combinação, dividida em pés simples, como em:

[tŭbă tē|rrĭbĭlēm | sŏnĭtūm | crĕpŭĭt;] [374]

[373]Idem. (Trad.: "Ide venturosamente, ó guerreiros de Esparta, agora, até as Parcas condutoras."). Aqui está uma contenda que o próprio autor nos apresenta, esse tipo de verso seria dividido de que forma, através de espondeus, [– –] ou de molossos, [– – –], optou-se então por não dividir os pés na escansão, mas indicar, somente, as sílabas breves ou longas.

[374] (S.n.). (Trad.: "a trombeta deblaterou um terrível estrondo.")

praeterea quod numquam e pyrrichio, qui duplex in proceleumatico habetur, formata aliqua in metris species proferatur. Huius versus longissimus erit tetrameter catalecticus vel, siqui illum adhunc extendere adfectet, pentameter. Recipit autem prima et secunda et tertia sede proceleumaticum, quarta tribrachyn aut anapaestum, quibus et clauditur, scilicet detracta proceleumatico syllaba ultima aut duabus brevibus ultimis in unam longam redactis propter anapaestum, uti metrum sit, non numerus. Scanditur autem per dipodian. Exemplum erit tetrametri catalectici [id]

nemus ave reticuit, ager homine sonat,

item

perit abit avipedis animula leporis:

trimetri autem

id agite peragite iuvenes:

dimetri

id agite iuvenes:

hoc metro veteres satyricos choros modulabantur, quod Graeci ἐι'σόδιον ab ingressu chori satyrici appellabant, metrumque ipsum ει'σόδιον dixerunt.

por causa disso, nunca seria descoberta entre os metros alguma espécie formada a partir do pirríquio, que se considera vir duplicado em um proceleusmático. Do proceleusmático, será o verso mais longo o tetrâmetro catalético ou o pentâmetro, se alguém pretende estendê-lo até este ponto. Recebe [o tetrâmetro ou pentâmetro] o proceleusmático, no entanto, no primero, segundo e terceiro lugar do metro,[375] no quarto um tríbraco ou um anapesto com os quais é encerrado, evidentemente com a última sílaba extraída ou com as duas sílabas breves reduzidas a uma longa semelhante a um anapesto, de forma que seja um metro, não um ritmo. Por outro lado é escandido através de dipodias. O exemplo será do tetrâmetro cataléctico

[nĕmŭs ăvĕ | rĕtĭcŭĭt, | ăgĕr hŏmĭ|nĕ sŏnăt,] [376]

do mesmo modo

[pĕrĭt ăbĭt | ăvĭpĕdĭs | ănĭmŭlă | lĕpŏrĭs]: [377]

por outro lado o trímetro:

[ĭd ăgĭtĕ | pĕrăgĭtĕ |ĭuvĕnĕs]: [378]

o dímetro

[ĭd ăgĭtĕ | ĭuvĕnĕs]: [379]

com este metro eram cantados os antigos coros satíricos, o qual os gregos tomavam por princípio do coro satírico, metro este que chamaram de *ει'σόδιον* [*eisódion*].

[375] Em métrica, chamamos de *sedes metrica*.
[376] *Anonymi Epici ET Lyrici, serioris aetatis versus*. Frag 85, 1 (Trad.: "O bosque está calado com a ave, o campo ressoa com o homem.")
[377] Ter. Mau., *De Litt., De Sy., De Metr*. v. 1464 (Trad.: "Pequena alma alipede da beleza perece e morre.")
[378] (S.n.). (Trad.: "Fazei isto, fazei isto completamente, jovens.")
[379] (S.n.). (Trad.: "Fazei isto, jovens.")

LIBER TERTIVS

DE CONIVUNCTIS INTER SE ET MIXTIS METRIS PRAGMATICUS

Decursis metrorum per novem species fastigiis elementisque principalibus, quae Graeci πρωτότυπα velut primas figuras appellando nominarunt, scilicet artis huiusce prima, ut ita dixerim, semina, discendum dehinc secundum ipsam disciplinae originem consentaneum reor, quae ex isdem veluti fontibus derivata ad innumerabiles metrorum species nunc per adiectionem, nunc detractionem aut transmutationem vel concinnationem processisse videantur. Et quamvis non queant omnia ob immensam sui copiam comprehendi, utpote cum sint innumerabiles figurae compositionum, seu quas prisca aetas dedit, seu quas sequens aemula imitatione excogitando produxit, tamen ex his quae aut frequens usus celebrat aut potior auctoritas recipiendo commendat, prout potero, sollicita investigatione comprehensa depromam: quo subinde ea quae fallunt apud poetas metra praeceptis disciplinae instruendis facilius intellegantur, qua metrorum origine exorta, qua specie figurata aut situ temporum digesta aut copulatione conexa videantur. Habet enim metrorum inter se ratio summam in cognoscendo voluptatem, qua et veterum sub quacumque lege tradita celeriter comprehendere et multa ipsi aemulante studio nova concipere animo atque informare possimus. Ita enim metrorum, quae ex origine noscenda e prototypis novem profluunt, inter se varietas multiformis et de praefinito veluti quorundam seminum numero innumerabilis copia est, ut ille loculus Archimedius e quattuordecim crustis eburneis, nunc quadratis, nunc triangulis, nunc ex utraque specie varie figuratis, [et] velut quibusdam membris artis struendae causa compositus proditur.

LIVRO TERCEIRO
A REGRA DOS METROS UNIDOS ENTRE SI E MISTOS

Tendo discorrido sobre os pontos principais e os elementos fundamentais dos metros em nove categorias, que os gregos denominaram, chamando-as “protótipos”, como se fossem suas primeiras figuras, ou seja, como já disse antes, os primeiros embriões dessa arte; a partir disso, julgo que, de acordo com a própria origem desse conhecimento, é conveniente aprender que eles foram derivados como que a partir das mesmas fontes até chegar a inumeráveis categorias de metros, e parecem ter-se originado ora por adição, ora por supressão, seja por transposição seja por rearranjo. E, embora tudo isso não possa ser expresso por sua imensa variabilidade, visto que existem inumeráveis figuras de composição, seja as que a idade antiga nos legou, ou as que a época seguinte produziu inventando com uma imitação rivalizante. Entretanto, o que foi descoberto a partir disso ou que foi utilizado frequentemente ou que um melhor exemplo recomenda que seja adotado vou mostrar, tanto quanto eu puder, com uma investigação cuidadosa para que, imediatamente após isso, por meio do ensino dos preceitos que regem esse conhecimento, aqueles metros que nos enganam nos poetas sejam compreendidos mais facilmente, bem como de que metros originais surgiram, com que ornatos foram formados, quer pareçam ter sido repartidos em dada configuração de tempos, quer reunidos em uma combinação deles. A disposição dos metros entre si traz, de fato, um imenso prazer ao ser compreendida e, por meio dela, podemos tanto entender rapidamente aquela que foi ensinada sob todos os tipos de regras dos antigos, quanto conceber e dar forma a muitas novas, através de um trabalho capaz de rivalizar com o deles. Há, pois, uma variedade formal dos metros entre si que deriva desde uma origem que deve ser estudada a partir dos nove protótipos e uma quantidade inumerável deles, oriunda de um número predefinido como o daqueles embriões de metro, assim como aquela caixinha de Arquimedes feita de quatorze lâminas de marfim que se mostra ora com quadrados, ora com triângulos, ora com ambas as figuras, montadas de várias formas e como que confeccionadas para ensinar aquela arte por meio de certas peças.

Nam ut in illo praefinito ac determinato crustarum numero multiplici earundem variatarum specie nunc navis, nunc gladius, nunc arbuscula et siqua alia figurantur, ita metrorum certo ex origine numero intra decem prototypa comprehenso multiplex admodum varietatis copia propagatur. Nam ut [ea] exercentis aut ingenium aut voluntatis arbitrium est, ita variae ac multiformes metrorum species proferuntur. Figurantur enim generalibus modis duobus, quantitatis et qualitatis, specialibus autem octo. Nam quantitas immutabit metrum aut per adiectionem aut per deminutionem; qualitas autem per translationem, permixtionem, transfigurationem, divisionem, unitatem, compositionem, et ex heroo quidem per adiectionem syllabae fiet ita,

Musae mi Pierides Clariusque adsistat Apollo:

'mi' enim syllaba detracta erit hexameter. Per deminutionem autem syllabae octauae sive nonae ex trimetro iambico sic,

beatus ille qui procul messibus.

Per translationem vero verborum ex hero sic,

instimulata choris qualis socrus excutit ulnas:

fiet tetrametrus trochaicus ita,

in choris stimulata qualis socrus ulnas excutit .

per divisionem autem, si proceleumaticum in anapaesticum metrum dividendo sic percutias,

id agite peragite celeriter.

Pois, da mesma forma que com um número múltiplo, predefinido e determinado de peças e sob a forma das mesmas e variadas peças, são formados ora um navio, ou uma espada, ora uma arvorezinha e ainda quaisquer outras formas que se queira, do mesmo modo, propaga-se a múltipla abundância de uma enorme variedade de metros, a partir de um número definido e compreendido, desde a origem, entre dez protótipos. Com efeito, assim como quando se dá seja o talento de quem pratica, seja a escolha da vontade, produzem-se também os aspectos multiformes dos metros. São formados, de fato, por meio de dois outros métodos gerais, o da quantidade e de oito específicos, o da qualidade. A quantidade transformará o metro ora por adição, ora por subtração. A qualidade, por outro lado, por transposição, mistura, transformação, divisão, união, composição e, certamente, ele será criado até por adição de sílabas heroicas:

[Mūsāæ| mī| Pīĕrĭ|dēs Clărĭ|ūsquē ad|sīstăt Ă|pōllō]: [380]

[este verso] será, de fato, um hexâmetro com a sílaba *mi* cortada. Seja por diminuição da oitava sílaba ou da nona a partir de um trímetro iâmbico, assim:

[bĕā|tŭs ī|llĕ quī| prŏcūl| mē|ssĭbūs] [381]

mas por translação de termos a partir de um heroico, assim:

[īnstĭmŭ|lātă chŏ|rīs quā|līs sōcrŭs| ēxcŭtĭt|ūlnās].[382]

produz-se, desse modo, o tetrâmetro trocaico.

[īn chŏ|rīs stĭmŭ|lātă|quālīs| sŏcrŭs| ūlnās| ēxcŭtĭt|].[383]

mas também, por divisão, se cortares um proceleusmático, ao dividires um verso anapéstico, assim:

[ĭd ăgĭtĕ| pĕrăgĭtĕ| cĕlĕrĭtĕr] [384]

[380] As musas Piérides e o mais claro Apolo me ajudem.
[381] *beatus ille qui procul negotis.*((Hor. Epodos, II , 1), " feliz aquele que distante dos negócios".
[382] "Estimulado pelos coros tal como a sogra agita seus braços".
[383] "Estimulada nos coros tal como a sogra agita seus braços".
[384] "Fazei isso e terminai rapidamente".

Per unitatem vero, cum pariambus duplex iungitur,

agite iam agite cito modo mea,

et fit proceleumaticus. Per transfigurationem quoque, cum herous figuram trimetri accipit, velut

Albani muris Albam Longam cinxerunt:

hic enim si per dipodias percutiatur, fiet trimetrus. Sed et per mixionem, cum diversae bases miscentur, ut puta choriambica et iambica, veluti

Lydia, dic precor libens, unde velis reverti.

Per compositionem autem, si ex heroo dimetro, cui syllaba adiecta in novissimo erit, quod penthemimeres vocatur, quod est tale,

arboribusque comae,

adiecto dimetro iambico fiat metrum tale,

arboribusque comae, ut prisca gens mortalium[385]*,*

quale est in epodo Horatii,

scribere versiculus amore percussum gravi.[386]

[385] 1.*arboribusque comae; mutat terras vices, et decrescentia ripas flumina praetereunt.* (Hor. *Carmina*, IV, 7, 2-4); *ut prisca gens mortalium.* Hor. *Epodos*, II , 2.
[386] Hor. *Epodos*, XI , 2.

Na verdade, por união, quando se junta um duplo, por exemplo, um pariambo:

[ăgĭtĕ iăm a|gĭtĕ cĭtŏ| mŏdŏ| mĕă] [387]

e se produz um proceleusmático. Por transfiguração, igualmente, quando um heroico recebe a forma de trímetro, como por exemplo:

[Ālbānī mū|rīs Ālbām Lōn|gām cīnxērūnt] [388]

este, de fato, se for dividido por dipodias, tornar-se-á um trímetro. Mas também, se fazem por mistura, quando diversas bases são misturadas, como em metros coriâmbicos e iâmbicos puros, como, por exemplo, em:

[Lŷdĭă|, dīc prĕcōr| lĭbēns|, ūndĕ vĕlīs| rĕvēr|tī] [389]

por composição, por outro lado, se de um dímetro heroico, ao qual uma sílaba tiver sido adicionada no final, aquilo que é chamado pentemímera é algo semelhante a isto:

[ārbŏrĭ|būsquĕ cŏ|māe][390]

com o acréscimo de um dímetro iâmbico produz-se um metro assim:

[ārbŏrĭ|būsquĕ cŏ|m(æ)‿ūt prīs|că gēns |mōrtă|lĭŭm][391]

tal qual se encontra no *Epodo* de Horácio,

[scrībĕrĕ | vērsĭcŭ|lōs | ămō|rĕ pēr|cūssūm | grăvī][392]

[387] "Vamos já. Vamos depressa, oh minha"
[388] "Os Albanos cingiram Alba Longa com muralhas"
[389] "Lídia, dize, eu suplico, de boa vontade, de onde queiras ser revertida"
[390] "e as copas nas árvores"
[391] *arboribusque comae,* Hor. *Carmina*, IV, 7, 2, "e as copas nas árvores"; *ut prisca gens mortalium*. Hor. *Epodos*, II , 2), como a antiga raça dos mortais.
[392] (Hor. *Epodos*, XI, 2), "escrever versinhos atingido por um doloroso amor"

Demonstratis igitur exemplis temptabimus procedente lectione, in quantum potuerimus, omnia huius generis sive simplicia sive immixta, quae in usum aut Graeci aut Latini receperunt, subinde prodere, si prius ea a quibus initium sumendum est docuerimus [dicemus igitur de metris per συμπάθειαν et ντιπάθειαν inter se coniunctis].

Dicemus igitur de mixtis ac mutua conexione sociatis metrorum generibus, quorum bifariam ratio dispergitur. Namque alia consentanea et veluti cognata inter se ratione iungitur, alia ex dissidenti ac contraria, quae Graeci χατά συμπάθειαυ χαί άντιπάθειαυ appellant. Erunt ergo per συμπάθειαυ, id est per consentaneum adfectum, mixtae inter se iambicae bases choriambicas et antispasticis. Nam quotiens copulantur sub quacumque sede, videas veluti ex una eademque specie id compositum metrum stare et quasi uniforme, quod monoides Graeci dicunt, procedere. Adaeque et trochaicae bases ionicis pari consensione sociantur, cum epiplocarum, quas amplexiones metrorum diximus, mutua inter se successione variantur. Et quamvis non solum trochaeum et solutionem eius tribrachyn, sed et spondeum cum suis solutionibus. Id est dactylum et anapaestum, admittant, tamen uniformia metra sentiuntur, cum ex similibus et familiaribus pedibus sit ista coniunctio. Similiter dactylicis anapaestica incidunt, ut "arma virumque cano". Etenim adiectis duabus brevibus, ut supra ostendimus, fiet anapaesticum per συμπαθειαν sic, 'ades arma virumque cano' qua vicissitudine et ex trochaicis iambica et ex anapaesticis dactylica metras inter se formantur. Per αυτιπαθειαν vero, id est per contrarium adfectum seu passionem, iunguntur ea quorum inter se contrariae species haud facile copulantur. Est enim coniunctionis genus nimis scabrum atque asperum, ut sunt ionica απομειξονοζ cum iambicis vel dactylica cum trochaicis semper dissententia inter se atque abhorrentia, unde et ασυναρτητα a Graecis, id est inconexa, appellantur, ut est

Uma vez demonstrados esses exemplos, procuraremos na lição seguinte, na medida que pudermos, produzir imediatamente todos [os metros] desse tipo, seja os mais simples seja os compostos, que os gregos ou os latinos receberam pelo uso, ainda mais se ensinarmos que o início deve ser empreendido a partir deles [falaremos, então, sobre os metros que se uniram por simpatia e por antipatia[393]]

Falaremos agora dos [metros] mistos e dos tipos de metros associados em mútua conexão, cuja disposição se distribui de duas maneiras. Uns, pois, se acoplam entre si de acordo com uma relação de adequação e como que aparentada; já outros, de acordo com uma relação contrária, a partir de [metros] diferentes, o que os gregos chamam de [relação] *por simpatia* e *por antipatia*. Logo, os que existirão *por simpatia*, isto é, por uma disposição de propriedade, são as bases iâmbicas em que se mesclam coriâmbicos com antipásticos [– ˘ ˘ – / ˘ – – ˘]. De fato, todas as vezes que se unem sobre qualquer posição, compreendas que esse metro aparece composto como que a partir de uma única e mesma espécie, e como que uniforme, o que os gregos chamavam *monoides*. Do mesmo modo, as bases trocaicas associam-se às bases jônicas, pela mesma conformidade, enquanto as das epíploces [combinações de várias espécies de metros] as quais chamamos enlace dos metros, diversificam-se entre si por mútua sucessão, ainda que, não somente o troqueu e sua disposição em tríbraco [˘ ˘ ˘], mas também o espondeu com suas próprias decomposições, isto é, o dátilo e o anapesto que o admitem, embora sejam percebidos com metros homogêneos, quando houver essa associação a partir de pés semelhantes com aqueles que existe familiaridade. Paralelamente aos dátilos, sucedem os anapésticos, como em *[Ārmă uĭ|rūmquĕ că|nō]* ["as armas e o varão eu canto"]. Efetivamente com a adição de duas breves, como mostramos acima, produz-se um anapéstico por *simpatia*, dessa forma: *[Ădĕs Ārmă uĭ|rūmquĕ că|nō]* ["estás aqui e eu canto a arma e o varão"]. Por meio dessa alteração, formam-se, entre si, metros iâmbicos a partir dos trocaicos, e metros datílicos dos anapésticos. Por *antipatia* ainda, isto é, por uma inclinação ou paixão contrárias, juntam-se entre si aquelas espécies contrárias de metros [que] não se ligam muito facilmente. Há, ainda, uma espécie de ligação excessivamente mal polida e dissonante, como são os [metros] jônicos *apomeixonos* [combinados] com os iâmbicos ou os datílicos com os trocaicos, sempre divergindo e se opondo entre si. E, daí, são chamados *asynarteta* pelos gregos, isto é, sem ligação, como é:

[393] Os termos *simpatia* e *antipatia*, em domínio métrico, denotam uma relação rítmica respectivamente concorde ou oposta entre as partes de um verso.

beatus ille qui vacans mente vivit integra.

nam compositus apparet versus ex dimetro iambico acatalecto et dímetro trochaico catalectico ex diversis et contrariis amplexionibus: hi enim, etiamsi genere congruunt, specie tamen discrepant. Item ex anapaestico dimetro acatalecto et iambico dimetro catalectico, ut est

age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras.

intellegis igitur atque ipso sensu abhorrentium aurium percipis duo |metrorum cola dissidentia inter se ita confragose atque aspere coisse in |unitatem conexionemque, ut superiora lenem ac liquidam [nequaquam] |conuenisse uidentur. Item si quattuor dactylis tres trochaeos, quos uocant |ithyphallicum, iungas, erit ἀσυνάρτητον, ut est illud, |

tunc et amoris amor uenit improbus aliger Cupido. |

Praeterea permixtiones colorum [id est membrorum] in metris |quadripertitae sunt. Aut enim metra ex duobus colis imperfectis conciliantur |aut ex duobus perfectis aut ex perfecto et imperfecto aut contra, id est ex imperfecto et perfecto, quod ἀσυνάρτητον appellauimus metron, quale est ex iambico dimetro acatalecto et ithyphallico compositum ita,

iubar superne fulgida lucet arce caeli

aut contra ex trochaico dimetro acatalecto et iambico dimetro catalectico, uelut ||

caeruli Menoeta ponti ratisque rectitator.

[bĕā|tŭs ī|llĕ quī| vācāns| vīvĭt| īntĕ|grā].[394]

Pois, o verso composto aparece a partir do dímetro iâmbico acatalético e do dímetro trocaico catalético e também de diversas ligações contrárias: estes pois, ainda que combinem quanto ao gênero, divergem quanto à espécie. Do mesmo modo, a partir do dímetro iâmbico acatalético e do dímetro iâmbico catalético, como este:

[ăgĕ nūnc cŏmĭtēs răbĭdǣ Cўbĕlēs vŏrānt chŏrōs ăd ārăs][395].

Então, reconheces ou percebes, pela própria percepção que perturba os ouvidos, duas partes dos metros antipáticas entre si, assim, encontram-se sem harmonia e com aspereza na união e na conexão, para que não conviesse serem percebidas de forma mais suave e fluida. Assim, se juntasses quatro dátilos a três troqueus, os quais chamam itifálico, será *ἀσυνάρτητον*, assim como em:

[tūnc ĕt ă|mōrĭs ă|mōr vĕnĭt| īmprŏbŭs| ālĭ|gēr Cŭ|pīdŏ] [396]

Além disso, as misturas dos hemistíquios [isto é, dos membros] nos metros são *quadripertitae.* Entretanto, ou os metros se ligam a partir de duas metades imperfeitas ou a partir de duas perfeitas, ou de uma perfeita e uma imperfeita, ou vice-versa, isto é, de uma imperfeita e uma perfeita, o que chamamos metro *ἀσυνάρτητον*, tal como foi disposto a partir do dímetro iâmbico acatalético e itifálico, igualmente em:

[iŭbār| sŭpēr|nĕ fūl|gĭdā| lūcĕt| ārcē| cǣlī] [397]

Ou, ao contrário, a partir do dímetro trocaico acatalético e do dímetro iâmbico catalético, assim como em:

[cǣrŭ|lī Mĕ|nœ̄tă| pōntī| rătīs\quĕ rēc|tĭtā|tŏr].[398]

[394] "Feliz aquele que estando desocupado vive com a mente íntegra".
[395] "Eis que os companheiros enraivecidos da Cibele chamam os coros para os altares".
[396] "sendo que também vem o perverso cupido alado, amor do amor".
[397] "A estrela reluzente ilumina no ponto mais alto do céu".
[398] "O recitador Menetes do oceano azul e do navio."

In eius modi enim versibus membrorum manifesta discretio est. Quae autem ex duobus imperfectis colis [id est membris] conciliantur, vix est eorum separationem divisionemque cognoscere, in his praecipue, quae minimae proceritatis conexa iunguntur: exempli gratia si sit iambicum dimetrum catalecticum et sequatur dactylicum dimetrum brachycatalectum ita,

dicata ex fario,

cum sit traditum colum ita demum iustae proceritatis accipi, si decem et octo temporibus suppleatur. Cum autem nec coli mensuram brevitas ista conficiat, quantum a perfecti versus mensura dicordet, [et] utique manifestum est, cum colum portio versus esse tradatur. Sunt item quae primam trochaicam, secundam choriambicam, tertiam trochaicam, sed et quartam syllaba breviorem coniugationem habeant, quorum exempla plerumque apud comicos in *Diphili et Menandri comoediis reperiuntur.*

Verum haec hactenus noscenda sunt, ne quid per imperitiam praeteriisse videamur: alioquin et vitanda et respuenda sunt. Nam perfecto poetae levia et sonora sectanda sunt; quae autem fragosa et aspera, dicis causa, non ut imitentur, sed ut vitentur, noscenda sunt. Quorum, sicut et aliorum complurium, autor et parens fertur Archilochus singularis artificii in excogitandis ac formandis novis metris, qui primus epodos excitavit alios breviores, alios longiores,|| detrahens unum pedem seu colum metro, ut illi subiceret id quod ex ipso detractum esse videbatur: ut in heroo, a quo primum coepit, tamquam

Desse modo, pois, a seleção dos componentes nos versos é clara. Contudo, aqueles que se misturam a partir de dois hemistíquios imperfeitos [isto é, dos membros], raramente se reconhece a separação e a divisão dos versos, principalmente nesses que, juntos, se unem ao mínimo de longas: se a beleza do exemplo for o dímetro iâmbico catalético seguido de um dímetro datílico braquicatalético, como este:

[dĭcāt(a) ‿ēx fărĭō],

Como o cólon é explicado da mesma forma, certamente é percebido de um alongamento necessário, se for preenchido com dezoito tempos. Por outro lado, ainda que essa brevidade não produza a medida do hemistíquio, ou seja, o quanto o verso difere da medida completa e, geralmente, é perceptível quando a parte do verso explicada é um hemistíquio. Assim, aquelas que são igualmente a primeira trocaica, segunda coriâmbica, terceira trocaica e a sílaba se mistura à quarta breve, a partir daqueles exemplos que são encontrados nos cômicos, em geral, nas comédias de Difilo e Menandro.

Mas, até aqui, esses devem ser considerados para que não passemos por ignorantes: além disso, devem ser evitados por um lado e, por outro, rejeitados. De fato, com o verso inteiro do poeta, as leves e as sonoras devem ser cortadas; porém, aquelas que são desarmônicas e ásperas, diz o motivo não para imitar, mas para evitar. Dentre esses, assim como de muitos outros, Arquíloco, autor e inventor de uma arte singular, estimulou a invenção e formação de novos metros, sendo que primeiro produziu os epodos, alguns mais curtos, outros mais longos, tirando apenas um pé ou um hemistíquio do metro, de modo que esse se submetesse àquele que parecerá ter sido tirado de um mesmo, assim como no heroico, pelo qual se começa primeiro, tal como este:

diffugere nives, redeunt iam gramina campis

dehinc epodus sui generis,

arboribusque comae:

et illud, cum heroi versus secundo colo ithyphallica epodos per ἀντιπάθεια respondet, ut

Priamique evertere gentem fata iam parabant:

et multa alia, quae in processu operis demonstrabimus. Omnia enim ex dactylo et iambo principalibus orta noscuntur. Nam quaecumque protuleris, ex his profluere fontibus et ad haec referri veluti semina examinando reperies. Haec enim sola duo metra, quamvis et iambicum heroi sit traductivum, utpote cum trimeter de hexametro manasse noscatur, haec sola possunt prototyporum prototypa dici et omnium metrorum elementa, reliqua autem horum ἀποτμήματα: quorum modos, in quantum colligi potuit, studiosi lectoris auribus intimabo.

[dīffū|gērĕ nĭ|vēs, rĕdĕ|ūnt iām| grāmĭnă| cāmpĭs];

depois, um epodo deste tipo*:*

[ārbŏrĭ|būsquĕ cōmæ][399]*;*

e, quando um epodo itifálico no segundo hemistíquio do metro heroico responde por *ἀντιπάθεια*, como este:

[Prĭămī|qu(e)‿ēvēr|tĕrĕ gēn|tēm| fātă| iām pă|rābānt][400]*:*

e muitos outros que demonstramos ao longo da obra. Todos sabem, portanto, que se origina nos primeiros versos do dátilo e do iambo. Na verdade, se tu proferisses qualquer um que flui dessas fontes, descobrirás, ao observar, como se retoma esses metros originários. Esses, pois, são apenas dois metros, ainda que o iâmbico seja derivado do heroico, visto que se sabe que o trímetro provém do hexâmetro. Posso dizer, então, que esses são, sozinhos, protótipos de protótipos e rudimentos de todos os metros, mas os restantes destes *ἀποτμήματα*, dos quais mostrarei as medidas, isto é, enquanto se pode reunir, aos ouvidos do dedicado leitor.

[399] *Hor*., *Odes*, 4.7, v.1 e 2. (“Lá se foram enfim as brancas neves,/ reverdecem os campos; o arvoredo,/ verde, revive a sua antiga coma;” Trad. FERRAZ, 2003, p.153).
[400] “E o destino prepara agora o povo de Príamo que destrói. ”

VICTORINI ET APHTHONII CONCORDANTIA

As investigações acerca da terminologia dos textos técnicos antigos ganharam fôlego ao longo do desenvolvimento do trabalho e, no intuito de contribuir para o estudo da terminologia técnica métrica da obra gramatical de Vitorino e Aftônio, apresenta-se aqui a *concordantia* dos trechos traduzidos dos *Quatro Livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical.* Se, por um lado, o exercício de investigação se tornará mais claro e evidente, por outro lado, tornará este trabalho ainda maior e, em decorrência, isso pode acarretar um efeito colateral indesejável: a leitura pode tornar-se um tanto enfadonha. Entretanto, isso ocorre em favor de uma maior e mais completa exaustividade da investigação proposta.

Os dados estão apresentados listados por ordem alfabética e organizados segundo a sua menção no tratado. Buscou-se indicar lateralmente as informações 'obra', 'autor', 'livro' e 'página' de cada uma das ocorrências dos termos técnicos coletados. O critério de seleção dos verbetes que integram a *Concordantia* obedece à definição de "termo técnico" estabelecida no decorrer do trabalho e, para a extensão das passagens compiladas, buscou-se empregar como critério, sempre que possível, o período frasal. O verbete está centralizado na tabela e destacado com negrito enquanto os *exempla,* quando inseridos no período frasal do texto, estão destacados com fonte itálica. Para proporcionar maior conforto na leitura e fluidez na análise da *Concordantia,* optou-se pela paginação em *layout* de paisagem.

Importa justificar que esta *Concordantia* foi elaborada nos moldes do grandioso trabalho de Luque Moreno e equipe, cujos princípios encontram-se sistematizados e sintetizados na obra *Presentación,* que inaugura o opulento conjunto de volumes. *Scriptores latini de re metrica. Concordantiae -Indices.*(LUQUE MORENO, 1987). Luque Moreno, com a colaboração de renomados pesquisadores dos estudos gramaticais, métricos e filológicos, dentre eles Díaz y díaz, Pedro R., Cabrera, Dolores Cruz, Herrera, M. del Castillo Cassinello, Gaspar de La-Chica e Sánchez, Mária del Carmen Hoces, publica, em 12 volumes, as *Concordantiae* de importantes obras gramaticais, tais como Mário Plócio Sacerdote, Donato, Carísio, Diomedes, Prisciano, Varrão e Césio Basso. Ao publicar a ainda inédita, até onde foi possível verificar, *Concordantia* dos *Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical,* esta autora pretende contribuir e somar com os trabalhos de tão prestigiado grupo de pesquisadores. Por fim, ao colocar em relevo os termos técnicos da disciplina da métrica clássica, segundo o entendimento desses autores antigos, tal material permitirá uma nova gama de pesquisas acerca da terminologia

métrica latina, entre autores antigos e modernos, estudos linguísticos sobre as variações linguísticas, empréstimos, e formação de novas palavras, estudos comparativos lexicais e semânticos, uma variedade, enfim, de investigações entre as muitas *artes metricae*.

Ăcătălēctĭcŭs, us

[LII D. Dac. M.] – p. 73	Trimetrus autem **acatalectus**,	qui e tribus, ut *cui non dictus Hylas puer*:hoc hemiepes dicitur, quo Simonides frequenter usus est.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Pentametrus **acatalectus**,	qui e quinque, ut*Phoebus me docuit iuga Pieridum sequi*:
[LII D. Chor. M.] – p. 86	subsistit autem nunc e puris choriambi coniugationibus ita, *uror amoris stimulo, cor quatit artus pavidos*,quod est tetrametrum **acatalectum**;	unc admixta et posita in quacumque sede iambica basi, cuius etiam conclusione finiri praecipue studet, ut est hoc, quod habet duas iambicas priores coniugationes, tertium choriambum, ultimam iambicam clausulam, uelut hoc tetrametrum catalecticum, *apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras*
LIII – p. 103	nam compositus apparet versus ex dimetro iambico **acatalecto**	et dímetro trochaico catalectico ex diversis et contrariis amplexionibus: hi enim, etiamsi genere congruunt,
LIII – p. 103	Item ex anapaestico dimetro **acatalecto**	et iambico dimetro catalectico, ut est*age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras.*
LIII – p. 103	quod ἀσυνάρτητον appellauimus metron, quale est ex iambico dimetro **acatalecto**	et ithyphallico compositum ita, *iubar superne fulgida lucet arce caeli*
LIII – p. 103	*iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex trochaico dimetro **acatalecto**	et iambico dimetro catalectico, uelut ‖*caeruli Menoeta ponti ratisque rectitator.*

Ădōnĭdĭum, ii

[LII D. Dac. M.] – p. 73	erit ergo uersus dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsistit, tamquam *terruit urbem,* qui concurrit etiam in choriambicum monometrum hypercatalectum, quod **adonidium**	appellatur.

Ādspīrātĭŏ̲, onis

[LI D. Litt.] – p. 5	H quoque **adspirationis**	notam cunctis uocalibus praefici, ipsi autem consonantes tantum quattuor praeponi, quotiens Graecis nominibus Latina forma est, persuaserunt, id est c p r t, ut chori Phyllis rhombos thymos: quae profundo spiritu, anhelis faucibus, exploso ore fundetur.
[LI D. Litt.] – p. 6	Nec dubitatur his litteris omnibus | absque sola v remotis latinae linguae reliquas XVII posse satisfacere. Nam pro h **adspirationis**	nota, ut Graeci faciunt, poni posset: f etiam p et eadem adspiratione compleretur nihilo minus.
[LI D. Litt.] – p. 6	Nam pro h adspirationis nota, ut Graeci faciunt, poni posset: f etiam p et eadem **adspiratione**	compleretur nihilo minus. Pro k et q c littera facillime haberetur. X autem per c et s possemus scribere. Sic et z, si modo latino sermoni necessaria esset,
[LI D. Litt.] – p. 7	item uocantur spiritales tres, c p t, quia his h littera subiecta inserit spiritum, ut *Chiron*, *Philon*, *Thoas*; et ideoresiduae b d g q nominantur rigidae, quia nullam earum eadem h ad recipiendam **adspirationem**	flectat.
[LI D. Litt.] – p. 7	Quod contingit omnibus semivocalibus absque sola r; sed ea plurimum in peregrinis nominibus **adspiratur**.	Addita autem fuerat a veteribus non frustra velut F, quam musici digamma vocant.

Æĕŏlĭcŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 70	E cuius genere hae metrorum species gignuntur, diphilium seu choerilium, lagaoedicum seu archebulium, **aeolicum**	sive sapphicum et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.

Ālcmānĭcŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 73	Tetrametrus, qui e quattuor, ut*nos patriae fines et dulcia*qui in dactylum desinens **alcmanicum**,	in spondeum vero archilochicum metrum efficit.

Āmĕtābōlā, a

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Habes exempla quattuor liquidarum, quas **ametabolas**,	diximus.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Nam quamuis maior in liquida quam in muta uirtus sit, utpote **ametabola**,	quae‖ a tenore suo non immutetur, attamen infirmiora paria sociata praestant his quae ex impari ueniunt, quod sub exemplo magis aperiam.

Āmphī̲brăchўs

[LI D. Ped.] – p. 44	Nam amphibrachys	in triplo, creticus, cui de gente inuentoris nomen est, in sescuplo pensatur:
[LII D. Chor. M.] – p. 86	Hoc genus catalecticum fit vel bacchio a brevi incipiente vel eo qui **amphibrachys**	vocatur: nam sicut saepe diximus, novissima indifferens est.

Āmphĭmă̲crŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	id est diphthongo, longam efficiens contra legem hexametri heroi **amphimacrum**	inducit, qui pro dactylo lege communium syllabarum accipietur,
[LI D. Ped.] – p. 44	Superest amphibrachys cum contrario sibi **amphimacro**	siue cretico.
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam paeones primus et quartus coeuntibus in unam longam duabus suis brevibus **amphimacrum**	uel bacchium uel paliambacchium gignunt.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nam et apud nos similis versus reperitur, in quo primus **amphimacrus**	est, ut '*insulae Ionio in magno*'.

Ănăpæstŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – P. 34	metri necessitate cogente ut pro syllaba longa duae breves aut pro duabus brevibus unalonga ponatur, idquod in [trimetris] **anapaesticis**	iambicis et ceteris huius modi versibus datur cognoscere.
[LI D. Ped.] – p. 43	Sit pyrrichius e duabus brevibus: hunc brevis tribrachyn, longa dactylum aut **anapaestum**	facit.
[LI D. Ped.] – p. 44	Huic contrarius mutata temporum uice, pari autem magnitudine, erit **anapaestus**,	qui et antidactylus uocatur, ut *scopulos*.
[LI D. Ped.] – p. 44	**Anapaestus**	autem a situ contrario et repercussione dactyli, quod est ἀντιπαίεσθαι, dictus:
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum arsis ac thesis eadem est, quae **anapaesto**	et dactylo.
[LI D. Ped.] – p. 46	Adaeque in spondeo soluta in breves| prior longa **anapaestum**,	sequens dactylum procreabit.
[LI D. Ped.] – p. 46	id est spondeum reformabit: quod aeque dactylus et **anapaestus**	brevibus suis in longam copulatis efficient.
[LI D. Ped.] – p. 49	nam si ut trochaicum scandas, erunt omnes coniugationes e trochaeo et **anapaesto**;	si contra, ut a trisyllabo incipias, erunt omnes coniugationes ex dactylo et
LII – p. 70	quorum et in primo mentionem fecimus, sunt haec, e quis primum dactylicum, dehinc **anapaesticum**,	post iambicum et trochaicum et choriambicum et antispasticum,
LII – p. 70	quas per contrariam naturae positionem habere noscuntur, eadem sic digerere, ut dactylicis **anapaestica**,	iambicis trochaica et cetera, ut paulo ante induximus, e diverso posita,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Eadem cognatione etiam **anapaestus**,	qui [e] spondei prima in duas breves divisa efficitur, heroo posset adnecti metro
[LII D. Dac. M.] – p. 71	heroo posset adnecti metro, nisi incipiente dactylo et subiuncto **anapaesto**	mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent:
[LII D. Dac. M.] – p. 71	et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent: seu quod **anapaesti**	per syzygias gradiuntur, sive quia metrorum fere omnium natura talis est,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	In **anapaestis**	autem contra evenit istud: etenim pes hic singulis coniugationibus partem orationis includere solet,
[LII D. M. Proc.] – p. 98	satius tamen est adnecti eum copularique comico **anapaestico**,	cuius cognationem inter se coniunctis suis duabus ultimis brevibus demonstrat.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Nam ex dimetro **anapaestico**	tetrameter proceleumaticus figurabitur versus longa eius in duas breves soluta
[LII D. M. Proc.] – p. 99	Recipit autem prima et secunda et tertia sede proceleumaticum, quarta tribrachyn aut **anapaestum**,	quibus et clauditur, scilicet detracta proceleumatico syllaba ultima
[LII D. M. Proc.] – p. 99	aut duabus brevibus ultimis in unam longam redactis propter **anapaestum**,	uti metrum sit, non numerus.
LIII – p. 101	. per divisionem autem, si proceleumaticum in **anapaesticum**	metrum dividendo sic percutias, *id agite peragite celeriter*.
LIII – p. 102	Id est dactylum et **anapaestum**,	admittant, tamen uniformia metra sentiuntur, cum ex similibus et familiaribus pedibus sit ista coniunctio.
LIII – p. 102	Similiter dactylicis **anapaestica**	incidunt, ut "*arma virumque cano*".
LIII – p. 102	Etenim adiectis duabus brevibus, ut supra ostendimus, fiet **anapaesticum**	per συμπαθειαν sic, '*ades arma virumque cano*' qua vicissitudine
LIII – p. 102	'*ades arma virumque cano*' qua vicissitudine et ex trochaicis iambica et ex **anapaesticis**	dactylica metras inter se formantur.
LIII – p. 103	Item ex **anapaestico**	dimetro acatalecto et iambico dimetro catalectico, ut est *age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras.*

Āntĭdāctўlŭs

[LI D. Ped.] – p. 44	Huic contrarius mutata temporum uice, pari autem magnitudine, erit anapaestus, qui et **antidactylus**	uocatur, ut *scopulos*.

[LI D. Ped.] – p. 44	Anapaestus autem a situ contrario et repercussione dactyli, quod est ἀντιπαίεσθαι, dictus: ideoque **antidactylus**	nuncupatur

Āntīspāstŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	Sequitur **antispastus**,	cuius prima et ultima breuis, mediae duae longae, id est ex iambo et trochaeo compositus, ut Aristippus.
[LI D. Ped.] – p. 47	qui sunt numero XVI quattuor tantum utiles adseruntur, id est choriambus et **antispastus**	aequalitates ratione constantes, sed et ionici duo, ceteris decem non adeo necessariis:
LII – p. 70	igitur prototypa, id est primiformia nouem metra, quorum et in primo mentionem fecimus, sunt haec, e quis primum dactylicum, dehinc anapaesticum,, post iambicum et trochaicum et choriambicum et **antispasticum**,	ionicum ἀπό μείονος, ionicum ἀπό ἐλάσσονος et paeonicum.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	huic si primam longam mutaveris, id est si trochaeo retracto iambum posueris, metrum **antispasticum**,	quod est huic contrarium, figurabis, ut *libens Lydia dic cur*.
LIII – p. 102	id est per consentaneum adfectum, mixtae inter se iambicae bases choriambicas et **antispasticis**.	

Ārchĕbūlēŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 70	E cuius genere hae metrorum species gignuntur, diphilium seu choerilium, lagaoedicum seu **archebulium**,	aeolicum sive sapphicum et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.

Ārs, ārtĭs

LI – p. 3	**ARS**	GRAMMATICA
LI – p. 3	**Artium**	grammaticarum scriptores quidam
LI – p. 3	Artium grammaticarum scriptores quidam ab **arte**	coeperunt, quidam a grammatice, quidam a definitione, quidam a uoce,
LI – p. 3	**ars**	'ut Aristoni placet' collectio est ex perceptionibus
LI – p. 3	**ars**	est summa rerum † dictio comprehensarum atque exercitatarum
LI – p. 3	huic **arti**	quot contraria opponuntur? tria
LI – p. 3	grammatica autem **ars**	quae est? spectatiua orationis et poematos.
LI – p. 3	ut Varroni placet, **ars**	grammatica, quae a nobis litteratura dicitur, scientia est ‹rerum› quae a poetis,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Positio autem consonantium litterarum breves syllabas secundum disciplinam legemque metricae **artis**	efficit longas.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ut ea quae brevis lege naturae prolata uidebatur longa efficeretur, a principibus musicae **artis**	auctoribus positio, id | est duarum consonantium copulatio, reperta atque inducta est.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	"*redduxere retro longe capita ardua ab ictu*"; ||siquidem **artis**	poeticae in eo uim rationemque subsistere manifestum sit,
LII – p. 69	velut quaedam primae intitutionis incunabula, necessario his quibus huiusce **artis**	voluptas ac studium est intimanda sunt, adfatim persecutos.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	sicut et hoc heptametrum catalecticum choriambicum purum, quod Phrynichum comicum, auctorem eius **artis**,	tradidisse et sui nominis appellatione signasse dicunt.
LIII – p. 100	species fastigiis elementisque principalibus, quae Graeci πρωτότυπα velut primas figuras appellando nominarunt, scilicet **artis**	huiusce prima, ut ita dixerim, semina, discendum dehinc secundum ipsam disciplinae originem consentaneum reor,
LIII – p. 100	nunc triangulis, nunc ex utraque specie varie figuratis, [et] velut quibusdam membris **artis**	struendae causa compositus proditur.
LIII – p. 100	Quorum, sicut et aliorum complurium, autor et parens fertur Archilochus singularis **artificii**	in excogitandis ac formandis novis metris, qui primus epodos excitavit alios breviores,

Ārsī

[LI D. Ped.] – p. 44	Quorum uterque quantum in **arsi**	tantum retinet in thesi.
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum **arsis**	et thesis alterna mutatione uariatur, siquidem in iambo arsis primam brevem, in trochaeo autem longam habeat incipientem,
[LI D. Ped.] – p. 44	et thesis alterna mutatione uariatur,siquidem in iambo **arsis**	primam brevem, in trochaeo autem longam habeat incipientem

[LI D. Ped.] – p. 44	Horum in **arsi**	et thesi tempus congruit, etiamsi in percussione discrepent syllabae.
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum **arsis**	ac thesis eadem est, quae anapaesto et dactylo.
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum **arsis**	ac thesis longe inter se discrepant.
[LI D. Ped.] – p. 47	ut quidam, tauto|podian, sin dispares, ut trochaeus cum iambo, syzygian efficiunt: in qua **arsis**	unum, alterum thesis pedem obtinebit.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Inter spondeum autem et dactylum mensura temporum congruente etiam in **arsi**	et thesi eadem aequalitas stabit, quam Graeci dicunt ίσου λόγου
Brăchўcătălēctŭm		
LIII – p. 104	sit iambicum dimetrum catalecticum et sequatur dactylicum dimetrum **brachycatalectum**	ita, *dicata ex fario*,cum sit traditum colum ita demum iustae proceritatis accipi,
Brĕvīs		
LI – p. 3	definitio est º 'ut ait Cicero' ‹oratio› quae quid sit de quo agitur ostendit quam **brevissime**.	Vox est aer ictus auditu percipibilis, quantum in ipso est.
[LI D. Litt.] – p. 6	Harum nulla natura littera longa aut **brevis**	est, sed omnes uno modo, si corripiuntur, breves, si producuntur, longae sunt, ac praecipue e et o,
[LI D. Litt.] – p. 6	Harum nulla natura littera longa aut brevis est, sed omnes uno modo, si corripiuntur, **breves**,	si producuntur, longae sunt, ac praecipue e et o, quae biformes dicuntur, quia pro binis graecis apud nos ponuntur.
[LI D. Litt.] – p. 7	K autem dicitur monophonos, || quia nulli vocali iungitur nisi soli a **brevi**,	et hoc ita ut ab ea pars orationis incipiat; aliter autem non recte scribitur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Namque || aliae earum **breves**,	aliae longae, aliae communes appellantur,scilicet quod nunc pro brevibus, nunc pro longis, ut necessitas metri aut producentis aut corripientis easdem postulauerit, accipiantur
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Namque || aliae earum breves, aliae longae, aliae communes appellantur,scilicet quod nunc pro **brevibus**,	nunc pro longis, ut necessitas metri aut producentis aut corripientis easdem postulauerit, accipiantur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	.Positio autem consonantium litterarum **breves**	syllabas secundum disciplinam legemque metricae artis efficit longas.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Igitur cum in metris longa syllaba opus esset, ut ea quae **brevis**	lege naturae prolata uidebatur longa efficeretur, a principibus musicae artis auctoribus positio,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Igitur syllaba **brevis**	tempus unum, longaduo neque amplius recipit,ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente ut pro syllaba longa
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente ut pro syllaba longa duae **breves**	autpro duabus brevibus unalonga ponatur, id quod in [trimetris] anapaesticis iambicis et
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente ut pro syllaba longa duae breves aut pro duabus **brevibus**	unalonga ponatur, id quod in [trimetris] anapaesticis iambicis et ceteris huius modi uersibus datur cognoscere.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Alii *oi* diphthongon uolunt esse, ut sit pes dactylus prima syllaba naturalonga, *troi*, sequentibus duabus **brevibus**,	a et que.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Quarum | in metris triplex ratio et causa reperitur, siquidem una eademque syllaba nunc longa nunc **brevis**	utriusque temporis lege fungatur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	cum ultima pedis dactyli longa reperitur, ut "*insulae Ionio in magno*", || aut positione, cum inferuntur **brevi**	syllabae duae consonantes, quarum prior semper muta,sequens liquida est.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Superest natura**brevis**,	cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in consonantem,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Igitur prima species erit quae dactyli pedis tertiam **brevem**	seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo, longam efficiens contra legem hexametri heroi amphimacrum inducit,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda syllaba natura semper **brevis**,	utpote sequenti loco in dactylo pede, coniunctis duabus consonantibus,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Nam aut **brevis**	syllaba est loco longae posita, aut positione longa uim | suae proceritatis loci condicione non obtinet.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Ergo hic pro **brevi**	accipietur lege communium, qua prior muta c, sequens liquida sit r.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Tertia uero, cum in eodem dactylo prima syllaba, quae semper natura est longa, **brevis**	inuenitur hoc modo, si correpta in ea uocalis desinat in unam consonantem, ut "*hoc erat alma parens*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	ad initium alterius transitum fieri manifestum est, quod interuallum aliquanti temporis intercapedinem sumit: sic naturalis **brevitas**	additamento temporis crescit.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Nam apud Homerum notabilis ille uersus habetur, in quo quattuor longae sylabae lege communium pro **brevibus**	inductae accipiuntur, cuius exemplum |*οϋ τί μοι αίτίη έσσί, θεοί νύ μοι αΙ'τιοί είσιν*
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	οϋ τί μοι αίτίη έσσί, θεοί νύ μοι αΙ'τιοί είσιν alia rursus apud eundem species superiori contraria, in qua **brevis**	pro longis lege communium recipiuntur, ut est *άμφί δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἐανόν ἕσαθ' ὅν οί' Αθήνη*
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	*άμφί δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἐανόν ἕσαθ' ὅν οί' Αθήνη* nam tres continui dactyli e ternis syllabis **brevibus**	subsistunt, cuius generis apud eundem complures uersus reperiuntur.

[LI D. Ped.] – p. 43	Syllaba quae ad incrementum pedum adicitur aut longa est aut **brevis**:	huius adiectione ita numerus propagabitur.,
[LI D. Ped.] – p. 43	Sit pyrrichius e duabus **brevibus**:	hunc brevis tribrachyn, longa dactylum aut anapaestum facit. Sit spondeus e duabus longis:
[LI D. Ped.] – p. 43	Sit pyrrichius e duabus brevibus:hunc **brevis**	tribrachyn, longa dactylum aut anapaestum facit.
[LI D. Ped.] – p. 43	Sit spondeus e duabus longis: hunc **brevis**	palimbacchium seu bacchium in prima sede posita, longa molossum reddit.
[LI D. Ped.] – p. 43	eosdem figuras pedum secundum spatia temporum per litteras ita designasse, ut **brevis**	syllabae loco, quae sit unius temporis, ponatur B, longae autem loco, quae sit temporum duum,
[LI D. Ped.] – p. 44	sed pariambus ideo, quod minus habeat unum tempus ab iambo (παρά enim Graeci minus dicunt), subsistens e duabus| **brevibus**,	ut *dea*, temporum duum.,
[LI D. Ped.] – p. 44	Ita enim ratio exposcit, ut a **brevi**	origo temporum coeperit, quippe cum eiusdem geminatio longum fecerit tempus, haud aliter quam in numeris:
[LI D. Ped.] – p. 44	Quorum uterque quantum in arsi tantum retinet in thesi. At qui e **brevi**	prima sequente syllaba longa digeritur, erit iambus temporum trium, ut parens ἀπὸ τοῦ ἰαμβίζειν, id est maledicere, quod in iambicis plerumque
[LI D. Ped.] – p. 44	id est maledicere, quod in iambicis plerumque uersibus reperimus, uel ἀπὸ τοῦ ἰέναι βάδην: a **brevi**	enim profectus per longam porrigitur.,
[LI D. Ped.] – p. 44	dictus a cursu et celeritate (nam τρόχος ἀπὸ τοῦ τρέχειν uocabulum sumpsit), idem et chorius ἀπὸ τῆς χορείας [sumpsit], e longa et **brevi**	temporum totidem, ut *Roma*.
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum arsis et thesis alterna mutatione uariatur, siquidem in iambo arsis primam **brevem**,	in trochaeo autem longam habeat incipientem, thesis uero contraria superioribus sumat.
[LI D. Ped.] – p. 44	Subsistit autem e tribus **brevibus**,	*ut anima*, temporum trium. Contrarius huic molossus, dictus a Molossis, qui in Thessalia|| degunt, e tribus longis, *ut Eumedes*.
[LI D. Ped.] – p. 44	Hi temporum inter se **brevitate**	et extensione discrepant; nam prior trium, sequens sex temporum spatio prolatatur,
[LI D. Ped.] – p. 44	At qui| prima longa duabus **brevibus**	subiectis ordinatur, dactylus dicitur temporum quattuor, ut *Virbius*:qui [et] a situ et similitudine digitorum, qui in manibus habentur, uocabulum traxit.
[LI D. Ped.] – p. 44	Nam ex utraque parte **breviores**	longiori iunguntur. Huic contrarius mutata temporum uice, pari autem magnitudine, erit anapaestus,
[LI D. Ped.] – p. 44	Cum uero longis duabus praeponitur **brevis**,	fit bacchius temporum quinque, ut *Catones*, qui a Bacchi carminibus seu cantilenis,
[LI D. Ped.] – p. 44	Prior pes e **brevi**	longaet brevi temporum quattuor erit,|| ut *Homerus*; sequens duabus utrimque longis media breui temporum quinque scribitur, quae Graeci κρητικά uocant, ut Eumenes.
[LI D. Ped.] – p. 44	Prior pes e brevi longaet **brevi**	temporum quattuor erit,|| ut *Homerus*; sequens duabus utrimque longis media brevi temporum quinque scribitur,
[LI D. Ped.] – p. 44	Prior pes e brevi longaet brevitemporum quattuor erit,|| ut *Homerus*; sequens duabus utrimque longis media **brevi**	temporum quinque scribitur, quae Graeci χρητιχά uocant, ut *Eumenes*.
[LI D. Ped.] – p. 46	Nam trochaei seu iambi longa in duas **breves**	diuisa tribrachyn pedem efficiet.
[LI D. Ped.] – p. 46	Adaeque in spondeo soluta in **breves**|	prior longa anapaestum, sequens dactylum procreabit.
[LI D. Ped.] – p. 46	Vtraque autem diuisa tetrasyllabum e quattuor **brevibus**,	id est proceleumaticum pedem, dabit, qui rursus [contra] consociatis inter se brevibus ad originem reuertetur,
[LI D. Ped.] – p. 46	id est proceleumaticum pedem, dabit, qui rursus [contra] consociatis inter se **brevibus**	ad originem reuertetur, id est spondeum reformabit: quod aeque dactylus et anapaestus brevibus suis in longam copulatis efficient.
[LI D. Ped.] – p. 46	ad originem reuertetur, id est spondeum reformabit:quod aeque dactylus et anapaestus **brevibus**	suis in longam copulatis efficient.
[LI D. Ped.] – p. 47	cum in quibusdam metris, sicut in galliambico, longae eorum solvuntur in **breves**,	uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri.
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam paeones primus et quartus coeuntibus in unam longam duabus suis **brevibus**	amphimacrum uel bacchium uel paliambacchium gignunt. Id Graeci *κατὰ διαίρεσιν* et*συναίρεσιν* siue *ἕνωσιν*,
[LI D. Ped.] – p. 47	Quorum origo proceleumaticus e quattuor **brevibus**	subsistens, ut *Minucius*, habebit contrarium dispondeum, e quattuor longis scilicet,
[LI D. Ped.] – p. 47	Sequitur antispastus, cuiús prima et ultima **brevis**,	mediae duae longae, id est ex iambo et trochaeo compositus, ut *Aristippus*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Huic contrarius est choriambus ex longa et duabus mediis **brevibus**	et longa, scilicet ex trochaeo et iambo copulatus, ut *Penelope*..
[LI D. Ped.] – p. 47	At cum prior **brevis**	subiecta longa,rursus brevis longa terminante componitur, erit diambus pes,
[LI D. Ped.] – p. 47	At cum prior brevis subiecta longa,rursus **brevis**	longa terminante componitur, erit diambus pes,id est e duobus iambis adnexus, ut *Simonides*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Rursus cum praecedentem longam sequitur **brevis**,	geminatum||hoc facit ditrochaeum, ut *Zenodorus*. Consimilis ferme his et illa ionicorum ordinatio est.
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam praeeuntibus duabus longis subiectae duae **breves**,	ueluti spondeo pyrrichius adnexus, ionicum ἀπὸ μείζονος procreabunt, ut *Demetrius*.

[LI D. Ped.] – p. 47	Rursus mutato temporum situ, cum **breves**	in prima sede, in secunda autem longae constituuntur, id est pyrrichio spondeus iugatus,
[LI D. Ped.] – p. 47	Igitur paeon primus erit prima longa cui tres continuae **breves**	adhaerent, ex trochaeo et pyrrichio copulatus, ut *Caecilius*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus paeon praecedente **brevi**,	sequente longa, cui subiciuntur duae breves, ex iambo pyrrichio formabitur, ut *canephorus.*
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus paeon praecedente brevi,sequente longa, cui subiciuntur duae **breves**,	ex iambo pyrrichio formabitur,ut *canephorus*. Tertius e duabus brevibus, longa tertia, quarta brevi syllaba,
[LI D. Ped.] – p. 47	Tertius e duabus **brevibus**,	longa tertia, quarta brevi syllaba, compositus ex pyrrichio et trochaeo, ut *Epicurus.*
[LI D. Ped.] – p. 47	Tertius e duabus brevibus,longa tertia, quarta **brevi**	syllaba, compositus ex pyrrichio et trochaeo, ut *Epicurus*.Quartum autem quarta longa, tribus brevibus syllabis in prima regione positis,
[LI D. Ped.] – p. 47	Quartum autem quarta longa, tribus **brevibus**	syllabis in prima regione positis, ex pyrrichio et iambo conexum accipiemus, ut *Diogenes*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Quorum primus priore syllaba **brevi**,	sequentibus longis tribus, ex iambo et spondeo constabit,ut *Aristocles*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus e longa et **brevi**,	subiunctis ei duabus longis, erit ex trochaeo et spondeo copulatus,
[LI D. Ped.] – p. 47	Tertius, in quo primae duae longae, tertia **brevis**,	longa ultima, ex spondeo et iambo concretus uidebitur, ut *Demosthenes*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Restat complendo tetrasyllaborum pedum numero epitritus quartus, quem primae tres longae, quarta in ultimo **brevis**	ex spondeo et trochaeo conexum esse demonstrant, ut *Irenaeus.*
[LI D. Ped.] – p. 48	id est a pentasemo ad decasemum χρονικῆ παραυξήσει, ut sit pentassemus *Philopolemus* e quinque **brevibus**,	a a a a a; decasemus autem e quinque longis, ut *Atroxiclides,* cuius canon per quinque b b b b b signabitur.
[LI D. Ped.] – p. 48	Item hexasyllabi ab hexasemo ad duodecasemum χρονικῆ | παραυξήσει, ut *Menelaophorus* e sex **brevibus**:	huius canon a a a a a a , qui est duplex tribrachys.
LII – p. 69	Nam qui ab iambo initium trahunt eo studio id fieri volunt, quod idem a **brevi**,	a quo his origo est, incipiens tempore et in longo desinens, velut a minori ad maius egressus,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] spondei prima in duas **breves**	divisa efficitur, heroo posset adnecti metro,nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves
[LII D. Dac. M.] – p. 71	nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae **breves**	numero quattuor heroum versum deformarent: seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Adversus quos alii loci extimi, in quo tantum locabitur, praescriptione nituntur; nec immerito, ut novissima eius syllaba, quae semper **brevis**	est, mora temporis intercedente, quae in fine versus naturaliter contingit, suppleatur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	sicut pleraeque in metris finales syllabae: vel quod in omni versu ultima **brevis**	ἀδιάφορος, id est indefferens, habeatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Nam si una syllaba **brevius**	fuerit a legitimo hexametro heroo, dicetur diphilium metrum,
[LII D. Chor. M.] – p. 86	raro autem molossum, qui ex ipso formatur duabus mediis **brevibus**	in unam longam coniunctis, haud alias quam supra tribrachyn per divisionem longae fieri diximus.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	Hoc genus catalecticum fit vel bacchio a **brevi**	incipiente vel eo qui amphibrachys vocatur: nam sicut saepe diximus, novissima indifferens est.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum syllabae in duas **breves**	divisae ambiguum versum efficiunt.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Ambigitur super auctoritate proceleumatici, quod constat ex duobus pyrrichiis, id est quattuor **brevibus**,	an inter prototypa metra hoc quoque recipiendum habendumque sit, quia nec molossicum,
[LII D. M. Proc.] – p. 98	satius tamen est adnecti eum copularique comico anapaestico, cuius cognationem inter se coniunctis suis duabus ultimis **brevibus**	demonstrat.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Nam ex dimetro anapaestico tetrameter proceleumaticus figurabitur versus longa eius in duas **breves**	soluta et syzygia in simplices pedes divisa, ut est*tuba terribilem sonitum crepuit*;
[LII D. M. Proc.] – p. 99	scilicet detracta proceleumatico syllaba ultima aut duabus **brevibus**	ultimis in unam longam redactis propter anapaestum, uti metrum sit, non numerus.
LIII – p. 102	Etenim adiectis duabus **brevibus**,	ut supra ostendimus, fiet anapaesticum per συμπαθειαν sic,
LIII – p. 104	Cum autem nec coli mensuram **brevitas**	ista conficiat, quantum a perfecti versus mensura dicordet, [et] utique manifestum est, cum colum portio versus esse tradatur.
LIII – p. 104	secundam choriambicam, tertiam trochaicam, sed et quartam syllaba **breviorem**	coniugationem habeant, quorum exempla plerumque apud comicos in Diphili et Menandri comoediis reperiuntur.
LIII – p. 104	autor et parens fertur Archilochus singularis artificii in excogitandis ac formandis novis metris, qui primus epodos excitavit alios **breviores**,	alios longiores,‖ detrahens unum pedem seu colum metro

Cătălēctŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 72	at si trochaeus versus clauserit, XXIII, quem volunt haberi hexametrum **catalecticum**.	Memineris autem saepe Graecos huic metro molossum et
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Erit rego versus dimetrus **catalecticus**,	qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam | *terruit urbem,*‖
[LII D. Dac. M.] – p. 73	cui sex incisiones sunt, ut*Oceanum interea surgens Aurora reliquit:* fit **catalecticum**	in syllabam, cuius ea compositio est, ut habeat duos dactylos et spondeum, dehinc totidem dactylos et in fine syllabam, ut

[LII D. Chor. M.] – p. 86	tertium choriambum, ultimam iambicam clausulam, velut hoc tetrametrum **catalecticum**,	*apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras*.recipit etiam tribrachyn,
[LII D. Chor. M.] – p. 86	Hoc genus **catalecticum**	fit vel bacchio a brevi incipiente vel eo qui amphibrachys vocatur:
[LII D. Chor. M.] – p. 87	scanditur autem per dipodias, cuius exemplum in tetrametro **catalectico**	*o cate rerum sator, o principium deorum*monometrum autem choriambicum
[LII D. Chor. M.] – p. 87	monometrum autem choriambicum hypercatalectum, quod etiam dactylico dimetro **catalectico**	concurrit, est tale,*o quis ad omnesspem Cythereae*.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Igitur ut a fastigio metri ad minora decursum habeamus, erit in hoc hexametrum **catalecticum**,	quod philicium nuncupari diximus, quodque constat ex quinque choriambis et
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Quid haeres?pentametrum autem, quo frequenter Cratinus usus est, **catalecticum**	sic,*Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid retices maligne?*
[LII D. Chor. M.] – p. 87	invenimus plerumque et alios choriambicos [tetrametros **catalecticos**]	versus, in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum syllabae
[LII D. Chor. M.] – p. 87	quod silentio dari haud passus sum; sicut et hoc heptametrum **catalecticum**	choriambicum purum, quod Phrynichum comicum, auctorem eius artis,
[LII D. M. Proc.] – p. 99	Huius versus longissimus erit tetrameter **catalecticus**	vel, siqui illum adhunc extendere adfectet, pentameter.
[LII D. M. Proc.] – p. 99	Scanditur autem per dipodian. Exemplum erit tetrametri **catalectici**	[id]*nemus ave reticuit, ager homine sonat,*item*perit abit avipedis animula leporis:*
LIII – p. 103	ex dimetro iambico acatalecto et dímetro trochaico **catalectico**	ex diversis et contrariis amplexionibus: hi enim, etiamsi genere congruunt,
LIII – p. 103	Item ex anapaestico dimetro acatalecto et iambico dimetro **catalectico**,	ut est*age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras.*
LIII – p. 103	aut contra ex trochaico dimetro acatalecto et iambico dimetro **catalectico**,	uelut ‖*caeruli Menoeta ponti ratisque rectitator.*
LIII – p. 104	proceritatis conexa iunguntur: exempli gratia si sit iambicum dimetrum **catalecticum**	et sequatur dactylicum dimetrum brachycatalectum ita, *dicata ex fario*,

Chŏrīlĭŭm

[LII D. Dac. M.] – p. 70	E cuius genere hae metrorum species gignuntur, diphilium seu **choerilium**,	lagaoedicum seu archebulium, aeolicum sive sapphicum et cetera,

Chŏrĭāmbĭcŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	Nam diuisa prima eius longa ionicum ἀ**πὸ** ἐ**λάσσονος**, tertia ionicum ἀπὸ **μείζονος**, media **choriambum**	gignit.
[LI D. Ped.] – p. 47	Huic contrarius est **choriambus**	ex longa et duabus mediis breuibus et longa, scilicet ex trochaeo et iambo copulatus, ut *Penelope*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Vnde ex tetrasyllabis, qui sunt numero XVI quattuor tantum utiles adseruntur, id est **choriambus**	et antispastus aequalitates ratione constantes, sed et ionici duo, ceteris decem non adeo necessariis:
LII – p. 70	e quis primum dactylicum, dehinc anapaesticum, post iambicum et trochaicum et **choriambicum**	et antispasticum, ionicum άπό μείονος, ionicum άπό έλάσσονος et paeonicum.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam | *terruit urbem,* ‖ qui concurrit etiam in **choriambicum**	monometrum hypercatalectum, quod adonidium appellatur.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	DE **CHORIAMBICO**	METRO
[LII D. Chor. M.] – p. 86	**Choriambicum**	metrum compositum ex duobus, e quis originem trahit.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	subsistit autem nunc e puris **choriambi**	coniugationibus, ita
[LII D. Chor. M.] – p. 86	finiri praecipue studet, ut est hoc quod habet duas iambicas priores coniugationes, tertium **choriambum**,	ultimam iambicam clausulam, velut hoc tetrametrum catalecticum,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	cuius exemplum in tetrametro catalectico*o cate rerum sator, o principium deorum*monometrum autem **choriambicum**	hypercatalectum, quod etiam dactylico dimetro catalectico concurrit, est tale,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	erit in hoc hexametrum catalecticum, quod philicium nuncupari diximus, quodque constat ex quinque **choriambis**	et bacchio ultimo ita, *Lydia, dic perdere cur hunc cupias. Quidretices? Quid dubitas? Quid haeres?*
[LII D. Chor. M.] – p. 87	antispasticum, quod est huic contrarium, figurabis, ut *libens Lydia dic cur*.invenimus plerumque et alios **choriambicos**	[tetrametros catalecticos] versus, in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum syllabae in
[LII D. Chor. M.] – p. 87	invenimus plerumque et alios choriambicos [tetrametros catalecticos] versus, in quibus omnes longae initiales **choriamborum**	pedum syllabae in duas breves divisae ambiguum versum efficiunt.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Quodsi legem metri in omni versu servare voluisset, ‘*hoc dea vere*’ posuisset, ut esset **choriambus**	pes habens clausulam antibacchi ultimam huius modi, ‘*cur properas amando*’.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	quod silentio dari haud passus sum; sicut et hoc heptametrum catalecticum **choriambicum**	purum, quod Phrynichum comicum, auctorem eius artis, tradidisse et sui nominis appellatione signasse dicunt.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Ultra quam proceritatem **choriambicum**	non facile possis reperire.
LIII – p. 101	Sed et per mixionem, cum diversae bases miscentur, ut puta **choriambica**	

LIII – p. 102	**choriambicas**	et antispasticis. Nam quotiens copulantur sub quacumque sede,
LIII – p. 104	[et] utique manifestum est, cum colum portio versus esse tradatur. Sunt item quae primam trochaicam, secundam **choriambicam**,	tertiam trochaicam, sed et quartam syllaba breviorem coniugationem habeant, quorum exempla plerumque apud comicos

Chrŏnĭcŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	quem Graeci syllabicen parauxesin uocant; item temporum, quem Graeci **chronicen**	parauxesin nominant. Syllabarum autem incrementa fiunt quinque,

Cōnsŏnāns

[LI D. Litt.] – p. 5	[Nam] accidunt uni cuique litterae nomen figura potestas, nomen est quo appellatur, figura que notatur, potestas qua valet. Litterarum aliae sunt vocales, aliae **consonantes**.	Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam ‖ faciunt. Sunt autem numero quinque, a e i o u. Harum duae, i et u,
[LI D. Litt.] – p. 5	Sunt autem numero quinque, a e i o u. Harum duae, i et u, transeunt in **consonantium**	potestatem, cum aut ipsae inter se geminantur et cum aliis iunguntur, prima earum quae in syllaba fuerit euidenti ratione consonans erit,
[LI D. Litt.] – p. 5	transeunt in consonantium potestatem, cum aut ipsae inter se geminantur aut cum aliis vocalibus iunguntur, *ut Iuno vates*. **Consonantium**	vero est species duplex: sunt enim aliae semivocales, aliae mutae semivocales sunt quae per se quidem proferuntur, sed per se syllabam non faciunt.
[LI D. Litt.] – p. 6	Sed ut omnes quae usui traditae sunt recipiamus, sunt XXIII. Ex his aliae sunt vocales, ut supra diximus, aliae **consonantes**,	alia mutae. Vocales sunt quae plenam vocem proferunt,‖ per quas etiam separatas syllabas fieri volunt. Sunt autem numero sex, a e i o u y.
[LI D. Litt.] – p. 6	, quia pro binis graecis apud nos ponuntur. Residuae autem litterae omnes **consonantes**	sunt XVII, b, c, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z. Hae dividuntur in partes duas: aliae enim sunt semivocales, aliae mutae.
[LI D. Litt.] – p. 6	niminativum casum positae in omnibus declinationibus manent nec mutantur. Eadem autem liquidae dicuntur, quando hae solae inter **consonantem**	et vocalem immissae non asperum sonum faciunt, ut clamor Tmolus | consul Africa.
[LI D. Litt.] – p. 6	Item ex isdem semivocalibus duplices sunt duae, x et z: singulae enim in metrica ratione pro duabus **consonantibus**	valent. residuae semivocalium sunt f et s. Ex quibus f quidam errantes duplicem dicunt, quia ex p et h composita videatur.
[LI D. Litt.] – p. 6	Ex quibus f quidam errantes duplicem dicunt, quia ex p et h composita videatur. Sed quando in pedibus duarum **consonantium**	virtutem non habet, duplex non est. S autem vocatur facillis, quando plurimus consonantium iuncta in syllabarum sono miscetur.
[LI D. Litt.] – p. 6	Sed quando in pedibus duarum consonantium virtutem non habet, duplex non est. S autem vocatur facillis, quando plurimus **consonantium**	iuncta in syllabarum sono miscetur.
[LI D. Litt.] – p. 7	Ex his h vocatur infirma, quia in metris plerumque despicitur nec **consonantis**	tenet locum, ut '*saevus Achilles*', quod idcirco sic est, quia c et h unius consonantis graecae loco habetur
[LI D. Litt.] – p. 7	quia in metris plerumque despicitur nec consonantis tenet locum, ut '*saevus Achilles*', quod idcirco sic est, quia c et h unius **consonantis**	graecae loco habetur. K autem dicitur monophonos, ‖ quia nulli vocali iungitur nisi soli a brevi, et hoc ita ut ab ea pars orationis incipiat; aliter autem non recte scribitur.
[LI D. Litt.] – p. 7	Sed pro hac iam v litteram scribimus; atque ita fit ut eadem nunc [u] vocalis sit, ut unus, nunc **consonans**,	ut *vivus*..
[LI D. Litt.] – p. 7	atque ita fit ut eadem nunc [u] vocalis sit, ut unus, nunc consonans, ut *vivus*. Sic et i nunc vocalis est, ut *Iris*, nunc **consonans**,	ut ieiunus.
[LI D. Litt.] – p. 7	e,l, m, n, r, s, x, ut pingue tribunal scamnum lumen marmor nemus audax.* B **consonans**	muta rigida, c, consonans muta spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis,
[LI D. Litt.] – p. 7	ut pingue tribunal scamnum lumen marmor nemus audax.* B consonans muta rigida,c, **consonans**	muta spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam
[LI D. Litt.] – p. 7	lumen marmor nemus audax.* B consonans muta rigida,c, consonans muta spiritalis, d **consonans**	[hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex, g consonans muta rigida,
[LI D. Litt.] – p. 7	c, consonans muta spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f **consonans**	semivocalis apud quosdam duplex, g consonans muta rigida, h consonans muta infirma, i vocalis interdum consonans,
[LI D. Litt.] – p. 7	d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex,g **consonans**	muta rigida, h consonans muta infirma, i vocalis interdum consonans, k consonans muta monophonos,
[LI D. Litt.] – p. 7	f consonans semivocalis apud quosdam duplex,g consonans muta rigida, h **consonans**	muta infirma, i vocalis interdum consonans, k consonans muta monophonos,
[LI D. Litt.] – p. 7	g consonans muta rigida, hconsonans muta infirma, i vocalis interdum **consonans**,	k consonans muta monophonos, l consonans semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis,
[LI D. Litt.] – p. 7	g consonans muta rigida, hconsonans muta infirma, i vocalis interdum consonans,k **consonans**	muta monophonos, l consonans semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis, n consonans

[LI D. Litt.] – p. 7	hconsonans muta infirma, i vocalis interdum consonans,k consonans muta monophonos,l **consonans**	semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis,
[LI D. Litt.] – p. 7	i vocalis interdum consonans,k consonans muta monophonos,l consonans semivocalis immutabilis, m **consonans**	semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis, o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis,
[LI D. Litt.] – p. 7	k consonans muta monophonos,l consonans semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis, n **consonans**	semivocalis immutabilis, o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis, ‖ q consonans muta rigida,
[LI D. Litt.] – p. 7	l consonans semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis,o vocalis biformis, p **consonans**	muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca,
[LI D. Litt.] – p. 7	semivocalis immutabilis, o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis, ‖ q **consonans**	muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis, s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis,
[LI D. Litt.] – p. 7	o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis, ‖ q consonans muta rigida, r **consonans**	semivocalis immutabilis, s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans,
[LI D. Litt.] – p. 7	p consonans muta spiritalis, ‖ q consonans muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis,s **consonans**	semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex,
[LI D. Litt.] – p. 7	r consonans semivocalis immutabilis,s consonans semivocalis facilis,t **consonans**	muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca,
[LI D. Litt.] – p. 7	s consonans semivocalis facilis,t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum **consonans**,	x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex.
[LI D. Litt.] – p. 7	s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x **consonans**	semivocalis duplex, y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex. R et s litterae
[LI D. Litt.] – p. 7	t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca, z **consonans**	semivocalis graeca duplex. R et s litterae apud antiquos communem potestatem habebant, *arbos labos honos*, nunc *arbos labos honor*.|.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ut necessitas metri aut producentis aut corripientis easdem postulauerit, accipiantur. Positio autem **consonantium**	litterarum breues syllabas secundum disciplinam legemque metricae artis efficit longas.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	lege naturae prolata uidebatur longa efficeretur, a principibus musicae artis auctoribus positio, id | est duarum **consonantium**	copulatio, reperta atque inducta est. Haec deinceps obseruatio consensione poetarum legem dedit,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	ut "*Troiaque nunc stares*". Hic enim o litterae uocali correptae infertur i littera ‖ pro duabus **consonantibus**	accipienda, quamquam et geminata i scribere iubeamur, ut "*proiiecit fluuio penitusque in nubila fugit*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Nam ita ponuntur hae duae litterae in syllabis, ut exigente ratione interdum sint uocales pro suapte natura, interdum **consonantes**,	quia et praelatae et subiectae aliis uocalibus coeunt et syllabam reddunt
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	quia et praelatae et subiectae aliis uocalibus coeunt et syllabam reddunt, quod reliquae facere non possunt ut [eaedem et **consonantes**	sint et uocales]. Nam cum et inter se geminantur et cum aliis iunguntur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Nam cum et inter se geminantur et cum aliis iunguntur, prima earum quae in syllaba fuerit euidenti ratione **consonans**	erit, quippe cum uocis sonus in subiecta tantum uocali audiatur, ut *iaculum Iuno uota uultus* et his similia.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	in subiecta tantum uocali audiatur, ut *iaculum Iuno uota uultus* et his similia. Octauo, si correpta uocalis desinit in **consonantem**,	qua pars orationis finiatur, et sequens syllaba a uocali incipiat, ut "*hoc erat*" et "*hic ait*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	"*insulae Ionio in magno*", ‖ aut positione, cum inferuntur breui syllabae duae **consonantes**,	quarum prior semper muta, sequens liquida est. Superest naturabrevis, cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in consonantem,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Superest natura breuis, cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in **consonantem**,	ea dumtaxat lege ut sequens syllaba incipiat a uocali, tamquam "*hic ait et nostris*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	cum eiusdem pedis secunda syllaba natura semper breuis, utpote sequenti loco in dactylo pede, coniunctis duabus **consonantibus**,	quarum prior muta, sequens liquida sit, longam efficit positione, ut est "*uidit turicremis*" in r, et ‖
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Ergo hic pro breui accipietur lege communium, qua prior muta c, sequens liquida sit r. Ita tamen ut utraque **consonantes**	in una syllaba coniunctae habeantur. Nam si altera earum in secunda syllaba, sequens in tertia reperiatur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	quae semper natura est longa, breuis inuenitur hoc modo, si correpta in ea uocalis desinat in unam **consonantem**,	ut "*hoc erat alma parens*". Erit ergo communis syllaba ea condicione,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	sed a feruo tractam contendant meritoque corripiant. Eadem metri lege etiam **consonantes**	geminantur, ut "*relliquias Danaum*" et "*rettulit Argolico fulgentia poma tyranno*"
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nec enim hic, ut in superiore, primus pes creticus erit propter duas **consonantes**,	sed pes est dactylus, primo quod pars orationis compleatur cum pede, id est *ponite*,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	dehinc quod s p sequentis pedis inferri superiori non possunt, quae alium inchoant sensum; nec umquam **consonantes**	duae longam syllabam faciunt, nisi in eadem parte verbi constitutae, quod et in ceteris observabimus.

Crētĭcŭs

[LI D. Ped.] – p. 44	quae anapaesto et dactylo. Superest amphibrachys cum contrario sibi amphimacro siue **cretico**.	Prior pes e brevi longa et brevi temporum quattuor erit,‖ ut Homerus;
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum arsis ac thesis longe inter se discrepant. Nam amphibrachys in triplo, **creticus**,	cui de gente inuentoris nomen est, in sescuplo pensatur: de qua re in
[LII D. Dac. M.] – p. 72	in quo primus amphimacrus est, ut '*insulae Ionio in magno*'. Qui tamen certa ratione **creticus**	non est. Nam tertiam longam, id est ae diphthongon, quae creticum pro dactylo dedit,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	non est. Nam tertiam longam, id est ae diphthongon, quae **creticum**	pro dactylo dedit, sequens syllaba a vocali incipiens, dum tempus prioris in se trahit,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	'*ponite spes sibi quisque*'. Nec enim hic, ut in superiore, primus pes **creticus**	erit propter duas consonantes, sed pes est dactylus, primo quod pars orationis compleatur cum pede,

Dāctўlŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	et geminata i scribere iubeamur, ut"*proiiecit fluuio penitusque in nubila fugit*".Alii *oi* diphthongon uolunt esse, ut sit pes **dactylus**	prima syllaba naturalonga, *troi*, sequentibus duabus breuibus, a et que.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Haec sub utraque specie communem in metris syllabam dabit, id est aut natura, cum ultima pedis **dactyli**	longa reperitur, ut "*insulae Ionio in magno*", ‖ aut positione, cum inferuntur brevi syllabae duae consonantes, quarum prior semper muta, sequens liquida est.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Ita efficiuntur modi, ut supra dictum est, tres. Igitur prima species erit quae **dactyli**	pedis tertiam breuem seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	id est diphthongo, longam efficiens contra legem hexametri heroi amphimacrum inducit, qui pro **dactylo**	lege communium syllabarum accipietur, ita tamen ut sequens a uocali pes inchoet. Cuius exemplum apud Homerum "ἄνδρα μοι ἔννεπε, *Μοῦσα",*
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda syllaba natura semper breuis, utpote sequenti loco in **dactylo**	pede, coniunctis duabus consonantibus, quarum prior muta, sequens liquida sit, longam efficit positione, ut est "*uidit turicremis*" in r, et ‖
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Tertia uero, cum in eodem **dactylo**	prima syllaba, quae semper natura est longa, breuis inuenitur hoc modo, si correpta in ea uocalis desinat in unam consonantem, ut "*hoc erat alma parens*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Erit ergo communis syllaba ea condicione, qua pars orationis finiatur et sequens a uocali incipiat, ne loco et sede**dactyli**	tribrachus positus esse uideatur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Haec ratio communium syllabarum cum in **dactylicis**	tum in ceteris metrorum generibus sub eadem obseruatione tractanda est, qua tamen frequentius auctores graeci quam nostri usi sunt.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	communium recipiuntur, ut est *ἀμφί δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἑανόν ἕσαθ' ὅν οἱ Ἀθήνη* nam tres continui **dactyli**	e ternis syllabis breuibus subsistunt, cuius generis apud eundem complures uersus reperiuntur.
[LI D. Ped.] – p. 43	Sit pyrrichius e duabus breuibus: hunc breuis tribrachyn, longa **dactylum**	aut anapaestum facit. Sit spondeus e duabus longis: hunc brevis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita,
[LI D. Ped.] – p. 44	At qui| prima longa duabus breuibus subiectis ordinatur, **dactylus**	dicitur temporum quattuor, ut *Virbius*: qui [et] a situ et similitudine digitorum, qui in manibus habentur, uocabulum traxit.
[LI D. Ped.] – p. 44	Anapaestus autem a situ contrario et repercussione **dactyli**,	quod est ἀντιπαίεσθαι, dictus: ideoque antidactylus nuncupatur.
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum arsis ac thesis eadem est, quae anapaesto et **dactylo**.	Superest amphibrachys cum contrario sibi amphimacro siue cretico.
[LI D. Ped.] – p. 46	Adaeque in spondeo soluta in breues| prior longa anapaestum, sequens **dactylum**	procreabit. Vtraque autem diuisa tetrasyllabum e quattuor brevibus, id est proceleumaticum pedem,
[LI D. Ped.] – p. 46	qui rursus [contra] consociatis inter se breuibus ad originem reuertetur, id est spondeum reformabit: quod aeque **dactylus**	et anapaestus breuibus suis in longam copulatis efficient. Molossum [eum] quoque trium tetrasyllaborum parentem pedum in promptu est cernere.‖
[LI D. Ped.] – p. 49	si contra, ut a trisyllabo incipias, erunt omnes coniugationes ex **dactylo**	et iambo et efficietur iambicusuersus. Iuxta quae intellegi datur uaria diuisione coniugationum naturam versuum uel a trochaico in
LII – p. 69	Nos autem, ut dictum est, principium metrorum omnium heroo sive pythio deferentes non absurde a **dactylico**	auspicandum esse censuimus.
LII – p. 70	Igitur prototypa, id est primiformia novem metra, quorum et in primo mentionem fecimus, sunt haec, e quis primum **dactylicum**,	dehinc anapaesticum, post iambicum et trochaicum et choriambicum et antispasticum, ionicum ἀπό μείονος, ionicum ἀπό ἐλάσσονος et paeonicum.
LII – p. 70	Placuit itaque hoc situ ordinis ad illumimandas eorum inter se alternationes ac mutuas aemulationum vicissitudines, quas per contrariam naturae positionem habere noscuntur, eadem sic digerere, ut **dactylicis**	anapaestica, iambicis trochaica et cetera, ut paulo ante induximus, e diverso posita, quo distent ac differant sive copulentur et congruant ipsa inter se comparatione proposita, non solum ingenii sed et oculorum veluti contemplatione percepta in promptu ac propatulo habeantur.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	DE **DACTYLICO**	METRO
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Igitur **dactylicum**	hexametrum constat e spondeo, trochaeo et eodem dactylo. Habet autem sedes sex, quas Aristoxenus musicus χώρας vocat.

[LII D. Dac. M.] – p. 70	Igitur dactylicum hexametrum constat e spondeo, trochaeo et eodem **dactylo.**	Habet autem sedes sex, quas Aristoxenus musicus χώρας vocat. Recipit etiam pedales figuras tres:
[LII D. Dac. M.] – p. 70	aeolicum sive sapphicum et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.**Dactylici**	igitur metri id praecipuum est, quod heroum appellatur.Differt enim a dactylico heroum eo, quod et dactylicum et
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Dactylici igitur metri id praecipuum est, quod heroum appellatur. Differt enim a **dactylico**	heroum eo, quod et dactylicum et spondiacum est et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus,
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Dactylici igitur metri id praecipuum est, quod heroum appellatur. Differt enim a dactylico heroum eo, quod et **dactylicum**	et spondiacum est et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus, penthemimeren et hephthemimeren.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	et spondiacum est et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus, penthemimeren et hephthemimeren. **Dactylicum**	enim, licet isdem subsistat pedibus, non tamen isdem divisionibus ut herous caeditur versus.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	subsistat pedibus, non tamen isdem divisionibus ut herous caeditur versus. Inter spondeum autem et **dactylum**	mensura temporum congruente etiam in arsi et thesi eadem aequalitas stabit, quam Graeci dicunt ίσου λόγου.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	scandendi processerit, reperiuntur, dumtaxat usque ad pedem quartum: quintus enim frequenter, ut heroum decet, **dactylus**	esse debet.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] spondei prima in duas breves divisa efficitur, heroo posset adnecti metro, nisi incipiente **dactylo**	et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent:
[LII D. Dac. M.] – p. 71	ferunt pulchriorem versum epicum effici, si κατάληξιν habeat, id est si trochaeo claudente terminetur, ut persuadeant **dactylicis**	pedibus familiariter trochaeos in depositionibus coniugari. Adversus quos alii loci extimi, in quo tantum locabitur,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Heroi versus vitiosi habentur qui ex solis **dactylis**	vel qui ex solis spondeis constant, quia in talibus aut gravis tarditas aut velocitas nimia vitiosa est.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	quia in talibus aut gravis tarditas aut velocitas nimia vitiosa est. Insignes autem in metris sunt aut **dactylici**,	id est cum quinque dactyli ultimo spondeo clauduntur, ut*panditur interea domus omnipotentis Olympi*
[LII D. Dac. M.] – p. 72	aut velocitas nimia vitiosa est. Insignes autem in metris sunt aut dactylici, id est cum quinque **dactyli**	ultimo spondeo clauduntur, ut *panditur interea domus omnipotentis Olympi*
[LII D. Dac. M.] – p. 72	*non phocae turpes, non marcentes ballenae*,et crescit usque ad XVII syllabas. Quotiens autem **dactylus**	accedit, totiens syllaba adcrescit. Quas species sub exemplis enumerare et apud nos longum et
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Quas species sub exemplis enumerare et apud nos longum et apud eruditos absurdum habeatur, quotiens et quibus in locis per alternas **dactyli**	et spondei vices inter se obortae collocentur: quas tamen XXXII esse manifestum est.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Memineris autem saepe Graecos huic metro molossum et palimbacchium et creticum loco **dactyli**	sub lege syllabarum communium admiscere. Nam et apud nos similis versus reperitur, in quo primus amphimacrus est,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nam tertiam longam, id est ae diphthongon, quae creticum pro **dactylo**	dedit, sequens syllaba a vocali incipiens, dum tempus prioris in se trahit, produci non patitur, atque ita productam vocalem superveniens alia vocalis elidit.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nec enim hic, ut in superiore, primus pes creticus erit propter duas consonantes, sed pes est **dactylus**,	primo quod pars orationis compleatur cum pede, id est *ponite*, dehinc quod s p sequentis pedis inferri superiori non possunt,
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Incipit autem et adcrescit per augmenta syllabarum **dactylicum**	metrum a dimetro usque ad hexametrum. Erit rego versus dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist,
[LII D. Dac. M.] – p. 73	quo Simonides frequenter usus est. Tetrametrus, qui equattuor, ut*nos patriae fines et dulcia*qui in **dactylum**	desinens alcmanicum, in spondeum vero archilochicum metrum efficit. Pentametrus acatalectus, qui e quinque, ut
[LII D. Dac. M.] – p. 73	fit catalecticum in syllabam, cuius ea compositio est, ut habeat duos **dactylos**	et spondeum, dehinc totidem dactylos et in fine syllabam, ut *alma parens, genetrix divum, decus Oceano.*
[LII D. Dac. M.] – p. 73	fit catalecticum in syllabam, cuius ea compositio est, ut habeat duos dactylos et spondeum, dehinc totidem **dactylos**	et in fine syllabam, ut *alma parens, genetrix divum, decus Oceano*.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Hoc quoque dignum eruditis auribus non praetermiserim repertum in hexametro versu **dactylico**,	cui tamen duo cola e duobus dactylis et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos,
[LII D. Dac. M.] – p. 73	dignum eruditis auribus non praetermiserim repertum in hexametro versu dactylico, cui tamen duo cola e duobus **dactylis**	et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos, id est trochaeum iambum pyrrichium spondeum,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	inter haec, ne ignorasse videar, non praetermiserim, quod ferunt apud auctores exempla reperiri, quibus ostendant hexametrum **dactylicum**	usque ad octametrum disyllabo terminatum processisse, ultra quam proceritatem nihil in eodem scrutandum est.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	monometrum autem choriambicum hypercatalectum, quod etiam **dactylico**	dimetro catalectico concurrit, est tale, *o quis ad omnesspem Cythereae*.
LIII – p. 102	Et quamvis non solum trochaeum et solutionem eius tribrachyn, sed et spondeum cum suis solutionibus. Id est **dactylum**	et anapaestum, admittant, tamen uniformia metra sentiuntur, cum ex similibus et familiaribus pedibus sit ista coniunctio.

LIII – p. 102	Similiter **dactylicis**	anapaestica incidunt, ut "*arma virumque cano*". Etenim adiectis duabus brevibus, ut supra ostendimus,
LIII – p. 102	anapaesticum per συμπαθειαν sic, '*ades arma virumque cano*' qua vicissitudine et ex trochaicis iambica et ex anapaesticis **dactylica**	metras inter se formantur.Per αυτιπαθειαν vero, id est per contrarium adfectum seu passionem, iunguntur ea quorum inter
LIII – p. 102	Est enim coniunctionis genus nimis scabrum atque asperum, ut sunt ionica απομειξονοζ cum iambicis vel **dactylica**	cum trochaicis semper dissententia inter se atque abhorrentia, unde et ασυναρτητα a Graecis, id est inconexa, appellantur, ut est
LIII – p. 103	ut superiora lenem ac liquidam [nequaquam] |conuenisse uidentur. Item si quattuor **dactylis**	tres trochaeos, quos uocant |ithyphallicum, iungas, erit ἀσυνάρτητον, ut est illud, |
LIII – p. 104	quae minimae proceritatis conexa iunguntur: exempli gratia si sit iambicum dimetrum catalecticum et sequatur **dactylicum**	dimetrum brachycatalectum ita, *dicata ex fario*,cum sit traditum colum ita demum iustae proceritatis accipi,
LIII – p. 104	et multa alia, quae in processu operis demonstrabimus. Omnia enim ex **dactylo**	et iambo principalibus orta noscuntur. Nam quaecumque protuleris, ex his profluere fontibus et

Dĭ̲brăchўs

[LI D. Ped.] – p. 44	Quorum princeps et auctor pyrrichius, qui et pariambus et **dibrachys**	appellatur: sed pariambus ideo, quod minus habeat unum tempus
[LI D. Ped.] – p. 44	hexachronon usque porrigitur, primum habebunt pedem tribrachyn, sicut disyllabi **dibrachyn**,	dictum a temporum substantia. Idem et pygnomus a quibusdam, ne uos praetereat, uocatur.

Dĭ̲chrŏnŏs

[LI D. Ped.] – p. 43	Additamento temporum processerunt, ut dictum est, a disemo ad duodecasemum seu a **dichrono**	ad duodecachronum.

Dĭĭāmbŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	At cum prior breuis subiecta longa, rursus breuis longa terminante componitur, erit **diiambus**	pes, id est e duobus iambis adnexus, ut *Simonides*.,
[LI D. Ped.] – p. 47	aequalitates ratione constantes, sed et ionici duo, ceteris decem non adeo necessariis: nam ditrochaeum et **diiambum**	inter disyllabos magis aptos haberi uolunt. Igitur paeon primus erit prima longa cui tres continuae breues adhaerent,

Dĭmĕ̲trŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 73	Incipit autem et adcrescit per augmenta syllabarum dactylicum metrum a **dimetro**	usque ad hexametrum. Erit rego versus dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam |
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Incipit autem et adcrescit per augmenta syllabarum dactylicum metrum a dimetro usque ad hexametrum. Erit rego versus **dimetrus**	catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam |
[LII D. Dac. M.] – p. 74	glyconium octasyllabum dicitur; finalis autem*grato Pyrrha sub antro*,quod pherecration heptayllabon appellatur: **dimetrus**	herous initialis erit *arma sonantia*, novissimalis, qui pentasyllabos dicitur,*terruit urbem.*
[LII D. Chor. M.] – p. 87	o principium deorum monometrum autem choriambicum hypercatalectum,quod etiam dactylico **dimetro**	catalectico concurrit, est tale, *o quis ad omnesspem Cythereae*.Igitur ut a fastigio metri ad minora decursum habeamus,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	etiam, quod et aphrodisiacum dicitur, *Lydia, dic perdere cur hunc velis;***dimetrum**	quoqueLydia dic canoro.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	satius tamen est adnecti eum copularique comico anapaestico, cuius cognationem inter se coniunctis suis duabus ultimis brevibus demonstrat. Nam ex **dimetro**	anapaestico tetrameter proceleumaticus figurabitur versus longa eius in duas breves soluta et syzygia in simplices pedes divisa, ut est
[LII D. M. Proc.] – p. 99	*nemus ave reticuit, ager homine sonat,*item*perit abit avipedis animula leporis:*trimetri autem*id agite peragite iuvenes:***dimetri**	*id agite iuvenes*:hoc metro veteres satyricos choros modulabantur,
LIII – p. 101	*Lydia, dic precor libens, unde velis reverti*.Per compositionem autem, si ex heroo **dimetro**,	cui syllaba adiecta in novissimo erit, quod penthemimeres vocatur, quod est tale,
LIII – p. 101	cui syllaba adiecta in novissimo erit, quod penthemimeres vocatur, quod est tale,*arboribusque comae,*adiecto **dimetro**	iambicofiat metrum tale, *arboribusque comae,* ut prisca gens mortalium
LIII – p. 103	*beatus ille qui vacans mente vivit integra*.nam compositus apparet versus ex **dimetro**	iambico acatalecto et dímetro trochaico catalectico ex diversis et contrariis amplexionibus: hi enim, etiamsi genere congruunt,

LIII – p. 103	nam compositus apparet versus ex dimetro iambico acatalecto et **dímetro**	trochaico catalectico ex diversis et contrariis amplexionibus:hi enim, etiamsi genere congruunt, specie tamen discrepant.
LIII – p. 103	hi enim, etiamsi genere congruunt, specie tamen discrepant. Item ex anapaestico **dimetro**	acatalectoet ithyphallico compositum ita, *iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex trochaico dimetro acatalecto et iambico
LIII – p. 103	etiamsi genere congruunt, specie tamen discrepant. Item ex anapaestico dimetro acatalecto et iambico **dimetro**	catalectico, ut est*age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras.*
LIII – p. 103	id est ex imperfecto et perfecto, quod ἀσυνάρτητον appellauimus metron, quale est ex iambico **dimetro**	acatalecto et ithyphallico compositum ita,*iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex trochaico dimetro acatalecto
LIII – p. 103	dimetro acatalecto et ithyphallico compositum ita, *iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex trochaico **dimetro**	acatalectoet iambico dimetro catalectico, uelut ‖*caeruli Menoeta ponti ratisque rectitator.*
LIII – p. 103	*iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex trochaico dimetro acatalecto et iambico **dimetro**	catalectico, uelut ‖*caeruli Menoeta ponti ratisque rectitator*.
LIII – p. 104	vix est eorum separationem divisionemque cognoscere, in his praecipue, quae minimae proceritatis conexa iunguntur: exempli gratia si sit iambicum **dimetrum**	catalecticum et sequatur dactylicum dimetrum brachycatalectum ita, *dicata ex fario*,cum sit traditum colum ita demum iustae
LIII – p. 104	exempli gratia si sit iambicum dimetrum catalecticum et sequatur dactylicum **dimetrum**	brachycatalectum ita, *dicata ex fario*,cum sit traditum colum ita demum iustae proceritatis accipi, si decem et octo temporibus suppleatur.

Dīphĭlŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 70	quibus omnis versus constat, dirimitur. E cuius genere hae metrorum species gignuntur, **diphilium**	seu choerilium, lagaoedicum seu archebulium, aeolicum sive sapphicum et cetera
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo hexametro heroo, dicetur **diphilium**	metrum, ita tamen ut ista versificatio tertium pedem spondeum semper habeat.
LIII – p. 104	breviorem coniugationem habeant, quorum exempla plerumque apud comicos in **Diphili**	et Menandri comoediis reperiuntur. Verum haec hactenus noscenda sunt

DīPODĭA.

[LI D. PED.] – P. 47	ueluti quidam gressus pedum. Qui si eiusdem generis, id est pares, iugati fuerint, **dipodian**,	aut, ut quidam, tauto|podian, sin dispares, ut trochaeus cum iambo, syzygian efficiunt:
[LII D. DAC. M.] – P. 70	Nam aut in sex partes dividitur per monopodian, aut in tres per **dipodian**	et fit trimetrus, aut in duas per xώλα duo, quibus omnis versus constat, dirimitur.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	scanditur autem per **dipodias**,	cuius exemplum in tetrametro catalecticoo *cate rerum sator, o principium deorum*
[LII D. M. Proc.] – p. 99	in unam longam redactis propter anapaestum, uti metrum sit, non numerus. Scanditur autem per **dipodian**.	Exemplum erit tetrametri catalectici [id]*nemus ave reticuit, ager homine sonat,*
LIII – p. 101	*Albani muris Albam Langam cinxerunt:*hic enim si per **dipodias**	percutiatur, fiet trimetrus. Sed et per mixionem, cum diversae bases miscentur, ut puta choriambica et iambica, velut

Dīspōndēŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	quattuor brevibus subsistens, ut *Minucius*, habebit contrarium **dispondeum**,	e quattuor longis scilicet, ut compositum a spondeo nomen ostendit,

Dīssȳllăbŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	quem Graeci chronicen parauxesin nominant. Syllabarum autem incrementa fiunt quinque, incipientia a **disyllabo**	Usqueadhexasyllabum. Temporum uero incrementa a duobus ad duodecim procedunt, id est a disemo ad duodecasemum.
[LI D. Ped.] – p. 43	Etenim cognationis et cuiusdam ad augmentum propaga|tionis, qua pedes multiplicati noscuntur orti a **disyllabis**	quattuor, ratio talis est. Syllaba quae ad incrementum pedum adicitur aut longa est aut brevis: huius adiectione ita numerus propagabitur.
[LI D. Ped.] – p. 44	Pedes igitur simplices sunt duodecim, qui procedunt adcrescuntque a duabus syllabis ad tres, item a duobus temporibus ad sex. Ex quibus **disyllabi**	quidem quattuor duum uel trium uel quattuor temporum existunt.
[LI D. Ped.] – p. 44	hexasemon siue hexachronon usque porrigitur, primum habebunt pedem tribrachyn, sicut **disyllabi**	dibrachyn, dictum a temporum substantia. Idem et pygnomus a quibusdam, ne uos praetereat, uocatur.
[LI D. Ped.] – p. 44	Hi temporum inter se breuitate et extensione discrepant; nam prior trium, sequens sex temporum spatio prolatatur, quod in **disyllabis**	in pyrrichio et spondeo docuimus. At qui| prima longa duabus brevibus subiectis ordinatur,

[LI D. Ped.] – p. 46	forsitan putet, quod per diuisionem et coniunctionem inter se temporum et syllabarum **disyllabi**	pedes in metris extendantur, trisyllabi uel terasyllabi contrahantur, quod supra cursim attigi, repetendum hoc uobis existimaui.
[LI D. Ped.] – p. 47	longae eorum solvuntur in breves, uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per **disyllabos**	aut trisyllabos coniunctione temporum fieri. Nam paeones primus et
[LI D. Ped.] – p. 47	pedes proprii status uim semper cum uocabulo obtinere catholice pronuntiaretis. Nunc de **disyllabis**	coniunctis, qui et duplices et tetrasyllabi pedes appellantur, quos etiam quidam sotadios uocant, referemus, quorum coniunctio basis appellatur.
[LI D. Ped.] – p. 47	Igitur tetrasyllabi pedes erunt omnes sedecim, ut geminato numero eadem taxatione trisyllabos, quam illi **disyllabos**,	antecedant. In quibus spatia temporum a tetrachrono ad octachronum, id est a quattuor temporibus ad octo,
[LI D. Ped.] – p. 47	qui solus in tetrasyllabis octrachronos siue octasemus inuenitur, cuius exemplum *Calliclides*, haud alias quam spondeus inter **disyllabos**	tetrachronos est. Sequitur antispastus, cuiús prima et ultima brevis, mediae duae longae, id est ex iambo et trochaeo compositus, ut *Aristippus*.
[LI D. Ped.] – p. 47	sed et ionici duo, ceteris decem non adeo necessariis: nam ditrochaeum et diiambum inter **disyllabos**	magis aptos haberi uolunt. Igitur paeon primus erit prima longa cui tres continuae breves adhaerent,
[LI D. Ped.] – p. 48	Hac inspectione conicere poteris, quem ad modum ex **disyllabis**	et trisyllabis pentasyllabi, sed et geminatis trisyllabis hexasyllabi pedes formati uideantur,
[LI D. Ped.] – p. 48	Nam ex primigeniis duobus pyrrichio et spondeo adquisitis facta temporum permixtione iambo et trochaeo quattuor **disyllabi**	pedes effecti sunt.
[LI D. Ped.] – p. 49	Aliud est enim, si duabus praecedentibus sociata faciat coniunctionem ex trisyllabo et **disyllabo**;‖	contrarium autem, si a duabus praecedentibus diuisa postremis duabus subsequentibus copuletur,
[LI D. Ped.] – p. 49	contrarium autem, si a duabus praecedentibus diuisa postremis duabus subsequentibus copuletur, ut sit coniugatio e **disyllabo**	et trisyllabo.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	cui tamen duo cola e duobus dactylis et spondeo constabunt, quattuor pedes **disyllabos**,	id est trochaeum iambum pyrrichium spondeum, per ordinem semper positos inveniri,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	quod ferunt apud auctores exempla reperiri, quibus ostendant hexametrum dactylicum usque ad octametrum **disyllabo**	terminatum processisse, ultra quam proceritatem nihil in eodem scrutandum est.

Dĭ̲trŏchæŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	Rursus cum praecedentem longam sequitur breuis, geminatum‖ hoc facit **ditrochaeum**,	ut *Zenodorus*. Consimilis ferme his et illa ionicorum ordinatio est.
[LI D. Ped.] – p. 47	id est choriambus et antispastus aequalitates ratione constantes, sed et ionici duo, ceteris decem non adeo necessariis: nam **ditrochaeum**	et diiambum inter disyllabos magis aptos haberi uolunt.

Dŭŏdĕcă̲chrŏnŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	ut dictum est, a disemo ad duodecasemum seu a dichrono ad **duodecachronum**.	*Σημεῖον* ***autem ueteres χρόνον, id est tempus, non absurde dixerunt ex eo,***

Ēlīdŏ̲

[LII D. Dac. M.] – p. 72	produci non patitur, atque ita productam vocalem superveniens alia vocalis **elidit**.	Nec te idem pes in illo versu decipiat, velut huius similis, qui est talis, ‘*ponite spes sibi quisque*’.

Ēnūntĭātĭŏ̲

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Sed ut ad propositum nobis redeam, discussa litterarum tam **enuntiatione**	quam potestate, quod cumulo plenissimae eruditionis aptum ac necessarium praeterire absurdum foret,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	quia non pari aut aequali uirtute nituntur. Hae tamen, ut supra diximus, sub uno**enuntiatu**	coniunctae communem syllabam, diuisae autem longam efficient.

Ĕpĭ̲trĭtŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	sescupli enim ratione subsistunt, ideoque metris minime utiles aestimantur. Sed et **epitriti**	dicti ob adiectionem tertiae partis| * quam sunt paeones,
[LI D. Ped.] – p. 47	ex pyrrichio‖ et iambo conexum accipiemus, ut *Diogenes*.Supersunt **epitriti**,	qui et hippii, adaeque numero quattuor, quod[que] est ueluti genus paeonicorum,
[LI D. Ped.] – p. 47	ut *Demosthenes*. Restat complendo tetrasyllaborum pedum numero **epitritus**	quartus, quem primae tres longae, quarta in ultimo brevis ex

Gāllĭāmbŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	Memineris sane trisyllabos pedes temporum dumtaxat quinque uel sex, ut est bacchius et molossus, cum in quibusdam metris, sicut in **galliambico**,	longae eorum solvuntur in breues, uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri.

Gĕmĭnātĭŏ̲

[LI D. Ped.] – p. 44	Ita enim ratio exposcit, ut a brevi origo temporum coeperit, quippe cum eiusdem **geminatio**	longum fecerit tempus, haud aliter quam in numeris: etenim ex uno multiplicato,
[LI D. Ped.] – p. 48	se geminato trisyllaborum numero XVI ediderunt. Rursus XVI tetrasyllabi simili ut superiores **geminatione**	triginta et duo ex se schemata, id est figurationes, pedum pentasyllaborum reddiderunt.

Gĕmĭnŏ̲

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	uocali correptae infertur i littera || pro duabus consonantibus accipienda, quamquam et **geminata**	i scribere iubeamur, ut "*proiiecit fluuio penitusque in nubila fugit*".
[LI D. Ped.] – p. 47	propriam impleat thesin. Igitur tetrasyllabi pedes erunt omnes sedecim, ut **geminato**	numero eadem taxatione trisyllabos, quam illi disyllabos, antecedant.
[LI D. Ped.] – p. 47	id est e duobus iambis adnexus, ut *Simonides*. Rursus cum praecedentem longam sequitur brevis, **geminatum**||	hoc facit ditrochaeum, ut *Zenodorus*. Consimilis ferme his et illa ionicorum ordinatio est.
[LI D. Ped.] – p. 48	Hac inspectione conicere poteris, quem ad modum ex disyllabis et trisyllabis pentasyllabi, sed et **geminatis**	trisyllabis hexasyllabi pedes formati uideantur, quórum syllabatim per tempora species comprehendi poterunt.
[LI D. Ped.] – p. 48	in trisyllabos pedes octo processit. Qui pari ratione adcrescentes tetrasyllabos ex se **geminato**	trisyllaborum numero XVI ediderunt. Rursus XVI tetrasyllabi simili ut

Glў̲cōnĭcŭm

[LII D. Dac. M.] – p. 74	*mensorem cohibent Archta*; trimetrus initialis*sic te diva potens Cypri*, ‖quod metrum **glyconium**	octasyllabum dicitur; finalis autem*grato Pyrrha sub antro*,quod pherecration heptayllabon appellatur:

Hēphthēmĭmĕrĭs

[LII D. Dac. M.] – p. 70	et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus, penthemimeren et **hephthemimeren**.	Dactylicum enim, licet isdem subsistat pedibus, non tamen isdem divisionibus ut herous caeditur versus.

Hēptăm̲ĕ̲trŭm

[LII D. Chor. M.] – p. 87	ut esset choriambus pes habens clausulam antibacchi ultimam huius modi, '*cur properas amando*'. quod silentio dari haud passus sum; sicut et hoc **heptametrum**	catalecticum choriambicum purum, quod Phrynichum comicum, auctorem eius artis, tradidisse et sui nominis appellatione signasse dicunt.

Hērōĭcŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	od frequenter in iambicis et trochaicis et ceteris metrorum generibus excepto **heroico**	reperies. Memineris sane trisyllabos pedes temporum dumtaxat quinque uel sex,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	**Heroici**	versus hexametri cola seu commata alia sunt, ut Graeci dicunt,ἁρχτικά

Hērōŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Igitur prima species erit quae dactyli pedis tertiam brevem seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo, longam efficiens contra legem hexametri **heroi**	amphimacrum inducit, qui pro dactylo lege communium syllabarum accipietur, ita tamen ut sequens a uocali pes inchoet.
LII – p. 70	textus huius secundi voluminis singula quaeque reserans explicabit. Auspicandum igitur ab eo nobis pede potissimum credidi, qui **heroum**	metrum, principium omnium, continens etiam nominis sui appellatione signavit,
LII – p. 70	trochaeus vero a longa incipit. Nos autem, ut dictum est, principium metrorum omnium **heroo**	sive pythio deferentes non absurde a dactylico auspicandum esse censuimus.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Dactylici igitur metri id praecipuum est, quod **heroum**	appellatur.

[LII D. Dac. M.] – p. 71	Dactylici igitur metri id praecipuum est, quod heroum appellatur. Differt enim a dactylico **heroum**	eo, quod et dactylicum et spondiacum est et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus, penthemimeren et hephthemimeren.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Dactylicum enim, licet isdem subsistat pedibus, non tamen isdem divisionibus ut **herous**	caeditur versus. Inter spondeum autem et dactylum mensura temporum congruente etiam in arsi
[LII D. Dac. M.] – p. 71	reperiuntur, dumtaxat usque ad pedem quartum: quintus enim frequenter, ut **heroum**	decet, dactylus esse debet.Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] spondei prima in duas breves divisa efficitur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] spondei prima in duas breves divisa efficitur, **heroo**	posset adnecti metro, nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent:
[LII D. Dac. M.] – p. 71	nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor **heroum**	versum deformarent: seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur, sive quia metrorum fere omnium natura talis est,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	adaeque observatur ne tertius pes verbum finiat versumque a se diducat, ut est*cui non dictus Hylas puer et Latonia Delos*.**Heroi**	versus vitiosi habentur qui ex solis dactylis vel qui ex solis spondeis constant, quia in talibus aut gravis tarditas aut velocitas nimia vitiosa est.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	aut ἀσύνδετοι et διά πέντε, ut*formosum pastor Corydon ardebat Alexin*.Incipit autem versus **herous**	hexameter a duodecim syllabis, in quo omnes spondei sunt, ut*non phocae turpes, non marcentes ballenae*,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	et spondei vices inter se obortae collocentur: quas tamen XXXII esse manifestum est. Est autem **herous**	versus temporum XXIIII, spondeo dumtaxat ultimo. at si trochaeus versus clauserit,
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo hexametro **heroo**,	dicetur diphilium metrum, ita tamen ut ista versificatio tertium pedem spondeum semper habeat.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	id est trochaeum iambum pyrrichium spondeum, per ordinem semper positos inveniri, si velis alias, quam hexametri **heroi**	lex postulat, scandere, ut est apud Homerum *Ζεὺςδὲθεῶνἀγορὴνποιήσατοερπικέραυνος*
[LII D. Dac. M.] – p. 73	eo quod quattuor pedes temporum duodecim quasi per circiutum quendam recurrentes cotineat.Sed de his hactenus. Nam quae ex **heroo**	metro per adiectionem et detractionem, item per immutationem et
[LII D. Dac. M.] – p. 74	communes autem, quae et initio et fini sociatae congruunt. Igitur tetrametrus versus **herous**	initialis erit talis,*Odrysium Martem cane barbite*,finalis seu novissimalis
[LII D. Dac. M.] – p. 74	*grato Pyrrha sub antro*,quod pherecration heptayllabon appellatur: dimetrus **herous**	initialis erit*arma sonantia*,novissimalis, qui pentasyllabos dicitur,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	nam tam in prima quam postrema parte haec cola adsumptis reliques quattuor pedibus faciunt **heroum**	hexametrum. Quae portiunculae etiam ex iambico versu per huius modi cola decisae pleraque ex se pari syllabarum ratione metrorum genera procreabunt.
LIII – p. 101	qualitas autem per translationem, permixtionem, transfigurationem, divisionem, unitatem, compositionem, et ex **heroo**	quidem per adiectionem syllabae fiet ita, *Musae mi Pierides Clariusque adsistat Apollo:*
LIII – p. 102	et fit proceleumaticus. Per transfigurationem quoque, cum **herous**	figuram trimetri accipit, velut. *Albani muris Albam Langam cinxerunt:*
LIII – p. 102	*Lydia, dic precor libens, unde velis reverti*.Per compositionem autem, si ex **heroo**	dimetro, cui syllaba adiecta in novissimo erit, quod penthemimeres vocatur, quod est tale,
LIII – p. 104	detrahens unum pedem seu colum metro, ut illi subiceret id quod ex ipso detractum esse videbatur: ut in **heroo**,	a quo primum coepit, tamquam*diffugere nives, redeunt iam gramina campis*dehinc epodus sui generis,
LIII – p. 104	dehinc epodus sui generis,*arboribusque comae*:et illud, cum **heroi**	versus secundo colo ithyphallica epodos per ἀντιπάθεια respondet, ut
LIII – p. 104	Haec enim sola duo metra, quamvis et iambicum **heroi**	sit traductivum, utpote cum trimeter de hexametro manasse noscatur, haec sola possunt prototyporum prototypa dici

Hĕrŭs

LIII – p. 101	*beatus ille qui procul messibus*.Per translationem vero verborum ex **hero**	sic, *instimulata choris qualis socrus excutit ulnas:*fiet tetrametrus trochaicus ita,

Hēxăchronōn

[LI D. Ped.] – p. 44	in quibus mensura temporum a trisemo siue trichrono ad hexasemon siue **hexachronon**	usque porrigitur, primum habebunt pedem tribrachyn, sicut disyllabi dibrachyn,

Hēxămĕtĕr

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	pedis tertiam brevem seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo, longam efficiens contra legem **hexametri**	heroi amphimacrum inducit, qui pro dactylo lege communium syllabarum accipietur, ita tamen ut sequens a uocali pes inchoet.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Igitur dactylicum **hexametrum**	constat e spondeo, trochaeo et eodem dactylo. Habet autem sedes sex, quas Aristoxenus musicus
[LII D. Dac. M.] – p. 72	*formosum pastor Corydon ardebat Alexin*.Incipit autem versus herous **hexameter**	a duodecim syllabis, inquo omnes spondei sunt, ut*non phocae turpes,non marcentes ballenae*,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	at si trochaeus versus clauserit, XXIII, quem volunt haberi **hexametrum**	catalecticum.Memineris autem saepe Graecos huic metro molossum

[LII D. Dac. M.] – p. 73	Incipit autem et adcrescit per augmenta syllabarum dactylicum metrum a dimetro usque ad **hexametrum**.	Erit rego versus dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam |
[LII D. Dac. M.] – p. 73	*Phoebus me docuit iuga Pieridum sequi*:et hoc simonidium decitur. **Hexametrum**,	cui sex incisiones sunt, ut*Oceanum interea surgens Aurora reliquit:*
[LII D. Dac. M.] – p. 73	*alma parens, genetrix divum, decus Oceano.*Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo **hexametro**	heroo, dicetur diphilium metrum, ita tamen ut ista versificatio tertium pedem spondeum semper habeat.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Hoc quoque dignum eruditis auribus non praetermiserim repertum in **hexametro**	versu dactylico, cui tamen duo cola e duobus dactylis et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos
[LII D. Dac. M.] – p. 73	id est trochaeum iambum pyrrichium spondeum, per ordinem semper positos inveniri, si velis alias, quam **hexametri**	heroi lex postulat, scandere, ut est apud Homerum. *Ζεὺςδὲθεῶνἀγορὴνποιήσατοτερπικέραυνος*
[LII D. Dac. M.] – p. 74	Heroici versus **hexametri**	cola seu commata alia sunt, ut Graeci dicunt,ἀρχτιχά, alia τελιχά, alia χοιυά, e quis alia initiis,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	nam tam in prima quam postrema parte haec cola adsumptis reliques quattuor pedibus faciunt heroum **hexametrum**.	Quae portiunculae etiam ex iambico versu per huius modi cola decisae pleraque ex se pari syllabarum ratione metrorum genera procreabunt.
[LII D. Dac. M.] – p. 74	non praetermiserim, quod ferunt apud auctores exempla reperiri, quibus ostendant **hexametrum**	dactylicum usque ad octametrum disyllabo terminatum processisse, ultra quam proceritatem nihil in eodem scrutandum est.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	nam sicut saepe diximus, novissima indifferens est.Quod genus si **hexametrum**	sit, philicium de actoris tragoediographi nomine nuncupabitur, aptum canendis laudibus Cereris et Liberae, ut est
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Igitur ut a fastigio metri ad minora decursum habeamus, erit in hoc **hexametrum**	catalecticum, quod philicium nuncupari diximus, quodque constat ex quinque choriambis et bacchio ultimo ita,
LIII – p. 101	*Musae mi Pierides Clariusque adsistat Apollo:*‘mi’ enim syllaba detracta erit **hexameter**.	Per deminutionem autem syllabae octauae sive nonae ex trimetro iambico sic,
LIII – p. 104	Haec enim sola duo metra, quamvis et iambicum heroi sit traductivum, utpote cum trimeter de **hexametro**	manasse noscatur, haec sola possunt prototyporum prototypa dici et omnium metrorum elementa,

Hēxăsȳllăbŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	Syllabarum autem incrementa fiunt quinque, incipientia a disyllabo usque ad**hexasyllabum**.	Temporum uero incrementa a duobus ad duodecim procedunt, id est a disemo ad duodecasemum.
[LI D. Ped.] – p. 43	in prima sede posita, longa molossum reddit. Quo genere trisyllabi et tetrasyllabi usque ad **hexasyllabos**	adcrescunt. Additamento temporum processerunt, ut dictum est, a disemo ad duodecasemum seu a dichrono ad duodecachronum.
[LI D. Ped.] – p. 48	quem ad modum ex disyllabis et trisyllabis pentasyllabi, sed et geminatis trisyllabis **hexasyllabi**	pedes formati uideantur, quórum syllabatim per tempora species comprehendi poterunt. Nam etiamsi propriis nominibus,
[LI D. Ped.] – p. 48	Hi quoque dum per syllabas, ut priores, augentur ac tempora, **hexasyllabos**	pedes pari ratione in schematibus sexaginta et quattuor simili duplicatione protulerunt.
[LI D. Ped.] – p. 48	decasemus autem e quinque longis, ut *Atroxiclides*, cuius canon per quinque b b b b b signabitur. Item **hexasyllabi**	ab hexasemo ad duodecasemum **χρονικῇ** | **παραυξήσει**, ut *Menelaophorus* e sex breuibus: huius canon a a a a a a , qui est duplex tribrachys

Hȳpērcătălēctŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 73	qui concurrit etiam in choriambicum monometrum **hypercatalectum**,	quod adonidium appellatur. Trimetrus autem acatalectus, qui e tribus, ut
[LII D. Chor. M.] – p. 87	*o cate rerum sator, o principium deorum*monometrum autem choriambicum **hypercatalectum**,	quod etiam dactylico dimetro catalectico concurrit, est tale,

Ĭāmbĭcŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ut pro syllaba longa duae breues aut pro duabus breuibus unalonga ponatur, id quod in [trimetris] anapaesticis **iambicis**	et ceteris huius modi uersibus datur cognoscere..
[LI D. Ped.] – p. 44	syllaba longa digeritur, erit iambus temporum trium, ut parens ἀπὸ τοῦ ἰαμβίζειν, id est maledicere, quod in **iambicis**	plerumque uersibus reperimus, uel ἀπὸ τοῦ ἰέναι βάδην: a breui enim profectus per longam porrigitur.
[LI D. Ped.] – p. 47	cum uni cuique pedum praestituta legitime tempora custodiantur, quod frequenter in **iambicis**	et trochaicis et ceteris metrorum generibus excepto heroico reperies.
[LI D. Ped.] – p. 49	Iuxta quae intellegi datur uaria diuisione coniugationum naturam versuum uel a trochaico in **iambicum**	uel ab iambico in trochaicum posse transduci. Hoc igitur de cunctistriginta duobus pentasyllabis

[LI D. Ped.] – p. 49	quae intellegi datur uaria diuisione coniugationum naturam versuum uel a trochaico in iambicum uel ab **iambico**	in trochaicum posse transduci. Hoc igitur de cunctistriginta duobus pentasyllabis pedibus accipiendum est:
LII – p. 70	et in primo mentionem fecimus, sunt haec, e quis primum dactylicum, dehinc anapaesticum, post **iambicum**	et trochaicum et choriambicum et antispasticum, ionicum ἀπό μείονος, ionicum ἀπό ἐλάσσονος
LII – p. 70	quas per contrariam naturae positionem habere noscuntur, eadem sic digerere, ut dactylicis anapaestica, **iambicis**	proposita, non solum ingenii sed et oculorum veluti contemplatione percepta in promptu ac propatulo habeantur.
[LII D. Dac. M.] – p. 74	parte haec cola adsumptis reliques quattuor pedibus faciunt heroum hexametrum. Quae portiunculae etiam ex **iambico**	versu per huius modi cola decisae pleraque ex se pari syllabarum ratione metrorum genera procreabunt.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	quod est tetrametrum acatalectum; nunc admixta et posita in quacumque sede **iambica**	basi, cuius etiam conclusione finiri praecipue studet, ut est hoc quod habet
[LII D. Chor. M.] – p. 86	cuius etiam conclusione finiri praecipue studet, ut est hoc quod habet duas **iambicas**	priores coniugationes, tertium choriambum, ultimam iambicam clausulam, velut hoc tetrametrum catalecticum,
[LII D. Chor. M.] – p. 86	ut est hoc quod habet duas iambicas priores coniugationes, tertium choriambum, ultimam **iambicam**	clausulam, velut hoc tetrametrum catalecticum, *apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras*.recipit etiam tribrachyn,
LIII – p. 101	Per deminutionem autem syllabae octauae sive nonae ex trimetro **iambico**	sic, *beatus ille qui procul messibus.*Per translationem vero verborum ex hero sic,
LIII – p. 101	fiet trimetrus. Sed et per mixionem, cum diversae bases miscentur, ut puta choriambica et **iambica**,	velut. *Lydia, dic precor libens, unde velis reverti.* Per compositionem autem, si ex heroo dimetro, cui syllaba adiecta in novissimo erit,
LIII – p. 101	cui syllaba adiecta in novissimo erit, quod penthemimeres vocatur, quod est tale,*arboribusque comae,*adiecto dimetro **iambico**	fiat metrum tale, *arboribusque comae, ut prisca gens mortalium* quale est in epodo Horatii,*scribere versiculus amore percussum gravi*.
LIII – p. 102	Erunt ergo per συμπάθειαν, id est per consentaneum adfectum, mixtae inter se **iambicae**	baseschoriambicas et antispasticis.
LIII – p. 102	ut supra ostendimus, fiet anapaesticum per συμπαθειαν sic, '*ades arma virumque cano*' qua vicissitudine et ex trochaicis **iambica**	et ex anapaesticis dactylica metras inter se formantur. Per αυτιπαθειαν vero, id est per contrarium adfectum seu passionem,
LIII – p. 102	Est enim coniunctionis genus nimis scabrum atque asperum, ut sunt ionica απομειξονοζ cum **iambicis**	vel dactylica cum trochaicis semper dissententia inter se atque abhorrentia, unde et ασυναρτητα a Graecis, id est inconexa, appellantur, ut est
LIII – p. 103	*beatus ille qui vacans mente vivit integra*.nam compositus apparet versus ex dimetro **iambico**	acatalecto et dímetro trochaico catalectico ex diversis et contrariis amplexionibus:
LIII – p. 103	hi enim, etiamsi genere congruunt, specie tamen discrepant. Item ex anapaestico dimetro acatalecto et **iambico**	dimetro catalectico, ut est *age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras.*intellegis igitur atque ipso sensuabhorrentium aurium
LIII – p. 103	et imperfecto aut contra, id est ex imperfecto et perfecto, quod ἀσυνάρτητον appellauimus metron, quale est ex **iambico**	dimetro acatalecto et ithyphallico compositum ita, *iubar superne fulgida lucet arce caeli*
LIII – p. 103	*iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex trochaico dimetro acatalecto et **iambico**	dimetro catalectico, uelut ‖*caeruli Menoeta ponti ratisque rectitator.*
LIII – p. 104	divisionemque cognoscere, in his praecipue, quae minimae proceritatis conexa iunguntur: exempli gratia si sit **iambicum**	dimetrum catalecticum et sequatur dactylicum dimetrum brachycatalectum ita,
LIII – p. 104	profluere fontibus et ad haec referri veluti semina examinando reperies. Haec enim sola duo metra, quamvis et **iambicum**	heroi sit traductivum, utpote cum trimeter de hexametro manasse noscatur, haec sola possunt prototyporum

Ĭāmbŭs

[LI D. Litt.] – p. 7	sed implere non possunt, et sunt VIII, f, l, m, n r, s, x, z. Ex his **immutabiles**	IIII, l, m, n, r, dictae sunt quia in masculinis et femininis nominibus per niminativum casum positae in omnibus declinationibus manent nec mutantur.
[LI D. Litt.] – p. 7	i vocalis interdum consonans, k consonans muta monophonos, l consonans semivocalis **immutabilis**,	m consonans semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis, o vocalis biformis,
[LI D. Litt.] – p. 7	muta monophonos, l consonans semivocalis immutabilis,m consonans semivocalis **immutabilis**,	n consonans semivocalis immutabilis, o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis,
[LI D. Litt.] – p. 7	immutabilis,m consonans semivocalis immutabilis,n consonans semivocalis **immutabilis**,	o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis, ‖ q consonans muta rigida,
[LI D. Litt.] – p. 7	consonans muta spiritalis, ‖ q consonansmuta rigida,r consonans semivocalis **immutabilis**,	s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca,

IMMUTATIO

[LII D. Dac. M.] – p. 73	Nam quae ex heroo metro per adiectionem et detractionem, item per **immutationem**	et concinnationem genera metrorum propagata quibusve vocabulis nuncupata sint, decursis speciebus prototypis,

IMMUTO-

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	quamuis maior in liquida quam in muta uirtus sit, utpote ametabola,quae‖ a tenore suo non **immutetur**,	attamen infirmiora paria sociata praestant his quae ex impari ueniunt, quod sub exemplo magis aperiam.
LIII – p. 101	Figurantur enim generalibus modis duobus, quantitatis et qualitatis, specialibus autem octo. Nam quantitas **immutabit**	metrum aut per adiectionem aut per deminutionem; qualitas autem per translationem,

INCREMENT, -

[LI D. Voc.] – p. 4	elementum est unius cuiusque rei initium, a quo sumitur **incrementum**	et in quod resolvitur: dictio est figura significantium vocum: oratio est dictio significans vel compositio
[LI D. Ped.] – p. 43	compositus ex sublatione et positione. Fiunt enim ex syllabis pedes ordine **incrementorum**,	quem Graeci syllabicen parauxesin uocant; item temporum, quem Graeci chronicen parauxesin nominant.
[LI D. Ped.] – p. 43	, quem Graeci chronicen parauxesin nominant. Syllabarum autem **incrementa**	fiunt quinque, incipientia a disyllabo usque ad hexasyllabum.
[LI D. Ped.] – p. 43	Syllabarum autem incrementa fiunt quinque, incipientia a disyllabo usque ad hexasyllabum. Temporum uero **incrementa**	a duobus ad duodecim procedunt, id est a disemo ad duodecasemum.
[LI D. Ped.] – p. 43	qua pedes multiplicati noscuntur orti a disyllabis quattuor, ratio talis est. Syllaba quae ad **incrementum**	pedum adicitur aut longa est aut brevis: huius adiectione ita numerus propagabitur.
[LI D. Ped.] – p. 48	Qui rursus soluti exigente usu ad proprium statum condicionemque reuocabuntur. Igitur cognatio et quaedam ad **incrementum**	propagatio, qua pedes a primordio multiplicati noscuntur, talis est.
LII – p. 69	incipiens tempore et in longo desinens, velut a minori ad maius egressus, per temporum **incrementa**	consurgat. Pyrrichius enim nullum ex se metrum edidit, trochaeus vero a longa incipit.

Ĭōnĭcŭs

[LI D. Ped.] – p. 47	Nam diuisa prima eius longa **ionicum**	ἀπὸ ἐλάσσονος, tertia ionicum ἀπὸ μείζονος, media choriambum gignit.
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam diuisa prima eius longa ionicum ἀπὸ ἐλάσσονος, tertia **ionicum**	ἀπὸ μείζονος, media choriambum gignit. Hoc idem et pedes ceteri, quos superuacuum est persequi,
[LI D. Ped.] – p. 47	geminatum‖ hoc facit ditrochaeum, ut *Zenodorus*. Consimilis ferme his et illa **ionicorum**	ordinatio est. Nam praeeuntibus duabus longis subiectae duae breves,
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam praeeuntibus duabus longis subiectae duae breves, ueluti spondeo pyrrichius adnexus, **ionicum**	ἀπὸ μείζονοςprocreabunt, ut *Demetrius*. Rursus mutato temporum situ,
[LI D. Ped.] – p. 47	in secunda autem longae constituuntur, id est pyrrichio spondeus iugatus, **ionicum**	ἀπὸ ἐλάσσονοςgignit, ut Diomedes.
[LI D. Ped.] – p. 47	id est choriambus et antispastus aequalitates ratione constantes, sed et **ionici**	duo, ceteris decem non adeo necessariis: nam ditrochaeum
LII – p. 70	dehinc anapaesticum, post iambicum et trochaicum et choriambicum et antispasticum, **ionicum**	ápó μείονος, ionicum ápó élássonos et paeonicum.
LII – p. 70	et trochaicum et choriambicum et antispasticum, ionicum ápó μείονος, **ionicum**	ápó élássonos et paeonicum. Nam proceleumaticam speciem novem prototypis decimam
LIII – p. 102	quod monoides Graeci dicunt, procedere. Adaeque et trochaicae bases **ionicis**	pari consensione sociantur, cum epiplocarum, quas amplexiones metrorum diximus,
LIII – p. 102	Est enim coniunctionis genus nimis scabrum atque asperum, ut sunt **ionica**	απομειξονοζ cum iambicis vel dactylica cum trochaicis semper dissententia

Ĭthўpāllĭcŭm

LIII – p. 103	conuenisse uidentur. Item si quattuor dactylis tres trochaeos, quos uocant |**ithyphallicum**,	iungas, erit ἀσυνάρτητον, ut est illud, |*tunc et amoris amor uenit improbus aliger Cupido.* |
LIII – p. 103	quod ἀσυνάρτητον appellauimus metron, quale est ex iambico dimetro acatalecto et **ithyphallico**	compositum ita, *iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex trochaico dimetro acatalecto
LIII – p. 104	*arboribusque comae:*et illud, cum heroi versus secundo colo **ithyphallica**	epodos per ἀντιπάθεια respondet, ut*Priamique evertere gentem fata iam parabant:*

Lăcōnĭcŭm

[LII D. M. Proc.] – p. 98	post novem prototypa impertiendam esse, e quibus est et Philoxenus, ex eo putaverunt, quod **laconicum**	longis constantem quindecim huic propter contrarium respondere posse conspicerent

Lāgoedicus-

[LII D. Dac. M.] – p. 70	E cuius genere hae metrorum species gignuntur, diphilium seu choerilium, **lagaoedicum**	seu archebulium, aeolicum sive sapphicum et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.

Lĭquĭdŭs

[LI D. Litt.] – p. 6	in omnibus declinationibus manent nec mutantur. Eadem autem **liquidae**	dicuntur, quando hae solae inter consonantem et vocalem immissae non asperum sonum faciunt
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	cum inferuntur brevi syllabae duae consonantes, quarum prior semper muta, sequens **liquida**	est. Superest naturabrevis, cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in consonantem
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	nctis duabus consonantibus, quarum prior muta, sequens **liquida**	sit, longam efficit positione, ut est "*uidit turicremis*" in r, et ||
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	"*nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos*,"in n. Habes exempla quattuor **liquidarum**,	quas ametabolas diximus.Nam aut brevis syllaba est loco longae posita,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Ergo hic pro brevi accipietur lege communium, qua prior muta c, sequens **liquida**	sit r. Ita tamen ut utraque consonantes in una syllaba coniunctae habeantur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	non iam communemsed longam syllabam iure efficient. Sed et duae **liquidae**	m et n, quae solae ex his sibi subiunguntur, non praecedente muta
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	complures versus reperiuntur.Dignum forsitan inquisitione sit, cur muta **liquidae**	sociata communem syllabam reddat, duae autem semiuocales aut mutae
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	copulatae similiter inter se nequaquam id faciant. Non immerito. Nam quamuis maior in **liquida**	quam in muta uirtus sit, utpote ametabola, quae|| a tenore suo non immutetur,
LIII – p. 103	aspere coisse in |unitatem conexionemque, ut superiora lenem ac **liquidam**	[nequaquam] |conuenisse uidentur. Item si quattuor dactylis tres trochaeos,

Līttĕră

LI – p. 3	Artium grammaticarum scriptores quidam ab arte coeperunt, quidam a grammatice, quidam a definitione, quidam a uoce, quidam a **littera.**	ars 'ut Aristoni placet' collectio est ex perceptionibus et exercitationibus ad aliquem finem uitae pertinens,
[LI D. Voc.] – p. 4	Omne autem explanativarum || vocum initium et individua vox est **littera,**	ex qua articulata vox existit et in quam ultimam resolvitur,
[LI D. Voc.] – p. 4	in quam ultimam resolvitur unde consequens est ut de **littera,**	dicamus. Sed prius est ut elementum et dictionem et orationem definiamus.
[LI D. Litt.] – p. 5	**Littera**	est vox simplex una figura notabilis
[LI D. Litt.] – p. 5	Littera est vox simplex una figura notabilis.**Litteram**	quidam quid putant dictam? Quasi legiteram. Quare?
[LI D. Litt.] – p. 5	Una figura notabilis quare? Ideo quia una quaeque **littera**	suam figuram habet. Nam syllabae pluribus figuris, id est litteris, notantur,
[LI D. Litt.] – p. 5	nisi cum vocales vice syllabarum funguntur. [Nam] accidunt uni cuique **litterae**	nomen figura potestas, nomen est quo appellatur, figura que notatur, potestas qua valet.
[LI D. Litt.] – p. 5	nomen est quo appellatur, figura que notatur, potestas qua valet. **Litterarum**	aliae sunt vocales, aliae consonantes. Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam || faciunt.
[LI D. Litt.] – p. 5	Sunt autem numero septem, f, l, m, n, r, s, x. Ex his una duplex **littera**,	x; constat enim aut ex g et s, ut rex regis, aut ex e et s,
[LI D. Litt.] – p. 5	constat enim aut ex g et s, ut rex regis, aut ex e et s, ut *pix picis*; ideoque haec **littera**	a quibusdam negatur. Mutae sunt autem quae neque per se proferri possunt nec per se syllabam faciunt sunt autem numero novem,
[LI D. Litt.] – p. 5	Ex his supervacue quibusdam videntur k et q, quia c **littera**	harum locum possit implere. H quoque adspirationis notam,
[LI D. Litt.] – p. 5	harum locum possit implere. H quoque adspirationis notam, non **litteram**	existimamus. Y et z propter graeca nomina admittimus.
[LI D. Litt.] – p. 6	non litteram existimamus. Y et z propter graeca nomina admittimus.**Littera**	est humanae vocis pars.Litterae romanae ad imitationem graecarum factae.
[LI D. Litt.] – p. 6	Littera est humanae vocis pars**. Litterae**	romanae ad imitationem graecarum factae. Novas etiam habent, ut h, q, v.
[LI D. Litt.] – p. 6	f etiam p et eadem adspiratione compleretur nihilo minus. Pro k et q c **littera**	facillime haberetur. X autem per c et s possemus scribere. Sic et z,
[LI D. Litt.] – p. 6	Sic et z, si modo latino sermoni necessaria esset, per d et s **litteras**	faceremus. Sed ut omnes quae usui traditae sunt recipiamus, sunt XXIII.
[LI D. Litt.] – p. 6	per quas etiam separatas syllabas fieri volunt. Sunt autem numero sex, a e i o u y. Harum nulla natura **littera**	longa aut brevis est, sed omnes uno modo, si corripiuntur, breves, si producuntur, longae sunt, ac praecipue e et o, quae biformes dicuntur, quia pro binis graecis apud nos ponuntur.
[LI D. Litt.] – p. 6	quae biformes dicuntur, quia pro binis graecis apud nos ponuntur. Residuae autem **litterae**	omnes consonantes sunt XVII, b, c, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z.
[LI D. Litt.] – p. 7	Item vocantur spiritales tres, c, p, t, quia his h **littera**	subiectainseritspiritum, ut *ChironPhilonThoas*; et ideoresiduae b d g q nominantur rigidae,
[LI D. Litt.] – p. 7	Addita autem fuerat a veteribus non frustra velut F, quam musici Addita autem fuerat a veteribus non frustra velut F, quam musici digamma vocant. Sed pro hac iam v **litteram**	scribimus; atque ita fit ut eadem nunc [u] vocalis sit, ut unus,
[LI D. Litt.] – p. 7	Sic et i nunc vocalis est, ut *Iris*, nunc consonans, ut *ieiunus*. finitivae **litterae**	masculinorum nominum sunt septem, a, l, n, o, r, s, x, ut Sylla sal pecten Cato Hector deus felix

[LI D. Litt.] – p. 7	y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex. R et s **litterae**.	apud antiquos communem potestatem habebant, *arbos labos honos*, nunc *arbos labos honor*.|
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Sed ut ad propositum nobis redeam, discussa **litterarum**	tam enuntiatione quam potestate, quod cumulo plenissimae eruditionis aptum ac necessarium praeterire absurdum foret,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	(nam ideo dicta est syllaba, quod a uocalibus, sine quis eadem coire non potest, reliquae **litterae**,	ut fides graeci sermonis indicat, comprehendantur, id est παρὰ τὸ συλλαμβάνειν τά γράμματα):
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ut necessitas metri aut producentis aut corripientis easdem postulauerit, accipiantur. Positio autem consonantium **litterarum**	breues syllabas secundum disciplinam legemque metricae artis efficit longas.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Ex quibus sex uidentur aperti; de septimo etiam nunc tractemus: si correpta per se uocalis **littera**	sequentem i habeat inter duas uocales constitutam, ut "*Troiaque nunc stares*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	si correpta per se uocalis littera sequentem i habeat inter duas uocales constitutam, ut "*Troiaque nunc stares*". Hic enim o **litterae**	uocali correptae infertur i littera || pro duabus consonantibus accipienda, quamquam et geminata i scribere iubeamur, ut
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Hic enim o litterae uocali correptae infertur i **littera**	|| pro duabus consonantibus accipienda, quamquam et geminata i scribere iubeamur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ut sit pes dactylus prima syllaba naturalonga, *troi*, sequentibus duabus brevibus, a et que. Hoc u **littera**	facere nequibit, eodem [quot] si fuerit loco.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Hoc u littera facere nequibit, eodem [quot] si fuerit loco. Nam ita ponuntur hae duae **litterae**	in syllabis, ut exigente ratione interdum sint uocales pro suapte natura, interdum consonantes, quia et praelatae et subiectae aliis uocalibus coeunt et syllabam reddunt, quod reliquae facere non possunt ut [eaedem et consonantes sint et uocales].
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	Illud etiam admonente occasione intimandum est, **litteras**	quasdam contra rationem naturae metri necessitate nunc produci, ut "*Italiam fato profugus*", nunc corripi, ut "*feruere Leucaten*".
[LI D. Ped.] – p. 43	Sed et hoc || loco suggerente non praetermiserim, eosdem figuras pedum secundum spatia temporum per **litteras**	ita designasse, ut breuis syllabae loco, quae sit unius temporis, ponatur B,
[LI D. Ped.] – p. 43	quae sit unius temporis, ponatur B, longae autem loco, quae sit temporum duum, M: hoc ideo, ut per **litteras**	regula pedum facile intellegatur. Pes autem dictus est, siue quia pars mensurae et

Līttĕrālĭs

LI – p. 3	plausus, stridor et cetera his similia. Alii eam quae dicitur in usu articularis **litteralem**.	dixerunt, ut nomina verba adverbia et ceteras partes orationis.

Lōngŭs

[LI D. Litt.] – p. 6	per quas etiam separatas syllabas fieri volunt. Sunt autem numero sex, a e i o u y. Harum nulla natura littera **longa**	aut brevis est, sed omnes uno modo,si corripiuntur, breves, si producuntur, longae sunt,
[LI D. Litt.] – p. 6	aut brevis est, sed omnes uno modo,si corripiuntur, breves, si producuntur, **longae**	sunt, ac praecipue e et o, quae biformes dicuntur, quia pro binis graecis apud nos ponuntur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	quarum tripertita species est. Namque || aliae earum breves, aliae **longae**,	aliae communes appellantur,scilicet quod nunc pro brevibus, nunc pro longis,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	aliae communes appellantur,scilicet quod nunc pro brevibus, nunc pro **longis**,	ut necessitas metri aut producentis aut corripientis easdem postulauerit, accipiantur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Positio autem consonantium litterarum breves syllabas secundum disciplinam legemque metricae artis efficit **longas**.	Nam parentenatura omnis uox sub duorum accentuum sono ore mortalium promitur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	producto scilicet aut correpto, ex quis alter extenditur, alter contrahitur. Igitur cum in metris **longa**	syllaba opus esset,ut ea quae brevis lege naturae prolata uidebatur longa efficeretur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Igitur cum in metris longa syllaba opus esset, ut ea quae brevis lege naturae prolata uidebatur **longa**	efficeretur, a principibus musicae artis auctoribus positio, id | est duarum consonantium copulatio, reperta atque inducta est.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	ueluti sacrosanctae in metris obseruationis ceteris sanxit. Igitur syllaba brevis tempus unum, **longa**	duoneque amplius recipit, ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	longaduo neque amplius recipit, ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente ut pro syllaba **longa**	duae breves autpro duabus brevibus unalonga ponatur, id quod in [trimetris] anapaesticis iambicis et
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	necessitate cogente ut pro syllaba longa duae breves autpro duabus brevibus una **longa**	ponatur, id quod in [trimetris] anapaesticis iambiciset ceteris huius modi versibus datur cognoscere.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Alii *oi* diphthongon uolunt esse, ut sit pes dactylus prima syllaba natura **longa**,	*troi*, sequentibus duabus brevibus, a et que. Hoc u littera facere nequibit,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Quarum | in metris triplex ratio et causa reperitur, siquidem una eademque syllaba nunc **longa**	nunc brevis utriusque temporis lege fungatur.Sciscitantibus autem,

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	cur tres modi communium syllabarum sint, dicemus **longam**	syllabam aut natura fieri aut positione. Haec sub utraque specie communem in metris syllabam dabit,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Haec sub utraque specie communem in metris syllabam dabit, id est aut natura, cum ultima pedis dactyli **longa**	reperitur, ut "*insulae Ionio in magno*", ‖ aut positione,cum inferuntur brevi syllabae duae consonantes, quarum prior semper muta,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Igitur prima species erit quae dactyli pedis tertiam brevem seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo, **longam**	efficiens contra legem hexametri heroi amphimacrum inducit,qui pro dactylo lege communium syllabarum accipietur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Cuius exemplum apud Homerum "*ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα*",apud nostrum "*insulae Ionio in magno*".Nam sub illa coniunctione **longae**	quae sunt huius modi, utriusque uocalis nomen incurrunt,et in collisione spatium temporis ipsa pronuntiandi celeritate consumitur:
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	coniunctis duabus consonantibus, quarum prior muta, sequens liquida sit, **longam**	efficit positione, ut est "*uidit turicremis*" in r, et ‖"*nipalmaspontotendensutrasque Cloanthus*,"
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	in n. Habes exempla quattuor liquidarum, quas ametabolas diximus.Nam aut brevis syllaba est loco**longae**	posita,aut positione longa uim | suae proceritatis loci condicione non obtinet.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	quattuor liquidarum, quas ametabolas diximus.Nam aut brevis syllaba est locolongae posita,aut positione **longa**	uim | suae proceritatis loci condicione non obtinet.Ergo hic pro brevi accipietur lege communium,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Nam si altera earum in secunda syllaba, sequens in tertia reperiatur, non iam communemsed **longam**	syllabam iure efficient. Sed et duae liquidae m et n,quae solae ex his sibi subiunguntur, non praecedente muta
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	quae solae ex his sibi subiunguntur, non praecedente muta in una syllaba **longam**	syllabam facere possunt, ut "*omnibus errantem terris*" et "*aut Agamemnonius scaenis*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Tertia uero, cum in eodem dactylo prima syllaba, quae semper natura est **longa**,	brevis inuenitur hoc modo, si correpta in ea uocalis desinat in unam consonantem,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Quamuis enim ma syllaba partem orationis compleat, tamen, ‖ quia loco**longae**	posita non est, uim proceritatis capere non potest.Cum autem locum obtinet longae syllabae et finit partem orationis,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	posita non est, uim proceritatis capere non potest.Cum autem locum obtinet **longae**	syllabae et finit partem orationis,tunc est communis et efficitur longa, quod etiam naturali ratione dinoscas.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	syllabae et finit partem orationis,tunc est communis et efficitur **longa**,	quod etiam naturali ratione dinoscas. Nam cum sermo terminatur et postrema clauditur syllaba,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Nam apud Homerum notabilis ille uersus habetur, in quo quattuor **longae**	sylabae lege communium pro brevibus inductae accipiuntur, cuius exemplum
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	alia rursus apud eundem species superiori contraria, in qua brevis pro **longis**	lege communium recipiuntur, ut est *ἀμφί δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἐανόν ἕσαθ' ὑν οί' Αθήνη*
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Hae tamen, ut supra diximus, sub uno enuntiatu coniunctae communem syllabam, diuisae autem **longam**	efficient. Mutae uero et semiuocales,ut libet, appositae correptae uocali semper longam syllabam reddunt.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	diuisae autem longam efficient. Mutae uero et semiuocales,ut libet, appositae correptae uocali semper **longam**	syllabam reddunt.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	"*rettulit Argolico fulgentia poma tyranno*" et"*redduxere retro **longe***	*capita ardua ab ictu*"; ‖siquidem artis poeticae in eo uim rationemque subsistere manifestum sit,
[LI D. Ped.] – p. 43	ratio talis est. Syllaba quae ad incrementum pedum adicitur aut **longa**	est aut brevis: huius adiectione ita numerus propagabitur.
[LI D. Ped.] – p. 43	Sit pyrrichius e duabus brevibus: hunc brevis tribrachyn, **longa**	dactylum aut anapaestum facit.
[LI D. Ped.] – p. 43	hunc brevis tribrachyn, longa dactylum aut anapaestum facit. Sit spondeus e duabus **longis**:	hunc brevis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita, longa molossumreddit.
[LI D. Ped.] – p. 43	hunc brevis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita,**longa**	molossum reddit. Quo genere trisyllabi et tetrasyllabi usque ad hexasyllabos adcrescunt.
[LI D. Ped.] – p. 43	ut brevis syllabae loco, quae sit unius temporis, ponatur B, **longae**	autem loco, quae sit temporum duum, M: hoc ideo, ut per litteras regula pedum facile intellegatur.
[LI D. Ped.] – p. 44	ut a brevi origo temporum coeperit, quippe cum eiusdem geminatio **longum**	fecerit tempus, haud aliter quam in numeris: etenim ex uno multiplicato, ueluti primordio ac semine, reliqui gignuntur.
[LI D. Ped.] – p. 44	nuncupatus est. Hic contrarius est spondeus e duabus **longis**,	*ut reges*, temporum quattuor,dictus a tractu cantus eius qui per longas
[LI D. Ped.] – p. 44	*ut reges*, temporum quattuor,dictus a tractu cantus eius qui per **longas**	tibias in templis supplicantibus editur. Vnde et spondaulae appelantur qui huius modi tibias inflare adsuerunt.
[LI D. Ped.] – p. 44	Quorum uterque quantum in arsi tantum retinet in thesi. At qui e brevi prima sequente syllaba **longa**	digeritur, erit iambus temporum trium, ut parens ἀπὸ τοῦ ἰαμβίζειν,
[LI D. Ped.] – p. 44	quod in iambicis plerumque uersibus reperimus, uel ἀπὸ τοῦ ἰέναι βάδην: a brevi enim profectus per **longam**	porrigitur. Huic contrarius trochaeus, dictus a cursu et celeritate
[LI D. Ped.] – p. 44	(nam τρόχος ἀπὸ τοῦ τρέχειν uocabulum sumpsit),idem et chorius ἀπὸ τῆς χορείας [sumpsit], e **longa**	et brevi temporum totidem, ut *Roma*. Horum arsis et thesis alterna mutatione uariatur,
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum arsis et thesis alterna mutatione uariatur, siquidem in iambo arsis primam brevem, in trochaeo autem **longam**	habeat incipientem, thesis uero contraria superioribus sumat.
[LI D. Ped.] – p. 44	Contrarius huic molossus, dictus a Molossis, qui in Thessalia‖ degunt, e tribus **longis**,	*ut Eumedes*. Hi temporum inter se brevitate et extensione discrepant;
[LI D. Ped.] – p. 44	quod in disyllabis in pyrrichio et spondeo docuimus. At qui| prima **longa**	duabus brevibus subiectis ordinatur, dactylus dicitur temporum quattuor, ut *Virbius*:
[LI D. Ped.] – p. 44	qui in manibus habentur, uocabulum traxit. Nam ex utraque parte breviores **longiori**	iunguntur. Huic contrarius mutata temporum uice, pari autem magnitudine, erit anapaestus,

[LI D. Ped.] – p. 44	quod est ἀντιπαίεσθαι, dictus: ideoque antidactylus nuncupatur. Cum uero **longis**	duabus praeponitur brevis, fit bacchius temporum quinque, ut *Catones*,
[LI D. Ped.] – p. 44	Superest amphibrachys cum contrario sibi amphimacro siue cretico. Prior pes e brevi **longa**	et brevi temporum quattuor erit,‖ ut *Homerus*; sequens duabus utrimque longis media brevi temporum quinque scribitur,
[LI D. Ped.] – p. 44	et brevi temporum quattuor erit,‖ ut *Homerus*;sequens duabus utrimque **longis**	media brevi temporum quinque scribitur, quae Graeci χρητιχά uocant, ut *Eumenes*.
[LI D. Ped.] – p. 44	Vterque autem a compositione temporum uocabulum traxit. Horum arsis ac thesis **longe**	inter se discrepant. Nam amphibrachys in triplo, creticus,cui de gente inuentoris nomen est, in sescuplo pensatur:
[LI D. Ped.] – p. 46	repetendum hoc uobis existimaui. Nam trochaei seu iambi **longa**	in duas breves diuisa tribrachyn pedem efficiet.Adaeque in spondeo soluta in breves| prior longa anapaestum,
[LI D. Ped.] – p. 46	in duas breves diuisa tribrachyn pedem efficiet. Adaeque in spondeo soluta in breves| prior **longa**	anapaestum, sequens dactylum procreabit. Vtraque autem diuisa tetrasyllabum e quattuor brevibus,
[LI D. Ped.] – p. 46	id est spondeum reformabit: quod aeque dactylus et anapaestus brevibus suis in **longam**	copulatis efficient. Molossum [eum] quoque trium tetrasyllaborum parentem pedum in promptu est cernere.‖
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam diuisa prima eius **longa**	ionicum ἀ**π**ὸ ἐ**λάσσονος**, tertia ionicum ἀ**π**ὸ **μείζονος**, media choriambum gignit.
[LI D. Ped.] – p. 47	pedes temporum dumtaxat quinque uel sex, ut est bacchius et molossus, cum in quibusdam metris, sicut in galliambico, **longae**	eorum solvuntur in breves, uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri.
[LI D. Ped.] – p. 47	idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri. Nam paeones primus et quartus coeuntibus in unam **longam**	duabus suis brevibus amphimacrum uel bacchium uel paliambacchium gignunt.
[LI D. Ped.] – p. 47	Quorum origo proceleumaticus e quattuor brevibus subsistens, ut *Minucius*, habebit contrarium dispondeum, e quattuor **longis**	scilicet, ut compositum a spondeo nomen ostendit, qui solus in tetrasyllabis octrachronos siue octasemus inuenitur
[LI D. Ped.] – p. 47	Sequitur antispastus, cuiús prima et ultima brevis, mediae duae **longae**,	id est ex iambo et trochaeo compositus, ut *Aristippus*. Huic contrarius est choriambus
[LI D. Ped.] – p. 47	id est ex iambo et trochaeo compositus, ut *Aristippus*. Huic contrarius est choriambus ex **longa**	et duabus mediis brevibusin unam longam coniunctis, haud alias quam supra tribrachyn
[LI D. Ped.] – p. 47	Huic contrarius est choriambus ex longa et duabus mediis brevibus et **longa**,	scilicet ex trochaeo et iambo copulatus, ut *Penelope*.Quorum mensura mutato tantum inter se
[LI D. Ped.] – p. 47	Quorum mensura mutato tantum inter se temporum ordine [apud eos] congruit. At cum prior brevis subiecta **longa**,	rursus brevis longa terminante componitur, erit diambus pes, id est e duobus iambis adnexus, ut *Simonides*.
[LI D. Ped.] – p. 47	temporum ordine [apud eos] congruit. At cum prior brevis subiecta longa,rursus brevis **longa**	terminante componitur, erit diambus pes,id est e duobus iambis adnexus, ut *Simonides*.
[LI D. Ped.] – p. 47	id est e duobus iambis adnexus, ut *Simonides*. Rursus cum praecedentem **longam**	sequitur brevis, geminatum‖ hoc facit ditrochaeum, ut *Zenodorus*.
[LI D. Ped.] – p. 47	**ā** Nam praeeuntibus duabus **longis**	subiectae duae breves, ueluti spondeo pyrrichius adnexus, ionicum ἀπὸ μείζονος procreabunt, ut *Demetrius*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Rursus mutato temporum situ, cum breves in prima sede, in secunda autem **longae**	constituuntur, id est pyrrichio spondeus iugatus, ionicum ἀ**π**ὸ ἐ**λάσσονος** gignit, ut Diomedes.
[LI D. Ped.] – p. 47	nam ditrochaeum et diiambum inter disyllabos magis aptos haberi uolunt. Igitur paeon primus erit prima **longa**	cui tres continuae breves adhaerent, ex trochaeo et pyrrichio copulatus, ut *Caecilius*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus paeon praecedente brevi, sequente **longa**,	cui subiciuntur duae breves, ex iambo pyrrichio formabitur, ut *canephorus*.
[LI D. Ped.] – p. 47	cui subiciuntur duae breves, ex iambo pyrrichio formabitur,ut *canephorus*. Tertius e duabus brevibus, **longa**	tertia, quarta brevi syllaba, compositus ex pyrrichio et trochaeo,ut *Epicurus*. Quartum autem quarta longa, tribus brevibus syllabis in prima
[LI D. Ped.] – p. 47	tertia, quarta brevi syllaba, compositus ex pyrrichio et trochaeo,ut *Epicurus*. Quartum autem quarta **longa**,	tribus brevibus syllabis in prima regione positis, ex pyrrichio‖ et iambo conexum accipiemus, ut *Diogenes*.
[LI D. Ped.] – p. 47	. Quorum primus priore syllaba brevi, sequentibus **longis**	tribus, ex iambo et spondeo constabit,ut *Aristocles*. Secundus e longa et brevi, subiunctis ei duabus longis,
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus e **longa**	et brevi,subiunctis ei duabus longis, erit ex trochaeo et spondeo copulatus, ut *Archimedes*.
[LI D. Ped.] – p. 47	longis tribus, ex iambo et spondeo constabit,ut *Aristocles*. Secundus e longa et brevi,subiunctis ei duabus **longis**,	erit ex trochaeo et spondeo copulatus, ut *Archimedes*. Tertius, in quo primae duae longae, tertia brevis,
[LI D. Ped.] – p. 47	. Tertius, in quo primae duae **longae**,	tertia brevis, longa ultima, ex spondeo et iambo concretus uidebitur, ut *Demosthenes*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Tertius, in quo primae duae longae,tertia brevis, **longa**	ultima, ex spondeo et iambo concretus uidebitur, ut *Demosthenes*. Restat complendo tetrasyllaborum pedum
[LI D. Ped.] – p. 47	Restat complendo tetrasyllaborum pedum numero epitritus quartus, quem primae tres **longae**,	quarta in ultimo brevis ex spondeo et trochaeo conexum esse demonstrant, ut *Irenaeus*.
[LI D. Ped.] – p. 48	ut sit pentassemus *Philopolemus* e quinque brevibus, a a a a a; decasemus autem e quinque **longis**,	ut *Atroxiclides*, cuius canon per quinque b b b b b signabitur. Item hexasyllabi ab hexasemo ad duodecasemumχρονικῇ | παραυξήσει,

[LI D. Ped.] – p. 48	ut *Menelaophorus* e sex brevibus: huius canon a a a a a a , qui est duplex tribrachys. Alter e sex **longis**,	quibus tempora duodecim subsistunt, ut *Callistochermedes*, qui est duplex molossus, hoc canone signabitur,
LII – p. 69	quod idem a brevi, a quo his origo est, incipiens tempore et in **longo**	desinens, velut a minori ad maius egressus, per temporum incrementa consurgat.
LII – p. 69	Pyrrichius enim nullum ex se metrum edidit, trochaeus vero a **longa**	incipit. Nos autem, ut dictum est, principium metrorum omnium heroo sive pythio deferentes non absurde a dactylico auspicandum esse
[LII D. Dac. M.] – p. 71	quae in fine versus naturaliter contingit, suppleatur, quo tunc demum pro **longa**	sumatur, sicut pleraeque in metris finales syllabae: vel quod in omni versu ultima brevis ἀδιάφορος, id est indefferens, habeatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Quas species sub exemplis enumerare et apud nos **longum**	et apud eruditos absurdum habeatur, quotiens et quibus in locis per alternas dactyli et spondei vices inter se obortae collocentur:
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Qui tamen certa ratione creticus non est. Nam tertiam **longam**,	id est ae diphthongon, quae creticum pro dactylo dedit, sequens syllaba a vocali incipiens,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	quae alium inchoant sensum; nec umquam consonantes duae **longam**	syllabam faciunt, nisi in eadem parte verbi constitutae, quod et in ceteris observabimus.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	raro autem molossum, qui ex ipso formatur duabus mediis brevibus in unam **longam**	coniunctis,haud alias quam supra tribrachyn per divisionem longae fieri diximus.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	brevibus in unam longamconiunctis,haud alias quam supra tribrachyn per divisionem **longae**	fieri diximus. Hoc genus catalecticum fit vel bacchio a brevi incipiente vel eo qui amphibrachys vocatur:
[LII D. Chor. M.] – p. 87	*Lydia, dic perdere cur hunc velis*;dimetrum quoque*Lydia dic canoro*.huic si primam **longam**	mutaveris, id est si trochaeo retracto iambum posueris, metrum antispasticum, quod est huic contrarium, figurabis, ut
[LII D. Chor. M.] – p. 87	invenimus plerumque et alios choriambicos [tetrametros catalecticos] versus, in quibus omnes **longae**	initiales choriamborum pedum syllabae in duas breves divisae ambiguum versum efficiunt.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	an inter prototypa metra hoc quoque recipiendum habendumque sit, quia nec molossicum, quod constat e tribus **longis**,	propter nimiam similitudinem induci aut videri metrum potuit.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Quidam tamen decimam huic speciem post novem prototypa impertiendam esse, e quibus est et Philoxenus, ex eo putaverunt, quod laconicum **longis**	constantem quindecim huic propter contrarium respondere posse conspicerent
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Nam ex dimetro anapaestico tetrameter proceleumaticus figurabitur versus **longa**	eius in duas breves soluta et syzygia in simplices pedes divisa, ut est
[LII D. M. Proc.] – p. 99	formata aliqua in metris species proferatur. Huius versus **longissimus**	erit tetrameter catalecticus vel, siqui illum adhunc extendere adfectet, pentameter.
[LII D. M. Proc.] – p. 99	quibus et clauditur, scilicet detracta proceleumatico syllaba ultima aut duabus brevibus ultimis in unam **longam**	redactis propter anapaestum, uti metrum sit, non numerus.
LIII – p. 104	qui primus epodos excitavit alios breviores, alios **longiores**,	|| detrahens unum pedem seu colum metro, ut illi subiceret id quod ex ipso detractum esse videbatur: ut in heroo, a quo primum coepit, tamquam

M̲ĕtrĭcŭs

LI – p. 3	ORTHOGRAPHIA ET DE **METRICA**	RATIONE
[LI D. Litt.] – p. 6	Item ex isdem semivocalibus duplices sunt duae, x et z: singulae enim in **metrica**	ratione pro duabus consonantibus valent. residuae semivocalium sunt f et s.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Positio autem consonantium litterarum breues syllabas secundum disciplinam legemque **metricae**	artis efficit longas.Nam parentenatura omnis uox sub duorum accentuum sono ore mortalium promitur, producto scilicet aut correpto,
[LI D. Ped.] – p. 43	Pes autem dictus est, siue quia pars mensurae et modus quidam similiter pes uocatur, siue quia in percussione **metrica**	pedis pulsus ponitur tolliturque, seu quia, ut nos pedibus nostri ingredimur atque progredimur, ita et uersus per hos pedes procedit et scandit.
LII – p. 69	Credo nos omnia, quae ad instructionem **metricae**	disciplinae, velut quaedam primae intitutionis incunabula, necessario his quibus huiusce artis voluptas ac studium est intimanda sunt, adfatim persecutos.

M̲ĕtrŭm

[LI D. Litt.] – p. 7	Mutae sunt quae nullius vocis sonum separatim faciunt, et sunt VIIII , b, c, d, g, h, k, p.q t. Ex his h vocatur infirma, quia in **metris**	plerumque despicitur nec consonantis tenet locum, ut '*saevus Achilles*', quod idcirco sic est, quia c et h unius consonantis graecae loco habetur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Namque || aliae earum breues, aliae longae, aliae communes appellantur, scilicet quod nunc pro breuibus, nunc pro longis, ut necessitas **metri**	aut producentis aut corripientis easdem postulauerit, accipiantur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	sub duorum accentuum sono ore mortalium promitur, producto scilicet aut correpto, ex quis alter extenditur, alter contrahitur. Igitur cum in **metris**	longa syllaba opus esset, ut ea quae breuis lege naturae prolata uidebatur longa efficeretur, a principibus musicae artis auctoribus positio, id | est duarum consonantium copulatio, reperta atque inducta est.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Haec deinceps obseruatio consensione poetarum legem dedit, quae auctoritatem de uetustate temporis trahens disciplinam ueluti sacrosanctae in **metris**	obseruationis ceteris sanxit. Igitur syllaba brevis tempus unum, longaduo neque amplius recipit,

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Igitur syllaba breuis tempus unum, longaduo neque amplius recipit, ex quo euenit plerumque **metri**	necessitate cogente ut pro syllaba longa duae breues aut pro duabus breuibus unalonga ponatur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	.Neque enim haec commutatio numero **metrorum**	officit congruentibus sub utraque lege temporum spatiis atque momentis. Positione uero octo modis, ut supra relatum est, fiunt.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Nunc de communibus plenissime tractemus, unde sumus digressi. Quarum | in **metris**	triplex ratio et causa reperitur, siquidem una eademque syllaba nunc longa nunc breuis utriusque temporis lege fungatur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	dicemus longam syllabam aut natura fieri aut positione. Haec sub utraque specie communem in **metris**	syllabam dabit, id est aut natura, cum ultima pedis dactyli longa reperitur, ut "*insulae Ionio in magno*", || aut positione,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	temporis ipsa pronuntiandi celeritate consumitur: quamquam non nulli quasi finalem syllabam propter indifferentiam, quae in **metris**	omnibus competit, tradant, super quo plerique ambigunt in isto dumtaxat syllabarum communium priuilegio.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Haec ratio communium syllabarum cum in dactylicis tum in ceteris **metrorum**	generibus sub eadem obseruatione tractanda est, qua tamen frequentius auctores graeci quam nostri usi sunt.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	Illud etiam admonente occasione intimandum est, litteras quasdam contra rationem naturae **metri**	necessitate nunc produci, ut "*Italiam fato profugus*", nunc corripi, ut "*feruere Leucaten*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	Quamuis quidam in hoc primam uerbi positionem non a ferueo, sed a feruo tractam contendant meritoque corripiant. Eadem **metri**	lege etiam consonantes geminantur, ut "*relliquias Danaum*" et "*rettulit Argolico fulgentia poma tyranno*";
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	siquidem artis poeticae in eo uim rationemque subsistere manifestum sit, ut uerba seu nomina **metro**	repugnantia uel corripiat uel acuat, interdum minuat, ut "*apparent rari nantes*", aut forte diuidat, ut "*septem subiectatrioni*".
[LI D. Ped.] – p. 43	Pes est certus modus syllabarum, quo cognoscimus totius **metri**	speciem, compositus ex sublatione et positione.
[LI D. Ped.] – p. 44	Cum uero longis duabus praeponitur breuis, fit bacchius temporum quinque, ut *Catones*, qui a Bacchi carminibus seu cantilenis, quae aptissime hoc **metro**	componuntur, nomen accepit, uel quia familiariter hic rhythmus bacchantibus aptus sit.
[LI D. Ped.] – p. 46	Inter haec ne quispiam nos aut ignoratione aut incuria praeterisse forsitan putet, quod per diuisionem et coniunctionem inter se temporum et syllabarum disyllabi pedes in **metris**	extendantur, trisyllabi uel terasyllabi contrahantur, quod supra cursim attigi, repetendum hoc uobis existimaui.
[LI D. Ped.] – p. 47	Vnde orta progenies pedum, ausim dicere, merito credatur. Nec te syllabarum adcrescentium in **metris**	terreat numerus, cum uni cuique pedum praestituta legitime tempora custodiantur, quod frequenter in iambicis
[LI D. Ped.] – p. 47	et trochaicis et ceteris **metrorum**	generibus excepto heroico reperies.
[LI D. Ped.] – p. 47	Memineris sane trisyllabos pedes temporum dumtaxat quinque uel sex, ut est bacchius et molossus, cum in quibusdam **metris**,	sicut in galliambico, longae eorum solvuntur in breues, uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri.
[LI D. Ped.] – p. 47	Id Graeci *κατὰ διαίρεσιν* et*συναίρεσιν* siue *ἕνωσιν*, cum **metri**	necessitas postularit, fieri memorant, quod necessario insinuandum esse credidi, ne syllabarum numero inducti aut simplices aut compositos pedes proprii status uim semper cum uocabulo obtinere catholice pronuntiaretis.
[LI D. Ped.] – p. 47	Sequuntur paeonici pedes numero quattuor, qui sunt pentasemi: sescupli enim ratione subsistunt, ideoque **metris**	minime utiles aestimantur.
[LI D. Ped.] – p. 48	. Ex quibus magis mele et rhythmi lyricorum modulorum quam **metra**	formari poterunt.a;
LII – p. 69	.Unde nunc ad novem prototypa, id est primiformia omnium **metrorum**	genera, e quorum fonte atque origine derivata innumerabilis metrorum profluit copia, stilum nostri operis convertam
LII – p. 69	Unde nunc ad novem prototypa, id est primiformia omnium metrorum genera, e quorum fonte atque origine derivata innumerabilis **metrorum**	profluit copia, stilum nostri operis convertam, de quorum disciplina et praeceptis et ratione omni, qua inter se congruunt sive dissentiunt, textus huius secundi voluminis singula quaeque reserans explicabit.
LII – p. 69	Auspicandum igitur ab eo nobis pede potissimum credidi, qui heroum **metrum**,	principium omnium, continens etiam nominis sui appellatione signavit,
LII – p. 69	principium omnium, continens etiam nominis sui appellatione signavit, siquidem non nulli ambigant, a quo e duobus **metrorum**	ordinem inchoantes exordium capiant. Nam qui ab iambo initium trahunt eo studio id fieri volunt, quod idem a brevi,
LII – p. 69	per temporum incrementa consurgat. Pyrrichius enim nullum ex se **metrum**	edidit, trochaeus vero a longa incipit. Nos autem, ut dictum est, principium metrorum omnium heroo
LII – p. 69	se metrum edidit, trochaeus vero a longa incipit. Nos autem, ut dictum est, principium **metrorum**	omnium heroo sive pythio deferentes non absurde a dactylico auspicandum esse censuimus.
LII – p. 70	Igitur prototypa, id est primiformia novem **metra**,	quorum et in primo mentionem fecimus, sunt haec, e quis primum dactylicum, dehinc anapaesticum, post iambicum et trochaicum et choriambicum et antispasticum,
[LII D. Dac. M.] – p. 70	DE DACTYLICO **METRO**	

[LII D. Dac. M.] – p. 70	aut in duas per χώλα duo, quibus omnis versus constat, dirimitur. E cuius genere hae **metrorum**	species gignuntur, diphilium seu choerilium, lagaoedicum seu archebulium, aeolicum sive sapphicum et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	aeolicum sive sapphicum et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.Dactylici igitur **metri**	id praecipuum est, quod heroum appellatur. Differt enim a dactylico heroum eo, quod et dactylicum et spondiacum est et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus, penthemimeren et hephthemimeren.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] spondei prima in duas breves divisa efficitur, heroo posset adnecti **metro**,	nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent:
[LII D. Dac. M.] – p. 71	nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum versum deformarent: seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur, sive quia **metrorum**	fere omnium natura talis est, ut caveant ne singulas partes orationis singulorum pedum fine concludant,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Adversus quos alii loci extimi, in quo tantum locabitur, praescriptione nituntur; nec immerito, ut novissima eius syllaba, quae semper brevis est, mora temporis intercedente, quae in fine versus naturaliter contingit, suppleatur, quo tunc demum pro longa sumatur, sicut pleraeque in **metris**	finales syllabae: vel quod in omni versu ultima brevis ἀδιάφορος, id est indefferens, habeatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Heroi versus vitiosi habentur qui ex solis dactylis vel qui ex solis spondeis constant, quia in talibus aut gravis tarditas aut velocitas nimia vitiosa est. Insignes autem in **metris**	sunt aut dactylici, id est cum quinque dactyli ultimo spondeo clauduntur, ut
[LII D. Dac. M.] – p. 72	at si trochaeus versus clauserit, XXIII, quem volunt haberi hexametrum catalecticum.Memineris autem saepe Graecos huic **metro**	molossum et palimbacchium et creticum loco dactyli sub lege syllabarum communium admiscere.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Incipit autem et adcrescit per augmenta syllabarum dactylicum **metrum**	a dimetro usque ad hexametrum. Erit rego versus dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam |
[LII D. Dac. M.] – p. 73	qui in dactylum desinens alcmanicum, in spondeum vero archilochicum **metrum**	efficit. Pentametrus acatalectus, qui e quinque, ut*Phoebus me docuit iuga Pieridum sequi*:
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo hexametro heroo, dicetur diphilium **metrum**,	ita tamen ut ista versificatio tertium pedem spondeum semper habeat.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	. Nam quae ex heroo **metro**	per adiectionem et detractionem, item per immutationem et concinnationem genera metrorum propagata quibusve
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Nam quae ex heroo metro per adiectionem et detractionem, item per immutationem et concinnationem genera **metrorum**	propagata quibusve vocabulis nuncupata sint, decursis speciebus prototypis, de quibus nunc sermo est, persequemur,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	*mensorem cohibent Archta*; trimetrus initialis*sic te diva potens Cypri*, ‖quod **metrum**	glyconium octasyllabum dicitur; finalis autem*grato Pyrrha sub antro*,quod pherecration heptayllabon appellatur: dimetrus herous initialis erit
[LII D. Dac. M.] – p. 74	Quae portiunculae etiam ex iambico versu per huius modi cola decisae pleraque ex se pari syllabarum ratione **metrorum**	genera procreabunt. inter haec, ne ignorasse videar, non praetermiserim, quod ferunt apud auctores exempla reperiri,
[LII D. Chor. M.] – p. 86	DE CHORIAMBICO **METRO**	
[LII D. Chor. M.] – p. 86	Choriambicum **metrum**	compositum ex duobus, e quis originem trahit. etiam nominis appellationedeclatatur: nam trochaeum veteres chorium appellant.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	catalectico concurrit, est tale, *o quis ad omnesspem Cythereae*.Igitur ut a fastigio **metri**	ad minora decursum habeamus,erit in hoc hexametrum catalecticum, quod philicium nuncupari diximus,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	huic si primam longam mutaveris, id est si trochaeo retracto iambum posueris, **metrum**	antispasticum, quod est huic contrarium, figurabis, ut *libens Lydia dic cur*.invenimus plerumque et alios choriambicos
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Hoc quoque, ne praeterisse ignoratione videar, attingam. legimus apud Horatium in ea ode, cuius initium est *Lydia, dic per omneshoc deos vere*,legem **metri**	admisso spondeo minime custoditam, id est *os ve*. Nam iambum illic, qui trochaeum sequitur, esse convenerat.
[LII D. Chor. M.] – p. 87	id est *os ve*. Nam iambum illic, qui trochaeum sequitur, esse convenerat Quodsi legem **metri**	in omni versu servare voluisset, '*hoc dea vere*' posuisset, ut esset choriambus pes habens clausulam antibacchi ultimam huius modi, '*cur properas amando*'.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	DE **METRO**	PROCELEVMATICO
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Ambigitur super auctoritate proceleumatici, quod constat ex duobus pyrrichiis, id est quattuor brevibus, an inter prototypa **metra**	hoc quoque recipiendum habendumque sit, quia nec molossicum, quod constat e tribus longis, propter nimiam similitudinem induci aut videri metrum potuit.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	quod constat e tribus longis, propter nimiam similitudinem induci aut videri **metrum**	potuit. Quidam tamen decimam huic speciem post novem prototypa impertiendam esse,
[LII D. M. Proc.] – p. 99	praeterea quod numquam e pyrrichio, qui duplex in proceleumatico habetur, formata aliqua in **metris**	species proferatur. Huius versus longissimus erit tetrameter catalecticus vel, siqui illum adhunc extendere adfectet, pentameter.
[LII D. M. Proc.] – p. 99	scilicet detracta proceleumatico syllaba ultima aut duabus brevibus ultimis in unam longam redactis propter anapaestum, uti **metrum**	sit, non numerus. Scanditur autem per dipodian. Exemplum erit tetrametri catalectici [id]
[LII D. M. Proc.] – p. 99	avipedis animula leporis:trimetri autem*id agite peragite iuvenes:*dimetri *id agite iuvenes:*hoc **metro**	veteres satyricos choros modulabantur, quod Graeci ἐι'σόδιον ab ingressu chori satyrici appellabant, metrumque ipsum ει'σόδιον dixerunt.

[LII D. M. Proc.] – p. 99	hoc metro veteres satyricos choros modulabantur, quod Graeci ἐι'σόδιον ab ingressu chori satyrici appellabant,**metrumque**	ipsum ει'σόδιον dixerunt.
LIII – p. 100	CONIVUNCTIS INTER SE ET MIXTIS**METRIS**	PRAGMATICUS
LIII – p. 100	Decursis **metrorum**	per novem species fastigiis elementisque principalibus, quae Graeci πρωτότυπα velut primas figuras appellando nominarunt,
LIII – p. 100	secundum ipsam disciplinae originem consentaneum reor, quae ex isdem veluti fontibus derivata ad innumerabiles **metrorum**	species nunc per adiectionem, nunc detractionem aut transmutationem vel concinnationem processisse videantur.
LIII – p. 100	prout potero, sollicita investigatione comprehensa depromam: quo subinde ea quae fallunt apud poetas **metra**	praeceptis disciplinae instruendis facilius intellegantur, metrorum origine exorta, qua specie figurata aut situ temporum
LIII – p. 100	apud poetas metra praeceptis disciplinae instruendis facilius intellegantur, qua **metrorum**	origine exorta, qua specie figurata aut situ temporum digesta aut copulatione conexa videantur.
LIII – p. 100	qua specie figurata aut situ temporum digesta aut copulatione conexa videantur. Habet enim **metrorum**	inter se ratio summam in cognoscendo voluptatem, qua et veterum sub quacumque lege tradita celeriter comprehendere et multa ipsi
LIII – p. 100	et multa ipsi aemulante studio nova concipere animo atque informare possimus.Ita enim **metrorum**,	quae ex origine noscenda e prototypis novem profluunt, inter se varietas multiformis et de praefinito veluti quorundam seminum numero innumerabilis copia est,
LIII – p. 101	Nam ut in illo praefinito ac determinato crustarum numero multiplici earundem variatarum specie nunc navis, nunc gladius, nunc arbuscula et siqua alia figurantur, ita **metrorum**	certo ex origine numero intra decem prototypa comprehenso multiplex admodum varietatis copia propagatur.
LIII – p. 101	Nam ut [ea] exercentis aut ingenium aut voluntatis arbitrium est, ita varie ac multiformes **metrorum**	species proferuntur. Figurantur enim generalibus modis duobus, quantitatis et qualitatis,
LIII – p. 101	Figurantur enim generalibus modis duobus, quantitatis et qualitatis, specialibus autem octo. Nam quantitas immutabit **metrum**	aut per adiectionem aut per deminutionem; qualitas autem per translationem, permixtionem, transfigurationem, divisionem, unitatem,
LIII – p. 101	*in choris stimulata qualis socrus ulnas excutit*.per divisionem autem, si proceleumaticum in anapaesticum **metrum**	dividendo sic percutias, *id agite peragite celeriter*. Per unitatem vero, cum pariambus duplex iungitur,
LIII – p. 101	quod est tale,*arboribusque comae*,adiecto dimetro iambicofiat **metrum**	tale, *arboribusque comae, ut prisca gens mortalium* quale est in epodo Horatii,*scribere versiculus amore percussum gravi*.
LIII – p. 102	quae in usum aut Graeci aut Latini receperunt, subinde prodere, si prius ea a quibus initium sumendum est docuerimus [dicemus igitur de **metris**	per συμπάθειαν et ντιπάθειαν inter se coniunctis]. Dicemus igitur de mixtis ac mutua conexione sociatis metrorum generibus,
LIII – p. 102	[dicemus igitur de metris per συμπάθειαν et ντιπάθειαν inter se coniunctis].Dicemus igitur de mixtis ac mutua conexione sociatis **metrorum**	generibus, quorum bifariam ratio dispergitur. Namque alia consentanea et veluti cognata inter se ratione iungitur,
LIII – p. 102	Nam quotiens copulantur sub quacumque sede, videas veluti ex una eademque specie id compositum **metrum**	stare et quasi uniforme, quod monoides Graeci dicunt, procedere. Adaeque et trochaicae bases ionicis pari consensione sociantur
LIII – p. 102	Adaeque et trochaicae bases ionicis pari consensione sociantur, cum epiplocarum, quas amplexiones **metrorum**	diximus, mutua inter se successione variantur. Et quamvis non solum trochaeum et solutionem eius tribrachyn, sed et spondeum cum suis solutionibus.
LIII – p. 102	Et quamvis non solum trochaeum et solutionem eius tribrachyn, sed et spondeum cum suis solutionibus. Id est dactylum et anapaestum, admittant, tamen uniformia **metra**	sentiuntur, cum ex similibus et familiaribus pedibus sit ista coniunctio. Similiter dactylicis anapaestica incidunt, ut "*arma virumque cano*".
LIII – p. 102	Etenim adiectis duabus brevibus, ut supra ostendimus, fiet anapaesticum per συμπαθειαν sic, '*ades arma virumque cano*' qua vicissitudine et ex trochaicis iambica et ex anapaesticis dactylica **metras**	inter se formantur. Per αυτιπαθειαν vero, id est per contrarium adfectum seu passionem, iunguntur ea quorum inter se contrariae species haud facile copulantur.
LIII – p. 103	intellegis igitur atque ipso sensu abhorrentium aurium percipis duo |**metrorum**	cola dissidentia inter se ita confragose atque aspere coisse in |unitatem conexionemque, ut superiora lenem ac liquidam [nequaquam] |
LIII – p. 103	*tunc et amoris amor uenit improbus aliger Cupido*. |Praeterea permixtiones colorum [id est membrorum] in **metris**	|quadripertitae sunt.Aut enim metra ex duobus colis imperfectis conciliantur |aut ex duobus perfectis
LIII – p. 103	Praeterea permixtiones colorum [id est membrorum] in metris |quadripertitae sunt. Aut enim **metra**	ex duobus colis imperfectis conciliantur |aut ex duobus perfectis aut ex perfecto et imperfecto aut contra, id est ex imperfecto et perfecto,
LIII – p. 104	Quorum, sicut et aliorum complurium, autor et parens fertur Archilochus singularis artificii in excogitandis ac formandis novis **metris**,	qui primus epodos excitavit alios breviores, alios longiores,‖detrahens unum pedem seu colum metro, ut illi subiceret id quod ex ipso detractum esse videbatur:
LIII – p. 104	qui primus epodos excitavit alios breviores, alios longiores,‖ detrahens unum pedem seu colum **metro**,	ut illi subiceret id quod ex ipso detractum esse videbatur: ut in heroo, a quo primum coepit, tamquam

Mŏlōssŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	hunc brevis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita, longa **molossum**	reddit. Quo genere trisyllabi et tetrasyllabi usque ad hexasyllabos adcrescunt.
[LI D. Ped.] – p. 44	Subsistit autem e tribus brevibus, *ut anima*, temporum trium. Contrarius huic **molossus**,	dictus a Molossis, qui in Thessalia‖ degunt, e tribus longis, *ut Eumedes*.
[LI D. Ped.] – p. 44	*ut anima*, temporum trium. Contrarius huic molossus, dictus a **Molossis**,	qui in Thessalia‖ degunt, e tribus longis, *ut Eumedes*. Hi temporum inter se brevitate et extensione discrepant;
[LI D. Ped.] – p. 46	quod aeque dactylus et anapaestus brevibus suis in longam copulatis efficient. **Molossum**	[eum] quoque trium tetrasyllaborum parentem pedum in promptu est cernere.‖
[LI D. Ped.] – p. 47	Memineris sane trisyllabos pedes temporum dumtaxat quinque uel sex, ut est bacchius et **molossus**,	cum in quibusdam metris, sicut in galliambico, longae eorum solvuntur in breves,
[LI D. Ped.] – p. 48	Alter e sex longis, quibus tempora duodecim subsistunt, ut *Callistochermedes*, qui est duplex **molossus**,	hoc canone signabitur, b b b b b b, ut sit duodecasemus.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	quem volunt haberi hexametrum catalecticum. Memineris autem saepe Graecos huic metro **molossum**	et palimbacchium et creticum loco dactyli sub lege syllabarum communium admiscere.
[LII D. Chor. M.] – p. 86	eo quod ex iambo vel trochaeo solutis nascitur; raro autem **molossum**,	qui ex ipso formatur duabus mediis brevibus in unam longam coniunctis,
[LII D. M. Proc.] – p. 98	an inter prototypa metra hoc quoque recipiendum habendumque sit, quia nec **molossicum**,	quod constat e tribus longis, propter nimiam similitudinem induci aut videri metrum potuit.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	propter contrarium respondere posse conspicerent (qui tamen non ex omnibus **molossis**	conectitur; nam spondeos invicem miscet), ut est *ite, o Spartae primores, fauste nunc † parcas ducentes*.

Mŏnŏmĕtĕr

[LII D. Dac. M.] – p. 73	qui concurrit etiam in choriambicum **monometrum**	hypercatalectum, quod adonidium appellatur. Trimetrus autem acatalectus, qui e tribus, ut
[LII D. Chor. M.] – p. 87	cuius exemplum in tetrametro catalecticoo *cate rerum sator, o principium deorum***monometrum**	autem choriambicum hypercatalectum,quod etiam dactylico dimetro catalectico concurrit, est tale,

Mŏnŏsȳllăbŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 72	id est cum in quinta et sexta regione versus pedes spondei ponuntur, ut*cornua velatarum obvertimus antemnarumaut* in **monosyllabum**	desinentes, ut ‘procumbit humi bos’, aut quattuor orationis partibus decurrentes, ut

Mūtātĭŏ̲

[LI D. Ped.] – p. 44	idem et chorius ἀπὸ τῆς χορείας [sumpsit], e longa et breui temporum totidem, ut *Roma*. Horum arsis et thesis alterna **mutatione**	uariatur, siquidem in iambo arsis primam breuem, in trochaeo autem longam habeat incipientem, thesis uero contraria superioribus sumat.

Mūtŏ̲

[LI D. Litt.] – p. 7	et femininis nominibus per niminativum casum positae in omnibus declinationibus manent nec **mutantur**.	Eadem autem liquidae dicuntur, quando hae solae inter consonantem et vocalem immissae non asperum sonum faciunt,
[LI D. Ped.] – p. 44	qui in manibus habentur, uocabulum traxit. Nam ex utraque parte breuiores longiori iunguntur. Huic contrarius **mutata**	temporum uice, pari autem magnitudine, erit anapaestus, qui et antidactylus uocatur, ut *scopulos.*
[LI D. Ped.] – p. 44	nomen accepit, uel quia familiariter hic rhythmus bacchantibus aptus sit. Cui **mutato**	temporum ordine, mensura autem permanente, palimbacchius contrarius dabitur siue pompicus temporum totidem, ut *Romanus*.
[LI D. Ped.] – p. 47	, scilicet ex trochaeo et iambo copulatus, ut *Penelope*. Quorum mensura **mutato**	tantum inter se temporum ordine [apud eos] congruit.At cum prior brevis subiecta longa, rursus brevis longa terminante componitur,
[LI D. Ped.] – p. 47	ueluti spondeo pyrrichius adnexus, ionicum ἀπὸ μείζονος procreabunt, ut *Demetrius*. Rursus **mutato**	temporum situ, cum breues in prima sede, in secunda autem longae constituuntur,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	*Lydia, dic perdere cur hunc velis*;dimetrum quoqueLydia dic canoro.huic si primam longam **mutaveris**,	id est si trochaeo retracto iambum posueris, metrum antispasticum, quod est huic contrarium, figurabis, ut

Mūtŭs

[LI D. Litt.] – p. 5	Consonantium vero est species duplex: sunt enim aliae semivocales, aliae **mutae**	semivocales sunt quae per se quidem proferuntur, sed per se syllabam non faciunt.

[LI D. Litt.] – p. 5	constat enim aut ex g et s, ut rex regis, aut ex e et s, ut *pix picis;* ideoque haec littera a quibusdam negatur. **Mutae**	sunt autem quae neque per se proferri possunt nec per se syllabam faciunt sunt autem numero novem, b, c, d, g, h, k, p, q, t.
[LI D. Litt.] – p. 7	Ex his aliae sunt vocales, ut supra diximus, aliae consonantes, alia **mutae**.	Vocales sunt quae plenam vocem proferunt, || per quas etiam separatas syllabas fieri volunt. Sunt autem numero sex, a e i o u y.
[LI D. Litt.] – p. 7	Hae dividuntur in partes duas: aliae enim sunt semivocales, aliae **mutae**.	Semivocales sunt quae partem quandam vocis incipiunt,
[LI D. Litt.] – p. 7	**Mutae**	sunt quae nullius vocis sonum separatim faciunt, et sunt VIIII , b, c, d, g, h, k, p.q t.
[LI D. Litt.] – p. 7	In neutris autem sunt septem, e,l, m, n, r, s, x, ut pingue tribunal scamnum lumen marmor nemus audax. B consonans **muta**	rigida, c, consonans muta spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis,
[LI D. Litt.] – p. 7	ut pingue tribunal scamnum lumen marmor nemus audax.B consonans muta rigida, c, consonans **muta**	spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex,
[LI D. Litt.] – p. 7	lumen marmor nemus audax. B consonans muta rigida, c, consonans muta spiritalis, d consonans [hasta] **muta**	rigida, e vocalis biformis, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex, g consonans muta rigida,
[LI D. Litt.] – p. 7	rigida, e vocalis biformis, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex, g consonans **muta**	rigida, h consonans muta infirma, i vocalis interdum consonans, k consonans muta monophonos,
[LI D. Litt.] – p. 7	f consonans semivocalis apud quosdam duplex, g consonans muta rigida,h consonans **muta**	infirma, i vocalis interdum consonans, k consonans muta monophonos,
[LI D. Litt.] – p. 7	g consonans muta rigida,h consonans muta infirma,i vocalis interdum consonans, k consonans **muta**	monophonos, l consonans semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis, n consonans
[LI D. Litt.] – p. 7	n consonans semivocalis immutabilis,o vocalis biformis,p consonans **muta**	spiritalis, || q consonans muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis, s consonans semivocalis facilis,
[LI D. Litt.] – p. 7	o vocalis biformis,p consonans muta spiritalis, || q consonans **muta**	rigida, r consonans semivocalis immutabilis, s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis,
[LI D. Litt.] – p. 7	|| q consonansmuta rigida,r consonans semivocalis immutabilis,s consonans semivocalis facilis, t consonans **muta**	spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	|| aut positione, cum inferuntur breui syllabae duae consonantes, quarum prior semper **muta**,	sequens liquida est. Superest natura breuis, cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in consonantem,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda syllaba natura semper breuis, utpote sequenti loco in dactylo pede, coniunctis duabus consonantibus, quarum prior **muta**,	sequens liquida sit, longam efficit positione, ut est "*uidit turicremis*" in r, et ||
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Ergo hic pro breui accipietur lege communium, qua prior **muta**	c, sequens liquida sit r. Ita tamen ut utraque consonantes in una syllaba coniunctae habeantur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Sed et duae liquidae m et n, quae solae ex his sibi subiunguntur, non praecedente **muta**	in una syllaba longam syllabam facere possunt, ut "*omnibus errantem terris*" et "*aut Agamemnonius scaenis*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Dignum forsitan inquisitione sit, cur **muta**	liquidae sociata communem syllabam reddat, duae autem semiuocales aut mutae copulatae similiter inter se nequaquam id faciant.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	cur muta liquidae sociata communem syllabam reddat, duae autem semiuocales aut **mutae**	copulatae similiter inter se nequaquam id faciant.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	copulatae similiter inter se nequaquam id faciant. Non immerito. Nam quamuis maior in liquida quam in **muta**	uirtus sit, utpote ametabola, quae|| a tenore suo non immutetur, attamen infirmiora paria sociata praestant his
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	**Mutae**	uero et semiuocales, ut libet, appositae correptae uocali semper longam syllabam reddunt.

Nātūră

[LI D. Litt.] – p. 6	Sunt autem numero sex, a e i o u y. Harum nulla **natura**	littera longa aut brevis est, sed omnes uno modo, si corripiuntur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	aptum ac necessarium praeterire absurdum foret, consequens erit de syllabarum **natura**	et conexione tractare (nam ideo dicta est syllaba, quod a uocalibus
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Nam parente**natura**	omnis uox sub duorum accentuum sono ore mortalium promitur
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Igitur cum in metris longa syllaba opus esset, ut ea quae brevis lege **naturae**	prolata uidebatur longa efficeretur, a principibus musicae artis auctoribus positio,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Alii *oi* diphthongon uolunt esse, ut sit pes dactylus prima syllaba **natura**	Longa,*troi*, sequentibus duabus brevibus, a et que. Hoc u littera facere nequibit,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	ut exigente ratione interdum sint uocales pro suapte **natura**,	interdum consonantes, quia et praelatae et subiectae aliis uocalibus coeunt et syllabam reddunt
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	cur tres modi communium syllabarum sint, dicemus longam syllabam aut **natura**	fieri aut positione. Haec sub utraque specie communem in metris syllabam dabit,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Haec sub utraque specie communem in metris syllabam dabit, id est aut **natura**,	cum ultima pedis dactyli longa reperitur, ut "*insulae Ionio in magno*",
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	consonantes, quarum prior semper muta, sequens liquida est. Superest **natura**	brevis,cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in consonantem,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda syllaba **natura**	semper brevis, utpote sequenti loco in dactylo pede,

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Tertia uero, cum in eodem dactylo prima syllaba, quae semper **natura**	est longa, brevis inuenitur hoc modo, si correpta in ea uocalis desinat in unam consonantem,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	est asini mulo coniuncti, cum alter alterum propter inaequalitatem **naturae**	non respondentis uiribus, dum iungitur, debilitat potius quam iuuat,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	lud etiam admonente occasione intimandum est, litteras quasdam contra rationem **naturae**	metri necessitate nunc produci, ut "*Italiam fato profugus*",
[LI D. Ped.] – p. 49	et efficietur iambicusversus. Iuxta quae intellegi datur uaria diuisione coniugationum **naturam**	versuum uel a trochaico in iambicum uel ab iambico in trochaicum posse transduci.
LII – p. 70	alternationes ac mutuas aemulationum vicissitudines, quas per contrariam **naturae**	positionem habere noscuntur, eadem sic digerere, ut dactylicis anapaestica,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur, sive quia metrorum fere omnium **natura**	talis est, ut caveant ne singulas partes orationis singulorum pedum fine concludant,

Nātūrālĭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	et finit partem orationis, tunc est communis et efficitur longa, quod etiam **naturali**	ratione dinoscas. Nam cum sermo terminatur et postrema clauditur syllaba,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	quod interuallum aliquanti temporis intercapedinem sumit: sic **naturalis**	brevitas additamento temporis crescit.

Nŭmĕrŭs

[LI D. Litt.] – p. 5	Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam || faciunt. Sunt autem **numero**	quinque, a e i o u. Harum duae, i et u, transeunt in consonantium potestatem,
[LI D. Litt.] – p. 5	Sunt autem **numero**	septem, f, l, m, n, r, s, x. Ex his una duplex littera, x; constat enim aut ex g et s, ut rex regis,
[LI D. Litt.] – p. 5	Mutae sunt autem quae neque per se proferri possunt nec per se syllabam faciunt sunt autem **numero**	novem, b, c, d, g, h, k, p, q, t. Ex his supervacue quibusdam videntur k et q,
[LI D. Litt.] – p. 6	Sunt autem **numero**	sex, a e i o u y. Harum nulla natura littera longa aut brevis est,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Neque enim haec commutatio **numero**	metrorum officit congruentibus sub utraque lege temporum spatiis atque momentis.
[LI D. Ped.] – p. 43	Syllaba quae ad incrementum pedum adicitur aut longa est aut brevis: huius adiectione ita **numerus**	propagabitur. Sit pyrrichius e duabus brevibus: hunc brevis tribrachyn,
[LI D. Ped.] – p. 44	quippe cum eiusdem geminatio longum fecerit tempus, haud aliter quam in **numeris**:	etenim ex uno multiplicato, ueluti primordio ac semine, reliqui gignuntur.
[LI D. Ped.] – p. 47	Nec te syllabarum adcrescentium in metris terreat **numerus**,	cum uni cuique pedum praestituta legitime tempora custodiantur,
[LI D. Ped.] – p. 47	fieri memorant, quod necessario insinuandum esse credidi, ne syllabarum **numero**	inducti aut simplices aut compositos pedes proprii status uim semper
[LI D. Ped.] – p. 47	Igitur tetrasyllabi pedes erunt omnes sedecim, ut geminato **numero**	eadem taxatione trisyllabos, quam illi disyllabos, antecedant.
[LI D. Ped.] – p. 47	Sequuntur paeonici pedes **numero**	quattuor, qui sunt pentasemi: sescupli enim ratione subsistunt,
[LI D. Ped.] – p. 47	meritoque a Graecis ita dicti ἐπίτριτοι: nam sunt heptasemi. Vnde ex tetrasyllabis, qui sunt **numero**	XVI quattuor tantum utiles adseruntur, id est choriambus
[LI D. Ped.] – p. 47	et iambo conexum accipiemus, ut *Diogenes*.Supersunt epitriti, qui et hippii, adaeque **numero**,	quattuor, quod[que] est ueluti genus paeonicorum, praesertim cum sint spatio temporum dispares
[LI D. Ped.] – p. 47	ex spondeo et iambo concretus uidebitur, ut *Demosthenes*. Restat complendo tetrasyllaborum pedum **numero**	epitritus quartus, quem primae tres longae, quarta in ultimo brevis ex spondeo
[LI D. Ped.] – p. 48	Qui pari ratione adcrescentes tetrasyllabos ex se geminato trisyllaborum **numero**	XVI ediderunt. Rursus XVI tetrasyllabi simili ut superiores geminatione triginta
[LI D. Ped.] – p. 48	Ita [ut] summa omnium ad centum uiginti et quattuor pedes redacta est, ita ut simplices **numero**	duodecim, compositi centum et duodecim habeantur. Hi aut eiusdem inter
[LI D. Ped.] – p. 49	ut sit coniugatio e disyllabo et trisyllabo. Qui fit ut multiplex harum figurarum **numerus**	per differentias oriatur. Erit igitur in exemplo hic versus,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves **numero**	quattuor heroum versum deformarent: seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Trochaeus **numero**	tantum syllabarum spondeo congruens, velut alienus ab his, semper in extima parte versus locabitur.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	illuminatis principalibus intellegantur. Nec tamen omnia, quorum infinitus atque ommensus est **numerus**,	ausim promittere, sed quae potior auctoritas adprobat vel frequens usus celebrando commendat.
[LII D. M. Proc.] – p. 99	in unam longam redactis propter anapaestum, uti metrum sit, non **numerus**.	Scanditur autem per dipodian. Exemplum erit tetrametri catalectici [id]
LIII – p. 100	inter se varietas multiformis et de praefinito veluti quorundam seminum **numero**	innumerabilis copia est, ut ille loculus Archimedius e quattuordecim crustis eburneis,
LIII – p. 101	Nam ut in illo praefinito ac determinato crustarum **numero**	multiplici earundem variatarum specie nunc navis, nunc gladius,
LIII – p. 101	nunc gladius, nunc arbuscula et siqua alia figurantur, ita metrorum certo ex origine **numero**	intra decem prototypa comprehenso multiplex admodum varietatis copia propagatur.

Ōctăchronon

[LI D. Ped.] – p. 47	antecedant. In quibus spatia temporum a tetrachrono ad **octachronum**,	id est a quattuor temporibus ad octo, producuntur. Quorum origo proceleumaticus e quattuor brevibus
[LI D. Ped.] – p. 47	, e quattuor longis scilicet, ut compositum a spondeo nomen ostendit, qui solus in tetrasyllabis **octrachronos**	siue octasemus inuenitur, cuius exemplum *Calliclides*, haud alias quam spondeus inter

Ōctămĕtĕr

[LII D. Dac. M.] – p. 74	quod ferunt apud auctores exempla reperiri, quibus ostendant hexametrum dactylicum usque ad **octametrum**	disyllabo terminatum processisse, ultra quam proceritatem nihil in eodem scrutandum est.

Octasyllaba

[LII D. Dac. M.] – p. 74	*Odrysio lyra carmine cantat*, communis autem *mensorem cohibent Archta*; trimetrus initialis *sic te diva potens Cypri*, ‖ quod metrum glyconium **octasyllabum**	dicitur; finalis autem *grato Pyrrha sub antro*,quod pherecration heptayllabon appellatur: dimetrus herous initialis erit

Ōrātĭŏ

LI – p. 3	huic arti quot contraria opponuntur? tria. quae? κακοτεχνία, ψευδοτεχνία, ματαιοτεχνία. grammatica autem ars quae est? spectatiua **orationis**	et poematos. haec quot modis discernitur? tribus. quibus? intellectu poetarum et recte loquendi scribendique ratione. huius plerique quot partes tradiderunt? duas.
LI – p. 3	formam praecipue loquendi ad rationem et consuetudinem dirigens. definitio est º 'ut ait Cicero' ‹**oratio**›	quae quid sit de quo agitur ostendit quam breuissime
[LI D. Voc.] – p. 4	Alii eam quae dicitur in usu articularis litteralem dixerunt, ut nomina verba adverbia et ceteras partes **orationis**.	Omne autem explanativarum ‖ vocum initium et individua vox est littera,
[LI D. Voc.] – p. 4	unde consequens est ut de littera dicamus. Sed prius est ut elementum et dictionem et **orationem**	definiamus. elementum est unius cuiusque rei initium,a quo sumitur incrementum et in quod resolvitur: dictio est figura significantium vocum:
[LI D. Voc.] – p. 4	a quo sumitur incrementum et in quod resolvitur: dictio est figura significantium vocum: **oratio**	est dictio significans vel compositio dictionum significantium consummans unam sententiam.
[LI D. Litt.] – p. 7	K autem dicitur monophonos, ‖ quia nulli vocali iungitur nisi soli a brevi, et hoc ita ut ab ea pars **orationis**	incipiat; aliter autem non recte scribitur. Item vocantur spiritales tres, c, p, t, quia his h litterasubiectainseritspiritum, ut *ChironPhilonThoas*;
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Octauo, si correpta uocalis desinit in consonantem, qua pars**orationis**	finiatur, et sequens syllaba a uocali incipiat, ut "*hoc erat*" et "*hic ait*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	ut "*hoc erat alma parens*". Erit ergo communis syllaba ea condicione, qua pars**orationis**	finiatur et sequens a uocali incipiat, ne loco et sede dactyli tribrachus positus esse uideatur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	ubi uere finalis non est, uelut "*arma uirumque cano*". Quamuis enim ma syllaba partem **orationis**	compleat, tamen, ‖ quia loco longae posita non est, uim proceritatis capere non potest.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Cum autem locum obtinet longae syllabae et finit partem **orationis**,	tunc est communis et efficitur longa, quod etiam naturali ratione dinoscas.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	sive quia metrorum fere omnium natura talis est, ut caveant ne singulas partes **orationis**	singulorum pedum fine concludant, sed potius ut verba vel nomina ex residua sui parte sequentibus pedibus adnectant
[LII D. Dac. M.] – p. 71	quo pacto evenit vocum integer pes esse, sed sane ut perfectae parti **orationis**	de sequenti sermone aliquid accedat,nec umquam facile cum fine pedis pars orationis impleatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	perfectae parti orationis de sequenti sermone aliquid accedat, nec umquam facile cum fine pedis pars **orationis**	impleatur. In anapaestis autem contra evenit istud: etenim pes hic singulis coniugationibus partem orationis includere solet,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	In anapaestis autem contra evenit istud: etenim pes hic singulis coniugationibus partem **orationis**	includere solet, sicut in comoediis pleraque exempla declarant. Non numquam haec observatio praetermittitur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Sed qui fuerint eius modi versus, neque sonum neque gratiam habebunt et prosae **orationi**	similes audientur.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	aut in monosyllabum desinentes, ut 'procumbit humi bos', aut quattuor **orationis**	partibus decurrentes, ut*cornua velatarum obvertimus antemnarum*; aut ἀσύνδετοι et διά πέντε, ut*formosum pastor Corydon ardebat Alexin*.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nec enim hic, ut in superiore, primus pes creticus erit propter duas consonantes, sed pes est dactylus, primo quod pars **orationis**	compleatur cum pede, id est *ponite*, dehinc quod s p sequentis pedis inferri superiori non possunt, quae alium inchoant sensum;

Pæōn

[LI D. Ped.] – p. 47	per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri. Nam **paeones**	primus et quartus coeuntibus in unam longam duabus suis brevibus amphimacrum uel
[LI D. Ped.] – p. 47	Sequuntur **paeonici**	pedes numero quattuor, qui sunt pentasemi: sescupli enim ratione subsistunt
[LI D. Ped.] – p. 47	Sed et epitriti dicti ob adiectionem tertiae partis| * quam sunt **paeones**,	meritoque a Graecis ita dicti ἐπίτριτοι: nam sunt heptasemi.
[LI D. Ped.] – p. 47	nam ditrochaeum et diiambum inter disyllabos magis aptos haberi uolunt. Igitur **paeon**	primus erit prima longa cui tres continuae breves adhaerent, ex trochaeo
[LI D. Ped.] – p. 47	breves adhaerent, ex trochaeo et pyrrichio copulatus, ut *Caecilius*. Secundus **paeon**	praecedente brevi, sequente longa, cui subiciuntur duae breves,
[LI D. Ped.] – p. 47	qui et hippii, adaeque numero quattuor, quod[que] est ueluti genus **paeonicorum**,	praesertim cum sint spatio temporum dispares, forma consimiles:
LII – p. 70	et choriambicum et antispasticum, ionicum ἀπό μείονος, ionicum ἀπό ἐλάσσονος et **paeonicum**.	Nam proceleumaticam speciem novem prototypis decimam adsociandam

Pălīmbācchīŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	longa dactylum aut anapaestum facit. Sit spondeus e duabus longis: hunc brevis **palimbacchium**	seu bacchium in prima sede posita, longa molossum reddit.
[LI D. Ped.] – p. 44	Cui mutato temporum ordine, mensura autem permanente, **palimbacchius**	contrarius dabitur siue pompicus temporum totidem, ut *Romanus*.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Memineris autem saepe Graecos huic metro molossum et **palimbacchium**	et creticum loco dactyli sub lege syllabarum communium admiscere.

Pariambus

[LI D. Ped.] – p. 44	Quorum princeps et auctor pyrrichius, qui et **pariambus**	et dibrachys appellatur:
[LI D. Ped.] – p. 44	sed **pariambus**	ideo, quod minus habeat unum tempus ab
LIII – p. 101	Per unitatem vero, cum **pariambus**	duplex iungitur, *agite iam agite cito modo mea*,et fit proceleumaticus. Per transfigurationem quoque, cum herous figuram trimetri accipit, velut

Pēntămĕtĕr

[LII D. Chor. M.] – p. 87	*Lydia, dic perdere cur hunc cupias. Quid retices? Quid dubitas? Quid haeres?***pentametrum**	autem, quo frequenter Cratinus usus est, catalecticum sic, *Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid retices maligne?*

Pēntăsȳllăbŭs

[LI D. Ped.] – p. 48	Hac inspectione conicere poteris, quem ad modum ex disyllabis et trisyllabis **pentasyllabi**,	sed et geminatis trisyllabis hexasyllabi pedes formati uideantur, quórum syllabatim per tempora species
[LI D. Ped.] – p. 48	ut superiores geminatione triginta et duo ex se schemata, id est figurationes, pedum **pentasyllaborum**	reddiderunt. Hi quoque dum per syllabas, ut priores, augentur ac tempora, hexasyllabos pedes pari ratione in schematibus
[LI D. Ped.] – p. 48	Ex quibus magis mele et rhythmi lyricorum modulorum quam metra formari poterunt. Incipiunt autem et porriguntur tempora in **pentasyllabis**	a quinque usque ad decem, id est a pentasemo ad decasemum χρονικῇ παραυξήσει, ut sit pentassemus *Philopolemus* e quinque breuibus, a a a a a;
[LI D. Ped.] – p. 49	. Non parua autem in **pentasyllabis**	copulandis quaestio est, qua colliguntur differentiae figurarum. Namque interest mediam syllabam cui parti| uelis adnectere.
[LI D. Ped.] – p. 49	trochaico in iambicum uel ab iambico in trochaicum posse transduci. Hoc igitur de cunctistriginta duobus **pentasyllabis**	pedibus accipiendum est: quae quidem uariatio non in aliis quam in pentasyllabis coniugationibus euenire consueuit causa mediae syllabae,
[LI D. Ped.] – p. 49	Hoc igitur de cunctistriginta duobus pentasyllabis pedibus accipiendum est: quae quidem uariatio non in aliis quam in **pentasyllabis**	coniugationibus euenire consueuit causa mediae syllabae, quae mouetur, cum aut praecedentibus aut subsequentibus syllabis copulatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 74	quod pherecration heptayllabon appellatur: dimetrus herous initialis erit*arma sonantia*,novissimalis, qui **pentasyllabos**	dicitur, *terruit urbem.*

Pēnthēmĭmĕrēs

[LII D. Dac. M.] – p. 70	est et in duas caeditur partes, de quibus supra diximus, **penthemimeren**	et hephthemimeren. Dactylicum enim, licet isdem subsistat pedibus,
LIII – p. 101	Per compositionem autem, si ex heroo dimetro, cui syllaba adiecta in novissimo erit, quod **penthemimeres**	vocatur, quod est tale,*arboribusque comae*,adiecto dimetro iambico fiat metrum tale,

Phĕrĕ̲crătĭŭm

[LII D. Dac. M.] – p. 74	quod metrum glyconium octasyllabum dicitur; finalis autem*grato Pyrrha sub antro*,quod **pherecration**	heptayllabon appellatur: dimetrus herous initialis erit*arma sonantia*,

Pŏēmă

LI – p. 3	tria. quae? κακοτεχνία, ψευδοτεχνία, ματαιοτεχνία. grammatica autem ars quae est? spectatiua orationis et **poematos**.	haec quot modis discernitur? tribus. quibus? intellectu poetarum et recte loquendi scribendique ratione.

Pŏētă

LI – p. 3	grammatica autem ars quae est? spectatiua orationis et poematos. haec quot modis discernitur? tribus. quibus? intellectu **poetarum**	et recte loquendi scribendique ratione. huius plerique quot partes tradiderunt? duas
LI – p. 3	ut Varroni placet, ars grammatica, quae a nobis litteratura dicitur, scientia est ‹rerum› quae a **poetis**,	historicis oratoribusque dicuntur ex parte (0066) maiore. eius praecipua officia sunt quattuor, ut ipsi placet: scribere,
LI – p. 3	eius praecipua officia sunt quattuor, ut ipsi placet: scribere, legere, intellegere, probare. ut Aristoni placet: grammatice est scientia **poetas**	et historicos intellegere, formam praecipue loquendi ad rationem et consuetudinem dirigens.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	id | est duarum consonantium copulatio, reperta atque inducta est. Haec deinceps obseruatio consensione **poetarum**	legem dedit, quae auctoritatem de uetustate temporis trahens disciplinam ueluti sacrosanctae in metris obseruationis ceteris sanxit.
LIII – p. 100	sollicita investigatione comprehensa depromam: quo subinde ea quae fallunt apud **poetas**	metra praeceptis disciplinae instruendis facilius intellegantur, qua metrorum origine exorta,
LIII – p. 104	Verum haec hactenus noscenda sunt, ne quid per imperitiam praeteriisse videamur: alioquin et vitanda et respuenda sunt. Nam perfecto **poetae**	levia et sonora sectanda sunt; quae autem fragosa et aspera, dicis causa, non ut imitentur, sed ut vitentur, noscenda sunt.

Pŏētĭcŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 39	"*redduxere retro longe capita ardua ab ictu*"; ‖siquidem artis **poeticae**,	in eo uim rationemque subsistere manifestum sit, ut uerba seu nomina metro repugnantia uel corripiat uel acuat, interdum minuat

Pŏētēstās

[LI D. Litt.] – p. 5	est litteris, notantur, nisi cum vocales vice syllabarum funguntur. [Nam] accidunt uni cuique litterae nomen figura **potestas**,	nomen est quo appellatur,figura que notatur, potestas qua valet. Litterarum aliae sunt vocales,
[LI D. Litt.] – p. 5	[Nam] accidunt uni cuique litterae nomen figura potestas, nomen est quo appellatur, figura que notatur, **potestas**	qua valet. Litterarum aliae sunt vocales, aliae consonantes.Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam
[LI D. Litt.] – p. 5	Sunt autem numero quinque, a e i o u. Harum duae, i et u, transeunt in consonantium **potestatem**,	cum aut ipsae inter se geminantur aut cum aliis vocalibus iunguntur, *ut Iuno vates*.
[LI D. Litt.] – p. 7	z consonans semivocalis graeca duplex. R et s litterae apud antiquos communem **potestatem**	habebant, arbos labos honos, nunc arbos labos honor.|. Sed ut ad propositum nobis redeam, discussa litterarum tam enuntiatione quam potestate,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Sed ut ad propositum nobis redeam, discussa litterarum tam enuntiatione quam **potestate**,	quod cumulo plenissimae eruditionis aptum ac necessarium praeterire absurdum foret,

Prŏcĕleūmătĭcŭs

[LI D. Ped.] – p. 46	sequens dactylum procreabit. Vtraque autem diuisa tetrasyllabum e quattuor brevibus, id est **proceleumaticum**	pedem, dabit, qui rursus [contra] consociatis inter se brevibus ad originem reuertetur
[LI D. Ped.] – p. 47	id est a quattuor temporibus ad octo, producuntur. Quorum origo **proceleumaticus**	e quattuor brevibus subsistens, ut *Minucius*, habebit contrarium dispondeum, e quattuor longis scilicet,
LII – p. 70	ionicum ἀπό μείονος, ionicum ἀπό ἐλάσσονος et paeonicum. Nam **proceleumaticam**	speciem novem prototypis decimam adsociandam esse quidam putant, de quo suo loco dicemus.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Ambigitur super auctoritate **proceleumatici**,	quod constat ex duobus pyrrichiis, id est quattuor brevibus,
[LII D. M. Proc.] – p. 98	ultimis brevibus demonstrat. Nam ex dimetro anapaestico tetrameter **proceleumaticus**	figurabitur versus longa eius in duas breves soluta et syzygia in simplices pedes divisa, ut est
[LII D. M. Proc.] – p. 99	praeterea quod numquam e pyrrichio, qui duplex in **proceleumatico**	habetur, formata aliqua in metris species proferatur. Huius versus longissimus

[LII D. M. Proc.] – p. 99	extendere adfectet, pentameter. Recipit autem prima et secunda et tertia sede **proceleumaticum**,	quarta tribrachyn aut anapaestum, quibus et clauditur, scilicet detracta
[LII D. M. Proc.] – p. 99	quarta tribrachyn aut anapaestum, quibus et clauditur, scilicet detracta **proceleumatico**	syllaba ultima aut duabus brevibus ultimis in unam longam redactis propter anapaestum,
LIII – p. 101	*in choris stimulata qualis socrus ulnas excutit*.per divisionem autem, si **proceleumaticum**	in anapaesticum metrum dividendo sic percutias, *id agite peragite celeriter*.
LIII – p. 101	cum pariambus duplex iungitur,*agite iam agite cito modo mea,*et fit **proceleumaticus**.	Per transfigurationem quoque, cum herous figuram trimetri accipit, velut*Albani muris Albam Langam cinxerunt:*

Pȳgnōmus

[LI D. Ped.] – p. 44	sicut disyllabi dibrachyn, dictum a temporum substantia. Idem et **pygnomus**	a quibusdam, ne uos praetereat, uocatur. Subsistit autem e tribus brevibus,

Pȳrrhĭchĭŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	Syllaba quae ad incrementum pedum adicitur aut longa est aut brevis: huius adiectione ita numerus propagabitur. Sit **pyrrichius**	e duabus brevibus: hunc brevis tribrachyn, longa dactylum aut anapaestum facit.
[LI D. Ped.] – p. 44	Ex quibus disyllabi quidem quattuor duum uel trium uel quattuor temporum existunt. Quorum princeps et auctor **pyrrichius**,	qui et pariambus et dibrachys appellatur: sed pariambus ideo,
[LI D. Ped.] – p. 44	Nec immerito a || Graecis hic pes, ut auctor et parens reliquorum, ἡγεμών dicitur. **Pyrrichius**	autem a celeri motu ac recursu, qui in pyrricha habetur, nuncupatus est.
[LI D. Ped.] – p. 44	nam prior trium, sequens sex temporum spatio prolatatur, quod in disyllabis in **pyrrichio**	et spondeo docuimus. At qui| prima longa duabus brevibus subiectis ordinatur,
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam praeeuntibus duabus longis subiectae duae breves, ueluti spondeo **pyrrichius**	adnexus, ionicum ἀπὸ **μείζονος** procreabunt, ut *Demetrius*. Rursus mutato temporum situ,
[LI D. Ped.] – p. 47	cum breves in prima sede, in secunda autem longae constituuntur, id est **pyrrichio**	spondeus iugatus, ionicum ἀπὸ ἐ**λάσσονος** gignit, ut Diomedes.
[LI D. Ped.] – p. 47	Igitur paeon primus erit prima longa cui tres continuae breves adhaerent, ex trochaeo et **pyrrichio**	copulatus, ut *Caecilius*. Secundus paeon praecedente brevi
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus paeon praecedente brevi, sequente longa, cui subiciuntur duae breves, ex iambo **pyrrichio**	formabitur, ut *canephorus*. Tertius e duabus brevibus, longa tertia,
[LI D. Ped.] – p. 47	Tertius e duabus brevibus, longa tertia, quarta brevi syllaba, compositus ex **pyrrichio**	et trochaeo, ut *Epicurus*. Quartum autem quarta longa,
[LI D. Ped.] – p. 47	Quartum autem quarta longa, tribus brevibus syllabis in prima regione positis, ex **pyrrichio**||	et iambo conexum accipiemus, ut *Diogenes*. Supersunt epitriti,
[LI D. Ped.] – p. 48	qua pedes a primordio multiplicati noscuntur, talis est. Nam ex primigeniis duobus **pyrrichio**	et spondeo adquisitis facta temporum permixtione iambo et trochaeo quattuor disyllabi pedes effecti sunt.
LII – p. 69	incipiens tempore et in longo desinens, velut a minori ad maius egressus, per temporum incrementa consurgat. **Pyrrichius**	enim nullum ex se metrum edidit, trochaeus vero a longa incipit. Nos autem,
[LII D. Dac. M.] – p. 73	et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos, id est trochaeum iambum **pyrrichium**	spondeum, per ordinem semper positos inveniri, si velis alias, quam hexametri heroi lex postulat,?
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Ambigitur super auctoritate proceleumatici, quod constat ex duobus **pyrrichiis**,	id est quattuor brevibus, an inter prototypa metra hoc quoque recipiendum habendumque sit,
[LII D. M. Proc.] – p. 99	*tuba terribilem sonitum crepuit;* praeterea quod numquam e **pyrrichio**,	qui duplex in proceleumatico habetur, formata aliqua in metris species proferatur.

Rhȳthmŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	a et versus per hos pedes procedit et scandit. Inter pedem autem et **rhythmum**	hoc interest, quod pes sine rhythmo esse non potest,
[LI D. Ped.] – p. 43	Inter pedem autem et rhythmum hoc interest, quod pes sine **rhythmo**	esse non potest, rhythmus autem sine pede decurrit. Non enim gradiuntur mele pedum mensionibus,
[LI D. Ped.] – p. 43	pedem autem et rhythmum hoc interest, quod pes sine rhythmo esse non potest, **rhythmus**	autem sine pede decurrit. Non enim gradiuntur mele pedum mensionibus,
[LI D. Ped.] – p. 43	sine pede decurrit. Non enim gradiuntur mele pedum mensionibus, sed **rhythmis**	fiunt. Pedes igitur simplices sunt duodecim, qui procedunt adcrescuntque a duabus syllabis ad tres,
[LI D. Ped.] – p. 44	quae aptissime hoc metro componuntur, nomen accepit, uel quia familiariter hic **rhythmus**	bacchantibus aptus sit. Cui mutato temporum ordine, mensura autem permanente,
[LI D. Ped.] – p. 48	Hi aut eiusdem inter se mensurae sunt aut sescuplo anteeunt aut duplo. Ex quibus magis mele et **rhythmi**	lyricorum modulorum quam metra formari poterunt. Incipiunt autem et porriguntur

Sāpphĭcŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 70	diphilium seu choerilium, lagaoedicum seu archebulium, aeolicum sive **sapphicum**	et cetera, de quorum statu ac ratione suo loco dicemus.

Sēmĭvōcālēs

[LI D. Litt.] – p. 5	Consonantium vero est species duplex: sunt enim aliae **semivocales**,	aliae mutae semivocales sunt quae per se quidem proferuntur, sed per se syllabam non faciunt.
[LI D. Litt.] – p. 5	Consonantium vero est species duplex: sunt enim aliae semivocales,aliae mutae **semivocales**	sunt quae per se quidem proferuntur, sed per se syllabam non faciunt.
[LI D. Litt.] – p. 6	Residuae autem litterae omnes consonantes sunt XVII, b, c, d, f, g, h, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z. Hae dividuntur in partes duas: aliae enim sunt **semivocales**,	aliae mutae. Semivocales sunt quae partem quandam vocis incipiunt, sed implere non possunt, et
[LI D. Litt.] – p. 6	Hae dividuntur in partes duas: aliae enim sunt semivocales, aliae mutae. **Semivocales**	sunt quae partem quandam vocis incipiunt, sed implere non possunt, et sunt VIII, f, l, m, n r, s, x, z.

Sēmĭvōcālĭs

[LI D. Litt.] – p. 6	et vocalem immissae non asperum sonum faciunt, ut clamor Tmolus | consul Africa. Item ex isdem **semivocalibus**	duplices sunt duae, x et z: singulae enim in metrica ratione pro duabus consonantibus valent.
[LI D. Litt.] – p. 6	Item ex isdem semivocalibus duplices sunt duae, x et z: singulae enim in metrica ratione pro duabus consonantibus valent. residuae **semivocalium**	sunt f et s. Ex quibus f quidam errantes duplicem dicunt, quia ex p et h composita videatur.
[LI D. Litt.] – p. 7	Quod contingit omnibus **semivocalibus**	absque sola r; sed ea plurimum in peregrinis nominibus adspiratur. Addita autem fuerat a veteribus non frustra velut F, quam musici digamma vocant.
[LI D. Litt.] – p. 7	consonans muta spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f consonans **semivocalis**	apud quosdam duplex, g consonans muta rigida, f consonans semivocalis apud quosdam duplex,
[LI D. Litt.] – p. 7	interdum consonans, k consonans muta monophonos,l consonans **semivocalis**	immutabilis,m consonans semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis,
[LI D. Litt.] – p. 7	k consonans muta monophonos,l consonans semivocalis immutabilis,m consonans **semivocalis**	immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis, vocalis biformis, p consonans muta spiritalis,
[LI D. Litt.] – p. 7	l consonans semivocalis immutabilis,m consonans semivocalis immutabilis, n consonans **semivocalis**	immutabilis, o vocalis biformis, p consonans muta spiritalis, ‖ q consonans muta rigida,
[LI D. Litt.] – p. 7	biformis, p consonans muta spiritalis,‖ q consonans muta rigida, r consonans **semivocalis**	immutabilis,s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans,
[LI D. Litt.] – p. 7	‖ q consonans muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis, s consonans **semivocalis**	facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans,x consonans semivocalis duplex,
[LI D. Litt.] – p. 7	s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans **semivocalis**	duplex, y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex. R et s litterae apud antiquos communem potestatem habebant,
[LI D. Litt.] – p. 7	vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca, z consonans **semivocalis**	graeca duplex. R et s litterae apud antiquos communem potestatem habebant,

Sēntēntĭă

[LI D. Voc.] – p. 4	oratio est dictio significans vel compositio dictionum significantium consummans unam **sententiam**.	
LIII – p. 103	ut sunt ionica απομειξονοζ cum iambicis vel dactylica cum trochaicis semper **dissententia**	inter se atque abhorrentia, unde et ασυναρτητα a Graecis, id est inconexa, appellantur, ut est

Sĭmōnīdĭŭs

[LII D. Dac. M.] – p. 73	qui e quinque, ut *Phoebus me docuit iuga Pieridum sequi*:et hoc **simonidium**	decitur.

Spīrĭtālĭs

[LI D. Litt.] – p. 7	Item vocantur **spiritales**	tres, c, p, t, quia his h litterasubiectainseritspiritum, ut *ChironPhilonThoas*;
[LI D. Litt.] – p. 7	B consonans muta rigida, c, consonans muta **spiritalis**,	d consonans [hasta] muta rigida, e vocalis biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex,

[LI D. Litt.] – p. 7	n consonans semivocalis immutabilis, o vocalis biformis, p consonans muta **spiritalis**,	|| q consonans muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis,m consonans semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis,
[LI D. Litt.] – p. 7	p consonans muta spiritalis, || q consonans muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis s consonans semivocalis facilis, t consonans muta **spiritalis**,	v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex.

Spīrĭtŭs

[LI D. Litt.] – p. 7	Item vocantur spiritales tres,c, p, t, quia his h litterasubiectainserit**spiritum**,	ut *ChironPhilonThoas*; et ideoresiduae b d g q nominantur rigidae,quia nullam earum eadem h ad recipiendam adspirationem flectat.

Spōndēŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	Sit **spondeus**	e duabus longis: hunc brevis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita,
[LI D. Ped.] – p. 44	qui in pyrricha habetur, nuncupatus est. Hic contrarius est **spondeus**	e duabus longis, *ut reges*, temporum quattuor, dictus a tractu cantus eius qui
[LI D. Ped.] – p. 44	sequens sex temporum spatio prolatatur, quod in disyllabis in pyrrichio et **spondeo**	docuimus. At qui| prima longa duabus brevibus subiectis ordinatur,
[LI D. Ped.] – p. 46	Nam trochaei seu iambi longa in duas breves diuisa tribrachyn pedem efficiet. Adaeque in **spondeo**	soluta in breves| prior longa anapaestum, sequens dactylum procreabit.
[LI D. Ped.] – p. 46	qui rursus [contra] consociatis inter se brevibus ad originem reuertetur, id est **spondeum**	reformabit: quod aeque dactylus et anapaestus brevibus suis in longam copulatis efficient.
[LI D. Ped.] – p. 47	habebit contrarium dispondeum, e quattuor longis scilicet, ut compositum a **spondeo**	nomen ostendit, qui solus in tetrasyllabis octrachronos siue octasemus inuenitur,
[LI D. Ped.] – p. 47	qui solus in tetrasyllabis octrachronos siue octasemus inuenitur, cuius exemplum *Calliclides*, haud alias quam **spondeus**	inter disyllabos tetrachronos est. Sequitur antispastus, cuiús prima et ultima brevis,
[LI D. Ped.] – p. 47	Nam praeeuntibus duabus longis subiectae duae breves, ueluti **spondeo**	pyrrichius adnexus, ionicum ἀπὸ **μείζονος** procreabunt, ut *Demetrius*.
[LI D. Ped.] – p. 47	Rursus mutato temporum situ, cum breves in prima sede, in secunda autem longae constituuntur, id est pyrrichio **spondeus**	iugatus, ionicum ἀπὸ ἐλάσσονος gignit, ut Diomedes.
[LI D. Ped.] – p. 47	Quorum primus priore syllaba brevi, sequentibus longis tribus, ex iambo et **spondeo**	constabit, ut *Aristocles*. Secundus e longa et brevi, subiunctis ei duabus longis,
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus e longa et brevi, subiunctis ei duabus longis, erit ex trochaeo et **spondeo**	copulatus, ut *Archimedes*. Tertius, in quo primae duae longae,
[LI D. Ped.] – p. 47	Tertius, in quo primae duae longae, tertia brevis, longa ultima, ex **spondeo**	et iambo concretus uidebitur, ut *Demosthenes*. Restat complendo tetrasyllaborum pedum numero epitritus quartus,
[LI D. Ped.] – p. 47	quem primae tres longae, quarta in ultimo brevis ex **spondeo**	et trochaeo conexum esse demonstrant, ut *Irenaeus*.
[LI D. Ped.] – p. 48	talis est. Nam ex primigeniis duobus pyrrichio et **spondeo**	adquisitis facta temporum permixtione iambo et trochaeo quattuor disyllabi pedes effecti sunt.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Igitur dactylicum hexametrum constat e **spondeo**,	trochaeo et eodem dactylo. Habet autem sedes sex, quas Aristoxenus musicus χώρας vocat.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	non tamen isdem divisionibus ut herous caeditur versus. Inter **spondeum**	autem et dactylum mensura temporum congruente etiam in arsi et thesi eadem aequalitas
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Eadem cognatione etiam anapaestus, qui [e] **spondei**	prima in duas breves divisa efficitur, heroo posset adnecti metro,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	et prosae orationi similes audientur. Trochaeus numero tantum syllabarum **spondeo**	congruens, velut alienus ab his, semper in extima parte versus locabitur.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Heroi versus vitiosi habentur qui ex solis dactylis vel qui ex solis **spondeis**	constant, quia in talibus aut gravis tarditas aut velocitas nimia vitiosa est.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Insignes autem in metris sunt aut dactylici, id est cum quinque dactyli ultimo **spondeo**	claudantur, ut *panditur interea domus omnipotentis Olympi*
[LII D. Dac. M.] – p. 72	aut spondiazontes, id est cum in quinta et sexta regione versus pedes **spondei**	ponuntur, ut *cornua velatarum obvertimus antemnarum* aut in monosyllabum desinentes,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Incipit autem versus herous hexameter a duodecim syllabis, in quo omnes **spondei**	sunt, ut *non phocae turpes, non marcentes ballenae*,et crescit usque ad XVII syllabas.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	et apud eruditos absurdum habeatur, quotiens et quibus in locis per alternas dactyli et **spondei**	vices inter se obortae collocentur: quas tamen XXXII esse manifestum est.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	quas tamen XXXII esse manifestum est. Est autem herous versus temporum XXIIII, **spondeo**	dumtaxat ultimo. at si trochaeus versus clauserit, XXIII, quem volunt haberi hexametrum catalecticum.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	*nos patriae fines et dulcia* qui in dactylum desinens alcmanicum, in **spondeum**	vero archilochicum metrum efficit. Pentametrus acatalectus, qui e quinque, ut
[LII D. Dac. M.] – p. 73	fit catalecticum in syllabam, cuius ea compositio est, ut habeat duos dactylos et **spondeum**,	dehinc totidem dactylos et in fine syllabam, ut *alma parens, genetrix divum, decus Oceano*.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	dicetur diphilium metrum, ita tamen ut ista versificatio tertium pedem **spondeum**	semper habeat. Hoc quoque dignum eruditis auribus non praetermiserim repertum in hexametro versu dactylico
[LII D. Dac. M.] – p. 73	in hexametro versu dactylico, cui tamen duo cola e duobus dactylis et **spondeo**	constabunt, quattuor pedes disyllabos, id est trochaeum iambum pyrrichium spondeum,
[LII D. Dac. M.] – p. 73	quattuor pedes disyllabos, id est trochaeum iambum pyrrichium **spondeum**,	per ordinem semper positos inveniri, si velis alias, quam hexametri heroi lex postulat,?
[LII D. Chor. M.] – p. 87	*Lydia, dic per omnes hoc deos vere*, legem metri admisso **spondeo**	minime custoditam, id est *os ve*. Nam iambum illic, qui trochaeum sequitur,

[LII D. M. Proc.] – p. 98	arium respondere posse conspicerent (qui tamen non ex omnibus molossis conectitur; nam **spondeos**	invicem miscet), ut est *ite, o Spartae primores, fauste nunc † parcas ducentes*.
LIII – p. 102	Et quamvis non solum trochaeum et solutionem eius tribrachyn, sed et **spondeum**	cum suis solutionibus. Id est dactylum et anapaestum,

Spōndīăzōn

[LII D. Dac. M.] – p. 72	id est cum quinque dactyli ultimo spondeo clauduntur, ut*panditur interea domus omnipotentis Olympi*aut **spondiazontes**,	id est cum in quinta et sexta regione versus pedes spondei ponuntur, ut

Sȳllăbă

[LI D. Litt.] – p. 5	Una figura notabilis quare? Ideo quia una quaeque littera suam figuram habet. Nam **syllabae**	pluribus figuris, id est litteris, notantur,nisi cum vocales vice syllabarum funguntur.
[LI D. Litt.] – p. 5	Nam syllabae pluribus figuris, id est litteris, notantur, nisi cum vocales vice **syllabarum**	funguntur. [Nam] accidunt uni cuique litterae nomen figura potestas,
[LI D. Litt.] – p. 5	Vocales sunt quae per se proferuntur et per se **syllabam**	|| faciunt.Sunt autem numero quinque, a e i o u. Harum duae, i et u,
[LI D. Litt.] – p. 5	Consonantium vero est species duplex: sunt enim aliae semivocales, aliae mutae semivocales sunt quae per se quidem proferuntur, sed per se **syllabam**	non faciunt.Sunt autem numero septem, f, l, m, n, r, s, x. Ex his una duplex littera,
[LI D. Litt.] – p. 5	Mutae sunt autem quae neque per se proferri possunt nec per se **syllabam**	faciunt sunt autem numero novem, b, c, d, g, h, k, p, q, t.
[LI D. Litt.] – p. 6	Vocales sunt quae plenam vocem proferunt, || per quas etiam separatas **syllabas**	fieri volunt.Sunt autem numero sex, a e i o u y. Harum nulla natura littera longa aut brevis est,
[LI D. Litt.] – p. 6	S autem vocatur facillis, quando plurimus consonantium iuncta in **syllabarum**	sono miscetur.Mutae sunt quae nullius vocis sonum separatim faciunt,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	DE **SYLLABARVM**	NATVRA ET CONEXIONE
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Sed ut ad propositum nobis redeam, discussa litterarum tam enuntiatione quam potestate, quod cumulo plenissimae eruditionis aptum ac necessarium praeterire absurdum foret, consequens erit de **syllabarum**	natura et conexione tractare(nam ideo dicta est syllaba, quod a uocalibus, sine quis eadem coire non potest,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	consequens erit de syllabarum natura et conexione tractare (nam ideo dicta est **syllaba**,	quod a uocalibus, sine quis eadem coire non potest, reliquae litterae, ut fides graeci sermonis indicat, comprehendantur, id est παρὰ τὸ συλλαμβάνειν τά γράμματα):
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Positio autem consonantium litterarum breues **syllabas**	secundum disciplinam legemque metricae artis efficit longas.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Igitur cum in metris longa**syllaba**	opus esset, ut ea quae breuis lege naturae prolata uidebatur longa efficeretur, a principibus musicae artis auctoribus positio, id | est duarum consonantium copulatio, reperta atque inducta est.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	disciplinam ueluti sacrosanctae in metris obseruationis ceteris sanxit. Igitur **syllaba**	breuis tempus unum,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	longaduo neque amplius recipit, ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente ut pro **syllaba**	longa duae breues aut pro duabus breuibus unalonga ponatur, id quod in [trimetris] anapaesticis iambicis et ceteris huius modi uersibus datur cognoscere.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Alii *oi* diphthongon uolunt esse, ut sit pes dactylus prima**syllaba**	naturalonga, *troi*, sequentibus duabus breuibus, a et que.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Nam ita ponuntur hae duae litterae in **syllabis**,	ut exigente ratione interdum sint uocales pro suapte natura,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	interdum consonantes, quia et praelatae et subiectae aliis uocalibus coeunt et **syllabam**	reddunt, quod reliquae facere non possunt ut [eaedem et consonantes sint et uocales].
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Nam cum et inter se geminantur et cum aliis iunguntur, prima earum quae in **syllaba**	fuerit euidenti ratione consonans erit, quippe cum uocis sonus in subiecta tantum uocali audiatur, ut *iaculum Iuno uota uultus* et his similia.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Octauo, si correpta uocalis desinit in consonantem, qua pars orationis finiatur, et sequens **syllaba**	a uocali incipiat, ut "*hoc erat*" et "*hic ait*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Quarum | in metris triplex ratio et causa reperitur, siquidem una eademque **syllaba**	nunc longa nunc breuis utriusque temporis lege fungatur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Sciscitantibus autem, cur tres modi communium **syllabarum**	sint,dicemus longam syllabam aut natura fieri aut positione.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	cur tres modi communium syllabarum sint, dicemus longam **syllabam**	aut natura fieri aut positione.Haec sub utraque specie communem in metris syllabam dabit,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Haec sub utraque specie communem in metris **syllabam**	dabit, id est aut natura, cum ultima pedis dactyli longa reperitur, ut "*insulae Ionio in magno*",
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	|| aut positione, cum inferuntur breui **syllabae**	duae consonantes, quarum prior semper muta, sequens liquida est.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Superest natura breuis, cuius unus modus, id est cum correpta uocalis desinit in consonantem, ea dumtaxat lege ut sequens **syllaba**	incipiat a uocali, tamquam "*hic ait et nostris*".Ita
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Igitur prima species erit quae dactyli pedis tertiam breuem seu producta uocali seu duarum coniunctione, id est diphthongo, longam efficiens contra legem hexametri heroi amphimacrum inducit, qui pro dactylo lege communium **syllabarum**	accipietur, ita tamen ut sequens a uocali pes inchoet.

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Nam sub illa coniunctione longae quae sunt huius modi, utriusque uocalis nomen incurrunt, et in collisione spatium temporis ipsa pronuntiandi celeritate consumitur: quamquam non nulli quasi finalem **syllabam**	propter indifferentiam, quae in metris omnibus competit, tradant,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	quae in metris omnibus competit, tradant, super quo plerique ambigunt in isto dumtaxat **syllabarum**	communium priuilegio.Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda syllaba natura semper brevis,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Harum altera est, cum eiusdem pedis secunda **syllaba**	natura semper breuis, utpote sequenti loco in dactylo pede, coniunctis duabus consonantibus, quarum prior muta, sequens liquida sit, longam efficit positione, ut est "*uidit turicremis*" in r, et ‖
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	in n. Habes exempla quattuor liquidarum, quas ametabolas diximus.Nam aut breuis **syllaba**	est loco longae posita, aut positione longa uim | suae proceritatis loci condicione non obtinet.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	qua prior muta c, sequens liquida sit r. Ita tamen ut utraque consonantes in una**syllaba**	coniunctae habeantur. Nam si altera earum in secunda syllaba, sequens in tertia reperiatur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Nam si altera earum in secunda **syllaba**,	sequens in tertia reperiatur, non iam communemsed longam syllabam iure efficient.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Nam si altera earum in secunda syllaba, sequens in tertia reperiatur, non iam communemsed longam **syllabam**	iure efficient. Sed et duae liquidae m et n, quae solae ex his sibi subiunguntur,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Sed et duae liquidae m et n, quae solae ex his sibi subiunguntur, non praecedente muta in una**syllaba**	longam syllabam facere possunt, ut "*omnibus errantem terris*" et "*aut Agamemnonius scaenis*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	quae solae ex his sibi subiunguntur, non praecedente muta in una syllaba longam **syllabam**	facere possunt, ut "*omnibus errantem terris*" et "*aut Agamemnonius scaenis*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Tertia uero, cum in eodem dactylo prima**syllaba**,	quae semper natura est longa, breuis inuenitur hoc modo, si correpta in ea uocalis desinat in unam consonantem, ut "*hoc erat alma parens*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Erit ergo communis **syllaba**	ea condicione, qua pars orationis finiatur et sequens a uocali incipiat, ne loco et sede dactyli tribrachus positus esse uideatur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Neque enim hic finalem **syllabam**	causatus sis: nam nulla ibi proceritas sonat, ubi uere finalis non est, uelut "*arma uirumque cano*".
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Quamuis enim ma **syllaba**	partem orationis compleat, tamen, ‖ quia loco longae posita non est, uim proceritatis capere non potest.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Cum autem locum obtinet longae **syllabae**	et finit partem orationis, tunc est communis et efficitur longa, quod etiam naturali ratione dinoscas.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	Nam cum sermo terminatur et postrema clauditur **syllaba**,	ad initium alterius transitum fieri manifestum est, quod interuallum aliquanti temporis intercapedinem sumit: sic naturalis breuitas additamento temporis crescit.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	.Haec ratio communium **syllabarum**	cum in dactylicis tum in ceteris metrorum generibus sub eadem obseruatione tractanda est, qua tamen frequentius auctores graeci quam nostri usi sunt.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	communium recipiuntur, ut est *ἀμφί δ' ἄρ' ἀμβρόσιον ἐανόν ἕσαθ' ὁν οί' Ἀθήνη* nam tres continui dactyli e ternis **syllabis**	breuibus subsistunt, cuius generis apud eundem complures uersus reperiuntur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Dignum forsitan inquisitione sit, cur muta liquidae sociata communem **syllabam**	reddat, duae autem semiuocales aut mutae copulatae similiter inter se nequaquam id faciant.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Hae tamen, ut supra diximus, sub uno enuntiatu coniunctae communem **syllabam,**	diuisae autem longam efficient.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Mutae uero et semiuocales, ut libet, appositae correptae uocali semper longam **syllabam**	reddunt. Illud etiam admonente occasione intimandum est, litteras quasdam contra rationem
[LI D. Ped.] – p. 43	Pes est certus modus **syllabarum**,	quo cognoscimus totius metri speciem, compositus ex sublatione et positione.
[LI D. Ped.] – p. 43	Fiunt enim ex **syllabis**	pedes ordine incrementorum,quem Graeci syllabicen parauxesin uocant; item temporum, quem Graeci chronicen parauxesin nominant.
[LI D. Ped.] – p. 43	. Fiunt enim ex syllabis pedes ordine incrementorum, quem Graeci **syllabicen**	parauxesin uocant; item temporum, quem Graeci chronicen parauxesin nominant.
[LI D. Ped.] – p. 43	quem Graeci syllabicen parauxesin uocant; item temporum, quem Graeci chronicen parauxesin nominant. **Syllabarum**	autem incrementa fiunt quinque,incipientia a disyllabo usque ad hexasyllabum.
[LI D. Ped.] – p. 43	Etenim cognationis et cuiusdam ad augmentum propaga|tionis, qua pedes multiplicati noscuntur orti a disyllabis quattuor, ratio talis est. **Syllaba**	quae ad incrementum pedum adicitur aut longa est aut breuis: huius adiectione ita numerus propagabitur
[LI D. Ped.] – p. 43	Σημεῖον autem ueteres χρόνον, id est tempus, non absurde dixerunt ex eo, quod signa quaedam accentuum, quae Graeci προσῳδίας uocant, **syllabis**	ad declaranda temporum spatia superponuntur, unde tempora signa Graeci dixerunt.
[LI D. Ped.] – p. 43	Sed et hoc ‖ loco suggerente non praetermiserim, eosdem figuras pedum secundum spatia temporum per litteras ita designasse, ut breuis **syllabae**	loco, quae sit unius temporis, ponatur B, longae autem loco, quae sit temporum duum, M: hoc ideo, ut per litteras regula pedum facile intellegatur.
[LI D. Ped.] – p. 44	Pedes igitur simplices sunt duodecim, qui procedunt adcrescuntque a duabus **syllabis**	ad tres, item a duobus temporibus ad sex. Ex quibus disyllabi quidem quattuor duum uel trium uel quattuor temporum existunt.
[LI D. Ped.] – p. 44	Quorum uterque quantum in arsi tantum retinet in thesi. At qui e breui prima sequente **syllaba**	longa digeritur, erit iambus temporum trium, ut parens ἀπὸ τοῦ ἰαμβίζειν, id est maledicere, quod in iambicis plerumque uersibus reperimus,

[LI D. Ped.] – p. 44	Horum in arsi et thesi tempus congruit, etiamsi in percussione discrepent **syllabae.**	Anapaestus autem a situ contrario et repercussione dactyli, quod est ἀντιπαίεσθαι, dictus:
[LI D. Ped.] – p. 46	Inter haec ne quispiam nos aut ignoratione aut incuria praeterisse forsitan putet, quod per diuisionem et coniunctionem inter se temporum et **syllabarum**	disyllabi pedes in metris extendantur, trisyllabi uel terasyllabi contrahantur, quod supra cursim attigi,
[LI D. Ped.] – p. 47	Vnde orta progenies pedum, ausim dicere, merito credatur. Nec te **syllabarum**	adcrescentium in metris terreat numerus, cum uni cuique pedum praestituta legitime tempora custodiantur,.
[LI D. Ped.] – p. 47	Id Graeci *κατὰ διαίρεσιν* et*συναίρεσιν* siue *ἕνωσιν*, cum metri necessitas postularit, fieri memorant, quod necessario insinuandum esse credidi, ne **syllabarum**	numero inducti aut simplices aut compositos pedes proprii status uim semper cum uocabulo obtinere catholice pronuntiaretis.
[LI D. Ped.] – p. 47	Quamquam in his non numquam **syllaba**	pro integro pede in ultima dumtaxat uersus parte accepta propriam impleat thesin.
[LI D. Ped.] – p. 47	ex iambo pyrrichio formabitur, ut *canephorus*. Tertius e duabus breuibus, longa tertia, quarta breui **syllaba**,	compositus ex pyrrichio et trochaeo, ut *Epicurus*.
[LI D. Ped.] – p. 47	compositus ex pyrrichio et trochaeo, ut *Epicurus*. Quartum autem quarta longa, tribus breuibus **syllabis**	in prima regione positis, ex pyrrichio‖ et iambo conexum accipiemus, ut *Diogenes*.
[LI D. Ped.] – p. 47	forma consimiles: sunt enim heptasemi, id est temporum septem. Quorum primus priore **syllaba**	breui, sequentibus longis tribus, ex iambo et spondeo constabit, ut *Aristocles*.
[LI D. Ped.] – p. 48	et trisyllabis pentasyllabi, sed et geminatis trisyllabis hexasyllabi pedes formati uideantur, quórum **syllabatim**	per tempora species comprehendi poterunt. Nam etiamsi propriis nominibus, ut alii pedes, minime exprimuntur,
[LI D. Ped.] – p. 48	Nam etiamsi propriis nominibus, ut alii pedes, minime exprimuntur, tamen situ **syllabarum**	et substantia temporum ma|nifesti sunt. Qui rursus soluti exigente usu ad proprium statum condicionemque reuocabuntur.
[LI D. Ped.] – p. 48	Quorum status adiectione‖ **syllabarum**	simul ac temporum propagatus in trisyllabos pedes octo processit. Qui pari ratione adcrescentes tetrasyllabos
[LI D. Ped.] – p. 48	Hi quoque dum per **syllabas**,	ut priores, augentur ac tempora, hexasyllabos pedes pari ratione in schematibus sexaginta et quattuor simili duplicatione protulerunt.
[LI D. Ped.] – p. 49	Namque interest mediam **syllabam**	cui parti| uelis adnectere.
[LI D. Ped.] – p. 49	quae quidem uariatio non in aliis quam in pentasyllabis coniugationibus euenire consueuit causa mediae **syllabae**,	quae mouetur, cum aut praecedentibus aut subsequentibus syllabis copulatur.
[LI D. Ped.] – p. 49	in pentasyllabis coniugationibus euenire consueuit causa mediae syllabae, quae mouetur, cum aut praecedentibus aut subsequentibus **syllabis**	copulatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Trochaeus numero tantum **syllabarum**	spondeo congruens, velut alienus ab his, semper in extima parte versus locabitur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Adversus quos alii loci extimi, in quo tantum locabitur, praescriptione nituntur; nec immerito, ut novissima eius **syllaba**,	quae semper brevis est, mora temporis intercedente, quae in fine versus naturaliter contingit, suppleatur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	quo tunc demum pro longa sumatur, sicut pleraeque in metris finales **syllabae**:	vel quod in omni versu ultima brevis ἀδιάφορος, id est indefferens, habeatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Non amat autem, ut dictum est, per singulos pedes verba finire, sed immiscere **syllabas**.	
[LII D. Dac. M.] – p. 71	*Pythie, Delie, te colo, prospice votaque firma*. at si misceantur **syllabae**,	erit decentissimus, ut *at regina gravi iamdudum saucia cura*. adaeque observatur ne tertius pes verbum finiat versumque a se diducat,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Incipit autem versus herous hexameter a duodecim **syllabis**,	in quo omnes spondei sunt, ut*non phocae turpes, non marcentes ballenae*,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	*non phocae turpes, non marcentes ballenae*,et crescit usque ad XVII **syllabas**.	Quotiens autem dactylus accedit, totiens syllaba adcrescit. Quas species sub exemplis enumerare et
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Quotiens autem dactylus accedit, totiens **syllaba**	adcrescit.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Memineris autem saepe Graecos huic metro molossum et palimbacchium et creticum loco dactyli sub lege **syllabarum**	communium admiscere.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nam tertiam longam, id est ae diphthongon, quae creticum pro dactylo dedit, sequens **syllaba**	a vocali incipiens, dum tempus prioris in se trahit, produci non patitur, atque ita productam vocalem superveniens alia vocalis elidit.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	s p sequentis pedis inferri superiori non possunt, quae alium inchoant sensum; nec umquam consonantes duae longam **syllabam**	faciunt, nisi in eadem parte verbi constitutae, quod et in ceteris observabimus.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	nisi in eadem parte verbi constitutae, quod et in ceteris observabimus.Incipit autem et adcrescit per augmenta **syllabarum**	dactylicum metrum a dimetro usque ad hexametrum
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Hexametrum, cui sex incisiones sunt, ut *Oceanum interea surgens Aurora reliquit:*fit catalecticum in **syllabam**,	cuius ea compositio est, ut habeat duos dactylos et spondeum, dehinc totidem dactylos et in fine syllabam, ut
[LII D. Dac. M.] – p. 73	fit catalecticum in syllabam, cuius ea compositio est, ut habeat duos dactylos et spondeum, dehinc totidem dactylos et in fine **syllabam**,	ut *alma parens, genetrix divum, decus Oceano.*Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo hexametro heroo,

[LII D. Dac. M.] – p. 73	dehinc totidem dactylos et in fine syllabam, ut*alma parens, genetrix divum, decus Oceano.*Nam si una **syllaba**	brevius fuerit a legitimo hexametro heroo, dicetur diphilium metrum, ita tamen ut ista versificatio tertium pedem spondeum semper habeat
[LII D. Dac. M.] – p. 74	Quae portiunculae etiam ex iambico versu per huius modi cola decisae pleraque ex se pari **syllabarum**	ratione metrorum genera procreabunt. inter haec, ne ignorasse videar, non praetermiserim, quod ferunt apud auctores exempla reperiri,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	versus, in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum **syllabae**	in duas breves divisae ambiguum versum efficiunt.
[LII D. M. Proc.] – p. 99	Recipit autem prima et secunda et tertia sede proceleumaticum, quarta tribrachyn aut anapaestum, quibus et clauditur, scilicet detracta proceleumatico **syllaba**	ultima aut duabus brevibus ultimis in unam longam redactis propter anapaestum, uti metrum sit, non numerus.
LIII – p. 101	qualitas autem per translationem, permixtionem, transfigurationem, divisionem, unitatem, compositionem, et ex heroo quidem per adiectionem **syllabae**	fiet ita, *Musae mi Pierides Clariusque adsistat Apollo:*‘mi’ enim syllaba detracta erit hexameter.
LIII – p. 101	unitatem, compositionem, et ex heroo quidem per adiectionem syllabae fiet ita, *Musae mi Pierides Clariusque adsistat Apollo:* mi’ enim **syllaba**	detracta erit hexameter. Per deminutionem autem syllabae octauae sive nonae ex trimetro iambico sic,
LIII – p. 101	*Musae mi Pierides Clariusque adsistat Apollo:*‘mi’ enim syllaba detracta erit hexameter. Per deminutionem autem **syllabae**	octauae sive nonae ex trimetro iambico sic, *beatus ille qui procul messibus.*Per translationem vero verborum ex hero sic,
LIII – p. 101	Per compositionem autem, si ex heroo dimetro, cui **syllaba**	adiecta in novissimo erit, quod penthemimeres vocatur, quod est tale,
LIII – p. 104	Sunt item quae primam trochaicam, secundam choriambicam, tertiam trochaicam, sed et quartam **syllaba**	breviorem coniugationem habeant, quorum exempla plerumque apud comicos in Diphili et Menandri comoediis reperiuntur.

Sȳzўgĭă

[LI D. Ped.] – p. 47	Qui si eiusdem generis, id est pares, iugati fuerint, dipodian, aut, ut quidam, tautopodian, sin dispares, ut trochaeus cum iambo, **syzygian** |	efficiunt:: in qua arsis unum, alterum thesis pedem obtinebit.

Tēmpŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Haec deinceps obseruatio consensione poetarum legem dedit, quae auctoritatem de uetustate **temporis**	trahens disciplinam ueluti sacrosanctae in metris obseruationis ceteris sanxit.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	disciplinam ueluti sacrosanctae in metris obseruationis ceteris sanxit.Igitur syllaba brevis **tempus**	unum, longaduo neque amplius recipit, ex quo euenit plerumque metri necessitate cogente ut pro syllaba longa duae breves aut pro duabus
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 35	Neque enim haec commutatio numero metrorum officit congruentibus sub utraque lege **temporum**	spatiis atque momentis.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Quarum | in metris triplex ratio et causa reperitur, siquidem una eademque syllaba nunc longa nunc brevis utriusque **temporis**	lege fungatur.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Nam sub illa coniunctione longae quae sunt huius modi, utriusque uocalis nomen incurrunt, et in collisione spatium **temporis**	ipsa pronuntiandi celeritate consumitur: quamquam non nulli quasi finalem syllabam propter indifferentiam, quae in metris omnibus
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	terminatur et postrema clauditur syllaba, ad initium alterius transitum fieri manifestum est, quod interuallum aliquanti **temporis**	intercapedinem sumit:sic naturalis brevitas additamento temporis crescit.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	intercapedinem sumit:sic naturalis brevitas additamento **temporis**	crescit. Haec ratio communium syllabarum cum in dactylicis tum in ceteris metrorum
[LI D. Ped.] – p. 43	Fiunt enim ex syllabis pedes ordine incrementorum, quem Graeci syllabicen parauxesin uocant; item **temporum**,	quem Graeci chronicen parauxesin nominant. Syllabarum autem incrementa fiunt quinque,
[LI D. Ped.] – p. 43	parauxesin nominant. Syllabarum autem incrementa fiunt quinque,incipientia a disyllabo usque adhexasyllabum. **Temporum**	uero incrementa a duobus ad duodecim procedunt, id est a disemo ad duodecasemum.
[LI D. Ped.] – p. 43	Quo genere trisyllabi et tetrasyllabi usque ad hexasyllabos adcrescunt. Additamento **temporum**	processerunt, ut dictum est, a disemo ad duodecasemum seu a dichrono ad duodecachronum.
[LI D. Ped.] – p. 43	a disemo ad duodecasemum seu a dichrono ad duodecachronum.Σημεῖον autem ueteres χρόνον, id est **tempus**,	non absurde dixerunt ex eo, quod signa quaedam accentuum, quae Graeci προσῳδίας uocant,
[LI D. Ped.] – p. 43	quod signa quaedam accentuum, quae Graeci προσῳδίας uocant, syllabis ad declaranda **temporum**	spatia superponuntur, unde tempora signa Graeci dixerunt. Sed et hoc || loco suggerente non
[LI D. Ped.] – p. 43	quae Graeci προσῳδίας uocant, syllabis ad declaranda temporum spatia superponuntur,unde **tempora**	signa Graeci dixerunt. Sed et hoc || loco suggerente non praetermiserim,
[LI D. Ped.] – p. 43	Sed et hoc || loco suggerente non praetermiserim,eosdem figuras pedum secundum spatia **temporum**	per litteras ita designasse, ut brevis syllabae loco, quae sit unius temporis, ponatur B, longae autem loco, quae sit temporum duum,

[LI D. Ped.] – p. 43	per litteras ita designasse, ut brevis syllabae loco,quae sit unius **temporis**,	ponatur B, longae autem loco, quae sit temporum duum, M: hoc ideo, ut per litteras
[LI D. Ped.] – p. 43	quae sit unius temporis,ponatur B, longae autem loco, quae sit **temporum**	duum, M: hoc ideo, ut per litteras regula pedum facile intellegatur.
[LI D. Ped.] – p. 44	Pedes igitur simplices sunt duodecim, qui procedunt adcrescuntque a duabus syllabis ad tres, item a duobus **temporibus**	ad sex. Ex quibus disyllabi quidem quattuor duum uel trium uel quattuor temporum existunt.
[LI D. Ped.] – p. 44	Ex quibus disyllabi quidem quattuor duum uel trium uel quattuor **temporum**	existunt. Quorum princeps et auctor pyrrichius, qui et pariambus et dibrachys appellatur:
[LI D. Ped.] – p. 44	auctor pyrrichius, qui et pariambus et dibrachys appellatur:sed pariambus ideo, quod minus habeat unum **tempus**	ab iambo (παρά enim Graeci minus dicunt), subsistens e duabus| brevibus, ut *dea*, temporum duum. Ita enim ratio exposcit,
[LI D. Ped.] – p. 44	ab iambo (παρά enim Graeci minus dicunt),subsistens e duabus| brevibus, ut dea, **temporum**,	duum. Ita enim ratio exposcit ut a brevi origo temporum coeperit, quippe cum eiusdem geminatio
[LI D. Ped.] – p. 44	duabus| brevibus, ut dea, temporum,duum. Ita enim ratio exposcit ut a brevi origo **temporum**	coeperit, quippe cum eiusdem geminatio longum fecerit tempus, haud aliter quam in numeris:
[LI D. Ped.] – p. 44	exposcit ut a brevi origo temporum coeperit,quippe cum eiusdem geminatio longum fecerit **tempus**,	haud aliter quam in numeris: etenim ex uno multiplicato, ueluti primordio ac semine, reliqui gignuntur.
[LI D. Ped.] – p. 44	Hic contrarius est spondeus e duabus longis, *ut reges*, **temporum**	quattuor,dictus a tractu cantus eius qui per longas tibias in templis
[LI D. Ped.] – p. 44	dictus a tractu cantus eius qui per longas tibias in **templis**	supplicantibus editur. Vnde et spondaulae appelantur qui huius modi tibias inflare adsuerunt.
[LI D. Ped.] – p. 44	At qui e brevi prima sequente syllaba longa digeritur, erit iambus **temporum**	trium, ut parens ἀπὸ τοῦ ἰαμβίζειν, id est maledicere, quod in iambicis plerumque versibus reperimus, uel ἀπὸ τοῦ ἰέναι βάδην:
[LI D. Ped.] – p. 44	idem et chorius ἀπὸ τῆς χορείας [sumpsit], e longa et brevi **temporum**	totidem, ut *Roma*. Horum arsis et thesis alterna mutatione uariatur,
[LI D. Ped.] – p. 44	Trisyllabi autem pedes octo, in quibus mensura **temporum**	a trisemo siue trichrono ad hexasemon siue hexachronon usque porrigitur,
[LI D. Ped.] – p. 44	primum habebunt pedem tribrachyn, sicut disyllabi dibrachyn, dictum a **temporum**	substantia.
[LI D. Ped.] – p. 44	Idem et pygnomus a quibusdam, ne uos praetereat, uocatur.Subsistit autem e tribus brevibus, *ut anima*, **temporum**	trium. Contrarius huic molossus, dictus a Molossis, qui in Thessalia|| degunt, e tribus longis, *ut Eumedes*.
[LI D. Ped.] – p. 44	dictus a Molossis, qui in Thessalia|| degunt, e tribus longis, *ut Eumedes*.Hi **temporum**	inter se brevitate et extensione discrepant; nam prior trium, sequens sex temporum spatio prolatatur, quod in disyllabis in pyrrichio
[LI D. Ped.] – p. 44	inter se brevitate et extensione discrepant;nam prior trium, sequens sex **temporum**	spatio prolatatur, quod in disyllabis in pyrrichio et spondeo docuimus.
[LI D. Ped.] – p. 44	At qui| prima longa duabus brevibus subiectis ordinatur, dactylus dicitur **temporum**	quattuor, ut *Virbius*: qui [et] a situ et similitudine digitorum, qui in manibus habentur,
[LI D. Ped.] – p. 44	Nam ex utraque parte breviores longiori iunguntur. Huic contrarius mutata **temporum**	uice, pari autem magnitudine, erit anapaestus, qui et antidactylus uocatur, ut *scopulos*.
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum in arsi et thesi **tempus**	congruit, etiamsi in percussione discrepent syllabae. Anapaestus autem a situ contrario et repercussione
[LI D. Ped.] – p. 44	Cum uero longis duabus praeponitur brevis, fit bacchius **temporum**	quinque, ut *Catones*, qui a Bacchi carminibus seu cantilenis, quae aptissime hoc metro componuntur, nomen accepit,
[LI D. Ped.] – p. 44	uel quia familiariter hic rhythmus bacchantibus aptus sit. Cui mutato **temporum**	ordine, mensura autem permanente, palimbacchius contrarius dabitur siue pompicus temporum totidem, ut *Romanus*.
[LI D. Ped.] – p. 44	ordine, mensura autem permanente,palimbacchius contrarius dabitur siue pompicus **temporum**	totidem, ut *Romanus*. Horum arsis ac thesis eadem est, quae anapaesto et dactylo.
[LI D. Ped.] – p. 44	Prior pes e brevi longa et brevi **temporum**	quattuor erit,|| ut *Homerus*;sequensduabusutrimquelongis media breuitemporumquinquescribitur,
[LI D. Ped.] – p. 44	Prior pes e brevi longa et brevi temporum quattuor erit,|| ut *Homerus*;sequens duabus utrimque longis media brevi **temporum**	quinque scribitur, quae Graeci χρητιχά uocant, ut *Eumenes*.
[LI D. Ped.] – p. 44	Vterque autem a compositione **temporum**	uocabulum traxit. Horum arsis ac thesis longe inter se discrepant.
[LI D. Ped.] – p. 46	Inter haec ne quispiam nos aut ignoratione aut incuria praeterisse forsitan putet, quod per diuisionem et coniunctionem inter se **temporum**	et syllabarum disyllabi pedes in metris extendantur, trisyllabi uel terasyllabi contrahantur,
[LI D. Ped.] – p. 47	Nec te syllabarum adcrescentium in metris terreat numerus, cum uni cuique pedum praestituta legitime **tempora**	custodiantur, quod frequenter in iambicis et trochaicis et ceteris metrorum generibus excepto heroico reperies.
[LI D. Ped.] – p. 47	Memineris sane trisyllabos pedes **temporum**	dumtaxat quinque uel sex, ut est bacchius et molossus,
[LI D. Ped.] – p. 47	idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione **temporum**	fieri. Nam paeones primus et quartus coeuntibus in unam longam duabus suis brevibus amphimacrum uel bacchium uel paliambacchium gignunt.
[LI D. Ped.] – p. 47	geminato numero eadem taxatione trisyllabos,quam illi disyllabos, antecedant. In quibus spatia **temporum**	a tetrachrono ad octachronum, id est a quattuor temporibus ad octo, producuntur.
[LI D. Ped.] – p. 47	In quibus spatia temporum a tetrachrono ad octachronum,id est a quattuor **temporibus**	ad octo, producuntur. Quorum origo proceleumaticus e quattuor brevibus subsistens,
[LI D. Ped.] – p. 47	.Quorum mensura mutato tantum inter se **temporum**	ordine [apud eos] congruit.

[LI D. Ped.] – p. 47	Rursus mutato **temporum**.	situ, cum breves in prima sede, in secunda autem longae constituuntur, id est pyrrichio spondeus iugatus, ionicum ἀπὸ ἐλάσσονος gignit, ut
[LI D. Ped.] – p. 47	quod[que] est ueluti genus paeonicorum, praesertim cum sint spatio **temporum**	dispares, forma consimiles: sunt enim heptasemi, id est temporum septem.
[LI D. Ped.] – p. 47	dispares, forma consimiles:sunt enim heptasemi, id est **temporum**	septem. Quorum primus priore syllaba brevi, sequentibus longis tribus, ex iambo et spondeo constabit, ut *Aristocles*.
[LI D. Ped.] – p. 48	sed et geminatis trisyllabis hexasyllabi pedes formati uideantur, quórum syllabatim per **tempora**	species comprehendi poterunt. Nam etiamsi propriis nominibus,
[LI D. Ped.] – p. 48	ut alii pedes, minime exprimuntur, tamen situ syllabarum et substantia **temporum**	ma|nifesti sunt. * Qui rursus soluti exigente usu ad proprium statum condicionemque reuocabuntur.
[LI D. Ped.] – p. 48	Nam ex primigeniis duobus pyrrichio et spondeo adquisitis facta **temporum**	permixtione iambo et trochaeo quattuor disyllabi pedes effecti sunt.
[LI D. Ped.] – p. 48	et trochaeo quattuor disyllabi pedes effecti sunt.Quorum status adiectione|| syllabarum simul ac **temporum**	propagatus in trisyllabos pedes octo processit. Qui pari ratione adcrescentes tetrasyllabos
[LI D. Ped.] – p. 48	Hi quoque dum per syllabas, ut priores, augentur ac **tempora**,	hexasyllabos pedes pari ratione in schematibus sexaginta et quattuor simili duplicatione protulerunt.
[LI D. Ped.] – p. 48	Incipiunt autem et porriguntur **tempora**	in pentasyllabis a quinque usque ad decem, id est a pentasemo ad decasemum **χρονικῇ παραυξήσει**,
[LI D. Ped.] – p. 48	huius canon a a a a a a , qui est duplex tribrachys. Alter e sex longis, quibus **tempora**	duodecim subsistunt, ut *Callistochermedes*, qui est duplex molossus, hoc canone signabitur, b b b b b b, ut sit duodecasemus.
LII – p. 69	iambo initium trahunt eo studio id fieri volunt,quod idem a brevi, a quo his origo est, incipiens **tempore**	et in longo desinens, velut a minori ad maius egressus, per temporum incrementa consurgat.
LII – p. 69	a quo his origo est, incipiens tempore et in longo desinens,velut a minori ad maius egressus, per **temporum**	incrementa consurgat.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Inter spondeum autem et dactylum mensura **temporum**	congruente etiam in arsi et thesi eadem aequalitas stabit, quam Graeci dicunt ίσου λόγου
[LII D. Dac. M.] – p. 71	nec immerito, ut novissima eius syllaba, quae semper brevis est, mora **temporis**	intercedente, quae in fine versus naturaliter contingit, suppleatur, quo tunc demum pro longa sumatur,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	. Est autem herous versus **temporum**	XXIIII, spondeo dumtaxat ultimo. at si trochaeus versus clauserit,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nam tertiam longam, id est ae diphthongon, quae creticum pro dactylo dedit, sequens syllaba a vocali incipiens, dum **tempus**	prioris in se trahit, produci non patitur, atque ita productam vocalem superveniens alia vocalis elidit.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	et appellatur quadrupes δυωδεχάσημος περίοδος, eo quod quattuor pedes **temporum**	duodecim quasi per circiutum quendam recurrentes cotineat. Sed de his hactenus.
LIII – p. 100	qua metrorum origine exorta, qua specie figurata aut situ **temporum**	digesta aut copulatione conexa videantur.
LIII – p. 104	cum sit traditum colum ita demum iustae proceritatis accipi, si decem et octo **temporibus**	suppleatur.

Tĕ̲trăchrŏnōs

[LI D. Ped.] – p. 47	In quibus spatia temporum a **tetrachrono**	ad octachronum, id est a quattuor temporibus ad octo, producuntur.
[LI D. Ped.] – p. 47	cuius exemplum *Calliclides*, haud alias quam spondeus inter disyllabos **tetrachronos**	est. Sequitur antispastus, cuiús prima et ultima brevis, mediae duae longae,

Tĕ̲trămĕtĕr

[LII D. Dac. M.] – p. 73	**Tetrametrus**,	qui e quattuor, ut*nos patriae fines et dulcia* qui in dactylum desinens alcmanicum, in spondeum vero archilochicum metrum efficit.
[LII D. Dac. M.] – p. 74	Igitur **tetrametrus**	versus herous initialis erit talis,*Odrysium Martem cane barbite*,finalis seu novissimalis
[LII D. Chor. M.] – p. 86	subsistit autem nunc e puris choriambi coniugationibus, ita *uror amoris stimulo, cor quatit artus pavidos*,quod est **tetrametrum**	acatalectum; nunc admixta et posita in quacumquesede iambica basi, cuius etiam conclusione finiri praecipue studet,
[LII D. Chor. M.] – p. 86	ut est hoc quod habet duas iambicas priores coniugationes, tertium choriambum, ultimam iambicam clausulam, velut hoc **tetrametrum**	catalecticum, *apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras*.recipit etiam tribrachyn, eo quod ex iambo vel trochaeo solutis nascitur;
[LII D. Chor. M.] – p. 87	*frugiferae sacra deae, quae colitis, mystica sunt nota Iovi potenti*.scanditur autem per dipodias, cuius exemplum in **tetrametro**	catalecticoo *cate rerum sator, o principium deorum* monometrum autem choriambicum hypercatalectum,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	quo frequenter Cratinus usus est, catalecticum sic,*Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid retices maligne?***tetrametrum**	vero *Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid haeres?* trimetrum etiam, quod et aphrodisiacum dicitur,
[LII D. Chor. M.] – p. 87	*libens Lydia dic cur*.invenimus plerumque et alios choriambicos [**tetrametros**	catalecticos] versus, in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum syllabae in duas breves divisae ambiguum versum efficiunt.

[LII D. M. Proc.] – p. 99	. Scanditur autem per dipodian. Exemplum erit **tetrametri**	catalectici [id]*nemus ave reticuit, ager homine sonat*,item*perit abit avipedis animula leporis:*trimetri autem
LIII – p. 101	Per translationem vero verborum ex hero sic, *instimulata choris qualis socrus excutit ulnas:*fiet **tetrametrus**	trochaicus ita, *in choris stimulata qualis socrus ulnas excutit*.per divisionem autem, si proceleumaticum in anapaesticum metrum dividendo sic percutias,

Tē̲trăsȳllăbŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	hunc brevis palimbacchium seu bacchium in prima sede posita, longa molossum reddit. Quo genere trisyllabi et **tetrasyllabi**	usque ad hexasyllabos adcrescunt. Additamento temporum processerunt, ut dictum est,
[LI D. Ped.] – p. 46	et coniunctionem inter se temporum et syllabarum disyllabi pedes in metris extendantur, trisyllabi uel **terasyllabi**	contrahantur, quod supra cursim attigi, repetendum hoc uobis existimaui.
[LI D. Ped.] – p. 46	Vtraque autem diuisa **tetrasyllabum**	e quattuor breuibus, id est proceleumaticum pedem, dabit, qui rursus [contra] consociatis inter se breuibus ad originem reuertetur,
[LI D. Ped.] – p. 46	Molossum [eum] quoque trium **tetrasyllaborum**	parentem pedum in promptu est cernere.‖ Nam diuisa prima eius longa ionicum ἀπὸ ἐλάσσονος,
[LI D. Ped.] – p. 47	cum in quibusdam metris, sicut in galliambico, longae eorum solvuntur in breves, uim **tetrasyllaborum**	obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri.
[LI D. Ped.] – p. 47	longae eorum solvuntur in breves, uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et **tetrasyllabis**	per disyllabos aut trisyllabos coniunctione temporum fieri. Nam paeones primus et
[LI D. Ped.] – p. 47	uocabulo obtinere catholice pronuntiaretis. Nunc de disyllabis coniunctis, qui et duplices et **tetrasyllabi**	pedes appellantur, quos etiam quidam sotadios uocant, referemus, quorum coniunctio basis appellatur.
[LI D. Ped.] – p. 47	. Igitur **tetrasyllabi**	pedes erunt omnes sedecim, ut geminato numero eadem taxatione trisyllabos, quam illi disyllabos, antecedant.
[LI D. Ped.] – p. 47	ut *Minucius*, habebit contrarium dispondeum, e quattuor longis scilicet, ut compositum a spondeo nomen ostendit, qui solus in **tetrasyllabis**	octrachronos siue octasemus inuenitur, cuius exemplum *Calliclides*, haud alias quam spondeus inter disyllabos tetrachronos est.
[LI D. Ped.] – p. 47	quam sunt paeones, meritoque a Graecis ita dicti ἐπίτριτοι: nam sunt heptasemi. Vnde ex **tetrasyllabis**,	qui sunt numero XVI quattuor tantum utiles adseruntur, id est choriambus et antispastus aequalitates ratione constantes, sed et ionici duo, ceteris decem non adeo necessariis:
[LI D. Ped.] – p. 47	Restat complendo **tetrasyllaborum**	pedum numero epitritus quartus, quem primae tres longae, quarta in ultimo breuis ex spondeo et trochaeo conexum esse demonstrant, ut *Irenaeus*.
[LI D. Ped.] – p. 48	Qui pari ratione adcrescentes **tetrasyllabos**	ex se geminato trisyllaborum numero XVI ediderunt. Rursus XVI tetrasyllabi simili ut
[LI D. Ped.] – p. 48	Rursus XVI **tetrasyllabi**	simili ut superiores geminatione triginta et duo ex se schemata, id est figurationes,

Thĕsīs

[LI D. Ped.] – p. 44	Quorum uterque quantum in arsi tantum retinet in **thesi**.	At qui e brevi prima sequente syllaba longa digeritur,
[LI D. Ped.] – p. 44	e longa et brevi temporum totidem, ut *Roma*. Horum arsis et **thesis**	alterna mutatione uariatur, siquidem in iambo arsis primam brevem,
[LI D. Ped.] – p. 44	siquidem in iambo arsis primam brevem, in trochaeo autem longam habeat incipientem, **thesis**	uero contraria superioribus sumat. Trisyllabi autem pedes octo, in quibus mensura temporum
[LI D. Ped.] – p. 44	erit anapaestus, qui et antidactylus uocatur, ut *scopulos*. Horum in arsi et **thesi**	tempus congruit, etiamsi in percussione discrepent syllabae.
[LI D. Ped.] – p. 44	palimbacchius contrarius dabitur siue pompicus temporum totidem, ut *Romanus*. Horum arsis ac **thesis**	eadem est, quae anapaesto et dactylo. Superest amphibrachys cum contrario sibi amphimacro siue cretico.
[LI D. Ped.] – p. 47	ut trochaeus cum iambo, syzygian efficiunt: in qua arsis unum, alterum **thesis**	pedem obtinebit. Quamquam in his non numquam syllaba pro integro pede
[LI D. Ped.] – p. 47	Quamquam in his non numquam syllaba pro integro pede in ultima dumtaxat versus parte accepta propriam impleat **thesin**.	
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Inter spondeum autem et dactylum mensura temporum congruente etiam in arsi et **thesi**	eadem aequalitas stabit, quam Graeci dicunt ίσου λόγου.Quibus per coniunctionem et divisionem,

Trī̲brăchўs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 37	qua pars orationis finiatur et sequens a uocali incipiat, ne loco et sede dactyli **tribrachus**	positus esse uideatur.
[LI D. Ped.] – p. 43	huius adiectione ita numerus propagabitur. Sit pyrrichius e duabus brevibus: hunc brevis **tribrachyn**,	longa dactylum aut anapaestum facit.
[LI D. Ped.] – p. 44	hexasemon siue hexachronon usque porrigitur, primum habebunt pedem **tribrachyn**,	sicut disyllabi dibrachyn, dictum a temporum substantia.

[LI D. Ped.] – p. 46	repetendum hoc uobis existimaui. Nam trochaei seu iambi longa in duas breves diuisa **tribrachyn**	pedem efficiet. Adaeque in spondeo soluta in breves| prior longa anapaestum
[LI D. Ped.] – p. 48	ut *Menelaophorus* e sex brevibus: huius canon a a a a a a , qui est duplex **tribrachys**.	Alter e sex longis, quibus tempora duodecim subsistunt, ut *Callistochermedes*,
[LII D. Chor. M.] – p. 86	*apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras*.recipit etiam **tribrachyn**,	eo quod ex iambo vel trochaeo solutis nascitur; raro autem molossum,
[LII D. Chor. M.] – p. 86	brevibus in unam longam coniunctis, haud alias quam supra **tribrachyn**	per divisionem longae fieri diximus. Hoc genus catalecticum fit vel bacchio a
[LII D. Chor. M.] – p. 87	divisae ambiguum versum efficiunt. Erunt enim coniugationes de **tribrachy**	et iambo formatae, tamquam*super agit aura mare ferens procul acatos biremis.*
[LII D. M. Proc.] – p. 99	Recipit autem prima et secunda et tertia sede proceleumaticum, quarta **tribrachyn**	aut anapaestum, quibus et clauditur, scilicet detracta proceleumatico
LIII – p. 102	mutua inter se successione variantur. Et quamvis non solum trochaeum et solutionem eius **tribrachyn**,	sed et spondeum cum suis solutionibus. Id est dactylum et anapaestum,

Trĭ̲chrŏnōs

[LI D. Ped.] – p. 44	Trisyllabi autem pedes octo, in quibus mensura temporum a trisemo siue **trichrono**	ad hexasemon siue hexachronon usque porrigitur, primum habebunt pedem tribrachyn,

Trĭmĕtĕr

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	cogente ut pro syllaba longa duae breves aut pro duabus brevibus unalonga ponatur, id quod in [**trimetris**]	anapaesticis iambicis et ceteris huius modi uersibus datur cognoscere.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Nam aut in sex partes dividitur per monopodian, aut in tres per dipodian et fit **trimetrus**,	aut in duas per κώλα duo, quibus omnis versus constat, dirimitur.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	qui concurrit etiam in choriambicum monometrum hypercatalectum, quod adonidium appellatur. **Trimetrus**	autem acatalectus, qui e tribus, ut *cui non dictus Hylas puer*:hoc hemiepes dicitur, quo Simonides frequenter usus est.
[LII D. Dac. M.] – p. 74	*Odrysio lyra carmine cantat*, communis autem*mensorem cohibent Archta*; **trimetrus**	initialis*sic te diva potens Cypri*, ‖ quod metrum glyconium octasyllabum dicitur; finalis autem
[LII D. Chor. M.] – p. 87	*Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid retices maligne?*tetrametrum vero *Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid haeres?***trimetrum**	etiam, quod et aphrodisiacum dicitur, *Lydia, dic perdere cur hunc velis;*dimetrum
[LII D. M. Proc.] – p. 99	*nemus ave reticuit, ager homine sonat,*item*perit abit avipedis animula leporis:***trimetri**	autem*id agite peragite iuvenes:*dimetri*id agite iuvenes:*hoc metro veteres satyricos choros modulabantur,
LIII – p. 101	Per deminutionem autem syllabae octauae sive nonae ex **trimetro**	iambico sic,*beatus ille qui procul messibus.* Per translationem vero verborum ex hero sic,
LIII – p. 101	. Per transfigurationem quoque, cum herous figuram **trimetri**	accipit, velut *Albani muris Albam Langam cinxerunt:*hic enim si per dipodias percutiatur, fiet trimetrus.
LIII – p. 101	*Albani muris Albam Langam cinxerunt:*hic enim si per dipodias percutiatur, fiet **trimetrus**.	Sed et per mixionem, cum diversae bases miscentur, ut puta choriambica et iambica, velut

Trĭsȳllăbŭs

[LI D. Ped.] – p. 43	Quo genere **trisyllabi**	et tetrasyllabi usque ad hexasyllabos adcrescunt. Additamento temporum processerunt, ut dictum est,
[LI D. Ped.] – p. 44	in trochaeo autem longam habeat incipientem, thesis uero contraria superioribus sumat.**Trisyllabi**	autem pedes octo, in quibus mensura temporum a trisemo siue trichrono ad hexasemon siue hexachronon usque porrigitur, primum habebunt pedem tribrachyn,
[LI D. Ped.] – p. 46	et coniunctionem inter se temporum et syllabarum disyllabi pedes in metris extendantur, **trisyllabi**	uel terasyllabi contrahantur, quod supra cursim attigi, repetendum hoc uobis existimaui.
[LI D. Ped.] – p. 47	Memineris sane **trisyllabos**	pedes temporum dumtaxat quinque uel sex, ut est bacchius et molossus, cum in quibusdam metris, sicut in galliambico,
[LI D. Ped.] – p. 47	solvuntur in breves, uim tetrasyllaborum obtinere; † idem hoc et tetrasyllabis per disyllabos aut **trisyllabos**	coniunctione temporum fieri. Nam paeones primus et quartus coeuntibus in unam longam duabus suis brevibus amphimacrum uel
[LI D. Ped.] – p. 47	Igitur tetrasyllabi pedes erunt omnes sedecim, ut geminato numero eadem taxatione **trisyllabos,**	quam illi disyllabos, antecedant. In quibus spatia temporum a tetrachrono ad octachronum,
[LI D. Ped.] – p. 48	Hac inspectione conicere poteris, quem ad modum ex disyllabis et **trisyllabis**	pentasyllabi, sed et geminatis trisyllabis hexasyllabi pedes formati uideantur,
[LI D. Ped.] – p. 48	Hac inspectione conicere poteris, quem ad modum ex disyllabis et trisyllabis pentasyllabi, sed et geminatis **trisyllabis**	hexasyllabi pedes formati uideantur, quórum syllabatim per tempora species comprehendi poterunt.
[LI D. Ped.] – p. 48	Quorum status adiectione‖ syllabarum simul ac temporum propagatusin **trisyllabos**	pedes octo processit. Qui pari ratione adcrescentes tetrasyllabos ex se geminato

[LI D. Ped.] – p. 48	. Qui pari ratione adcrescentes tetrasyllabos ex se geminato **trisyllaborum**	numero XVI ediderunt. Rursus XVI tetrasyllabi simili ut superiores geminatione triginta et duo ex se schemata,
[LI D. Ped.] – p. 49	Aliud est enim, si duabus praecedentibus sociata faciat coniunctionem ex **trisyllabo**	et disyllabo;‖ contrarium autem, si a duabus praecedentibus diuisa postremis duabus subsequentibus copuletur,
[LI D. Ped.] – p. 49	si a duabus praecedentibus diuisa postremis duabus subsequentibus copuletur, ut sit coniugatio e disyllabo et **trisyllabo**.	
[LI D. Ped.] – p. 49	nam si ut trochaicum scandas, erunt omnes coniugationes e trochaeo et anapaesto; si contra, ut a **trisyllabo**	incipias, erunt omnes coniugationes ex dactylo et iambo et efficietur iambicusuersus.

Trŏchæŭs

[LI D. Ped.] – p. 44	a breui enim profectus per longam porrigitur. Huic contrarius **trochaeus**,	dictus a cursu et celeritate (nam τρόχος ἀπὸ τοῦ τρέχειν uocabulum sumpsit), idem et chorius ἀπὸ τῆς χορείας [sumpsit], e longa et breui temporum totidem, ut Roma.
[LI D. Ped.] – p. 44	Horum arsis et thesis alterna mutatione uariatur, siquidem in iambo arsis primam breuem, in **trochaeo**	autem longam habeat incipientem, thesis uero contraria superioribus sumat.
[LI D. Ped.] – p. 46	trisyllabi uel terasyllabi contrahantur, quod supra cursim attigi, repetendum hoc uobis existimaui. Nam **trochaei**	seu iambi longa in duas breues diuisa tribrachyn pedem efficiet.
[LI D. Ped.] – p. 47	Nec te syllabarum adcrescentium in metris terreat numerus, cum uni cuique pedum praestituta legitime tempora custodiantur, quod frequenter in iambicis et **trochaicis**	et ceteris metrorum generibus excepto heroico reperies. Memineris sane trisyllabos pedes temporum dumtaxat quinque uel sex,
[LI D. Ped.] – p. 47	Qui si eiusdem generis, id est pares, iugati fuerint, dipodian, aut, ut quidam, tauto|podian, sin dispares, ut **trochaeus**	cum iambo, syzygian efficiunt: in qua arsis unum, alterum thesis pedem obtinebit.
[LI D. Ped.] – p. 47	Sequitur antispastus, cuiús prima et ultima breuis, mediae duae longae, id est ex iambo et **trochaeo**	compositus, ut *Aristippus*. Huic contrarius est choriambus ex longa et duabus mediis brevibus et longa,
[LI D. Ped.] – p. 47	Huic contrarius est choriambus ex longa et duabus mediis breuibus et longa, scilicet ex **trochaeo**	et iambo copulatus, ut *Penelope*. Quorum mensura mutato tantum inter se temporum ordine [apud eos] congruit.
[LI D. Ped.] – p. 47	Igitur paeon primus erit prima longa cui tres continuae breues adhaerent, ex **trochaeo**	et pyrrichio copulatus, ut *Caecilius*. Secundus paeon praecedente breui, sequente longa, cui subiciuntur duae breues,
[LI D. Ped.] – p. 47	Tertius e duabus breuibus, longa tertia, quarta breui syllaba, compositus ex pyrrichio et **trochaeo**,	ut *Epicurus*. Quartum autem quarta longa, tribus breuibus syllabis in prima regione positis, ex pyrrichio‖
[LI D. Ped.] – p. 47	Secundus e longa et breui, subiunctis ei duabus longis, erit ex **trochaeo**	et spondeo copulatus, ut *Archimedes.*
[LI D. Ped.] – p. 47	Restat complendo tetrasyllaborum pedum numero epitritus quartus, quem primae tres longae, quarta in ultimo breuis ex spondeo et **trochaeo**	conexum esse demonstrant, ut *Irenaeus*. Hac inspectione conicere poteris,
[LI D. Ped.] – p. 48	Nam ex primigeniis duobus pyrrichio et spondeo adquisitis facta temporum permixtione iambo et **trochaeo**	quattuor disyllabi pedes effecti sunt. Quorum status adiectione‖ syllabarum simul ac temporum propagatus in
[LI D. Ped.] – p. 49	Erit igitur in exemplo hic uersus, "*armiger in Ida pede uago litora petens*." nam si ut **trochaicum**	scandas, erunt omnes coniugationes e trochaeo et anapaesto; si contra, ut a trisyllabo incipias,
[LI D. Ped.] – p. 49	"*armiger in Ida pede uago litora petens*." nam si ut trochaicum scandas, erunt omnes coniugationes e **trochaeo**	et anapaesto; si contra, ut a trisyllabo incipias, erunt omnes coniugationes ex dactylo et iambo et efficietur iambicusuersus.
[LI D. Ped.] – p. 49	Iuxta quae intellegi datur uaria diuisione coniugationum naturam uersuum uel a **trochaico**	in iambicum uel ab iambico in trochaicum posse transduci. Hoc igitur de cunctistriginta
[LI D. Ped.] – p. 49	diuisione coniugationum naturam versuum uel a trochaico in iambicum uel ab iambico in **trochaicum**	posse transduci. Hoc igitur de cunctistriginta duobus pentasyllabis pedibus accipiendum est:
LII – p. 69	Pyrrichius enim nullum ex se metrum edidit, **trochaeus**	Nos autem, ut dictum est, principium metrorum omnium heroo sive pythio deferentes non absurde a dactylico auspicandum esse censuimus.
LII – p. 70	quorum et in primo mentionem fecimus, sunt haec, e quis primum dactylicum, dehinc anapaesticum, post iambicum et **trochaicum**	et choriambicum et antispasticum, ionicum ἀπό μείονος, ionicum ἀπό ἐλάσσονος et paeonicum.
LII – p. 70	quas per contrariam naturae positionem habere noscuntur, eadem sic digerere, ut dactylicis anapaestica, iambicis **trochaica**	se comparatione proposita, non solum ingenii sed et oculorum veluti contemplatione percepta in promptu ac propatulo habeantur.
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Igitur dactylicum hexametrum constat e spondeo, **trochaeo**	et eodem dactylo. Habet autem sedes sex, quas Aristoxenus musicus χώρας vocat.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	neque sonum neque gratiam habebunt et prosae orationi similes audientur. **Trochaeus**	numero tantum syllabarum spondeo congruens, velut alienus ab his, semper in extima parte versus locabitur.

[LII D. Dac. M.] – p. 71	Nam qui eum adserunt, ferunt pulchriorem versum epicum effici, si κατάληξιν habeat, id est si **trochaeo**	claudente terminetur,ut persuadeant dactylicis pedibus familiariter trochaeos in depositionibus coniugari.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	si κατάληξιν habeat, id est si trochaeo claudente terminetur, ut persuadeant dactylicis pedibus familiariter **trochaeos**	in depositionibus coniugari. Adversus quos alii loci extimi, in quo tantum locabitur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Quae tamen persuasio in medio posita potest et **trochaeo**	accidere.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Est autem herous versus temporum XXIIII, spondeo dumtaxat ultimo. at si **trochaeus**	versus clauserit, XXIII, quem volunt haberi hexametrum catalecticum.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	in hexametro versu dactylico, cui tamen duo cola e duobus dactylis et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos, id est **trochaeum**	per ordinem semper positos inveniri, si velis alias, quam hexametri heroi lex postulat, scandere, ut est apud Homerum
[LII D. Chor. M.] – p. 86	Choriambicum metrum compositum ex duobus, e quis originem trahit. etiam nominis appellationedeclatatur: nam **trochaeum**	veteres chorium appellant. subsistit autem nunc e puris choriambi coniugationibus, ita
[LII D. Chor. M.] – p. 86	*apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras.*recipit etiam tribrachyn, eo quod ex iambo vel **trochaeo**	solutis nascitur; raro autem molossum, qui ex ipso formatur duabus mediis brevibus in unam longam coniunctis, haud alias quam supra
[LII D. Chor. M.] – p. 87	huic si primam longam mutaveris, id est si **trochaeo**	retracto iambum posueris, metrum antispasticum, quod est huic contrarium, figurabis, ut
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Nam iambum illic, qui **trochaeum**	sequitur, esse convenerat. Quodsi legem metri in omni versu servare voluisset, '*hoc dea vere*' posuisset, ut esset choriambus pes habens
LIII – p. 101	Per translationem vero verborum ex hero sic, *instimulata choris qualis socrus excutit ulnas:*fiet tetrametrus **trochaicus**	ita,*in choris stimulata qualis socrus ulnas excutit*.per divisionem autem, si proceleumaticum in anapaesticum metrum dividendo sic percutias,
LIII – p. 102	ex una eademque specie id compositum metrum stare et quasi uniforme, quod monoides Graeci dicunt, procedere. Adaeque et **trochaicae**	bases ionicis pari consensione sociantur, cum epiplocarum, quas amplexiones metrorum diximus, mutua inter se successione variantur.
LIII – p. 102	. Et quamvis non solum **trochaeum**	et solutionem eius tribrachyn, sed et spondeum cum suis solutionibus.
LIII – p. 102	ut supra ostendimus, fiet anapaesticum per συμπαθειαν sic, '*ades arma virumque cano*' qua vicissitudine et ex **trochaicis**	iambica et ex anapaesticis dactylica metras inter se formantur. Per αυτιπαθειαν vero, id est per contrarium adfectum seu passionem,
LIII – p. 102	Est enim coniunctionis genus nimis scabrum atque asperum, ut sunt ionica απομειξονοζ cum iambicis vel dactylica cum **trochaicis**	semper dissententia inter se atque abhorrentia, unde et ασυναρτητα a Graecis, id est inconexa, appellantur, ut est
LIII – p. 103	nam compositus apparet versus ex dimetro iambico acatalecto et dímetro **trochaico**	catalectico ex diversis et contrariis amplexionibus: hi enim, etiamsi genere congruunt, specie tamen discrepant.
LIII – p. 103	superiora lenem ac liquidam [nequaquam] |conuenisse uidentur. Item si quattuor dactylis tres **trochaeos**,	quos uocant |ithyphallicum, iungas, erit ἀσυνάρτητον, ut est illud, |
LIII – p. 103	ex iambico dimetro acatalecto et ithyphallico compositum ita, *iubar superne fulgida lucet arce caeli*aut contra ex **trochaico**	dimetro acatalecto et iambico dimetrocatalectico, uelut ‖*caeruli Menoeta ponti ratisque rectitator.*
LIII – p. 104	Sunt item quae primam **trochaicam**,	secundam choriambicam, tertiam trochaicam, sed et quartam syllaba breviorem coniugationem habeant,
LIII – p. 104	. Sunt item quae primam trochaicam, secundam choriambicam, tertiam **trochaicam**,	sed et quartam syllaba breviorem coniugationem habeant, quorum exempla plerumque apud comicos in Diphili et

Vērsŭs

[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	id quod in [trimetris] anapaesticis iambicis et ceteris huius modi **versibus**	datur cognoscere.
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	Nam apud Homerum notabilis ille **versus**	habetur, in quo quattuor longae sylabae lege communium pro brevibus inductae accipiuntur, cuius exemplum |
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 38	nam tres continui dactyli e ternis syllabis brevibus subsistunt, cuius generis apud eundem complures **versus**,	reperiuntur.
[LI D. Ped.] – p. 43	siue quia in percussione metrica pedis pulsus ponitur tolliturque, seu quia, ut nos pedibus nostri ingredimur atque progredimur, ita et **versus**	per hos pedes procedit et scandit. Inter pedem autem et rhythmum hoc interest, quod pes sine rhythmo esse non potest,
[LI D. Ped.] – p. 44	ut parens ἀπὸ τοῦ ἰαμβίζειν, id est maledicere, quod in iambicis plerumque **versibus**	reperimus, uel ἀπὸ τοῦ ἰέναι βάδην: a brevi enim profectus per longam porrigitur. Huic contrarius trochaeus,
[LI D. Ped.] – p. 47	uam in his non numquam syllaba pro integro pede in ultima dumtaxat **versus**	parte accepta propriam impleat thesin. Igitur tetrasyllabi pedes erunt omnes sedecim,
[LI D. Ped.] – p. 49	Erit igitur in exemplo hic **versus**,	"*armiger in Ida pede uago litora petens*." nam si ut trochaicum scandas, erunt omnes
[LI D. Ped.] – p. 49	erunt omnes coniugationes ex dactylo et iambo et efficietur iambicu**versus.**	Iuxta quae intellegi datur uia diuisione coniugationum naturam versuum uel a trochaico
[LI D. Ped.] – p. 49	Iuxta quae intellegi datur uaria diuisione coniugationum naturam **versuum**	uel a trochaico in iambicum uel ab iambico in trochaicum posse transduci.

[LII D. Dac. M.] – p. 70	aut in tres per dipodian et fit trimetrus, aut in duas per χώλα duo, quibus omnis **versus**	constat, dirimitur. E cuius genere hae metrorum species gignuntur,
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Dactylicum enim, licet isdem subsistat pedibus, non tamen isdem divisionibus ut herous caeditur **versus**.	Inter spondeum autem et dactylum mensura temporum congruente etiam in arsi et thesi eadem aequalitas stabit, quam Graeci dicunt ίσου λόγου
[LII D. Dac. M.] – p. 70	Quibus per coniunctionem et divisionem, ut supra docuimus, mutua procreatio est, meritoque indifferenter in quacumque **versus**	sede, ut sors scandendi processerit, reperiuntur, dumtaxat usque ad pedem quartum: quintus enim frequenter, ut heroum decet, dactylus esse debet.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	nisi incipiente dactylo et subiuncto anapaesto mediae breves numero quattuor heroum **versum**	deformarent: seu quod anapaesti per syzygias gradiuntur, sive quia metrorum fere omnium natura talis est,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Sed qui fuerint eius modi **versus**,	neque sonum neque gratiam habebunt et prosae orationi similes audientur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Trochaeus numero tantum syllabarum spondeo congruens, velut alienus ab his, semper in extima parte **versus**	locabitur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	Super quo etiam nunc inter grammaticos lis pendet.Nam qui eum adserunt, ferunt pulchriorem **versum**	epicum effici, si κατάληξιν habeat, id est si trochaeo claudente terminetur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	ut novissima eius syllaba, quae semper brevis est, mora temporis intercedente, quae in fine **versus**	naturaliter contingit, suppleatur, quo tunc demum pro longa sumatur,
[LII D. Dac. M.] – p. 71	sicut pleraeque in metris finales syllabae: vel quod in omni **versu**	ultima brevis ἀδιάφορος, id est indefferens, habeatur.
[LII D. Dac. M.] – p. 71	*at regina gravi iamdudum saucia cura*.adaeque observatur ne tertius pes **verbum**	finiat versumque a se diducat, ut est *cui non dictus Hylas puer et Latonia Delos*.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	finiat versumque a se diducat, ut est *cui non dictus Hylas puer et Latonia Delos*.Heroi **versus**	vitiosi habentur qui ex solis dactylis vel qui ex solis spondeis constant,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	*panditur interea domus omnipotentis Olympi*aut spondiazontes, id est cum in quinta et sexta regione **versus**	pedes spondei ponuntur, ut*cornua velatarum obvertimus antemnarum*
[LII D. Dac. M.] – p. 72	aut ἀσύνδετοι et διά πέντε, ut *formosum pastor Corydon ardebat Alexin*.Incipit autem **versus**	herous hexameter a duodecim syllabis, in quo omnes spondei sunt, ut
[LII D. Dac. M.] – p. 72	. Est autem herous **versus**	temporum XXIIII, spondeo dumtaxat ultimo. at si trochaeus versus clauserit, XXIII, quem volunt haberi hexametrum catalecticum.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	temporum XXIIII, spondeo dumtaxat ultimo. at si trochaeus **versus**	clauserit, XXIII, quem volunt haberi hexametrum catalecticum. Memineris autem saepe Graecos huic
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nam et apud nos similis **versus**	reperitur, in quo primus amphimacrus est, ut '*insulae Ionio in magno*'.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	Nec te idem pes in illo **versu**	decipiat, velut huius similis, qui est talis, '*ponite spes sibi quisque*'.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	. Erit rego **versus**	dimetrus catalecticus, qui duobus suis dumtaxat pedibus subsist, tamquam
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo hexametro heroo, dicetur diphilium metrum, ita tamen ut ista **versificatio**	tertium pedem spondeum semper habeat.
[LII D. Dac. M.] – p. 73	Hoc quoque dignum eruditis auribus non praetermiserim repertum in hexametro **versu**	dactylico, cui tamen duo cola e duobus dactylis et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos,
[LII D. Dac. M.] – p. 73	*conciliumque vocat divum pater atque hominum rex*et *incipe maenalios mecum, mea tibia, **versus**;*	et appellatur quadrupes δυωδεχάσημος περίοδος, eo quod quattuor pedes temporum duodecim quasi per circiutum
[LII D. Dac. M.] – p. 74	sed quae potior auctoritas adprobat vel frequens usus celebrando commendat.Heroici **versus**	hexametri cola seu commata alia sunt, ut Graeci dicunt,άρχτιχά,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	commata alia sunt, ut Graeci dicunt,άρχτιχά, alia τελιχά, alia χοιώ, e quis alia initiis, alia clausulis **versuum**	conexa respondent, quas portiunculas, si necesse sit, ausim dicere initiales et finales seu novissimales,
[LII D. Dac. M.] – p. 74	communes autem, quae et initio et fini sociatae congruunt. Igitur tetrametrus **versus**	herous initialis erit talis,*Odrysium Martem cane barbite*, finalis seu novissimalis
[LII D. Dac. M.] – p. 74	Quae portiunculae etiam ex iambico **versu**	per huius modi cola decisae pleraque ex se pari syllabarum ratione metrorum genera procreabunt
[LII D. Chor. M.] – p. 87	nimus plerumque et alios choriambicos [tetrametros catalecticos] **versus**,	in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum syllabae
[LII D. Chor. M.] – p. 87	longae initiales choriamborum pedum syllabae in duas breves divisae ambiguum **versum**	efficiunt. Erunt enim coniugationes de tribrachy et iambo formatae, tamquam
[LII D. Chor. M.] – p. 87	Quodsi legem metri in omni **versu**	servare voluisset, '*hoc dea vere*' posuisset, ut esset choriambus pes habens clausulam antibacchi ultimam huius modi, '*cur properas amando*'.
[LII D. M. Proc.] – p. 98	Nam ex dimetro anapaestico tetrameter proceleumaticus figurabitur **versus**	longa eius in duas breves soluta et syzygia in simplices pedes divisa, ut est
[LII D. M. Proc.] – p. 99	praeterea quod numquam e pyrrichio, qui duplex in proceleumatico habetur,formata aliqua in metris species proferatur. Huius **versus**	longissimus erit tetrameter catalecticus vel, siqui illum adhunc extendere adfectet, pentameter.
LIII – p. 101	*arboribusque comae, ut prisca gens mortalium* quale est in epodo Horatii,scribere **versiculus**	amore percussum gravi Demonstratis igitur exemplis temptabimus procedente lectione, in quantum potuerimus,
LIII – p. 103	*beatus ille qui vacans mente vivit integra*.nam compositus apparet **versus**	ex dimetro iambico acatalecto

LIII – p. 104	.In eius modi enim **versibus**	membrorum manifesta discretio est.
LIII – p. 104	Cum autem nec coli mensuram brevitas ista conficiat, quantum a perfecti **versus**	mensura dicordet, [et] utique manifestum est, cum colum portio versus esse tradatur.
LIII – p. 104	mensura dicordet, [et] utique manifestum est, cum colum portio **versus**	esse tradatur.
LIII – p. 104	dehinc epodus sui generis,*arboribusque comae:*et illud, cum heroi **versus**	secundo colo ithyphallica epodos per ἀντιπάθεια respondet, ut*Priamique evertere gentem fata iam parabant:*

Vōcālīs

[LI D. Litt.] – p. 5	Nam syllabae pluribus figuris, id est litteris, notantur, nisi cum **vocales**	vice syllabarum funguntur. [Nam] accidunt uni cuique litterae nomen figura potestas,
[LI D. Litt.] – p. 5	[Nam] accidunt uni cuique litterae nomen figura potestas, nomen est quo appellatur, figura que notatur, potestas qua valet. Litterarum aliae sunt vocales,	aliae consonantes. Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam || faciunt.
[LI D. Litt.] – p. 5	**Vocales**	sunt quae per se proferuntur et per se syllabam || faciuntSunt autem numero quinque, a e i o u. Harum duae, i et u, transeunt in consonantium potestatem,
[LI D. Litt.] – p. 5	Harum duae, i et u, transeunt in consonantium potestatem, cum aut ipsae inter se geminantur aut cum aliis **vocalibus**	iunguntur, *ut Iuno vates*.Consonantium vero est species duplex: sunt enim aliae semivocales,
[LI D. Litt.] – p. 6	Sed ut omnes quae usui traditae sunt recipiamus, sunt XXIII. Ex his aliae sunt **vocales**,	ut supra diximus, aliae consonantes, alia mutae. Vocales sunt quae plenam vocem proferunt, || per quas etiam separatas syllabas
[LI D. Litt.] – p. 6	Ex his aliae sunt vocales,ut supra diximus, aliae consonantes, alia mutae. **Vocales**	sunt quae plenam vocem proferunt, || per quas etiam separatas syllabas fieri volunt. Sunt autem numero sex, a e i o u y.
[LI D. Litt.] – p. 6	Eadem autem liquidae dicuntur, quando hae solae inter consonantem et **vocalem**	immissae non asperum sonum faciunt, ut clamor Tmolus | consul Africa.
[LI D. Litt.] – p. 7	quod idcirco sic est, quia c et h unius consonantis graecae loco habetur. K autem dicitur monophonos, || quia nulli **vocali**	iungitur nisi soli a brevi, et hoc ita ut ab ea pars orationis incipiat; aliter autem non recte scribitur.
[LI D. Litt.] – p. 7	Sed pro hac iam v litteram scribimus; atque ita fit ut eadem nunc [u] **vocalis**	sit, ut unus, nunc consonans, ut *vivus*. Sic et i nunc vocalis est, ut *Iris*, nunc consonans, ut *ieiunus*.
[LI D. Litt.] – p. 7	atque ita fit ut eadem nunc [u] vocalis sit, ut unus, nunc consonans, ut *vivus*. Sic et i nunc **vocalis**	est, ut *Iris*, nunc consonans, ut *ieiunus*. finitivae litterae masculinorum nominum sunt septem, a, l, n, o, r, s, x, ut Sylla sal pecten Cato Hector deus felix;
[LI D. Litt.] – p. 7	B consonans muta rigida, c, consonans muta spiritalis, d consonans [hasta] muta rigida, e **vocalis**	biformis, f consonans semivocalis apud quosdam duplex, g consonans muta rigida,
[LI D. Litt.] – p. 7	f consonans semivocalis apud quosdam duplex, g consonans muta rigida, h consonans muta infirma, i **vocalis**	interdum consonans, k consonans muta monophonos,l consonans semivocalis immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis,
[LI D. Litt.] – p. 7	immutabilis, m consonans semivocalis immutabilis, n consonans semivocalis immutabilis, o **vocalis**	biformis, p consonans muta spiritalis,|| q consonans muta rigida, r consonans semivocalis immutabilis,
[LI D. Litt.] – p. 7	r consonans semivocalis immutabilis, s consonans semivocalis facilis, t consonans muta spiritalis, v **vocalis**	interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y vocalis graeca, z consonans semivocalis graeca duplex.
[LI D. Litt.] – p. 7	t consonans muta spiritalis, v vocalis interdum consonans, x consonans semivocalis duplex, y **vocalis**	graeca, z consonans semivocalis graeca duplex. R et s litterae apud antiquos communem potestatem habebant,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	id est ae diphthongon, quae creticum pro dactylo dedit, sequens syllaba a **vocali**	incipiens, dum tempus prioris in se trahit, produci non patitur, atque ita productam vocalem superveniens alia vocalis elidit.
[LII D. Dac. M.] – p. 72	quens syllaba a vocali incipiens, dum tempus prioris in se trahit, produci non patitur, atque ita productam **vocalem**	superveniensalia vocalis elidit. Nec te idem pes in illo versu decipiat, velut huius similis,
[LII D. Dac. M.] – p. 72	dum tempus prioris in se trahit, produci non patitur, atque ita productam vocalem superveniens alia **vocalis**	elidit.

Vōx

LI – p. 3	Artium grammaticarum scriptores quidam ab arte coeperunt, quidam a grammatice, quidam a definitione, quidam a **uoce**,	quidam a littera.
[LI D. Voc.] – p. 4	definitio est º 'ut ait Cicero' ‹oratio› quae quid sit de quo agitur ostendit quam brevissime º.**Vox**	est aer ictus auditu percipibilis, quantum in ipso est.
[LI D. Voc.] – p. 4	Omne autem explanativarum || vocum initium et individua **vox**	est littera, ex qua articulata vox existit et in quam ultimam resolvitur,
[LI D. Voc.] – p. 4	Omne autem explanativarum || vocum initium et individua vox est littera, ex qua articulata **vox**	existit et in quam ultimam resolvitur, unde consequens est ut de littera dicamus.

[LI D. Voc.] – p. 4	**Vocis**	formae sunt duae, articulata et confusa.
[LI D. Voc.] – p. 4	Confusa autem est quae nihil aliud quam simplicem **vocis**	sonum emitti, ut est equi hinnitus, anguis sibilus, plausus, stridor et cetera his similia.
[LI D. Litt.] – p. 5	.Littera est **vox**	simplex una figura notabilis. Litteram quidam quid putant dictam?
[LI D. Litt.] – p. 5	Quia levat ut iteretur, id est delectat, iterum ut scribatur. **Vox**	simplex quare? Ideo quia eius vocis quae εναρθρος a Graecis dicta est sub significationem aliquam venit,
[LI D. Litt.] – p. 5	Vox simplex quare? Ideo quia eius **vocis**	quae εναρθρος a Graecis dicta est sub significationem aliquam venit,
[LI D. Litt.] – p. 5	[vel ut minima pars] ideoque a non nullis nota **vocis**	articulatae dicta est. Una figura notabilis quare? Ideo quia una quaeque littera suam figuram habet.
[LI D. Litt.] – p. 6	aliae mutae. Littera est humanae **vocis**	pars. Litterae romanae ad imitationem graecarum factae.
[LI D. Litt.] – p. 6	Semivocales sunt quae partem quandam **vocis**	incipiunt, sed implere non possunt, et sunt VIII, f, l, m, n r, s, x, z.
[LI D. Litt.] – p. 7	quando plurimus consonantium iuncta in syllabarum sono miscetur.Mutae sunt quae nullius **vocis**	sonum separatim faciunt, et sunt VIIII , b, c, d, g, h, k, p.q t
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 34	Positio autem consonantium litterarum breves syllabas secundum disciplinam legemque metricae artis efficit longas.Nam parente natura omnis **vox**	sub duorum accentuum sono ore mortalium promitur, producto scilicet aut correpto,
[LI D. Syllb. Nat. et Conex.] – p. 36	Nam cum et inter se geminantur et cum aliis iunguntur, prima earum quae in syllaba fuerit euidenti ratione consonans erit, quippe cum **vocis**	sonus in subiecta tantum uocali audiatur, ut *iaculum Iuno uota uultus* et his similia.